

BALZAC

ZAC 5

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PROVINCIANA

ÚRSULA MIROUËT
EUGÊNIA GRANDËT
OS CELIBATÁRIOS:
PIERRETTE
O CURA DE TOURS



BIBLIOTECA AZUL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**A COMÉDIA
HUMANA**

5

**ESTUDOS
DE COSTUMES •
CENAS DA
VIDA
PROVINCIANA**

Copyright da tradução © 1946 Editora Globo s/a
notas © 2012 by Cora Tausz Rónai e Laura Tausz Rónai

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Diretor editorial Marcos Strecker
Editores responsáveis Alexandre Barbosa de Souza e Ana Lima Cecilio
editor Assistente Juliana de Araujo Rodrigues
Projeto gráfico e capa Luciana Facchini
Diagramação Jussara Fino
preparação Ana Maria Barbosa
Revisão Fábio Bonillo
digitalização de texto B. D. Miranda e J. Bergmann
Edição Digital Erick Santos Cardoso
produção de ebook S2 Books

Revisão técnica Gloria Carneiro do Amaral

Imagem da lombada "Balzac" (c. 1850), de Honoré Daumier (1808-1879). Art Images Archive/Glow Images
Imagem das guardas Honoré Daumier © Akg0Images/Latinstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida provinciana / Honoré de Balzac; orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Gomes da Silveira; 3. ed. – São Paulo: Globo, 2013.

(A comédia humana; v. 5)

Título original: La comédie humaine

ISBN 978-85-250-5510-1

1. Romance francês i. Rónai, Paulo. ii. Título. iii. Série.

13-04415 cdd-843

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

1ª edição, 1948-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2013

Direitos de edição em língua portuguesa

adquiridos por Editora Globo s/a

Avenida Jaguaré, 1485

05346-902 São Paulo sp

www.globolivros.com.br

**HONORÉ
DE
BALZAC
A COMÉDIA
HUMANA**

5

ORIENTAÇÃO, INTRODUÇÕES E NOTAS DE **PAULO RÓNAI**
TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**



BIBLIOTECA AZUL

PLANO DA PRESENTE EDIÇÃO DE A *COMÉDIA HUMANA*

DIVISÃO GERAL

ESTUDOS DE COSTUMES

Cenas Cenas da vida privada	vol. 1-4
Cenas da vida provinciana	vol. 5-7
Cenas da vida parisiense	vol. 8-11
Cenas da vida política	vol. 12
Cenas da vida militar	vol. 12
Cenas da vida rural	vol. 13-14

ESTUDOS FILOSÓFICOS	vol. 15-17
----------------------------	------------

ESTUDOS ANALÍTICOS	vol. 17
---------------------------	---------

DIVISÃO POR VOLUMES

- 1 “A vida de Balzac”, por Paulo Rónai • Prefácio À comédia humana, por Honoré de Balzac • Ao “Chat-qui-pelote” • O

- baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon
- 2 Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva
- 3 A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos
- 4 O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição • O contrato de casamento • Outro estudo de mulher
- 5 Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • os celibatários: Pierrette • O cura de Tours
- 6 Um conchego de solteirão • os parisienses na província: O ilustre Gaudissart • A musa do departamento • as rivalidades: A solteirona • O gabinete das antiguidades
- 7 Ilusões perdidas
- 8 história dos treze: Ferragus • A duquesa de Langeais • A menina dos olhos de ouro • História da grandeza e da decadência de César Birotteau • A casa Nucingen
- 9 Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa de Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou
- 10 os parentes pobres: A prima Bete • O primo Pons
- 11 Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart ii • Os funcionários • Os comediantes sem o

- saberem • Os pequeno burgueses • O avesso da história contemporânea
- 12 Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de Arcis • Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto
- 13 Os camponeses • O médico rural
- 14 O cura da aldeia • O lírio do vale
- 15 A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth apaziguado • Massimilla Doni • A obra-prima ignorada • Gambará • A procura do absoluto
- 16 O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El Verdugo” • Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A estalagem vermelha • Sobre Catarina de Médicis • O elixir da longa vida • Os proscritos
- 17 Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas misérias da vida conjugal

NOTA DOS EDITORES

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexistiam em meio aos quase vinte tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto “A operação Balzac”, no livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou muitos anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução – expressões idiomáticas e trocadilhos – e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, “Balzac, amigo de anexins, trocadilhos, e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de

linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos”, elementos que, sem uma nota explicativa, eram “de enlouquecer qualquer tradutor”.

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na

forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís xiv, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateu a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que a edição, tal qual concebida por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.

5

ESTUDOS DE COSTUMES •
CENAS DA VIDA PROVINCIANA

ÚRSULA MIROUËT

EUGÊNIA GRANDET

OS CELIBATÁRIOS: PIERRETTE

OS CELIBATÁRIOS: O CURA DE TOURS

**A COMÉDIA
HUMANA**

5

**ESTUDOS
DE COSTUMES •
CENAS DA
VIDA
PROVINCIANA**

**ÚRSULA
MIROUËT**

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

Modesta Mignon, Úrsula Mirouët, Eugênia Grandet, Pierrette... Quantos romances de Balzac que têm, como título, nomes de moças! Tal semelhança, sobretudo no que diz respeito às três últimas dessas obras, corresponde a outras analogias, mais orgânicas, que explicam por que o romancista julgou oportuno colocá-las em seguida no vasto edifício de sua *A comédia humana*. Foi ele mesmo que chamou *Úrsula Mirouët* de “irmã feliz de *Eugênia Grandet*”.

Após a leitura dos três últimos dos quatro romances em apreço, os leitores verificarão facilmente que em nenhum deles a personagem feminina, cujo nome fornece o título, é propriamente protagonista. Contrariamente à *Modesta Mignon*, a quem uma imaginação ferosa — herdada, aliás, de mãe alemã — leva a urdir uma intrigazinha, *Úrsula*, *Eugênia*, *Pierrette*, três lindas representantes da virgem francesa, caracterizam-se de maneira igual pela sua extraordinária passividade. Elas não agem; deixam que os acontecimentos as levem. Sem defesa contra os golpes do destino, dependem unicamente do acaso das circunstâncias em que se veem envolvidas.

Que é que *Úrsula* faz durante todo o decurso do romance? Ora sorri, ora verte lágrimas; fala pouco, age menos, quase não pensa;

toda a sua vida reside no sentimento. É a moça típica do mundo de Balzac, bela, frágil, apagada, pintada em tons cinzentos. Nem poderia ser de outra maneira, afirma Paul Flat em *Essais sur Balzac*, pois “aos olhos de Balzac... a mulher é criada integralmente pelo amor e não existe, por assim dizer, antes que esse sentimento lhe tenha desenvolvido o ser”. E é justamente por isso que o romancista se compraz em representar a moça no momento decisivo de sua transformação, isto é, quando encontra o amor.

Sem dúvida, ela corresponde, até certo ponto, a um tipo eterno de moça em todas as literaturas, e neste sentido talvez lembre a Gretchen de Goethe, “perseguida por Goupil com o sorriso mefistofélico” — (Baldensperger, *Orientations étrangères, chez Honoré de Balzac*, Paris, H. Champion, 1927), mas não deixa de ter traços reais, concretos, característicos do ambiente social e do momento histórico, como os têm todas as grandes personagens.

Desde 1836, Balzac vinha anunciando em suas cartas, e até no prefácio de um dos seus romances, o livro intitulado *Os herdeiros Boirouge*, livro que, como tantos outros, nunca terminou. O capítulo único dessa obra projetada, encontrado nos manuscritos do romancista depois de sua morte, mostra que se trata de uma forma embrionária da narrativa que atualmente leva o título de *Úrsula Mirouët*. Num trecho de carta à condessa Hanska, Balzac, com sua modéstia habitual, qualifica esse novo trabalho de “obra-prima do romance de costume”. Bem se vê, pois, que na concepção primitiva do autor o objetivo central do livro não era o retrato de moça salientado no título, mas sim um quadro de costumes, revelados na luta provocada por uma herança.

(No catálogo das obras que deviam compor *A comédia humana*, redigido por Balzac em 1845, ao lado de *Úrsula Mirouët*, já publicado, aparece *Os herdeiros Boirouge*, por fazer. Talvez o artista, verificando a importância que a figura de Úrsula acabou por adquirir, em parte justamente por causa do título, resolvesse escrever outra história, exclusivamente dominada pelas intrigas que produz a expectativa de uma herança numa cidadezinha francesa.)

Mais uma vez, pois, num só romance Balzac desenrola várias ações, cada uma de caráter diferente: à narrativa do primeiro amor de Úrsula, que exigia um romance de análise sentimental, alia-se a das escaramuças dos herdeiros, pormenorizada pelo realismo do observador de ambientes.

Nenhum desses romances entrelaçados ficou isento de censuras; assim, o grande pintor romântico Delacroix, em seu *Diário*, critica Balzac, em parte por apresentar caracteres “arrumados e de um bloco” (como o de Úrsula), em parte por pintar “quadros de pigmeus de que mostra todos os pormenores” (como os da luta dos herdeiros). É curiosíssimo ver, porém, como, escrupulosamente, anota poucos dias depois no mesmo diário: “Devo render justiça a Balzac... Há na pintura dos remorsos de seu chefe de posta traços de uma grande verdade. Escrevo isto em Champrosay após a morte da mãe Bertin. A agitação que notei num de seus herdeiros lembrou-me certos movimentos da *Mirouët* de Balzac”.

O quadro dos remorsos do chefe de posta mereceu mais tarde de Alain elogios ainda maiores: “Essa variante do eterno *Crime e castigo* tem as dimensões da natureza. Que grande céu sobre Nemours!”.

A estruturação da história obedece a um padrão bem balzaquiano. Após um começo algo lento, onde o movimento é entreado pela apresentação das personagens e sua respectiva genealogia, a ação vai ganhando em ritmo e intensidade e, pelo fim, chega a ter um andamento quase cinematográfico. Nem falta o elemento policial: uma campanha de difamação por meio de cartas anônimas, um crime cometido sem testemunhas e cuja revelação parece impossível. Sente-se que o livro foi feito num só jato — “em vinte dias”, como afirma o próprio autor.

As inquietações metafísicas do romancista que o levavam ao estudo dos fenômenos ocultos transparecem em seus “estudos filosóficos” (*Seráfita*, *Luís Lambert*, *A pele de onagro*, *O elixir da longa vida*, *A estalagem vermelha* etc.), escritos entre 1829 e 1835. Mesmo *A mulher de trinta anos*, classificado entre os “estudos de costumes”, mas que admite a intervenção de forças ocultas muito embora publicado como romance em 1842, teve suas seis partes escritas dentro desse espaço de tempo. Em 1835, o ciclo de obras “parapsicológicas” parecia esgotado. Porém, em 1841, em *Úrsula Mirouët*, crônica minuciosa do dia a dia de uma cidadezinha e por isso arrolada entre as “cenas da vida provinciana”, o sobrenatural irrompe de novo com plena força: sonâmbulos e videntes interferem na vida das personagens; mortos comunicam-se com vivos através de sonhos e decidem problemas aparentemente inextricáveis. Tratar-se-ia de um expediente fácil para resolver dificuldades? Mas a correspondência do escritor mostra-nos que ao longo dos anos ele nunca deixara de crer na parapsicologia, de frequentar e consultar adivinhos e cartomantes; interessava-se pela transmissão do pensamento, julgando-se dotado, ele próprio, de forças hipnóticas.

(O seu catolicismo, tantas vezes propalado e mal praticado, admitia a fé nas doutrinas nebulosas de Swedenborg e de outros místicos, olhados com desconfiança pela Igreja.) Essa “teoria da vontade”, que ele atribui a seu personagem Luís Lambert, na realidade foi escrita por ele próprio aos quinze anos.

Para muitos de seus leitores entusiásticos, essa coexistência em sua obra da observação e da fantasia é, precisamente, um dos segredos de sua grandeza (ver Baudelaire, Albert Béguin), enquanto outros só veem nela resíduos do romantismo frenético, de gosto duvidoso.

Um desses detratores era precisamente o primeiro tradutor italiano de *Úrsula Mirouët*, Ercole Marenesi, que achou necessário, num prefácio pouco leal, ridicularizar a doutrina do magnetismo segundo Balzac, por estar ela em desacordo com os ensinamentos da Igreja. Zombando do romancista, cita uma anedota extraída das memórias de um médico milanês, o qual assistiu a quatro tentativas malogradas de sugestão hipnótica feitas pelo próprio Balzac (*apud* Gigli, *Balzac in Italia*).

E, ao vermos o que esse homem realizou pela força da sua vontade e como metamorfoseou a sua vida pelos poderes da imaginação, sentimo-nos menos prontos a qualificar de simples ingenuidade a sua constante preocupação com os fenômenos magnéticos. A maioria dos leitores provavelmente não concordará com Brunetière, a cujo ver “*Úrsula Mirouët*, um dos mais belos romances de Balzac, está completamente estragado pela intervenção do mesmerismo ou magnetismo”.

Menos categórico o julgamento de Maurice Allem, com todas as suas reservas: “O emprego de tais processos tem a vantagem de

facilitar singularmente a tarefa do romancista, mas Balzac, dentro de sua convicção, considerava-os normais, e em *Úrsula Mirouët* legitimou-as, pelo menos segundo ele julgava, consagrando o capítulo vi ao magnetismo em resumo”.

Não se trata aqui, evidentemente, de examinar o fundo do problema, o que envolveria um julgamento sobre toda a doutrina do espiritismo. Notemos apenas com que sensíveis antenas captava Balzac todas as correntes espirituais que agitavam a sua época. Embora não tenha formulado a palavra espiritismo — a qual, da mesma forma que o movimento religioso a que deu nome, apareceu pela primeira vez, nos Estados Unidos, só em 1848, isto é, alguns anos depois da publicação de *Úrsula Mirouët* —, indubitavelmente ele é um dos primeiros adeptos dessa doutrina na Europa, e suas digressões sobre sonambulismo, hipnotismo, sugestão são outras tantas tentativas de penetrar-lhe os mistérios.

Úrsula Mirouët significa, pois, em *A comédia humana*, arrumada segundo a ordem de leitura imposta pelo próprio autor, o primeiro salto nas trevas, a primeira quebra numa representação do universo que parecia puramente sensualista. Daí em diante desconfiaremos do realismo de Balzac e não mais perderemos essa impressão singular de que fala Albert Béguin em *Balzac visionnaire*, “de que tudo é conforme à nossa imagem habitual do mundo e às suas normas tranquilizadoras, e, ao mesmo tempo, se encontra rodeado de uma atmosfera estranha em que entra algo divino e algo demoníaco”.

(Os espíritas, naturalmente, não deixam de considerar Balzac um dos seus. Uma prova eloquente disso é o curioso romance “psicografado” *Cristo espera por ti*, que o espírito de Balzac teria

ditado em português ao médium Waldo Vieira, e que já teve diversas edições.)

paulo rónai

ÚRSULA MIROUËT

à srta. sophie surville [1]

É um verdadeiro prazer, minha querida sobrinha, dedicar-te um livro cujo assunto e cujos detalhes tiveram tua aprovação, tão difícil de obter de uma moça a quem o mundo é ainda desconhecido e que não transige com nenhum dos nobres princípios duma santa educação. Vós, as moças, sois um público temível, pois não se deve deixar-vos ler senão os livros puros como vossa alma, e vos proibem certas leituras, como vos impedem de ver a sociedade tal qual é. Agradar-vos não é, então, motivo de orgulho para um autor? Queira Deus que a afeição não te haja enganado! Quem no-lo dirá? O futuro, que verás, espero, e no qual talvez já não exista mais

teu tio
balzac

I – OS HERDEIROS ALARMADOS

Quem chega a Nemours, vindo de Paris, passa sobre o canal do Loing, cujas margens constituem, ao mesmo tempo, muralhas campestres e pitorescos passeios para aquela encantadora cidadezinha. Desde 1830, infelizmente, têm-se construído muitas casas aquém da ponte. Se essa espécie de bairro continuar

aumentando, a fisionomia da cidade perderá sua graciosa originalidade. Mas, em 1829, as margens da estrada estando livres, o chefe da posta, homem alto e corpulento de cerca de sessenta anos, sentado no ponto culminante da ponte, podia, numa bela manhã, abranger com o olhar o que, na linguagem do seu ofício, se denomina um *ruban de queue*.^[2] O mês de setembro ostentava seus tesouros. A atmosfera flamejava sobre a relva e os seixos. Nenhuma nuvem manchava o azul do éter, cuja pureza brilhante em todo o firmamento, mesmo no horizonte, indicava a excessiva rarefação do ar. Por isso, Minoret-Levrault, assim se chamava o chefe da posta, era obrigado a fazer uma viseira com a mão, para não ficar ofuscado. Impaciente com a espera, alongava o olhar ora para os esplêndidos prados que se desdobram à direita da estrada e onde a erva vicejava, ora para a colina bordada de bosques que, à esquerda, se estende de Nemours a Bouron. Ouvia no vale do Loing, onde ressoavam os ruídos da estrada repercutidos pela colina, o tropel de seus próprios cavalos e os estalos de chicote de seus postilhões. Não é preciso ser mesmo um chefe de posta para impacientar-se diante de um prado onde erravam animais como os que pinta Paulus Potter, sob um céu de Rafael, sobre um canal sombreado de árvores à maneira de Hobbema?^[3] Quem conhece Nemours sabe que a natureza é ali bela como a arte, cuja missão é espiritualizá-la. Ali, a paisagem encerra ideias e faz pensar. Mas, ao ver Minoret-Levrault, um artista abandonaria a paisagem para pintar aquele burguês, tanto era ele original à força de ser vulgar. Reuni todos os elementos de brutalidades e obtereis Caliban,^[4] que certamente é uma grande coisa. Onde a forma domina, o sentimento desaparece. O chefe da posta, prova viva desse axioma, apresentava uma dessas fisionomias

onde o pensador dificilmente encontra um vestígio de alma sob a violenta carnação produzida por um brutal desenvolvimento físico. Seu gorro de pano azul, em gomos e de pala pequena, modelava uma cabeça cujas vigorosas proporções provavam que a ciência de Gall[5] ainda não abordou o capítulo das exceções. Os cabelos grisalhos e lustrosos que apareciam fora do gorro demonstravam que a cabeleira embranquece por outras causas além de fadigas de espírito e desgostos. De cada lado da cabeça viam-se grandes orelhas quase cicatrizadas nas bordas pelas erosões de um sangue muito abundante, que parecia querer esguichar ao menor esforço. A tez mostrava tons violáceos sob uma camada trigueira, devida ao hábito de afrontar o sol. Os olhos cinzentos, ágeis, encovados, ocultos sob espessas sobrancelhas negras, assemelhavam-se aos olhos dos calmucos vindos em 1815.[6] E se algumas vezes brilhavam por um momento, só podia ser por efeito de um pensamento cobiçoso. O nariz em sela, achatado na base, arrebitava-se bruscamente. Lábios grossos, em harmonia com uma papada quase repelente, cuja barba, feita apenas duas vezes por semana, mantinha um lenço de pescoço no estado de corda gasta; um pescoço pregueado pela gordura, embora muito curto; grandes bochechas completavam os caracteres da força estúpida que os escultores dão às suas cariátides. Minoret-Levrault assemelhava-se a essas estátuas, apenas com a diferença de que elas suportam um edifício, ao passo que ele já tinha bastante trabalho em se sustentar a si mesmo. Encontrareis muitos desses Atlas sem mundo.[7] O busto daquele homem era um bloco; diríeis um touro erguido sobre as patas traseiras. Os braços vigorosos terminavam por mãos espessas e duras, grandes e fortes, que podiam e sabiam manejar o chicote, as rédeas e o forçado, e às quais nenhum

postilhão se arriscava. O enorme ventre daquele gigante era suportado por coxas grossas como o corpo de um adulto e por pés de elefante. A cólera devia ser rara naquele homem, mas terrível, apoplética, quando explodia. Embora violento e incapaz de reflexão, aquele homem nada fizera que justificasse as sinistras promessas de sua fisionomia. Aos que tremiam diante daquele gigante, os postilhões diziam: “Ora, ele não é mau!”.

O chefe de Nemours, para nos servirmos da abreviatura usada em muitas regiões, trajava uma veste de caça de veludo verde-garrafa, calças de cotim verde com riscas verdes, um amplo colete amarelo de pele de cabra, no bolso do qual se percebia uma tabaqueira monstruosa delineada por um círculo negro. Para nariz chato, tabaqueira grande — é uma lei quase sem exceção.

Filho da Revolução e espectador do Império, Minoret-Levrault nunca se imiscuíra na política. Quanto às suas opiniões religiosas, nunca pusera os pés na igreja, a não ser para casar-se. Seus princípios na vida privada estavam fixados no Código Civil: tudo o que a lei não proibia ou não podia atingir, ele julgava realizável. Nunca havia lido mais que o jornal do departamento de Seine-et-Oise ou algumas instruções relativas à sua profissão. Passava por um agricultor hábil, mas sua ciência era puramente prática. Assim, em Minoret-Levrault, o moral não desmentia o físico. Falava raramente; e, antes de dizer qualquer coisa, tomava sempre uma pitada de rapé para ter tempo de procurar, não ideias, mas palavras. Conversador, vós o acharíeis imperfeito. Considerando que aquela espécie de elefante sem tromba e sem inteligência se chamava *Minoret-Levrault*, não se devia reconhecer, como Sterne, o oculto poder dos nomes, que ora ridicularizam e ora predizem os caracteres?[8]

Apesar de suas visíveis incapacidades, em trinta e seis anos, com o auxílio da Revolução, havia conseguido trinta mil francos de renda em campos, terras cultiváveis e matas. Se Minoret, interessado nas empresas de diligência de Nemours e nas do Gâtinais[9] a Paris, ainda trabalhava, fazia-o menos por hábito do que por causa de um filho único, a quem desejava preparar um belo futuro. Esse filho, que, segundo a expressão dos camponeses, se tornara um senhor, completara recentemente o curso de Direito e, após as férias forenses, devia prestar juramento como advogado estagiário. O sr. e a sra. Minoret-Levrault — pois, por detrás daquele colosso, todo mundo percebe uma mulher, sem a qual tão bela fortuna seria impossível — haviam dado inteira liberdade ao filho para escolher uma profissão: tabelião em Paris, procurador do rei em qualquer lugar, recebedor-geral não importa onde, agente de câmbio ou chefe de posta. Que fantasia podia recusar-se, a que posição não devia aspirar o filho de um homem de quem se dizia, desde Montargis até Essonne: “O pai Minoret nem sabe quanto possui!”. Essa frase tinha recebido, quatro anos atrás, uma nova sanção, quando, após ter vendido sua hospedaria, Minoret construía cavalariças e uma soberba casa, transferindo a posta da Grand’rue para o porto. O novo estabelecimento custara duzentos mil francos, que os mexericos duplicavam numa extensão de trinta léguas de raio. A posta de Nemours necessita de um grande número de cavalos: vai até Fontainebleau na estrada de Paris e além disso atende as estradas de Montargis e Montereau; de todos os lados, a estação de muda fica distante, e os areais da estrada de Montargis autorizam esse fantástico terceiro cavalo, que sempre se paga e nunca se vê. Um homem com a constituição de Minoret, rico como Minoret, e à frente

de tal estabelecimento podia, pois, ser chamado, sem antífrase, o chefe de Nemours. Embora nunca tivesse pensado em Deus nem no diabo e fosse materialista prático, como era agricultor prático, egoísta prático, avarento prático, Minoret havia desfrutado, até então, uma felicidade sem mescla, se é que se pode considerar uma vida puramente material como uma felicidade. Ao ver o coxim de carne glabra que envolvia a última vértebra e comprimia o cerebelo do homem e, sobretudo, ao ouvir sua voz fina e aguda que contrastava ridiculamente com seu aspecto, um fisiologista teria compreendido perfeitamente por que aquele grande, gordo, corpulento agricultor adorava seu filho único e também por que ele talvez o houvesse esperado tanto tempo, como o indicava suficientemente o nome de Desidério que tinha o menino. Enfim, se o amor, atraçando uma forte constituição, é no homem uma promessa das maiores coisas, os filósofos perceberão as causas da incapacidade de Minoret. A mãe, a quem, por felicidade, o filho se assemelhava, rivalizava em mimos com o pai. Nenhum temperamento de criança teria podido resistir àquela idolatria. Também, Desidério, que conhecia a extensão de seu poder, sabia ordenhar o cofre da mãe e recorrer à bolsa do pai, fazendo crer a cada um dos autores de seus dias que só se socorria dele. Representando em Nemours um papel infinitamente superior ao que representa um príncipe real na capital de seu pai, desejava satisfazer em Paris todas as suas fantasias, como as satisfazia na sua cidadezinha e havia, cada ano, gasto mais de doze mil francos. Por outro lado, adquirira, por vias dessa soma, ideias que nunca lhe ocorreriam em Nemours. Despira a pele de provinciano, compreendera o poder do dinheiro e vira na magistratura um meio

de ascender. Durante o último ano, gastara dez mil francos a mais, ligando-se a artistas, jornalistas e suas amantes. Uma carta confidencial bastante inquietadora explicava suficientemente a ansiosa espera do chefe da posta, a quem o filho pedia apoio para um casamento. Além disso, a mãe Minoret-Levrault, ocupada em preparar um suntuoso almoço para celebrar o triunfo e o regresso do licenciado em Direito, mandara o marido até a estrada, dizendo-lhe que montasse a cavalo se não avistasse a diligência. A diligência que devia trazer aquele filho único chega ordinariamente a Nemours pelas cinco horas da manhã, e já eram nove horas! Qual seria a causa de tal atraso? Teria virado o carro? Desidério estaria vivo? Teria apenas quebrado uma perna?

Os látégos, estalando, ferem o ar como uma mosquetaria, surgem os coletes vermelhos dos postilhões, dez cavalos relinçam! O chefe tira o gorro e o agita. Avistam-no. O postilhão mais bem montado, o que conduzia dois cavalos de caleça tordilhos, esporeia seu animal, passa adiante de cinco grandes cavalos de diligência, os Minoret de estrebaria, e três cavalos de berlinda, e estaca diante do chefe.

— Viste a Ducler?

Nas grandes estradas, dão às diligências nomes bastante fantásticos. Diz-se a Caillard, a Ducler (a carruagem de Nemours a Paris), o Grand-Bureau. Toda nova empresa é a *Concorrência*! No tempo da empresa dos Lecomte, suas carruagens se chamavam *Condessa*. “Caillard não alcançou a Condessa; mas, o Grand-Bureau a deixou para trás... com roupa e tudo! — A Caillard e o Grand-Bureau liquidaram com as *Francesas* (Companhias Francesas de Transportes).” Se virdes o cocheiro correndo *a todo o pano* e recusar um copo de vinho, interrogai o condutor; ele vos responderá,

farejando, examinando a estrada: “A *Concorrência* vai na frente! — E não a vemos! — diz o cocheiro. — Com certeza o celerado nem parou para *dar de comer aos passageiros!* — Terá passageiros? — responde o condutor. — Surra o Polignac!”. Todos os maus cavalos se chamam Polignac.^[10] Tais são os gracejos e o assunto de palestra entre os cocheiros e os condutores quando estão no alto das boleias. Na França, há tantas gírias quantas profissões.

— Viste na Ducler...

— O sr. Desidério? — respondeu o postilhão, interrompendo o patrão. — Foi bom que o senhor nos tivesse ouvido. Estalamos os chicotes para avisá-lo, pois sabíamos que o senhor devia estar na estrada.

— Que há? Por que a diligência está atrasada quatro horas?

— O aro de uma das rodas traseiras desprendeuse, entre Essonne e Ponthierry. Mas não houve acidente. Ao subir, Cabirolle felizmente percebeu a coisa.

Nesse momento, uma mulher com trajas domingueiros, pois o repicar do sino de Nemours chamava os habitantes para a missa de domingo, uma mulher, de cerca de trinta e seis anos, aproximou-se do chefe da posta:

— Ah, meu primo — disse —, você nem vai acreditar! Nosso tio está com Úrsula na Grand’rue, vão à missa cantada.

Apesar das leis da poética moderna sobre a cor local, é impossível levar o realismo a ponto de repetir aqui a horrível injúria, mesclada de pragas, que tal notícia, aparentemente tão pouco dramática, fez sair da larga boca de Minoret-Levrault. Sua voz fina tornou-se sibilante e seu rosto assumiu essa expressão que o vulgo denomina engenhosamente um *golpe de sol*.

— Tem certeza? — perguntou, após a primeira explosão de cólera.

Os postilhões passaram com os cavalos, saudando o patrão, que pareceu não tê-los visto nem ouvido. Em vez de esperar o filho, Minoret-Levrault subiu a Grand'rue com a prima.

— Não lhe dizia? — continuou ela. — Quando o dr. Minoret começar a caducar, essa santinha do pau oco o lançará à devoção. E, como quem conquista o espírito conquista a bolsa, ela ficará com a nossa herança.

— Mas, sra. Massin... — disse o chefe de posta, atônito.

— Ah! Você também — replicou a sra. Massin interrompendo o primo — vai dizer-me como Massin: “Será que uma menina de quinze anos pode inventar tais planos e executá-los? Mudar a opinião de um homem de oitenta e três anos, que nunca pôs os pés na igreja a não ser para casar-se e que tem tal horror aos padres que nem mesmo acompanhou essa criança à igreja no dia de sua primeira comunhão?”. E, então, se o dr. Minoret tem tal horror aos padres, por que é que há quinze anos passa quase todas as tardes da semana com o padre Chaperon? O velho hipócrita nunca deixou de dar à Úrsula vinte francos para velas, quando ela leva o pão bento. Você não se lembra mais do presente que Úrsula fez à igreja, para agradecer ao cura havê-la preparado para a primeira comunhão? Ela empregou naquilo todo seu dinheiro, e seu padrinho lho restituiu, duplicado. Vocês, os homens, não prestam atenção em nada! Ao descobrir esses detalhes, eu disse: “Adeus, cestos! As vindimas terminaram!”. Um tio com herdeiros não se conduz assim, sem intenções, com uma fedelha encontrada na rua.

— Ora, minha prima — disse o chefe da posta —, talvez o bom velho leve Úrsula à igreja por acaso. O dia está lindo, titio vai

passear.

— Meu primo, titio leva um livro de orações na mão e tem um ar de carola! Enfim, você vai ver.

— Eles escondiam bem seu jogo — replicou o corpulento chefe da posta —, pois a Bougival me disse que nunca se tratava de religião entre o doutor e o padre Chaperon. Além disso, o cura é o homem mais honrado da terra: daria sua última camisa a um pobre. É incapaz de uma ação má e sutilar uma herança é...

— É roubar — disse a sra. Massin.

— Pior que isso! — exclamou Minoret-Levrault, exasperado com a observação da tagarela de sua prima.

— Eu sei — respondeu a sra. Massin — que o padre Chaperon, apesar de padre, é um homem honrado. Mas é capaz de tudo pelos pobres. Terá minado, minado, minado nosso tio por baixo e o doutor terá caído na carolice. Estávamos tranquilos, e ei-lo pervertido. Um homem que nunca acreditou em nada e que tinha princípios! Oh! Só a nós acontece isso. Meu marido está completamente desnorteado.

A sra. Massin, cujas frases eram como flechas que picavam o corpulento primo, fazia-o andar, apesar de sua gordura, tão rapidamente quanto ela, com grande espanto das pessoas que se dirigiam à missa. Ela queria tornar a encontrar o tio Minoret e mostrá-lo ao chefe da posta.

Para o lado do Gâtinais, Nemours é dominada por uma colina ao longo da qual correm a estrada de Montargis e o Loing. A igreja, sobre cujas pedras o tempo estendeu seu rico manto negro, pois ela foi, sem dúvida, reconstruída no século xiv pelos Guise,^[11] para os quais Nemours foi erigida em ducado-pariato, ergue-se na extremidade da pequena cidade, ao fundo de um grande arco, que a

emoldura. Para os monumentos, como para os homens, a posição é tudo. Sombreada por algumas árvores e posta em destaque por uma praça limpa, essa igreja solitária produz um efeito grandioso. Ao chegar à praça, o chefe de Nemours pôde ver o tio de braço dado com a rapariga chamada Úrsula, cada um com seu livro de orações, quando entravam na igreja. O velho tirou o chapéu sob o pórtico, e sua cabeça, inteiramente branca, como um pico coroado de neve, brilhou na suave penumbra da fachada.

— Então, Minoret, que diz da conversão de seu tio? — exclamou o exator de Nemours, chamado Crémère.

— Que quer que eu diga? — respondeu o chefe da posta, oferecendo-lhe uma pitada de rapé.

— Bem respondido, pai Levrault! O senhor não pode dizer o que pensa, se é que um ilustre autor teve razão em escrever que a gente é obrigado a pensar a frase antes de frasear o pensamento — exclamava maliciosamente um rapaz que acabava de chegar e que representava, em Nemours, o papel de Mefistófeles, do *Fausto*.[\[12\]](#)

Esse velhaco, chamado Goupil, era o primeiro amanuense do sr. Crémère-Dionis, o tabelião de Nemours. Apesar dos antecedentes de uma conduta quase devassa, Dionis empregara Goupil em seu cartório, quando a permanência em Paris, onde o amanuense havia dissipado a fortuna do pai, agricultor abastado que o destinava ao notariado, lhe foi interdita por uma completa indigência. Vendo Goupil, teríeis compreendido imediatamente que ele se mostrasse apressado em gozar a vida; pois, para conseguir prazeres, ele devia pagá-los bem caro. Não obstante sua pequena estatura, tinha o amanuense, aos vinte e sete anos, o busto tão desenvolvido quanto pode ser o de um homem de quarenta. Pernas finas e curtas, um

largo rosto carregado como o céu antes de uma tormenta e encimado por uma testa calva, faziam ressaltar ainda mais aquela bizarra conformação. Sua fisionomia parecia pertencer a um corcunda cuja corcova tivesse crescido para dentro. Uma singularidade daquele rosto azedo e pálido confirmava a existência dessa gibosidade invisível. Curvo e torto como o de muitos corcundas, o nariz dirigia-se da direita para a esquerda, em vez de dividir exatamente o rosto. A boca, contraída nas duas extremidades, como a dos sardos, estava sempre alerta para a ironia. A cabeleira, rala e arruivada, descia em mechas lisas e deixava ver o crânio em alguns pontos. As mãos, grandes e mal adaptadas às extremidades de braços muito longos, eram retorcidas e raramente limpas. Goupil usava sapatos bons para jogar fora e meias de cadarço de um preto avermelhado. Suas calças e seu casaco preto, gastos até o fio e quase engordurados de sujeira; seus coletes dignos de lástima, nos quais alguns botões já haviam perdido a forma; o velho lenço que lhe servia de gravata, toda a sua indumentária denunciava a cínica miséria a que suas paixões o condenavam. Aquele conjunto de coisas sinistras era dominado por dois olhos de cabra, com pupilas orladas de amarelo, ao mesmo tempo lascivos e amortecidos. Ninguém era mais temido nem mais respeitado em Nemours do que Goupil. Munido das pretensões que sua fealdade comportava, tinha esse detestável espírito peculiar àqueles que se permitem tudo e o empregava para vingar as esperanças frustradas de uma inveja permanente. Compunha as canções satíricas que se cantavam no Carnaval. Organizava os charivaris. Constituía por si só o pequeno jornal da cidade. Dionis, homem astuto e falso, e por isso mesmo medroso, conservava Goupil tanto por temor como por sua excessiva inteligência e seu profundo

conhecimento dos interesses da região. Mas o patrão desconfiava tanto do amanuense que administrava ele próprio a caixa, não o hospedava em sua casa e o mantinha a distância, não lhe confiando nenhum negócio secreto e delicado. Por outro lado, o amanuense bajulava o patrão, ocultando o ressentimento que essa conduta lhe causava, e vigiava a sra. Dionis com uma intenção vingativa. Dotado de uma compreensão clara, era-lhe fácil o trabalho.

— Oh, és tu! Já estás rindo de nossa desgraça — respondeu o chefe da posta ao amanuense, que esfregava as mãos.

Como Goupil lisonjeava sordidamente todas as vaidades de Desidério, que, havia cinco anos, fazia dele seu companheiro, o chefe da posta o tratava muito cavalheirescamente, sem suspeitar do terrível tesouro de más intenções que se ia amontoando no fundo do coração de Goupil a cada nova ofensa. Após haver compreendido que o dinheiro lhe era mais necessário do que a qualquer outro, o amanuense, que se sabia superior a toda a burguesia de Nemours, queria fazer fortuna e contava com a amizade de Desidério para comprar um dos três cargos públicos da cidade, o cartório da Justiça de Paz, o de um dos meirinhos ou o de Dionis. Por isso, suportava pacientemente os insultos do chefe da posta e o desprezo da sra. Minoret-Levrault, representando um papel infame junto de Desidério, que, havia dois anos, o deixava consolar as Ariadnes[13] vítimas do fim das férias. Goupil devorava, assim, as migalhas dos banquetes que preparava.

— Se eu fosse sobrinho do velho, ele não me daria Deus como co-herdeiro — replicou o amanuense, mostrando, por um horrível gesto de escárnio, dentes raros, negros e ameaçadores.

Nesse momento, Massin-Levrault Júnior, o escrivão do Juizado de Paz, reuniu-se à mulher trazendo consigo a sra. Crémière, esposa do exator de Nemours. Esse personagem, um dos mais ríspidos burgueses da cidadezinha, tinha a fisionomia de um tártaro. Olhos pequenos e redondos sob uma testa chata, cabelos eriçados, tez untuosa, grandes orelhas sem rebordo, boca quase sem lábios e barba rala. Suas maneiras tinham a implacável brandura dos usurários, cuja conduta repousa sobre princípios fixos. Falava como quem sofresse de extinção da voz. Enfim, para descrevê-lo, bastará dizer que empregava a filha e a mulher em despachar seus processos.

A sra. Crémière era uma mulher gorda de um louro duvidoso, com a tez salpicada de sardas, um pouco apertada nos vestidos, amiga da sra. Dionis e que passava por instruída porque lia romances. Essa financista de última classe, cheia de pretensões a elegância e a belo espírito, esperava a herança de seu tio para *adotar um certo padrão de vida*, ornamentar seu salão e receber a burguesia, pois o marido lhe recusava as lâmpadas Carcel, as litografias e as futilidades que via na casa da mulher do tabelião. Temia excessivamente a Goupil, que espreitava e divulgava suas *capsulinguettes* (tradução que ela dava à expressão *lapsus linguae*). Um dia, a sra. Dionis lhe disse que não sabia mais que água usar para dentifício.

— Use água-furtada — respondeu ela.

Quase todos os colaterais do velho dr. Minoret achavam-se então reunidos na praça. E a importância do acontecimento que os alvoroçava repercutiu de tal modo que os grupos de camponeses e camponesas munidos de seus guarda-chuvas vermelhos, vestidos com essas cores vivas que os tornam tão pitorescos nos dias de festa

pelas estradas, tinham os olhos fitos nos herdeiros Minoret. Nas pequenas cidades, que representam um meio-termo entre os povoados e as cidades, os que não vão à missa ficam na praça. Ali, fala-se de negócios. Em Nemours, a hora dos ofícios divinos é também a de uma bolsa semanal, à qual acorrem muitas vezes moradores espalhados numa extensão de meia légua de raio. Explica-se, assim, a aliança dos camponeses contra os burgueses relativamente ao preço dos gêneros e da mão de obra.

— E que terias feito, então? — perguntou o chefe de Nemours a Goupil.

— Eu me teria tornado tão necessário à sua vida como o ar que ele respira. Mas, em primeiro lugar, o senhor não soube segurá-lo! Uma herança gosta de ser cercada de cuidados, como uma mulher bonita, e, descuidadas, ambas escapam. Se minha patroa estivesse aqui — acrescentou —, ela lhe diria como esta comparação é justa.

— Mas o sr. Bongrand acaba de dizer-me que não nos inquietássemos — observou o escrivão do Juizado de Paz.

— Oh, há muitas maneiras de dizer isso! — respondeu Goupil, rindo. — Eu gostaria de ter ouvido seu finório juiz de paz! Se não houvesse nada mais a fazer, se, como ele que vive na casa de seu tio, eu soubesse que tudo estava perdido, eu também diria: “Não se inquietem por tão pouco” .

Ao pronunciar essa última frase, Goupil fez um sorriso tão cômico e lhe deu uma significação tão clara que os herdeiros suspeitaram que o tabelião tivesse se deixado enganar pela astúcia do juiz de paz. O exator, homenzinho gordo tão insignificante como deve ser um exator e tão nulo como uma mulher de espírito poderia desejar, fulminou seu co-herdeiro Massin com um “Bem que eu lhe dizia!”.

Como as pessoas dissimuladas emprestam sempre aos outros sua dissimulação, Massin olhou de soslaio para o juiz de paz, que conversava, naquele momento, junto à igreja, com o marquês do Rouvre, um de seus antigos clientes.

— Se eu soubesse! — disse.

— O senhor paralisaria a proteção que ele dá ao marquês do Rouvre, contra quem foram expedidas ordens de captura e a quem ele está *regando* agora com seus conselhos — disse Goupil, insinuando uma ideia de vingança ao tabelião. — Mas tenha cautela com seu chefe. O velho é finório. Pode exercer influência sobre seu tio e pode ainda impedi-lo de legar tudo à Igreja.

— Ora, não morreremos por isso! — disse Minoret-Levrault, abrindo sua enorme tabaqueira.

— E também não viverão melhor por isso — respondeu Goupil, causando estremecimentos às duas mulheres, que, mais rapidamente que os maridos, traduziam em privações a perda daquela herança, que tantas vezes haviam imaginado empregar em bem-estar. — Mas vamos afogar em ondas de champanhe esse pequeno desgosto, festejando a volta de Desidério, não é, tio? — acrescentou, batendo no ventre do colosso e, assim, convidando-se a si mesmo, com receio de que o esquecessem.

II – UM TIO DE QUEM SE VAI HERDAR

Antes de ir adiante, talvez as pessoas meticolosas gostem de encontrar aqui, antecipadamente, uma espécie de descrição de inventário, bastante necessária, por outro lado, para conhecer os

graus de parentesco que ligavam o velho tão subitamente convertido àqueles três chefes de família ou suas mulheres. Esses entrecruzamentos de raças, no interior das províncias, podem ser assunto de mais de uma reflexão instrutiva.

Em Nemours, não há mais que três ou quatro famílias de pequena nobreza desconhecida, entre as quais brilhava então a dos Portenduère. Essas famílias exclusivistas assediavam assiduamente os nobres que possuem terras ou castelos nas redondezas, e entre os quais se distinguem os D'Aiglemont, proprietários da bela herdade de Saint-Lange, e o marquês do Rouvre,^[14] cujos bens, sobrecarregados de hipotecas, eram espreitados pelos burgueses. Os nobres da cidade não têm fortuna. Como únicos bens, a sra. de Portenduère possuía uma granja de quatro mil e setecentos francos de renda e sua casa na cidade. Em oposição a esse Faubourg Saint-Germain-mirim agrupa-se uma dezena de ricos, antigos moleiros, negociantes aposentados, enfim, uma burguesia em miniatura sob a qual se agitam os pequenos varejistas, os proletários e os camponeses. Essa burguesia oferece, como nos cantões suíços e em vários outros pequenos países, o curioso espetáculo da irradiação de algumas famílias autóctones, talvez gaulesas, reinando sobre um território, invadindo-o e tornando quase todos os habitantes seus primos. No tempo de Luís xi, quando o Terceiro Estado acabou por fazer dos sobrenomes verdadeiros nomes, alguns dos quais se misturaram aos do feudalismo, a burguesia de Nemours se compunha de Minoret, Massin, Levrault e Crémière. No reinado de Luís xiii, essas quatro famílias já produziam os Massin-Crémière, Levrault-Massin, Massin-Minoret, Minoret-Minoret, Crémière-Levrault, Levrault-Minoret-Massin, Massin-Levrault, Minoret-

Massin, Massin-Massin, Crémère-Massin, tudo isso de variegado *junior, aîné*,^[15] Crémère Francisco, Levrault Jacques, João Minoret, coisa de enlouquecer o padre Anselme^[16] do povo, se algum dia o povo tivesse necessidade de genealogista. As variações desse caleidoscópio doméstico de quatro elementos complicavam-se de tal modo com os nascimentos e os casamentos que a árvore genealógica dos burgueses de Nemours teria atrapalhado aos próprios beneditinos do *Almanaque de Gotha*, apesar da ciência atomística com a qual dispõem os ziguezagues das alianças alemãs.* Durante muito tempo, os Minoret se ocuparam dos curtumes, os Crémère dirigiram os moinhos, os Massin se dedicaram ao comércio e os Levrault permaneceram agricultores. Felizmente para a região, esses quatro troncos deitavam rebentos em vez de aprofundar as raízes no solo, ou se reproduziam a distância por estacas, pela expatriação dos filhos que iam procurar fortuna em outro lugar. Há Minoret cuteleiros em Melum, Levrault em Montargis, Massin em Orléans e Crémère que se tornaram importantes em Paris. Diversos são os destinos dessas abelhas saídas da colmeia-mãe. Os Massin ricos empregam necessariamente os Massin operários, do mesmo modo que há príncipes alemães a serviço da Áustria ou da Prússia. O mesmo departamento vê um Minoret milionário guardado por um Minoret soldado. Cheias do mesmo sangue e chamadas pelo mesmo nome como única semelhança, essas quatro lançadeiras haviam tecido sem interrupção uma fazenda humana cujos retalhos resultavam em vestido ou toalha, cambraia soberba ou grosseiro forro. O mesmo sangue estava na cabeça, nos pés ou no coração, em mãos industriosas, num pulmão enfermo ou num cérebro cheio de gênio. Os chefes desse clã habitavam fielmente a cidadezinha, onde

os laços de parentesco se afrouxavam ou se apertavam ao sabor dos acontecimentos, representados por esse bizarro *cognominismo*. Em qualquer país aonde fordes, mudando os nomes, encontrareis o fato, mas sem a poesia que o feudalismo lhe imprimiu e que Walter Scott reproduziu com tanto talento. Lancemos o olhar um pouco mais acima, examinemos a humanidade na história. Todas as famílias nobres do século xi, hoje quase completamente extintas, menos a raça real dos Capetos, contribuíram necessariamente para o nascimento dum Rohan, dum Montmorency, dum Bauffremont, dum Mortemart atual. Enfim, todos estarão forçosamente na linhagem do último fidalgo verdadeiramente fidalgo. Em outros termos, todo burguês é primo dum burguês e todo nobre é primo dum nobre. Como diz a sublime página das genealogias bíblicas, em mil anos, três famílias, Sem, Cã e Jafé, podem cobrir o universo com seus filhos. Uma família pode tornar-se uma nação e, infelizmente, uma nação pode tornar-se uma única e simples família. Para prová-lo, basta aplicar à pesquisa dos ancestrais e à sua acumulação, que o tempo faz crescer numa retrógrada progressão geométrica multiplicada por si mesma, o cálculo daquele sábio que, pedindo ao rei da Pérsia, como recompensa por ter inventado o jogo de xadrez, uma espiga de trigo pela primeira casa do tabuleiro, duas pela segunda, quatro pela terceira e assim por diante, duplicando sempre até a última casa, demonstrou que o reino não seria suficiente para pagá-lo. A rede da nobreza, entrelaçada pela rede da burguesia, esse antagonismo de dois sangues protegidos, um por instituições imóveis, outro pela ativa paciência do trabalho e pela astúcia do comércio, produziu a Revolução de 1789. Os dois sangues quase

reunidos encontram-se, hoje, face a face com colaterais sem herança. Que farão? Nosso futuro político será a melhor resposta.

A família daquele que, no reinado de Luís XV, se chamava simplesmente Minoret era tão numerosa que um dos cinco filhos, o Minoret cuja entrada na igreja estava fazendo sensação, foi tentar a fortuna em Paris e não apareceu mais, senão de longe em longe, na sua cidade natal, aonde foi, sem dúvida, apenas para receber sua parte nas heranças dos avós. Após ter sofrido muito, como todos os rapazes dotados duma vontade firme e que disputam um lugar na brilhante sociedade de Paris, o filho dos Minoret construiu um destino mais belo talvez do que aquele que sonhara no início, dedicando-se desde logo à medicina, uma das profissões que exigem talento e sorte, mas ainda mais sorte do que talento. Apoiado por Dupont de Nemours,[\[17\]](#) ligado por um feliz acaso com o padre Morellet,[\[18\]](#) que Voltaire chamava *Mords-les*, protegido pelos enciclopedistas,[\[19\]](#) o dr. Minoret ligou-se como um fanático ao grande médico Bordeu,[\[20\]](#) amigo de Diderot.[\[21\]](#) D'Alembert,[\[22\]](#) Helvétius,[\[23\]](#) o barão de Holbach[\[24\]](#) e Grimm,[\[25\]](#) ante os quais apareceu ainda rapazote, acabaram, sem dúvida, como Bordeu, interessando-se por Minoret, que, em 1777, conquistou uma bela clientela de deístas, enciclopedistas, sensualistas, materialistas, como quiserdes chamar os ricos filósofos daquele tempo. Embora fosse muito pouco charlatão, inventou o famoso bálsamo Lelièvre, tão elogiado pelo *Mercure de France* e cujo anúncio figurava permanentemente no fim desse periódico, órgão semanal dos enciclopedistas. O boticário Lelièvre, homem astuto, viu um negócio onde Minoret não via mais que uma fórmula a incluir no *Codex* e repartiu lealmente seus benefícios com o doutor, aluno de

Rouelle[26] em química, como o era de Bordeu em medicina. Não era preciso tanto para se ser materialista. O doutor desposou por amor, em 1778, época em que imperava *A nova Heloísa* [27] e em que se casava algumas vezes por amor, a filha do famoso tocador de cravo Valentim Mirouët, um célebre musicista, fraco e delicado, que a Revolução matou. Minoret conhecia intimamente Robespierre,[28] a quem conferira, outrora, uma medalha de ouro por uma dissertação sobre o seguinte tema: *Qual é a origem da opinião que estende sobre uma mesma família uma parte da vergonha ligada às penas infamantes que sofre um culpado? Será esta opinião mais nociva do que útil? E, no caso de se decidir pela afirmativa, quais seriam os meios de evitar os inconvenientes que dela resultam?* A Academia Real de Ciências e Artes de Metz, à qual pertencia Minoret, deve possuir ainda essa dissertação no original. Embora, graças a essa amizade, a esposa do doutor nada pudesse temer, tinha tanto medo de ir ao cadafalso que esse invencível terror agravou o seu aneurisma, o qual ela devia à sua excessiva sensibilidade. Apesar de todas as precauções tomadas por um homem que idolatrava a esposa, Úrsula encontrou um dia a carroça cheia de condenados, entre os quais se achava precisamente a sra. Roland,[29] e esse espetáculo lhe causou a morte. Minoret, cheio de tolerância para com sua Úrsula, a quem nada recusava e que levava uma vida de mulher mimada, viu-se quase pobre após havê-la perdido. Robespierre nomeou-o diretor dum hospital.

Embora o nome de Minoret tivesse adquirido, durante os debates animados a que deu lugar o mesmerismo,[30] uma celebridade que o fez lembrado, de vez em quando, pelos parentes, a Revolução constituiu um dissolvente tão poderoso e rompeu tanto as relações

de família que em 1813 se ignorava inteiramente, em Nemours, a existência do dr. Minoret, a quem um acontecimento inesperado fez conceber o projeto de voltar para morrer na toca, como as lebres.

Ao atravessar a França, onde o olhar se fatiga tão rapidamente com a monotonia das planícies, quem não teve ainda a encantadora sensação de avistar, no alto de uma colina, ao descê-la ou ao contorná-la, e quando ela prometia uma paisagem árida, um fresco vale regado por um rio e uma cidadezinha abrigada sob o rochedo como uma colmeia na concavidade de um velho salgueiro? Ao ouvir o *Eia!* do postilhão que marcha ao lado de seus cavalos, desperta-se do sono e admira-se, como um sonho dentro do sonho, alguma bela paisagem que é, para o viajante, o que é para o leitor uma passagem notável de um livro, um brilhante pensamento da natureza. Tal é a sensação que causa o aparecimento súbito de Nemours para quem vem da Borgogne. Vemo-la, dali, cercada de rochas nuas, cinzentas, brancas, negras, de formas bizarras, como se veem tão comumente na floresta de Fontainebleau e de onde se erguem árvores esparsas que se destacam nitidamente contra o céu e dão a essa espécie de muralha desmoronada uma fisionomia agreste. Ali termina a longa colina florestal que se estende de Nemours a Bouron, costeando a estrada. Abaixo desse circo tosco desdobra-se um prado onde corre o Loing formando cascatas. Essa deliciosa paisagem, que perlonga a estrada de Montargis, assemelha-se a uma decoração de ópera, tão estudados parecem seus efeitos.

Certa manhã, o doutor, a quem um doente rico da Borgogne mandara chamar, e que voltava a toda a pressa para Paris, não tendo indicado, na estação de posta anterior, que estrada queria tomar, foi conduzido, sem o saber, por Nemours e reviu, entre duas cochiladas,

a paisagem no meio da qual decorrera sua infância. O doutor havia perdido, então, vários de seus velhos amigos. O sectário da *Enciclopédia* fora testemunha da conversão de La Harpe,[31] enterrara Lebrun-Píndaro,[32] Marie-Joseph Chénier,[33] Morellet[34] e a sra. Helvétius.[35] Assistiu à quase queda de Voltaire, atacado por Geoffroy,[36] o continuador de Fréron.[37] Pensava, pois, numa aposentadoria. Assim, quando sua sege de posta se deteve no alto da Grand'rue de Nemours, fez questão de informar-se sobre sua família. Minoret-Levrault veio em pessoa receber o doutor, que reconheceu no chefe da posta o próprio filho de seu irmão mais velho. Esse sobrinho mostrou, em sua esposa, a filha única de Levrault-Crémière que, havia doze anos, lhe deixara a posta e a mais bela hospedaria de Nemours.

— Então, meu sobrinho — perguntou o doutor —, tenho outros herdeiros?

— Minha tia Minoret, sua irmã, casou-se com um Massin-Massin.

— Sim, o intendente de Saint-Lange.

— Ela morreu viúva, deixando uma única filha, que acaba de casar-se com um Crémière-Crémière, um rapaz encantador, ainda sem emprego.

— Muito bem! Ela é minha sobrinha direta. Ora, como o meu irmão da Marinha morreu solteiro e o capitão Minoret foi morto em Monte-Legino, e eu estou aqui, a linha paterna está esgotada. Tenho parentes do lado materno? Minha mãe era uma João-Massin-Levrault.

— Dos João-Massin-Levrault — respondeu Minoret-Levrault — sobrou apenas uma João-Massin que se casou com o sr. Crémière-Levrault-Dionis, um fornecedor de forragens, que morreu no

cadafalso. Sua mulher morreu de desespero, arruinada, deixando uma filha casada com um Levrault-Minoret, agricultor em Montereau, que vai bem. E sua filha acaba de casar-se com um Massin-Levrault, amanuense de tabelião em Montargis, onde o pai é serralheiro.

— Assim, não me faltam herdeiros — disse alegremente o doutor, que quis dar uma volta por Nemours, em companhia do sobrinho.

O Loing atravessa, serpeando, a cidade, entre jardins com terraços e casas de aspecto aseado, o que faz crer que a felicidade deve antes morar ali que alhures. Quando o doutor dobrou a Grand'rue e entrou na Rue des Bourgeois, Minoret-Levrault mostrou-lhe a propriedade do sr. Levrault, rico comerciante de ferros em Paris e que morrera havia pouco.

— Ali está, meu tio, uma bela casa para vender. Tem um encantador jardim sobre a ribeira.

— Entremos — disse o doutor, ao ver, ao fundo de um pequeno pátio calçado, uma casa apertada entre as paredes de duas casas vizinhas quase ocultas por maciços de árvores e trepadeiras.

— É construída sobre adegas — acrescentou, subindo por uma escadaria externa muito alta, ornada de vasos de faiança branca e azul onde florescia gerânios.

Dividida, como a maior parte das casas da província, por um corredor que vai do pátio ao jardim, a casa tinha, à direita, apenas um salão iluminado por quatro janelas, duas dando para o pátio e duas para o jardim. Mas Levrault-Levrault transformara uma dessas janelas em entrada de um longo corredor construído de tijolos, que ia do salão à ribeira, onde terminava por um horrível pavilhão chinês.

— Bem! Mandando forrar e assoalhar este corredor — disse o velho Minoret —, poderei instalar aqui minha biblioteca e fazer um belo gabinete desta singular amostra de arquitetura.

Do outro lado do corredor havia uma sala de jantar que dava para o jardim, em imitação de laca negra com flores verdes e douradas e separada da cozinha pelo vão da escada. A sala comunicava, por uma pequena copa construída atrás da escada, com a cozinha, cujas janelas com grades de ferro davam para o pátio. Havia dois apartamentos no primeiro andar e, acima dele, mansardas apaineladas ainda bastante habitáveis. Após ter examinado rapidamente aquela casa, cercada de sebes tanto do lado do pátio de entrada como do jardim, e que terminava sobre a ribeira por um terraço cheio de vasos de faiança, o doutor disse:

— Levrault-Levrault deve ter gasto bastante dinheiro aqui!

— Oh, uma quantia tão grande como seu tamanho! — respondeu Minoret-Levrault. — Ele gostava de flores, que tolice! “Que adianta isso?”, pergunta minha mulher. O senhor vê, um pintor de Paris veio para decorar o corredor com flores *a fresco*. Colocou em toda a parte vidros inteiros. Os tetos foram reformados com cornijas que custam seis francos o pé. Na sala de refeições, o assoalho é de parquet marchetado, uma loucura! A casa não vale, por isso, mais um *sou*.

— Pois bem, meu sobrinho, compre-a para mim. Avise-me qualquer coisa a respeito; aqui está o meu endereço. O resto é com o meu tabelião. Quem mora na frente? — perguntou, ao sair.

— Emigrados — respondeu o chefe da posta. — Um cavaleiro de Portenduère.

Uma vez comprada a casa, o ilustre doutor, em vez de ir morar nela, escreveu ao sobrinho mandando alugá-la. O palacete Levrault

foi habitado pelo tabelião de Nemours, que vendeu, então, seu cargo a Dionis, seu primeiro amanuense, e morreu dois anos depois, deixando sobre as costas do médico uma casa para alugar, no momento em que a sorte de Napoleão se decidia nas redondezas. Os herdeiros do doutor, mais ou menos engodados, haviam tomado seu desejo de retorno por uma fantasia de riqueza e desesperavam-se com a ideia de que ele tivesse em Paris afeições que o reteriam lá e lhes arrebatariam a herança. A mulher de Minoret-Levrault aproveitou essa ocasião para escrever ao doutor. O velho respondeu que logo que a paz fosse assinada, as estradas estivessem desembaraçadas de soldados e as comunicações restabelecidas, viria morar em Nemours. O dr. Minoret apareceu lá com dois clientes, o arquiteto dos hospitais e um estofador, que se encarregaram das reparações, dos arranjos interiores e do transporte do mobiliário. A sra. Minoret-Levrault ofereceu, como caseira, a cozinheira do velho tabelião falecido, que foi aceita. Quando os herdeiros souberam que seu tio ou tio-avô Minoret ia, positivamente, morar em Nemours, suas famílias, apesar dos acontecimentos políticos que então pesavam precisamente sobre o Gâtinais e a Brie, encheram-se de uma curiosidade devoradora, mas quase legítima. O tio era rico? Era econômico ou gastador? Deixaria uma bela fortuna ou não deixaria nada? Tinha rendas vitalícias? Tudo isso acabou por ser desvendado, mas com imenso trabalho e à força de espionagens subterrâneas. Após a morte de Úrsula Mirouët, sua esposa de 1789 a 1813, o doutor, nomeado médico consultor do imperador em 1805, devia ter ganho muito dinheiro, mas ninguém conhecia sua fortuna. Vivia modestamente, sem outras despesas além das de uma carruagem alugada por ano e de um suntuoso apartamento. Nunca dava recepções e quase sempre

jantava na cidade. Sua governanta, furiosa por não tê-lo acompanhado a Nemours, disse a Zélia Levrault, mulher do chefe da posta, que sabia que o doutor tinha catorze mil francos de renda em títulos do Estado. Ora, após vinte anos de exercício duma profissão que os títulos de diretor de hospital, médico do imperador e membro do Instituto tornavam tão lucrativa, esses catorze mil francos de renda, frutos de sucessivas aplicações de capital, acusavam, no máximo, cento e sessenta mil francos de economias! Para não ter poupado mais de oito mil francos por ano, o doutor devia ter tido muitos vícios ou virtudes a satisfazer. Mas nem a governanta nem Zélia, ninguém pôde descobrir a razão dessa exiguidade de fortuna. Minoret, cuja partida foi muito lamentada em seu bairro, era um dos homens mais filantropos de Paris e, como Larrey,[\[38\]](#) mantinha um profundo segredo sobre seus atos de beneficência. Os herdeiros viram chegar, então, com viva satisfação, o rico mobiliário e a numerosa biblioteca do tio, já oficial da Legião de Honra e nomeado pelo rei cavaleiro da Ordem de São Miguel, provavelmente devido a seu afastamento, que abria uma vaga para algum protegido. Mas quando o arquiteto, os pintores e os estofadores deixaram tudo arranjado da maneira mais confortável, o doutor não chegou. A sra. Minoret-Levrault, que vigiava o estofador e o arquiteto como se se tratasse de sua própria fortuna, soube, pela indiscrição dum rapaz enviado para pôr a biblioteca em ordem, que o doutor estava criando uma órfã chamada Úrsula. Essa notícia causou terríveis estragos na cidade de Nemours. Finalmente, em meados de janeiro de 1815, o velho chegou a sua casa e ali se instalou sorratamente, com uma menina de dez meses, acompanhada de uma ama.

— Úrsula não pode ser sua filha. Ele está com setenta e um anos!
— disseram os herdeiros alarmados.

— Seja ela o que for — disse a sra. Massin —, vai dar-nos muita atrapalhação!

O doutor recebeu muito friamente sua sobrinha-neta pelo lado materno, cujo marido acabara de comprar o cartório do Juizado de Paz e que foi a primeira que se arriscou a falar-lhe de sua situação difícil. Massin e a mulher não eram ricos. O pai de Massin, serralheiro em Montargis, obrigado a uma concordata com os credores, trabalhava aos sessenta e sete anos como um rapaz e não deixaria nada. O pai da sra. Massin, Levrault-Minoret, morrera havia pouco em Montereau, das consequências duma batalha, vendo sua herdade incendiada, os campos arruinados e o gado devorado.

— Não conseguiremos nada com teu tio-avô — disse Massin à mulher, já grávida do segundo filho.

O doutor deu-lhes, secretamente, dez mil francos, com os quais o escrivão do Juizado de Paz, amigo do tabelião e do meirinho de Nemours, se iniciou na agiotagem e tão bem embrulhou os camponeses da vizinhança que, agora, Goupil o sabia possuidor de oitenta mil francos de capital não revelado.

Quanto à outra sobrinha, o doutor conseguiu, graças às suas relações em Paris, a exatoria de Nemours para Crémière e forneceu a caução. Embora Minoret-Levrault não necessitasse de nada, Zélia, invejosa das liberalidades do tio para com as duas sobrinhas, apresentou-lhe o filho, de dez anos de idade, a quem ia enviar para um colégio de Paris, onde, disse ela, a educação é muito cara. Médico de Fontanes,[\[39\]](#) o doutor obteve uma meia bolsa no colégio Louis-le-Grand para seu sobrinho-neto, que foi matriculado no quarto ano.

Crémière, Massin e Minoret-Levrault, criaturas excessivamente vulgares, foram julgados sem apelação pelo doutor logo aos primeiros meses, durante os quais eles ensaiaram cercar menos o tio que a herança. As pessoas guiadas pelo instinto têm, em relação às pessoas guiadas pelas ideias, a desvantagem de serem logo descobertas: as inspirações do instinto são demasiado naturais e saltam muito aos olhos para não serem imediatamente percebidas; ao passo que, para serem notadas, as concepções do espírito exigem uma inteligência igual de parte a parte.

Após ter comprado o reconhecimento dos herdeiros e de lhes haver, de algum modo, fechado a boca, o astuto doutor pretextou ocupações, hábitos e os cuidados que exigia a pequena Úrsula para não os receber, sem, todavia, fechar-lhes a casa. Ele gostava de jantar só, deitava-se e levantava-se tarde, viera para a cidade natal em busca de repouso e de solidão. Esses caprichos de um ancião pareceram muito naturais, e os herdeiros contentaram-se em fazer-lhe, nos domingos, entre uma e quatro horas, visitas semanais, às quais ele tentou pôr fim, dizendo-lhes:

— Não me procurem senão quando tiverem necessidade de mim.

O doutor, sem se recusar a atender os casos graves, sobretudo de indigentes, não quis ser médico do pequeno hospital de Nemours e declarou que não exercia mais a profissão.

— Já matei gente demais — disse, rindo, ao padre Chaperon, que, sabendo-o caridoso, pleiteava pelos pobres.

“É um perfeito maníaco!” Essa frase, pronunciada sobre o dr. Minoret, foi a inocente vingança dos amores-próprios feridos, pois o doutor formou em torno de si uma sociedade de personagens que merecem ser postas em confronto com os herdeiros. Ora, esses

burgueses, que se julgavam dignos de engrossar o círculo de relações dum cavaleiro da Ordem de São Miguel, conservaram contra o doutor e seus privilegiados um germe de inveja que, infelizmente, produziu seus efeitos.

III – OS AMIGOS DO DOUTOR

Por uma singularidade que explicaria o provérbio “Os extremos se tocam”, o doutor materialista e o cura de Nemours logo se fizeram amigos. O ancião gostava muito de gamão, jogo favorito da gente de igreja, e o padre Chaperon era da mesma força do médico. O jogo constituiu, pois, um primeiro laço entre eles. Além disso, Minoret era caridoso e o cura de Nemours era o Fénelon[40] do Gâtinais. Tinham, ambos, uma cultura variada. O homem de Deus era, pois, o único que em Nemours podia compreender o ateu. Para poderem discutir, dois homens devem, antes de tudo, compreender-se. Que prazer se pode ter em dirigir frases picantes a quem não as entende? O médico e o padre tinham muito bom gosto, haviam visto demasiadamente a alta sociedade para não praticarem seus preceitos. Puderam, assim, travar essa pequena guerra tão necessária à palestra. Cada qual odiava as opiniões do outro, mas lhe estimava o carácter. Se semelhantes contrastes, se tais simpatias não constituem os elementos da vida íntima, não se deveria desesperar da sociedade que, sobretudo na França, exige um antagonismo qualquer? É do choque dos caracteres, e não da luta das ideias, que nascem as antipatias. O padre Chaperon foi, pois, o primeiro amigo do doutor

em Nemours. Esse eclesiástico, de sessenta anos de idade, era cura de Nemours desde o restabelecimento do culto católico.

Por afeição a seu rebanho, recusara o vicariato da diocese. Se os indiferentes em matéria religiosa lhe eram gratos por isso, os fiéis o amavam ainda mais. Assim, venerado por suas ovelhas, estimado pela população, o cura praticava o bem sem indagar das opiniões religiosas dos necessitados. Seu presbitério, guarnecido apenas do mobiliário indispensável às mais estritas necessidades da vida, era frio e despido como a habitação dum avarento. A avareza e a caridade denunciavam-se por resultados semelhantes; não acumula a caridade no céu o tesouro que o avarento acumula sobre a terra? O padre Chaperon discutia com a criada sobre a despesa com mais rigor que Gobseck[41] com a sua, se é que algum dia esse famoso judeu teve criada. O bom padre vendia muitas vezes as fivelas de prata dos sapatos e dos calções para dar seu valor aos pobres que o surpreendiam sem dinheiro. Ao vê-lo sair da igreja com os calções amarrados com cordão, os devotos da cidade iam buscar as fivelas do cura na casa do relojoeiro-joalheiro de Nemours e as devolviam ao pastor, repreendendo-o. Ele nunca comprava roupa branca nem batina e usava suas vestes até que se tornassem inconvenientes. Sua roupa branca, espessa devido aos remendos, marcava-lhe a pele como um cilício. A sra. de Portenduère ou outras boas almas combinavam, então, com a governanta, para substituir, durante o sono do cura, as roupas velhas por novas, e ele não percebia logo a troca. Fazia as refeições em casa em prato de estanho e com talheres de ferro batido. Quando recebia os vigários e os curas nos dias de solenidade, o que constitui uma carga para os curas distritais, pedia emprestadas a prataria e a roupa de mesa de seu amigo ateu.

— Minha prataria é a sua salvação — dizia, então, o doutor.

Essas belas ações, cedo ou tarde descobertas e sempre acompanhadas de encorajamentos espirituais, realizavam-se com uma simplicidade sublime. Sua vida era tanto mais meritória porquanto o padre Chaperon possuía uma erudição tão vasta quanto variada e preciosas faculdades. Nele, a fineza e a graça, inseparáveis companheiras da simplicidade, realçavam uma elocução digna dum prelado. Suas maneiras, seu caráter e seus costumes davam a seu trato o delicado sabor de tudo o que, na inteligência, é ao mesmo tempo espiritual e cândido. Amigo de gracejos, nunca se mostrava como padre num salão. Até a chegada do dr. Minoret, o bom padre conservou sua cultura guardada, sem pesar, mas provavelmente lhe ficou grato pela oportunidade de utilizá-la. Possuidor de uma belíssima biblioteca e duas mil libras de renda quando chegou a Nemours, o cura não possuía, em 1829, mais que as rendas do curato, quase inteiramente distribuídas todos os anos. Dotado de grande bom senso nos assuntos delicados ou nos infortúnios, mais de uma pessoa que não ia à igreja procurar consolo ia ao presbitério pedir conselho. Para terminar este retrato moral, bastará uma pequena anedota. Alguns camponeses, raramente, é verdade, mas, enfim, más pessoas, diziam-se perseguidos ou se faziam perseguir ficticiamente para excitar a caridade do padre Chaperon. Enganavam as mulheres, as quais, vendo sua casa ameaçada de expropriação e suas vacas sequestradas, enganavam por sua vez, com suas lágrimas inocentes, o pobre cura, que sempre encontrava um meio de arranjar-lhes os setecentos ou oitocentos francos pedidos, com os quais o camponês comprava um pedaço de terra. Quando pessoas piedosas, os fabriqueiros, demonstraram a fraude ao padre

Chaperon, pedindo-lhe que os consultasse para não ser mais vítima da cobiça, ele respondeu:

— É possível que essa gente viesse a cometer algum ato condenável para conseguir sua jeira de terra. Impedir o mal não é fazer o bem?

Gostareis certamente de encontrar aqui um esboço dessa figura, notável pelo fato de que as ciências e as letras haviam passado por aquele coração e aquele forte cérebro sem nada corromper neles. Aos sessenta anos, o padre Chaperon tinha os cabelos inteiramente brancos, tão vivamente sentia as desgraças alheias e tanto os acontecimentos da Revolução haviam agido sobre ele. Duas vezes encarcerado por duas recusas de juramento, duas vezes, segundo sua expressão, havia pronunciado seu *In manus*.^[42] Era de estatura mediana, nem gordo nem magro. O rosto, descorado, muito enrugado, muito cavo, atraía o olhar desde o primeiro momento pela profunda tranquilidade das linhas e pela pureza dos contornos, que pareciam orlados de luz. O rosto de um homem casto tem algo de radioso. Dois olhos castanhos, de pupilas brilhantes, animavam aquela fisionomia irregular encimada por uma larga fronte. Seu olhar exercia um domínio inexplicável, por uma doçura que não excluía a força. As arcadas dos olhos formavam como que duas abóbadas sombreadas por grossas sobrancelhas que começavam a branquear e que não amedrontavam. Como já perdera muitos de seus dentes, a boca estava deformada e as faces eram reentrantes. Mas essa destruição não era privada de certa graça, e aquelas rugas cheias de amenidade pareciam sorrir. Sem ser gotoso, tinha os pés tão sensíveis, andava com tamanha dificuldade, que usava sapatos de velino de Orléans em qualquer estação do ano. Considerava a moda

das calças pouco convenientes para um padre e vestia sempre grossas meias de lã preta tecidas pela governanta e calções também de lã. Nunca saía de batina, mas de sobrecasaca marrom e conservava o tricórnio corajosamente usado nos piores dias. Esse nobre e belo ancião, cuja fisionomia estava sempre embelezada pela serenidade de uma alma sem mácula, irá exercer sobre as coisas e os homens desta história tamanha influência que é preciso, antes de tudo, remontar à origem de sua autoridade.

Minoret recebia três jornais: um liberal, um ministerial e um ultrarrealista, algumas publicações periódicas e revistas científicas, cujas coleções aumentavam sua biblioteca. Os jornais, o enciclopedista e os livros foram um atrativo para um antigo capitão do regimento Royal-Suédois, chamado sr. de Jordy, fidalgo voltaireano e solteirão que vivia de mil e seiscentos francos de pensão e renda vitalícia. Após ter lido, durante alguns dias, as *gazetas* por intermédio do cura, o sr. de Jordy achou conveniente ir agradecer ao doutor. Desde a primeira visita, o velho capitão, antigo professor da Escola Militar, conquistou as boas graças do velho médico, que lhe pagou a visita com solicitude. O sr. de Jordy, homenzinho seco e magro, mas atormentado pelo sangue, embora tivesse o rosto muito pálido, atraía desde logo a atenção por sua bela fronte à Carlos xii,^[43] acima da qual mantinha os cabelos cortados rente como os do rei soldado. Seus olhos azuis, que fariam dizer “O amor passou por ali”, mas profundamente entristecidos, interessavam ao primeiro olhar, onde se entreviam recordações sobre as quais ele guardava tão profundo segredo que jamais seus amigos surpreenderam qualquer alusão à sua vida passada, nem mesmo uma dessas exclamações arrancadas por uma semelhança de

catástrofe.[44] Ocultava o doloroso mistério de seu passado sob uma alegria filosófica. Mas, quando se acreditava só, seus gestos, entorpecidos por uma morosidade menos senil que calculada, denunciavam um pensamento penoso e constante. Por isso o padre Chaperon o havia cognominado “o cristão” sem o saber. Sempre vestido de azul, seu porte um pouco rijo e seu vestuário traíam os antigos costumes da vida militar. Sua voz doce e harmoniosa penetrava até a alma. Suas belas mãos, a forma do rosto que fazia lembrar o do conde d’Artois, mostrando quanto havia sido encantador na mocidade, tornavam o mistério de sua vida ainda mais impenetrável. Perguntava-se involuntariamente que desventura podia ter atingido a beleza, a coragem, a graça, a cultura e as mais preciosas qualidades de coração que outrora estiveram reunidas em sua pessoa. O sr. de Jordy estremecia sempre ao nome de Robespierre. Usava rapé em excesso, e, coisa estranha, o havia abandonado em atenção à pequena Úrsula, que manifestara, devido a esse hábito, repugnância por ele. Desde o momento em que viu a menina, o capitão fixou nela longos olhares quase apaixonados. Gostava tanto de seus brinquedos, interessava-se tanto por ela, que essa afeição tornou ainda mais estreitos os laços que o uniam ao doutor, que nunca ousou perguntar àquele solteirão: “Você também perdeu filhos?”. Há pessoas assim, boas e pacientes como ele, que passam pela vida com um pensamento amargo no coração e ao mesmo tempo um sorriso terno e doloroso nos lábios, levando consigo a chave do enigma sem deixar que o descubram, por altivez, por desdém, por vingança talvez, não tendo senão Deus como confidente e consolador. O sr. de Jordy, que viera para Nemours, como o doutor, a fim de morrer em paz, não visitava ninguém mais

além do cura, sempre às ordens de seus paroquianos, e da sra. de Portenduère, que se deitava às nove horas. Enfadado, acabara por meter-se na cama muito cedo, apesar dos espinhos que enchiam seu travesseiro. Foi, assim, uma verdadeira sorte, tanto para o médico como para o capitão, encontrar um homem que tinha frequentado a mesma sociedade, que falava a mesma língua, com quem se podia trocar ideias e que se deitava tarde. Quando o sr. de Jordy, o padre Chaperon e Minoret se encontraram pela primeira vez e ficaram conversando até tarde, acharam tamanho prazer nisso que o padre e o militar voltaram todas as noites às nove horas, momento em que, já estando Úrsula deitada, o velho se achava livre. E ficavam os três acordados até meia-noite ou uma hora.

Logo depois esse trio transformou-se num quarteto. Homem conhecedor da vida e que devia à prática dos negócios a indulgência, a sabedoria, o cabedal de observações, a sagacidade, a palestra fácil que o militar, o médico e o cura deviam à prática das almas, das doenças e da instrução, o juiz de paz pressentiu os prazeres dessas reuniões e procurou a sociedade do doutor. Antes de ser juiz de paz em Nemours, o sr. Bongrand fora, durante dez anos, solicitador[45] em Melun, onde ele próprio defendia causas perante os tribunais, segundo o costume das cidades onde não há advogados. Tendo enviuvado aos quarenta e cinco anos, sentia-se ainda muito ativo para nada fazer. Assim, requereu o Juizado de Paz de Nemours, que vagara alguns meses antes da chegada do doutor. O ministro da Justiça gosta de encontrar homens com prática, e sobretudo sem preocupações, para exercer essa importante magistratura. O sr. Bongrand vivia modestamente em Nemours com os mil e quinhentos francos do cargo e podia, assim, consagrar suas rendas ao filho, que

estudava Direito em Paris ao mesmo tempo que praticava a técnica do processo com o famoso solicitador Derville.[46] O tio Bongrand parecia um antigo chefe de divisão reformado. Tinha esse tipo de rosto, menos pálido que empalidecido, onde os negócios, as decepções e os dissabores deixaram suas marcas, enrugado tanto pela reflexão como pelas contínuas contrações habituais nos homens obrigados a não dizer tudo; mas, às vezes, ele se iluminava por um desses sorrisos peculiares aos homens que alternadamente acreditam em tudo e descreem de tudo, habituados a tudo ver e tudo ouvir sem surpresa, a penetrar nos abismos que o interesse cava no fundo dos corações. Sob seus cabelos menos brancos que descorados, assentados em ondas sobre a cabeça, mostrava uma fronte sagaz, cuja cor amarela se harmonizava com os fios de sua cabeleira rala. Seu rosto encarquilhado dava-lhe uma semelhança ainda maior com uma raposa devido ao nariz curto e pontudo. De sua boca, rasgada como a de todos os grandes conversadores, esguichavam faíscas brancas que tornavam sua palestra tão chuvosa que Goupil dizia com maldade: “É preciso um guarda-chuva para escutá-lo”, ou ainda: “Chove sentenças no Juizado de Paz”. Seus olhos pareciam espertos atrás dos óculos. Mas, quando os tirava, seu olhar amortecido parecia ingênuo. Embora fosse alegre, quase jovial até, assumia um pouco excessivamente, por sua atitude, a expressão dum homem importante. Tinha quase sempre as mãos nos bolsos das calças, de onde não as tirava senão para ajeitar os óculos com um gesto quase zombeteiro, que anunciava uma observação fina ou algum argumento vitorioso. Seus gestos, sua loquacidade, suas inocentes pretensões denunciavam o antigo solicitador de província. Mas esses leves defeitos não existiam senão à superfície. Ele os resgatava por

uma bonomia singular que um moralista preciso denominaria indulgência natural à superioridade. Se tinha um pouco a aparência de raposa, passava, também, por profundamente astuto, sem ser desonesto. Sua astúcia era a manifestação de sua perspicácia. Mas não chamam de astutas as pessoas que preveem um resultado e se preservam das ciladas que armam contra elas? O juiz de paz gostava de uíste, jogo que o capitão e o doutor conheciam e que o cura aprendeu em pouco tempo.

Essa pequena sociedade fez para si um oásis do salão de Minoret. O médico de Nemours, que não era desprovido de cultura e trato social e que honrava em Minoret uma das ilustrações da medicina, foi lá algumas vezes. Mas suas ocupações, suas fadigas, que o obrigavam a deitar-se cedo para levantar-se cedo, o impediram de ser assíduo como os três amigos do doutor. A reunião dessas cinco pessoas superiores, as únicas que, em Nemours, possuíam conhecimentos suficientemente universais para se compreenderem, explica a aversão do velho Minoret a seus herdeiros. Se devia deixar-lhes sua fortuna, não podia admiti-los em sua sociedade. Ou porque o chefe da posta, o escrivão e o exator tivessem compreendido essa nuance ou porque se tranquilizassem com a lealdade e os benefícios recebidos do tio, eles cessaram, com grande alegria para o ancião, de visitá-lo. Assim, os quatro velhos jogadores de uíste e gamão, sete ou oito meses após a instalação do doutor em Nemours, constituíam uma sociedade compacta, fechada, e que foi, para cada um deles, como uma fraternidade no outono da vida, inesperada, e cujas doçuras não foram por isso menos saboreadas. Essa família de espíritos escolhidos teve, em Úrsula, uma filha que cada um adotou segundo seus pendores: o cura pensava na alma, o juiz de paz se fez

seu curador, o militar prometeu tornar-se seu preceptor; e quanto a Minoret, era ao mesmo tempo pai, mãe e médico.

Quando se sentiu aclimatado, o velho adotou seus hábitos e regulou sua vida como ela se regula no fundo das províncias. Por causa de Úrsula, não recebia a ninguém pela manhã nem dava jantares. Os amigos podiam chegar à sua casa pelas seis horas da tarde e lá ficar até a meia-noite. Os que chegavam primeiro encontravam os jornais sobre a mesa do salão e os liam enquanto esperavam os outros, ou, às vezes, iam ao encontro do doutor, se este andasse passeando. Esses hábitos tranquilos não representavam apenas uma necessidade da velhice, mas, antes, um sensato e profundo cálculo do homem do mundo para não deixar que sua felicidade fosse perturbada pela inquieta curiosidade dos herdeiros nem pelos falatórios de aldeia. Não queria conceder nada a essa deusa volúvel, a opinião pública, cuja tirania, uma das desgraças da França, ia em breve estabelecer-se e fazer de nosso país uma única província. Assim, logo que a menina foi desmamada e começou a andar, ele despediu a cozinheira que sua sobrinha, a sra. Minoret-Levrault, lhe enviara, ao descobrir que ela informava a mulher do chefe da posta de tudo o que se passava em sua casa.

A ama da pequena Úrsula, viúva de um pobre operário sem outro nome além do de batismo, e que viera de Bougival, perdera o filho de seis meses, quando o doutor, que a conhecia como criatura boa e honesta, a tomou como ama, penalizado de sua pobreza. Sem fortuna, chegada da Bresse onde sua família estava na miséria, Antonieta Patris, viúva de Pedro de tal, também chamado Pedro de Bougival, prendeu-se naturalmente a Úrsula, como se prendem as amas de leite às crianças que amamentam quando também cuidam

delas. A essa cega afeição materna veio juntar-se a dedicação doméstica. Percebendo as intenções do doutor, a Bougival aprendeu às escondidas a cozinhar, tornou-se asseada, ativa, e adaptou-se aos hábitos do velho. Encheu-se de cuidados minuciosos pelos móveis e quartos. Numa palavra, fez-se infatigável. Não somente o doutor queria que sua vida privada fosse murada, mas tinha ainda razões para ocultar aos herdeiros o conhecimento de seus negócios. Depois do segundo ano de sua instalação em Nemours, ele não teve, pois, outra criada além da Bougival, em cuja discrição depositava absoluta confiança, e disfarçou os verdadeiros motivos disso com o todo-poderoso pretexto de economia. Com grande alegria dos herdeiros, fez-se avarento. Sem insinuação alguma, e apenas pela influência de sua solicitude e sua dedicação, a Bougival, que tinha quarenta e três anos no momento em que este drama começa, era a governanta do doutor e de sua protegida, o eixo sobre o qual tudo girava na casa, a mulher de confiança, enfim. Chamavam-na Bougival pela reconhecida impossibilidade de aplicar à sua pessoa o prenome de Antonieta, pois os nomes e os tipos obedecem às leis da harmonia.

A avareza do doutor não foi um simples vício, mas teve um objetivo. A partir de 1817, ele suprimiu dois jornais e suspendeu as assinaturas dos periódicos. Sua despesa anual, que toda Nemours pôde avaliar, não ia além de mil e oitocentos francos. Como todos os anciãos, suas necessidades de roupa branca, calçados e trajes eram quase nulas. De seis em seis meses fazia uma viagem a Paris, sem dúvida para receber e colocar, pessoalmente, seus rendimentos. Em quinze anos, não pronunciou uma só frase com referência a seus negócios. Sua confiança em Bongrand só se manifestou muito tarde. Somente após a Revolução de 1830 foi que se abriu com ele

relativamente a seus projetos. Tais eram, na vida do doutor, as únicas coisas conhecidas pela burguesia e pelos herdeiros. Quanto às suas opiniões políticas, como sua casa não pagava mais de cem francos de impostos, ele não se envolvia em nada e recusava igualmente as subscrições realistas e as liberais. Seu conhecido horror pela *padrecada* e seu deísmo gostavam tão pouco de manifestações que ele pôs no olho da rua um caixeiro-viajante enviado por seu sobrinho-neto Desidério Minoret-Levrault para oferecer-lhe um *Cura Meslier* [47] e os *Discursos do general Foy*. [48] A tolerância assim compreendida pareceu inexplicável aos liberais de Nemours.

Os três herdeiros colaterais do doutor, Minoret-Levrault e a mulher, o sr. e a sra. Massin-Levrault Júnior e o sr. e sra. Crémière-Crémière — que chamaremos simplesmente Crémière, Massin e Minoret, pois essas distinções entre homônimos não são necessárias senão no Gâtinais —, essas três famílias, demasiado ocupadas para criarem um outro centro, encontravam-se como a gente se encontra nas pequenas cidades. O chefe da posta dava um grande jantar no dia do aniversário do filho, um baile no carnaval e outro no aniversário de seu casamento, e convidava, então, toda a burguesia de Nemours. O exator reunia, também, duas vezes por ano, os parentes e os amigos. O escrivão do Juizado de Paz, muito pobre, dizia ele, para atirar-se a tais suntuosidades, vivia modestamente numa casa situada no meio da Grand'rue e uma parte da qual, o pavimento térreo, estava alugada à sua irmã, agente dos Correios, outro benefício do doutor. Não obstante, durante o ano, esses três herdeiros encontravam-se na cidade, a passeio, no mercado pela manhã e nas portas de suas casas, ou, no domingo, após a missa, na

praça, como acontecia nesse momento. De modo que se viam todos os dias. Ora, havia três anos, principalmente, a idade do doutor, sua avareza e sua fortuna autorizavam alusões ou conversas diretas a propósito da herança, que acabaram por passar de boca em boca, tornando igualmente famosos o doutor e seus herdeiros. Nos últimos seis meses, não decorria uma semana sem que os amigos ou os vizinhos dos herdeiros Minoret lhes falassem com uma espécie de inveja do *dia em que, fechando-se os olhos do bom velho, seus cofres se abriam*.

— Não adianta o dr. Minoret ser médico e pactuar com a morte. Só Deus é eterno — dizia um.

— Ora! Ele enterrará todos nós. Tem mais saúde do que nós — respondia hipocritamente o herdeiro.

— Enfim, se não forem vocês, de qualquer forma serão seus filhos que herdarão, a menos que essa pequena Úrsula...

— Ele não lhe deixará tudo.

Úrsula, segundo as previsões da sra. Massin, era o tormento dos herdeiros, sua espada de Dâmocles, e a frase “Quem estiver vivo verá!”, conclusão favorita da sra. Crémière, dizia suficientemente que lhe desejavam mais mal do que bem.

O exator e o escrivão, pobres em comparação com o chefe da posta, tinham avaliado muitas vezes, em palestra, a herança do doutor. Passeando ao longo do canal ou pela estrada, se viam aproximar-se o tio, contemplavam-no com uma expressão de compaixão.

— Com certeza preparou para si algum elixir da longa vida — dizia um.

— Fez um pacto com o diabo — respondia o outro.

— Ele devia favorecer-nos, pois o grande Minoret não precisa de nada.

— Ah, Minoret tem um filho que lhe comerá bastante dinheiro!

— Em quanto avalia a fortuna do doutor? — perguntava o escrivão ao financista.

— Ao fim de doze anos, doze mil francos economizados anualmente dão cento e quarenta e quatro mil francos, e os juros compostos produzem pelo menos cem mil francos. Mas como, certamente, a conselho de seu tabelião em Paris, ele deve ter feito alguns bons negócios, e como, até 1822, deve ter colocado dinheiro a oito e a sete e meio em títulos do Estado, o velho reúne agora cerca de quatrocentos mil francos, sem contar suas catorze mil libras de renda a cinco por cento, atualmente a cento e dezesseis. Se ele morresse amanhã sem favorecer Úrsula, nos deixaria, portanto, setecentos a oitocentos mil francos, além da casa e da mobília.

— Ótimo! Cem mil a Minoret, cem mil à menina e trezentos mil para cada um de nós: eis o que seria justo.

— Ah, isso nos cairia como uma luva!

— Se ele fizesse isso — exclamava Massin —, eu venderia meu cartório, compraria uma bela propriedade, trataria de fazer-me juiz em Fontainebleau e acabaria deputado.

— E eu compraria um cargo de agente de câmbio — dizia o exator.

— Infelizmente, essa menina que ele protege e o cura o sitiaram tão bem que nada podemos sobre ele.

— Estamos, no entanto, certos de que ele não deixará nada para a Igreja.

Todos podem, agora, imaginar em que transes estavam os herdeiros ao verem o tio ir à missa. Sempre se tem inteligência

suficiente para compreender um prejuízo nos interesses. O interesse constitui a inteligência do camponês, do mesmo modo que a do diplomata, e, nesse terreno, o mais ingênuo na aparência é talvez o mais forte. Assim, esse terrível raciocínio: “Se a pequena Úrsula tem o poder de lançar seu protetor no grêmio da Igreja, também terá o de fazê-lo dar-lhe a herança”, brilhava em letras de fogo no cérebro do mais obtuso dos herdeiros. O chefe da posta esquecera o enigma contido na carta do filho para acorrer à praça, porque, se o doutor estava na igreja lendo o livro de orações, tratava-se de duzentos e cinquenta mil francos a perder. Convenhamos que o temor dos herdeiros estava ligado aos mais fortes e mais legítimos dos sentimentos sociais, os interesses de família.

IV – ZÉLIA

— Então! Sr. Minoret — disse o prefeito (antigo moleiro tornado realista, um Levrault-Crémière) —, quando o diabo fica velho torna-se ermitão. Seu tio, segundo dizem, é dos nossos.

— Antes tarde do que nunca, meu primo — respondeu o chefe da posta, tentando dissimular sua contrariedade.

— Aquele há de rir se formos logrados! É capaz de casar o filho com essa danada moça, que o diabo enrosque na cauda! — exclamou Crémière, cerrando os punhos e mostrando o prefeito sob o pórtico.

— Com quem está zangado o tio Crémière? — perguntou o açougueiro de Nemours, o primogênito dos Levrault-Levrault. — Não está contente ao ver o tio tomar o caminho do paraíso?

— Quem acreditaria nisso? — disse o escrivão.

— Ah! Nunca se deve dizer: “Dessa água não beberei” — respondeu o tabelião, que, ao ver de longe o grupo, se separou da mulher, deixando-a ir sozinha à igreja.

— Vejamos, sr. Dionis — disse Crémière, tomando o tabelião pelo braço —, que nos aconselha fazer em tal circunstância?

— Aconselho-os — disse o tabelião, dirigindo-se aos herdeiros — a se deitarem e levantarem às horas habituais; a comer sua sopa sem deixar que ela esfrie; a meter os pés nos sapatos, os chapéus sobre as cabeças; enfim, a continuar seu gênero de vida absolutamente *como se nada houvesse*.

— O senhor não é nada consolador — disse-lhe Massin, dirigindo-lhe um olhar de comparsa.

Apesar de sua pequena estatura e sua gordura, apesar de seu rosto espesso e reforçado, Crémière-Dionis era fino como uma seda. Para fazer fortuna, associara-se secretamente com Massin, a quem, sem dúvida, indicava os camponeses em apuros e os pedaços de terra a devorar. Aqueles dois homens escolhiam, assim, os negócios, não deixavam escapar os bons e repartiam os benefícios dessa usura hipotecária que retarda, sem impedi-la, a perda das terras pelos camponeses. Assim, menos por Minoret, o chefe da posta, e Crémière, o exator, do que por seu amigo escrivão, Dionis tinha um grande interesse na herança do doutor. A parte de Massin devia, cedo ou tarde, aumentar os capitais com que os dois sócios operavam no distrito.

— Trataremos de saber pelo sr. Bongrand de onde parte esse golpe — respondeu o tabelião em voz baixa, advertindo Massin a conservar-se calado.

— Que fazes aí, Minoret? — exclamou subitamente uma mulherzinha que irrompeu no grupo, no centro do qual o chefe da posta parecia uma torre. — Não sabes onde está Desidério e ficas aí plantado sobre as pernas, a tagarelar, quando eu julgava que andasses a cavalo pela estrada! Bom dia, senhores e senhoras.

Aquela mulherzinha magra, pálida e loura, com um vestido de indiana branca com grandes flores cor de chocolate, um gorro guarnecido de renda e um pequeno xale verde sobre as espáduas chatas era a esposa do chefe da posta, que fazia tremer os mais rudes postilhões, os criados e os carreteiros; que dirigia a caixa e os livros e governava a casa com o dedo e o olho, segundo a expressão popular dos vizinhos. Como as verdadeiras donas de casa, não usava joias. Não dava, segundo ela mesma dizia, para lantejoulas e penduricalhos. Gostava do que era sólido e, apesar de domingo, trazia seu avental preto, no bolso do qual retinha um molho de chaves. Sua voz esganiçada rasgava os tímpanos. Apesar do azul terno dos olhos, seu olhar duro oferecia uma visível harmonia com os lábios delgados de uma boca apenada, com uma testa alta, arqueada, muito imperiosa. Vivo era o olhar, mais vivos ainda eram o gesto e a palavra. “Zélia, obrigada a ter vontade por dois, tivera-a sempre por três”, dizia Goupil, comentando os sucessivos reinados de três jovens postilhões, cuidadosos no trajar, aos quais Zélia dera os meios de se estabelecerem, cada um após sete anos de serviço. O malicioso amanuense chamava-os Postilhão i, Postilhão ii e Postilhão iii. Mas a diminuta influência desses jovens na casa e sua perfeita obediência provavam que Zélia se havia apenas interessado por bons rapazes.

— Certamente! Zélia gosta de zelo — respondia o amanuense aos que lhe faziam tais observações.

Essa maledicência era pouco verossímil. Desde o nascimento do filho, amamentado por ela sem que se pudesse perceber por onde, a mulher do chefe da posta não pensou senão em aumentar sua fortuna e dedicou-se sem descanso à direção de seu imenso estabelecimento. Furtar um feixe de palha ou alguns alqueires de aveia, surpreender Zélia nas contas mais complicadas era coisa impossível, embora ela escrevesse como um gato e não conhecesse de aritmética mais que a adição e a subtração. Não passeava senão para ir medir seu feno, seu pasto e sua aveia. Depois, mandava o marido assistir à colheita e os postilhões fiscalizar o enfeixamento, dizendo-lhes, aproximadamente, a quantidade que cada plantação devia dar. Embora ela fosse a alma daquele grande corpo chamado Minoret-Levrault e o conduzisse pela ponta do nariz tão estupidamente arrebitado, experimentava os tranSES que, com maior ou menor intensidade, agitam sempre os domadores de feras. Assim, encolerizava-se constantemente com ele, e os postilhões sabiam, pelos ralhos de Minoret, quando este havia sido repreendido pela mulher, pois a cólera ricochetava sobre eles. A Minoret era, além disso, tão hábil quanto interesseira. Por toda a cidade a frase “Que seria de Minoret sem a mulher?” era repetida em mais de uma casa.

— Quando souberes o que nos sucede — respondeu o chefe da posta —, tu mesma ficarás fora dos eixos.

— Então? Que é?

— Úrsula levou o dr. Minoret à missa.

As pupilas de Zélia Levrault dilataram-se. Ficou, um momento, amarela de cólera e depois disse: “Quero ver para crer!”, e correu para a igreja. A missa estava na elevação. Favorecida pelo recolhimento geral, a Minoret pôde examinar uma por uma as filas

de cadeiras e bancos, correndo o olhar ao longo dos oratórios até o lugar de Úrsula, junto a quem percebeu o ancião, com a cabeça descoberta.

Recordando as figuras de Barbé-Marbois,[49] de Boissy d'Anglas, [50] de Morellet, de Helvétius, de Frederico, o Grande, tereis logo uma imagem exata da cabeça do dr. Minoret, cuja vigorosa velhice se assemelhava à daqueles personagens célebres. Tais cabeças, como se fossem batidas no mesmo cunho, pois se prestam a figurar em medalha, mostram um perfil severo e quase puritano, uma coloração fria, uma razão matemática, uma certa estreiteza no rosto quase apenado, olhos penetrantes, bocas austeras, qualquer coisa de aristocrático, menos no sentimento que no hábito, mais nas ideias que no caráter. Todos eles têm a fronte alta, mas fugidia na parte superior, o que denuncia uma inclinação para o materialismo. Encontrareis esses principais caracteres de cabeça e essas expressões de rosto nos retratos de todos os enciclopedistas, dos oradores da Gironda e dos homens daquele tempo em que as crenças religiosas eram quase nulas, que se diziam deístas e eram ateus. O deísta é um ateu beneficiário. O velho Minoret mostrava, pois, uma fronte desse gênero, mas sulcada de rugas, e que assumia uma espécie de ingenuidade pela maneira como seus cabelos prateados, puxados para trás como os duma mulher, se anelavam em leves tufos sobre sua casaca preta. Obstinava-se em usar, como na mocidade, meias pretas de seda, sapatos com fivelas de ouro, calções de seda, colete branco atravessado pelo cordão negro e casaca preta adornada com a roseta vermelha. Aquela cabeça tão característica, cuja fria alvura era suavizada por tons amarelados devidos à velhice, recebia em cheio a luz de uma janela. No momento em que a mulher do chefe da posta

chegou, o doutor tinha os olhos azuis, de pálpebras rosadas, erguidos para o altar; uma nova convicção dava-lhe uma expressão nova. Suas lunetas assinalavam, no livro de orações, o trecho em que havia interrompido as preces. Com os braços cruzados sobre o peito, aquele ancião seco, de pé numa atitude que anunciava a onipotência de suas faculdades e alguma coisa de inabalável em sua fé, não cessou de contemplar o altar com um olhar humilde, que rejuvenescia a esperança, sem querer olhar para a mulher de seu sobrinho, plantada quase diante dele como que para censurar-lhe sua volta a Deus.

Ao ver todas as cabeças voltadas para ela, Zélia apressou-se a sair e voltou para a praça menos precipitadamente do que entrara na igreja.

Ela esperava aquela herança e a herança se tornava problemática. Encontrou o escrivão, o exator e suas esposas ainda mais consternados do que antes. Goupil divertira-se em atormentá-los.

— Não é na praça e diante de toda a cidade que podemos falar de nossos negócios — disse a mulher do chefe da posta. — Venham à minha casa. O senhor não será demais, sr. Dionis — disse ao tabelião.

Assim, a deserdação provável de Massin, dos Crémière e do chefe da posta ia constituir a novidade da região.

No momento em que os herdeiros e o tabelião iam atravessar a praça para se dirigirem à posta, o ruído da diligência chegando ao escritório, que fica a alguns passos da igreja, fez enorme estrépito.

— Repara! Fiz como tu, Minoret, esqueci Desidério — disse Zélia. — Vamos ao seu desembarque. Ele é quase advogado e é um pouco de seus negócios que se trata.

A chegada de uma diligência é sempre uma distração. Mas, quando ela está atrasada, esperam-se acontecimentos. Assim, a multidão correu para diante da Ducler.

— Lá está Desidério! — foi o grito geral.

Ao mesmo tempo tirano e animador de Nemours, Desidério abalava sempre a cidade com suas aparições. Amado pela mocidade, com quem se mostrava generoso, estimulava-a com sua presença, mas suas diversões eram tão temidas que mais de uma família se sentiu feliz em vê-lo realizar seus estudos em Paris. Desidério Minoret, rapaz magro, franzino e louro como a mãe, de quem tinha os olhos azuis e a tez pálida, sorriu pela portinhola para a multidão e desceu agilmente para beijar a mãe. Um rápido esboço desse rapaz demonstrará o quanto Zélia se sentiu lisonjeada ao vê-lo.

O estudante usava sapatos finos, calças brancas de tecido inglês com presilhas de couro envernizado, uma elegante gravata, ainda mais elegantemente atada, um belo colete à fantasia e, no bolso do colete, um relógio chato com a corrente pendente, e, por fim, uma sobrecasaca curta de tecido azul e um chapéu cinza. Mas o arrivista se traía nele pelos botões de ouro do colete e pelo anel enfiado sobre a luva de couro de cabrito de cor violácea. Tinha ainda uma bengala de castão de ouro lavrado.

— Vais perder o relógio — disse-lhe a mãe ao beijá-lo.

— Está assim de propósito — respondeu, deixando-se abraçar pelo pai.

— Que tal, primo, sairás advogado logo? — disse Massin.

— Prestarei compromisso quando as aulas se reabrirem — disse ele, respondendo às saudações amigas que partiam da multidão.

— Então vamos rir? — perguntou Goupil, tomando-lhe a mão.

— Ah, estás aí, velho macaco! — respondeu Desidério.

— Ainda tomas a licença como tese mesmo depois da tese de licenciamento — replicou o amanuense, humilhado de ter sido tratado tão familiarmente em presença de tanta gente.

— Ouviste? Está dizendo-lhe que não se entese — comentou a sra. Crémière ao marido.

— Sabes tudo o que eu trouxe, Cabirolle? — gritou ao velho condutor de rosto violáceo e cheio de borbulhas. — Manda levar tudo a minha casa.

— Os cavalos estão alagados de suor — disse a rude Zélia a Cabirolle. — Não tens juízo, para conduzi-los assim? És ainda mais estúpido do que eles!

— Mas o sr. Desidério queria chegar o mais cedo possível, para tirá-la da inquietação.

— Ora, uma vez que não houve acidente, para que arriscar-se a perder os cavalos? — replicou ela.

Os cumprimentos aos amigos, as saudações, as efusões da mocidade em torno de Desidério, todos os incidentes da chegada e as descrições do acidente que causara o atraso tomaram bastante tempo para que o rebanho dos herdeiros, acrescido dos amigos, chegasse à saída da missa. Por um capricho do acaso, que se permite tudo, Desidério viu Úrsula sob o pórtico da igreja no momento em que passava e ficou estupefato com sua beleza. O gesto do jovem advogado deteve, necessariamente, a marcha dos parentes.

Dando o braço ao padrinho e levando na mão direita o livro de orações e na outra a sombrinha, Úrsula ostentava então a graça inata que as mulheres graciosas empregam em desempenhar-se das coisas difíceis de seu encantador ofício de mulher. Se o pensamento se

revela em tudo, pode-se dizer que seu porte exprimia uma divina simplicidade. Úrsula trajava um vestido de musselina branca em forma de roupão, adornado, de distância em distância, de laços azuis. A capa, orlada com uma fita igual, enfiada numa larga bainha, e amarrada por laços semelhantes aos do vestido, deixava perceber a beleza do busto. O pescoço, de uma alvura fosca, tinha uma tonalidade encantadora, posta em relevo por todo aquele azul, o adorno das louras. O cinto azul com longas pontas flutuantes desenhava uma cintura fina que parecia flexível, uma das mais sedutoras graças da mulher. Trazia um chapéu de palha de arroz modestamente enfeitado de fita igual à do vestido e cujas pontas estavam atadas sob o queixo, o que, realçando a excessiva alvura do chapéu, não prejudicava a de sua bela tez clara. De cada lado do rosto de Úrsula, que se penteava naturalmente à la Berthe,^[51] os cabelos finos e louros desciam em grossas tranças lisas, cujas pequenas madeixas atraíam o olhar por seus mil relevos brilhantes. Os olhos cinzentos, ao mesmo tempo doces e altivos, harmonizavam-se com uma fronte bem modelada. Uma coloração rósea, espalhada sobre as faces como uma névoa, animava-lhe o rosto regular sem insipidez, pois a natureza lhe dera, ao mesmo tempo, por um raro privilégio, pureza de linhas e expressão. A nobreza de sua existência revelava-se por um admirável acordo entre os traços, os gestos e o aspecto geral de sua pessoa, que podia servir de modelo à confiança ou à modéstia. Sua saúde, embora brilhante, não se ostentava grosseiramente, de modo que tinha um ar distinto. Sob as luvas de cor clara, adivinhavam-se belas mãos. Os pés arqueados e delicados estavam graciosamente calçados com borzeguins de pelica bronzeada, adornados com uma franja de seda marrom. O cinto azul,

intumescido por um pequeno relógio chato e pela bolsa azul com borlas douradas, atraiu os olhares de todas as mulheres.

— O velho deu-lhe um novo relógio! — disse a sra. Crémière, apertando o braço do marido.

— Como! Aquela é a Úrsula? — exclamou Desidério. — Não a reconheci.

— Então, meu caro tio! O senhor está causando sensação — disse o chefe da posta mostrando a cidade inteira formando alas à passagem do ancião. — Todos querem vê-lo.

— Foi o padre Chaperon ou a srta. Úrsula que o converteu, meu tio? — perguntou Massin com uma obsequiosidade jesuítica, saudando o doutor e a protegida.

— Foi Úrsula — disse secamente o ancião, continuando a andar como um homem importunado.

Ainda que, na véspera, ao terminar sua partida de uíste com Úrsula, o médico de Nemours e Bongrand, quando o velho disse “Amanhã irei à missa!”, o juiz de paz não tivesse respondido: “Seus herdeiros não dormirão mais!”, bastaria ao sagaz e clarividente doutor um único olhar para descobrir as disposições de seus herdeiros pelo aspecto de suas fisionomias. A irrupção de Zélia na igreja, seu olhar, que o doutor apanhara, aquela reunião de todos os interessados, na praça, e a expressão de seus olhos ao avistarem Úrsula, tudo demonstrava um ódio recentemente reavivado e temores sórdidos.

— É obra sua, senhorita — replicou a sra. Crémière, intervindo também com uma humilde reverência. — Um milagre não lhe custa nada.

— Só Deus faz milagres — respondeu Úrsula.

— Oh, Deus! — exclamou Minoret-Levrault. — Meu sogro dizia que ele serve de cobertor para muitos cavalos.

— Ele tinha opiniões de alquilador de mulas — replicou severamente o doutor.

— Então — disse Minoret à esposa e ao filho —, vocês não vêm cumprimentar meu tio?

— Eu não me conteria diante daquela santinha — exclamou Zélia, acompanhando o filho.

— Seria bom que o senhor não fosse à igreja sem um bonezinho de veludo preto, meu tio — dizia a sra. Massin. — A igreja é muito úmida.

— Ora, sobrinha — respondeu o velho, olhando para os que o acompanhavam —, quanto mais cedo eu desaparecer, mais cedo vocês dançarão.

Ele continuava a andar, levando Úrsula, e mostrava-se tão apressado que os deixaram sós.

— Por que o senhor lhes diz coisas tão duras? Não fica bem — observou Úrsula, sacudindo-lhe o braço de uma maneira travessa.

— Antes e depois de minha entrada na religião, meu ódio será o mesmo contra os hipócritas. Fiz benefícios a todos eles, não lhes pedi gratidão. Mas nenhuma daquelas criaturas te enviou nem sequer uma flor no dia de teu aniversário, a única festa que eu comemoro.

A grande distância do doutor e de Úrsula, a sra. de Portenduère arrastava-se, parecendo atormentada de dores. Ela pertencia a esse gênero de velhas em cujo trajar se encontra o espírito do século passado, que usam vestidos roxos, de mangas retas e de um feitio que não se vê senão nos retratos da sra. Lebrun.[\[52\]](#) Usam manteletes de renda preta e chapéus fora da moda, em harmonia

com o seu andar, lento e solene. Dir-se-ia que andam sempre com saias de barbatanas e que as sentem ainda em torno de si, como aqueles que, tendo amputado um braço, agitam às vezes a mão que já não possuem. Seus rostos longos, macilentos, com grandes olhos amortecidos, de fronte murcha, não são desprovidos de certa graça triste, apesar dos cabelos com os anéis achatados. Envolvem o rosto com velhas rendas que se recusam a cair ao longo das faces. Mas todas essas ruínas são dominadas por uma incrível dignidade nas maneiras e no olhar. Os olhos enrugados e vermelhos daquela velha dama diziam que ela chorara durante a missa. Andava como uma pessoa perturbada e parecia esperar alguém, pois se voltou. Ora, o fato de a sra. de Portenduère se voltar era tão grave como a conversão do dr. Minoret.

— A quem a sra. de Portenduère estará esperando? — perguntou a sra. Massin, reunindo-se aos herdeiros petrificados pelas respostas do velho.

— Procura o padre — disse o tabelião Dionis, que bateu na testa como se tivesse sido acometido por uma recordação ou uma ideia esquecida. — Tenho o que vocês precisam, e a herança está salva! Vamos almoçar alegremente na casa da sra. Minoret.

Todos podem imaginar a solicitude com que os herdeiros seguiram o tabelião à posta. Goupil acompanhou o camarada, de braço dado, dizendo-lhe ao ouvido com um sorriso exagerado:

— Há mulher no caso.

— Que me importa? — respondeu-lhe o rapaz, sacudindo os ombros. — Estou apaixonado loucamente por Florina,[\[53\]](#) a mais celeste criatura do mundo.

— E quem seria essa tal? — perguntou Goupil. — Quero-te muito para deixar-te *desnortear* por alguma gatinha.

— Florina é a paixão do famoso Nathan, e minha loucura é inútil, pois ela recusou positivamente casar-se comigo.

— As moças loucas de corpo são, algumas vezes, sensatas de cabeça — disse Goupil.

— Se a visses pelo menos uma vez, não empregarias tais expressões — disse languidamente Desidério.

— Se eu te visse arruinar o futuro por aquilo que não deve ser mais que uma fantasia — replicou Goupil com um ardor que teria impressionado Bongrand —, eu iria despedaçar essa boneca como Varney despedaça Amy Robsart em *Kenilworth!* [54] Tua esposa deve ser uma D'Aiglemont, uma srta. do Rouvre e fazer-te chegar à deputação. Meu futuro está hipotecado sobre o teu e não te deixarei cometer tolices.

— Sou bastante rico para contentar-me com a felicidade — respondeu Desidério.

— Então, que estão conspirando aí? — perguntou Zélia a Goupil, chamando os dois amigos, que haviam ficado no meio do grande pátio.

O doutor desapareceu na Rue des Bourgeois e chegou lestantemente, como um rapaz, à casa onde se havia efetivado, durante a semana, o estranho acontecimento que preocupava então toda a cidade de Nemours e que exige algumas explicações para tornar esta história e a comunicação do tabelião aos herdeiros perfeitamente claras.

V – ÚRSULA

O sogro do doutor, o famoso tocador de cravo e fabricante de instrumentos musicais Valentim Mirouët, um dos nossos mais célebres organistas, morrera em 1785, deixando um filho natural, o filho de sua velhice, reconhecido e que usava o seu nome, mas que era um refinado patife! Em seu leito de morte, ele não teve o consolo de ver esse filho mimoso. Cantor e compositor, José Mirouët, após haver estreado no Italiens sob um nome fictício, fugira com uma moça para a Alemanha. O velho fabricante de instrumentos recomendou o rapaz, verdadeiramente talentoso, ao genro, fazendo-lhe observar que se havia recusado a desposar a mãe para não prejudicar a sra. Minoret. O doutor prometeu dar a esse desgraçado a metade da herança do musicista, cujo estabelecimento foi comprado por Érard. Mandou procurar diplomaticamente seu cunhado natural, José Mirouët; mas Grimm disse-lhe uma tarde que, após se haver alistado num regimento prussiano, o artista desertara, tomando um nome falso, o que frustrou todas as pesquisas.

José Mirouët, dotado pela natureza de uma voz sedutora, elevada estatura, bela aparência e, sobretudo, compositor cheio de gosto e de inspiração, levou, durante quinze anos, essa vida boêmia que o berlinense Hoffmann[55] tão bem descreveu. Assim, aos quarenta anos, viu-se a braços com tamanha miséria que aproveitou, em 1806, a ocasião de tornar à nacionalidade francesa. Estabeleceu-se, então, em Hamburgo, onde desposou a filha de um bom burguês, louca por música, que se apaixonou pelo artista, cuja glória estava sempre em perspectiva e à qual ela quis se consagrar. Mas, após quinze anos de desventuras, José Mirouët não soube conservar o vinho da opulência. Seu temperamento perdulário reapareceu. E, embora fazendo a esposa feliz, dissipou sua fortuna em poucos anos. Veio a miséria. A

família deve ter arrastado a existência mais horrível para que José Mirouët chegasse a alistar-se como músico num regimento francês. Em 1813, pelo maior dos acasos, o cirurgião-mor do regimento, impressionado com o nome Mirouët, escreveu ao dr. Mirouët, a quem devia obrigações. A resposta não se fez esperar. Em 1814, antes da capitulação de Paris, José Mirouët aí encontrou asilo, onde sua esposa morreu ao dar à luz uma menina que o doutor quis chamar de Úrsula, o nome de sua esposa. O capitão de música não sobreviveu à esposa, esgotado, como ela, por fadigas e necessidades. Ao morrer, o infortunado músico legou a filha ao doutor, que lhe serviu de padrinho apesar de sua repugnância pelo que ele chamava as macaquices da Igreja. Após ter visto morrerem sucessivamente seus filhos por abortos, em partos laboriosos ou durante o primeiro ano de vida, o doutor esperara o resultado de uma última experiência. Quando uma mulher doentia, nervosa, delicada, começa por um aborto, não é raro vê-la conduzir-se nas gestações e nos partos como se conduzira Úrsula Mirouët, apesar dos cuidados, das observações e da ciência do marido. O pobre homem censurava frequentemente sua mútua persistência em querer filhos. O último, concebido depois de dois anos de repouso, morreu durante o ano de 1792, vítima do estado nervoso da mãe, se é que se deve dar crédito aos fisiologistas que pensam que, no fenômeno inexplicável da geração, o filho sai ao pai pelo sangue e à mãe pelo sistema nervoso. Forçado a renunciar às venturas do seu sentimento mais forte, a filantropia foi, sem dúvida, para o doutor, uma desforra de sua paternidade frustrada. Durante sua vida conjugal, tão cruelmente agitada, o doutor havia desejado, acima de tudo, uma menina loura, uma dessas flores que fazem a alegria de uma casa. Aceitou, pois, com satisfação, o legado que lhe

fez José Mirouët e transferiu para a orfãzinha as esperanças de seus sonhos desfeitos. Durante dois anos, assistiu, como outrora fez Catão para Pompeu, aos mais minuciosos detalhes da vida de Úrsula. Não queria que a ama lhe desse de mamar, a tirasse do berço e a deitasse sem ele. Sua experiência, sua ciência, tudo foi posto a serviço da criança. Após ter sentido as dores, as alternativas de temor e esperança, os trabalhos e as alegrias de uma mãe, teve a felicidade de ver na filha da loura alemã e do artista francês uma vida vigorosa, uma sensibilidade profunda. O feliz ancião acompanhou com os sentimentos de mãe os progressos daquela cabeleira loura, a princípio penugem, depois seda e mais tarde cabelos leves e finos, tão cariciosos aos dedos que os afagam. Beijou muitas vezes seus pezinhos nus cujos dedos, cobertos de uma película sob a qual se via o sangue, pareciam botões de rosa. Era louco pela pequena. Quando ela ensaiava falar ou quando detinha os belos olhos azuis, tão doces, sobre os objetos, lançando-lhes um olhar sonhador que parece ser a aurora do pensamento e que ela terminava por um riso, permanecia diante dela durante horas inteiras, procurando, com Jordy, as razões, que tantos chamam caprichos, ocultas sob os menores fenômenos daquela deliciosa fase da vida, em que a infância é ao mesmo tempo flor e fruto, uma inteligência confusa, um movimento contínuo, um desejo violento. A beleza de Úrsula e sua doçura tornavam-na tão cara ao doutor que ele desejara alterar para ela as leis da natureza: algumas vezes disse ele ao velho Jordy que sentia dor de dente enquanto apontavam os de Úrsula. Quando os velhos amam as crianças, não põem limite em suas paixões: adoram-nas. Por esses pequeninos seres, fazem calar suas manias, e por eles se recordam de todo o passado. Sua experiência, sua indulgência, sua paciência,

todas as aquisições da vida, esse tesouro tão penosamente acumulado, eles o dedicam àquela vida jovem pela qual rejuvenescem e substituem, então, a maternidade pela inteligência. Sua sabedoria, sempre alerta, vale pela intuição da mãe. Lembram-se das delicadezas que nela são adivinhação e empregam-na no exercício de uma paixão cuja força se desenvolve, sem dúvida, em razão dessa imensa fraqueza. A lentidão de seus movimentos substitui a doçura materna. Enfim, neles como nas crianças, a vida se reduz ao mais simples; e, se o sentimento torna a mãe escrava, o desapego de toda paixão e a ausência de todo interesse permitem ao ancião entregar-se inteiramente. Assim, não é raro ver as crianças entenderem-se com pessoas idosas. O velho militar, o velho cura e o velho doutor, felizes com as carícias e as garridices de Úrsula, nunca se fatigavam de responder-lhe ou de brincar com ela. Longe de impacientá-los, a petulância daquela criança os encantava, e eles satisfaziam a todos os seus desejos, transformando tudo em objeto de instrução. Assim, a pequena cresceu cercada de criaturas velhas que lhe sorriam e agiam como outras tantas mães em torno dela, igualmente atenciosas e previdentes. Graças a essa sábia educação, a alma de Úrsula se desenvolveu na esfera que lhe convinha. Aquela planta rara encontrou seu terreno propício, aspirou os elementos de sua verdadeira vida e assimilou os raios de seu sol.

— Em que religião vai educar a menina? — perguntou o padre Chaperon a Minoret, quando Úrsula fez seis anos.

— Na sua — respondeu o médico.

Ateu à maneira do sr. de Wolmar na *Nova Heloísa*,[\[56\]](#) ele não se reconheceu o direito de privar Úrsula dos benefícios oferecidos pela

religião católica. O médico, sentado num banco, sob a janela do gabinete chinês, sentiu, então, a mão apertada pela mão do cura.

— Sim, cura, todas as vezes que ela me falar em Deus, eu a enviarei a seu amigo *Saperon* — disse, imitando a linguagem pueril de Úrsula. — Quero ver se o sentimento religioso é inato. Não tenho feito nada em favor nem contra as tendências religiosas dessa alma. Mas já o nomeei, em meu coração, seu pai espiritual.

— Deus levará isso em conta para você, espero — respondeu o padre Chaperon, batendo suavemente uma mão contra a outra e elevando-as para o céu como se fizesse uma breve oração mental.

Assim, desde a idade de seis anos, a orfãzinha ficou sob a direção religiosa do cura, como já havia ficado sob a de seu velho amigo Jordy.

O capitão, outrora professor numa das antigas escolas militares, dedicado, por gosto, à gramática e às diferenças entre as línguas europeias, havia estudado o problema dum idioma universal. Esse sábio, paciente como todos os velhos mestres, sentiu-se, pois, feliz em ensinar a ler e a escrever a Úrsula, instruindo-a na língua francesa e no que ela devia saber de cálculo. A grande biblioteca do doutor permitiu escolher entre os livros aqueles que podiam ser lidos por uma criança e deviam diverti-la instruindo-a. O militar e o cura deixavam aquela inteligência enriquecer-se com o desembaraço e a liberdade que o doutor permitia ao corpo. Úrsula aprendia brincando. A religião moderava a reflexão. Entregue a uma perfeita educação, em que seu temperamento era conduzido às regiões puras por aqueles três prudentes instrutores, Úrsula dirigiu-se mais para o sentimento do que para o dever, e tomou como regra de conduta mais a voz da consciência do que a lei social. Nela, o belo nos

sentimentos e nas ações devia ser espontâneo: o julgamento confirmaria o entusiasmo do coração. Inclina-se a praticar o bem por prazer antes de praticá-lo por dever. Essa nuance é característica da educação cristã. Esses princípios, inteiramente diferentes dos que se deve dar aos homens, convinham a uma mulher, o gênio e a consciência da família, a graça secreta da vida doméstica, quase uma rainha, enfim, no seio do lar. Os três procederam da mesma maneira com a criança. Longe de recuar diante das audácias da inocência, explicavam a Úrsula o fim das coisas e os meios conhecidos, não lhe formulando nunca senão ideias justas. Quando, a propósito dum erva, dum flor, dum estrela, ela ia diretamente a Deus, o professor e o médico diziam-lhe que só o padre podia responder. Nenhum invadia o terreno dos outros. O padrinho encarregava-se de todo o bem-estar material e das coisas da vida. A instrução competia a Jordy. A moral, a metafísica e as altas questões pertenciam ao cura. Essa bela educação não foi, como frequentemente acontece nas mais ricas famílias, contrariada por imprudentes criados. A Bougival, advertida a esse respeito e, além disso, demasiado simples de espírito e de caráter para intervir, não perturbou a obra daqueles grandes espíritos. Úrsula, criatura privilegiada, teve pois, em torno de si, três bons gênios aos quais sua bela índole tornou toda a tarefa agradável e fácil. Essa ternura viril, essa austeridade temperada pelos sorrisos, essa liberdade sem perigo, esse cuidado constante da alma e do corpo fizeram dela, na idade de nove anos, uma criança perfeita e encantadora. Por desgraça, essa trindade paternal se rompeu. No ano seguinte, o velho capitão morreu, deixando ao doutor e ao cura a tarefa de continuar sua obra, após ter realizado a parte mais difícil. As flores deviam nascer espontaneamente num terreno tão bem

preparado. O fidalgo, durante nove anos, economizara mil francos por ano, para legar dez mil francos à sua pequena Úrsula, a fim de que ela conservasse uma lembrança sua durante toda a vida. Num testamento cujos motivos eram comovedores, convidava sua legatária a servir-se unicamente para seu vestuário dos quatrocentos ou quinhentos francos de renda que produziria esse capital. Quando o juiz de paz apôs os selos na casa de seu velho amigo, encontraram, num gabinete onde ele nunca deixara entrar ninguém, uma grande quantidade de brinquedos, muitos dos quais estavam quebrados, e todos usados, brinquedos do tempo passado, piedosamente conservados e que o sr. Bongrand devia queimar pessoalmente, a pedido do pobre capitão. Nessa época, ela teve de fazer sua primeira comunhão. O padre Chaperon gastou um ano inteiro na instrução da menina, em quem o coração e a inteligência, tão desenvolvidos, mas tão prudentemente moderados um pelo outro, exigiam um alimento espiritual particular. Tal foi essa iniciação no conhecimento das coisas divinas, que, desde aquela época em que a alma toma sua forma religiosa, Úrsula se tornou a moça piedosa e mística cujo caráter sempre permaneceu acima dos acontecimentos e cujo coração dominou toda adversidade. Foi também então que começou secretamente, entre aquela velhice incrédula e aquela infância cheia de crença, uma luta durante muito tempo ignorada por aquela que a provocou, mas cujo desfecho ocupava toda a cidade e devia ter tamanha influência sobre o futuro de Úrsula, incitando contra ela os colaterais do doutor.

Durante os seis primeiros meses do ano de 1824, Úrsula passou quase todas as manhãs no presbitério. O velho médico percebeu as intenções do cura. O padre queria fazer de Úrsula um argumento

invencível. O incrédulo, amado pela afilhada como o teria sido por sua própria filha, acreditaria naquela simplicidade, seria seduzido pelos patéticos efeitos da religião na alma de uma criança cujo amor se assemelhava a essas árvores dos climas indianos, sempre carregadas de flores e de frutos, sempre verdes e sempre perfumosas. Uma bela existência é mais poderosa que o mais vigoroso raciocínio. Não se resiste aos encantos de certas imagens. Assim, o doutor ficou com os olhos marejados de lágrimas sem saber por que quando viu a filha de seu coração partir para a igreja, com um vestido de crepe branco, sapatos de cetim branco, enfeitada de fitas brancas, com a cabeça cingida por uma faixa real amarrada ao lado com um grande laço, os mil anéis da cabeleira caindo sobre as belas espáduas brancas, o busto orlado por uma guarnição de fofos enfeitada de fita estreita, os olhos cintilantes por efeito duma primeira esperança, voando, grande e feliz, para uma primeira união, amando mais ao padrinho depois que se elevava até Deus. Quando ele percebeu a ideia da eternidade nutrindo aquela alma até então nos limbos da infância, como após a noite o sol dá vida à terra, sempre sem saber por que, ele se sentiu aborrecido de permanecer sozinho em casa. Sentado sobre os degraus da escadaria externa, conservou durante muito tempo os olhos fixos na grade entre cujas barras de ferro sua pupila havia desaparecido dizendo-lhe: “Padrinho, por que não vem? Serei, então, feliz sem o senhor?”. Embora abalado até as raízes, o orgulho do enciclopedista não se dobrou ainda naquela ocasião. Pôs-se a passear, entretanto, de modo a ver a procissão dos comungantes, e distinguiu sua pequena Úrsula radiante de exaltação sob o véu. Ela lançou ao padrinho um olhar inspirado que sacudiu, na parte rochosa de seu coração, o recanto fechado para Deus. Mas o deísta

resistiu. Pensou: “Macaquices! Imaginar que, se há um criador dos mundos, esse organizador do infinito se ocupa com essas ninharias!”. Riu e continuou o passeio pelas elevações que dominam a estrada do Gâtinais, onde os sinos, repicando festivamente, espalhavam ao longe a alegria das famílias.

O ruído do gamão[57] é insuportável para as pessoas que não conhecem esse jogo, um dos mais difíceis que existem. Para não aborrecer a pupila, a quem a excessiva delicadeza dos órgãos e dos nervos não permitia ouvir impunemente esses ruídos e essa parolagem cuja razão é desconhecida, o cura, o velho Jordy quando vivia e o doutor esperavam, sempre, que a menina estivesse deitada ou passeando. Acontecia, então, muito frequentemente, que a partida ainda estava em curso quando Úrsula voltava; ela se resignava com uma graça infinita e ficava junto da janela a trabalhar. Tinha aversão por esse jogo, cujas primeiras lições são, na verdade, rudes e inacessíveis a muitas inteligências e tão difíceis de vencer que, se não se toma o hábito desse jogo durante a mocidade, é quase impossível apreendê-lo mais tarde. Ora, na tarde do dia de sua primeira comunhão, quando Úrsula voltou para a casa do tutor, sozinho naquele momento, ela pôs o gamão diante do velho:

— Vamos ver, quem começa? — disse.

— Úrsula — replicou o doutor —, não é pecado zombares do padrinho no dia da primeira comunhão?

— Não estou zombando — disse ela, sentando-se. — Tenho obrigações para com seus prazeres, pois o senhor vela por todos os meus. Quando o padre Chaperon ficava satisfeito, dava-me uma lição de gamão. E tantas lições me deu que estou em condições de ganhar do senhor... O senhor não se aborrecerá comigo. Para não entrar

seus prazeres, venci todas as dificuldades, e hoje o ruído do gamão me agrada.

Úrsula ganhou. O cura veio surpreender os jogadores e gozar seu triunfo. No dia seguinte, Minoret, que até então havia recusado a mandar ensinar música à pupila, dirigiu-se a Paris, comprou lá um piano, entrou em entendimento em Fontainebleau com uma professora e sujeitou-se ao tédio que lhe deviam causar os contínuos estudos da afilhada. Uma das predições de Jordy, o frenologista, realizou-se: a moça tornou-se excelente musicista. O tutor, orgulhoso da pupila, fazia, naquele momento, vir de Paris, uma vez por semana, um velho alemão, chamado Schmucke,^[58] um sábio professor de música, e pagava as despesas dessa arte, antes julgada inútil em casa. Os incrédulos não gostam da música, celeste linguagem desenvolvida pelo catolicismo, que tirou os nomes das sete notas de um de seus hinos: cada nota é a primeira sílaba dos sete primeiros versos do hino a São João.^[59] Embora intensa, a impressão produzida sobre o velho pela primeira comunhão de Úrsula foi passageira. A calma, a alegria que as leituras preparatórias e as preces espalhavam naquela alma jovem foram, também, exemplos sem força para ele. Sem qualquer motivo de remorso ou de arrependimento, Minoret desfrutava uma serenidade perfeita. Praticando benefícios sem a esperança de uma recompensa celeste, considerava-se maior que o católico, a quem censurava, sempre, de fazer agiotagem com Deus.

— Mas — dizia-lhe o padre Chaperon —, se todos os homens quisessem dedicar-se a esse negócio, confesse que a sociedade seria perfeita. Não haveria mais infelizes. Para ser caridoso a seu modo, é preciso ser um grande filósofo. Você se eleva à sua doutrina pelo raciocínio, você é uma exceção social. Ao passo que basta ser cristão

para ser caridoso a nosso modo. Em você, isso é um esforço; em nós, é natural.

— Isso quer dizer, cura, que eu penso e você sente, eis tudo.

Entretanto, aos doze anos, Úrsula, cuja sagacidade e habilidade natural à mulher eram estimuladas por uma educação superior e cuja inteligência, em pleno florescimento, era iluminada pelo espírito religioso, o mais delicado de todos os gêneros de espírito, acabou por compreender que seu padrinho não acreditava nem no futuro nem na imortalidade da alma, nem numa Providência nem em Deus. Perseguido por perguntas da inocente criatura, foi impossível ao doutor ocultar por mais tempo esse fatal segredo. No início, sorriu da ingênua consternação de Úrsula. Mas, ao vê-la algumas vezes triste, compreendeu quanta afeição essa tristeza traduzia. As afeições absolutas têm horror a toda espécie de desacordo, até mesmo nas ideias que lhe são estranhas. Às vezes o doutor se prestava, como a carícias, aos argumentos da filha adotiva, emitidos com uma voz terna e doce, manifestados pelo sentimento mais ardente e mais puro. Os crentes e os incrédulos falam linguagens diversas e não se podem compreender. A afilhada, advogando a causa de Deus, maltratava o padrinho, como um filho mimado maltrata muitas vezes a mãe. O cura repreendeu Úrsula brandamente dizendo-lhe que Deus se encarregava de humilhar aqueles espíritos soberbos. A menina respondeu ao padre Chaperon que Davi havia abatido Golias. Essa dissidência religiosa, esses dissabores da criança que queria arrastar seu tutor para Deus foram as únicas tristezas daquela vida interior, tão doce e tão cheia, oculta aos olhares da cidadezinha curiosa. Úrsula crescia, desenvolvia-se, transformava-se na moça modesta e cristãmente instruída que Desidério admirara à saída da missa. A

cultura das flores no jardim, a música, as alegrias do tutor e todos os pequenos cuidados que Úrsula lhe dispensava, pois ela havia aliviado os encargos da Bougival ocupando-se dele, enchiam as horas, os dias e os meses daquela existência calma. Não obstante, durante o último ano, alguns distúrbios em Úrsula haviam inquietado o doutor. Mas a causa disso era tão prevista que ele não se preocupou senão para vigiar sua saúde. Entretanto, aquele observador sagaz, aquele profundo médico julgou perceber que os distúrbios haviam, de algum modo, repercutido no moral. Espionou maternalmente a pupila, não viu em torno dela ninguém digno de lhe inspirar amor, e sua inquietação passou.

VI – O MAGNETISMO EM RESUMO

Nessas conjunturas, um mês antes do dia em que este drama começa, ocorreu na vida intelectual do doutor um desses fatos que lavram profundamente o campo das convicções e o revolvem. Mas esse fato exige uma narrativa sucinta de alguns episódios de sua carreira médica, que dará, além disso, um novo interesse a esta história.

No fim do século xviii, a ciência foi tão profundamente dividida pela aparição de Mesmer como a arte o foi pela de Gluck.[\[60\]](#) Após ter redescoberto o magnetismo, Mesmer foi à França, aonde, desde tempos imemoriais, os inventores acorrem para legitimar suas descobertas. A França, graças à sua linguagem clara, é, de certo modo, a trombeta do mundo.

— Se a homeopatia chegar a Paris, estará salva! — dizia recentemente Hahnemann.[61]

— Vá à França — dizia o sr. de Metternich a Gall —, e se zombarem de suas gibosidades, você ficará ilustre.

Mesmer teve, pois, adeptos e antagonistas tão ardentes como os piccinistas contra os gluckistas. A França culta agitou-se, abriu-se um debate solene. Antes de qualquer julgamento, a Faculdade de Medicina proscreeu em massa o que chamava de charlatanismo de Mesmer, sua selha magnética, seus fios condutores e suas teorias. Mas, diga-se de passagem, aquele alemão infelizmente comprometeu sua magnífica descoberta com enormes pretensões pecuniárias. Mesmer sucumbiu pela incerteza dos fatos, pela ignorância do papel que desempenham na natureza os fluidos imponderáveis então não observados, por sua inaptidão em pesquisar os vários aspectos de uma ciência de três faces. O magnetismo tem múltiplas aplicações. Nas mãos de Mesmer, ele foi, com relação a seu futuro, o que a causa é para os efeitos. Mas, se ao descobridor faltou gênio, é triste, para a razão humana e para a França, ter de constatar que uma ciência contemporânea das sociedades, igualmente cultivada no Egito e na Caldeia, na Grécia e na Índia, tenha experimentado, em Paris, em pleno século xviii, a mesma sorte sofrida pela verdade na pessoa de Galileu no século xvi,[62] e que o magnetismo ali tenha sido rejeitado pelos duplos ataques dos religiosos e dos filósofos materialistas, igualmente alarmados. O magnetismo, a ciência favorita de Jesus e um dos poderes divinos conferidos aos apóstolos, não parecia mais previsto pela Igreja que pelos discípulos de Jean-Jacques e de Voltaire, de Locke e de Condillac.[63] A *Enciclopédia* e o clero não se conformavam com esse velho poder humano que pareceu tão novo.

Os milagres dos convulsionários, abafados pela Igreja e pela indiferença dos sábios, apesar dos preciosos escritos do conselheiro Carré de Montgeron,[64] constituíram uma primeira intimação a realizar experiências sobre os fluidos humanos que dão o poder de opor forças interiores suficientes para anular as dores causadas por agentes exteriores. Mas seria necessário reconhecer a existência de fluidos intangíveis, invisíveis, imponderáveis, três negações nas quais a ciência de então pretendia ver uma definição do vácuo. Na filosofia moderna, o vácuo não existe. Dez pés de vácuo, e o mundo desabaria! Sobretudo para os materialistas, o mundo é cheio, tudo se sustenta, tudo se encadeia e tudo se entrosa. “O mundo como obra do acaso”, dizia Diderot, “é mais explicável que Deus. A multiplicidade das causas e o número incomensurável dos lances que o acaso acarreta explicam a criação. Deem-me a *Eneida* [65] e todos os caracteres necessários à sua composição; se me concederem tempo e espaço, à força de movimentar as letras atingirei a combinação *Eneida*.” Aqueles infelizes, que deificavam tudo antes de admitir um Deus, recuavam também diante da divisibilidade da matéria, que aceita a existência de forças imponderáveis. Locke e Condillac retardaram, assim, de cinquenta anos o imenso progresso que desfrutaram neste momento as ciências naturais sob a ideia de unidade devida ao grande Geoffroy Saint-Hilaire.[66] Algumas pessoas honestas, sem preconceitos, convencidas por fatos conscienciosamente estudados, perseveraram na doutrina de Mesmer, que reconhecia no homem a existência duma influência penetrante, dominadora, de indivíduo para indivíduo, posta em atividade pela vontade, curativa conforme a abundância do fluido e cujo mecanismo constitui um duelo entre duas vontades, entre um

mal a curar e a vontade de curar. Os fenômenos do sonambulismo, apenas suspeitados por Mesmer, foram devidos aos srs. de Puységur e Deleuze.^[67] A Revolução, porém, opôs a essas descobertas um embargo que deu ganho de causa aos sábios e aos escarnecedores. Entre o pequeno número de crentes encontravam-se médicos. Esses dissidentes foram, até a morte, perseguidos pelos colegas. O respeitável corpo médico de Paris empregou contra os mesmerianos os rigores das guerras religiosas, e foi tão cruel no seu ódio contra eles como era possível sê-lo naquela época de tolerância voltaireana. Os doutores ortodoxos recusavam-se a conferências com os doutores que acreditavam na heresia mesmeriana. Em 1820, esses pretensos heresiarcas eram ainda objeto dessa proscricção surda. As desgraças e as tormentas da Revolução não extinguiram esse ódio científico. Somente os padres, os magistrados e os médicos são capazes de odiar assim. A toga é sempre terrível. Mas, do mesmo modo, não serão mais implacáveis as ideias do que as coisas? O dr. Bouvard, amigo de Minoret, aderiu à nova fé e perseverou até a morte na ciência à qual sacrificara o repouso de sua vida, pois foi um dos adversários mais detestados pela Faculdade de Paris. Minoret, um dos mais bravos sustentáculos dos enciclopedistas, o mais temível adversário de Deslon, o preboste de Mesmer, e cuja pena exerceu enorme peso na discussão, inimizou-se irrevogavelmente com seu camarada. Fez mais ainda: perseguiu-o. Sua conduta com Bouvard devia causar-lhe o único arrependimento capaz de perturbar a tranquilidade de seu declínio. Depois da retirada do dr. Minoret para Nemours, a ciência dos fluidos imponderáveis, único nome que convém ao magnetismo, tão estreitamente ligado, pela natureza de seus fenômenos, à luz e à eletricidade, fazia imensos progressos, apesar das contínuas

zombarias da ciência parisiense. A frenologia e a fisiognomonia,[\[68\]](#) a ciência de Gall e a de Lavater, que são gêmeas, e que estão, uma para a outra, como a causa está para o efeito, demonstravam aos olhos de mais de um fisiologista os indícios do fluido imperceptível, base dos fenômenos da vontade humana e do qual resultam as paixões, os hábitos, as formas do rosto e as do crânio. Enfim, os fatos magnéticos, os milagres do sonambulismo, os da adivinhação e do êxtase, que permitem penetrar no mundo espiritual, acumulavam-se. A estranha história das aparições do agricultor Martin,[\[69\]](#) tão bem constatadas, e a entrevista desse camponês com Luís xviii; o conhecimento das relações de Swedenborg[\[70\]](#) com os mortos, tão seriamente estabelecido na Alemanha; as descrições de Walter Scott sobre os efeitos da vidência; o exercício das prodigiosas faculdades de alguns ledores da sorte, que confundem numa única ciência a quiromancia, a cartomancia e a horoscopia; os fatos da catalepsia e os da ativação das propriedades do diafragma por certas afecções mórbidas: esses fenômenos, pelo menos curiosos, todos emanados da mesma fonte, solapavam muitas dúvidas, levavam os mais indiferentes para o terreno das experiências. Minoret ignorava esse movimento dos espíritos, tão grande no Norte da Europa e ainda tão fraco na França, onde, não obstante, ocorriam fatos qualificados de maravilhosos pelos observadores superficiais e que caem como pedras no fundo do mar, no turbilhão dos acontecimentos parisienses.

No começo daquele ano, o repouso do antimesmeriano foi perturbado pela seguinte carta:

Meu velho camarada,

Qualquer amizade, mesmo perdida, tem direitos que dificilmente prescrevem. Sei que ainda vives e recordo-me menos de nossa inimizade do que dos nossos belos dias no casebre de Saint-Julien-le-Pauvre. No momento de partir deste mundo, quero provar-te que o magnetismo vai constituir uma das ciências mais importantes, se é que a ciência não deve ser uma *única*. Posso fulminar tua incredulidade com provas positivas. Espero dever à tua curiosidade a ventura de apertar-te ainda uma vez a mão, como a apertávamos antes de Mesmer.

Sempre teu
bouvard

Picado como um leão por um moscardo, o antimesmeriano abalou para Paris e deixou seu cartão de visita na casa do velho Bouvard, que morava à Rue Féron, próximo a Saint-Sulpice. Bouvard deixou-lhe um cartão no hotel, com as seguintes palavras: “Amanhã, às nove horas, à Rue Saint-Honoré, diante da Assomption”. Minoret, rejuvenescido, não dormiu. Foi visitar os velhos médicos conhecidos seus e perguntou-lhes se o mundo estava transtornado, se a medicina possuía uma escola, se as quatro faculdades ainda existiam. Os médicos o tranquilizaram, dizendo-lhe que o antigo espírito de resistência persistia; apenas, em vez de perseguir, a Academia de Medicina e a Academia das Ciências estouravam de riso classificando os fatos magnéticos entre as surpresas de Comus,^[71] de Comte,^[72] de Bosco,^[73] no malabarismo, na prestidigitação e no que se denomina a física recreativa. Essas declarações não impediram o velho Minoret de comparecer ao encontro que lhe marcava o velho Bouvard. Após quarenta e quatro anos de inimizade, os dois antagonistas se encontraram num portão da Rue Saint-Honoré. Os franceses dispõem de muitas distrações para que se possam odiar

durante muito tempo. Em Paris, sobretudo, os acontecimentos ampliam demasiadamente o espaço e fazem na política, na literatura e na ciência a vida muito vasta para que os homens não encontrem ali regiões a conquistar, onde suas pretensões possam imperar desembaraçadamente. O ódio exige tantas forças sempre armadas que a gente deve empregar muitas quando quer odiar por muito tempo. Assim, só as corporações podem ter memória para isso. Após quarenta e quatro anos, Robespierre e Danton se abraçariam. Entretanto, nenhum dos doutores estendeu a mão. Bouvard, o primeiro a falar, disse a Minoret:

— Estás admiravelmente bem.

— Sim, nada mal. E tu? — respondeu Minoret, uma vez rompido o constrangimento.

— Eu, como estás vendo.

— O magnetismo impede de morrer? — perguntou Minoret, com um ar brincalhão, mas sem aspereza.

— Não; mas quase me impediu de viver.

— Então, não estás rico? — perguntou Minoret.

— Ora! — disse Bouvard.

— Pois bem, eu estou rico! — exclamou Minoret.

— Não quero saber de tua fortuna. O que me interessa é tua convicção. Vem — disse Bouvard.

— Oh, que teimoso! — exclamou Minoret.

O mesmeriano arrastou o incrédulo por uma escadaria muito escura e o fez subir com precaução até o quarto andar.

Naquele momento, exhibia-se em Paris um homem extraordinário, dotado, pela fé, de um incalculável poder, e que dispunha das faculdades magnéticas em todas as suas aplicações. Esse grande

desconhecido, que ainda vive, não somente curava por si mesmo, a distância, as doenças mais cruéis, mais inveteradas, súbita e radicalmente, como outrora o Salvador dos homens, mas ainda produzia instantaneamente os fenômenos mais curiosos do sonambulismo, subjugando as vontades mais rebeldes. A fisionomia desse desconhecido, que diz não depender senão de Deus e comunicar-se com os anjos, como Swedenborg, é a do leão; brilha nela uma energia concentrada, irresistível. Seus traços, singularmente delineados, têm um aspecto terrível e fulminante. Sua voz, que vem das profundidades do ser, é como que carregada de fluido magnético: penetra no ouvinte por todos os poros. Desgostoso com a ingratidão pública após milhares de curas, recolheu-se a uma impenetrável solidão, a uma inércia voluntária. Sua mão onipotente, que devolveu filhos moribundos às mães, pais a filhos chorosos, amantes idolatradas a amantes ébrios de amor; que curou doentes desenganados pelos médicos; que fazia cantar hinos nas sinagogas, nos templos e nas igrejas, por sacerdotes de diferentes cultos, convertidos todos ao mesmo Deus pelo mesmo milagre; que suavizava as agonias dos moribundos nos quais a vida era impossível; aquela mão soberana, sol de vida que deslumbrava os olhos fechados dos sonâmbulos, não se levantaria para dar um herdeiro presuntivo a uma rainha. Envolvido na recordação de seus benefícios como num sudário luminoso, ele se recusa ao mundo e vive no céu. Na aurora de seu reinado, porém, quase surpreso de seu poder, aquele homem, cujo desinteresse se igualou à sua força, permitia a alguns curiosos testemunhar seus milagres. O ruído dessa fama, que foi imensa e que poderá renascer amanhã, reanimou o dr. Bouvard quando já estava à beira do túmulo. O mesmeriano

perseguido pôde, enfim, presenciar os fenômenos mais radiosos dessa ciência, guardada em seu coração como um tesouro. As desventuras do ancião haviam comovido o grande desconhecido, que lhe concedeu alguns privilégios. Assim, enquanto subiam a escada, Bouvard ia tolerando as brincadeiras de seu antigo adversário com uma alegria maliciosa. Não lhe respondia senão por “Vais ver! Vais ver!” e por esses pequenos gestos de cabeça que se permitem as pessoas seguras do que vão fazer.

Os dois doutores entraram num aposento mais que modesto. Bouvard foi falar, durante um momento, num quarto de dormir contíguo ao salão onde esperava Minoret, cuja desconfiança se excitou. Mas Bouvard veio buscá-lo em seguida e o introduziu naquele quarto, onde se encontravam o misterioso swedenborgista e uma mulher sentada numa poltrona. A mulher não se levantou e não pareceu perceber a entrada dos dois velhos.

— Como? Nada de selha magnética? — perguntou Minoret sorrindo.

— Nada mais que o poder de Deus — respondeu gravemente o swedenborgista, que pareceu a Minoret ter uns cinquenta anos.

Os três homens se sentaram, e o desconhecido começou a falar. Conversou-se sobre a chuva e o bom tempo, com grande surpresa para o velho Minoret, que se julgou mistificado. O swedenborgista interrogou o visitante sobre suas opiniões científicas e parecia, evidentemente, querer ganhar tempo para examiná-lo.

— O senhor vem aqui como simples curioso — disse, enfim. — Não costumo prostituir um poder que seguramente emana de Deus. Se eu fizesse dele um uso frívolo ou mau, ele me poderia ser retirado... Entretanto, trata-se, como me disse o sr. Bouvard, de

modificar uma convicção contrária à nossa e esclarecer um sábio de boa-fé: vou, pois, satisfazê-lo. Esta mulher que o senhor está vendo — disse, mostrando-lhe a desconhecida — está no estado sonambúlico. Segundo as confissões e as manifestações de todos os sonâmbulos, esse estado constitui uma vida deliciosa, durante a qual o ser interior, desligado de todos os entraves apresentados ao exercício de suas faculdades pela natureza visível, percorre o mundo que erradamente chamamos invisível. A vista e o ouvido se exercem, então, de maneira mais perfeita do que no estado dito *de vigília* e talvez sem o auxílio dos órgãos que são a bainha dessas espadas luminosas chamadas a vista e o ouvido! Para o homem colocado nesse estado, as distâncias e os obstáculos materiais não existem, ou são atravessados por uma vida que existe em nós e para a qual nosso corpo é um reservatório, um ponto de apoio necessário, um invólucro. Não possuímos termos para designar efeitos tão recentemente redescobertos: porque, atualmente, as expressões *imponderável, intangível, invisível* não têm nenhuma significação relativamente ao fluido cuja ação é demonstrada pelo magnetismo. A luz é ponderável por seu calor, que, penetrando nos corpos, lhes aumenta o volume. E a eletricidade é, na verdade, essencialmente tangível. Temos condenado os fatos em lugar de acusar a imperfeição de nossos instrumentos.

— Está dormindo — disse Minoret, examinando a mulher, que lhe pareceu pertencer à classe inferior.

— Seu corpo está, de algum modo, anulado — respondeu o swedenborgista. — Os ignorantes tomam esse estado pelo sono. Ela, porém, vai provar-lhe que existe um universo espiritual e que ali o espírito não reconhece as leis do universo material. Eu a enviarei ao

lugar que o senhor quiser, a vinte léguas daqui como à China. Ela lhe dirá o que lá se passa.

— Envie-a apenas à minha casa, em Nemours — pediu Minoret.

— Não quero ter nenhuma interferência nisso — disse o homem misterioso. — Dê-me sua mão; o senhor será, ao mesmo tempo, ator e espectador, efeito e causa.

Tomou a mão que Minoret lhe estendeu. Segurou-a durante um momento, parecendo concentrar-se e, com a outra mão, apanhou a da mulher sentada na poltrona. Depois, pôs a mão do doutor na da mulher, fazendo sinal ao velho incrédulo para que se sentasse ao lado daquela pitonisa sem tripeça. Minoret observou nos traços excessivamente calmos da mulher um ligeiro estremecimento quando foram unidos pelo swedenborgista; mas esse movimento, embora maravilhoso nos seus efeitos, foi de uma grande simplicidade.

— Obedeça ao senhor — disse-lhe o personagem, estendendo a mão sobre a cabeça da mulher, que pareceu aspirar dele a luz e a vida — e lembre-se de que tudo quanto fizer por ele me agradará. — Pode falar-lhe agora — disse a Minoret.

— Vá a Nemours, à Rue des Bourgeois, à minha casa — disse o doutor.

— Dê-lhe tempo, deixe sua mão na dela até que ela lhe prove, pelo que lhe vai dizer, que chegou lá — disse Bouvard ao antigo amigo.

— Vejo uma ribeira — respondeu a mulher com uma voz fraca, parecendo olhar para dentro de si mesma com uma profunda atenção, apesar das pálpebras baixadas. — Vejo um belo jardim...

— Por que entra pela ribeira e pelo jardim? — perguntou Minoret.

— Porque elas estão lá.

— Quem?

— A jovem e a ama nas quais o senhor está pensando.

— Como é o jardim? — indagou Minoret.

— Entrando pela pequena escada que desce para a ribeira, encontra-se à direita uma longa galeria de ladrilhos na qual vejo livros, e terminada por um galpão adornado de campânulas de madeira e ovos vermelhos. À esquerda, a parede é revestida de um maciço de plantas trepadeiras, briônia e jasmim-da-virgínia. No meio existe um pequeno quadrante solar. Há muitos vasos de flores. Sua pupila examina essas flores, mostra-as à ama, faz buracos com um pedaço de madeira e neles introduz sementes... A ama alisa as aleias... Embora a pureza dessa moça seja a de um anjo, há nela um começo de amor, fraco como um crepúsculo matutino.

— Por quem? — perguntou o doutor, que até aquele momento não ouvira nada que alguém não lhe pudesse dizer sem ser sonâmbulo. Continuava a acreditar que se tratasse de charlatanismo.

— O senhor nada sabe disso, embora tenha ficado muito apreensivo, recentemente, quando ela se tornou mulher — disse ela, sorrindo. — A evolução de seu coração acompanhou a da natureza...

— E é uma mulher do povo que fala assim! — exclamou o velho doutor.

— Nesse estado, todas se exprimem com uma limpidez particular — respondeu Bouvard.

— Mas a quem é que Úrsula ama?

— Úrsula não sabe que ama — respondeu a mulher, com um pequeno movimento de cabeça. — Ela é muito angelical para conhecer o desejo ou o que quer que seja do amor. Mas ela se ocupa

com ele, pensa nele, defende-se mesmo disso, mas reincide apesar de sua vontade de abster-se... Ela está ao piano...

— Mas quem é ele?

— O filho duma senhora que mora em frente...

— A sra. de Portenduère?

— Portenduère, diz o senhor? — replicou a sonâmbula. — Sim, é isso. Mas não há perigo. Ele não está na cidade.

— Falaram-se? — indagou o doutor.

— Nunca. Olharam-se apenas. Ela o acha encantador. Ele é, com efeito, um belo homem, tem bom coração. Ela o viu da janela. Viram-se, também, na igreja. Mas o rapaz não pensa mais nisso.

— Seu nome?

— Ah! Para dizê-lo, é preciso que eu o leia ou o ouça... Chama-se Saviniano. Ela acaba de pronunciar seu nome. Acha doce pronunciar-lo. Já procurou no almanaque o dia de seu aniversário onomástico e o assinalou com um pequeno ponto vermelho... Criancices! Oh! Ela amará muito, mas com tanta pureza quanta força. Ela não é moça de amar duas vezes e o amor tingirá sua alma e a penetrará tão intensamente que ela repelirá qualquer outro sentimento.

— Onde vê isso?

— Nela. Ela saberá sofrer. Tem a quem sair, pois seu pai e sua mãe sofreram muito!

Essa última frase confundiu o doutor, que ficou menos abalado que surpreso. Não é inútil observar que entre cada frase da mulher decorriam de dez a quinze minutos, durante os quais sua atenção se concentrava cada vez mais. Viam-na ver! Sua frente apresentava aspectos singulares: retratavam-se ali esforços interiores; ela se iluminava ou se contraía por uma força cujos efeitos não haviam

ainda sido observados por Minoret senão entre os moribundos, nos instantes em que estes são dotados do dom da profecia. Ela fez, várias vezes, gestos que se assemelhavam aos de Úrsula.

— Oh! Interrogue-a — disse o misterioso personagem, dirigindo-se a Minoret. — Ela lhe dirá segredos que só o senhor pode conhecer.

— Úrsula me ama? — perguntou Minoret.

— Quase tanto quanto a Deus — disse ela com um sorriso. — Por isso, ela se sente muito infeliz com sua descrença. O senhor não crê em Deus, como se pudesse impedir que Ele exista! Sua palavra enche os mundos! O senhor causa, assim, os únicos tormentos dessa pobre menina. Olhe! Ela está tocando escalas. Ela desejaria ser melhor musicista do que é, amua-se por isso. Eis o que ela pensa: “Se eu cantasse bem, se tivesse uma bela voz, quando ele estivesse em casa da mãe, minha voz poderia chegar a seus ouvidos”.

O dr. Minoret tomou seu caderno de notas e assinalou a hora exata:

— Pode dizer-me quais são as sementes que ela semeou?

— Resedá, ervilhas-de-cheiro, balsâminas...

— Por último?

— Esporas.

— Onde está meu dinheiro?

— Com seu tabelião. Mas o senhor o coloca continuamente, sem perder um só dia de juros.

— Sim, mas onde está o dinheiro que eu guardo em Nemours para a minha despesa semestral?

— O senhor o coloca num grande livro encadernado de vermelho, intitulado *Pandectas de Justiniano*, tomo ii, entre as duas penúltimas folhas. O livro está no alto do armário envidraçado, na prateleira dos

in-fólio. O senhor possui toda uma fila deles. Seus títulos estão no último volume, do lado do salão. Olhe, o tomo iii está antes do tomo ii; mas o senhor não tem moedas, são...

— Notas de mil francos? — perguntou o doutor.

— Não vejo bem, estão dobradas. Não, há duas notas de quinhentos francos cada uma.

— A senhora as vê?

— Sim.

— Como são elas?

— Há uma muito amarela e velha, e outra branca e quase nova...

Esta última parte do interrogatório fulminou o dr. Minoret. Fitou Bouvard com uma expressão atônita; mas Bouvard e o swedenborgista, familiarizados com o espanto dos incrédulos, falavam em voz baixa sem parecer surpresos nem admirados. Minoret pediu-lhes que lhe permitissem voltar depois do jantar. O antimesmeriano queria recolher-se, refazer-se de seu profundo terror, para experimentar de novo aquele poder imenso, submetê-lo a experiências decisivas, apresentar-lhe questões cuja solução tirasse toda espécie de dúvida.

— Esteja aqui às nove horas, esta noite — disse o desconhecido. — Voltarei aqui, expressamente para o senhor.

O dr. Minoret encontrava-se num estado tão violento que saiu sem se despedir, acompanhado por Bouvard, que lhe gritava a distância:

— Então...? Então...?

— Acho que estou louco — respondeu Minoret ao chegar ao portão. — Se a mulher falou a verdade a respeito de Úrsula, como Úrsula é a única pessoa no mundo que sabe o que essa bruxa me

revelou, *terás razão*. Eu desejaria ter asas para ir a Nemours verificar suas asserções. Mas alugarei uma carruagem e partirei esta noite às dez horas. Ah, perco a cabeça!

— Que seria de ti, então, se, conhecendo havia longos anos um doente incurável, o visses curado em cinco segundos? Se visses esse grande magnetizador fazer suar em torrentes um herpético, se o visses fazer andar uma rapariga entrevada?

— Jantemos juntos, Bouvard, e não nos separemos até as nove horas. Quero tentar uma experiência decisiva, irrecusável.

— Está bem, meu velho camarada — respondeu o doutor mesmeriano.

VII – UMA DUPLA CONVERSÃO

Os dois inimigos reconciliados foram jantar no Palais-Royal. Após uma palestra animada, com o auxílio da qual Minoret enganou a febre de ideias que lhe invadia o cérebro, Bouvard falou:

— Se reconheces naquela mulher a faculdade de anular ou de atravessar o espaço, se adquires a certeza de que, da Assomption,^[74] ela ouve e vê o que se diz e se faz em Nemours, é preciso admitir todos os outros efeitos magnéticos. Para um incrédulo, eles são tão impossíveis como aqueles. Pede-lhe, pois, uma única prova que te satisfaça, pois poderias crer que tivéssemos colhido todas aquelas informações. Mas não podemos saber, por exemplo, o que se vai passar às nove horas em tua casa, no quarto de tua pupila. Retém ou escreve o que a sonâmbula vai ver ou ouvir e corre a tua casa. Essa pequena Úrsula, que eu não conhecia, não é nossa cúmplice. E, se ela

tiver dito ou feito o que tiveres escrito, baixa a cabeça, altivo sicambro![75]

Os dois amigos voltaram ao quarto e lá encontraram a sonâmbula, que não reconheceu o dr. Minoret. Os olhos da mulher fecharam-se suavemente sob a mão que o swedenborgista estendeu sobre ela a distância e ela retomou a atitude na qual Minoret a havia visto antes do jantar. Quando as mãos da mulher e as do doutor foram postas em contato, ele pediu-lhe que dissesse tudo o que se passava em sua casa, em Nemours, naquele momento.

— Que está fazendo Úrsula? — perguntou.

— Está de camisa. Acabou de fazer seus papелotes. Está ajoelhada sobre seu genuflexório, diante de um crucifixo de marfim, colocado sobre um quadro de veludo vermelho.

— Que diz ela?

— Reza suas orações da noite. Recomenda-se a Deus. Suplica-Lhe que afaste de sua alma os maus pensamentos. Examina a consciência e repassa o que fez durante o dia, a fim de saber se faltou a seus mandamentos ou aos da Igreja. Enfim, está expurgando a alma, pobre criaturinha querida! — A sonâmbula ficou com os olhos umedecidos. — Ela não cometeu pecado, mas censura-se por haver pensado demais no sr. Saviniano — acrescentou. — Interrompe-se para se perguntar o que estará fazendo ele em Paris e pede a Deus que o faça feliz. Termina pensando no senhor e reza uma oração em voz alta.

— Pode repeti-la?

— Sim.

Minoret tomou um lápis e escreveu, sob o ditado da sonâmbula, a seguinte oração, evidentemente composta pelo padre Chaperon:

“Meu Deus, se estais satisfeito com vossa serva que vos adora e vos suplica com tanto amor como fervor, que procura não se afastar de vossos santos mandamentos, que morreria alegre como vosso Filho para glorificar vosso nome, que desejaria viver em vossa sombra, vós, enfim, que ledes nos corações, fazei-me o favor de esclarecer o meu padrinho, de colocá-lo no caminho da salvação e de comunicar-lhe vossa graça, a fim de que ele viva em vós, divina mãe de Deus, rainha do céu, arcanjos e santos do paraíso, escutai-me, juntai vossas intercessões às minhas e tende piedade de nós”.

A sonâmbula imitou tão perfeitamente os gestos cândidos e as santas inspirações da criança que o dr. Minoret ficou com os olhos cheios de lágrimas.

— Ela diz ainda alguma coisa? — perguntou Minoret.

— Sim.

— Repita-a.

— “Esse querido padrinho! Com quem jogará seu gamão em Paris?” Sopra a vela, inclina a cabeça e adormece. Ei-la adormecida! Está muito bonita com sua touquinha de dormir.

Minoret cumprimentou o grande desconhecido, apertou a mão de Bouvard, desceu com rapidez, correu a um ponto de estacionamento de cabriolés comuns que então existia à porta de um hotel depois demolido para dar lugar à Rue d’Alger. Lá encontrou um cocheiro e perguntou-lhe se podia partir imediatamente para Fontainebleau. Feito o preço e aceito, o ancião, rejuvenescido, pôs-se a caminho sem demora. Segundo o combinado, deixou o cavalo descansar em Essonne, alcançou a diligência de Nemours, encontrou lugar nela e despediu o cocheiro. Chegando à casa às cinco horas da manhã, deitou-se sobre as ruínas de todas as suas ideias anteriores sobre a

fisiologia, a natureza, a metafísica, e dormiu até as nove horas, tão fatigado estava da viagem.

Ao despertar, certo de que, depois de seu regresso, ninguém havia transposto o limiar de sua casa, o doutor procedeu, não sem um invencível terror, à verificação dos fatos. Ele próprio ignorava a diferença das duas notas de banco e a inversão dos dois volumes das *Pandectas*. A sonâmbula vira tudo bem. Chamou a Bougival.

— Diga a Úrsula que venha falar-me — ordenou, sentando-se no centro da biblioteca.

A menina veio. Correu para ele, beijou-o. O doutor tomou-a no colo, onde ela se sentou misturando seus cachos louros aos cabelos brancos do velho amigo.

— O senhor tem alguma coisa, padrinho?

— Sim; mas promete-me, pela tua salvação, responder francamente, sem rodeios, às minhas perguntas.

Úrsula enrubesceu até a raiz dos cabelos.

— Oh! Não te perguntarei nada a que não me possas responder — continuou ele, vendo o pudor do primeiro amor turvar a pureza até então infantil daqueles belos olhos.

— Fale, padrinho.

— Com que pensamento terminaste as orações ontem à noite e a que horas as rezaste?

— Eram nove horas e um quarto, nove horas e meia.

— Muito bem. Repete-me a última oração.

A moça sentiu que chegara o momento de comunicar a fé ao incrédulo com suas palavras. Deixou o lugar, ajoelhou-se, juntou as mãos com fervor. Um radioso clarão iluminou-lhe o rosto. Olhou para o velho e disse:

— O que pedi ontem a Deus, pedi também esta manhã e o pedirei sempre, até que Ele me tenha atendido.

Depois, repetiu a oração com uma nova e mais poderosa expressão. Mas, com grande espanto seu, o padrinho a interrompeu e concluiu a prece.

— Bem, Úrsula — disse o doutor, tomando novamente a afilhada ao colo. — Quando adormecias, com a cabeça sobre o travesseiro, não disseste para ti mesma: “Querido padrinho! Com quem jogará seu gamão em Paris?”.

Úrsula levantou-se como se a trombeta do Juízo Final tivesse ressoado a seus ouvidos. Lançou um grito de terror. Seus olhos arregalados fitavam o ancião com uma horrível fixidez.

— Quem é o senhor, padrinho? De quem recebeu tal poder? — perguntou-lhe, imaginando que, uma vez que ele não acreditava em Deus, devia ter feito um pacto com o anjo do inferno.

— Que plantaste ontem, no jardim?

— Resedá, ervilhas-de-cheiro, balsâminas.

— E por último, esporas?

Ela caiu de joelhos.

— Não me assuste, padrinho. Mas o senhor estava aqui, não é?

— Não estou sempre contigo? — respondeu o doutor, gracejando, para respeitar a simplicidade da inocente menina. — Vamos ao teu quarto — deu o braço à afilhada e subiu a escada.

— Suas pernas estão tremendo, meu bom amigo — disse ela.

— Sim, estou como que fulminado.

— Acreditará, finalmente, em Deus? — exclamou ela, com uma alegria ingênua, deixando ver lágrimas nos olhos. O ancião contemplou o quarto tão simples e tão gracioso que havia arranjado

para Úrsula. Sobre o assoalho, um tapete verde, liso, barato, que ela conservava numa rigorosa limpeza. Nas paredes, papel cinza, de linho, semeado de rosas com folhas verdes; nas janelas que davam para o pátio, cortinas de algodão presas por uma faixa de tecido cor-de-rosa. Entre as duas janelas, sob um alto espelho comprido, um consolo de madeira dourada coberto com mármore, sobre o qual havia um vaso azul de Sèvres onde ela punha ramos de flores. E, diante da estufa, uma pequena cômoda duma encantadora marchetaria encimada por um mármore de Alepo. O leito, coberto de tecido estampado antigo e com cortinado da mesma fazenda, com forro cor-de-rosa, era um desses leitos do tipo duquesa[76] tão comuns no século xviii e que tinham por ornato um tufo de plumas esculpido acima das quatro colunetas caneladas de cada ângulo. Uma antiga pêndula, encerrada numa espécie de monumento de madreperla incrustado de arabescos de marfim, adornava a estufa, cuja ombreira com seus castiçais de mármore e cujo espelho com seu tremó pintado de claro e escuro ofereciam uma notável combinação de tom, de cor e de estilo. Um grande armário, cujos batentes mostravam paisagens feitas com diferentes madeiras, algumas das quais tinham tons verdes e que não se encontram mais no comércio, guardava, sem dúvida, sua roupa branca e seus vestidos. Respirava-se, naquele quarto, um perfume do céu. A exata disposição das coisas atestava um espírito de ordem, um sentido de harmonia que teria, certamente, surpreendido a qualquer um, mesmo um Minoret-Levrault. Via-se, sobretudo, o quanto eram caras a Úrsula as coisas que a cercavam e o quanto ela se sentia feliz num quarto que estava ligado, por assim dizer, a toda sua existência de menina e de moça. Passando tudo em revista, propositadamente, o tutor assegurou-se

de que do quarto de Úrsula se podia ver a casa da sra. de Portenduère. Durante a noite, ele havia meditado sobre a conduta que devia ter com Úrsula relativamente ao segredo surpreendido daquela paixão nascente. Um interrogatório o comprometeria diante da pupila. Ou ele aprovaria ou reprovaria aquele amor. Em qualquer dos dois casos, sua posição se tornaria falsa. Havia, pois, resolvido examinar a situação respectiva do jovem Portenduère e de Úrsula, para saber se devia combater aquela inclinação antes que se tornasse irresistível. Somente um ancião podia empregar tamanha sabedoria. Ainda ofegando sob os golpes da realidade dos fatos magnéticos, ele deu uma volta pelo quarto examinando as menores coisas. Queria lançar um olhar à folhinha suspensa a um canto da estufa.

— Estes feios castiçais são muito grosseiros para tuas lindas mãozinhas — disse, tomando os candelabros de mármore ornados de cobre.

Sopesou-os, olhou para a folhinha, apanhou-a e disse:

— Isto também me parece muito feio. Por que guardas esta folhinha de armazém num quarto tão bonito?

— Oh! Deixe-a, padrinho.

— Não, ganharás outra amanhã.

Desceu levando aquela peça de convicção, encerrou-se no escritório, procurou o dia de São Saviniano e encontrou, como dissera a sonâmbula, um pequeno ponto vermelho diante do 19 de outubro. Viu, igualmente, outro ponto diante do dia de São Dionísio, seu próprio padroeiro, e diante do de São João, padroeiro do cura. Aquele ponto, do tamanho de uma cabeça de alfinete, a mulher adormecida o percebera apesar da distância e dos obstáculos. O ancião meditou até a tarde sobre esses fatos, mais consideráveis

ainda para ele que para qualquer outro. Devia ceder à evidência. Uma forte muralha ruiu, por assim dizer, dentro dele, pois o doutor vivia apoiado sobre duas bases: sua indiferença em matéria de religião e sua negação do magnetismo. Provando que os sentidos, construção puramente física, órgãos cujos efeitos se explicavam, eram rematados por alguns dos atributos do infinito, o magnetismo derrubava, ou pelo menos lhe parecia derrubar a poderosa argumentação de Spinoza. O infinito e o finito, dois elementos incompatíveis segundo esse grande homem, achavam-se um no outro. Por maior força que concedesse à divisibilidade e mobilidade da matéria, não podia reconhecer nela qualidades quase divinas. Enfim, tornara-se muito velho para ligar esses fenômenos a um sistema, para compará-los aos do sono, da visão, da luz. Toda sua ciência, baseada nas asserções da escola de Locke e Condillac, estava em ruínas. Ao ver seus ídolos ocos em pedaços, necessariamente sua incredulidade vacilava. Assim, toda a vantagem, no combate daquela infância católica contra aquela velhice voltaireana, ficaria com Úrsula. Naquela fortaleza arrasada, sobre aqueles escombros, jorrava uma luz. Do seio daqueles destroços irrompia a voz da oração! Apesar disso, o obstinado ancião procurou algum argumento contra suas dúvidas. Embora atingido no coração, não se decidia, continuava a lutar contra Deus. Entretanto, seu espírito ficou hesitante, ele já não parecia o mesmo. Mostrando-se excepcionalmente pensativo, lia os *Pensamentos*, de Pascal, lia a sublime *História das variações*, de Bossuet, lia Bonald,^[77] leu Santo Agostinho. Quis, também, percorrer as obras de Swedenborg e do falecido Saint-Martin,^[78] das quais lhe havia falado o homem misterioso. O edifício construído naquele homem pelo materialismo

estalava por todas as partes, não faltava mais que uma sacudida; e, quando seu coração se encontrou maduro para Deus, caiu na vinha celeste como caem os frutos. Várias vezes já, à noite, jogando com o cura, a afilhada ao lado deles, ele havia feito perguntas que, relativamente às suas opiniões, pareciam singulares ao padre Chaperon, que ainda ignorava o trabalho interior pelo qual Deus reerguia aquela bela consciência.

— Acredita em aparições? — perguntou o incrédulo ao pastor, interrompendo a partida.

— Cardano,[79] um grande filósofo do século xvi, disse tê-las presenciado — respondeu o cura.

— Conheço todas as que ocuparam os sábios, acabo de reler Plotino.[80] Interrogo-o, neste momento, como católico, e pergunto-lhe se pensa que o homem morto possa rever os vivos.

— Mas Jesus apareceu aos apóstolos depois da morte — replicou o cura. — A Igreja deve ter fé nas aparições de nosso Salvador. Quanto a milagres, não nos faltam — disse o padre Chaperon, sorrindo. — Quer conhecer o mais recente? Ocorreu durante o século xviii.

— Ora!

— Sim. O bem-aventurado Maria-Afonso de Liguori[81] soube, muito longe de Roma, da morte do papa no momento em que o Santo Padre expirava, e há numerosas testemunhas desse milagre. O santo bispo, caindo em êxtase, ouviu as últimas palavras do soberano pontífice e as repetiu diante de várias pessoas. O correio encarregado de anunciar o fato só chegou trinta horas depois...

— Jesuíta! — respondeu o velho Minoret, gracejando. — Não lhe peço provas, pergunto-lhe se crê nisso.

— Creio que a aparição depende muito de quem a vê — disse o cura, continuando a brincar com o incrédulo.

— Meu amigo, não estou armando cilada. Que acredita disso tudo?

— Acredito que o poder de Deus é infinito — disse o padre.

— Quando eu morrer, se me reconciliar com Deus, pedir-lhe-ei que me deixe aparecer a você — disse o doutor, rindo.

— Foi precisamente essa a combinação feita entre Cardano e seu amigo — respondeu o cura.

— Úrsula — disse Minoret —, se algum dia um perigo te ameaçar, chama-me que eu virei.

— Você acaba de resumir numa única frase a patética elegia intitulada *Néère*,[\[82\]](#) de André Chénier — respondeu o cura. — Mas os poetas não são grandes senão porque sabem revestir os fatos ou os sentimentos de imagens eternamente vivas.

— Por que fala na sua morte, querido padrinho? — perguntou a moça, com um tom sentido. — Nós, os cristãos, não morremos. Nosso túmulo é o berço de nossa alma.

— De qualquer modo — disse o doutor, sorrindo —, precisamos deixar este mundo e, quando eu não estiver mais aqui, ficarás muito admirada com tua fortuna.

— Quando o senhor não estiver mais aqui, meu bom amigo, meu único consolo será consagrar-lhe minha vida.

— A mim, morto?

— Sim. Todas as boas ações que eu puder fazer serão feitas em seu nome para resgatar suas faltas. Orarei a Deus todos os dias, a fim de obter de sua clemência infinita que não puna eternamente os erros

de um dia e que coloque junto Dele, entre as almas dos bem-aventurados, uma alma tão bela e tão pura como a sua.

Essa resposta, pronunciada com uma candura angelical, expressa com um acento cheio de convicção, confundiu o erro e converteu Dionísio Minoret à maneira de São Paulo. Um raio de luz interior aturdiu-o, ao mesmo tempo que aquela ternura, desdobrando-se sobre sua vida futura, fez as lágrimas brotarem em seus olhos. Esse súbito efeito da graça teve qualquer coisa de elétrico. O cura juntou as mãos e levantou-se perturbado. A menina, surpresa com seu triunfo, chorou. O ancião ergueu-se como se alguém o tivesse chamado, contemplou o espaço como se nele visse uma aurora. Depois, dobrou o joelho sobre a poltrona, juntou as mãos e baixou os olhos para o chão, num gesto de profunda humildade.

— Meu Deus! — disse com uma voz comovida, erguendo a cabeça. — Se alguém pode obter a minha graça e conduzir-me para ti, não será justamente esta criatura sem mancha? Perdoa a esta velhice arrependida que esta gloriosa criança te apresenta!

Elevou, mentalmente, a alma a Deus, pedindo-lhe que acabasse de esclarecê-lo com sua ciência após havê-lo fulminado com sua graça. Voltou-se para o cura estendendo-lhe a mão:

— Meu caro pastor, torno-me pequeno. Pertenço-lhe e entrego-lhe minha alma.

Úrsula cobriu de lágrimas de alegria as mãos do padrinho, ao beijá-las. O ancião tomou a menina ao colo e nomeou-a alegremente sua madrinha. O cura, completamente enternecido, recitou o *Veni, Creator*, [83] com uma espécie de efusão religiosa. Esse hino serviu de prece da noite aos três cristãos ajoelhados.

— Que é isso? — perguntou a Bougival, admirada.

— Finalmente, meu padrinho crê em Deus! — respondeu Úrsula.

— Ah, até que enfim! Tanto melhor! Só lhe faltava isso para ser perfeito! — exclamou a velha bressense, persignando-se com uma grave naturalidade.

— Meu caro doutor — disse o bom padre —, você compreenderá logo as grandezas da religião e a necessidade de suas práticas. Achará sua filosofia, no que ela tem de humano, bem mais elevada que a dos espíritos mais audaciosos.

O cura, que manifestava uma alegria quase pueril, concordou então em catequizar o ancião, conferenciando com ele duas vezes por semana. Assim, a conversão, atribuída a Úrsula e a um espírito de sórdido interesse, foi espontânea. O cura, que se abstera, durante catorze anos, de tocar nas chagas daquele coração, embora as deplorasse, fora solicitado como mandamos chamar o cirurgião ao nos sentirmos feridos. Depois daquela cena, todas as noites, as orações pronunciadas por Úrsula haviam sido feitas em comum. Progressivamente o ancião fora sentindo a paz suceder às agitações. Tendo, como dizia, Deus por editor responsável das coisas inexplicáveis, seu espírito ficava tranquilo. Sua querida menina dizia-lhe que nisso se via bem que ele avançava no reino de Deus. Durante a missa, lera as orações, aplicando nelas sua compreensão, porque, numa primeira conferência, ele havia alcançado a divina ideia da comunhão entre todos os fiéis. O velho neófito compreendera o símbolo eterno ligado a esse alimento, e que a fé torna necessário quando se penetrou no seu sentido íntimo, profundo, radioso. Se ele parecera apressado em voltar para casa, fora para agradecer à sua querida afilhada por havê-lo feito ingressar na religião, segundo a bela expressão hoje fora da moda. Assim,

mantinha-a sobre os joelhos, no salão, e beijava-a candidamente na frente, no momento em que, maculando com seus temores ignóbeis uma influência tão pura, seus herdeiros colaterais prodigalizavam a Úrsula os mais grosseiros ultrajes. A pressa do velho em entrar em casa, seu pretenseu desdém pelos parentes, suas mordazes respostas ao sair da igreja, eram, naturalmente, atribuídos pelos herdeiros ao ódio que Úrsula lhe inspirava contra eles.

VIII – UMA DUPLA CONSULTA

Enquanto a moça tocava para o padrinho as variações sobre o *Último pensamento de Weber*, tramava-se na sala de jantar da casa Minoret-Levrault uma conspiração que devia ter como resultado trazer à cena um dos principais personagens deste drama. O almoço, ruidoso como todos os almoços de província, e animado pelos excelentes vinhos que chegam a Nemours pelo canal, seja da Bourgogne, seja da Touraine, durou mais de duas horas. Zélia encomendara mariscos, peixe do mar e algumas raridades gastronômicas, a fim de festejar a volta de Desidério. A sala de jantar, no meio da qual a mesa redonda oferecia um espetáculo divertido, tinha o aspecto duma sala de hospedaria. Orgulhosa com a importância de sua família, Zélia havia construído um pavilhão entre seu vasto pátio e a horta cultivada de legumes e cheia de árvores frutíferas. Tudo, em sua casa, era apenas limpo e sólido. O exemplo de Levrault-Levrault fora terrível para a região. Assim, impedira que seu mestre arquiteto a arrastasse a tais tolices. A sala era forrada com papel envernizado, mobiliada com cadeiras e armários de nogueira, e adornada com uma estufa de

faiança, um relógio de parede e um barômetro. Se a baixela era de porcelana branca comum, a mesa brilhava pela toalha e uma prataria abundante. O café foi servido por Zélia, que ia e vinha como um grão de chumbo numa garrafa de champanhe, pois ela se contentava com uma cozinheira. Desidério, o futuro advogado, foi então posto a par do grande acontecimento da manhã e de suas consequências, e, depois de Zélia ter fechado a porta, foi dada a palavra ao tabelião Dionis. Pelo silêncio que se fez e pelos olhares que cada herdeiro fixou naquele rosto legal, é fácil reconhecer o domínio que tais homens exercem sobre as famílias.

— Meus caros filhos — disse ele —, seu tio, tendo nascido em 1746, tem hoje oitenta e três anos. Ora, os velhos são sujeitos a loucuras, e essa pequena...

— Víbora — exclamou a sra. Massin.

— Miserável — disse Zélia.

— Chamemo-la apenas por seu nome — replicou Dionis.

— Pois bem, é uma ladra — disse a sra. Crémère.

— Uma linda ladra — replicou Desidério Minoret.

— Essa pequena Úrsula — continuou Dionis — o tem preso pelo coração. No interesse de vocês todos, que são meus clientes, não esperarei essa manhã para obter informações, e eis o que sei sobre essa jovem...

— Espoliadora! — exclamou o exator.

— Captadora de herança — disse o escrivão.

— Silêncio, meus amigos — disse o tabelião —, ou eu tomo meu chapéu, deixo-os e boa-tarde.

— Vamos, papai — exclamou Minoret, servindo-lhe um cálice de rum —, tome! É de Roma, mesmo. E ande depressa, isto paga cem

sous de direitos.

— Úrsula é, na verdade, filha legítima de José Mirouët; mas seu pai é filho natural de Valentim Mirouët, sogro de seu tio. Úrsula é, pois, sobrinha natural do dr. Dionísio Minoret. Como sobrinha natural, o testamento que o doutor fizesse em seu favor seria, talvez, atacável. E, se ele lhe deixasse assim sua fortuna, vocês moveriam contra Úrsula um processo muito mau para vocês, pois pode-se sustentar que não existe nenhum laço de parentesco entre Úrsula e o doutor. Esse processo, porém, certamente assustaria uma moça indefesa e daria lugar a alguma transação.

— É tão grande o rigor da lei sobre os direitos dos filhos naturais — disse o recém-licenciado, ansioso por mostrar seu saber — que, nos termos de uma sentença da Corte de Cassação de 7 de julho de 1817, o filho natural nada pode reclamar de seu *avô natural*, nem mesmo alimentos. Assim, veem os senhores que se ampliou o *parentesco* do filho natural. A lei persegue o filho natural até em sua descendência legítima, porque ela supõe que as liberalidades feitas aos netos se dirigem ao filho natural por *interposição* de pessoa. Isso resulta dos artigos 757, 908 e 911 do Código Civil combinados. Do mesmo modo, a Corte Real de Paris, a 26 de dezembro do ano passado, reduziu um legado feito ao filho legítimo do filho natural pelo avô, o qual, naturalmente, como avô, era tão estranho para o neto natural como o doutor, na qualidade de tio, pode sê-lo relativamente a Úrsula.

— Tudo isso — disse Goupil — não me parece referir-se senão à questão das liberalidades feitas pelos avós à descendência natural. Não se trata, absolutamente, dos tios, que não me parecem ter nenhum laço de parentesco com os filhos legítimos de seus cunhados naturais. Úrsula é uma estranha para o dr. Minoret. Recordo-me duma sentença da Corte Real de Colmar, proferida em 1825, quando eu acabava meu estudo de Direito e pela qual se declarou que, uma vez morto o filho natural, sua descendência não podia mais ser objeto de uma *interposição*. Ora, o pai de Úrsula morreu.

A argumentação de Goupil produziu isso que, nos relatórios das sessões legislativas, os jornalistas designam por estas palavras: *profunda sensação*.

— Que significa isto?! — exclamou Dionis. — Que o caso de liberalidades feitas pelo tio de um filho natural ainda não se

apresentou diante dos tribunais. Mas, se ele se apresentar, o rigor da lei francesa para com os filhos naturais será tanto mais bem aplicado porquanto estamos numa época em que a religião é respeitada. Assim, posso responder que sobre esse processo haverá transação, sobretudo quando souberem que vocês estão determinados a levar Úrsula até a Corte de Cassação.

Uma alegria de herdeiros que encontram montes de ouro brilhou através de sorrisos, convulsões e gestos em torno da mesa, que não permitiram perceber uma negação de Goupil. A esse alvoroço seguiram-se um profundo silêncio e a inquietação provocados por uma palavra do tabelião, palavra terrível: “Mas...!”.

Como se tivesse puxado o fio de um desses pequenos teatros no qual os personagens se movimentam às sacudidas por meio de um mecanismo de uma engrenagem, Dionis viu então todos os olhos fitos em si, todas as fisionomias imobilizadas numa atitude única.

— Mas nenhuma lei, porém, pode impedir que seu tio adote ou despose Úrsula — acrescentou ele. — Quanto à adoção, seria contestada, e vocês teriam, creio, ganho de causa: as Cortes Reais não brincam em matéria de adoção, e vocês seriam ouvidos no inquérito. Não adiantaria ao doutor possuir o cordão de São Miguel, ser oficial da Legião de Honra e antigo médico do ex-imperador: perderia do mesmo modo. Mas se vocês estão prevenidos em caso de adoção, como viriam a saber do casamento? O velho é bastante astuto para ir casar-se em Paris após um ano de domicílio e reconhecer à noiva, pelo contrato, um dote de um milhão. O único ato que põe sua herança em perigo é, pois, o casamento da pequena com seu tio.

Aqui, o tabelião fez uma pausa.

— Existe um outro perigo — disse Goupil, com uma expressão de inteligência. — O de um testamento feito a um terceiro, o tio Bongrand, por exemplo, e que teria um fideicomisso relativo à srta. Úrsula Mirouët.

— Se vocês importunarem seu tio — acrescentou Dionis cortando a palavra a seu primeiro amanuense —, se vocês todos não forem muito bons para Úrsula, vocês o impelirão, seja ao casamento, seja ao fideicomisso de que lhes fala Goupil: mas não o creio capaz de recorrer ao fideicomisso, que é um meio perigoso. Quanto ao casamento, é fácil impedi-lo. Desidério não terá que fazer mais que um dedo de corte à pequena; ela preferirá sempre um rapaz encantador, o galo de Nemours, a um ancião.

— Mamãe — disse ao ouvido de Zélia o filho do chefe da posta, atraído tanto pelo dinheiro como pela beleza de Úrsula —, se eu a desposasse, teríamos tudo.

— Estás louco? Tu, que terás um dia cinquenta mil libras de renda e que deves chegar a deputado! Enquanto eu estiver viva, não quebrarás o pescoço por um casamento idiota. Setecentos mil francos...? Bela coisa! A filha única do administrador municipal terá cinquenta mil francos de renda e já me foi proposta...

Essa resposta, em que pela primeira vez na vida sua mãe lhe falara com rudeza, apagou em Desidério toda esperança de casamento com a bela Úrsula. Seu pai e ele jamais prevaleceriam sobre a decisão escrita nos terríveis olhos azuis de Zélia.

— Oh! Diga também, sr. Dionis — exclamou Crémère, a quem a mulher havia tocado com o cotovelo —, que se o velho tomasse a coisa a sério e casasse sua pupila com Desidério, dando-lhe a sua

propriedade de toda a fortuna, adeus herança! E se viver ainda cinco anos, nosso tio alcançará um milhão.

— Nunca! — exclamou Zélia. — Enquanto eu viver, Desidério não se casará com a filha dum bastardo, uma rapariga tomada por caridade, apanhada na rua! Palavra de honra! Meu filho deve representar os Minoret após a morte do tio, e os Minoret têm quinhentos anos de boa burguesia. Isso equivale à nobreza. Fiquem tranquilos: Desidério há de casar-se quando soubermos o que ele se pode tornar na Câmara dos Deputados.

Essa altiva declaração foi apoiada por Goupil, que disse:

— Desidério, com vinte e quatro mil francos de renda, será presidente duma Corte Real ou procurador-geral, o que leva ao pariato; e um casamento idiota o enterraria.

Os herdeiros começaram então a falar uns com os outros. Calaram-se, porém, diante do murro que Minoret deu sobre a mesa para conservar o tabelião com a palavra.

— Seu tio é um homem digno e bravo — continuou Dionis. — Julga-se imortal; e, como todas as pessoas inteligentes, se deixará surpreender pela morte sem ter feito testamento. Minha opinião é, pois, no momento, incitá-lo a colocar seus capitais, de maneira a tornar seu esbulho difícil, e a ocasião para isto surgiu agora. O pequeno de Portenduère está em Sainte-Pélagie, encarcerado por cento e tantos mil francos de dívidas. Sua velha mãe sabe-o na prisão; chora como uma Madalena e convidou o padre Chaperon para jantar, sem dúvida para falar-lhe desse desastre. Pois bem! Irei esta tarde induzir seu tio a vender seus títulos de cinco por cento, consolidados, que estão a cento e dezoito, e emprestar à sra. de Portenduère, sobre sua herdade em Bordières e sua casa, a

importância necessária para libertar o filho pródigo. Estou no meu papel de tabelião falando-lhe em favor desse tolinho de Portenduère e é muito natural que eu procure fazê-lo transferir seus títulos: tenho minha parte nessas transações. Se eu puder influenciá-lo, proporei outras hipotecas sobre terras para o resto do capital, pois tenho excelentes negócios que lhe servem, em meu cartório. Uma vez sua fortuna colocada em propriedades prediais ou em créditos hipotecários na região, não desaparecerá facilmente. Pode-se, sempre, fazer surgir embaraços entre a vontade de realizar e a realização.

Os herdeiros, impressionados com o acerto dessa argumentação, muito mais hábil que a do sr. Josse,[\[84\]](#) fizeram ouvir murmúrios aprovativos.

— Tratem, portanto — disse o tabelião, concluindo —, de conservar seu tio em Nemours, onde ele tem seus hábitos e onde vocês poderão vigiá-lo. Dando um namorado à pequena, vocês impedirão o casamento...

— Mas se saísse o casamento? — perguntou Goupil, inspirado por uma ideia ambiciosa.

— Isso não seria tão mau. A perda seria fixada em algarismos, a gente saberia o que o velho quer dar-lhe — respondeu o tabelião. — Mas se vocês lhe largarem Desidério, ele poderá muito bem ir iludindo a pequena até a morte do velho. Os casamentos se fazem e se desfazem.

— O mais certo — disse Goupil —, se o doutor ainda viver muito tempo, seria casá-la com um bom rapaz que os desembaraçaria dela, indo estabelecer-se em Sens, em Montargis, em Orléans, com cem mil francos.

Dionis, Massin, Zélia e Goupil, os únicos cérebros fortes da assembleia, trocaram quatro olhares cheios de intenções.

— Isso seria o verme na pera — disse Zélia ao ouvido de Massin.

— Por que será que deixaram vir? — perguntou o escrivão.

— Isso te serviria! — exclamou Desidério para Goupil. — Mas poderias algum dia tornar-te suficientemente limpo para agradar ao velho e à pupila?

— Não pões prego sem estopa — disse o chefe da posta, que acabou por compreender a intenção de Goupil.

Essa pesada brincadeira teve um efeito prodigioso. O primeiro amanuense examinou os que riam com um olhar circular tão terrível que o silêncio se restabeleceu em seguida.

— Hoje em dia — disse Zélia a Massin, ao ouvido —, os tabeliães não se preocupam senão com seus interesses. E se Dionis, para ganhar comissões, se colocasse do lado de Úrsula?

— Tenho confiança nele — respondeu o escrivão, olhando para a prima com seus olhinhos maliciosos.

Ia acrescentar: “Sei como arruiná-lo”, mas conteve-se.

— Sou inteiramente da opinião de Dionis — disse em voz alta.

— E eu também — exclamou Zélia, que, entretanto, já suspeitava que o tabelião estivesse conluiado com o escrivão.

— Minha mulher votou! — disse o chefe da posta, sorvendo um cálice, embora sua face já estivesse violácea pela digestão do almoço e uma notável absorção de líquidos.

— Está muito bem — disse o exator.

— Irei, então, depois do jantar — tornou Dionis.

— Se o sr. Dionis tem razão — disse a sra. Crémère à sra. Massin —, precisamos ir à casa de nosso tio como outrora, nos domingos à

tarde, e fazer tudo quanto o sr. Dionis acaba de dizer.

— Sim, para sermos recebidos como fomos! — exclamou Zélia. — Temos mais de quarenta boas mil libras de renda, e ele recusou todos os nossos convites. Valemos tanto quanto ele. Se não sei receitar xaropes, sei governar minha casa!

— Como estou longe de ter quarenta mil libras de renda — disse a sra. Massin um pouco picada —, não gostaria de perder dez mil!

— Somos sobrinhas dele. Vamos cuidar dele e veremos o que há de verdade nisso tudo — disse a sra. Crémère —, e um dia nos agradecerá por isso, prima.

— Tratem bem de Úrsula. O bom velho Jordy deixou-lhe suas economias! — disse o tabelião, levantando o dedo indicador direito à altura do lábio.

— Vou vestir-me de gala — exclamou Desidério.

— O senhor esteve forte como Desroches, o mais forte dos solicitadores de Paris — disse Goupil ao patrão, ao saírem da posta.

— E eles discutem nossos honorários! — respondeu o tabelião, sorrindo com amargura.

Os herdeiros que acompanhavam Dionis e seu primeiro amanuense encontraram-se, com o rosto bastante afogueado pelo almoço, à saída das vésperas. Confirmando as previsões do tabelião, o padre Chaperon dava o braço à velha sra. de Portenduère.

— Ela o arrastou às vésperas — exclamou a sra. Massin, mostrando, à sra. Crémère, Úrsula e o padrinho, que saíam da igreja.

— Vamos falar com ele — disse a sra. Crémère, avançando para o velho.

A mudança que a conferência operara sobre os rostos de todos surpreendeu o dr. Minoret. Ele se interrogou sobre a causa daquela amizade de encomenda e, por curiosidade, favoreceu o encontro de Úrsula com as duas mulheres, apressadas em saudá-la com uma afeição exagerada e sorrisos forçados.

— Permite-nos, tio, que o visitemos esta tarde? — perguntou a sra. Crémière. — Algumas vezes temos tido receio de incomodá-lo; mas faz muito tempo que nossos filhos não cumprem seus deveres para consigo e nossas filhas estão em idade de travar relações com a querida Úrsula.

— Úrsula é digna de seu nome — replicou o doutor. — É muito selvagem.

— Deixe-nos domesticá-la — disse a sra. Massin. — Além disso, tio — acrescentou a boa dona de casa, tentando ocultar seus projetos sob um cálculo de economia —, disseram-nos que sua querida afilhada tem tão belo talento para o piano que ficaríamos encantadas em ouvi-la. A sra. Crémière e eu estamos dispostas a tomar o mesmo professor para nossas pequenas; e se ele tivesse sete ou oito alunos, poderia baixar os preços à altura de nossas posses...

— Com muito prazer — disse o ancião. — E será tanto melhor, porque quero dar também um professor de canto a Úrsula.

— Pois bem, até logo, tio. Iremos com seu sobrinho-neto Desidério, que agora é advogado.

— Até logo — respondeu Minoret, que quis penetrar naquelas almas mesquinhas.

As duas sobrinhas apertaram a mão de Úrsula, dizendo-lhe com uma amabilidade afetada:

— Até a vista.

— Oh, padrinho, o senhor lê no meu coração? — exclamou Úrsula, dirigindo ao velho um olhar cheio de gratidão.

— Tens voz — disse ele. — E quero dar-te, também, professores de desenho e de italiano. Uma mulher — acrescentou o doutor, contemplando Úrsula enquanto abria o portão da casa — deve ser educada de maneira a encontrar-se à altura de todas as posições em que o casamento possa colocá-la.

Úrsula ficou vermelha como uma cereja: seu tutor parecia pensar na pessoa em que ela própria pensava. Sentindo-se a ponto de confessar ao doutor a inclinação involuntária que a levava a ocupar-se de Saviniano e de lhe dar a conhecer todos os seus desejos de aperfeiçoamento, foi sentar-se sob o maciço de trepadeiras onde, de longe, se destacava como uma flor branca e azul.

— O senhor está vendo, padrinho, que suas sobrinhas são boas para mim. Foram gentis — disse, ao vê-lo aproximar-se e para retribuir-lhe os pensamentos que a tornavam sonhadora.

— Pobre menina! — exclamou o velho.

Colocou sobre seu braço a mão de Úrsula dando-lhe palmadinhas e a conduziu ao longo do terraço à borda da ribeira, onde ninguém podia ouvi-los.

— Por que o senhor diz “Pobre menina”?

— Não vêes que elas têm medo de ti?

— E por quê?

— Meus herdeiros estão, neste momento, muito inquietos com a minha conversão. Certamente a atribuem ao domínio que exerces sobre mim e imaginam que eu os prejudicarei na minha herança para enriquecer-te.

— Mas o senhor não fará isso, não é...? — disse ingenuamente Úrsula, olhando para o padrinho.

— Oh, divina consolação da minha velhice! — exclamou o velho, que ergueu a pupila do chão e a beijou nas faces. — Foi somente por ela, e não por mim, meu Deus!, que há pouco vos pedi que me deixeis viver até o dia em que a tiver confiado a alguma boa criatura digna dela. Vais ver, meu anjinho, as comédias que os Minoret, os Crémière e os Massin virão representar aqui. Tu queres embelezar e prolongar minha vida! Eles não pensam senão em minha morte.

— Deus nos livre de odiar; mas se é assim... Oh! eu os desprezo muito — disse Úrsula.

— Está na mesa! — gritou a Bougival do alto do patamar que havia no fim do corredor, do lado do jardim.

Úrsula e o tutor estavam à sobremesa na bela sala de jantar decorada de pinturas chinesas laqueadas, a ruína de Levrault-Levrault, quando o juiz de paz chegou. O doutor ofereceu-lhe, tal era a intimidade que havia entre eles, uma taça de seu café Moca misturado com café Bourbon e café Martinica, torrado, moído e coado por ele mesmo numa cafeteira Chaptal de prata.

— E então! — disse Bongrand erguendo as lunetas e olhando para o velho com um ar brincalhão. — A cidade está no ar, sua aparição na igreja revolucionou seus parentes. Dizem que você vai deixar a fortuna aos padres e aos pobres. Você os agitou e eles se agitam. Ah! Vi seu primeiro tumulto na praça: estavam alvoroçados como formigas às quais tiraram os ovos.

— Que te dizia eu, Úrsula! — exclamou o velho. — Mesmo com o risco de te causar desgosto, minha filha, não devo ensinar-te a conhecer o mundo e proteger-te contra inimizades imerecidas?

— Eu queria dizer-lhe uma palavra a esse respeito — acrescentou Bongrand, aproveitando a ocasião para falar a seu velho amigo sobre o futuro de Úrsula.

O doutor pôs um gorro de veludo preto sobre a cabeça branca, o juiz de paz conservou o chapéu para se resguardar do ar fresco, e ambos começaram a passear ao longo do terraço, discutindo os meios de assegurar a Úrsula o que seu padrinho lhe queria dar. O juiz de paz conhecia a opinião de Dionis sobre a invalidade dum testamento feito pelo doutor em favor de Úrsula, pois Nemours se preocupava em demasia com a herança Minoret para que ela não tivesse sido agitada entre os jurisconsultos da cidade. Bongrand chegara à conclusão de que Úrsula Mirouët era uma estranha relativamente ao dr. Minoret; percebia muito bem, entretanto, que o espírito da legislação afastava da família as superafetações ilegítimas. Os redatores do Código não haviam previsto mais que a fraqueza dos pais e das mães para com os filhos naturais, sem imaginar que tios ou tias poderiam abraçar a afeição do filho natural em favor de sua descendência. Havia, certamente, uma lacuna na lei.

— Em qualquer outro país — disse ao doutor, acabando de expor-lhe a situação da jurisprudência que Goupil, Dionis e Desidério haviam explicado aos herdeiros —, Úrsula não teria nada a temer. Ela é filha legítima, e a incapacidade de seu pai não deveria ser efetiva senão relativamente à herança de Valentim Mirouët, seu sogro. Na França, porém, a magistratura é, infelizmente, muito espiritual e consequencial, exagera o espírito da lei. Os advogados falarão em moral e demonstrarão que a lacuna do Código provém da ingenuidade dos legisladores, que não previram o caso, sem que tenham estabelecido um princípio a respeito. O processo será longo e

dispendioso. Com Zélia, a coisa iria até a Corte de Cassação, e não tenho certeza de estar vivo ainda quando se mover o processo.

— Mesmo o melhor dos processos não vale nada — exclamou o doutor. — Já estou vendo dissertações sobre a questão: *Até que grau a incompatibilidade que, em matéria de herança, atinge os filhos naturais deve ser estendida?*, e a glória de um bom advogado consiste em ganhar maus processos.

— Palavra de honra! — disse Bongrand. — Eu não ousaria assumir a responsabilidade de afirmar que os magistrados não entenderiam o sentido da lei na intenção de estender a proteção concedida ao casamento, base eterna das sociedades.

Sem se pronunciar sobre suas intenções, o velho rejeitou o fideicomisso. Mas, quanto ao recurso do casamento, que Bongrand lhe propôs empregar para assegurar sua fortuna a Úrsula:

— Pobrezinha! — exclamou o doutor. — Sou capaz de viver ainda quinze anos. Que seria dela?

— E então? Que pensa fazer...? — perguntou Bongrand.

— Pensaremos nisto, vou ver — respondeu o velho doutor visivelmente embaraçado para responder. Nesse momento, Úrsula veio anunciar aos dois amigos que Dionis queria falar com o doutor.

— Dionis, já? — exclamou Minoret, olhando para o juiz de paz. — Sim — disse para Úrsula —, manda entrar.

— Apostaria minhas lunetas contra um palito de fósforo que ele é o testa de ferro de seus herdeiros. Eles todos almoçaram na posta com Dionis. Lá se tramou alguma coisa.

O tabelião, conduzido por Úrsula, chegou até o fundo do jardim. Após as saudações e algumas frases insignificantes, Dionis obteve um

momento de audiência particular. Úrsula e Bongrand retiraram-se para o salão.

“Pensaremos nisso! Vou ver”, dizia Bongrand para si mesmo, repetindo as últimas palavras do doutor. “Assim falam as pessoas inteligentes; a morte as surpreende e elas deixam em embarço os seres que lhes são caros!”

A desconfiança que as pessoas de escol inspiram aos homens de negócios é notável: estes não lhes concedem o *menos* reconhecendo neles o *mais*. Tal desconfiança, porém, talvez seja um elogio. Vendo-os habitar o cimo das coisas humanas, os homens de negócios não acreditam que os homens superiores sejam capazes de descer aos detalhes infinitamente pequenos que, do mesmo modo que os juros em finança e os seres microscópicos em ciência natural, acabam por igualar os capitais e por formar mundos. Erro! Tanto o homem de coração como o homem de gênio veem tudo. Bongrand, picado com o silêncio que o doutor guardara, mas movido, sem dúvida, pelo interesse de Úrsula e julgando-o comprometido, resolveu protegê-la contra os herdeiros. Desesperava-se de nada saber da entrevista do velho com Dionis.

“Por mais pura que seja Úrsula”, pensava, examinando-a, “há um ponto sobre o qual as moças costumam fazer para si mesmas a jurisprudência e a moral... Tentemos!” — Os Minoret-Levrault — disse a Úrsula, ajeitando as lunetas — são capazes de pedi-la em casamento para seu filho.

A pobrezinha empalideceu: ela era muito bem-educada, tinha uma delicadeza muito pura para ir escutar o que se dizia entre Dionis e seu tio; mas, após uma pequena deliberação íntima, acreditou que poderia mostrar-se, certa de que, se sua presença fosse

inconveniente, seu padrinho faria com que ela o percebesse. O pavilhão chinês, onde se achava o gabinete do doutor, estava com as persianas da porta-balcão abertas. Úrsula teve a ideia de ir fechá-las. Desculpou-se por deixar só, na sala de visitas, o juiz de paz, que lhe disse sorrindo:

— À vontade!

IX – A PRIMEIRA CONFIDÊNCIA

Úrsula subiu os degraus da escadaria pela qual se descia do pavilhão chinês ao jardim e ali ficou durante alguns minutos, manobrando as persianas com lentidão e contemplando o pôr do sol. Ouviu, então, essa resposta dada pelo doutor, que se encaminhava para o pavilhão chinês:

— Meus herdeiros ficariam encantados vendo-me colocar meu dinheiro em bens imóveis e hipotecas. Imaginam que desse modo minha fortuna ficaria muito mais segura: adivinho tudo o que eles pensam e é possível que o senhor venha em nome deles. Fique sabendo, meu caro senhor, que minhas disposições são irrevogáveis. Meus herdeiros terão o capital da fortuna que eu trouxe para cá; que eles se considerem avisados disso e me deixem tranquilo. Se algum deles perturbar qualquer coisa do que creio dever fazer por essa criança (designou a afilhada), voltarei do outro mundo para atormentá-lo! Assim, o sr. Saviniano de Portenduère pode ficar na prisão, se contam comigo para tirá-lo de lá — acrescentou o doutor.
— Não venderei meus títulos.

Ao ouvir esse último fragmento de frase, Úrsula experimentou a primeira e a única dor que jamais a atingira. Apoiou a fronte à persiana, agarrando-se a ela para não cair.

— Meu Deus! Que tem ela? — exclamou o velho médico. — Está sem cor. Uma emoção dessas depois do jantar pode matá-la.

Estendeu o braço para segurar Úrsula, que caiu quase desfalecida.

— Adeus, senhor! Deixe-me — disse ele ao tabelião.

Conduziu a afilhada para uma imensa poltrona do tempo de Luís XV, que se achava no seu gabinete, tirou um frasco de éter do meio de sua farmácia e a fez respirá-lo.

— Substitua-me, meu amigo — disse a Bongrand, assustado. — Quero ficar a sós com ela.

O juiz de paz acompanhou o tabelião até o portão, perguntando-lhe, sem demonstrar grande curiosidade:

— Que aconteceu a Úrsula?

— Não sei — respondeu o sr. Dionis. — Ela estava na escadaria, escutando-nos. E, quando *seu tio* se recusou a emprestar a quantia necessária ao jovem Portenduère, que está preso por dívidas, por não ter tido, como o sr. do Rouvre,[\[85\]](#) um sr. Bongrand para defendê-lo, ela empalideceu, vacilou... Será que ela o ama? Haverá entre eles...

— Com quinze anos? — replicou Bongrand, interrompendo Dionis.

— Ela nasceu em fevereiro de 1814. Fará dezesseis anos daqui a quatro meses.

— Ela nunca viu o vizinho — respondeu o juiz de paz. — Não, isso é uma crise.

— Uma crise de coração — replicou o tabelião.

O tabelião estava muito encantado com essa descoberta, que devia impedir o temível casamento *in extremis* pelo qual o doutor podia frustrar os herdeiros, ao passo que Bongrand via ruírem seus castelos no ar: havia muito vinha ele pensando em casar seu filho com Úrsula.

— Se a pobre menina amasse esse rapaz, seria uma desgraça para ela: a sra. de Portenduère é bretã e recheada de nobreza — respondeu o juiz de paz após uma pausa.

— Felizmente... para a honra dos Portenduère — replicou o tabelião, que quase se traiu.

Façamos ao bravo e honesto juiz de paz a justiça de dizer que ao vir do portão à sala de visitas ele abandonou, não sem um sentimento de lástima pelo filho, a esperança que havia acariciado de poder um dia chamar Úrsula de filha. Pensava dar seis mil libras de renda ao filho no dia em que ele fosse nomeado substituto; e, se o doutor quisesse dotar Úrsula com cem mil francos, os dois jovens seriam a flor dos casais: seu Eugênio era um rapaz leal e encantador. É possível que ele tivesse elogiado demais esse Eugênio e que a desconfiança do velho Minoret viesse daí.

“Mudarei o rumo para a filha do administrador municipal”, pensou Bongrand. “Mas Úrsula sem dote vale mais que a srta. Levrault-Crémière com o seu milhão. Agora, é preciso manobrar para fazer Úrsula casar-se com esse pequeno Portenduère, se é que ela o ama”.

Após ter fechado a porta do lado da biblioteca e a do jardim, o doutor havia levado a pupila à janela que dava para o rio.

— Que tens, criança cruel? — perguntou-lhe. — Tua vida é a minha vida. Sem teu sorriso, que seria de mim?

— Saviniano está preso! — respondeu ela.

Após essas palavras, uma torrente de lágrimas jorrou de seus olhos e ela começou a soluçar.

“Está salva!”, pensou o velho, que lhe tomava o pulso com uma ansiedade de pai. “Oh, ela tem a mesma sensibilidade de minha pobre mulher!”, pensou, indo buscar um estetoscópio, que colocou sobre o coração de Úrsula, aplicando a ele o ouvido. “Vamos! Tudo está bem!”, disse para si mesmo. — Eu não sabia, meu coração, que já o amavas tanto — acrescentou, contemplando-a. — Mas abre-te comigo como se fosse contigo mesma e conta-me tudo o que se passou entre vocês dois.

— Não o amo, padrinho; nunca trocamos uma palavra — respondeu ela, soluçando. — Mas saber que esse pobre rapaz está na prisão e que o senhor se recusa a tirá-lo de lá, o senhor, que é tão bom!

— Úrsula, meu bom anjinho, se não o amas, por que puseste um ponto vermelho diante do dia de São Saviniano, como diante do dia de São Dionísio? Vamos, conta-me todos os detalhes desse assunto de coração.

Úrsula corou, conteve algumas lágrimas e entre ela e o tio houve um momento de silêncio.

— Tens medo de teu pai, teu amigo, tua mãe, teu médico, teu padrinho, cujo coração, há alguns dias, se tornou ainda mais terno do que antes?

— Pois bem, querido padrinho, vou abrir-lhe minha alma. No mês de maio, o sr. Saviniano veio ver a mãe. Até essa viagem, eu não havia prestado a menor atenção a ele. Quando ele partiu para morar em Paris, eu era uma criança e não via, juro-lhe, nenhuma diferença

entre um rapaz e as pessoas como o senhor, a não ser que eu amava o senhor sem nunca imaginar que pudesse querer mais a outro. O sr. Saviniano chegou pela diligência na véspera do dia do onomástico de sua mãe, sem que o soubéssemos. Às sete horas da manhã, após ter rezado minhas orações, ao abrir a janela para arejar o quarto, vi as janelas do quarto do sr. Saviniano abertas e ele estava lá, de roupão, fazendo a barba e com uma graça em seus gestos... enfim, achei-o bonito. Ele alisou os bigodes negros, a vírgula sobre o queixo, e vi seu pescoço branco, roliço... Será preciso dizer-lhe tudo...? Percebi que aquele pescoço tão jovem, aquele rosto e os belos cabelos negros eram bem diferentes dos seus quando eu o contemplava fazendo a barba. Senti então, vindo não sei de onde, como se fosse um vapor subindo por ondas ao coração, à garganta, à cabeça, e tão violentamente que tive de sentar-me. Não podia manter-me de pé, tremia. Mas tinha tanta vontade de revê-lo que me ergui na ponta dos pés. Ele me viu, então, e, por gracejo, enviou-me com a ponta dos dedos um beijo e...

— E...?

— E — continuou ela — escondi-me, tão envergonhada quanto feliz. Essa sensação, que me deslumbrava a alma, dando-lhe uma estranha força, repetiu-se todas as vezes que eu revia em pensamento aquele rosto jovem. Por fim, passei a sentir prazer em tornar a experimentar essa sensação, por violenta que fosse. Indo à missa, uma força invencível impeliu-me a contemplar o sr. Saviniano dando o braço à mãe: seu modo de andar, suas vestes, tudo, até o ruído de seus sapatos sobre a calçada me parecia belo. A menor coisa dele, sua mão tão delicadamente enluvada, exercia em mim como que um encanto... Entretanto, tive forças para não pensar mais nele durante

a missa. À saída, fiquei na igreja de modo a deixar a sra. de Portenduère sair primeiro e, assim, poder caminhar atrás dele. Eu não saberia dizer-lhe quanto me interessavam essas pequenas manobras. Ao entrar, quando me voltei para fechar o portão...

— E a Bougival...? — perguntou o doutor.

— Oh! Eu a havia deixado ir à cozinha — disse Úrsula, com sinceridade. — Pude, assim, naturalmente, ver o sr. Saviniano parado a contemplar-me. Oh, padrinho, fiquei tão envaidecida, acreditando notar em seus olhos uma espécie de surpresa e de admiração, que não sei o que teria feito para proporcionar-lhe a ocasião de olhar para mim. Pareceu-me que, daí em diante, eu não devia senão procurar agradar-lhe. Seu olhar é, agora, a mais doce recompensa de minhas boas ações. Desde aquele momento, penso nele sem cessar e sem querer. O sr. Saviniano voltou para Paris à tarde, não o vi mais. A Rue des Bourgeois pareceu-me vazia e é como se ele tivesse levado meu coração consigo, sem o saber.

— É tudo? — perguntou o doutor.

— Tudo, padrinho — disse ela, com um suspiro no qual o pesar de não ter mais coisas a contar era abafado pela dor do momento.

— Queridinha — disse o doutor, sentando Úrsula no seu colo —, vais completar dezesseis anos em breve e tua vida de mulher vai começar. Estás entre a infância bendita, que cessa, e as agitações do amor, que te criarão uma existência tormentosa, porque tens o sistema nervoso de uma delicada sensibilidade. O que te sucede é o amor, minha filha — disse o velho, com uma expressão de profunda tristeza —, é o amor na sua santa ingenuidade, o amor como ele deve ser: involuntário, rápido, que chega como um ladrão que se apodera de tudo... sim, tudo! E eu já o esperava. Tenho observado muito as

mulheres e sei que, se na maioria, elas não capitulam senão após muitos testemunhos e milagres de afeição e não rompem o silêncio e não cedem senão vencidas, outras há que, sob o domínio de uma simpatia hoje explicável pelos fluidos magnéticos, são invadidas num instante. Posso dizer-te hoje: logo que vi a encantadora mulher cujo nome te dei, senti que somente a ela eu amaria, fielmente, sem saber se nossos gênios e nossas pessoas se dariam bem. Terá o amor o dom da vidência? Que responder, após ter visto tantas uniões celebradas sob os auspícios de tão celeste contrato, mais tarde rompidas, gerando ódios quase eternos, antipatias absolutas? Os sentidos podem, por assim dizer, harmonizar-se e as ideias estarem em desacordo: e provavelmente muitas pessoas vivem mais pelas ideias que pelo corpo. Ao contrário, muitas vezes os gênios estão de acordo e as pessoas se desagradam. Esses fenômenos tão diferentes, que dariam a explicação de muitas desventuras, demonstraram a sabedoria das leis que conferem aos pais o poder de decidir sobre o casamento dos filhos, pois uma moça frequentemente se torna vítima duma dessas ilusões. Assim, não te censuro. As sensações que experimentas, esse impulso de tua sensibilidade que se precipita de seu centro ainda desconhecido sobre teu coração e tua inteligência, essa felicidade com que pensas em Saviniano, tudo é natural. Mas, minha adorada filha, como te disse nosso bom padre Chaperon, a sociedade exige o sacrifício de muitas inclinações naturais. O destino da mulher é diverso do do homem. Pude escolher Úrsula Mirouët por esposa e ir até ela para dizer-lhe o quanto a amava; ao passo que uma moça mente às suas virtudes, solicitando o amor daquele a quem ama: a mulher não tem, como nós, a faculdade de tentar às claras a realização de seus desejos. Assim o pudor é em vós, e sobretudo em

ti, a barreira intransponível que guarda os segredos do coração. Tua hesitação em confiar-me tuas primeiras emoções bem mostra que sofrerias as mais cruéis torturas antes de confessar a Saviniano...

— Oh, sim! — disse ela.

— Mas, minha filha, debes fazer ainda mais; debes reprimir os impulsos de teu coração, esquecê-los.

— Por quê?

— Porque, meu anjinho, não debes amar senão ao homem que será teu marido; e, mesmo que o sr. Saviniano de Portenduère te amasse...

— Ainda não pensei nisso.

— Escuta-me: mesmo que ele te amasse e que sua mãe me pedisse tua mão para ele, eu não consentiria nesse casamento senão após haver submetido Saviniano a um longo e amadurecido exame. Sua conduta acaba de torná-lo suspeito a todas as famílias e ergueu entre as herdeiras e ele barreiras que dificilmente cairão.

Um sorriso de anjo secou as lágrimas de Úrsula, que disse:

— Há males que vêm para bem.

O doutor ficou sem resposta diante dessa ingenuidade.

— Que fez ele, padrinho? — perguntou ela.

— Em dois anos, meu anjinho, ele fez em Paris cento e vinte mil francos de dívidas! Cometeu a tolice de se deixar encarcerar em Sainte-Pélagie,^[86] inabilidade que, nos tempos que correm, desconsidera um rapaz para sempre. Um perdulário, capaz de mergulhar uma pobre mãe na dor e na miséria, faz, como teu pobre pai, morrer a mulher de desespero!

— Acredita que ele possa se corrigir? — perguntou ela.

— Se a mãe pagar por ele, ele ficará na miséria, e não sei de pior correção para um nobre do que ficar sem fortuna.

Essa resposta tornou Úrsula pensativa. Enxugou as lágrimas e disse ao padrinho:

— Se o senhor puder salvá-lo, salve-o, padrinho. Esse favor lhe dará o direito de aconselhá-lo: o senhor lhe fará advertências...

— E — disse o doutor, imitando a maneira de falar de Úrsula — ele poderá vir aqui, a velha senhora também virá, nós os veremos, e...

— Não penso, neste momento, senão nele mesmo — respondeu Úrsula, corando.

— Não penses mais nele, minha pobre filha. É uma loucura! — disse gravemente o doutor. — Nunca a sra. de Portenduère, uma Kergarouët,[\[87\]](#) mesmo que não tivesse mais de trezentas libras por ano para viver, consentiria no casamento do visconde Saviniano de Portenduère, sobrinho-neto do falecido conde de Portenduère, tenente-general da frota do rei e filho do visconde de Portenduère, capitão de navio, com quem?, com Úrsula Mirouët, filha dum músico de regimento, sem fortuna e cujo pai — ai de ti, chegou o momento de saberes — era bastardo dum organista, de meu sogro.

— Oh, padrinho! O senhor tem razão. Não somos iguais senão perante Deus. Não pensarei mais nele senão em minhas orações — disse ela, entre os soluços provocados por essa revelação. — Dê-lhe tudo quanto o senhor me destina. De que pode precisar uma pobre moça como eu...? Preso, ele!

— Oferece a Deus todas as tuas mortificações e talvez Ele venha em nosso auxílio.

Reinou silêncio durante alguns instantes. Quando Úrsula, que não ousava fitar o padrinho, ergueu os olhos para ele, seu coração

ficou profundamente abalado pelas lágrimas que rolavam pelas suas faces murchas. As lágrimas dos velhos são tão terríveis quanto as das crianças são naturais.

— Que tem, meu Deus? — perguntou ela, atirando-se a seus pés e beijando-lhe as mãos. — Não tem confiança em mim?

— Eu, que desejaria satisfazer a todos os teus desejos, vejo-me obrigado a causar-te a primeira grande dor de tua vida! Sofro tanto como tu. Não chorei senão pela morte de meus filhos e de Úrsula. Está bem, farei tudo o que quiseres! — exclamou.

Através das lágrimas, Úrsula dirigiu ao padrinho um olhar que foi como um clarão. Depois, sorriu.

— Vamos ao salão e guarda segredo sobre tudo isto, minha pequena — disse o doutor, deixando a afilhada só no gabinete.

O velho se sentiu tão fraco contra aquele divino sorriso que ia dizer uma palavra de esperança e enganar, assim, a afilhada.

X – OS PORTENDUÈRE

Naquele momento, a sra. de Portenduère, a sós com o cura em sua fria saleta do pavimento térreo, acabara de contar suas dores ao bom padre, seu único amigo. Tinha na mão as cartas que o padre Chaperon lhe devolvera após ter lido e que haviam levado suas misérias ao auge. Sentada numa poltrona, diante da mesa quadrada onde se viam os restos da sobremesa, a velha senhora olhava para o cura, que, do outro lado, concentrado em sua cadeira, acariciava o queixo com esse gesto comum aos criados de teatro, aos matemáticos

e aos padres e que denuncia alguma meditação sobre um problema difícil de resolver.

A saleta, iluminada por duas janelas que davam para a rua e forrada de madeira pintada de cinzento, era tão úmida que as almofadas inferiores ofereciam ao olhar as fendas geométricas da madeira apodrecida quando ela já não está sendo mantida senão pela pintura. O pavimento de tijolos, vermelho e esfregado pela única criada da velha senhora, exigia diante de cada cadeira pequenas rodela de esparto, sobre uma das quais o padre mantinha os pés. As cortinas, de velho damasco verde-claro com flores verdes, estavam corridas e as persianas tinham sido fechadas. Duas velas iluminavam a mesa, deixando a peça numa semiobscuridade. Será necessário dizer que entre as duas janelas um belo pastel de Latour[88] mostrava o famoso almirante de Portenduère, o rival dos Suffren, dos Kergarouët, dos Guichen e dos Simeuse?[89] Sobre o forro de madeira diante da estufa, viam-se o visconde de Portenduère e a mãe da velha senhora, uma Kergarouët-Ploëgat. Saviniano tinha, pois, por tio-avô, o vice-almirante de Kergarouët[90] e, por primo, o conde de Portenduère,[91] neto do almirante, ambos muito ricos. O vice-almirante de Kergarouët morava em Paris e o conde de Portenduère no castelo desse nome, no Dauphiné. Seu primo, o conde, representava o ramo mais velho da família, e Saviniano era o único rebento do mais moço dos Portenduère. O conde, com mais de quarenta anos de idade, casado com uma mulher rica, tinha três filhos. Sua fortuna, acrescida por várias heranças, montava, dizia-se, a sessenta mil libras de renda. Deputado do Isère, passava os invernos em Paris, onde comprara o palácio de Portenduère com as indenizações que lhe proporcionou a lei Villèle.[92] O vice-almirante

de Kergarouët desposara, recentemente, a sobrinha, srta. de Fontaine, unicamente para assegurar-lhe a fortuna. As faltas do visconde deviam, pois, fazer-lhe perder duas valiosas proteções. Jovem e belo rapaz, se Saviniano tivesse ingressado na Marinha, com o nome que levava e apoiado por um almirante e um deputado, talvez aos vinte e três anos já fosse capitão-tenente. Mas a mãe, opondo-se a que o filho único se destinasse à vida militar, educara-o em Nemours por um coadjutor do padre Chaperon e se sentia lisonjeada em poder conservar o filho junto de si até a morte. Ela queria, sensatamente, casá-lo com uma srta. D'Aiglemont,[93] possuidora de doze mil libras de renda e a cuja mão o nome de Portenduère e a herdade de Bordières permitiam pretender. Esse plano, modesto mas razoável, que podia reerguer a família na segunda geração, tinha sido frustrado pelos acontecimentos. Os D'Aiglemont estavam, então, arruinados, e uma de suas filhas, a mais velha, Helena,[94] havia desaparecido, sem que a família explicasse o mistério. O tédio duma vida sem ar, sem objetivo e sem ação, sem outro alimento além do amor dos filhos pelas mães, fatigou de tal modo Saviniano que ele rompeu suas cadeias, por brandas que fossem, e jurou nunca mais viver na província, compreendendo, um pouco tarde, que seu futuro não estava na Rue des Bourgeois. Aos vinte e um anos, pois, deixara a mãe para se apresentar aos parentes e tentar fortuna em Paris. Devia ser funesto o contraste da vida de Nemours com a vida de Paris, para um rapaz de vinte e um anos, livre, sem mentor, necessariamente faminto de prazeres e a quem o nome de Portenduère e sua tão rica parentela abriam os salões. Certo de que a mãe guardava as economias de vinte anos acumuladas nalgum cofre, Saviniano gastou logo os seis mil francos que ela lhe dera para ver

Paris. Essa importância não cobriu as despesas dos seis primeiros meses e ele ficou devendo o dobro dela ao hotel, ao alfaiate, ao sapateiro, ao alquilador de carros e cavalos, a um joalheiro, a todos os comerciantes que concorrem para o luxo dos jovens. Mal havia conseguido fazer-se conhecer, mal sabia falar, apresentar-se, vestir os coletes e escolhê-los, encomendar as casacas e amarrar a gravata, e já se achava diante de trinta mil francos de dívidas e estava ainda procurando uma forma delicada para declarar seu amor à irmã do marquês de Ronquerolles, sra. de Sérisy,[\[95\]](#) mulher elegante, mas cuja mocidade havia brilhado no Império.

— Como se arranjam vocês? — perguntou Saviniano um dia, ao fim dum almoço, a alguns janotas com os quais se ligara como se ligam hoje em dia os jovens cujas pretensões em tudo visam o mesmo fim e que reclamam uma impossível igualdade. — Vocês não são mais ricos do que eu e vivem sem preocupações, sustentam-se. E eu já tenho dívidas!

— Todos nós começamos por isso — disseram-lhe, sorrindo, Rastignac, [\[96\]](#) Luciano de Rubempré,[\[97\]](#) Máximo de Trailles,[\[98\]](#) Emílio Blondet,[\[99\]](#) os dândis de então.

— Se De Marsay[\[100\]](#) é rico desde que nasceu, isso é um acaso! — disse o anfitrião, um arrivista chamado Finot,[\[101\]](#) que procurava conviver com aqueles jovens. — E se ele não fosse quem era — acrescentou, saudando-o —, sua fortuna poderia tê-lo arruinado.

— O mote aí está — disse Máximo de Trailles.

— E a glosa também — replicou Rastignac.

— Meu caro — disse gravemente De Marsay a Saviniano —, as dívidas são a comandita da experiência. Uma boa educação universitária, com professores de coisas atraentes e enfadonhas, que

não ensinam coisa alguma, custa sessenta mil francos. Se a educação pela sociedade custa o dobro, ensina a vida, os negócios, a política, os homens e, algumas vezes, as mulheres.

Blondet completou a lição com esta tradução dum verso de La Fontaine: “*Le monde vend très cher ce qu’on pense qu’il donne!*”.
[102]

Em vez de refletir no que os mais hábeis pilotos do arquipélago parisiense lhe diziam de sensato, Saviniano não viu nisso mais que gracejos.

— Tenha cuidado, meu caro — disse-lhe De Marsay. — Você tem um belo nome e, se não adquirir a fortuna que seu nome exige, poderá acabar seus dias sob uma farda de quartel-mestre num regimento de cavalaria. “*Nous avons vu tomber de plus illustres têtes!*” [103] — acrescentou, declamando esse verso de Corneille e tomando Saviniano pelo braço. — Vimos chegar aqui — acrescentou —, há seis anos, um jovem conde d’Esgrignon, que não viveu mais de dois anos no paraíso da alta sociedade! Oh, ele viveu o que vivem os foguetes! [104] Ergueu-se até a duquesa de Maufrigneuse e tornou a cair em sua cidade natal, onde expia suas faltas entre um velho pai catarrento e uma partida de uíste a dois *sous* a ficha. Conte sua situação à sra. de Sérisy, com toda a naturalidade, sem acanhamento, e ela lhe será muito útil. Ao passo que se você jogar com ela a charada do primeiro amor, ela tomará uma atitude de madona de Rafael, divertir-se-á com brinquedos inocentes e o obrigará a uma viagem dispendiosa pelo País da Ternura. [105]

Saviniano, ainda muito jovem, por mera altivez de fidalgo, não ousou confessar a situação de sua fortuna à sra. de Sérisy. A sra. de Portenduère, num momento em que seu filho não sabia onde dar

com a cabeça, enviou-lhe vinte mil francos, tudo quanto possuía, em resposta a uma carta onde Saviniano, instruído pelos amigos na balística das astúcias dirigidas pelos filhos contra os cofres-fortes paternos, falava de letras a pagar e da desonra de deixar protestar sua assinatura. Com esse auxílio, chegou ao fim do primeiro ano. Durante o segundo, atrelado ao carro da sra. de Sérisy, seriamente cativada por ele, e que além disso o educava, ele empregou o perigoso recurso dos agiotas. Um seu amigo, deputado, amigo de seu primo de Portenduère, Des Lupeaulx[106] levou-o, num dia de dificuldades, a Gobseck, Gigonnet e Palma,[107] que, devidamente informados do valor dos bens de sua mãe, lhe tornaram o desconto agradável e fácil. A usura e o enganador socorro das renovações permitiram-lhe levar uma vida feliz durante cerca de dezoito meses. Sem ousar deixar a sra. de Sérisy, o pobre rapaz apaixonou-se loucamente pela bela condessa de Kergarouët, recatada como todas as mulheres jovens que esperam a morte dum marido velho e que fazem o hábil transporte de sua virtude para um segundo casamento. Incapaz de compreender que uma virtude calculada é invencível, Saviniano fazia a corte a Emília de Kergarouët com o aparato dum homem rico: não perdia um baile nem um espetáculo a que ela devesse comparecer.

— Meu pequeno, você não tem pólvora suficiente para fazer saltar aquele rochedo — disse-lhe uma noite, a rir, De Marsay.

O jovem leão da moda parisiense tentou inutilmente, por comiseração, explicar Emília de Fontaine àquele menino. Eram necessárias as luzes sombrias da desgraça e das trevas da prisão para esclarecer Saviniano. Uma letra de câmbio, imprudentemente assinada em favor de um joalheiro, de acordo com os agiotas que não

quiseram recorrer ao meio odioso dum arresto, fez encarcerar, por cento e dezessete mil francos, Saviniano de Portenduère em Sainte-Pélagie, sem que seus amigos o soubessem. Logo que a notícia chegou ao conhecimento de Rastignac, De Marsay e Luciano de Rubempré, foram os três visitar Saviniano e ofereceram-lhe, cada um, uma nota de mil francos, pois o encontraram desprovido de tudo. O criado de quarto, subornado por dois credores, indicara o apartamento secreto onde Saviniano morava e tudo fora sequestrado, menos as roupas e as poucas joias que usava. Os três rapazes, fortalecidos por um excelente jantar e bebendo xerez levado por De Marsay, informaram-se da situação de Saviniano, aparentemente para organizar seu futuro, mas, em realidade, para julgá-lo.

— Quando a gente se chama Saviniano de Portenduère — exclamara Rastignac —, quando se tem por primo um futuro par de França e por tio-avô o almirante Kergarouët, se a gente comete o grave erro de se deixar meter em Sainte-Pélagie, não se precisa ficar aqui, meu caro!

— Por que não me disse nada? — perguntou De Marsay. — Você teria à sua disposição meu carro de viagem, dez mil francos e cartas de recomendação para a Alemanha. Conhecemos Gobseck, Gigonnet e outros crocodilos; nós os teríamos feito capitular. E, antes de tudo, qual foi o asno que o levou a beber naquela fonte mortal? — perguntou De Marsay.

— Foi Des Lupeaulx.

Os três rapazes entreolharam-se, comunicando-se, assim, o mesmo pensamento, uma suspeita, mas sem exprimi-la.

— Descreva-me seus recursos, mostre-me seu jogo — pediu De Marsay.

Quando Saviniano acabou de descrever sua mãe e seus barretes, sua pequena casa de três janelas na Rue des Bourgeois, sem outro terreno além de um pátio com poços e um alpendre para serrar madeira; de calcular o valor dessa casa, construída de grés e rebocada de argamassa avermelhada; e de avaliar a herdade de Bordières, os três dândis trocaram olhares e pronunciaram, com uma expressão profunda, a palavra do padre em *As castanhas do fogo*, de Alfred de Musset[108] cujos *Contos de Espanha* haviam aparecido recentemente: “Triste!”.

— Sua mãe pagará, mediante uma carta habilmente escrita — disse Rastignac.

— Sim, mas depois? — exclamou De Marsay.

— Se você tivesse se metido apenas numa carruagem — disse Luciano —, o governo do rei o meteria na diplomacia. Mas Sainte-Pélagie não é a antecâmara duma embaixada.

— Você não é bastante forte para a vida de Paris — disse Rastignac.

— Vejamos! — replicou De Marsay, que examinou Saviniano da cabeça aos pés como um alquilador examina um cavalo. — Você tem belos olhos azuis, bem rasgados, uma fronte branca bem desenhada, magníficos cabelos negros, pequenos bigodes que ficam bem em suas faces pálidas e um talhe esbelto; pés que denotam a raça, espáduas e um peito não muito comissionário e, entretanto, sólidos. Você é o que se chama um moreno elegante. Seu rosto é do gênero do de Luís xiii, poucas cores, o nariz muito bem-feito; e tem você, além disso, o que agrada às mulheres, algo de que os próprios homens não se dão conta e que provém do aspecto, do modo de andar, do som da voz, da maneira de olhar, do gesto, de uma imensidade de pequenas coisas

que as mulheres percebem e às quais elas ligam um certo sentido, que nos escapa. Você não se conhece, meu caro. Com um pouco de aparência, em seis meses você seduziria uma inglesa com cem mil libras, sobretudo usando o título de visconde de Portenduère, a que tem direito. Minha encantadora madrasta, lady Dudley,[\[109\]](#) que não tem rival na arte de unir dois corações, a descobriria para você em algumas das terras de aluvião da Grã-Bretanha. Mas seria necessário poder e saber adiar suas dívidas por noventa dias, por uma hábil manobra de alta finança. Por que não me disse nada? Em Baden,[\[110\]](#) os agiotas o teriam respeitado, servido talvez; mas, após você ter sido encarcerado, eles o desprezam. O agiota é como a sociedade, como o povo; ajoelhado diante do homem bastante forte para zombar dele e impiedoso para com os cordeiros. Aos olhos de certa gente, Sainte-Pélagie é uma possessa que cresta furiosamente a alma dos jovens. Quer meu conselho, caro menino? Dir-lhe-ei como ao pequeno D'Esgrignon: pague suas dívidas com moderação, guardando com que viver durante três anos, e case-se na província com a primeira moça de trinta mil libras de renda que encontrar. Em três anos, você encontrará alguma modesta herdeira que queira chamar-se sra. de Portenduère. Eis a sabedoria. Bebamos, pois. Dirijo-lhe este brinde: à moça rica!

Os rapazes não deixaram o ex-amigo senão à hora oficial das despedidas e, mal transpuseram a porta, disseram uns aos outros: “Ele não é forte!”, “Está muito abatido!”, “Poderá reerguer-se?”.

No dia seguinte, Saviniano escreveu à mãe uma confissão geral em vinte e duas páginas. Após ter chorado durante um dia inteiro, a sra. de Portenduère escreveu primeiro ao filho, prometendo tirá-lo da prisão, depois aos condes de Portenduère e de Kergarouët.

As cartas que o cura acabara de ler e que a pobre mãe conservava na mão, úmidas de suas lágrimas, tinham chegado naquela mesma manhã e lhe haviam despedaçado o coração.

à sra. de portenduère

Paris, setembro de 1829

Senhora,

Não pode a senhora duvidar do interesse que o almirante e eu tomamos por seus sofrimentos. O que a senhora comunica ao sr. de Kergarouët aflige-me particularmente porque minha casa era a de seu filho: nós nos orgulhávamos dele. Se Saviniano tivesse tido mais confiança no almirante, nós nos teríamos ocupado dele e ele já estaria muito bem colocado; mas nada nos disse o infeliz menino! O almirante não poderia pagar cem mil francos. Ele próprio está cheio de dívidas, que contraiu por minha causa, pois eu nada sabia de sua situação pecuniária. Ele está tanto mais desesperado pelo fato de que Saviniano, no momento, nos tenha amarrado as mãos, deixando-se prender. Se meu sobrinho-neto não tivesse tido por mim uma idiota paixão que abafava a voz do parente sob o orgulho do apaixonado, nós o teríamos feito viajar à Alemanha enquanto seus negócios se regularizavam aqui. O sr. de Kergarouët teria podido pedir um lugar para seu sobrinho-neto na secretaria da Marinha; mas uma prisão por dívidas vai, sem dúvida, paralisar as providências do almirante. Pague as dívidas de Saviniano. E ele que vá servir na Marinha: ele fará sua carreira como um verdadeiro Portenduère, pois tem o ardor da família nos seus belos olhos negros e nós todos o ajudaremos.

Não se desespere, minha senhora. Restam-lhe amigos, entre os quais quero ser incluída como uma das mais sinceras, e envio-lhe meus votos com os respeitos de

Sua muito afeiçoada criada

emília de kergarouët

à sra. de portenduère

Portenduère, agosto de 1829

Minha cara tia, estou tão contrariado quanto aflito com as leviandades de Saviniano. Casado, pai de dois filhos e uma filha, minha fortuna, já tão medíocre relativamente à minha posição e às minhas esperanças, não me permite desfalcá-la da importância de cem mil francos para pagar o resgate de um Portenduère apanhado pelos lombardos. Venda sua herdade, pague suas contas e venham ambos para Portenduère; encontrarão aqui o acolhimento que lhes devemos, mesmo que nossos corações não lhes pertencessem inteiramente. Viverão felizes aqui e acabaremos por casar Saviniano, que minha mulher acha encantador. Essa estroinice não é nada, não se desespere; ela nunca será divulgada na nossa província, onde conhecemos várias moças de dinheiro, muito ricas, que ficarão encantadas em pertencer à nossa família.

Minha mulher junta-se a mim para dizer-lhe da grande alegria que nos dariam e pede-lhe que aceite seus votos pela realização desse projeto e a certeza de nossos respeitos afetuosos.

lucas-saviniano,
conde de Portenduère

— Que cartas para uma Kergarouët! — exclamou a velha bretã, enxugando os olhos.

— O almirante não sabe que o sobrinho está preso — disse, por fim, o padre Chaperon. — Somente a condessa leu sua carta e só ela a respondeu. Mas é preciso tomar uma decisão — acrescentou, após

uma pausa — e eis o que tenho a honra de aconselhar-lhe: não venda sua herdade. O arrendamento está por terminar e já dura há vinte e quatro anos. Em alguns meses, a senhora poderá aumentar o arrendamento para seis mil francos e exigir “luvas” no valor de duas unidades. Peça emprestado a um homem às direitas e não à gente da cidade que faz o comércio das hipotecas. Seu vizinho é um homem digno, um homem de boas relações, que frequentou a alta sociedade antes da Revolução e que de ateu se tornou católico. Não tenha repugnância de ir vê-lo esta noite; sua visita o sensibilizará muito: esqueça, por um momento, que é uma Kergarouët.

— Nunca! — disse a velha mãe, com uma voz estridente.

— Então, seja uma Kergarouët amável; vá quando ele estiver só. Ele não lhe fará o empréstimo a mais de três e meio, talvez três por cento, e atenderá com delicadeza, a senhora ficará satisfeita. Ele mesmo irá libertar Saviniano, pois será obrigado a ir vender títulos, e o trará de volta para a senhora.

— É desse pequeno Minoret que o senhor está falando?

— Esse pequeno tem oitenta e três anos — respondeu o padre Chaperon, sorrindo. — Minha cara senhora, tenha um pouco de caridade cristã. Não o ofenda, ele pode ser-lhe útil de várias maneiras.

— E como?

— Ele tem um anjo junto de si, a mais celeste moça.

— Sim, essa pequena Úrsula... Pois bem, e então?

O pobre cura não ousou continuar, ao ouvir esse “Pois bem, e então?” cuja secura e aspereza cortaram de antemão a proposta que ele queria fazer.

— Acho que o dr. Minoret é poderosamente rico...

— Tanto melhor para ele.

— A senhora já causou, indiretamente, as desgraças atuais de seu filho, por não lhe ter dado uma carreira. Penso no futuro! — disse severamente o cura. — Posso anunciar sua visita ao vizinho?

— Mas, por que, sabendo que necessito dele, não viria ele aqui?

— Ah, minha senhora, indo à casa dele, pagará três por cento e, se ele vier à sua casa, a senhora pagará cinco — disse o cura, que encontrou essa bela razão a fim de persuadir a velha senhora. — E, se a senhora for obrigada a vender sua herdade pelo tabelião Dionis ou pelo escrivão Massin, que lhe recusarão dinheiro esperando tirar partido de seu desastre, perderá a metade do valor de Bordières. Não tenho a menor influência sobre os Dionis, Massin e Levrault, as pessoas ricas da região, que estão de olho em sua herdade e sabem que seu filho está preso.

— Sabem? Sabem? — exclamou ela, levantando os braços. — Oh, meu pobre cura, deixou esfriar o café... Tienette! Tienette!

Tienette, uma velha bretã, de jaqueta e gorro bretões, de sessenta anos de idade, entrou depressa e apanhou o café do cura para aquecer.

— Tenha paciência, senhor reitor — disse ela, vendo o cura apressar-se para tomá-lo —, vou aquecê-lo em banho-maria, não ficará ruim.

— Muito bem — disse o cura com sua voz insinuante —, vou prevenir o senhor doutor de sua visita e a senhora irá.

A velha mãe não cedeu senão após uma hora de discussão, durante a qual o cura foi obrigado a repetir dez vezes seus argumentos. A altiva Kergarouët só foi vencida por estas últimas palavras: “Saviniano iria!”.

— É melhor então que vá eu mesma — disse ela.

XI – SAVINIANO SALVO

Eram nove horas quando o cura saiu da casa da sra. de Portenduère e bateu fortemente à porta do doutor. O padre Chaperon caiu da Tienette na Bougival, pois a velha governanta lhe disse: “Chegou muito tarde, senhor cura!”, como a outra lhe dissera: “Por que deixa tão cedo a senhora, quando ela está triste?”.

O cura encontrou muita gente na sala de visitas verde e parda do doutor, porque Dionis tinha ido tranquilizar os herdeiros, passando pela casa de Massin para repetir-lhe as palavras do tio.

— Creio que Úrsula tem no coração um amor que só lhe dará sofrimentos e preocupações — disse ele. — Ela parece romanesca (a excessiva sensibilidade se chama assim, entre os tabeliães) e a veremos solteira por muito tempo. Portanto, nada de desconfianças: sejam atenciosos com ela e façam-se servidores de seu tio, pois ele é mais fino que cem Goupils — acrescentou o tabelião, ignorando que Goupil é a corruptela da palavra *vulpes*, raposa.

As sras. Massin e Crémère com os maridos, o chefe da posta e Desidério formavam, com o médico de Nemours e Bongrand, uma assembleia insólita e turbulenta na casa do doutor. O padre Chaperon ouviu, ao entrar, o som do piano. A pobre Úrsula terminava a sinfonia em *lá* de Beethoven. Com a astúcia permitida à inocência, a menina, que, devido aos esclarecimentos do padrinho, sentia verdadeira aversão pelos herdeiros, escolheu essa música grandiosa e que deve ser estudada para ser compreendida, a fim de

aborrecer as mulheres invejosas. Quanto mais bela é a música, menos agrada aos ignorantes. Assim, quando a porta se abriu e o padre mostrou sua cabeça venerável:

— Ah! Aí está o senhor cura! — exclamaram os herdeiros, felizes por se levantarem e acabar com aquele suplício.

A exclamação encontrou eco na mesa de jogo, onde Bongrand, o médico de Nemours e o velho estavam sendo vítimas da petulância com que o exator, para agradar ao tio-avô, se oferecera para completar a mesa de uíste. Úrsula deixou o piano. O doutor levantou-se como que para saudar o cura, mas, na verdade, para interromper a partida. Após efusivos cumprimentos dirigidos ao tio pelo talento da afilhada, os herdeiros despediram-se.

— Boa noite, meus amigos — gritou o doutor, quando o portão se fechou.

— Ah! É isso que custa tão caro? — perguntou a sra. Crémère à sra. Massin quando se encontravam a alguns passos.

— Deus me livre de gastar dinheiro para que minha pequena Alina faça tais charivaris em casa! — respondeu a sra. Massin.

— Ela disse que é de *Bentôve*, que passa, entretanto, por um grande músico — disse o exator. — Tem reputação.

— Mas em Nemours ele não arranja nada — replicou a sra. Crémère —, embora se chame *Bem-te-ouvem*.

— Creio que nosso tio fez isso de propósito, para que não voltemos mais aqui — disse Massin —, pois ele piscou ao mostrar o livro de partituras à sua pequena presunçosa.

— Se é com esse carrilhão que eles se divertem — replicou o chefe da posta —, fazem bem em ficar sós.

— O senhor juiz de paz deve gostar muito de música, para aturar essas *sonacas* — disse a sra. Crémère.

— Não posso tocar diante de pessoas que não compreendem música — disse Úrsula, indo sentar-se junto da mesa de jogo.

— Os sentimentos, nas pessoas ricamente organizadas, não se podem desenvolver senão numa esfera amiga — disse o cura de Nemours. — Do mesmo modo que o padre não poderia abençoar diante do espírito do mal e que o castanheiro morre numa terra fértil, um músico de gênio experimenta uma derrota íntima quando está cercado de ignorantes. Nas artes, devemos receber almas que servem de meio à nossa alma, tal é a força que lhes comunicamos por ela. Esse axioma, que rege as afeições humanas, ditou os provérbios: “É preciso uivar com os lobos”, “Quem se assemelha se emparelha”. Mas o sofrimento que deves ter experimentado não atinge senão as naturezas ternas e delicadas.

— Sim, meus amigos — disse o doutor —, uma coisa que não daria mais que um aborrecimento a uma mulher poderia matar minha pequena Úrsula. Ah! Quando eu não existir mais, elevai entre esta querida flor e o mundo esse muro protetor de que falam os versos de Catulo: *Ut flos*[111] etc.

— As senhoras, entretanto, foram muito lisonjeiras consigo, Úrsula — disse o juiz de paz, sorrindo.

— Grosseiramente lisonjeiras — observou o médico de Nemours.

— Sempre notei grosseria nas lisonjas de encomenda — respondeu o velho Minoret. — Por que será?

— Um pensamento sincero traz consigo sua delicadeza — disse o padre.

— O senhor jantou em casa da sra. de Portenduère? — disse então Úrsula, que interrogou o padre Chaperon, dirigindo-lhe um olhar cheio de inquieta curiosidade.

— Sim. A pobre senhora está muito aflita e não é impossível que ela venha vê-lo esta noite, sr. Minoret.

— Se ela tem algum desgosto e necessita de mim, irei à casa dela — exclamou o doutor. — Acabemos o último *rubber*.

Por debaixo da mesa, Úrsula apertou a mão do velho.

— Seu filho — disse o juiz de paz — era um pouco inexperiente para morar em Paris sem um mentor. Quando eu soube que estavam tomando, aqui, junto do tabelião, informações sobre a herdade da velha senhora, adivinhei que ele estava sacando sobre a morte da mãe.

— Julgam-no capaz disso? — perguntou Úrsula, lançando um olhar terrível ao sr. Bongrand, que pensou: “Infelizmente, ela o ama mesmo”.

— Sim e não — respondeu o médico de Nemours. — Saviniano deve ter agido bem e é por isso que ele está preso. Aos velhacos nunca acontece isso.

— Meus amigos — exclamou o velho Minoret —, basta por esta noite. Não devemos deixar uma pobre mãe chorar nem mais um minuto quando se pode secar suas lágrimas.

Os quatro amigos levantaram-se e saíram. Úrsula acompanhou-os até o portão e contemplou o padrinho e o cura batendo na porta da casa em frente. E, quando Tienette os introduziu, ela sentou-se sobre um dos marcos exteriores da casa, com a Bougival a seu lado.

— Senhora viscondessa — disse o cura, que foi o primeiro a entrar na saleta —, o senhor dr. Minoret não quis que a senhora se desse o

incômodo de ir à casa dele...

— Sou muito do tempo antigo, minha senhora — acrescentou o doutor —, para que pudesse ignorar o que um homem deve a uma pessoa de sua classe e sinto-me muito feliz, segundo o que me disse o senhor cura, em poder servi-la em alguma coisa.

A sra. de Portenduère, a quem a negociação combinada desgostava tanto que, após a partida do padre Chaperon, pensara em dirigir-se ao tabelião de Nemours, ficou tão surpresa com a delicadeza de Minoret que se ergueu para responder à sua saudação e lhe ofereceu uma poltrona.

— Sente-se, senhor — disse ela com um gesto régio. — Nosso prezado cura certamente lhe disse que o visconde está preso por algumas dívidas de rapaz, cem mil francos... Se o senhor pudesse emprestar-lhe essa importância, eu daria uma garantia sobre minha herdade de Bordières.

— Falaremos nisso, senhora viscondessa, quando eu lhe tiver trazido de volta seu filho, se a senhora me permitir que seja seu agente nessa circunstância.

— Muito bem, senhor doutor — respondeu a velha senhora, inclinando a cabeça e fitando o cura com uma expressão que queria dizer: “O senhor tem razão, ele é um homem de boa sociedade”.

— Meu amigo, o doutor — disse então o cura —, como a senhora vê, interessa-se muito por sua causa.

— Saberemos ser gratos por isso, senhor — disse a sra. de Portenduère, com visível esforço. — Na sua idade, aventurar-se em Paris na pista dos delitos de um estouvado...

— Minha senhora, em 1765 tive a honra de ver o ilustre almirante de Portenduère na casa daquele excelente sr. de Malesherbes[112] e

na casa do sr. conde de Buffon,[113] que desejava interrogá-lo sobre vários episódios curiosos de suas viagens. É possível que o falecido sr. de Portenduère, seu marido, lá se encontrasse. A Marinha francesa era, então, gloriosa; resistia à Inglaterra, e o capitão desempenhava nessa partida sua parte de coragem. Com que impaciência, em 83 e 84, esperávamos notícias do Camp de Saint-Roch! Estive a ponto de partir como médico dos exércitos do rei. Seu tio-avô, que ainda vive, o almirante Kergarouët, sustentou nesse tempo seu famoso combate, pois estava na *Belle-Poule*. [114]

— Ah! Se ele soubesse que o sobrinho-neto dele está na prisão!

— Dentro de dois dias o senhor visconde não estará mais lá — disse o velho Minoret, levantando-se.

Estendeu a mão para tomar a da velha senhora, que a abandonou displicentemente. Depôs nela um beijo respeitoso, cumprimentou-a profundamente e saiu. Voltou, porém, para dizer ao cura:

— O meu caro padre quer fazer o obséquo de me reservar um lugar na diligência para amanhã de manhã?

O cura permaneceu cerca de meia hora a entoar louvores ao dr. Minoret, que quisera conquistar, e o conseguira, a velha fidalga.

— É admirável para sua idade — disse ela. — Fala em ir a Paris e tratar dos assuntos de meu filho, como se não tivesse mais de vinte e cinco anos. Ele frequentou a boa sociedade.

— A melhor, minha senhora. E, hoje em dia, mais de um filho de par de França, pobre, se sentiria muito feliz em casar-se com sua pupila com um milhão. Ah! Se essa ideia passasse pelo coração de Saviniano, os tempos estão tão mudados que não seria de sua parte que viriam as maiores dificuldades, após o procedimento de seu filho.

O profundo espanto em que esta última frase lançou a velha fidalga permitiu ao cura acabar a frase.

— O senhor perdeu o senso, meu caro padre Chaperon.

— A senhora pensará nisso e Deus queira que seu filho se conduza doravante de modo a conquistar a estima desse ancião!

— Se não fosse o senhor cura — disse a sra. de Portenduère —, se fosse outro que me falasse assim...

— A senhora não o veria mais — disse, sorrindo, o padre Chaperon. — Esperemos que seu querido filho a informe sobre o que se passa em Paris a respeito de alianças. A senhora pensará na felicidade de Saviniano e, após ter já comprometido seu futuro, não o impedirá de conquistar uma posição.

— E é o senhor que me diz isto!

— Se eu não lho dissesse, quem, então, lho diria? — exclamou o padre, levantando-se e fazendo uma rápida retirada.

O cura viu Úrsula e o padrinho passeando pelo jardim. O bondoso doutor tinha sido tão atormentado pela afilhada que acabara cedendo: ela queria ir a Paris e inventou mil pretextos. Ele chamou o cura e pediu-lhe que reservasse todo o cupê para ele, naquela noite mesmo, se o escritório da diligência ainda estivesse aberto. No dia seguinte, às seis e meia da tarde, o velho e a moça chegaram a Paris, onde, na mesma noite, o doutor foi consultar o tabelião. Os acontecimentos políticos eram ameaçadores. O juiz de paz de Nemours dissera várias vezes, na véspera, ao doutor, durante a palestra, que era preciso ser louco para conservar um *sou* de capital em fundos públicos enquanto a questão surgida entre a imprensa e a Corte não se solucionasse.[\[115\]](#) O tabelião de Minoret aprovou o conselho indiretamente dado pelo juiz de paz. O doutor aproveitou-

se, assim, da viagem para vender suas ações industriais e seus títulos públicos, que se encontravam todos em alta, e depositar o capital no banco. O tabelião persuadiu o velho cliente a vender também os títulos deixados pelo sr. de Jordy a Úrsula e que, como bom chefe de família, ele havia valorizado. Prometeu pôr em campo um corretor excessivamente astucioso para tratar com os credores de Saviniano. Mas, para obter êxito, era preciso que o rapaz tivesse a coragem de ficar ainda alguns dias na prisão.

— A precipitação, em negócios dessa espécie, custa pelo menos quinze por cento — disse o tabelião ao doutor. — Além disso, o senhor não terá o dinheiro dos títulos antes de sete ou oito dias.

Quando Úrsula soube que Saviniano ainda ficaria pelo menos uma semana na prisão, pediu ao tutor que a deixasse acompanhá-lo até lá uma única vez. O velho Minoret recusou. O tio e a sobrinha estavam hospedados num hotel da Rue Croix-des-Petits-Champs, onde o doutor tomara um apartamento completo e confortável; e, conhecendo a religião da pupila, fez com que ela lhe promettesse não sair quando ele estivesse ausente em negócios. O bom velho levava Úrsula a passear em Paris, mostrava-lhe as ruas, as lojas, as avenidas. Nada, porém, a divertia ou interessava.

— Que queres? — perguntava-lhe o velho.

— Ver Sainte-Pélagie — respondia ela, com obstinação.

Minoret tomou, então, uma carruagem e a levou até a Rue de la Clef, onde o veículo estacionou diante da ignóbil fachada daquele antigo convento transformado em prisão. O aspecto das altas paredes cinzentas com todas as janelas gradeadas, da pequena porta pela qual não se pode passar sem se abaixar (horrível lição!), aquele bloco sombrio num bairro cheio de miséria, onde ele se ergue, cercado de

ruas desertas, como uma miséria suprema: aquele conjunto de coisas tristes impressionou Úrsula e fez com que ela derramasse algumas lágrimas.

— Como é que prendem moços por causa de dinheiro? — disse ela. — Como pode uma dívida conferir a um agiota um poder que nem o rei tem? E ele está lá! — exclamou ela. — Onde é, padrinho? — acrescentou, olhando de janela em janela.

— Úrsula — disse o velho —, fazes-me cometer loucuras. Isto, certamente, não é esquecer-lo.

— Ora — replicou ela —, o fato de eu ter de renunciar a ele não me impede de interessar-me por sua sorte. Posso amá-lo e não me casar com ninguém.

— Ah! — exclamou o velho. — Há tamanha razão em tua falta de razão que me arrependo de te haver trazido.

Três dias depois, o velho tinha as quitações em ordem, os títulos e todos os documentos estabelecendo a liberação de Saviniano. A liquidação, incluídos os honorários do corretor, saíra por oitenta mil francos. Restaram ao doutor oitocentos mil francos, que seu tabelião o fez empregar em títulos do Tesouro, para não perder juros. Guardou vinte mil francos em notas de banco para Saviniano. O doutor foi, pessoalmente, libertar o preso no sábado às duas horas, e o jovem visconde, já informado por uma carta da mãe, agradeceu a seu libertador com sincera efusão.

— Você não deve demorar-se em ir ver sua mãe — disse-lhe o velho Minoret.

Saviniano respondeu, meio confuso, que contraíra na prisão uma dívida de honra e contou a visita dos amigos.

— Eu já suspeitava de alguma dívida privilegiada — exclamou o doutor, sorrindo. — Emprestei à sua mãe cem mil francos, mas só desembolsei oitenta mil. Aqui está o resto. Economize-o e considere o que lhe sobrar disso como sua quota de entrada no pano verde da fortuna.

Durante os últimos oito dias, Saviniano refletira sobre a época. A concorrência em tudo exige grandes esforços de quem deseja enriquecer. Os meios ilegais reclamam mais talento e práticas subterrâneas do que uma busca às claras. Os triunfos na sociedade, longe de darem uma posição, devoram o tempo e exigem muito dinheiro. O nome de Portenduère, que sua mãe lhe dizia ser onipotente, não representava nada em Paris. Seu primo deputado, conde de Portenduère, era uma figura apagada na Câmara eletiva, em presença do pariato, da Corte, e não tinha muito crédito nem para si mesmo. O almirante de Kergarouët não existia senão pela mulher. Vira oradores, pessoas vindas do meio social inferior à nobreza, ou pequenos fidalgos, serem personagens influentes. Enfim, o dinheiro era o eixo, o único meio, o único móvel de uma sociedade que Luís xviii quisera criar a exemplo da Inglaterra. Da Rue de la Clef à Rue Croix-des-Petits-Champs, o jovem expôs ao velho médico um resumo de suas meditações, em harmonia, aliás, com o conselho de De Marsay.

— Devo — disse ele — fazer-me esquecer durante três ou quatro anos e procurar uma carreira. Talvez me torne conhecido por um livro de alta política ou de estatística moral, por algum tratado sobre uma das grandes questões atuais. Enfim, enquanto espero casar-me com uma jovem que me dê a elegibilidade, trabalharei na obscuridade e no silêncio.

Estudando cuidadosamente a aparência do rapaz, o doutor reconheceu nele a seriedade do homem ferido que quer uma desforra. Aprovou inteiramente esse plano.

— Meu vizinho — disse-lhe ao terminar —, se você se despiu do manto da velha nobreza, que não está mais na moda hoje em dia, após três ou quatro anos de vida sensata e aplicada, eu me encarrego de encontrar para você uma jovem superior, bela, amável, piedosa e com uma fortuna de setecentos a oitocentos mil francos, que o fará feliz e de quem você sentirá orgulho, mas que não será nobre senão pelo coração.

— Ora, doutor — exclamou o rapaz —, não há mais nobreza atualmente, há apenas uma aristocracia.

— Vá pagar suas dívidas de honra e volte aqui. Vou reservar o cupê da diligência, porque minha pupila está comigo — disse o velho.

À tarde, às seis horas, os três viajantes partiram pela Duclerc, da Rue Dauphine. Úrsula, que pusera um véu, não disse uma palavra. Após ter enviado, por um gesto de galanteria superficial, aquele beijo que causou a Úrsula tantas perturbações como teria feito um livro de amor, Saviniano esquecera inteiramente a pupila do doutor no inferno de suas dívidas em Paris. Além disso, seu amor sem esperança por Emília de Kergarouët não lhe permitia dispensar uma recordação a alguns olhares trocados com uma moça de Nemours. Não a reconheceu, portanto, quando o velho a fez subir em primeiro lugar e se colocou junto dela para separá-la do jovem visconde.

— Terei de prestar-lhe contas — disse o doutor ao rapaz. — Trago-lhe toda sua papelada.

— Quase não pude partir — disse Saviniano —, porque precisei encomendar trajes e roupa branca. Os filisteus me tiraram tudo e vou

chegar como filho pródigo.

Por interessantes que fossem os assuntos de palestra entre o rapaz e o velho, por espirituosas que fossem certas respostas de Saviniano, a moça conservou-se muda até o crepúsculo, com o véu verde descido, as mãos cruzadas sobre o xale.

— A senhorita não parece estar encantada com Paris — disse, enfim, Saviniano, picado.

— Volto para Nemours com prazer — respondeu ela com a voz comovida, erguendo o véu.

Apesar da obscuridade, Saviniano a reconheceu então pela espessura de suas tranças e pelos seus brilhantes olhos azuis.

— Quanto a mim, deixo Paris sem pesar para ir enterrar-me em Nemours, pois lá encontrarei minha bela vizinha — disse ele. — Espero, senhor doutor, que me receba em sua casa. Gosto de música e recordo-me de ter ouvido a srta. Úrsula tocar piano.

— Não sei — disse gravemente o doutor — se a senhora sua mãe o veria com prazer na casa de um velho que deve ter por esta querida criança a solicitude de uma mãe.

Essa resposta discreta deu muito que pensar a Saviniano, que se recordou, então, do beijo tão levemente enviado. Chegara a noite, o calor estava pesado. Saviniano e o doutor foram os primeiros a adormecer. Úrsula, que permaneceu muito tempo acordada fazendo projetos, sucumbiu pela meia-noite. Tinha tirado o pequeno chapéu de palha comum trançada. Reclinou a cabeça, coberta com um gorro debruado, sobre o ombro do padrinho. Ao alvorecer, em Bouron, Saviniano despertou em primeiro lugar. Pôde ver Úrsula, então, na desordem em que os solavancos haviam deixado sua cabeça: o gorro estava amarrotado, arrebitado; as tranças desenroladas caíam de

ambos os lados do rosto, corado em virtude do calor da carruagem; mas, nessa situação, horrível para as mulheres que não podem dispensar os enfeites, a juventude e a beleza triunfaram. A inocência tem, sempre, um sono belo. Os lábios entreabertos deixavam ver os dentes lindos. O xale desfeito permitia observar, sem ofender Úrsula, sob as dobras dum vestido de musselina estampada, as graças do busto. Enfim, a pureza daquela alma virgem brilhava naquela fisionomia e se deixava ver tanto melhor porquanto nenhuma outra expressão a perturbava. O velho Minoret, ao despertar, recolocou a cabeça da afilhada no canto da carruagem para que ela ficasse mais à vontade; ela o deixou fazer sem perceber, tão profundamente dormia, após todas as noites empregadas em pensar na desgraça de Saviniano.

— Pobrezinha! — disse ao vizinho. — Dorme como uma criança que é.

— O senhor deve ter orgulho dela — observou Saviniano —, pois parece ser tão bondosa quanto bela!

— Ah, é a alegria da casa! Se fosse minha filha, não a amaria mais do que a amo. Vai fazer dezesseis anos a 5 de fevereiro próximo. Queira Deus que eu viva o bastante para casá-la com um homem que a faça feliz! Quis levá-la ao teatro, em Paris, aonde ela iria pela primeira vez. Ela não o quis. O cura de Nemours lho havia proibido. “Mas”, disse-lhe eu, “quando fores casada, se teu marido quiser levar-te lá?” “Farei tudo o que meu marido desejar”, respondeu ela. “Se ele me pedir alguma coisa de mal e eu obedecer por fraqueza, ele será o responsável por essas faltas perante Deus. Do mesmo modo, encontrarei forças para resistir no seu interesse bem compreendido.”

Ao entrarem em Nemours, às cinco horas da manhã, Úrsula despertou muito envergonhada de sua desordem e por encontrar o olhar cheio de admiração de Saviniano. Durante a hora que a diligência gastou desde Bouron, onde se deteve durante alguns minutos, o rapaz se enamorara de Úrsula. Estudara a candura daquela alma, a beleza do corpo, a alvura da tez, a delicadeza dos traços, o encanto da voz que pronunciara a frase tão curta e tão expressiva em que a pobre menina dizia tudo não querendo dizer nada. Enfim, um certo pressentimento fez-lhe ver em Úrsula a mulher que o doutor lhe havia descrito, emoldurando-a em ouro com essas palavras mágicas: “Setecentos a oitocentos mil francos!”.

“Em três ou quatro anos, ela terá vinte e eu vinte e sete. O bom velho falou de experiências, trabalho, boa conduta! Por astuto que pareça, ele acabará revelando-me seu segredo.”

Os três vizinhos separaram-se diante de suas casas, e Saviniano mostrou-se galante na despedida, lançando a Úrsula um olhar cheio de solicitações. A sra. de Portenduère deixou o filho dormir até o meio-dia. Apesar da fadiga da viagem, o doutor e Úrsula foram à missa cantada. A libertação de Saviniano e sua volta em companhia do doutor haviam explicado o motivo de sua ausência aos políticos da cidade e aos herdeiros reunidos na praça num conciliábulo semelhante ao que ali haviam realizado quinze dias atrás. Com grande espanto dos grupos, à saída da missa a sra. de Portenduère deteve o velho Minoret, que lhe ofereceu o braço e a acompanhou. A velha senhora queria convidá-lo para jantar, assim como a pupila, naquele dia mesmo, dizendo-lhe que o senhor cura seria o outro conviva.

— Certamente ele quis mostrar Paris a Úrsula — disse Minoret-Levrault.

— Peste! O velho não dá um passo sem a criadinha — exclamou Crémère.

— Para que a boa sra. de Portenduère lhe tenha dado o braço, devem-se passar coisas bem íntimas entre eles — disse Massin.

— E vocês não descobriram que seu tio vendeu seus títulos e levantou o bloqueio do pequeno Portenduère? — exclamou Goupil. — Ele repeliu meu patrão, mas não repeliu sua patroa... Ah, vocês estão fritos! O visconde proporá fazer um contrato em lugar de uma obrigação e o doutor fará reconhecer à joia de sua afilhada, pelo marido, tudo quanto for necessário para concluir tal aliança.

— Não seria nenhuma inabilidade casar Úrsula com o sr. Saviniano — disse o açougueiro. — A velha senhora oferecerá hoje um jantar ao sr. Minoret. Tienette veio às cinco horas reservar um filé de boi.

— E então, Dionis, aconteceu uma boa...! — disse Massin, correndo ao encontro do tabelião, que se dirigia para a praça.

— Que há? Tudo vai bem — replicou o tabelião. — Seu tio vendeu os títulos, e a sra. de Portenduère me pediu que passasse por sua casa para lavrar uma obrigação de cem mil francos hipotecados sobre seus bens e emprestados por seu tio.

— Sim, mas se Saviniano e Úrsula se casassem...

— Isso é como se dissessem que Goupil é meu sucessor — respondeu o tabelião.

— Nenhuma dessas coisas é impossível — disse Goupil.

Ao voltar da missa, a velha fidalga mandou Tienette dizer ao filho que fosse ao quarto dela.

A pequena casa tinha três quartos no primeiro pavimento. O da sra. de Portenduère e o de seu falecido marido achavam-se no mesmo lado, separados por um grande quarto de vestir, iluminado por uma claraboia e reunidos por uma pequena antecâmara que dava para a escada. A janela do outro quarto sempre habitado por Saviniano dava, como a do pai, para a rua. A escada passava por trás do aposento, de maneira a deixar para esse quarto um pequeno gabinete iluminado por uma claraboia sobre o pátio. O quarto da sra. de Portenduère, o mais triste de toda a casa, tinha vista para o pátio. Mas a viúva passava os dias na sala do pavimento térreo, que comunicava por um passadiço com a cozinha, construída ao fundo do pátio; de sorte que aquela peça servia, ao mesmo tempo, de sala de visitas e de sala de refeições. O quarto do falecido sr. de Portenduère permanecia no estado em que ficara no dia de sua morte. Só não havia ali o defunto. A própria sra. de Portenduère fizera a cama, pondo sobre ela a farda de capitão da Marinha, a espada, o cordão vermelho, as condecorações e o chapéu do marido. A tabaqueira de ouro de que o visconde se serviu pela última vez permanecia sobre a mesa de cabeceira, com o livro de orações, o relógio e a taça em que bebera. Seus cabelos brancos, emoldurados e dispostos numa única mecha enrolada, estavam suspensos acima do crucifixo com pia de água benta colocado na alcova. Enfim, as bugigangas de que se servia, os jornais, os móveis, a escarradeira holandesa, a luneta de campanha dependurada na estufa, nada faltava ali. A viúva fizera parar a velha pêndula na hora da morte, que ficou, assim, assinalada para sempre. Sentia-se ali ainda o pó e o fumo do defunto. A lareira estava como ele a deixara. Entrar ali era revê-lo, voltando a encontrar todas as coisas que falavam de seus hábitos. Sua grande

bengala com castão de ouro permanecia onde ele a colocara, e, junto dela, as grossas luvas de gamo. Sobre o consolo brilhava um vaso de ouro toscamente lavrado, mas que valia mil escudos, oferecido por Havana, a que, por ocasião da guerra da independência americana, ele havia preservado dum ataque dos ingleses, batendo-se contra forças superiores, após ter feito entrar num porto seguro o comboio que protegia. Para recompensá-lo, o rei da Espanha o fizera cavaleiro de suas ordens. Indicado, por esse fato, à promoção ao grau de comandante de esquadra, recebeu o cordão vermelho. Seguro, assim, da primeira vaga, desposou sua mulher, que tinha duzentos mil francos. Mas a Revolução impediu a promoção, e o sr. de Portenduère emigrou.

— Onde está minha mãe? — perguntou Saviniano a Tienette.

— Espera-o no quarto de seu pai — respondeu a velha criada bretã.

Saviniano não pôde conter um estremecimento. Conhecia a rigidez dos princípios da mãe, seu culto da honra, sua lealdade, sua fé na nobreza, e previu uma cena. Assim, avançou como para um assalto, com o coração agitado, o rosto quase lívido. Na meia-luz que se filtrava através das persianas, percebeu a mãe vestida de negro e ostentando um ar solene em harmonia com aquela câmara mortuária.

— Senhor visconde — disse-lhe ao vê-lo, levantando-se e tomando-o pela mão para levá-lo diante do leito paterno —, aí expirou seu pai, homem honrado, morto sem merecer uma censura. Seu espírito está aí. Certamente deve ele ter gemido, lá no alto, ao perceber seu filho maculado por um encarceramento por dívidas. Na antiga monarquia, ter-lhe-iam poupado essa nódoa, solicitando um

aviso régio e encerrando-o por alguns dias numa prisão do Estado. Mas ei-lo enfim diante de seu pai, que o ouve. O senhor bem sabe o que fez antes de ir para essa ignóbil prisão. Pode jurar-me diante desta sombra, e diante de Deus que tudo vê, que não cometeu nenhuma ação infamante, que suas dívidas foram a consequência das tentações da mocidade e que, numa palavra, a honra está salva? Se seu irrepreensível pai estivesse aí, vivo, nessa poltrona e lhe pedisse contas de sua conduta, ele o abraçaria após havê-lo escutado?

— Sim, minha mãe — disse o rapaz com uma gravidade respeitosa.

Ela abriu, então, os braços e apertou o filho contra o coração, derramando algumas lágrimas.

— Então esqueçamos tudo — disse ela. — É apenas dinheiro de menos. Pedirei a Deus que nos faça recuperá-lo e, uma vez que continuas digno de teu nome, abraça-me, porque sofri muito!

— Juro, minha querida mãe — disse ele, estendendo a mão sobre o leito —, que nunca mais te darei o menor desgosto desse gênero e que tudo farei para reparar minhas primeiras faltas.

— Vem almoçar, meu filho — disse ela saindo do quarto.

Se é preciso aplicar as leis da arte dramática à narrativa, a chegada de Saviniano, introduzindo em Nemours o único personagem que ainda faltava aos que devem estar presentes neste pequeno drama, termina aqui a exposição.

XII – OBSTÁCULOS ENTRE OS AMANTES

A ação começou pelo emprego de um expediente tão usado na antiga como na nova literatura que ninguém poderia crer em seus efeitos em 1829, se não se tratasse duma velha bretã, duma Kergarouët, duma emigrada! Mas, apressemo-nos em reconhecê-lo, em 1829 a nobreza havia reconquistado nos costumes um pouco do terreno perdido na política. Além disso, o sentimento que governa os ascendentes, quando se trata de conveniências matrimoniais, é um sentimento imperecível, muito estreitamente ligado à existência das sociedades civilizadas e enraizado no espírito de família. Ele impera tanto em Genebra como em Viena, como em Nemours, onde Zélia Levrault ainda há pouco se recusava a consentir que seu filho se casasse com a filha dum bastardo. Não obstante, toda a lei social tem exceções. Saviniano pensava, pois, fazer dobrar o orgulho da mãe diante da nobreza inata de Úrsula. A batalha começou imediatamente. Logo que Saviniano se assentou à mesa, a mãe lhe falou nas cartas horríveis, segundo ela, que os Kergarouët e os Portenduère lhe haviam escrito.

— Não há mais família, hoje em dia, minha mãe — respondeu-lhe Saviniano —, há indivíduos apenas. Os nobres já não são solidários. Atualmente, não indagam se a gente é um Portenduère, se é honrado, se é um homem de Estado; todo mundo pergunta: “Quanto paga de impostos?”.

— E o rei? — interrogou a velha fidalga.

— O rei se encontra apertado entre as duas Câmaras, como um homem entre a esposa legítima e a amante. Assim, devo casar-me com uma moça rica, qualquer que seja a família a que pertença, mesmo com a filha de um camponês, se tiver um milhão de dote e for suficientemente bem-educada, isto é, se tiver saído dum pensionato.

— Isso é outra coisa! — disse a velha fidalga.

Saviniano franziu as sobrancelhas ao ouvir essa frase. Conhecia aquela vontade granítica, chamada obstinação bretã, que distinguia sua mãe, e queria conhecer logo sua opinião sobre aquele ponto delicado.

— Assim — disse ele —, se eu amasse uma jovem, como, por exemplo, a pupila de nosso vizinho, a pequena Úrsula, a senhora se oporia a meu casamento?

— Enquanto vivesse — disse ela. — Após minha morte, serás o único responsável pela honra e pelo sangue dos Portenduère e dos Kergarouët.

— Então a senhora me deixaria morrer de fome e de desespero por uma quimera que hoje em dia não se torna realidade senão pelo lustre da fortuna?

— Servirás a França e confiarás em Deus!

— A senhora quer adiar minha felicidade para o dia imediato ao de sua morte?

— Isso seria horrível de tua parte, eis tudo.

— Luís xiv quase desposou a sobrinha de Mazarin,[\[116\]](#) um arrivista enriquecido.

— O próprio Mazarin se opôs a isso.

— E a viúva de Scarron?[\[117\]](#)

— Era uma D'Aubigné. Além disso, o casamento foi secreto. Mas já estou bem velha, meu filho — disse ela sacudindo a cabeça. — Quando eu não existir mais, tu te casarás segundo tua fantasia.

Saviniano amava e ao mesmo tempo respeitava a mãe. Opôs imediatamente, mas em silêncio, à obstinação da velha Kergarouët uma obstinação igual e resolveu não se casar senão com Úrsula, a

quem essa oposição conferiu, como sempre acontece em semelhante ocorrência, o mérito da coisa proibida.

Quando, após as vésperas, o sr. Minoret e Úrsula, vestida de branco e rosa, entraram naquela fria sala, a menina foi presa de um tremor nervoso como se se encontrasse na presença da rainha da França e tivesse uma graça a pedir-lhe. Desde sua explicação com o doutor, aquela pequena casa tomara as proporções dum palácio, e a velha fidalga, o valor social que uma duquesa devia ter, na Idade Média, aos olhos da filha dum plebeu. Jamais Úrsula mediu mais desesperadamente do que naquele momento a distância que separava um visconde de Portenduère da filha dum capitão músico, antigo cantor no Italiens, filho natural dum organista e cuja existência dependia da bondade dum médico.

— Que tem, minha filha? — perguntou-lhe a velha fidalga, fazendo-a sentar-se junto dela.

— Estou confusa com a honra que a senhora se digna conceder-me...

— Ora minha pequena! — replicou a sra. de Portenduère com seu tom mais áspero. — Sei o quanto seu tutor a ama e quero ser-lhe agradável, porque ele me trouxe de volta o filho pródigo.

— Mas, minha querida mãe — disse Saviniano, atingido no coração ao ver o vivo rubor de Úrsula e a contração horrível pela qual ela reprimiu as lágrimas —, mesmo que a senhora não tivesse nenhuma obrigação com o sr. cavaleiro Minoret, parece-me que de qualquer maneira poderíamos nos sentir felizes com o prazer que a senhorita nos quis dar aceitando seu convite.

E o jovem fidalgo apertou a mão do doutor dum modo significativo, acrescentando:

— O senhor tem a Ordem de São Miguel, a mais antiga ordem da França e que indiscutivelmente confere nobreza.

A extraordinária beleza de Úrsula, a quem seu amor quase sem esperança emprestara, nos últimos dias, essa profundeza com que os grandes pintores põem em relevo a alma das pessoas que retratam, impressionara subitamente a sra. de Portenduère, fazendo-lhe suspeitar um cálculo de ambição sob a generosidade do doutor. Por outro lado, a frase a que Saviniano agora respondia fora pronunciada com uma intenção que feriu o velho no que tinha de mais caro. No entanto, o médico não pôde reprimir um sorriso ao ouvir-se chamar de cavaleiro e reconheceu naquele exagero a audácia dos amorosos, que não recuam diante de nenhum ridículo.

— A Ordem de São Miguel, que outrora fez cometer tantas loucuras para ser obtida, caiu, senhor visconde — respondeu o antigo médico do rei —, como caíram tantos privilégios! Não é concedida, hoje em dia, senão a médicos e a pobres artistas. Assim, os reis fizeram bem em reuni-la à de São Lázaro, que, creio, foi um pobre-diabo ressuscitado por um milagre! Sob esse aspecto, a Ordem de São Miguel e de São Lázaro seria, para nós, um símbolo.

Após essa resposta, cheia, ao mesmo tempo, de ironia e de dignidade, reinou um silêncio sem que ninguém o rompesse e que já se tornara embaraçoso quando bateram à porta.

— Aí está nosso prezado cura — disse a velha fidalga, que se levantou, deixando Úrsula sozinha e indo ao encontro do padre Chaperon, honra que não havia concedido a Úrsula nem ao doutor.

O ancião sorriu olhando alternadamente para a pupila e Saviniano. Queixar-se das maneiras da sra. de Portenduère ou ofender-se por elas era um escolho contra o qual um homem de

espírito mesquinho teria esbarrado. Minoret, porém, tinha bastante experiência para saber evitá-lo. Pôs-se a conversar com o visconde sobre o perigo que então corria Carlos x, após ter confiado a direção dos negócios públicos ao príncipe de Polignac.[\[118\]](#) Quando já havia decorrido tempo suficiente para que o doutor, ao falar em negócios, não parecesse querer vingar-se, apresentou, quase gracejando, à velha fidalga, os papéis relativos às demandas judiciais e as notas saldadas, que documentavam uma conta organizada por seu tabelião.

— Meu filho as reconheceu? — perguntou ela, lançando a Saviniano um olhar ao qual ele respondeu inclinando a cabeça. — Muito bem, Dionis tratará disso — acrescentou ela, afastando os papéis e tratando do assunto com o desdém que, a seus olhos, merecia o dinheiro.

Rebaixar a riqueza era, no modo de entender da sra. de Portenduère, elevar a nobreza e tirar à burguesia toda a importância. Alguns instantes depois, Goupil veio, a mandado do patrão, pedir as contas entre Saviniano e o sr. Minoret.

— E por quê? — perguntou a velha fidalga.

— Para tomá-la como base para redigir a obrigação. Não houve entrega de dinheiro — respondeu o primeiro amanuense, lançando em torno de si olhares atrevidos.

Úrsula e Saviniano, que, pela primeira vez, trocaram um olhar com aquele horrível personagem, experimentaram a sensação que causa um sapo, agravada ainda por um sinistro pressentimento. Tiveram ambos essa indefinível e confusa visão do futuro, sem nome na língua, mas que seria explicável por uma ação do ser interior de que havia falado o swedenborgista ao dr. Minoret. A certeza de que aquele venenoso Goupil lhes seria fatal fez Úrsula estremecer. Mas

refez-se da perturbação e sentiu um indizível prazer ao ver Saviniano compartilhar da sua emoção.

— Não é nada bonito o amanuense do sr. Dionis! — disse Saviniano, depois que Goupil fechou a porta.

— E que importa que a gente dessa laia seja bela ou feia? — disse a sra. de Portenduère.

— Não lhe quero mal por sua fealdade — replicou o cura —, mas por sua malvadez, que ultrapassa os limites e que ele leva até a perversidade.

Apesar de seu desejo de ser amável, o doutor mostrou-se digno e frio. Os dois amorosos ficaram constrangidos. Sem a bonomia do padre Chaperon, cuja alegria fácil animou o jantar, a situação do doutor e da pupila teria sido quase intolerável. À sobremesa, vendo Úrsula empalidecer, disse-lhe o doutor:

— Se não te sentes bem, minha filha, é só atravessar a rua.

— Que tem, meu coração? — perguntou a velha fidalga à moça.

— Oh, minha senhora — replicou severamente o doutor —, sua alma está com frio, habituada como está a só encontrar sorrisos.

— Péssima educação, senhor doutor — disse a sra. de Portenduère. — Não é, senhor cura?

— Sim, senhora — respondeu Minoret, dirigindo um olhar ao cura, que não achou o que dizer. — Pela maneira como a eduquei, a vida seria impossível a esta natureza angélica, se ela tivesse que frequentar a sociedade. Mas não morrerrei sem a ter colocado ao abrigo da frieza, da indiferença e do ódio.

— Padrinho...! Peço-lhe...! Basta. Não me sinto mal aqui — disse ela, enfrentando o olhar da sra. de Portenduère de preferência a dar excessiva significação às suas palavras, fitando Saviniano.

— Não sei — disse então Saviniano à mãe — se a senhorita se sente mal, mas sei que a senhora me atormenta.

Ao ouvir tal frase arrancada pelas maneiras da mãe àquele generoso rapaz, Úrsula empalideceu e pediu à sra. de Portenduère que a desculpasse. Levantou-se, tomou o braço do tutor, saudou, saiu, voltou para casa, entrou precipitadamente na sala de visitas do padrinho, onde se sentou junto ao piano, apoiou a cabeça nas mãos e desfez-se em lágrimas.

— Por que não confias a conduta de teus sentimentos à minha velha experiência, cruel menina...? — exclamou o doutor, desesperado. — Os nobres nunca se julgam obrigados para com os burgueses como nós. Servindo-os, cumprimos nosso dever, está acabado. Além disso, a velha fidalga viu que Saviniano te olhava com prazer e receia que ele te ame.

— Enfim, ele está salvo — disse ela. — Mas tentar humilhar um homem como o senhor!

— Espera por mim, minha pequena.

Quando o doutor voltou à casa da sra. de Portenduère, encontrou lá Dionis, acompanhado dos srs. Bongrand e Levrault, o administrador municipal, testemunhas exigidas pela lei para a validade dos atos lavrados nas comunas em que só existe um tabelião. Minoret chamou o sr. Dionis à parte e disse-lhe uma palavra ao ouvido, após o que o tabelião fez a leitura da obrigação: a sra. Portenduère dava, por ela, uma hipoteca sobre todos os seus bens até o reembolso dos cem mil francos emprestados pelo doutor ao visconde, ficando os juros estipulados em cinco por cento. Ao ler essa cláusula, o cura olhou para Minoret, que respondeu ao padre por um

leve gesto de aprovação. O pobre padre foi dizer ao ouvido de sua penitente algumas palavras, às quais ela respondeu à meia-voz:

— Não quero dever nada a essa gente.

— Minha mãe confiou-me a parte mais bela deste negócio — disse Saviniano ao doutor. — Ela pagará todo o dinheiro e eu me encarregarei da gratidão.

— Mas será preciso conseguir onze mil francos no primeiro ano, devido às despesas do contrato — replicou o cura.

— Como o sr. e a sra. de Portenduère não estão em condições de pagar o registro — disse Minoret a Dionis —, junte as despesas do ato ao capital e eu as pagarei.

Dionis fez as alterações, e o capital foi, então, fixado em cento e sete mil francos. Quando tudo já estava assinado, Minoret pretextou fadiga para retirar-se ao mesmo tempo que o tabelião e as testemunhas.

— Minha senhora — disse o cura, que ficou com o visconde —, por que chocar o excelente sr. Minoret, que lhe poupou pelo menos vinte e cinco mil francos em Paris e que teve a delicadeza de deixar vinte mil deles a seu filho para suas dívidas de honra...?

— O seu Minoret é um sonso — disse ela, tomando uma pitada de rapé. — Ele bem sabe o que faz.

— Minha mãe julga que ele quer apossar-se de nossa herdade para obrigar-me a desposar sua pupila, como se se pudesse forçar um Portenduère, filho duma Kergarouët, a casar-se contra a vontade.

Uma hora depois, Saviniano apresentou-se na casa do doutor, onde se encontravam os herdeiros, levados pela curiosidade. O aparecimento do jovem visconde produziu uma sensação tanto mais viva porquanto em cada um dos presentes excitou diferentes

sensações. As srtas. Crémère e Massin cochicharam olhando para Úrsula, que corou. As mães disseram que Goupil bem podia ter razão a propósito daquele casamento. Os olhos de todas as pessoas presentes voltaram-se, então, para o doutor, que não se levantou para receber o fidalgo e contentou-se em cumprimentá-lo com uma inclinação de cabeça, sem abandonar o copo dos dados, pois estava jogando uma partida de gamão com o sr. Bongrand. A expressão fria do doutor surpreendeu a todos.

— Úrsula, minha filha — disse ele —, toca um pouco de música para nós.

Ao verem a moça, feliz por ter uma ocupação, atirar-se ao instrumento e remexer nos livros encadernados de verde, os herdeiros aceitaram com demonstrações de prazer o suplício e o silêncio que lhes iam ser infligidos, tão empenhados estavam em saber o que se tramava entre o tio e os Portenduère.

Acontece muitas vezes que um trecho musical, pobre em si mesmo, mas executado por uma moça sob a influência dum sentimento profundo, cause maior impressão que uma grande sinfonia pomposamente executada por uma orquestra exímia. Existe em qualquer peça de música, além da ideia do compositor, a alma do executante que, por um privilégio concedido unicamente a essa arte, pode dar sentido e poesia a frases sem grande valor. Chopin comprova, atualmente, no tocante ao ingrato piano, a verdade desse fato, já demonstrado por Paganini com referência ao violino. Esse belo gênio é menos um músico do que uma alma que se torna sensível e que se comunicaria através de qualquer espécie de música, mesmo por simples acordes. Por sua sublime e perigosa constituição, Úrsula pertencia a essa escola de gênios tão raros; além disso, o velho Schmucke, o professor que vinha todos os sábados e que, durante a estada de Úrsula em Paris, a visitou todos os dias, levava o talento da aluna à mais alta perfeição. *O sonho de Rousseau*, trecho escolhido por Úrsula, uma das composições da mocidade de Hérold, [119] não é destituído de certa profundidade, que se pode desenvolver na execução; ela pôs nele os sentimentos que a agitavam e justificou bem o título de *Capricho* que leva esse fragmento. Por uma execução ao mesmo tempo suave e melancólica, sua alma falava

à alma do rapaz e a envolvia, como que por uma nuvem, com ideias quase visíveis. Sentado à extremidade do piano, com o cotovelo apoiado sobre a coberta e a cabeça na mão esquerda, Saviniano admirava Úrsula, cujos olhos fixos na parede pareciam interrogar um mundo misterioso. Com muito menos se teria ficado profundamente apaixonado. Os sentimentos sinceros têm seu magnetismo, e Úrsula queria, de algum modo, mostrar sua alma, como uma mulher faceira se enfeita para agradar. Saviniano penetrou, pois, nesse delicioso reino, arrastado por aquele coração que, para se interpretar a si mesmo, recorria ao poder da única arte que fala ao pensamento pelo próprio pensamento, sem o recurso da palavra, das cores ou da forma. A candidez tem, sobre o homem, o mesmo poder da infância, com seus atrativos e suas irresistíveis seduções. Ora, nunca Úrsula foi mais cândida que naquele momento, em que nascia para uma nova vida. O cura foi arrancar o fidalgo de seu sonho, pedindo-lhe que completasse a mesa para um uíste. Úrsula continuou a tocar. Os herdeiros retiraram-se, com exceção de Desidério, que procurava descobrir as intenções do tio-avô, do visconde e de Úrsula.

— A senhorita tem tanto talento como alma — disse Desidério quando a moça fechou o piano para sentar-se ao lado do padrinho. — Quem é seu professor?

— Um alemão, que mora justamente perto da Rue Dauphine, no Quai Conti — disse o doutor. — Se ele não tivesse dado todos os dias uma lição a Úrsula durante nossa permanência em Paris, estaria hoje aqui.

— Ele é não somente um grande músico — disse Úrsula —, mas um homem de adorável simplicidade.

— Essas lições devem custar caro — exclamou Desidério.

Os jogadores trocaram um sorriso de ironia. Quando a partida terminou, o doutor, pensativo até então, assumiu, olhando para Saviniano, a expressão dum homem penalizado por ter de cumprir uma obrigação.

— Fico-lhe muito grato — disse-lhe — pelo sentimento que o levou a visitar-me tão prontamente. Mas a senhora sua mãe supõe em mim intenções muito pouco nobres e eu lhe daria o direito de considerá-las verdadeiras se não lhe pedisse que não me viesse mais ver, apesar da honra que me dariam suas visitas e do prazer que eu teria em manter relações consigo. Minha honra e meu repouso exigem que cessemos qualquer relação de vizinhança. Diga à senhora sua mãe que, se não lhe vou pedir que nos dê a honra, à minha pupila e a mim, de jantar conosco no próximo domingo, é porque tenho a certeza de que ela estaria indisposta nesse dia.

O ancião estendeu a mão ao jovem visconde, que a apertou respeitosamente, dizendo-lhe:

— O senhor tem razão!

Retirou-se, não sem fazer a Úrsula uma saudação que revelava mais tristeza que desapontamento.

Desidério saiu junto com o fidalgo; mas foi-lhe impossível trocar uma palavra com ele, pois Saviniano se precipitou para casa.

O desacordo entre os Portenduère e o dr. Minoret ocupou, durante dois dias, a palestra dos herdeiros, que renderam homenagem ao talento de Dionis e consideraram, então, a herança salva. Num século em que as classes se nivelam, em que a mania de igualdade põe no mesmo plano todos os indivíduos e ameaça tudo, até a subordinação militar, derradeiro baluarte do poder na França; em que, por conseguinte, as paixões não têm outro obstáculo a

vencer além das antipatias pessoais ou da falta de equilíbrio entre as fortunas, a obstinação duma velha bretã e a dignidade do dr. Minoret erguiam entre os dois namorados barreiras destinadas, como outrora, menos a destruir que a fortificar o amor. Para um homem apaixonado, a mulher vale o que lhe custa; ora, Saviniano antevia lutas, esforços, incertezas, que lhe tornavam já tão cara aquela moça: queria conquistá-la. É provável que nossos sentimentos obedeçam às leis da natureza sobre a duração de suas criações: à longa vida, longa infância.

XIII – AS BODAS DO CORAÇÃO

No dia seguinte pela manhã, ao despertarem, Úrsula e Saviniano tiveram o mesmo pensamento. Essa harmonia faria nascer o amor, se já não fosse a mais deliciosa prova de sua existência. Quando a moça afastou levemente as cortinas, a fim de dar aos olhos o espaço estritamente necessário para ver a casa de Saviniano, percebeu o vulto do namorado na janela fronteira. Quando se pensa nos imensos serviços que as janelas prestam aos amorosos, parece bastante natural fazer delas o objeto duma contribuição. Após ter assim protestado contra a aspereza do padrinho, Úrsula deixou as cortinas caírem e abriu as janelas para fechar as persianas, através das quais poderia continuar a ver sem ser vista. Subiu umas sete ou oito vezes ao quarto durante o dia e encontrou sempre o jovem visconde escrevendo, rasgando papéis e recomeçando a escrever, a ela, sem dúvida!

Na manhã do outro dia, quando Úrsula despertou, a Bougival entregou-lhe a seguinte carta:

à srta. úrsula

Senhorita,

Não me iludo sobre a desconfiança que deve inspirar um rapaz que se colocou na posição de que só saí graças à intervenção de seu tutor: necessito, de agora em diante, dar maiores garantias que qualquer outro. Assim, senhorita, é com profunda humildade que me coloco a seus pés para confessar-lhe meu amor. Esta declaração não é ditada por uma paixão; vem duma certeza que abrange a vida inteira. Uma louca paixão por minha jovem tia, a sra. de Kergarouët, lançou-me na prisão; poderei dar-lhe maior prova de sincero amor do que o completo desaparecimento, em minhas recordações, dessa imagem apagada em meu coração pela sua? Desde que a vi, adormecida e tão graciosa em seu sono de criança, em Bouron, a senhora tem ocupado minha alma como rainha que toma posse de seu império. Não quero outra senão a senhora, possuidora de todas as distinções que ambiciono naquela que há de levar meu nome. A educação que recebeu e a dignidade de seu coração a colocam à altura das posições mais elevadas. Mas duvido muito de mim mesmo para tentar descrevê-la a si mesma; posso apenas amá-la. Após tê-la ouvido, ontem, recordei-me destas frases, que parecem escritas para a senhora:

“Feita para atrair os corações e encantar os olhos, ao mesmo tempo doce e inteligente, espiritual e razoável, polida como se tivesse passado a vida nas Cortes, simples como o solitário que nunca frequentou a sociedade, o ardor de sua alma é temperado em seus olhos por uma divina modéstia”.

Avaliei o preço dessa bela alma, que se revela na senhora nas menores coisas. É isso que me dá a ousadia de pedir-lhe, se ainda não ama a ninguém, que me deixe provar-lhe por meus cuidados e minha conduta que sou digno de si. Trata-se de minha vida; a senhora não pode duvidar de que todas as minhas forças serão empregadas não somente em agradar-lhe, mas, ainda,

em merecer sua estima, que pode substituir a de toda a terra. Com esta esperança, Úrsula, e se me permite chamá-la em meu coração como uma adorada, Nemours será para mim o paraíso e as mais difíceis empresas não me oferecerão senão alegrias, que lhe serão atribuídas, como se atribui tudo a Deus. Diga-me, pois, que me posso chamar seu

saviniano

Úrsula beijou a carta. E, após havê-la relido e decorado, com gestos irrefletidos, vestiu-se para ir mostrá-la ao padrinho.

— Meu Deus! Quase saí sem rezar minhas orações! — disse ela, voltando e dirigindo-se a seu genuflexório.

Alguns instantes depois, desceu ao jardim e lá encontrou o tutor, a quem fez ler a carta de Saviniano. Ambos sentaram-se sobre o banco, sob o maciço de plantas trepadeiras, diante do pavilhão chinês: Úrsula esperava uma palavra do velho e o velho refletia muito demoradamente para uma moça sem paciência. Finalmente, de sua entrevista secreta resultou a seguinte carta, que o doutor, sem dúvida, ditou em parte:

Senhor,

Não me posso sentir senão muito honrada com a carta pela qual o senhor me oferece sua mão; mas, na minha idade e segundo as leis de minha educação, tive de comunicá-la a meu tutor, que é toda a minha família e a quem amo, ao mesmo tempo, como pai e amigo. Aqui estão, pois, as cruéis objeções que ele me fez e que me devem servir de resposta.

Sou, senhor visconde, uma pobre moça cuja fortuna futura depende, inteiramente, não só das boas intenções de meu padrinho, mas, ainda, das medidas incertas que ele tomará para iludir as más intenções de seus herdeiros a meu respeito. Embora filha legítima de José Mirouët, capitão de

música do 45º Regimento de Infantaria, como ele é cunhado natural de meu tutor, poderiam, ainda que sem razão, mover um processo contra uma moça que ficaria indefesa. Vê o senhor que a escassez de minhas posses não é minha maior infelicidade. Tenho muitas razões para ser humilde. É por si e não por mim que lhe submeto tais observações, que são muitas vezes sem importância para os corações amorosos e dedicados. Mas, considere também, senhor, que se não lhas submetesse, seria suspeitada de querer fazer passar sua ternura por cima dos obstáculos que a sociedade, e sobretudo a sua mãe, achariam invencíveis. Farei dezesseis anos daqui a quatro meses. Certamente o senhor reconhecerá que somos, um e outro, muito jovens e muito inexperientes para combater as misérias duma vida começada sem outras posses além das que devo à bondade do falecido sr. de Jordy. Meu tutor deseja, além disso, não me casar antes que eu tenha atingido os vinte anos. Quem sabe o que a sorte lhe reserva durante esses quatro anos, os mais belos de sua vida. Não a destrua, pois, por uma pobre moça.

Após haver-lhe exposto, senhor, as razões de meu querido tutor, que, longe de opor à minha felicidade, quer contribuir para ela com todas as suas forças e aspira ver sua proteção, dentro em breve débil, substituída por uma afeição igual à sua, resta-me dizer-lhe o quanto me senti comovida com seu oferecimento e os cumprimentos afetuosos que o acompanham. A prudência que dita esta resposta é dum ancião que conhece a vida; mas a gratidão que lhe expresso é duma moça em cuja alma nenhum outro sentimento entrou.

Assim, senhor, posso dizer-me, com toda a sinceridade,

Sua servidora
úrsula mirouët

Saviniano não respondeu. Estaria fazendo tentativas junto da mãe? Aquela carta teria extinto seu amor? Mil questões semelhantes, todas insolúveis, atormentavam horripelmente Úrsula e vinham ricochetar no doutor, que sofria com as menores agitações de sua querida filha.

Úrsula subia muitas vezes ao quarto e espiava Saviniano, a quem via pensativo, sentado diante da mesa e voltando muitas vezes o olhar para as janelas fronteiras. No fim da semana, não mais cedo, ela recebeu a seguinte carta de Saviniano, cujo atraso se explicava por um aumento do amor.

À SRTA. ÚRSULA MIROUËT

Querida Úrsula, sou um pouco bretão; e, uma vez minha decisão tomada, nada me faz mudá-la. Seu tutor, que Deus conserve ainda por muito tempo, tem razão; mas andarei mal em amá-la? Assim, desejo apenas saber se me ama. Diga-o, nem que seja apenas por um sinal e então, sim, estes quatro anos se tornarão os mais belos de minha vida!

Um amigo meu remeteu a meu tio-avô, o vice-almirante de Kergarouët, uma carta na qual lhe peço proteção a fim de entrar para a Marinha. Esse bom velho, comovido com minhas maneiras, respondeu-me que a boa vontade do rei tropeçaria nos regulamentos no caso de eu querer uma graduação. Não obstante, após três meses de estudo em Toulon, o ministro me fará partir como mestre do leme; e, mais tarde, após uma expedição contra os argelinos, com os quais estamos em guerra, posso submeter-me a exame e tornar-me aspirante. Enfim, se eu me distinguir na expedição que se prepara contra Argel, serei, certamente, guarda-marinha. Mas quanto tempo levará isto? Ninguém pode dizê-lo. Sei, apenas, que se tornarão os regulamentos tão elásticos quanto possível para reintegrar o nome de Portenduère na Marinha. Vejo que devo obtê-la unicamente de seu padrinho e seu respeito por ele a torna ainda mais cara a meu coração. Antes de dar minha resposta a este assunto, vou, pois, ter uma entrevista com ele: de sua resposta dependerá todo o meu futuro. Aconteça o que acontecer, fique sabendo que, rica ou pobre, filha dum capitão de música ou filha dum rei, a

senhora é para mim aquela que a voz do coração escolheu. Querida Úrsula, estamos numa época em que os preconceitos, que outrora nos teriam separado, não têm força suficiente para impedir nosso casamento. À senhora, pois, todos os sentimentos de meu coração, e a seu tio as garantias, a que tem direito, de sua felicidade! Ele não sabe que em alguns instantes eu a amei mais do que ele em quinze anos... Até logo.

— Olhe, padrinho — disse Úrsula, entregando-lhe a carta com um gesto de orgulho.

— Ah, minha filha — exclamou o doutor, após ter lido a carta —, estou mais contente do que tu. O fidalgo, por esta resolução, reparou todas as suas faltas.

Após o jantar, Saviniano apresentou-se em casa do doutor, que passeava então com Úrsula ao longo da balaustrada do terraço sobre a ribeira. O visconde recebera seus trajes de Paris e o apaixonado não deixara de realçar suas vantagens naturais por uma aparência tão cuidada, tão elegante, como se se tratasse de agradar à bela e altiva condessa de Kergarouët. Ao vê-lo dirigir-se da escadaria a seu encontro, a pobre menina apertou o braço do tio como se se amparasse para não cair num precipício, e o doutor ouviu profundas e surdas palpitações, que lhe deram um calafrio.

— Deixa-nos, minha filha — disse à pupila, que se sentou sobre os degraus da escada do pavilhão chinês, após ter deixado Saviniano tomar-lhe a mão, na qual depôs um respeitoso beijo.

— O senhor daria essa querida menina a um capitão de navio? — perguntou o jovem visconde, em voz baixa, ao doutor.

— Não — disse Minoret, sorrindo. — Talvez tivéssemos de esperar muito tempo; mas... a um tenente sim.

Lágrimas de alegria umedeceram os olhos do rapaz, que apertou muito afetuosamente a mão do velho.

— Então vou partir — respondeu ele —, estudar e tratar de aprender em seis meses o que os alunos da escola da Marinha aprenderam em seis anos.

— Partir? — perguntou Úrsula, correndo da escadaria para eles.

— Sim, senhorita, para merecê-la. Quanto mais pressa eu puser nisto, tanto maior afeição lhe testemunharei.

— Estamos a 3 de outubro — disse ela, fitando-o com uma ternura infinita —; parta depois do dia 19.

— Sim — disse o velho —, festejaremos assim o dia de São Saviniano.

— Então, adeus — exclamou o rapaz. — Devo passar esta semana em Paris, dar ali os passos necessários, fazer preparativos e adquirir livros e instrumentos de matemática, conseguir o favor do ministro e obter as melhores condições possíveis.

Úrsula e o padrinho acompanharam Saviniano até o portão. Após o terem visto entrar na casa da mãe, viram-no sair, acompanhado de Tienette, que levava uma maleta.

— Por que, se o senhor é rico, o obriga a servir na Marinha? — perguntou Úrsula ao padrinho.

— Creio que dentro em pouco dirás que fui eu que contraí suas dívidas — disse o doutor, sorrindo. — Não o obrigo; mas, minha querida, o uniforme e a cruz da Legião de Honra conquistada num combate apagarão muitas manchas. Em seis anos, ele pode chegar a comandar um grande navio, e é isso tudo quanto lhe exijo.

— Mas ele pode perecer — disse ela mostrando ao doutor um rosto lívido.

— Os namorados têm, como os bêbados, um deus que vela por eles — respondeu o doutor, gracejando.

Sem que o padrinho o soubesse, a pobrezinha, auxiliada pela Bougival, cortou, durante a noite, uma quantidade suficiente de seus longos e belos cabelos louros para fazer uma cadeia. No outro dia, ela seduziu seu professor de música, o velho Schmucke, que lhe prometeu vigiar para que os cabelos não fossem trocados e a corrente estivesse pronta para o domingo seguinte. Ao voltar, Saviniano informou ao doutor e à pupila que assinara seu alistamento. Devia estar no dia 25 em Brest. Convidado pelo doutor para jantar no dia 18, passou esses dois dias quase inteiros na casa do doutor; e, apesar das mais sensatas recomendações, os dois namorados não se puderam impedir de trair sua boa harmonia aos olhos do cura, do juiz de paz, do médico de Nemours e da Bougival.

— Crianças — disse-lhes o ancião —, vocês arriscam sua felicidade por não guardarem segredo.

Enfim, no dia de seu aniversário onomástico, após a missa, durante a qual trocaram alguns olhares, Saviniano, espiado por Úrsula, atravessou a rua e foi ao pequeno jardim, onde ambos se encontraram quase sós. Por indulgência, o bom velho ficou lendo os jornais no pavilhão chinês.

— Querida Úrsula — disse Saviniano —, quer fazer minha festa maior ainda do que poderia fazer minha mãe se me desse a vida uma segunda vez...?

— Sei o que me quer pedir — disse Úrsula, interrompendo-o. — Veja, aqui está minha resposta — acrescentou ela, tirando do bolso do avental a trança feita com seus cabelos, que lhe ofereceu com um tremor nervoso que denunciava uma alegria ilimitada. — Use isto —

disse ela — por amor a mim. Possa meu presente afastar de você todos os perigos, recordando-lhe que minha vida está presa à sua.

“Ah, a pequena maliciosa dá-lhe uma mecha de seus cabelos”, dizia o doutor para si mesmo. “Como a teria feito? Cortando suas belas tranças louras! Ora, ela seria capaz de dar-lhe até meu sangue!”

— Não levará muito a mal pedir-lhe, antes de partir, uma promessa formal de só se casar comigo? — disse Saviniano, beijando a trança e contemplando Úrsula sem poder conter uma lágrima.

— Se já não o disse bastante, eu que fui contemplar as paredes de Sainte-Pélagie quando você estava lá — respondeu ela, corando —, repito-lhe, Saviniano: nunca amarei a outra pessoa e nunca serei senão sua.

Ao ver Úrsula meio oculta no maciço, o rapaz não resistiu ao prazer de apertá-la contra o coração e de beijá-la na frente; mas ela deu um grito débil, deixou-se cair sobre o banco e, quando Saviniano se aproximou dela para pedir-lhe perdão, viu o doutor de pé diante deles.

— Meu amigo — disse ele —, Úrsula é uma verdadeira sensitiva, que uma palavra amarga mata. Por ela, você deve moderar os impulsos do amor. Ah, se você a amasse há dezesseis anos, ter-se-ia contentado com sua palavra — acrescentou ele, como para vingar-se da frase com que Saviniano terminara sua última carta.

Dois dias depois, Saviniano partiu. Apesar das cartas que escreveu regularmente a Úrsula, esta foi acometida duma doença sem causa aparente. À semelhança desses belos frutos contaminados por um verme, um pensamento roía-lhe o coração. Perdeu o apetite e as lindas cores. Quando, pela primeira vez, o padrinho lhe perguntou o que sentia:

— Queria ver o mar — respondeu ela.

— É difícil levar-te em dezembro a ver um porto de mar — respondeu-lhe o ancião.

— Irei, então, noutra época? — indagou ela.

Quando fortes ventos sopravam, Úrsula experimentava comoções ao julgar, apesar das sábias distinções do padrinho, do cura e do juiz de paz entre os ventos do mar e os da terra, que Saviniano se achava às voltas com um furacão. O juiz de paz a tornou feliz por alguns dias dando-lhe uma gravura que representava um aspirante fardado. Ela lia os jornais, imaginando que eles dariam notícias da expedição da qual Saviniano fazia parte. Devorou os romances marítimos de Cooper e quis aprender os termos náuticos. Essas demonstrações de firmeza de pensamento, tantas vezes fingidas em outras mulheres, foram tão naturais em Úrsula que ela previu em sonho cada uma das cartas de Saviniano e nunca deixou de anunciá-las pela mesma manhã, contando o sonho precursor.

— Agora — disse ela ao doutor, na quarta vez em que esse fato ocorreu sem que o cura e o médico se surpreendessem com isso — estou tranquila: a qualquer distância que Saviniano estiver, se for ferido, eu o sentirei no mesmo instante.

O velho médico mergulhou numa profunda meditação, que o juiz de paz e o cura julgaram dolorosa pela expressão de seu rosto.

— Que tem? — perguntaram-lhe quando Úrsula os deixou a sós.

— Viverá ela? — respondeu o velho médico. — Uma flor tão delicada e tão terna será capaz de resistir aos sofrimentos do coração?

Não obstante, a *pequena sonhadora*, como a apelidou o cura, trabalhava com ardor: compreendia a importância duma grande

instrução para uma mulher da sociedade e todo o tempo que não dedicava ao canto, ao estudo da harmonia e da composição passava-o a ler os livros que o padre Chaperon lhe escolhia na rica biblioteca do padrinho. Embora levasse essa existência atarefada, ela sofria, mas não se queixava. Às vezes, ficava horas inteiras a olhar para a janela de Saviniano. No domingo, à saída da missa, ela seguia a sra. de Portenduère, contemplando-a com ternura; porque, apesar de suas crueldades, amava nela a mãe de Saviniano. Sua piedade redobrava; ia à missa todas as manhãs, pois acreditou firmemente que seus sonhos eram um favor de Deus. Assustado com os efeitos produzidos por aquela nostalgia de amor, no dia do aniversário de Úrsula seu padrinho prometeu levá-la a Toulon a fim de ver a partida da expedição de Argel sem que Saviniano, que fazia parte dela, fosse avisado. O juiz de paz e o cura guardaram o segredo do doutor sobre o fim daquela viagem, que pareceu ser reclamada pela saúde de Úrsula e que muito intrigou os herdeiros Minoret. Após ter revisto Saviniano em uniforme de aspirante, após ter subido ao belo navio do almirante, a quem o ministro recomendara o jovem Portenduère, Úrsula, a pedido de seu amigo, foi respirar o ar de Nice e percorreu a costa do Mediterrâneo até Gênova, onde soube da chegada da frota diante de Argel e das felizes notícias do desembarque. O doutor quisera continuar a viagem através da Itália, tanto para distrair Úrsula como para, de algum modo, completar-lhe sua educação, ampliando suas ideias pela comparação dos costumes dos países e pelos encantamentos da terra onde estão as obras-primas da arte e onde tantas civilizações deixaram seus traços brilhantes; mas a notícia da resistência oposta pelo trono aos eleitores da famosa Câmara de 1830 [\[120\]](#) chamou o doutor à França, para onde levou a

pupila num florescente estado de saúde e de posse de uma encantadora miniatura do navio no qual servia Saviniano.

XIV – ÚRSULA ÓRFÃ MAIS UMA VEZ

As eleições de 1830 uniram os herdeiros que, pelos cuidados de Desidério Minoret e de Goupil, formaram em Nemours um comitê cujos esforços fizeram nomear, em Fontainebleau, o candidato liberal. Massin exercia enorme influência sobre os eleitores da campanha. Cinco dos rendeiros do chefe da posta eram eleitores. Dionis representava mais de onze votos. Reunindo-se na casa do tabelião, Crémère, Massin, o chefe da posta e seus partidários acabaram por tomar o hábito de ali se encontrar. Ao voltar o doutor, a sala de visitas de Dionis tornara-se, pois, o campo dos herdeiros. O juiz de paz e o administrador municipal, que então se ligaram para resistir aos liberais de Nemours, batidos pela oposição apesar dos esforços dos castelos situados nas redondezas, ficaram estreitamente unidos pela derrota. Quando Bongrand e o padre Chaperon comunicaram ao doutor o resultado desse antagonismo que delineou, pela primeira vez, dois partidos em Nemours e deu importância aos herdeiros Minoret, Carlos x partia de Rambouillet para Cherbourg.^[121] Desidério Minoret, que partilhava as opiniões do corpo de advogados de Paris, mandara vir de Nemours quinze amigos, chefiados por Goupil, e aos quais o chefe da posta forneceu cavalos para correrem a Paris, tendo chegado à casa de Desidério, em Paris, na noite de 28. Goupil e Desidério cooperaram, com esse grupo, para a tomada da prefeitura municipal. Desidério Minoret foi

condecorado com a Legião de Honra e nomeado substituto do procurador do rei em Fontainebleau. Goupil recebeu a Cruz de Julho. Dionis foi eleito administrador municipal de Nemours em substituição ao sr. Levrault, e o conselho municipal ficou composto de Minoret-Levrault, adjunto de Massin, de Crémière e de todos os partidários de Dionis. Bongrand conservou o cargo apenas por influência do filho, nomeado procurador do rei em Melun e cujo casamento com a srta. Levrault pareceu, então, provável. Ao ver os títulos de três por cento a quarenta e cinco, o doutor partiu em diligência para Paris e colocou quinhentos e quarenta mil francos em títulos ao portador. A importância restante de sua fortuna, que montava, mais ou menos, a duzentos e setenta mil francos, rendeu-lhe, colocado em seu nome nos mesmos títulos, ostensivamente, quinze mil francos de renda. Empregou da mesma forma o capital deixado pelo velho professor a Úrsula, bem como os oito mil francos produzidos em nove anos pelos juros, o que assegurou à sua pupila mil e quatrocentos francos de renda, graças a uma certa quantia que ele acrescentou para arredondar esse pequeno rendimento. Seguindo os conselhos do patrão, a velha Bougival obteve trezentos e cinquenta francos de renda colocando assim cinco mil e tantos francos de economias. Essas prudentes operações, meditadas entre o doutor e o juiz de paz, foram realizadas no mais profundo segredo, à sombra dos distúrbios políticos. Quando a calma aos poucos se restabeleceu, o doutor comprou uma casinha contígua à sua, que depois demoliu, assim como o muro do pátio, para construir em seu lugar um galpão e uma estrebaria. O fato de empregar o capital de mil francos de renda em melhoramentos foi considerado uma loucura por todos os herdeiros Minoret. Essa pretensa loucura foi o

início dum era nova na vida do doutor, que, num momento em que os cavalos e as carruagens estavam quase de graça, trouxe de Paris três soberbos cavalos e uma caleça. Quando, no começo de novembro de 1830, o ancião foi de caleça à missa pela primeira vez, num dia chuvoso, e desceu para dar a mão a Úrsula, todos os habitantes correram à praça, tanto para ver a carruagem do doutor e interrogar o cocheiro como para criticar a pupila, a cuja excessiva ambição Massin, Crémière, o chefe da posta e suas mulheres atribuíam as loucuras do tio.

— Que caleça! Olá, Massin! — gritou Goupil. — Sua herança vai depressa, hein?

— Deves exigir um bom ordenado, Cabirolle — disse o chefe da posta ao filho dum de seus condutores, que estava junto dos cavalos. — Não se pode esperar que fiques muito tempo a serviço dum homem de oitenta e quatro anos. Quanto custaram os cavalos?

— Quatro mil francos. A caleça foi comprada por dois mil francos, uma verdadeira pechincha. É bonita, as rodas são patenteadas.

— Como disse, Cabirolle? — perguntou a sra. Crémière.

— Ele disse *par-de-enteadas* — respondeu Goupil. — É uma ideia dos ingleses, que inventaram essas rodas. Olhe! Repare, não se vê nada, é encaixado, não se precisa prender: não há mais aquela feia ponta de ferro quadrada que ultrapassava o eixo.

— Por que se diz *par-de-enteadas*? — perguntou, então, inocentemente, a sra. Crémière.

— Ora! — disse Goupil — certamente é porque são *aparentadas*!

— Ah, compreendo! — disse ela.

— Não! A senhora é uma mulher às direitas — disse Goupil —, não devemos enganá-la: o verdadeiro nome é *para enteadas*, porque as

rodas ficam escondidas.

— Sim, senhora — disse Cabirolle, burlado pela explicação de Goupil, tão seriamente este a dera.

— É uma bela carruagem, apesar de tudo — exclamou Crémère —, e é preciso ser rico para possuir uma desse estilo.

— Sabe viver, a pequena — disse Goupil. — Ela, aliás, está acertada: ensina-os a gozar a vida. Por que o senhor também não possui belos cavalos e caleças, tio Minoret? Vai se deixar humilhar? Em seu lugar, eu teria uma carruagem de príncipe!

— Diga, Cabirolle — disse Massin —, é a pequena que arrasta nosso tio a tais luxos?

— Não sei — respondeu Cabirolle —, porém ela é quase a dona da casa. Agora vem de Paris um professor atrás do outro. Dizem que ela vai estudar pintura.

— Aproveitarei a ocasião para fazer *tirar* meu retrato — disse a sra. Crémère.

Na província, ainda se diz tirar, em vez de *fazer* um retrato.

— Entretanto, o velho alemão ainda não foi despedido — disse a sra. Massin.

— Ainda hoje ele veio cá — respondeu Cabirolle.

— Abundância de cães não prejudica — disse a sra. Crémère, que fez rir a todos.[\[122\]](#)

— Agora — exclamou Goupil — vocês não devem mais contar com a herança. Úrsula fará em breve dezessete anos: está mais linda do que nunca; as viagens formam a juventude, e a pequena farsista tem seu tio bem preso. Todas as semanas as diligências trazem cinco ou seis pacotes para ela, e as chapeleiras e as modistas vêm cá experimentar os vestidos e fazer negócios. Minha patroa está furiosa.

Esperem Úrsula à saída e reparem no seu pequeno xale, uma verdadeira casimira de seiscentos francos.

Se um raio tivesse caído no meio do grupo dos herdeiros não teria produzido maior efeito do que as últimas palavras de Goupil, que esfregava as mãos.

O velho salão verde do doutor foi reformado por um estofador de Paris. Julgado pelo luxo que ostentava, o velho era acusado ora de ter escondido sua fortuna e de possuir sessenta mil francos de renda, ora de gastar seu capital para agradar a Úrsula. Faziam dele, alternadamente, um ricoço e um libertino. A frase “É um velho louco!” resumiu a opinião da cidade. Esse falso rumo dos julgamentos da cidadezinha teve a vantagem de despistar os herdeiros, que não suspeitaram do amor de Saviniano por Úrsula, verdadeira causa das despesas do doutor, encantado em habituar a pupila ao papel de viscondessa e que, com mais de cinquenta mil francos de renda, se dava o prazer de adornar seu ídolo.

No mês de fevereiro de 1832, no dia em que Úrsula completou dezessete anos, na mesma manhã, ao levantar-se, ela viu Saviniano fardado de guarda-marinha.

“Como é que eu não soube de nada?”, pensou ela.

Após a tomada de Argel, em que Saviniano se distinguiu por um rasgo de coragem que lhe valeu a cruz, a corveta na qual servia ficou vários meses no mar, de modo que lhe fora inteiramente impossível escrever ao doutor, e ele não queria deixar o serviço sem consultá-lo. Desejoso de conservar na Marinha um nome ilustre, o novo governo aproveitara o rebuliço de julho para dar o posto de guarda-marinha a Saviniano. Após obter uma licença de quinze dias, o novo guarda-

marinha chegou de Toulon, pela mala-posta, para o aniversário de Úrsula e ao mesmo tempo para aconselhar-se com o doutor.

— Ele chegou! — exclamou a afilhada, precipitando-se no quarto do padrinho.

— Muito bem — respondeu ele. — Adivinho o motivo que o fez deixar o serviço, e agora ele pode ficar em Nemours.

— Ah! Eis a minha festa: ela está inteira nessa frase — disse ela abraçando o doutor.

A um sinal que ela foi fazer ao fidalgo, Saviniano veio em seguida. Ela queria admirá-lo, porque ele lhe parecia mudado para melhor. Com efeito, o serviço militar imprime aos gestos, à marcha, à expressão dos homens uma decisão mesclada de gravidade, certa retidão que permite ao mais superficial observador reconhecer um militar sob um traje burguês; nada demonstra melhor que o homem foi feito para comandar. Úrsula amou ainda mais Saviniano por isso e experimentou uma alegria de criança em passear no pequeno jardim, dando-lhe o braço e fazendo-lhe contar a parte que tivera, *em sua qualidade de aspirante*, na tomada de Argel. Ela via, segundo dizia, tudo em vermelho quando olhava a condecoração de Saviniano. Evidentemente, Saviniano tomara Argel. O doutor, que, de seu quarto, os observava enquanto se vestia, foi depois encontrá-los. Sem se abrir inteiramente ao visconde, disse-lhe, então, que, no caso de a sra. de Portenduère consentir em seu casamento com Úrsula, a fortuna de sua afilhada tornaria supérfluo o saldo dos postos que ele poderia vir a conquistar.

— Será preciso muito tempo para vencer a oposição de minha mãe — disse Saviniano. — Antes de minha partida, colocada entre a alternativa de me ver ficar junto dela se consentisse em meu

casamento com Úrsula ou de não mais me rever senão de longe em longe e de me saber exposto aos perigos de minha carreira, ela me deixou partir.

— Mas, Saviniano, ficaremos juntos — disse Úrsula, tomando-lhe a mão e sacudindo-a com uma espécie de impaciência.

Verem-se e não se deixarem era, para ela, todo o amor: não via nada além disso; e seu belo gesto e a obstinação de sua voz exprimiram tamanha inocência que Saviniano e o doutor se enterneceram. O pedido de demissão foi enviado, e a festa de Úrsula, realçada com a presença de seu noivo, teve um belo brilho excepcional. Alguns meses depois, em maio, a vida interior retomou, na casa do dr. Minoret, a calma de outrora, mas com um frequentador a mais. As assiduidades do jovem visconde foram tanto mais prontamente interpretadas como as dum noivo porque, tanto na missa como em passeio, suas maneiras e as de Úrsula, embora reservadas, denunciavam a harmonia de seus corações. Dionis observou aos herdeiros que o bom velho não reclamava os juroz à sra. de Portenduère e que a velha fidalga já lhe devia três anos.[\[123\]](#)

— Ela será forçada a ceder, a consentir no casamento desigual de seu filho — disse o tabelião. — Se ocorrer essa desgraça, é provável que uma grande parte da fortuna de seu tio venha a servir, segundo Basílio,[\[124\]](#) de argumento irresistível.

A irritação dos herdeiros, ao perceberem que o tio lhes preferia Úrsula, e assim certamente asseguraria a felicidade dela à custa deles, tornou-se, então, tão surda quanto profunda. Reunidos todas as noites na casa de Dionis desde a Revolução de Julho, maldiziam lá os dois namorados, e a reunião quase nunca terminava sem que tivessem procurado, mas em vão, os meios de se contrapor ao velho.

Zélia, que, sem dúvida, havia aproveitado, como o doutor, a baixa dos títulos de renda para colocar vantajosamente seus enormes capitais, era a mais enfurecida contra a órfã e os De Portenduère. Uma noite em que Goupil, que evitava de aborrecer-se nessas reuniões, comparecera a fim de se colocar a par dos assuntos da cidade que lá se discutiam, Zélia teve uma recrudescência de ódio: vira, pela manhã, o doutor, Úrsula e Saviniano voltando de caieira dum passeio pelos arredores, numa intimidade que dizia tudo.

— Eu daria de bom grado uns trinta mil francos para que Deus chamasse a si nosso tio antes que o casamento desse De Portenduère e da *delambida* se realize — disse ela.

Goupil acompanhou o sr. e a sra. Minoret até o meio do grande pátio e disse-lhes, olhando em torno de si para verificar se estavam completamente sós:

— Deem-me os meios de comprar o cartório de Dionis e eu farei romper o noivado do sr. de Portenduère com Úrsula.

— Como? — perguntou o colosso.

— Julga-me tão tolo para revelar-lhe meu segredo? — respondeu o primeiro amanuense.

— Pois bem, meu rapaz, trata de intrigá-los e depois veremos isso — disse Zélia.

— Não embarco numa atrapalhada dessas com um *veremos!* O rapaz é um brigão que me poderia matar e eu me devo precaver, pois não sou da força dele na espada e na pistola. Estabeleça-me e cumprirei minha palavra.

— Impede esse casamento e eu te estabelecerei — respondeu o chefe da posta.

— Há nove meses que o senhor está hesitando em emprestar-me quinze infelizes mil francos para comprar o cartório de Lecœur, o meirinho, e quer, desse modo, que eu me fie em sua palavra! Não faz mal, o senhor perderá a herança de seu tio, e será bem feito.

— Se se tratasse apenas de quinze mil francos e do cartório de Lecœur, não me oporia — respondeu Zélia. — Mas dar-lhe uma caução de cinquenta mil escudos...!

— Mas eu pagarei — disse Goupil, dirigindo a Zélia um olhar fascinador que se chocou contra o olhar imperioso da mulher do chefe da posta.

Isso foi como veneno sobre aço.

— Esperaremos — disse Zélia.

“Eles têm o gênio do mal!”, pensou Goupil. “Se um dia os apanhar”, disse para si mesmo, saindo, “hei de espremê-los como limões.”

Convivendo com o doutor, o juiz de paz e o cura, Saviniano provou-lhes a excelência de seu caráter. O amor do rapaz por Úrsula, tão desligado de qualquer interesse, tão persistente, impressionou tão vivamente os três amigos que eles já não separavam mais as duas crianças em seus pensamentos. Logo a monotonia daquela vida patriarcal e a certeza que os namorados tinham de seu futuro acabaram por dar à sua afeição uma aparência de fraternidade. Muitas vezes o doutor deixava Úrsula e Saviniano a sós. Julgara com acerto o encantador rapaz, que beijava a mão de Úrsula ao chegar e não lha teria pedido estando só com ela, tanto estava compenetrado do respeito pela inocência, pela candura daquela criança, cuja excessiva sensibilidade, muitas vezes posta à prova, lhe ensinara que uma expressão dura, um ar frio ou alternativas de doçura e rudeza

poderiam matá-la. As grandes ousadias dos dois namorados eram cometidas em presença dos velhos, à noite. Dois anos cheios de alegrias secretas assim decorreram, sem outros acontecimentos além das tentativas inúteis do rapaz a fim de obter o consentimento da mãe para seu matrimônio com Úrsula. Algumas vezes ele falava durante manhãs inteiras: a mãe o escutava, respondendo a seus argumentos e a suas súplicas apenas por um silêncio de bretã ou por meio de recusas. Aos dezenove anos, Úrsula, elegante, excelente musicista e bem-educada, não tinha nada mais a adquirir: estava perfeita. Assim conquistou um renome de beleza, de graça e de instrução que se estendeu ao longe. Um dia, a marquesa d'Aiglemont pediu a mão de Úrsula para seu filho mais velho e o doutor teve de recusá-la. Seis meses mais tarde, apesar do profundo segredo guardado por Úrsula, pelo doutor e pela sra. d'Aiglemont, Saviniano foi informado, por acaso, de tal circunstância. Comovido com tamanha delicadeza, evocou esse procedimento para vencer a obstinação da mãe, que lhe respondeu: “Se os D'Aiglemont querem fazer um casamento desigual, é isso uma razão para que também o façamos?”.

No mês de dezembro de 1834, o piedoso e bom velho começou a declinar visivelmente. Ao vê-lo sair da igreja, com o rosto amarelado e enrugado, os olhos amortecidos, toda a cidade falou da morte próxima do bom velho, que, então, contava oitenta e oito anos. “Vocês saberão o que vai acontecer”, dizia-se aos herdeiros. Com efeito, a morte do ancião tinha o atrativo dum problema. Mas o doutor não se sabia doente; tinha ilusões, e nem a pobre Úrsula nem Saviniano, nem o juiz de paz nem o cura queriam, por delicadeza, esclarecê-lo sobre sua situação; o médico de Nemours, que ia visitá-

lo todas as tardes, não ousou prescrever nada. O velho Minoret não sentia dor alguma, extinguiu-se suavemente. Sua inteligência permanecia firme, nítida e potente. Nos velhos assim constituídos, a alma domina o corpo e lhes dá forças para morrer de pé. O cura, para não apressar o termo fatal, dispensou seu paroquiano de ouvir missa na igreja e lhe permitiu que lesse as orações em casa, pois o doutor cumpria minuciosamente seus deveres religiosos: quanto mais se aproximava do túmulo, mais amava a Deus. As luzes eternas explicavam-lhe cada vez mais claramente as dificuldades de todo gênero. No começo do novo ano, Úrsula conseguiu que ele vendesse os cavalos e a carruagem e despedisse Cabirolle. O juiz de paz, cujas inquietações quanto ao futuro de Úrsula estavam longe de se acalmar pelas meias confidências do velho, abordou a questão delicada da herança, demonstrando, uma noite, a seu velho amigo, a necessidade de emancipar Úrsula. A pupila ficaria, então, habilitada a receber uma conta de tutela e a possuir bens, o que permitiria favorecê-la. Apesar dessa tentativa de resolver o assunto, o velho, que, entretanto, já havia consultado o juiz de paz, não lhe confiou o segredo de suas disposições com relação a Úrsula, mas adotou o partido da emancipação. Quanto mais insistia o juiz de paz em querer conhecer os meios escolhidos pelo velho amigo para garantir uma fortuna a Úrsula, mais o doutor se tornava desconfiado. Numa palavra, Minoret receava, positivamente, revelar ao juiz de paz seus trinta e seis mil francos de renda ao portador.

— Por que — perguntou-lhe Bongrand — está colocando o acaso contra o senhor?

— Entre dois acasos — respondeu o doutor —, evita-se o mais arriscado.

Bongrand encaminhou o assunto da emancipação bastante rapidamente para que ficasse concluído no dia em que a srta. Mirouët completasse vinte anos. Esse aniversário devia ser a última festa do velho doutor, que, dominado sem dúvida por um pressentimento do fim próximo, celebrou suntuosamente a data, dando um pequeno baile para o qual convidou os rapazes e as moças das quatro famílias Dionis, Crémière, Minoret e Massin. Saviniano, Bongrand, o cura, seus dois vigários, o médico de Nemours e as sras. Zélia Minoret, Massin e Crémière, assim como Schmucke, foram os convivas do grande jantar que precedeu o baile.

— Sinto que me vou — disse o velho ao tabelião, no fim do jantar.
— Peço-lhe, por isso, que venha amanhã para redigir a conta de tutela que devo dar a Úrsula, a fim de não complicar minha herança com isso. Graças a Deus! Não prejudiquei meus herdeiros num óbolo e não dispus senão de meus rendimentos. Os srs. Crémière, Massin e Minoret, meu sobrinho, são os membros do conselho de família instituído para Úrsula; eles assistirão a essa entrega de conta.

Essas palavras, ouvidas por Massin e divulgadas no baile, espalharam a alegria entre as três famílias, que havia quatro anos viviam em contínuas alternativas, acreditando-se ora ricas, ora deserdadas.

— É uma voz que se extingue — disse a sra. Crémière.

Quando, pelas duas horas da manhã, não restava no salão senão Saviniano, Bongrand e o padre Chaperon, o velho doutor disse-lhes, mostrando-lhes Úrsula, encantadora em traje de baile, que acabara de se despedir das jovens srtas. Crémière e Massin:

— É a vocês, meus amigos, que a confio! Dentro de alguns dias, não estarei mais aqui para protegê-la. Coloquem-se entre ela e o

mundo, até que se case... Tenho receios por ela.

Essas palavras causaram uma impressão penosa. O relatório, entregue alguns dias depois em conselho de família, estabelecia o dr. Minoret devedor de dez mil e seiscentos francos, tanto pelos juros atrasados da inscrição de mil e quatrocentos francos de renda, cuja aquisição era explicada pelo emprego do legado do capitão Jordy, assim como por um pequeno capital de cinco mil francos proveniente dos presentes feitos, durante quinze anos, pelo doutor à sua pupila, no dia dos aniversários onomástico e natalício.

Essa autêntica entrega de conta fora recomendada pelo juiz de paz, que temia as consequências da morte do dr. Minoret e que, infelizmente, tinha razão. No dia seguinte ao da aceitação da conta de tutela, que tornava Úrsula possuidora de dez mil e seiscentos francos e de mil e quatrocentos francos de renda, o velho foi acometido duma fraqueza que o obrigou a ficar acamado. Apesar da discrição que cercava a casa do doutor, o boato de sua morte espalhou-se pela cidade, e os herdeiros correram para as ruas como as contas de um rosário cujo fio se rompeu. Massin, que foi pedir notícias, soube por Úrsula mesma que o bom velho estava de cama. Infelizmente, o médico de Nemours declarara que o momento em que Minoret se acamasse seria o de sua morte. Por isso, apesar do frio, os herdeiros estacionaram nas ruas, na praça ou diante de sua porta, ocupados em falar do acontecimento havia tanto tempo esperado e a espreitar o momento em que o cura levaria ao velho doutor os sacramentos com o cerimonial em uso nas cidades da província. Assim, quando, dois dias depois, o padre Chaperon, acompanhado de seu vigário e dos coroinhas, precedido do sacristão levando a cruz, atravessou a Grand'rue, os herdeiros se reuniram a

eles para ocupar a casa, impedir qualquer subtração e lançar as mãos ávidas sobre os tesouros presumidos... Quando o doutor percebeu, além do clero, seus herdeiros ajoelhados, que, em vez de rezarem, o observavam com olhares tão vivos como os clarões dos círios, não pôde conter um sorriso malicioso. O cura voltou-se, viu-os e disse as orações com exagerada lentidão. O chefe da posta foi o primeiro a abandonar a incômoda posição. Sua mulher o seguiu. Massin ficou com receio de que Zélia e o marido pusessem a mão nalguma bagatela; juntou-se a eles na sala de visitas e logo todos os herdeiros ali se viram reunidos.

— Ele é por demais honesto para burlar a extrema-unção — disse Crémière. — Assim, podemos ficar tranquilos.

— Sim, vamos ter cada um cerca de vinte mil francos de renda — respondeu a sra. Massin.

— Tenho para mim — disse Zélia — que havia três anos ele não *colocava* mais; *gostava* de acumular...

— O tesouro está, sem dúvida, na adega — dizia Massin a Crémière.

— Contanto que encontremos alguma coisa — disse Minoret-Levrault.

— Mas depois das suas declarações no baile — exclamou a sra. Massin — não há mais dúvida.

— Em todo caso — disse Crémière —, como agiremos? Partilharemos? Licitaremos? Ou faremos uma distribuição por partes? Enfim, somos todos maiores.

Sobre a maneira de proceder, surgiu uma discussão que logo se envenenou. Ao fim duma meia hora, um ruído de vozes confusas,

entre as quais sobressaía a voz aguda de Zélia, ressoou no pátio e até na rua.

— O doutor deve ter morrido — disseram então os curiosos que se juntavam na rua.

O barulho chegou ao ouvido do doutor, que percebeu essas palavras, gritadas, ou melhor, berradas por Crémière:

— Mas a casa vale trinta mil francos! Fico com ela para mim, por trinta mil francos!

— Pois bem, pagaremos o que ela valer — respondeu azedamente Zélia.

— Senhor cura — disse o velho ao padre Chaperon, que permaneceu junto do amigo após lhe ter ministrado os sacramentos —, faça com que eu fique em paz. Meus herdeiros, como os do cardeal Ximenez,^[125] são capazes de pilhar minha casa antes de eu morrer e eu não tenho macaco para me restabelecer. Dê-lhes a entender que não quero ninguém em minha casa.

O cura e o médico desceram, repetiram a ordem do moribundo e, num acesso de indignação, ainda acrescentaram enérgicas palavras cheias de censura.

— Sra. Bougival — disse o médico —, feche o portão e não deixe entrar ninguém: parece que não se pode morrer tranquilo. A senhora preparará uma cataplasma de farinha de mostarda, a fim de aplicar cataplasmas nos pés do doutor.

— Seu tio não morreu e pode viver ainda muito tempo — dizia o padre Chaperon, despedindo os herdeiros, que haviam chegado com os filhos. — Ele reclama o mais profundo silêncio e não quer senão a pupila junto dele. Que diferença entre a conduta dessa moça e a de vocês!

— Velho hipócrita! — exclamou Crémière. — Vou ficar de sentinela. É bem possível que se trame alguma coisa contra nossos interesses.

O chefe da posta já havia desaparecido no jardim, com a intenção de cuidar do tio em companhia de Úrsula e de se fazer admitir na casa como um auxiliar. Entrou sorratamente, sem que suas botinas fizessem o menor ruído, porque havia tapetes no corredor e nos degraus da escada. Pôde, assim, chegar até a porta do quarto do tio sem ser ouvido. O cura e o médico haviam saído; a Bougival estava preparando o cataplasma.

— Estamos completamente sós? — perguntou o ancião à pupila.

Úrsula ergueu-se nas pontas dos pés para olhar o jardim.

— Sim — disse ela —; o próprio senhor cura fechou o portão ao sair.

— Minha filha amada — disse o moribundo —, minhas horas, meus minutos, mesmo, estão contados. Fui médico e sei o que é isto: o cataplasma do doutor não me fará ir até a noite. Não chores, Úrsula — disse ele ao ver-se interrompido pelo pranto da afilhada —, mas escuta-me bem: trata-se de teu casamento com Saviniano. Logo que a Bougival subir com o cataplasma, desce ao pavilhão chinês, aqui está a chave: levanta o mármore do armário de Boulle e debaixo dele encontrarás uma carta lacrada com teu endereço: apanha-a e traze-a aqui para que eu a veja, pois só morrerei tranquilo vendo-a em tuas mãos. Quando eu morrer, não darás a notícia imediatamente. Mandarás chamar o sr. de Portenduère, lerão a carta juntos e jurarás, em seu nome e no teu, executar minhas últimas vontades. Quando ele me tiver obedecido, participarás minha morte e a comédia dos

herdeiros começará. Deus queira que esses monstros não te maltratem!

— Sim, padrinho.

O chefe da posta não escutou o resto da conversa. Afastou-se na ponta dos pés, lembrando-se de que a fechadura do gabinete se achava do lado da biblioteca. Ele havia assistido anteriormente ao debate entre o arquiteto e o serralheiro, que dizia que, como alguém podia entrar na casa pela janela que dava para a ribeira, era necessário, por prudência, pôr a fechadura do lado da biblioteca, pois o gabinete devia ser uma das peças de recreio para o verão. Alucinado pelo interesse e com as orelhas congestas, Minoret desaparafusou a fechadura por meio duma faca, com a presteza dos ladrões. Entrou no gabinete, apanhou o maço de papéis sem perder tempo em abri-lo, recolocou as coisas em ordem e foi sentar-se na sala de jantar, esperando que a Bougival subisse com o cataplasma para sair da casa. Realizou a fuga com tanto mais facilidade porque a pobre Úrsula achou mais urgente ver aplicar o cataplasma do que obedecer às recomendações do padrinho.

— A carta! A carta! — gritou, com uma voz moribunda, o ancião.

— Obedece-me, aqui está a chave. Quero ver-te com a carta na mão.

Essas palavras foram proferidas com olhares tão desvairados que a Bougival disse a Úrsula:

— Faça o que seu padrinho quer ou a menina lhe causará a morte.

Ela beijou-o na fronte, tomou a chave e desceu. Mas, chamada em seguida pelos gritos pungentes da Bougival, ela acorreu. O ancião envolveu-a com o olhar, viu-lhe as mãos vazias, recostou-se no leito, quis falar e morreu dando um terrível e derradeiro suspiro, com os olhos esbugalhados de terror. A pobrezinha, que via a morte pela

primeira vez, caiu ajoelhada e desfez-se em lágrimas. A Bougival fechou os olhos do ancião e acomodou-o no leito. Quando, segundo sua expressão, acabou de *preparar* o morto, a velha governanta correu para avisar Saviniano: mas os herdeiros, que se mantinham na extremidade da rua, cercados de curiosos e exatamente como corvos que esperam que um cavalo seja enterrado para ir esgravatar a terra e escavá-la com as patas e o bico, correram com a celeridade dessas aves de rapina.

XV – O TESTAMENTO DO DOUTOR

Durante esses acontecimentos, o chefe da posta tinha ido para casa a fim de saber o que continha o misterioso pacote.

à minha querida úrsula mirouët
filha de meu cunhado natural
josé mirouët e de dina grollman

Nemours, 15 de janeiro de 1830

Meu anjinho, minha afeição paternal, que tens justificado tão bem, teve por origem não somente o juramento que fiz a teu pobre pai de substituí-lo, mas, ainda, tua semelhança com Úrsula Mirouët, minha esposa, de quem me tens, sem cessar, recordado as graças, o espírito, a candura e o encanto. Tua qualidade de filha do filho natural de meu sogro poderia tornar disposições testamentárias feitas em teu favor sujeitas a contestação...

— Velho tratante! — exclamou o chefe da posta.

Tua adoção seria objeto dum processo. Enfim, recuei sempre diante da ideia de desposar-te para te transmitir minha fortuna: pois eu poderia viver ainda muito tempo e perturbar o futuro de tua felicidade, que só tem sido retardada porque a sra. de Portenduère continua viva. Pesando maduramente essas dificuldades e querendo deixar-te a fortuna necessária a uma bela existência...

— Celerado, pensou em tudo!

... sem prejudicar em nada meus herdeiros...

— Jesuíta! Como se não nos devesse toda sua fortuna!

... destinei para ti o fruto das economias que tenho reunido durante dezoito anos e que tenho constantemente feito render, pelos cuidados de meu tabelião, tendo em vista tornar-te tão feliz quanto se possa sê-lo pela riqueza. Sem dinheiro, tua educação e tuas ideias elevadas causariam tua infelicidade. Além disso, deves um belo dote ao encantador rapaz que te ama. Acharás, assim, no meio do terceiro volume das *Pandectas*, in-fólio, encadernadas em marroquim vermelho, e que é o último volume da primeira fila, na parte superior da prateleira da biblioteca, no último corpo, do lado da sala de visitas, três inscrições de renda a três por cento, ao portador, cada uma de doze mil francos...

— É o cúmulo da perversidade! — exclamou o chefe da posta. — Ah! Deus não permitirá que eu seja assim logrado.

Apanha-as em seguida, assim como o pouco de juros economizados no momento de minha morte e que estarão no volume precedente. Lembra-te, minha adorada filha, que deves obedecer cegamente a este desígnio, que tem

feito a felicidade de toda minha vida e que me obrigaria a pedir o socorro de Deus se me desobedecesses. Mas, prevendo um escrúpulo de tua querida consciência, que sei ser engenhosa em se atormentar, encontrarás junto a esta um testamento perfeitamente regular dessas inscrições em benefício do sr. Saviniano de Portenduère. Assim, quer as possuas tu mesma, quer as recebas daquele a quem amas, elas serão tua legítima propriedade.

Teu padrinho
dionísio minoret

Junto a essa carta havia, num quadrilátero de papel carimbado, a peça seguinte:

este é meu testamento

Eu, Dionísio Minoret, doutor em medicina, residente em Nemours, são de espírito e de corpo, como o demonstra a data deste testamento, lego minha alma a Deus, pedindo-lhe que perdoe meus longos erros em atenção a meu sincero arrependimento. Tendo reconhecido no senhor visconde Saviniano de Portenduère uma sincera afeição por mim, lego-lhe trinta e seis mil francos de renda perpétua, a três por cento, a tomar de minha herança, de preferência a todos meus herdeiros.

Feito e escrito de meu próprio punho, em Nemours, a 11 de janeiro de 1831.

dionísio minoret

Sem hesitar, o chefe da posta, que, para ficar inteiramente só, se encerrara no quarto da esposa, procurou os fósforos e recebeu dois avisos do céu pela extinção de dois fósforos que não quiseram pegar

fogo. O terceiro acendeu-se. Queimou na estufa a carta e o testamento. Por uma precaução supérflua, enterrou os vestígios do papel e do lacre nas cinzas. Depois, embaído pela ideia de possuir os trinta e seis mil francos de renda sem que a esposa o soubesse, voltou quase a correr à casa do tio, aguilhoado pela única ideia, ideia simples e nítida, que podia atravessar sua rude cabeça. Ao ver a casa do tio invadida pelas três famílias, finalmente senhoras do lugar, receou não poder realizar um projeto sobre o qual não perdia tempo em refletir, não pensando senão nos obstáculos.

— Que fazem aí? — perguntou a Massin e Crémière. — Pensam que vamos deixar a casa e os valores entregues à pilhagem? Somos três herdeiros, não podemos ficar de guarda aqui! Você, Crémière, corra à casa de Dionis e diga-lhe que venha constatar o óbito. Não posso, embora sendo adjunto, lavrar a certidão de óbito de meu tio... Você, Massin, vá pedir ao tio Bongrand para apor os selos. E vocês façam companhia a Úrsula — disse ele à esposa e às sras. Massin e Crémière. — Assim, nada se perderá. Sobretudo, fechem o portão; não deixem sair ninguém!

As mulheres, que sentiram o acerto daquela observação, correram ao quarto de Úrsula e encontraram a nobre criatura, já tão cruelmente suspeitada, ajoelhada e rezando, com o rosto coberto de lágrimas. Minoret, compreendendo que as três herdeiras não ficariam muito tempo com Úrsula, e temendo a desconfiança de seus co-herdeiros, foi à biblioteca, viu o volume, abriu-o, apanhou as três inscrições e achou no outro umas trinta notas de banco. A despeito de sua natureza brutal, o colosso acreditou ouvir um carrilhão em cada uma de suas orelhas; o sangue assobiava em suas têmporas enquanto praticava o roubo. Apesar do rigor da estação, ficou com a

camisa molhada nas costas. Enfim, as pernas tremiam-lhe de tal modo que ele caiu sobre uma poltrona da sala de visitas, como se tivesse recebido uma bordoadada na cabeça.

— Ah, como uma herança desprende a língua ao grande Minoret! — dissera Massin, ao correr para a cidade. — Ouviu-o? — perguntava a Crémière. — Vá ali! Vá acolá! Como conhece a manobra!

— Sim, para uma grande besta como ele, tinha uma certa expressão...

— Cuidado — disse Massin, alarmado —, sua mulher está aqui. Os dois são demais. Dê as ordens. Voltarei já.

No momento em que o chefe da posta se sentava, percebeu, no portão, a fisionomia radiante do escrivão, que voltava da casa mortuária com uma celeridade de fuinha.

— Então, que há? — perguntou o chefe da posta, indo abrir o portão para o co-herdeiro.

— Nada. Volto para o embargo — respondeu-lhe Massin, lançando-lhe um olhar de gato selvagem.

— Eu desejaria que os selos já tivessem sido postos, assim poderíamos todos voltar para casa — respondeu Minoret.

— Ora! Deixaremos um guarda-selos — respondeu o escrivão. — A Bougival é capaz de tudo no interesse da *delambida*. Colocaremos Goupil aqui.

— Goupil? — exclamou o chefe da posta. — Ele limparia a casa e nada mais encontraríamos aqui a não ser o defunto.

— Vejamos — replicou Massin. — Esta noite, velaremos o morto e dentro duma hora teremos acabado de apor os selos. Assim, nossas mulheres os guardarão. Amanhã ao meio-dia teremos o enterro. Não se pode proceder ao inventário senão daqui a oito dias.

— Bem — disse o colosso, sorrindo —, ponhamos para fora essa delambida e encarreguemos o tambor da administração municipal da guarda dos selos e da casa.

— Bem — exclamou o escrivão —, trate você disso, você é o chefe dos Minoret.

— Minhas senhoras, minhas senhoras — disse Minoret —, queiram ficar todas na sala de visitas. Não se trata de ir jantar, mas de proceder à aposição dos selos para a conservação de todos os interesses.

Depois, chamou a esposa à parte para comunicar-lhe as ideias de Massin relativamente a Úrsula. Imediatamente, as mulheres, cujo coração estava sedento de vingança e que desejavam desferrar-se da *delambida*, acolheram com entusiasmo o projeto de expulsá-la. Bongrand apareceu e ficou indignado com a proposta que lhe fizeram Zélia e a sra. Massin, na qualidade de amigo do defunto, de pedir a Úrsula que deixasse a casa.

— Vão as senhoras mesmas enxotá-la da casa de seu pai, seu padrinho, seu tio, seu benfeitor, seu tutor! Vão as senhoras mesmas, que não devem essa herança senão à nobreza de sua alma, agarrem-na pelos ombros e atirem-na na rua, diante de toda a cidade! Julgam-na capaz de espoliá-las? Pois bem, nomeiem um guarda-selos, estão no seu direito. Saibam, em primeiro lugar, que não aporei os selos em seu quarto; ela está em sua casa, tudo que lá se encontra é propriedade sua; vou instruí-la sobre seus direitos e dizer-lhe que reúna tudo quanto lhe pertence... certamente, na presença das senhoras! — acrescentou ele ao ouvir resmungos dos herdeiros.

— Que tal! — disse o exator ao chefe da posta e às mulheres estupefatas com a colérica alocação de Bongrand.

— Isso é que é magistrado! — exclamou o chefe da posta.

Sentada num pequeno sofá, meio desfalecida, com a cabeça inclinada, as tranças desfeitas, Úrsula deixava escapar de vez em quando um soluço. Seus olhos estavam turvos, as pálpebras inchadas; achava-se, enfim, entregue a uma prostração moral e física que teria enternecido os seres mais ferozes, exceto herdeiros.

— Ah, sr. Bongrand, depois do meu aniversário, a morte e o luto! — disse ela, com essa poesia natural às belas almas. — O senhor bem sabe quem ele era: em vinte anos, nenhuma palavra de impaciência comigo! Julguei que ele viveria cem anos! Ele foi minha mãe — exclamou —, uma boa mãe.

Essas poucas ideias expressas provocaram duas torrentes de lágrimas entrecortadas de soluços. Depois, ela tornou a cair como uma massa.

— Minha filha — replicou o juiz de paz ao ouvir os herdeiros na escada —, tens a vida inteira para chorá-lo, ao passo que só tens um instante para teus negócios. Reúne em teu quarto tudo quanto te pertence na casa. Os herdeiros obrigam-me a apor os selos...

— Ah, esses herdeiros podem levar tudo! — exclamou Úrsula, levantando-se num acesso de indignação selvagem. — Tenho aqui tudo quanto há de precioso — disse ela batendo no peito.

— Que é? — perguntou o chefe da posta, que mostrou sua horrível face ao mesmo tempo que Massin.

— A recordação de suas virtudes, de sua vida, de todas as suas palavras, uma imagem de sua alma celeste — disse ela com os olhos e o rosto brilhando, erguendo a mão num gesto soberbo.

— E também uma chave! — exclamou Massin, abaixando-se como um gato e indo apanhar uma chave que caiu das dobras do corpete,

quando Úrsula fez aquele gesto.

— É a chave de seu gabinete — disse ela, corando. — Ele me havia mandado lá, no momento de expirar.

Após terem trocado horríveis sorrisos, os dois herdeiros olharam para o juiz de paz, exprimindo uma vergonhosa suspeita. Úrsula, que surpreendeu e compreendeu esse olhar, calculado no chefe da posta e involuntário em Massin, ergueu-se, tornou-se pálida como se o sangue a abandonasse; seus olhos lançaram esse clarão que talvez não se produza senão à custa da vida e disse com uma voz estrangulada:

— Ah, sr. Bongrand, tudo o que existe naquele quarto provém da bondade de meu padrinho; podem ficar com tudo; não tenho comigo senão as minhas vestes; vou sair e não voltarei mais aqui.

Ela foi para o quarto do tutor, de onde nenhuma súplica pôde arrancá-la, enquanto os herdeiros se sentiam um pouco envergonhados do seu modo de agir. Pediu à Bougival que lhe tomasse dois quartos na hospedaria da Velha-Posta até que encontrasse alguma habitação na cidade onde pudessem viver ambas. Foi a seu quarto buscar o livro de orações e ficou quase toda a noite com o cura, o vigário e Saviniano, a rezar e a chorar. O fidalgo veio depois de se ter recolhido sua mãe e ajoelhou-se, em silêncio, ao lado de Úrsula, que lhe dirigiu o mais triste sorriso, agradecendo-lhe por ter vindo fielmente participar de suas dores.

— Minha filha — disse o sr. Bongrand, entregando a Úrsula um volumoso pacote —, uma das herdeiras de teu tio tirou de tua cômoda tudo quanto vais precisar, porque não se retirará o embargo senão daqui a alguns dias e então recuperarás o que te pertence. No teu interesse, apus os selos em teu quarto.

— Obrigada — respondeu ela, adiantando-se até ele e apertando-lhe a mão. — Veja-o ainda uma vez: não se diria que parece dormir?

O ancião oferecia nesse momento essa flor de beleza passageira que se estende sobre o rosto dos mortos que expiraram sem dor. Parecia irradiar.

— Ele não te entregou nada em segredo antes de morrer? — disse o juiz de paz ao ouvido de Úrsula.

— Nada — respondeu ela. — Falou-me apenas de uma carta.

— Bem! Havemos de encontrá-la — replicou Bongrand. — Foi muito bom para ti, então, que eles tenham querido que apusesse os selos.

De madrugada, Úrsula despediu-se daquela casa onde decorrera sua infância feliz, principalmente daquele modesto quarto onde seu amor havia começado e que lhe era tão caro que no meio de sua negra tristeza teve lágrimas de pesar por aquela pacífica e doce morada. Após ter contemplado pela última vez alternadamente as janelas e Saviniano, saiu para dirigir-se à hospedaria, acompanhada da Bougival, que levava seu pacote, do juiz de paz, que lhe dava o braço, e de Saviniano, seu doce protetor. Assim, apesar das mais sábias precauções, o desconfiado jurisconsulto verificava ter tido razão: Úrsula ficaria sem dinheiro e à mercê dos herdeiros.

No dia seguinte, à tarde, toda a cidade estava nas cerimônias fúnebres do dr. Minoret. Quando souberam da conduta dos herdeiros para com Úrsula, a grande maioria a achou natural e necessária: tratava-se duma herança, o velho era *cheio de mistérios*, Úrsula podia acreditar que tinha direitos, os herdeiros defendiam o que era seu e, além disso, ela os havia humilhado bastante durante a vida do tio, que os recebia a pau e pedra. Desidério Minoret, que não

fazia prodígios em seu cargo, segundo diziam os invejosos do chefe da posta, chegou para o ofício fúnebre. Impossibilitada de acompanhar o enterro, Úrsula permaneceu no leito, acometida duma febre nervosa causada tanto pelo insulto que os herdeiros lhe haviam feito como por sua profunda aflição.

— Vejam esse hipócrita que chora! — diziam alguns herdeiros, mostrando Saviniano, vivamente compungido com a morte do doutor.

— A questão é saber se ele tem razão de chorar — respondeu Goupil. — Não se apressem em rir, o embargo ainda não foi levantado.

— Ora — disse Minoret, que não tinha motivo para receio —, estás sempre a assustar-nos por nada!

No momento em que o cortejo deixou a igreja para dirigir-se ao cemitério, Goupil teve um amargo desgosto: quis tomar o braço de Desidério, mas, recusando-o, o substituto renegou o camarada em presença de toda Nemours.

“Não nos zanguemos, não poderei vingar-me aqui”, pensou o amanuense, cujo coração seco inchou como uma esponja em seu peito.

XVI – OS DOIS ADVERSÁRIOS

Para que se levantasse o embargo e se procedesse ao inventário, tiveram de esperar que o procurador do rei, tutor legal dos órfãos, encarregasse Bongrand de representá-lo. A herança Minoret, da qual se falou durante dez dias, foi então aberta e constatada com o rigor

das formalidades judiciais. Dionis tirava proveito, Goupil gostava de praticar o mal; e, como o negócio era bom, as horas de trabalho se multiplicaram. Almoçava-se quase sempre após a primeira parte do expediente. Tabelião, amanuense, herdeiros e testemunhas bebiam, então, os vinhos mais preciosos da adega.

Na província, e sobretudo nas pequenas cidades onde todos possuem sua casa, é muito difícil encontrar onde morar. Assim, quando se compra, lá, qualquer estabelecimento, a casa faz, quase sempre, parte da venda. O juiz de paz, a quem o procurador do rei recomendou os interesses da órfã, não viu outro meio para retirá-la da hospedaria, senão fazê-la adquirir na Grand'rue, na esquina da ponte sobre o Loing, uma casinha com uma pequena porta abrindo para um corredor e que, no pavimento térreo, só tinha uma sala com duas janelas para a rua, e detrás da qual havia uma cozinha cuja porta-balcão dava para um pátio interno de cerca de trinta pés quadrados. Uma pequena escada, iluminada do lado da ribeira por claraboias, levava ao primeiro andar, composto de três quartos e por cima do qual havia duas mansardas. O juiz de paz tomou emprestados à Bougival dois mil francos de economias para pagar a primeira parte do valor da casa, que custava seis mil francos, e obteve um prazo para o restante. Para poder colocar os livros do doutor, que Úrsula queria adquirir, Bongrand fez demolir a parede interior de duas peças do primeiro andar, após ter observado que a profundidade da casa correspondia ao comprimento do corpo da biblioteca. Saviniano e o juiz de paz apressaram tanto os operários que limpavam a pequena casa, pintavam e renovavam tudo, que, no fim do mês de março, a órfã pôde deixar a hospedaria e instalar-se naquela casa feia, onde encontrou um quarto igual àquele do qual os

herdeiros a haviam expulsado, pois fora mobiliado com os móveis retomados pelo juiz de paz por ocasião do levantamento do embargo. A Bougival, instalada na parte de cima, podia descer ao chamado duma campainha colocada à cabeceira da jovem patroa. A peça destinada à biblioteca, a sala do pavimento térreo e a cozinha ainda vazias, apenas pintadas, forradas de papéis frescos e restaurados, esperavam as aquisições que a afilhada faria por ocasião da venda do mobiliário do padrinho. Embora conhecessem o caráter de Úrsula, o juiz de paz e o cura recearam por ela nessa passagem tão súbita a uma vida desprovida do conforto e do luxo a que o falecido doutor a habituara. Quanto a Saviniano, lamentava-a profundamente. Assim, dera secretamente aos operários e ao estofador mais de uma gratificação a fim de que Úrsula não encontrasse nenhuma diferença, pelo menos no interior, entre o antigo e o novo quarto.

A moça, que achava toda sua felicidade nos olhos de Saviniano, mostrou a mais doce resignação. Em tal circunstância, ela encantou os dois velhos amigos e provou-lhes que somente as mágoas de coração podiam fazê-la sofrer. A dor pela perda do padrinho era demasiado profunda para que ela sentisse a amargura dessa mudança de situação que, entretanto, criava novos obstáculos a seu casamento. A tristeza de Saviniano, ao vê-la tão empobrecida, causou-lhe tanto mal que ela foi obrigada a dizer-lhe ao ouvido, ao sair da missa, na manhã de sua entrada na nova casa:

— O amor precisa de paciência. Esperaremos!

Logo que o intitulado do inventário foi instruído, Massin, aconselhado por Goupil, que se voltou para ele por um ódio secreto contra Minoret, esperando conseguir mais da ambição desse usurário que da prudência de Zélia, fixou um prazo para a sra. e o sr.

de Portenduère pagarem sua dívida, que já se vencera. A velha fidalga ficou aturdida com a intimação para pagar cento e vinte e nove mil, quinhentos e dezessete francos e cinquenta e cinco cêntimos aos herdeiros em vinte e quatro horas, além dos juro a contar do dia da demanda, sob pena de penhora imobiliária. Pedir emprestado para pagar era coisa impossível. Saviniano foi consultar um advogado em Fontainebleau.

— O senhor está às voltas com uma espécie de gente que não transigirá; eles querem levar a coisa até o fim, para ficarem com a herdade de Bordières — disse-lhe o advogado. — O melhor seria deixar converter a venda em venda voluntária, para poupar despesas.

Essa triste notícia abateu a velha bretã, a quem o filho observou suavemente que, se ela tivesse consentido em seu casamento enquanto Minoret vivia, o doutor teria dado seus bens ao marido de Úrsula. Sua casa estaria agora na opulência em vez de estar na miséria. Embora dita sem tom de censura, essa argumentação abateu a velha fidalga, tanto como a ideia duma próxima e violenta privação de posse. Ao saber desse desastre, Úrsula, apenas refeita da febre e do golpe que lhe haviam dado os herdeiros, sentiu-se deprimida.

Amar e sentir-se impotente para socorrer aquele a quem se ama é um dos mais terríveis sofrimentos que podem devastar a alma das mulheres nobres e delicadas.

— Eu queria comprar a casa de meu tio; comprarei a de sua mãe — disse ela.

— Será possível? — disse Saviniano. — Você é menor e não pode vender sua inscrição da renda sem certas formalidades com as quais o procurador do rei não concordaria. Além disso, não tentaremos resistir. Toda a cidade vê com prazer o desmoronamento duma casa

nobre. Esses burgueses são como cães diante da carniça. Restam-me, felizmente, dez mil francos, com os quais poderei fazer viver minha mãe até o fim desses lamentáveis negócios. Além disso, o inventário de seu padrinho ainda não está terminado: o sr. Bongrand espera encontrar ainda alguma coisa para você. Ele está tão espantado quanto eu de ver que você ficou sem nada. O doutor explicara-se tantas vezes, tanto com ele como comigo, sobre o belo futuro que tinha preparado para você, que não compreendemos nada deste desfecho.

— Ora — disse ela —, desde que eu possa comprar a biblioteca e os móveis de meu padrinho para evitar que eles se dispersem ou vão cair em mãos estranhas, ficarei contente com minha sorte.

— Mas quem sabe o preço que exigirão esses infames herdeiros para o que você quer adquirir?

De Montargis a Fontainebleau, não se falava senão nos herdeiros Minoret e no milhão que procuravam: mas as mais minuciosas pesquisas, feitas na casa após o levantamento do embargo, não levavam a nenhuma descoberta. Os cento e vinte e nove mil francos da dívida Portenduère, os quinze mil francos de renda de três por cento, então a setenta e seis, e que representavam um capital de trezentos e oitenta mil francos, a casa avaliada em quarenta mil francos e seu rico mobiliário, alcançavam um total de cerca de seiscentos mil francos, que parecia a todos um belíssimo prêmio de consolação. Minoret sentiu, então, algumas mordazes inquietações. A Bougival e Saviniano, que persistiam em crer, bem como o juiz de paz, na existência de algum testamento, apareciam no fim de cada expediente e iam perguntar a Bongrand o resultado das buscas. O amigo do velho exclamava, algumas vezes, no momento em que os

procuradores e os herdeiros saíam: “Não compreendo nada nisto!”. Como, para muitas pessoas superficiais, duzentos mil francos constituíam para cada herdeiro uma apreciável fortuna de província, ninguém se preocupou em investigar como o doutor pudera manter a situação de sua casa com quinze mil francos apenas, uma vez que deixara intato o crédito Portenduère. Bongrand, Saviniano e o cura faziam a si mesmos essa questão, no interesse de Úrsula, e, ao exprimi-la, fizeram mais uma vez empalidecer o chefe da posta.

— E no entanto revistamos tudo, eles para achar dinheiro, eu para encontrar um testamento que devia existir em favor do sr. de Portenduère — disse o juiz de paz no dia em que o inventário foi encerrado. — Revolveram as cinzas, levantaram os mármore, apalparam as chinelas, perfuraram a armação da cama, esvaziaram os colchões, cortaram os cobertores e as cobertas de pés, viraram o edredom ao avesso, examinaram os papéis peça por peça, as gavetas, escavaram o chão da adega, e eu os incitei a essas devastações.

— Que pensa? — perguntava o cura.

— O testamento foi suprimido por um herdeiro.

— E o dinheiro?

— Vá buscá-lo, se é capaz! Descubra alguma coisa na conduta de pessoas tão dissimuladas, astutas e avarentas como os Massin, os Crémère! Procure ver claro numa fortuna como a de Minoret, que recebe duzentos mil francos da herança e que vai, segundo dizem, vender seu alvará de negócio, sua casa e seus interesses na Companhia de Transportes por trezentos e cinquenta mil francos...! Quanto dinheiro! Sem contar as economias de suas trinta e tantas mil libras de renda em bens imóveis. Pobre doutor!

— Talvez o testamento tenha ficado escondido na biblioteca — disse Saviniano.

— Por isso mesmo não impedi a pequena de comprá-la! A não ser assim, não seria uma loucura deixá-la empregar todo seu dinheiro em livros que ela nunca abrirá?

A cidade inteira julgava a afilhada do doutor possuidora dos capitais que não se encontravam; mas, quando se soube positivamente que seus mil e quatrocentos francos de renda e seu dote constituíam todo seu dinheiro, a casa do doutor e o mobiliário excitaram, então, uma curiosidade geral. Uns pensaram que se encontrariam grandes somas em notas de banco ocultas nos móveis; outros, que o ancião as escondera nos livros. Assim, a venda ofereceu o espetáculo das estranhas precauções tomadas pelos herdeiros. Dionis, nas funções de meirinho-leiloeiro, declarava, ao anunciar cada objeto, que os herdeiros vendiam apenas o móvel e não o que pudesse conter de dinheiro; depois, antes de entregá-lo, todos o submetiam a cuidadosas investigações, batiam-lhe e sondavam-no; enfim, seguiam-no com os mesmos olhares que um pai lança ao filho único ao vê-lo partir para as Índias.

— Ah, senhorita — disse a Bougival consternada ao voltar da primeira licitação —, não irei mais lá. E o sr. Bongrand tem razão, a senhorita não suportaria tal espetáculo. Tudo é público. Anda-se por lá como na rua, os mais belos móveis servem para tudo, trepam neles, e é uma confusão onde uma galinha não encontraria seus pintinhos! Parece um incêndio. As vendas são feitas no pátio, os armários estão abertos, sem nada dentro deles! Oh, pobre do bom homem, fez bem em morrer; essa venda o mataria.

Bongrand, que adquiria para Úrsula os móveis preferidos pelo defunto e que se prestavam a guarnecer a pequena casa, não apareceu por ocasião da venda da biblioteca. Mais astuto que os herdeiros, cuja avidez poderia fazer-lhe pagar os livros muito caro, dera comissão a um comprador de objetos e livros usados, de Melun, que viera expressamente a Nemours e que já havia arrematado vários lotes. Em consequência da desconfiança dos herdeiros, a biblioteca foi vendida obra por obra. Três mil volumes foram examinados, revistados um a um, suspensos pelos dois lados da capa, abertos e sacudidos para fazer sair os papéis que pudessem estar escondidos neles: enfim, suas capas foram investigadas e as lombadas examinadas. O total das arrematações feitas por Úrsula elevou-se a cerca de seis mil e quinhentos francos, a metade do que tinha a receber da herança. O corpo da biblioteca não foi entregue senão depois de ter sido cuidadosamente examinado por um marceneiro famoso em *segredos*, chegado de Paris. Quando o juiz de paz deu ordem para transportar o corpo da biblioteca e os livros à casa da srta. Mirouët, houve, entre os herdeiros, vagos temores, que mais tarde foram dissipados quando a viram tão pobre como antes. Minoret comprou a casa do tio, que os co-herdeiros elevaram para cinquenta mil francos, imaginando que o chefe da posta esperava encontrar um tesouro nas paredes. Ainda assim, as condições do contrato continham reservas a esse respeito. Quinze dias após a liquidação da herança, Minoret, que vendeu sua estação da posta e seus estabelecimentos ao filho dum rico rendeiro, instalou-se na casa do tio, onde gastou somas consideráveis em mobiliário e em restaurações. Assim, o próprio Minoret se condenava a viver a poucos passos de Úrsula.

— Creio que ficaremos livres desses nobres — dissera ele no cartório de Dionis, no dia em que foi fixado o prazo a Saviniano e sua mãe. — Expulsaremos os outros depois.

— A velha dos catorze quartéis — respondeu-lhe Goupil — não querará presenciar o próprio desastre; irá morrer na Bretanha, onde encontrará, sem dúvida, uma esposa para o filho.

— Não o creio — respondeu o tabelião, que, naquela manhã, redigira o contrato da aquisição feita por Bongrand. — Úrsula acaba de comprar a casa da viúva Richard.

— Essa maldita estúpida não sabe o que inventar para nos amolar! — exclamou, imprudentemente, o chefe da posta.

— E que lhe importa que ela more em Nemours? — perguntou Goupil, surpreso com o gesto de contrariedade que escapara ao colosso imbecil.

— Não sabes — respondeu Minoret, tornando-se vermelho como uma papoula — que meu filho cometeu a tolice de apaixonar-se por ela? Assim, eu era capaz de dar cem escudos para que Úrsula deixasse Nemours.

Por aquele primeiro gesto, fácil é compreender como Úrsula, pobre e resignada, iria incomodar o rico Minoret. A trabalhadeira de uma herança a liquidar, a venda dos estabelecimentos e as diligências exigidas por negócios insólitos, suas discussões com a mulher a propósito dos mais insignificantes detalhes e da aquisição da casa do doutor, onde Zélia quis viver burguesamente no interesse do filho; aquele barulho todo, que contrastava com a tranquilidade de sua vida ordinária, impediu o grande Minoret de pensar em sua vítima. Mas, alguns dias depois de sua instalação na Rue des Bourgeois, em meados do mês de março, ao voltar de um passeio, ele

percebeu o som do piano, viu a Bougival sentada diante da janela como um dragão guardando um tesouro e ouviu subitamente, dentro de si, uma voz importuna.

Explicar por que, num homem da têmpera do antigo chefe da posta, a presença de Úrsula, que nem mesmo suspeitava do roubo cometido em seu prejuízo, logo se tornou insuportável; como o espetáculo daquela grandeza no infortúnio lhe inspirou o desejo de afastar da cidade a moça e como esse desejo assumiu os caracteres do ódio e da paixão seria, talvez, escrever todo um tratado de moral.   possível que ele não se julgasse legítimo possuidor dos trinta e seis mil francos de renda, enquanto aquela a quem eles pertenciam estivesse a dois passos dele. Talvez acreditasse vagamente em um acaso que fizesse descobrir o seu roubo, enquanto ali estivessem aqueles a quem despojara.   possível que, naquela natureza, de algum modo primitiva, quase grosseira e que até então nada fizera que não fosse legal, a presença de Úrsula acordasse remorsos.   possível que esses remorsos o atormentassem ainda mais porque ele possuía outros bens, legitimamente adquiridos. Atribuiu, sem d vida, essas inquietaes de sua consciência simplesmente   presença de Úrsula, imaginando que, desaparecendo a moça, essas inc modas perturbaes também desapareceriam. Enfim,   possível que o crime tenha sua doutrina de perfeio. Um começo de mal exige seu fim, um primeiro ferimento atrai o golpe que mata.   possível que o roubo conduza fatalmente ao assassinio. Minoret cometera a espoliao sem a menor reflexão, tão rapidamente se haviam sucedido os fatos; a reflexão veio depois. Ora, se tendes bem presente a fisionomia e a aparência desse homem, podeis compreender o prodigioso efeito que devia produzir nele um

pensamento. O remorso é mais que um pensamento; provém dum sentimento que não se oculta como não se oculta o amor e que é dotado da mesma tirania. Mas, do mesmo modo que Minoret não fizera a menor reflexão ao apoderar-se da fortuna destinada a Úrsula, quis ele maquinalmente expulsá-la de Nemours quando se sentiu ferido pelo espetáculo duma inocência enganada. Na sua qualidade de imbecil, não pensou nas consequências, avançou de perigo em perigo, impellido por seu instinto ambicioso, como um animal veloz que não prevê nenhuma astúcia do caçador e que confia em sua velocidade e em sua força. Logo os ricos burgueses que se reuniam na casa do tabelião Dionis notaram certa alteração nas maneiras e na atitude daquele homem outrora despreocupado.

— Não sei o que tem Minoret, está *cheio de coisas!* — dizia sua mulher, a quem ele resolvera ocultar seu audacioso golpe.

Todos achavam explicação para o aborrecimento de Minoret, atribuindo-o ao tédio causado pela cessação absoluta de toda ocupação, pela passagem súbita da vida ativa à vida burguesa. Enquanto Minoret pensava em arruinar a vida de Úrsula, a Bougival não deixava passar um dia sem fazer, à sua filha de criação, alguma alusão à fortuna que ela devia possuir ou sem comparar sua miserável sorte com a que o doutor lhe reservava e de que ele havia falado a ela, Bougival.

— Enfim — dizia ela — não é por interesse que digo isto, mas será que o falecido, bondoso como era, não lhe teria deixado nem uma coisinha...

— Não estou aqui? — respondeu Úrsula, proibindo a Bougival de dizer uma só palavra a esse respeito.

Ela não quis macular com pensamentos interesseiros as afetuosas, tristes e doces recordações que acompanhavam a nobre figura do velho doutor, de quem um bosquejo a lápis, feito por seu professor de desenho, ornava sua saleta. Para sua jovem e bela imaginação, bastava olhar aquele desenho para rever o padrinho, em quem pensava sem cessar, sobretudo quando se via cercada dos objetos de que ele mais gostava: sua grande poltrona “duquesa”, os móveis do gabinete e o gamão, assim como o piano dado por ele. Os dois velhos amigos que lhe restavam, o padre Chaperon e o sr. Bongrand, as únicas pessoas que ela quis receber em sua casa, eram, no meio daquelas coisas quase animadas por sua saudade, como duas vivas recordações de sua existência passada, à qual ela ligava o presente pelo amor que o padrinho havia abençoado. Bem cedo a melancolia de seus pensamentos, insensivelmente suavizada, coloriu, de algum modo, suas horas e reuniu todas aquelas coisas por uma indefinível harmonia, que resultava dum primoroso asseio, da mais exata simetria na disposição dos móveis, de algumas flores dadas diariamente por Saviniano, de futilidades elegantes e da paz que os hábitos da moça comunicavam às coisas e que tornou sua casa tão agradável. Após o almoço e a missa, ela continuava a estudar e a cantar; depois, bordava sentada à janela que dava para a rua. Às quatro horas, Saviniano, de volta de um passeio que fazia indefectivelmente, achava a janela entreaberta, apoiava-se ao peitoril e ficava a conversar com ela durante meia hora. À noite, o cura e o juiz de paz iam visitá-la; ela, porém, não quis nunca que Saviniano lhes fizesse companhia. Finalmente, não aceitou a proposta da sra. de Portenduère, a quem o filho havia convencido de hospedar Úrsula em sua casa. A moça e a Bougival viveram, além disso, com a mais

rigorosa economia: não gastavam, tudo incluído, mais de sessenta francos por mês. A velha ama era infatigável: lavava e passava, não cozinhava mais de duas vezes por semana, guardava os alimentos cozidos, que a patroa e a criada comiam frios, pois Úrsula queria economizar setecentos francos por ano para pagar o resto do preço da casa. Essa severidade de conduta, essa modéstia e sua resignação a uma vida pobre e desprovida de tudo após ter desfrutado uma existência luxuosa, em que seus menores caprichos eram exaltados, tiveram êxito junto de algumas pessoas. Úrsula alcançou, com isso, ser respeitada e não incorrer em nenhum comentário. Uma vez satisfeitos, os herdeiros, por sua vez, lhe renderam justiça. Saviniano admirava tal força de caráter numa pessoa tão jovem. De tempos em tempos, ao sair da missa, a sra. de Portenduère dirigia algumas palavras amáveis a Úrsula; convidou-a duas vezes para jantar e foi buscá-la pessoalmente. Se isso não era ainda a felicidade, pelo menos foi a tranquilidade.

Um acontecimento, no qual o juiz de paz revelou sua velha ciência de advogado, veio, porém, fazer explodir a perseguição ainda surda e em estado latente que Minoret planejava contra Úrsula. Logo que todos os negócios da herança foram concluídos, o juiz de paz, a pedido de Úrsula, dedicou-se à causa dos Portenduère, prometendo-lhe tirá-los da dificuldade; mas, indo à casa da velha fidalga, cuja resistência à felicidade de Úrsula o enfurecia, não lhe deixou ignorar que se devotava a seus interesses unicamente para agradar à srta. Mirouët. Escolheu um de seus antigos amanuenses para advogado dos Portenduère, em Fontainebleau, e dirigiu pessoalmente a ação de nulidade do processo. Queria aproveitar o intervalo que mediaria entre a anulação do processo e a nova instância de Massin para

renovar o arrendamento da herdade por seis mil francos, conseguir dos arrendatários certa importância a título de “luvas” e o pagamento antecipado do último ano. Desde então, voltou-se a jogar uíste na casa da sra. de Portenduère, sendo parceiros o cura, Saviniano e Ursula, a qual Bongrand e o padre Chaperon iam buscar e levar de volta todas as noites. Em junho, Bongrand fez pronunciar a nulidade do processo movido por Massin contra os Portenduère. Assinou, em seguida, o novo arrendamento, obteve trinta e dois mil francos de “luvas” do arrendatário e uma anuidade de seis mil francos, por dezoito anos: depois, à noite, antes que essas operações se tornassem públicas, foi à casa de Zélia, a quem ele sabia embaraçada para colocar seu capital, e propôs-lhe a venda de Bordières por duzentos e vinte mil francos.

— Eu fecharia o negócio imediatamente — disse Minoret — se soubesse que os Portenduère iriam viver longe de Nemours.

— Mas — respondeu o juiz de paz — por quê?

— Queremos viver sem nobres em Nemours.

— Creio ter ouvido a velha fidalga dizer que se seus negócios se arranjassem, iria viver na Bretanha com o que lhe restasse. Ela fala em vender a casa.

— Pois bem, fico com ela — disse Minoret.

— Mas falas como se fosse o patrão — disse Zélia. — Que queres fazer com duas casas?

— Se eu não fechar o negócio de Bordières esta noite consigo — replicou o juiz de paz —, nosso arrendamento será conhecido, seremos penhorados novamente dentro de três dias e eu perderei esta liquidação, que me interessa profundamente. Assim, irei imediatamente a Melun, onde conheço agricultores que me

comprarão Bordières de olhos fechados. Você perderá, assim, a ocasião de empregar capital em terras, a três por cento, nos territórios do Rouvre.

— E então, por que nos vem procurar? — perguntou Zélia.

— Porque vocês têm dinheiro, ao passo que meus antigos clientes necessitarão de alguns dias para conseguir cento e vinte e nove mil francos. Não quero dificuldades.

— *Ela* que deixe Nemours e eu lhe darei o dinheiro — disse ainda Minoret.

— Você compreende que não posso garantir uma coisa que depende da vontade dos Portenduère — respondeu Bongrand. — Mas estou certo de que eles não ficarão em Nemours.

Sob essa certeza, Minoret, a quem Zélia cutucou com o cotovelo, prometeu o capital para saldar a dívida dos Portenduère para com a herança do doutor. O contrato de venda foi, então, lavrado no cartório de Dionis e o feliz juiz de paz fez aceitar nele as condições do novo arrendamento a Minoret, que percebeu um pouco tarde, como Zélia, a perda da última anuidade, paga adiantadamente. No fim de junho, Bongrand levou à sra. de Portenduère a nota de liquidação de seus bens, cento e vinte e nove mil francos, aconselhando-a a colocá-los em títulos do Estado, que, a cinco por cento, lhe dariam seis mil francos de renda, juntando ao capital os dez mil francos de Saviniano. Assim, longe de sofrer uma redução de seu rendimento, a velha fidalga saiu ganhando dois mil francos de renda com a liquidação. A família Portenduère ficou, assim, em Nemours. Minoret julgou ter sido logrado, como se o juiz de paz tivesse obrigação de saber que a presença de Úrsula lhe era insuportável, e ele teve um vivo ressentimento que aumentou seu ódio contra sua

vítima. Começou, então, o drama secreto, mas terrível em seus efeitos, da luta de dois sentimentos, o que impelia Minoret a expulsar Úrsula de Nemours e o que dava a Úrsula a força de suportar as perseguições cuja causa foi, durante certo tempo, impenetrável: situação estranha e bizarra, para a qual todos os acontecimentos anteriores haviam convergido, preparando-a, e agora lhe servem de prefácio.

XVII – AS TERRÍVEIS MALÍCIAS DA PROVÍNCIA

A sra. Minoret, a quem o marido fez presente duma baixela de prata e dum serviço de mesa completo de cerca de vinte mil francos, dava um lauto jantar todos os domingos, dia em que seu filho, o substituto, trazia alguns amigos de Fontainebleau. Para esses jantares suntuosos, Zélia mandava buscar algumas especialidades em Paris, obrigando, assim, o tabelião Dionis a imitar seu fausto. Goupil, a quem os Minoret se esforçavam por banir de sua sociedade como uma pessoa tarada que maculava seu esplendor, não foi convidado senão no fim do mês de julho, um mês após a inauguração da vida burguesa levada pelos antigos donos da posta. O primeiro amanuense, já sensibilizado por esse esquecimento proposital, foi obrigado a tratar Desidério por *senhor*, pois desde que este entrara no exercício das novas funções, tomara um ar grave e arrogante, até no seio da família.

— Então o senhor não se recorda mais de Ester,[\[126\]](#) para amar assim a srta. Mirouët? — perguntou Goupil ao substituto.

— Em primeiro lugar, Ester morreu. Além disso, nunca pensei em Úrsula — respondeu o magistrado.

— Então, que me diz a isto, tio Minoret? — exclamou com grande insolência Goupil.

Minoret, apanhado em flagrante delito de mentira por um homem tão temível, teria perdido a compostura se não fosse o projeto para o qual convidara Goupil a jantar, recordando-se da proposta outrora feita pelo primeiro amanuense de impedir o casamento de Úrsula com o jovem Portenduère. Como única resposta, conduziu bruscamente o amanuense até o fundo do jardim.

— Dentro em breve terás vinte e oito anos, meu caro — disse-lhe —, e não te vejo ainda no caminho da fortuna. Quero-te bem, porque, afinal, tens sido camarada de meu filho. Escuta-me. Se decidisses a pequena Mirouët, que, aliás, possui quarenta mil francos, a tornar-se tua esposa, tão certo como eu me chamar Minoret, eu te forneceria os meios para adquirir um cargo de tabelião em Orléans.

— Não — disse Goupil —, eu não ficaria bastante em evidência; mas em Montargis...

— Não — replicou Minoret —, mas em Sens...

— Que seja Sens! — disse o terrível primeiro amanuense. — Lá existe um arcebispo e eu não odeio um lugar devoto: com um pouco de hipocrisia, a gente vence mais facilmente. Além disso, a pequena é devota e se dará bem lá.

— Fica entendido — observou Minoret — que não darei os cem mil francos senão por ocasião do casamento da nossa parenta, a quem quero proporcionar um futuro, em consideração a meu falecido tio.

— E por que não um pouco por mim? — perguntou maliciosamente Goupil, suspeitando algum segredo na conduta de Minoret. — Não é devido às minhas informações que o senhor deve ter podido reunir vinte e quatro mil francos de renda numa só propriedade, sem terras encravadas, em torno do castelo do Rouvre? Com os prados e o moinho que existem do outro lado do Loing, o senhor acrescentará a isso dezesseis mil francos! Vamos, tio, quer fazer jogo limpo comigo?

— Sim.

— Pois bem, para fazer o senhor sentir minhas garras, vou arranjar para Massin a compra do Rouvre, seus parques, jardins, terras reservadas e mato.

— Não te metas nisso — disse Zélia, intervindo.

— Muito bem — disse Goupil, lançando-lhe um olhar de víbora. — Se eu quiser, amanhã Massin terá tudo aquilo por duzentos mil francos.

— Deixa-nos, mulher — disse então o colosso, tomando Zélia pelo braço e afastando-a. — Eu me entendo com ele... — Temos tido tantos negócios — disse Minoret, voltando-se para Goupil — que não temos podido pensar em ti; mas conto com a tua amizade para nos conseguir o Rouvre.

— Um antigo marquesado — disse maliciosamente Goupil — e que em suas mãos logo representaria cinquenta mil francos de renda, mais de dois milhões, pelo preço a que estão as terras.

— E nosso substituto desposaria, então, a filha dum marechal da França ou a herdeira de uma antiga família, que o levaria à magistratura, em Paris — disse o chefe da posta, abrindo sua enorme tabaqueira e oferecendo uma pitada a Goupil.

— E, então, vamos fazer jogo limpo? — exclamou Goupil, agitando os dedos.

Minoret apertou as mãos de Goupil, respondendo:

— Palavra de honra!

Como todos os astuciosos, o primeiro amanuense julgou, felizmente para Minoret, que seu casamento com Úrsula era um pretexto para se reconciliar com ele, depois que ele o ameaçara com Massin.

“Não foi ele”, pensou, “que imaginou essa patranha. Reconheço nisso a intervenção de Zélia, foi ela que lhe ditou seu papel. Ora, deixemos Massin! Antes de três anos, serei deputado de Sens.”

Ao avistar Bongrand, que ia jogar uíste na casa em frente, Goupil precipitou-se para a rua.

— Sei que o senhor se interessa muito por Úrsula Mirouët, meu caro sr. Bongrand — disse-lhe. — O senhor não pode ser indiferente a seu futuro. Eis o que lhe proponho: ela se casaria com um tabelião com cartório numa sede distrital. Esse tabelião, que necessariamente será deputado dentro de três anos, lhe reconheceria cem mil francos de dote.

— Ela tem coisa melhor do que isso — disse secamente Bongrand. — A sra. de Portenduère, depois do que tem acontecido, não vai nada bem; ainda ontem ela estava horivelmente demudada, o desgosto a está matando; restam a Saviniano seis mil francos de renda, Úrsula tem quarenta mil francos; e eu farei render seu capital à maneira de Massin, mas honestamente, e em dez anos eles terão uma pequena fortuna.

— Saviniano cometeria uma tolice. Ele pode desposar, se quiser, a srta. do Rouvre, uma filha única a quem o tio e a tia querem deixar

duas magníficas heranças.

— Quando o amor se apodera de nós, adeus prudência, disse La Fontaine.[\[127\]](#) Mas quem é esse tabelião? Porque, afinal... — replicou Bongrand, por curiosidade.

— Eu — respondeu Goupil, que fez estremecer o juiz de paz.

— Tu? — contestou Bongrand, sem ocultar seu desgosto.

— Eu mesmo, seu criado — replicou Goupil, lançando um olhar cheio de fel, de ódio e de desafio.

— Queres ser esposa dum tabelião que te reconhecerá cem mil francos de dote? — exclamou Bongrand ao entrar na saleta e dirigindo-se a Úrsula, que se achava sentada ao lado da De Portenduère:

Úrsula e Saviniano estremeceram num único gesto e entreolharam-se: ela, sorrindo, e ele, sem ousar mostrar-se inquieto.

— Não sou senhora de meus atos — respondeu Úrsula, estendendo a mão para Saviniano, sem que a velha mãe pudesse ver esse gesto.

— Eu já recusei, mesmo sem consultar-te.

— E por quê? — perguntou a sra. de Portenduère. — Parece-me, minha filha, que é uma bela posição a de tabelião.

— Prefiro minha doce miséria — respondeu ela —, pois, relativamente ao que eu devia esperar da vida, isto é para mim a opulência. Minha velha ama poupa-me, além disso, muitos aborrecimentos, e eu não iria trocar o presente, que me agrada, por um futuro incerto.

No dia seguinte, o correio derramou em dois corações o veneno de duas cartas anônimas: uma à sra. de Portenduère e outra a Úrsula. Eis a que recebeu a velha fidalga:

A senhora ama seu filho, quer dar-lhe uma posição como o exige o nome que ele leva, e está favorecendo seu capricho por uma pequena ambiciosa e sem fortuna, recebendo em sua casa uma tal de Úrsula, filha dum músico de regimento. Enquanto isso, poderia casá-lo com a srta. do Rouvre, cujos tios, o marquês de Ronquerolles e o cavaleiro do Rouvre, possuidores ambos de trinta mil francos de renda, para não deixarem sua fortuna a esse velho louco, o sr. do Rouvre, que devora tudo, têm a intenção de favorecer sua sobrinha por ocasião do contrato. A sra. de Sérisy, tia de Clementina do Rouvre, que acaba de perder seu filho único na campanha de Argel,[\[128\]](#) adotará, sem dúvida, a sobrinha. Alguém que lhe quer bem julga saber que Saviniano seria aceito.

Eis a carta para Úrsula:

Querida Úrsula, há em Nemours um rapaz que a idolatra; ele não pode vê-la a trabalhar à janela sem emoções que lhe provam que seu amor é eterno. Esse rapaz é dotado dum vontade de ferro e dum perseverança a que nada desencoraja; acolha, pois, favoravelmente, seu amor, pois ele não tem senão intenções sérias e pede-lhe humildemente a mão, com o desejo de fazê-la feliz. Sua fortuna, embora já satisfatória, não é nada, comparada à que ele lhe dará quando a senhorita for sua esposa. Um dia a senhorita será recebida na Corte como esposa dum ministro e uma das primeiras damas do país. Como ele a vê todos os dias sem que a senhorita possa vê-lo, coloque à janela um dos vasos de cravos da Bougival e assim lhe dirá que ele se pode apresentar.

Úrsula queimou a carta sem falar dela a Saviniano. Dois dias depois, ela recebeu uma outra carta, assim redigida:

Fez mal, querida Úrsula, em não responder àquele que a ama acima da própria vida. Se pensa que vai desposar Saviniano, engana-se completamente. Esse casamento não se realizará. A sra. de Portenduère, que não a receberá mais em sua casa, vai, esta manhã, ao Rouvre, a pé, mesmo adoentada como está, a fim de pedir para Saviniano a mão da srta. do Rouvre. Saviniano acabará cedendo. Que pode ele objetar? Os tios da senhorita asseguram, pelo contrato, sua fortuna à sobrinha. Essa fortuna consiste em sessenta mil francos de renda.

Essa carta martirizou o coração de Úrsula, fazendo-lhe conhecer as torturas do ciúme, sofrimento até então desconhecido e que, numa constituição tão ardente, tão sensível à dor, enlutou o presente, o futuro e até mesmo o passado. Depois que recebeu o fatal papel, ela ficou na poltrona do doutor, com o olhar fixo no espaço e perdida em dolorosa meditação. Sentiu, num momento, o frio da morte suceder ao calor de uma bela existência. Oh, pior ainda: foi, na verdade, como esse atroz despertar dos mortos certificando-se de que não há Deus, a obra-prima do estranho gênio que se chamou Jean-Paul. [129] Quatro vezes a Bougival tentou fazer Úrsula almoçar; viu-a agarrar e soltar o pão sem poder levá-lo aos lábios. Quando quis censurá-la, Úrsula respondeu-lhe com um gesto de mão e uma terrível palavra, “Silêncio!”, pronunciada tão despoticamente quão doce fora a sua voz até então. A Bougival, que vigiava a patroa através da porta envidraçada de comunicação, viu-a ora vermelha como se a febre a devorasse, ora arroxeadada como se à febre sucedesse um calafrio. Esse estado piorou às quatro horas, quando, de momento a momento, Úrsula se erguia para ver se Saviniano vinha. E ele não veio. O ciúme e a dúvida tiram ao amor todo pudor. Úrsula, que até então não se teria permitido um gesto no qual se pudesse

descobrir sua paixão, pôs o chapéu e o pequeno xale e avançou pelo corredor, para ir ter com Saviniano; um resto de recato, porém, fez com que ela voltasse para sua saleta. Ali, chorou. Quando o cura chegou, à noite, a pobre ama deteve-o no limiar da porta.

— Ah, senhor cura, não sei o que tem a menina; ela...

— Eu sei — respondeu tristemente o padre, fazendo calar, assim, a ama assustada.

O padre Chaperon informou, então, a Úrsula, o que ela não ousara verificar: a sra. de Portenduère fora jantar no Rouvre.

— E Saviniano?

— Também.

Úrsula teve um pequeno sobressalto nervoso, que fez estremecer o padre Chaperon como se tivesse recebido a descarga duma garrafa de Leyde,^[130] e ele experimentou além disso um demorado abalo no coração.

— Assim, não iremos esta noite à casa dela — disse o cura. — Além disso, minha filha, será prudente que não voltes mais lá. A velha fidalga te receberia de maneira a ofender tua altivez. Nós, que havíamos conseguido que ela consentisse em ouvir falar de teu casamento, ignoramos de onde sopra o vento que a fez mudar subitamente.

— Estou por tudo e nada mais me pode surpreender — disse Úrsula, com uma expressão compenetrada. — Nestes extremos, sente-se um grande consolo ao verificar que não se ofendeu a Deus.

— Resigne-se, querida filha, sem nunca sondar os desígnios da Providência — disse o cura.

— Eu não gostaria de suspeitar injustamente do caráter do sr. de Portenduère...

— Por que não dizes Saviniano? — indagou o cura, que observou um leve amargor na voz de Úrsula.

— Do meu querido Saviniano — emendou ela, chorando. — Sim, meu bom amigo — continuou, soluçando —, uma voz ainda me clama que ele é tão nobre de coração como de raça. Ele não somente me confessou que amava unicamente a mim, mas provou-o por delicadezas infinitas e contendo com heroísmo sua ardente paixão. Recentemente, quando ele tomou a mão que lhe ofereci na ocasião em que o sr. Bongrand me propôs aquele tabelião para marido, juro-lhe que foi a primeira vez que tal aconteceu. Se ele começou com um gracejo, enviando-me um beijo através da rua, sua afeição nunca mais saiu, depois disso, como o senhor bem sabe, dos mais rigorosos limites; posso, porém, dizer-lhe, ao senhor que lê em minha alma, exceto naquele recanto cuja visão estava reservado aos anjos, sim, que esse sentimento é, em mim, a origem de muitos méritos: foi ele que me fez aceitar minha pobreza e que talvez tenha suavizado a amargura da perda irreparável cujo luto está mais nas minhas vestes que na minha alma! Oh! Fiz mal. Sim, o amor era em mim mais forte que minha gratidão para com meu padrinho, e Deus o vingou. Que quer? Eu respeitava em mim a esposa de Saviniano; orgulhava-me demasiado disso e talvez seja esse orgulho que Deus está punindo. Deus, somente, como o senhor me disse, deve ser o princípio e o fim de nossas ações.

O cura enterneceu-se ao ver as lágrimas que rolavam por aquele rosto pálido. Quanto maior fora a certeza da moça, tanto mais do alto ela caía.

— Mas — disse ela, continuando —, voltando à minha condição de órfã, saberei retornar aos sentimentos da minha condição. Poderia

eu ser como uma pedra presa ao pescoço daquele a quem amo? Que faz ele aqui? Quem sou eu para pretendê-lo? Meu amor por ele encerra uma afeição tão divina que vai até ao sacrifício completo de minha felicidade e de minhas esperanças...! Bem sabe o senhor que muitas vezes me censurei por fazer meu amor depender dum túmulo, por sabê-lo adiado para o dia seguinte ao da morte daquela velha fidalga. Se Saviniano se tornar rico e feliz por intermédio de outra, tenho precisamente o suficiente para pagar meu ingresso no convento, para onde irei imediatamente. Não deve haver dois amores no coração duma mulher, como não há dois senhores no céu. A vida religiosa terá atrativos para mim.

— Ele não podia deixar sua mãe ir só ao Rouvre — disse, docemente, o bom padre.

— Não falemos mais nisso, meu bom padre Chaperon. Vou escrever-lhe esta noite para lhe dar liberdade. Estou encantada de ter de fechar as janelas desta sala.

E pôs o ancião a par das cartas anônimas, dizendo-lhe que não queria autorizar as pretensões de seu apaixonado desconhecido.

— Oh, foi justamente uma carta anônima dirigida à sra. de Portenduère que a fez ir ao Rouvre! — exclamou o cura. — Estás, sem dúvida, sendo perseguida por gente má.

— E por quê? Nem Saviniano nem eu fizemos mal a ninguém e não lesamos nenhum interesse aqui.

— Bem, minha filha, vamos aproveitar esta borrasca, que dispersa nossa roda, para pôr em ordem a biblioteca de nosso pobre amigo. Os livros estão empilhados; Bongrand e eu os classificaremos, pois pensamos fazer pesquisas neles. Confia em Deus; lembra-te também,

entretanto, que tens no bom juiz de paz e em mim dois amigos dedicados.

— Isso basta — disse ela, acompanhando o cura até o limiar da alameda, alongando o pescoço como um pássaro que olha para fora do ninho, como se esperasse ainda avistar Saviniano.

Nesse momento, Minoret e Goupil, voltando dum passeio pelo campo, detiveram-se ao passar, e o herdeiro do doutor disse a Úrsula:

— Que tem, minha prima? Pois somos primos, não é? Você parece mudada.

Goupil dirigiu a Úrsula olhares tão ardentes que ela se assustou; entrou sem responder.

— Ela é arisca — disse Minoret ao cura.

— A sra. Mirouët tem razão de não falar no limiar da porta com homens; ela é muito jovem...

— Oh — disse Goupil —, o senhor deve saber que não lhe faltam apaixonados.

O cura despediu-se rapidamente e dirigiu-se logo para a Rue des Bourgeois:

— Muito bem — disse o primeiro amanuense a Minoret —, está garantido! Ela já está pálida como uma morta; antes de quinze dias terá deixado a cidade. O senhor vai ver.

— É melhor contar contigo como amigo do que como inimigo — exclamou Minoret, apavorado com o atroz sorriso que dava ao rosto de Goupil a expressão diabólica emprestada por José Bridau^[131] ao *Mefistófeles* de Goethe.

— Acredito — respondeu Goupil. — Se ela não se casar comigo, eu a farei estourar de desgosto.

— Faze-o, rapaz, e eu te *dou* o capital para seres tabelião em Paris. Poderás, então, casar-te com uma mulher rica...

— Pobre moça! Que lhe fez ela? — perguntou o amanuense, surpreso.

— Ela me aborrece! — disse, grosseiramente, Minoret.

— Espere até segunda-feira e verá então como a importunarei — replicou Goupil, estudando a fisionomia do antigo chefe da posta.

No dia seguinte, a velha Bougival foi à casa de Saviniano e disse-lhe, entregando-lhe uma carta:

— Não sei o que a querida menina lhe escreveu, mas esta manhã ela está como morta.

Quem, por essa carta escrita a Saviniano, não imaginará os sofrimentos que assaltaram Úrsula durante a noite?

Meu querido Saviniano, sua mãe quer casá-lo com a srta. do Rouvre, segundo me disseram, e talvez ela tenha razão. Você se encontra entre uma vida quase miserável e uma vida opulenta, entre a noiva de seu coração e uma mulher de acordo com a sociedade, entre obedecer à sua mãe ou à sua escolha, pois ainda acredito que você me tenha escolhido. Saviniano, se você tiver de tomar alguma deliberação, quero que o faça com toda a liberdade: restituo-lhe a palavra que você deu a si mesmo, e não a mim, num momento que nunca mais se apagará de minha memória e que foi, como todos os dias que lhe sucederam, duma pureza e duma doçura angélicas. Essa recordação é suficiente para toda a minha vida. Se você persistir em seu juramento, uma negra e terrível ideia perturbará, doravante, minha felicidade. No meio de nossas privações, que hoje aceitamos tão alegremente, você poderia mais tarde pensar que, se tivesse observado as leis do mundo, ele teria sido bem diferente para você. Se você fosse capaz de exprimir esse pensamento, ele seria para mim uma sentença de morte; e se você não o manifestasse, eu suspeitaria das menores sombras que cobrissem sua frente. Querido

Saviniano, eu o preferi sempre a tudo sobre a terra. Eu podia fazê-lo, pois meu padrinho, embora enciumado, me dizia: “Ama-o, minha filha! Um dia vocês serão certamente um do outro”. Quando fui a Paris, amava-o sem esperança, e esse sentimento me satisfazia. Não sei se poderei voltar a esse estado de espírito, mas tentarei fazê-lo. Que somos, afinal, neste momento? Um irmão e uma irmã. Conservemo-nos assim. Case-se com essa feliz moça, que terá a alegria de dar a seu nome o brilho que ele deve ter e que, segundo sua mãe, eu empanaria. Você não ouvirá nunca mais falar de mim. O mundo o aprovará: quanto a mim, Saviniano, não o censurarei nunca e hei de amá-lo sempre. Adeus, pois!

— Espere — exclamou o fidalgo.

Fez um sinal para que a Bougival se sentasse e escreveu às pressas estas poucas palavras:

Minha querida Úrsula, sua carta me despedaça o coração, porque você se causou inutilmente muito mal e porque, pela primeira vez, nossos corações se desentenderam. Se você não é minha esposa, é porque não me posso casar sem o consentimento de minha mãe. Enfim, oito mil francos de renda numa bela casinha à beira do Loing não são uma fortuna? Havíamos calculado que, com a Bougival, economizaríamos cinco mil francos por ano! Você me permitiu, uma noite, no jardim de seu tio, considerá-la minha noiva e não pode romper sozinha os laços que nos são comuns... Terei necessidade de dizer-lhe que ontem declarei abertamente ao sr. do Rouvre que, se eu fosse livre, não desejaria receber minha fortuna dum a moça que seria uma desconhecida para mim? Minha mãe não quer mais vê-la; perco, assim, a ventura de nossas reuniões, mas não me prive do breve momento durante o qual falo com você à janela... Até logo. Nada nos pode separar.

— Corra, minha velha. Ela não deve ficar inquieta nem mais um minuto.

Às quatro da tarde, ao voltar do passeio que fazia todos os dias expressamente para passar pela frente da casa de Úrsula, Saviniano encontrou sua amada um pouco pálida devido às mudanças tão bruscas por que passara.

— Parece-me que até agora eu não soube avaliar o prazer de vê-lo — disse ela.

— Você me disse — respondeu Saviniano sorrindo —, pois me recorde de todas as suas palavras: “O amor precisa de paciência, esperarei!”. Então, querida menina, você separou o amor da fé...? Ah, nosso desentendimento terminou! Você pretende amar-me mais do que eu a amo. Alguma vez duvidei de você? — perguntou-lhe, entregando-lhe um ramo de flores do campo, cujo arranjo exprimia seus pensamentos.

— Você não tem razão alguma para duvidar de mim — respondeu ela. — E, além disso, você não sabe tudo — acrescentou, com uma voz perturbada.

Ela dera ordens ao correio para recusar todas as cartas que lhe fossem dirigidas. Mas, sem que pudesse descobrir por que sortilégio isso ocorreu, alguns instantes após a saída de Saviniano, que ela viu dobrar da Rue des Bourgeois para a Grand’rue, encontrou sobre a poltrona um papel onde estava escrito o seguinte: *Cuidado! O amante desprezado se tornará pior do que um tigre.* Apesar das súplicas de Saviniano, ela não quis, por prudência, confiar-lhe o terrível segredo de seu temor. O inefável prazer de rever Saviniano após tê-lo considerado perdido podia, por si só, fazer-lhe esquecer o frio mortal que a assaltara. Para qualquer um, esperar uma desgraça

indefinida constitui um horrível suplício. O sofrimento assume, então, as proporções do desconhecido, que é, realmente, o infinito da alma. Mas, para Úrsula, essa foi a maior de todas as dores. Experimentava horríveis sobressaltos ao menor ruído, desconfiava do silêncio, suspeitava de cumplicidade as próprias paredes da casa. Por fim, seu sono feliz tornou-se agitado. Goupil, sem nada saber de sua constituição, delicada como uma flor, encontrara, por instinto de perversidade, o veneno que devia murchá-la, matá-la. Úrsula tocou piano até muito tarde; foi deitar-se quase tranquilizada e vencida pelo sono. À meia-noite, mais ou menos, foi despertada por um concerto composto de clarineta, oboé, flauta, pistão, trombone, fagote, flautim e ferrinhos. Todos os vizinhos acorreram às janelas. A pobre menina, já surpresa ao ver tanta gente na rua, recebeu um terrível golpe no coração ao ouvir uma voz de homem, rouca, ignóbil, que gritou: *Para a bela Úrsula Mirouët, do seu apaixonado*. No domingo seguinte, toda a cidade comentava e, à sua entrada e à saída da igreja, Úrsula viu na praça grandes grupos ocupados com ela e manifestando uma terrível curiosidade. A serenata fornecia assunto a todas as línguas, pois todos se entregavam a conjeturas. Úrsula voltou para casa mais morta do que viva e não saiu mais; o cura aconselhou-a a rezar as vésperas em casa. Ao entrar, ela viu, no corredor pavimentado de tijolos que ia da rua ao pátio, uma carta metida por debaixo da porta. Apanhou-a, leu-a impelida pelo desejo de encontrar nela uma explicação. Até os seres menos sensíveis podem avaliar o que ela sentiu ao ler estas linhas terríveis:

Conforme-se em tornar-se minha mulher, rica e adorada. Quero-a. Se eu não a tiver viva, tê-la-ei morta. Atribua a suas recusas as desgraças que não atingirão somente a você.

Aquele que a ama e a quem você pertencerá um dia.

Coisa estranha! No momento em que a doce e tenra vítima dessa maquinação estava abatida como uma flor cortada da haste, as srtas. Massin, Dionis e Crémière invejavam sua sorte.

— Como é feliz! — diziam elas. — Todos falam dela, lisonjeiam seus gostos, disputam-na! A serenata, segundo parece, estava encantadora! Havia até um pistão.

— Que é pistão?

— Um novo instrumento de música! Olha, deste tamanho — dizia Angélica Crémière a Pamela Massin.

Pela manhã, Saviniano fora a Fontainebleau procurar descobrir quem havia pedido músicos ao regimento da guarnição: mas, como havia dois homens para cada instrumento, foi impossível saber quais os que haviam ido a Nemours. O coronel proibiu aos músicos tocarem em casas particulares sem sua permissão. O fidalgo entrevistou-se com o procurador do rei, tutor de Úrsula, e explicou-lhe a gravidade desses fatos para uma jovem tão delicada e débil, pedindo-lhe que procurasse o autor da serenata pelos meios de que dispõe a Corte de Justiça. Três dias depois, no meio da noite, três violinos, uma flauta, uma guitarra e um oboé deram uma segunda serenata. Dessa vez, os músicos fugiram para o lado de Montargis, onde havia um grupo de comediantes. Uma voz estridente e arrastada gritou entre dois trechos: *À filha do capitão-músico Mirouët!* Nemours inteira ficou, assim, conhecendo a profissão do pai de Úrsula, que era um segredo cuidadosamente guardado pelo velho dr. Minoret.

Saviniano, dessa vez, não foi a Montargis; no decorrer do dia, recebeu uma carta anônima vinda de Paris, na qual leu esta horrível profecia:

Não desposarás Úrsula. Se queres que ela viva, apressa-te em cedê-la àquele que a ama ainda mais do que tu; pois ele se fez músico e artista para agradar-lhe e prefere vê-la morta a sabê-la tua esposa.

O médico de Nemours ia, então, três vezes por dia à casa de Úrsula, a quem essas perseguições ocultas haviam posto em perigo de morte. Sentindo-se empurrada por uma mão diabólica a um lamaçal, a delicada moça conservava uma atitude de mártir: permanecia num silêncio profundo, erguia os olhos para o céu e não chorava; esperava novos ataques, orando com fervor e implorando o golpe final que lhe causaria a morte.

— Sinto-me feliz por não poder descer à sala — dizia ela aos srs. Bongrand e Chaperon, que a deixavam o menos possível. — *Ele* iria lá e eu me sinto indigna de receber os olhares com os quais *ele* costuma abençoar-me! Acham que ele desconfia de mim?

— Mas se Saviniano não encontrar o autor dessas infâmias, pretende ir requerer a intervenção da polícia de Paris — disse Bongrand.

— Os desconhecidos devem saber-me ferida de morte — respondeu ela. — Agora vão ficar tranquilos.

O cura, Bongrand e Saviniano perdiam-se em conjeturas e suposições. Saviniano, Tienette e duas pessoas dedicadas ao cura fizeram-se espiões e permaneceram de sentinela durante uma semana: mas nenhuma indiscrição podia trair Goupil, que maquinava tudo sozinho. O juiz de paz foi o primeiro a pensar que o

autor do mal devia estar assustado de sua obra. Úrsula chegava à palidez, à debilidade das jovens inglesas em consunção. Todos relaxaram seus cuidados. Não houve mais serenatas nem cartas. Saviniano atribuiu o abandono desses meios odiosos às pesquisas secretas da Corte de Justiça, à qual ele enviara as cartas recebidas por Úrsula, a recebida por sua mãe e a sua. Esse armistício não durou muito. Quando o médico dominou a febre nervosa de Úrsula, no momento em que ela recuperara a coragem, certa manhã, em meados de julho, encontrou-se uma escada de corda presa à sua janela. O postilhão que, durante a noite, conduzira a mala-posta declarou que um homem baixo estava descendo dela quando ele passava; e, apesar de seu desejo de parar, os cavalos, correndo pelo declive da ponte, em cuja esquina ficava a casa de Úrsula, o haviam levado muito além de Nemours. Uma opinião da sala de visitas de Dionis atribuía essas manobras ao marquês do Rouvre, então excessivamente incomodado, contra quem Massin tinha letras de câmbio e que, por um rápido casamento de sua filha com Saviniano devia, segundo se dizia, subtrair o castelo do Rouvre aos credores. A sra. de Portenduère via também com prazer, dizia-se, tudo quanto pudesse vulgarizar, desconsiderar e desonrar Úrsula; mas, em presença daquela morte prematura, a velha fidalga se sentia quase vencida. O padre Chaperon ficou tão profundamente ferido por essa última perversidade que caiu seriamente doente, a ponto de ter de permanecer em casa durante alguns dias. A pobre Úrsula, a quem o odioso ataque causara uma recaída, recebeu pelo correio uma carta do cura, cuja caligrafia ninguém pôs em dúvida:

Minha filha, abandona Nemours e livra-te, assim, da malícia de teus inimigos desconhecidos. É provável que estejam ameaçando a vida de Saviniano.

Quando eu puder ir ver-te, falarei mais minuciosamente sobre isso.

O bilhete estava assinado: *Teu dedicado* chaperon.

Quando Saviniano, que ficou como louco, foi visitar o cura, o pobre padre leu e tornou a ler a carta, tão admirado ficou da perfeição com que sua caligrafia e sua assinatura haviam sido imitadas. Declarou que não escrevera nada e que, se tivesse escrito, não se teria servido do correio para enviar sua carta à casa de Úrsula. O estado mortal em que esta última atrocidade deixou Úrsula obrigou Saviniano a recorrer novamente ao procurador do rei, levando-lhe a carta apócrifa do cura.

— Está sendo cometido um assassinio por meios que a lei não previu e contra uma órfã que o Código lhe dá por pupila — disse o fidalgo ao magistrado.

— Se o senhor encontrar os meios de repressão — respondeu-lhe o procurador do rei —, eu os adotarei; mas não sei o que fazer! O infame anônimo sugeriu o melhor. É preciso enviar para cá a srta. Mirouët, para a casa das senhoras da Adoração do Santo Sacramento. Enquanto esperamos, o comissário de polícia de Fontainebleau, a pedido meu, o autorizará a usar armas de defesa pessoal. Fui pessoalmente ao Rouvre, e o sr. do Rouvre ficou justamente indignado com as suspeitas que pairavam sobre ele. Minoret, o pai do meu substituto, está em negócios sobre o seu castelo. A srta. do Rouvre vai casar-se com um rico conde polonês. [132] Enfim, o sr. do Rouvre deixou o campo no mesmo dia em que lá fui, a fim de evitar a prisão.

Desidério, a quem seu chefe interrogou, não ousou manifestar seu pensamento: ele reconhecia Goupil! Goupil era o único capaz de

conduzir um empreendimento que tangenciava o Código Penal sem cair no precipício de algum artigo. A impunidade, o sigilo, o triunfo, ampliaram a audácia de Goupil. O terrível amanuense fazia Massin, tornado seu joguete, perseguir o marquês do Rouvre, a fim de forçar o fidalgo a vender o resto de sua terra a Minoret. Após ter entabulado negociações com um tabelião de Sens, resolveu tentar um último golpe para conseguir Úrsula. Queria imitar alguns moços de Paris que obtiveram a esposa e a fortuna por meio de um rapto. Os serviços prestados a Minoret, Massin e Crémière, a proteção de Dionis, administrador municipal de Nemours, permitiam-lhe encobrir o crime. Resolveu imediatamente retirar a máscara, certo de que Úrsula seria incapaz de resistir-lhe no estado de fraqueza em que se achava. Antes, porém, de arriscar esse último golpe de sua ignóbil perseguição, julgou necessário ter uma explicação no Rouvre, aonde acompanhou Minoret, que ia lá pela primeira vez após a assinatura do contrato. Minoret acabara de receber uma carta confidencial, na qual seu filho pedia informações sobre o que se passava com Úrsula, antes de ir buscá-la pessoalmente, com o procurador, a fim de colocá-la num convento ao abrigo de qualquer nova infâmia. O substituto insistia com o pai para que, no caso de a perseguição ser obra de um amigo seu, lhe desse conselhos sensatos. Se a Justiça nem sempre podia punir tudo, ela acabaria por descobrir tudo e ficar de sobreaviso. Minoret atingira uma elevada posição. Proprietário inmutável do castelo do Rouvre, um dos mais belos do Gâtinais, reunia quarenta e tantos mil francos de rendimentos em belos e ricos domínios em torno do parque. O colosso podia zombar de Goupil. E, sobretudo, esperava viver no campo, onde a lembrança de Úrsula não o importunaria mais.

— Meu amigo — disse a Goupil, passeando pelo terraço —, deixa minha prima em paz!

— Ora essa! — disse o amanuense, que não podia descobrir nada daquela conduta estranha, pois a estupidez também tem sua profundidade.

— Oh, não sou ingrato! Tu me fizeste conseguir por duzentos e oitenta mil francos este belo castelo de tijolos e pedra de cantaria, que hoje não construiria por duzentos mil escudos, a herdade do castelo, as reservas, o parque, os jardins e os bosques... Pois bem... sim, palavra de honra! Dou-te dez por cento, vinte mil francos, com os quais podes comprar um cartório de meirinho em Nemours. Garanto-te um casamento com uma das pequenas Crémière, a mais velha.

— Aquela que fala como um pistão? — exclamou Goupil.

— Mas minha prima te dá trinta mil francos — replicou Minoret.
— Repara, meu amigo, nasceste para ser meirinho, como eu fui feito para ser chefe de posta. E é preciso seguir a vocação.

— Muito bem — disse Goupil, caído do alto de suas esperanças —, aqui estão os selos; assine um aceite de vinte mil francos, a fim de que eu possa embolsar logo o dinheiro.

Minoret tinha a receber dezoito mil francos, do semestre das inscrições que sua mulher ignorava; acreditou desembaraçar-se, assim, de Goupil, e assinou. O primeiro amanuense, ao ver o imbecil e colossal Maquiavel da Rue des Bourgeois num acesso de febre senhorial, dirigiu-lhe, como despedida, um “Até a vista!” e um olhar que teriam feito tremer qualquer outro que não um tolo arrivista, contemplando do alto dum terraço os jardins e os magníficos tetos dum castelo construído no estilo em moda no reinado de Luís XIII.

— Não me esperas? — gritou, ao ver Goupil retirar-se a pé.

— O senhor há de tornar a encontrar-me, meu velho! — respondeu o futuro meirinho, sedento de vingança e ansioso por descobrir a chave do enigma oferecido a seu espírito pelos estranhos ziguezagues da conduta do grande Minoret.

XVIII – AS DUAS VINGANÇAS

Desde o dia em que a mais infame calúnia havia maculado sua vida, Úrsula, acometida de uma dessas doenças inexplicáveis cuja sede é a alma, encaminhava-se rapidamente para a morte. Com uma lividez cadavérica, pronunciando raramente palavras débeis e lentas, dirigindo olhares duma doçura ardente, tudo nela, até a fronte, denunciava um pensamento devorador. Julgava caída por terra a coroa ideal de flores castas que os povos de todos os tempos veem sobre a cabeça das virgens. Escutava, no vácuo e no silêncio, as referências infamantes, os comentários maliciosos, os risos da cidadezinha. A carga era demasiado pesada para ela e sua inocência era demasiado delicada para sobreviver a tamanho golpe. Não se queixou; conservou um sorriso amargo nos lábios e os olhos se erguiam frequentemente para o céu, como se quisesse apelar da injustiça dos homens para o Soberano dos anjos. Quando Goupil entrou em Nemours, Úrsula descera do quarto para o pavimento térreo, nos braços da Bougival e do médico de Nemours. Tratava-se dum acontecimento extraordinário. Tendo sido informada de que aquela moça estava morrendo como um arminho, embora tivesse sido menos atingida em sua honra do que Clarissa Harlowe,[\[133\]](#) a

sra. de Portenduère foi visitá-la e consolá-la. O espetáculo de seu filho, que durante toda a noite precedente falara em matar-se, fez com que a velha bretã se curvasse. A sra. de Portenduère achou, além disso, próprio de sua dignidade devolver a coragem a uma moça tão pura e viu em sua visita uma compensação pelo mal feito pela cidadezinha. Sua opinião, mais poderosa, sem dúvida, que a da multidão, consagraria o poder da nobreza. Essa notícia, dada pelo padre Chaperon, operara em Úrsula uma revolução e restituiu a esperança ao médico de Nemours, que falava em consultar os mais ilustres médicos de Paris. Úrsula fora colocada sobre a poltrona do tutor, e tal era o caráter de sua beleza que, no seu luto e no seu sofrimento, parecia ainda mais bela do que em qualquer outro momento de sua vida feliz. Quando Saviniano, dando o braço à mãe, apareceu, a jovem enferma recuperou as belas cores.

— Não se levante, minha filha — disse a velha fidalga com uma voz imperativa. — Mesmo adoentada e fraca como estou, quis vir visitá-la para dizer-lhe o que penso desses acontecimentos; estimo-a como a mais pura, a mais santa e a mais encantadora moça do Gâtiniais e considero-a digna de fazer a felicidade de um nobre.

De início, Úrsula não pôde responder; tomou as mãos encarquilhadas da mãe de Saviniano e beijou-as, cobrindo-as de lágrimas.

— Ah, senhora — respondeu ela, com uma voz apagada —, eu nunca teria tido a ousadia de pensar em elevar-me acima de minha condição se não tivesse sido encorajada por promessas, e meu único título era uma afeição sem limites; mas encontraram os meios de separar-me para sempre daquele a quem amo; tornaram-me indigna dele... Nunca — disse ela, com um calor na voz que impressionou

dolorosamente os presentes —, nunca eu consentiria em dar a quem quer que fosse uma mão aviltada, uma reputação maculada. Eu amava muito... posso dizê-lo, no estado em que estou: amo a uma criatura quase tanto quanto a Deus. Por isso, Deus...

— Vamos, vamos, minha menina, não calunie a Deus. Vamos, *minha filha* — disse a velha fidalga fazendo um esforço —, não exagere a importância dum gracejo infame no qual ninguém acredita. Quanto a mim, prometo-lhe que você viverá e será feliz.

— Serás feliz! — disse Saviniano, ajoelhando-se diante de Úrsula e beijando-lhe as mãos. — Mãe chamou-te *minha filha*.

— Basta — disse o médico, que se aproximou para tomar o pulso da enferma —, não a matem de prazer.

Nesse momento, Goupil, que encontrara a porta da alameda aberta, abriu a da saleta e mostrou sua face horrível animada pelas ideias de vingança que haviam florescido em seu coração durante o trajeto.

— Sr. de Portenduère! — disse ele, com uma voz que parecia o silvo duma víbora acuada em sua toca.

— Que quer? — perguntou Saviniano, levantando-se.

— Tenho duas palavras a dizer-lhe.

Saviniano saiu para a alameda e Goupil o conduziu ao pequeno pátio.

— Jure, pela vida de Úrsula que o senhor ama e por sua honra de fidalgo que tanto preza, que fará como se eu não lhe tivesse dito nada do que vou dizer-lhe, e eu o esclarecerei sobre a causa das perseguições dirigidas contra a srta. Mirouët.

— Poderei fazê-las cessar?

— Sim.

— Poderei vingar-me?

— Sobre o autor, sim; mas, sobre o instrumento, não.

— Por quê?

— Porque... o instrumento sou eu...

Saviniano empalideceu.

— Acabo de ver Úrsula... — continuou o amanuense.

— Úrsula? — observou o fidalgo, encarando Goupil.

— A srta. Mirouët — emendou Goupil, a quem o tom de voz de Saviniano tornou respeitoso —, e desejaria resgatar com meu próprio sangue o que tem sido feito. Arrependo-me... Se o senhor me matasse em duelo ou por outra forma, de que lhe serviria meu sangue? Iria bebê-lo? Ele o envenenaria neste momento.

O raciocínio frio daquele homem e a curiosidade dominaram a exaltação de Saviniano; encarou-o fixamente com uma expressão que fez o corcunda falhado baixar os olhos.

— Quem te mandou fazer isso? — perguntou o rapaz.

— Jura?

— Queres que não te aconteça nada?

— Quero que o senhor e a srta. Mirouët me perdoem.

— Ela te perdoará; mas eu, nunca!

— Pelo menos o senhor esquecerá!

Que terrível poder tem o raciocínio apoiado no interesse! Dois homens, um dos quais queria despedaçar o outro, achavam-se num pequeno pátio, a dois dedos um do outro, obrigados a conversar, unidos por um mesmo sentimento.

— Eu te perdoarei, mas não esquecerei.

— Nada feito — disse Goupil.

Saviniano perdeu a paciência. Aplicou-lhe na face uma bofetada que ressoou pelo pátio, quase derrubou Goupil e após a qual ele próprio vacilou.

— Tenho apenas o que mereço — disse Goupil. — Cometi uma tolice. Julgava-o mais nobre do que é. O senhor abusou duma vantagem que eu lhe dava... Agora, o senhor está em meu poder — disse, lançando a Saviniano um olhar cheio de ódio.

— És um assassino! — disse o fidalgo.

— Tanto quanto o punhal é criminoso — replicou Goupil.

— Peço-te que me perdoes — disse Saviniano.

— Já está bastante vingado? — perguntou Goupil, com uma ironia feroz. — Ficarás satisfeito com isso?

— Perdão e esquecimento recíprocos — contestou Saviniano.

— Dá-me a mão? — perguntou o amanuense, estendendo a sua ao fidalgo.

— Ei-la — respondeu Saviniano, engolindo essa humilhação por amor a Úrsula. — Mas, fala, quem te mandou?

Goupil considerou, por assim dizer, os dois pratos da balança, num dos quais estava a bofetada de Saviniano e no outro seu ódio contra Minoret. Permaneceu dois segundos indeciso e, finalmente, uma voz lhe gritou: “Serás tabelião!”. E ele respondeu:

— Perdão e esquecimento? Sim, de uma e de outra parte — disse, apertando a mão do fidalgo.

— Então, quem é que persegue Úrsula? — perguntou Saviniano.

— Minoret! Ele gostaria de vê-la enterrada... Por quê? Não sei; mas procuraremos a razão disso. Não me meta nisso, eu não poderia fazer nada pelo senhor se desconfiassem de mim. Em vez de atacar Úrsula, eu a defenderei; em vez de servir a Minoret, tratarei de

transtornar seus planos. Viverei apenas para arruiná-lo, destruí-lo. E hei de esmagá-lo sob os meus pés, dançarei sobre o cadáver, mandarei fazer de seus ossos um jogo de dominó para mim! Amanhã, em todas as paredes de Nemours, de Fontainebleau e do Rouvre lerão, a tinta vermelha: *Minoret é um ladrão!* Oh! Eu o farei, palavra!, rebentar como uma bomba. Agora, estamos aliados por uma indiscrição; pois bem, se o senhor quiser, irei ajoelhar-me diante da srta. Mirouët, declarar-lhe que maldigo a paixão insensata que me impelia a matá-la e lhe suplicarei que me perdoe. Isso lhe fará bem; o juiz de paz e o cura estão lá, essas duas testemunhas bastam; mas o sr. Bongrand empenhará sua palavra de honra como não me prejudicará em minha carreira. Sim, agora eu tenho uma carreira.

— Espera um momento — respondeu Saviniano, aturdido por essa revelação.

— Úrsula, minha filha — disse ele, entrando na sala —, o autor de todos os teus males está horrorizado de sua obra, arrepende-se e quer pedir-te perdão em presença destes senhores, sob a condição de que tudo fique esquecido.

— Como?! Goupil? — exclamaram, ao mesmo tempo, o cura, o juiz de paz e o médico.

— Guardem seu segredo — disse Úrsula, levando um dedo aos lábios.

Goupil ouviu essa frase, percebeu o gesto de Úrsula e sentiu-se emocionado.

— Senhorita — disse-lhe num tom compenetrado —, eu desejaria agora que Nemours inteira me ouvisse confessar-lhe que uma fatal paixão transtornou minha cabeça e me sugeriu o crime de

desacreditar pessoas de bem. O que estou dizendo, repetirei por toda a parte, lamentando o mal causado por maus gracejos, mas que talvez tenham servido para apressar sua felicidade — disse ele com um pouco de malícia —, pois estou vendo aqui a sra. de Portenduère.

— Muito bem, Goupil — disse o cura. — A senhorita lhe perdoou; mas nunca se esqueça de que quase se tornou um assassino.

— Sr. Bongrand — acrescentou Goupil, dirigindo-se ao juiz de paz —, vou tratar esta tarde com Lecœur a respeito de seu cartório; espero que esta reparação não me prejudique em seu espírito e que o senhor apoie meu pedido junto à Corte de Justiça e ao Ministério.

O juiz de paz inclinou a cabeça pensativamente e Goupil saiu para ir tratar do melhor dos dois cartórios de meirinho em Nemours.

Ficaram todos em casa de Úrsula, empenhando-se, durante a tarde, em fazer renascer a calma e a tranquilidade de sua alma, onde a satisfação que o amanuense lhe dera já começara a operar milagres.

— Nemours inteira saberá disso — dizia Bongrand.

— Estás vendo, minha filha, como Deus não te queria mal? — dizia o cura.

Minoret voltou muito tarde do Rouvre e jantou tarde. Pelas nove horas, ao cair da noite, estava no pavilhão chinês digerindo o jantar, ao lado da mulher, com quem fazia projetos para o futuro de Desidério. Ele estava bem encaminhado desde que ingressara na magistratura, trabalhava e havia possibilidade de suceder ao procurador do rei em Fontainebleau, que, segundo se dizia, ia transferir-se para Melun. Era preciso procurar-lhe uma esposa, uma moça pobre pertencente a uma antiga e nobre família; então ele poderia chegar à magistratura de Paris. Talvez pudessem fazer elegê-lo deputado por Fontainebleau, onde Zélia tencionava instalar-se no

inverno, após ter passado o verão no Rouvre. Aplaudindo-se intimamente e por ter arranjado tudo pelo melhor, Minoret não pensava mais em Úrsula no momento mesmo em que o drama, tão tolamente iniciado por ele, se enredava de maneira terrível.

— O sr. de Portenduère está aí e quer falar com o senhor — anunciou Cabirolle.

— Mande entrar — respondeu Zélia.

As sombras do crepúsculo impediram a sra. Minoret de perceber a súbita palidez do marido, que estremeceu ao ouvir o ruído dos sapatos de Saviniano no soalho da galeria, onde outrora estava a biblioteca do doutor. Um vago pressentimento de desgraça corria pelas veias do espoliador. Saviniano apareceu, conservou-se de pé, com o chapéu na cabeça, a bengala na mão, as mãos cruzadas sobre o peito, imóvel diante do casal.

— Venho saber, sr. e sra. Minoret, que razões tiveram para atormentar de um modo infame uma moça que é, como toda a cidade de Nemours sabe, minha futura esposa, por que tentaram difamar sua honra, por que desejaram sua morte e por que a submeteram aos insultos de um Goupil... Respondam!

— É engraçado, sr. Saviniano — disse Zélia —, que o senhor venha pedir-nos explicações duma coisa que nos parece inexplicável! Importo-me tanto com Úrsula como com o ano 1840!^[134] Desde a morte de meu tio Minoret, não pensei mais nela do que na primeira camisa que vesti! Não disse uma palavra a respeito dela a Goupil, que é, além de tudo, um palhaço a quem eu não confiaria os interesses de meu cão. E então, não vais responder, Minoret? Vais deixar que o senhor te acuse de infâmias que estão muito abaixo de ti? Como se um homem que goza de quarenta e oito mil francos de renda em

bens imóveis, em torno de um castelo digno dum príncipe, descesse a semelhantes tolices! Levanta-te, em vez de ficares aí como um palerma!

— Não sei o que o senhor quer dizer — respondeu, finalmente, Minoret com sua voz fina, cujo tremor se evidenciava tanto mais facilmente por ser uma voz clara. — Que razão teria eu para perseguir essa menina? Talvez eu tenha dito a Goupil o quanto me aborrecia por vê-la em Nemours; meu filho Desidério enamorou-se dela e eu não a queria para sua esposa; eis tudo.

— Goupil confessou-me tudo, sr. Minoret.

Houve um terrível momento de silêncio, durante o qual os três personagens se examinaram. Zélia notara, na corpulenta figura de seu colosso, um movimento nervoso.

— Embora vocês não passem de insetos, quero tirar uma vingança ruidosa e saberei tirá-la — replicou o fidalgo. — Não é a você, que tem sessenta e sete anos, que eu exigirei uma reparação pelos insultos feitos à srta. Mirouët, é a seu filho. Na primeira vez que ele puser os pés em Nemours, nós nos encontraremos; terá de bater-se comigo e se baterá! Do contrário, ficará desonrado a tal ponto que nunca mais se apresentará em parte alguma; se ele não vier a Nemours, irei a Fontainebleau, sim!, terei uma satisfação. Não suportarei que vocês tenham covardemente tentado desonrar uma pobre moça indefesa.

— Mas as calúnias de um Goupil... não... são... — disse Minoret.

— Quer você — exclamou Saviniano, interrompendo-o — que eu o ponha diante dele? Creia-me, não torne pública esta questão; é uma coisa entre você, Goupil e eu; deixe-a como está e Deus a decidirá no duelo que darei a seu filho a honra de lhe propor.

— Mas isso não ficará assim! — exclamou Zélia. — Ah! Acredita que eu deixaria Desidério bater-se com o senhor, um antigo marinheiro cujo ofício é a espada e a pistola? Se o senhor tem queixas de Minoret, aqui está Minoret, agarre Minoret, bata-se com Minoret! Mas meu rapaz, que, como o senhor não duvida, é completamente inocente, irá pagar por isso...? O senhor terá, daqui por diante, de se cuidar, meu rico senhorzinho! Vamos, Minoret, vais ficar aí embrutecido como um grande parvo? Estás em tua casa e deixas esse senhor com o chapéu na cabeça diante de tua mulher! O meu senhorzinho vai começar por desaparecer das minhas vistas. Cada um manda em sua casa. Não sei o que o senhor quer com essa *conversa fiada*; mas retire-se daqui e, se tocar em Desidério, terá de entender-se comigo, o senhor e a tola da sua Úrsula.

Tocou energicamente a campainha, chamando os criados.

— Pensem bem no que lhes disse! — repetiu Saviniano, que, sem se importar com a tirada de Zélia, saiu, deixando aquela espada de Dâmocles suspensa sobre o casal.

— E agora, Minoret — disse Zélia ao marido —, vais explicar-me o que significa isto? Um rapaz não penetra sem motivo numa casa burguesa para fazer essa algazarra e exigir o sangue dum filho de família.

— Deve ser alguma peça desse torpe macaco Goupil, a quem prometi ajudar a fazer-se tabelião se me conseguisse o Rouvre por bom preço. Dei-lhe dez por cento, vinte mil francos em letras de câmbio, e ele, certamente, não ficou contente.

— Sim; mas que razão teria tido ele antes para inventar essas serenatas e essas infâmias contra Úrsula?

— Ele queria casar-se com ela.

— Com uma moça sem dinheiro, ele? Olha, Minoret, estás dizendo asneiras e és muito tolo se pensas que acredito nelas, meu filho. Há alguma coisa aí por baixo, e tu me dirás o que é.

— Não há nada.

— Não há nada? Pois acho que mentes, e vamos ver se tenho razão.

— Queres deixar-me em paz?

— Abrirei a torneira dessa fonte de veneno que tu evitas, Goupil, e só terás a perder.

— Como quiseres.

— Eu sei que será como eu quiser! E o que quero, sobretudo, é que não se toque em Desidério. Se ele sofrer alguma desgraça, fica sabendo que praticarei uma coisa que me enviará ao cadafalso. Desidério...! Mas... Nem mesmo te mexes!

Uma altercação assim começada entre Minoret e a mulher não devia terminar sem longas aflições íntimas. Assim, o tolo espoliador via sua luta consigo mesmo e com Úrsula aumentada por sua falta e complicada por um novo e terrível adversário. No dia seguinte, quando saiu para procurar Goupil, pensando acalmá-lo com ofertas de dinheiro, leu nas paredes: *Minoret é um ladrão!* Todas as pessoas que encontrou o lastimaram, perguntando-lhe quem seria o autor daquela publicação anônima e todas perdoaram os embaraços de suas respostas em vista da sua nulidade. Os tolos tiram mais vantagens de sua fraqueza do que os inteligentes de sua força. Contempla-se, sem oferecer-lhe auxílio, um grande homem que luta contra a sorte^[135] e dá-se sociedade a um merceeiro ameaçado de falência; sabeis por quê? É que a gente se julga superior ao proteger um imbecil e se aflige por não ser um homem de gênio. Um homem

inteligente se teria perdido se tivesse balbuciado, como Minoret, respostas absurdas com uma expressão assustada. Zélia e os criados apagaram a inscrição vingativa em toda parte onde a encontraram; mas a acusação permaneceu na consciência de Minoret.

Embora Goupil tivesse, na véspera, combinado o negócio com o meirinho, recusou-se descaradamente a cumprir o combinado.

— Meu caro Lecœur, foi-me possível, como vê, comprar o cargo do sr. Dionis e estou em condições de achar compradores para o seu. Rescinda nosso contrato, o prejuízo consiste unicamente em dois pedaços de papel selados. Aqui tem setenta cêntimos.

Lecœur temia demasiado a Goupil para queixar-se. Nemours inteira ficou sabendo, em seguida, que Minoret dera sua garantia a Dionis para facilitar a Goupil a aquisição de seu cargo.

O futuro tabelião escreveu a Saviniano uma carta para desmentir sua confissão relativamente a Minoret, dizendo ao jovem nobre que a sua nova posição, a legislação adotada pela Corte Suprema e seu respeito pela Justiça lhe proibiam bater-se em duelo. Prevenia, além disso, o fidalgo para que se comportasse bem com ele doravante, pois ele entendia de boxe admiravelmente bem, e que, à primeira agressão, lhe quebraria uma perna.

As paredes de Nemours não falaram mais. Mas o atrito entre Minoret e a esposa subsistia, e Saviniano conservava um silêncio feroz. O casamento da mais velha das srtas. Massin com o futuro tabelião estava, dez dias após tais acontecimentos, em estado de boato. A srta. Massin possuía oitenta mil francos além da sua fealdade; Goupil tinha suas deformidades e seu cargo: a união pareceu, pois, provável e razoável.

Dois desconhecidos disfarçados assaltaram Goupil na rua, à meia-noite, no momento em que ele saía da casa de Massin, esbordoaram-no e desapareceram. Goupil guardou o mais profundo silêncio sobre essa cena noturna e desmentiu uma velha que julgava tê-lo reconhecido ao chegar à janela.

Esses grandes pequenos acontecimentos foram estudados pelo juiz de paz, que notou que Goupil exercia um misterioso poder sobre Minoret e prometeu a si mesmo descobrir-lhe a causa.

XIX – AS APARIÇÕES

Embora a opinião pública da cidadezinha tivesse reconhecido a perfeita inocência de Úrsula, esta se restabelecia lentamente. Nesse estado de prostração corporal que deixava a alma e o espírito livres, ela se tornou teatro de fenômenos cujos efeitos foram, aliás, terríveis e teriam preocupado a ciência se esta tivesse tido conhecimento de tal confidência. Dez dias após a visita da sra. de Portenduère, Úrsula teve um sonho que apresentava as características duma visão sobrenatural, tanto pelos fatos morais como pelas circunstâncias, por assim dizer, físicas. O finado Minoret, seu padrinho, apareceu-lhe e fez-lhe um sinal para que ela o acompanhasse; ela se vestiu, seguiu-o no meio das trevas até a casa da Rue des Bourgeois, onde encontrou as menores coisas tal como estavam no dia da morte do padrinho. O ancião estava com a mesma roupa que vestia na véspera da morte, o rosto lívido, e seus gestos não produziam o mínimo som; não obstante, Úrsula ouviu perfeitamente a sua voz, embora fraca e como que reproduzida por um eco longínquo. O doutor conduziu a pupila

ao gabinete do pavilhão chinês, onde a fez levantar o mármore do pequeno móvel de Boulle, como ela o havia levantado no dia de sua morte; mas, em vez de não encontrar nada, viu a carta que o padrinho lhe recomendara que fosse apanhar lá; abriu-a e leu-a, assim como o testamento em favor de Saviniano. As letras, disse ela ao cura, brilhavam como se tivessem sido escritas com raios de sol, queimavam os olhos. Quando ela olhou para o tio para agradecer-lhe, percebeu em seus lábios descorados um sorriso de bondade. Depois, com sua voz débil e, entretanto, clara, mostrou-lhe Minoret a escutar a confidência no corredor, indo depois desaparafusar a fechadura e apoderar-se do maço de papéis. Por fim, com sua mão direita, agarrou a pupila e obrigou-a a andar com o passo dos mortos a fim de seguir Minoret até a posta. Úrsula atravessou a cidade, entrou na posta, no antigo quarto de Zélia, onde o espectro lhe fez ver o espoliador abrindo as cartas, lendo-as e queimando-as.

— Ele só pôde acender o terceiro fósforo para queimar os papéis — disse Úrsula — e enterrou seus vestígios nas cinzas. Depois, meu padrinho reconduziu-me à nossa casa e vi o sr. Minoret-Levrault entrando sorrateiramente na biblioteca, onde tirou, do terceiro volume das *Pandectas*, as três inscrições de doze mil francos de renda cada uma, assim como o dinheiro dos juros em notas de banco. “É ele”, disse-me, então, meu padrinho, “o autor dos tormentos que te arrastaram à porta do túmulo; mas Deus quer que sejas feliz. Não morrerás ainda, desposarás Saviniano! Se me amas, se amas Saviniano, exigirás tua fortuna a meu sobrinho. Jura-o!”

Resplandecendo como o Salvador durante a transfiguração, o espectro de Minoret causara então tal abalo à sua alma que ela prometeu tudo quanto o tio queria para fazer cessar o pesadelo.

Despertou de pé, no meio do quarto, diante do retrato do padrinho, que ela ali tinha posto desde que adoecera. Tornou a deitar-se, adormeceu de novo, após viva agitação e, ao despertar, recordou-se daquela singular visão; mas não ousou falar nela. Sua consciência e sua delicadeza ofenderam-se com a revelação de um sonho cujo fim e cuja causa eram seus interesses pecuniários; atribuiu-o, naturalmente, à conversa que tivera com a Bougival antes de adormecer e na qual trataram das liberalidades do padrinho para com ela e das convicções que conservava a ama a tal respeito. Mas o sonho se repetiu, com agravantes que o tornaram excessivamente temível. Na segunda vez, a mão gelada do padrinho pousou sobre seu ombro e causou-lhe a mais cruel dor, uma sensação indefinível. “É preciso obedecer aos mortos!”, dizia, com uma voz sepulcral.

— E lágrimas rolavam de seus olhos brancos e vazios — acrescentou ela.

Na terceira vez, o morto segurou-a pelas longas tranças e mostrou-lhe Minoret falando com Goupil e prometendo-lhe dinheiro se ele levasse Úrsula para Sens. Úrsula resolveu, então, contar os três sonhos ao padre Chaperon.

— Senhor cura — disse ela, uma tarde —, crê que os mortos possam aparecer?

— Minha filha, a história sagrada, a história profana e a história moderna oferecem vários testemunhos a esse respeito; mas a Igreja nunca fez disso artigo de fé, e, quanto à ciência, zomba dessas coisas, na França.

— Que pensa o senhor?

— O poder de Deus, minha filha, é infinito.

— Meu padrinho falou-lhe dessas coisas?

— Sim, muitas vezes. Mudara inteiramente de opinião sobre esses assuntos. Sua conversão data do dia em que, em Paris, segundo me disse vinte vezes, uma mulher te viu em Nemours rezando por ele e viu o sinal vermelho que fizeste diante do dia de São Saviniano em teu calendário.

Úrsula lançou um grito agudo que fez o padre tremer; ela se lembrava da cena em que, de volta a Nemours, seu padrinho lera em sua alma e se apoderara de seu calendário.

— Se é assim — disse ela —, minhas visões são possíveis. Meu padrinho apareceu-me como Jesus a seus discípulos. Ele vem cercado duma luz amarela, e fala! Quero que o senhor reze uma missa pelo repouso de sua alma e que implore o socorro de Deus para fazer cessar essas aparições que me acabrunham.

Contou, então, nos menores detalhes, seus três sonhos, insistindo sobre a profunda veracidade dos fatos, sobre a liberdade de seus movimentos, sobre o sonambulismo dum ser interior que, disse ela, se deslocava sob a conduta do espectro de seu tio com enorme facilidade. O que surpreendeu estranhamente o padre, que bem conhecia a veracidade de Úrsula, foi a descrição exata do quarto outrora ocupado por Zélia Minoret em seu estabelecimento da posta, onde Úrsula jamais entrara e do qual ela nunca ouvira falar.

— Por que meios se podem realizar essas estranhas aparições? — perguntou Úrsula. — Que pensava meu padrinho dessas coisas?

— Teu padrinho, minha filha, procedia por hipóteses. Reconhecera a possibilidade da existência dum mundo espiritual, um mundo de ideias. Se as ideias são uma criação própria do homem, se elas subsistem vivendo duma vida que lhes é própria, devem ter formas imperceptíveis aos nossos sentidos exteriores, mas

perceptíveis aos nossos sentidos interiores, quando estes se encontram em certas condições. Assim, as ideias de teu padrinho podem envolver-nos e talvez as tenhas revestido de sua aparência. Além disso, se Minoret cometeu essas ações, elas se resolvem em ideias, pois toda ação é o resultado de várias ideias. Ora, se as ideias se movem no mundo espiritual, teu espírito pode tê-las percebido, penetrando nele. Esses fenômenos não são mais estranhos que os da memória, e os da memória são tão surpreendentes e inexplicáveis como os do perfume das plantas, que são, talvez, as ideias da planta.

— Meu Deus! Como o senhor engrandece o mundo! Mas ouvir falar um morto, vê-lo andar, agir, será possível?

— Na Suécia, Swedenborg — respondeu o padre Chaperon — provou até a evidência que se comunicava com os mortos. Ainda há mais: vai à biblioteca e lerás na vida do famoso duque de Montmorency,^[136] decapitado em Toulouse, e que por certo não era homem de forjar mentiras, uma aventura quase semelhante à tua e que, cem anos antes, também sucedera a Cardano.^[137]

Úrsula e o cura subiram ao primeiro andar, e o bom velho procurou-lhe uma pequena edição in-duodécimo, impressa em Paris em 1666, da *História de Henri de Montmorency*, escrita por um eclesiástico contemporâneo que conhecera o príncipe.

— Lê — disse o cura, entregando-lhe o volume — as páginas 175 e 176. Teu padrinho releu muitas vezes esta passagem e, repara, ainda se pode ver aqui seu rapé.

— E ele não existe mais! — disse Úrsula, tomando o livro, para ler a seguinte passagem:

O cerco de Privas foi notável pela perda de alguns comandantes: dois marechais de campo ali morreram, a saber, o marquês d'Uxelles, de um

ferimento que recebeu na trincheira, e o marquês de Portes, de uma coronhada na cabeça. No dia em que morreu, devia ser nomeado marechal da França. Mais ou menos no momento da morte do marquês, o duque de Montmorency, que dormia em sua barraca, foi despertado por uma voz semelhante à do marquês, que lhe dizia adeus. A afeição que ele tinha por uma pessoa tão ligada a si fez com que atribuisse a ilusão desse sonho à força de sua imaginação; e como, segundo seu hábito, passara a noite trabalhando na trincheira, pôde tornar a adormecer sem receio. A mesma voz, porém, interrompeu-o novamente, e o fantasma, que ele só vira em sonho, obrigou-o a despertar outra vez e a ouvir distintamente as mesmas palavras que pronunciara antes de desaparecer. O duque recordou-se, então, de que um dia, ao ouvirem o filósofo Pitart discorrer sobre a separação da alma do corpo, eles se haviam prometido despedir-se um do outro, se o primeiro que viesse a morrer tivesse permissão para isso. Em vista disso, não podendo impedir-se de rezear a veracidade desse aviso, enviou imediatamente um criado ao quartel do marquês, que era distante do seu. Mas, antes que seu enviado voltasse, vieram chamá-lo da parte do rei, que lhe fez comunicar, por pessoas capazes de consolá-lo, o infortúnio de que fora informado.

Deixo aos doutores a discussão sobre a explicação desse fato, que ouvi o duque de Montmorency contar muitas vezes. Julguei que seu prodígio e sua veracidade eram dignos de ser relatados.

— Então — perguntou Úrsula —, que devo fazer?

— Minha filha — respondeu o cura —, trata-se de coisas tão graves e que te são tão proveitosas, que deves guardar um silêncio absoluto. Agora que me contaste o segredo dessa aparição, talvez ela não se repita mais. Além disso, já estás bastante forte para ir à igreja; pois bem, amanhã lá irás agradecer a Deus e pedir-lhe que dê repouso a teu padrinho. Podes ficar certa, também, que puseste teu segredo em mãos prudentes.

— Se o senhor soubesse em que pavores adormeço! Que olhares me dirige meu padrinho! Na última vez, ele se agarrou a meu vestido para me ver mais demoradamente. Despertei com o rosto banhado de lágrimas.

— Fica tranquila, ele não voltará mais — disse o cura.

Sem perder um momento, o padre Chaperon foi à casa de Minoret e pediu-lhe que lhe concedesse um momento de atenção no pavilhão chinês, exigindo que ficassem a sós.

— Ninguém nos pode ouvir? — perguntou o padre Chaperon a Minoret.

— Ninguém — respondeu Minoret.

— O senhor deve conhecer meu caráter — disse o cura, fixando no rosto de Minoret um olhar suave, mas vigilante. — Tenho de falar-lhe sobre coisas graves, extraordinárias, que dizem respeito exclusivamente ao senhor e sobre as quais pode ficar certo de que manterei o mais profundo sigilo; mas não posso deixar de informá-lo a esse respeito. Quando seu tio vivia, havia ali — disse o padre, mostrando o lugar do móvel — um pequeno armário de Boulle com tampo de mármore (Minoret tornou-se lívido) e, sob esse mármore, seu tio pusera uma carta para sua pupila...

O cura narrou, sem omitir a mínima circunstância, a conduta de Minoret ao próprio Minoret. O antigo chefe da posta, ao ouvir o detalhe dos dois palitos de fósforo que não se haviam acendido, sentiu os cabelos se lhe eriçarem.

— Quem foi que forjou essas mentiras? — disse ao cura com a voz estrangulada, quando a narrativa terminou.

— O próprio morto!

Essa resposta causou um ligeiro estremecimento a Minoret, que também via o doutor em sonhos.

— Deus, senhor cura, é muito bondoso em realizar milagres por mim — respondeu Minoret, a quem a sensação do perigo inspirou o único gracejo que pronunciou em toda a vida.

— Tudo o que Deus faz é natural — respondeu o padre.

— Sua fantasmagoria não me assusta — disse o colosso, recuperando um pouco de sangue-frio.

— Não vim assustá-lo, meu caro senhor, pois nunca falarei disto a quem quer que seja. Só o senhor sabe onde está a verdade. É um assunto entre o senhor e Deus.

— Vejamos, senhor cura, acredita-me capaz de tão horrível abuso de confiança?

— Não acredito senão nos crimes que me confessam e dos quais se arrependem — disse o padre, com um tom apostólico.

— Um crime...? — exclamou Minoret.

— Um crime hediondo em suas consequências.

— Por quê?

— Porque escapa à justiça humana. Os crimes que não são expiados na terra o serão na outra vida. O próprio Deus vingará a inocência.

— Crê que Deus se ocupa dessas misérias?

— Se ele não abrangesse o mundo em todos os seus detalhes com um único olhar, como o senhor pode conter uma paisagem inteira em seus olhos, ele não seria Deus.

— Senhor cura, dá-me sua palavra de que não obteve esses detalhes de outra pessoa que não meu tio?

— Seu tio apareceu três vezes a Úrsula para nos repetir. Cansada de seus sonhos, confiou-me essas revelações sob sigilo e as acha tão destituídas de razão que não falará mais nelas. Assim, pode ficar tranquilo a esse respeito.

— Mas estou tranquilo de qualquer maneira, padre Chaperon.

— Desejo que assim seja — disse o velho padre. — Mesmo que achasse absurdos esses avisos dados em sonho, eu sentiria necessidade de comunicá-los ao senhor, devido à singularidade dos detalhes. O senhor é um homem às direitas e obteve muito legalmente sua bela fortuna para querer acrescentar-lhe alguma coisa pelo roubo. Além disso, o senhor é um homem quase primitivo e seria demasiadamente atormentado pelos remorsos. Temos em nós um sentimento do justo, tanto o homem mais civilizado como o mais selvagem, que não nos permite desfrutar em paz o bem mal adquirido segundo as leis da sociedade em que vivemos; pois as sociedades bem constituídas são modeladas pela própria ordem imposta por Deus aos mundos. As sociedades têm, nesse ponto, origem divina. O homem não acha ideias, não inventa formas; imita as relações eternas que o cercam de todos os lados. Assim, veja o que sucede! Nenhum criminoso, dirigindo-se ao cadafalso e podendo levar consigo o segredo de seus crimes, deixa que lhe cortem a cabeça sem fazer as confissões a que o impele um misterioso poder. Assim, meu caro sr. Minoret, se o senhor está tranquilo, eu me retiro satisfeito.

Minoret ficou tão estupefato que não acompanhou o cura. Quando se julgou a sós, entrou num estado de cólera de homem sanguíneo: escapavam-lhe as mais estranhas blasfêmias e dava os nomes mais odiosos a Úrsula.

— Então, que te fez ela? — perguntou-lhe a mulher, que se aproximou nas pontas dos pés, após ter acompanhado o cura.

Pela primeira e única vez na vida, Minoret, possesso de cólera e levado ao extremo pelas reiteradas perguntas da mulher, esbordoou-a tanto que, quando ela caiu desmaiada, teve de tomá-la nos braços e, profundamente envergonhado, colocá-la na cama. Minoret foi acometido de uma ligeira enfermidade: o médico viu-se obrigado a sangrá-lo duas vezes. Quando se levantou, todos observaram mudanças nele. Minoret passeava só e muitas vezes andava pelas ruas como um homem inquieto. Parecia distraído ao escutar, ele que nunca tivera duas ideias na cabeça. Finalmente, uma tarde, ele abordou, na Grand'rue, o juiz de paz, que, sem dúvida, ia buscar Úrsula para conduzi-la à casa da sra. de Portenduère, onde haviam recomeçado a jogar uíste.

— Sr. Bongrand, tenho alguma coisa muito importante para dizer à minha prima — disse, tomando o juiz pelo braço — e estimarei muito que o senhor esteja lá, pois poderá dar-lhe algum conselho.

Encontraram Úrsula aprestando-se para estudar. Ela se levantou com uma atitude imponente e fria ao ver Minoret.

— Minha filha, o sr. Minoret quer falar-te de negócios — disse o juiz de paz. — Entre parênteses, não te esqueças de dar-me tua inscrição de renda. Vou a Paris, receberei o teu semestre e o da Bougival.

— Minha prima — disse Minoret —, nosso tio a havia habituado a maior bem-estar do que o que você desfruta agora.

— Pode-se ser muito feliz com pouco dinheiro — disse ela.

— Julguei que o dinheiro facilitaria sua felicidade — replicou Minoret — e venho oferecer-lhe algum, em sinal de respeito pela

memória de meu tio.

— O senhor dispunha duma forma natural de respeitá-la — disse severamente Úrsula. — O senhor podia ter deixado a casa tal como era e vendê-la para mim, pois se a valorizou tanto foi na esperança de encontrar tesouros...

— Enfim — disse Minoret, evidentemente oprimido —, se você tivesse doze mil francos de renda, ficaria em condições de casar-se mais vantajosamente.

— Não os tenho.

— Mas se eu lhos desse, com a condição de comprar uma terra na Bretanha, na região da sra. de Portenduère, que consentiria, então, em seu casamento com o filho...?

— Sr. Minoret — disse Úrsula —, não tenho direito a soma tão considerável e não poderia aceitá-la do senhor. Somos muito pouco aparentados e menos ainda amigos. Já tenho sofrido muito os infortúnios da calúnia para querer dar lugar à maledicência. Que fiz para merecer esse dinheiro? Em que se baseia o senhor para fazer-me tal presente? Essas perguntas, que tenho o direito de dirigir-lhe, cada um as responderia à sua maneira; veriam nisso uma reparação por algum prejuízo e não creio tê-lo sofrido. Seu tio não me educou em sentimentos ignóbeis. Não se deve aceitar senão dos amigos: eu não seria capaz de ter afeição pelo senhor e, necessariamente, seria ingrata; não quero expor-me a uma falta de gratidão.

— Recusa? — exclamou o colosso, a quem nunca ocorrera que se pudesse recusar uma fortuna.

— Recuso — repetiu Úrsula.

— Mas a que título o senhor ofereceria uma fortuna à senhorita?
— perguntou o antigo advogado, que olhou fixamente para Minoret.

— O senhor tem alguma ideia, não tem?

— Pois bem, quero afastá-la de Nemours, a fim de que meu filho me deixe tranquilo: ele está apaixonado por ela e quer desposá-la.

— Bem, vamos ver — respondeu o juiz de paz, ajeitando os óculos.
— Dê-nos tempo para refletir.

Acompanhou Minoret até a casa deste, aprovando as solicitações que lhe inspirava o futuro de Desidério, censurando um pouco a precipitação de Úrsula e prometendo trazê-la à razão. Logo que Minoret entrou, Bongrand foi à casa do chefe da posta alugar um cabriolé e um cavalo, correu a Fontainebleau, procurou o substituto e soube que ele devia estar na casa do subprefeito, em reunião. O juiz de paz, encantado, ali se apresentou. Desidério jogava uma partida de uíste com a mulher do procurador do rei, a mulher do subprefeito e o coronel do regimento da tropa.

— Trago-lhe uma feliz notícia — disse o sr. Bongrand a Desidério.
— O senhor ama sua prima Úrsula e seu pai não se opõe mais ao casamento.

— Amo Úrsula Mirouët? — exclamou Desidério a rir. — Onde foi buscar Úrsula Mirouët? Lembro-me de ter visto, algumas vezes, na casa do falecido Minoret, meu tio-avô, essa moça, que na verdade é muito bonita; mas ela é duma devoção exagerada; e se, como todo mundo, fiz justiça a seus encantos, nunca tive a cabeça perturbada por essa loura um pouco desenxabida — disse ele, sorrindo para a subprefeita (a subprefeita era uma morena picante, segundo a velha expressão do século passado). — Donde vem, meu caro sr. Bongrand? Toda a gente sabe que meu pai é senhor suserano de quarenta e oito mil libras de renda, em terras agrupadas em redor de seu castelo do Rouvre e toda a gente reconhece em mim quarenta e

oito mil razões perpétuas e vitalícias para não amar a pupila do ministério público. Se eu me casasse com uma filha de ninguém, estas senhoras me tomariam por um grande tolo.

— O senhor nunca atormentou seu pai a respeito de Úrsula?

— Nunca.

— Está ouvindo, senhor procurador do rei? — disse o juiz de paz a esse magistrado, que os havia escutado e a quem ele levou ao vão da janela, onde ficaram cerca de um quarto de hora a conversar.

Uma hora depois, o juiz de paz, na casa de Úrsula, de volta a Nemours, mandou a Bougival chamar Minoret, que veio em seguida.

— A senhorita... — disse Bongrand a Minoret, ao vê-lo entrar.

— Aceita? — perguntou Minoret, interrompendo-o.

— Não, ainda não — respondeu o juiz de paz, ajeitando os óculos.

— Ela tem escrúpulos quanto à situação de seu filho; pois ela já ficou muito mortificada devido a uma paixão semelhante e conhece o preço da tranquilidade. Pode jurar-lhe que seu filho está louco de amor e que o senhor não tem outra intenção senão a de preservar nossa querida Úrsula de algumas novas *goupilérias*?

— Oh! Juro-o — disse Minoret.

— Alto lá, pai Minoret! — disse o juiz de paz, tirando uma das mãos do bolso da calça para bater no ombro de Minoret, que estremeceu. — Não faça tão levemente um falso juramento.

— Falso juramento?

— Sim, a respeito do seu filho, que acaba de jurar em Fontainebleau, na casa do subprefeito, em presença de quatro pessoas e do procurador do rei, que nunca pensou em sua prima Úrsula Mirouët. O senhor tem, então, outras razões para oferecer-lhe

tamanha quantia? Vi que o senhor havia avançado fatos bem temerários e, por isso, fui pessoalmente a Fontainebleau.

Minoret ficou pasmo de sua própria tolice.

— Mas não há mal algum, sr. Bongrand, em oferecer a uma parenta os meios de tornar possível um casamento que parece dar-lhe a felicidade e em procurar pretextos para vencer sua modéstia.

Minoret, a quem o perigo inspirara uma desculpa quase admissível, enxugou a fronte, onde se viam grossas gotas de suor.

— O senhor conhece os motivos de minha recusa — respondeu-lhe Úrsula. — Peço-lhe que não volte mais aqui. Sem que o sr. de Portenduère me tenha confiado suas razões, ele tem pelo senhor sentimentos de desprezo, de ódio, mesmo, que me impedem de recebê-lo. Minha felicidade é toda a minha fortuna, não me envergonho de confessá-lo; não quero, pois, comprometê-lo, pois o sr. de Portenduère espera apenas a época da minha maioridade para desposar-me.

— O provérbio “O dinheiro faz tudo” é bem mentiroso — disse o gordo e grande Minoret olhando para o juiz de paz, cujos olhos observadores o incomodavam muito.

Levantou-se e saiu. Mas, na rua, encontrou a atmosfera tão pesada como na saleta.

“É preciso acabar com isso”, pensou, voltando para casa.

— Tua inscrição, minha filha? — disse o juiz de paz, muito admirado da tranquilidade de Úrsula após tão singular acontecimento.

Ao trazer sua inscrição e a da Bougival, Úrsula encontrou o juiz de paz andando a passos largos.

— Não tens nenhuma ideia sobre os fins do procedimento desse grande estúpido? — perguntou ele.

— Nenhuma que eu possa dizer — respondeu ela.

O sr. Bongrand fitou-a com uma expressão de surpresa.

— Então, pensamos do mesmo modo — respondeu ele. — Olha, guarda os números dessas duas inscrições, para o caso de que eu as perca. É preciso ter sempre esse cuidado.

Bongrand escreveu então, sobre um cartão, os números das inscrições de Úrsula e da ama.

— Até a volta, minha filha; ficarei ausente dois dias, mas chegarei no terceiro, para minha audiência.

Naquela mesma noite, Úrsula teve uma visão que se realizou de modo estranho. Pareceu-lhe que seu leito estava no cemitério de Nemours e que a cova de seu tio se encontrava sob o leito. A pedra branca onde ela leu a inscrição tumular causou-lhe o mais violento pasmo ao abrir-se: como a capa oblonga dum álbum. Ela lançou gritos agudos, mas o espectro do doutor se ergueu lentamente. Viu, primeiro, a cabeça amarela e os cabelos brancos, que brilhavam cercados por uma espécie de auréola. Sob a fronte nua, os olhos eram como dois raios e ele se erguia como se fosse impelido por uma força superior. Úrsula tremia horripeladamente em seu invólucro corporal, sua carne parecia uma vestimenta escaldante e havia — disse ela mais tarde — como que uma outra Úrsula, que se agitava em seu interior. “Perdão, padrinho!”, disse ela. “Perdão!” “Agora é tarde”, disse ele com uma voz de morte, segundo a inexplicável expressão da pobre moça ao narrar aquele novo sonho ao padre Chaperon. “*Ele* foi avisado, *ele* não deu importância aos avisos. Os dias de seu filho estão contados. Se ele não tiver confessado tudo e tudo restituído

dentro de algum tempo, há de chorar seu filho, que sucumbirá em morte horrível e violenta. Que ele o saiba!” O espectro mostrou uma fila de caracteres que cintilaram na parede, como se fossem escritos a fogo e disse: “Eis sua sentença!”. Quando seu tio tornou a deitar-se no túmulo, Úrsula ouviu o ruído da pedra que caía e depois, ao longe, um barulho estranho de cavalos e de gritos de homem.

No dia seguinte, Úrsula sentiu-se sem forças. Não pôde levantar-se, tanto o sonho a havia abatido. Pediu à ama que fosse em seguida à casa do padre Chaperon e o trouxesse. O bom velho veio após ter rezado a missa. Mas não se surpreendeu com a narrativa de Úrsula; ele tinha a espoliação como certa e não procurava mais explicar a vida anormal de sua querida *sonhadorazinha*. Deixou prontamente Úrsula e correu à casa de Minoret.

— Meu Deus, senhor cura — disse Zélia ao padre —, o caráter de meu marido piorou, não sei o que ele tem. Até agora, era uma criança; mas, há dois meses, ficou irreconhecível. Para ter chegado até a bater-me, a mim que sou tão carinhosa, é preciso que este homem esteja completamente mudado. O senhor o encontrará nas rochas, ele passa a vida lá! Fazendo o quê?

Apesar do calor (estava-se, então, em setembro de 1836), o padre atravessou o canal e tomou um atalho ao perceber Minoret ao pé duma das rochas.

— Está muito atormentado, sr. Minoret — disse o padre, aparecendo ao culpado. — O senhor me pertence, porque sofre. Infelizmente, venho, sem dúvida, aumentar suas apreensões. Úrsula teve, esta noite, um sonho terrível. Seu tio ergueu a pedra do túmulo para profetizar desgraças em sua família. Certamente que não venho para amedrontá-lo; mas o senhor deve saber que se o que ele disse...

— Ora, senhor cura, será que não posso ficar tranquilo em parte alguma, nem mesmo sob estas rochas...? Não quero saber do que se passa no outro mundo.

— Então eu me retiro. Não fiz esta caminhada com este calor por prazer — disse o padre, enxugando a fronte.

— Pois bem, que há com o velho? — perguntou Minoret.

— O senhor está ameaçado de perder seu filho. Se ele contou coisas que só o senhor sabia, é de fazer tremer pelas coisas que não sabemos. Restitua, meu caro senhor, restitua! Não perca sua alma por um pouco de ouro.

— Mas restituir o quê?

— A fortuna que o doutor destinava a Úrsula. O senhor apoderou-se daquelas três inscrições, sei-o agora. O senhor começou por perseguir a pobre moça e acabou por oferecer-lhe uma fortuna; cai na mentira, perde-se em seus labirintos e dá passos em falso a todo momento. O senhor é inábil, foi mal servido por seu cúmplice Goupil, que se ri do senhor. Apresse-se, pois está sendo observado por pessoas inteligentes, perspicazes, pelos amigos de Úrsula. Restitua! E, se assim não salvar seu filho, que talvez não esteja ameaçado, salvará sua alma, salvará sua honra. Pensa que poderá ocultar uma fortuna mal adquirida numa sociedade constituída como a nossa, numa cidadezinha onde cada um tem os olhos sobre o próximo, onde tudo se descobre, quando não se sabe tudo? Vamos, meu caro filho, um homem inocente não me deixaria falar tanto.

— Vá para o diabo! — exclamou Minoret. — Não sei o que têm vocês *todos* comigo. Prefiro estas pedras. Elas me deixam em paz.

— Adeus! O senhor foi prevenido por mim, meu caro senhor, sem que a pobre menina nem eu tenhamos dito uma única palavra disso a

quem quer que seja. Mas tome cuidado...! Há um homem que tem olhos sobre o senhor. Deus tenha piedade do senhor!

O cura afastou-se. Alguns passos adiante, voltou-se para contemplar Minoret. Minoret estava com a cabeça entre as mãos, porque a cabeça o incomodava. Minoret estava um tanto enlouquecido. A princípio, guardara as três inscrições, não sabia o que fazer com elas, não ousava recebê-las pessoalmente, temia que o observassem. Não queria vendê-las e procurava um meio de transferi-las. Fazia, ele!, romances de negócios, cujo desfecho era sempre a transmissão das malditas inscrições. Nessa horrível situação, pensou, entretanto, em confessar tudo à mulher, a fim de obter um conselho. Zélia, que tão bem governara sua casa, saberia tirá-lo daquela difícil passagem. Os títulos de renda de três por cento estavam, então, a oitenta francos; devia, com os juros, restituir quase um milhão! Devolver um milhão, sem que haja contra nós uma única prova de que o tenhamos tirado? Não era nenhuma ninharia. Assim, Minoret ficou, durante o mês de setembro e uma parte do de outubro, entregue a seus remorsos e às suas irresoluções. Com grande espanto de toda a cidade, emagreceu.

XX – O DUELO

Uma terrível circunstância apressou a confidência que Minoret queria fazer a Zélia: a espada de Dâmocles agitou-se sobre suas cabeças. Em meados de outubro, o sr. e a sra. Minoret receberam de seu filho Desidério a seguinte carta:

Minha querida mãe, se não fui visitá-la desde que voltei das férias, foi porque, em primeiro lugar, eu estava de serviço, na ausência do senhor procurador do rei; depois, eu sabia que o sr. de Portenduère esperava minha ida a Nemours para provocar uma disputa comigo. Cansado talvez de ver sempre adiada uma vingança que ele quer tirar de nossa família, o visconde veio a Fontainebleau, onde havia combinado encontrar-se com um de seus amigos de Paris e depois de se haver assegurado o concurso do visconde de Soulanges, chefe do esquadrão de hussardos da nossa tropa. Ele se apresentou muito cortesmente em minha casa, acompanhado desses dois senhores, e disse-me que meu pai era, indubitavelmente, o autor das infames perseguições exercidas sobre Úrsula Mirouët, sua noiva; deu-me provas, citando as declarações de Goupil diante de testemunhas e a conduta de meu pai, que, inicialmente, se recusara a executar as promessas feitas a Goupil para recompensá-lo por suas pérfidas invenções e que, após ter-lhe fornecido dinheiro para negociar o cargo de meirinho em Nemours, havia, por medo, oferecido sua garantia ao sr. Dionis pelo preço de seu cartório e, finalmente, estabelecera Goupil.

O visconde, não podendo bater-se com um homem de sessenta e sete anos e querendo, de qualquer modo, vingar as injúrias feitas a Úrsula, exigiu-me formalmente uma reparação. Sua resolução, tomada e meditada no silêncio, é inabalável. Decidiu que se eu recusasse o duelo ele me encontraria num salão, diante das pessoas cuja estima eu mais aprecio, e me insultaria tão gravemente que, então, eu deveria bater-me ou minha carreira ficaria encerrada. Na França, um covarde é unanimemente repellido. Além disso, seus motivos para exigir uma reparação seriam explicados por homens honrados. Ele se declarou aborrecido por ter de chegar a tais extremos. Segundo suas testemunhas, o mais sensato para mim seria combinar um duelo, como costumam fazer as pessoas de brio, a fim de que a disputa não tivesse Úrsula Mirouët por motivo. Enfim, para evitar qualquer escândalo na França, poderíamos fazer, com nossas testemunhas, uma viagem à fronteira mais próxima. Arranjaremos, assim, as coisas da melhor maneira. Seu nome, disse ele, vale dez vezes a minha fortuna e sua felicidade futura lhe faz

arriscar mais do que a mim nesse encontro, que será mortal. Convidou-me a escolher minhas testemunhas e a decidir essas questões. Minhas testemunhas escolhidas reuniram-se, ontem, com as suas e concluíram, unanimemente, que eu devo uma reparação. Daqui a oito dias, portanto, partirei para Genebra com dois amigos. Os srs. de Portenduère, Soulanges e de Trailles irão de seu lado. Vamo-nos bater a pistola; todas as condições do duelo estão fixadas: cada um atirará três vezes; depois, aconteça o que acontecer, tudo estará acabado. Para evitar que se divulgue tão sórdido assunto, pois estou na impossibilidade de justificar a conduta de meu pai, escrevo-lhe no último momento. Não vou visitá-los devido às violências às quais se poderiam entregar e que não seriam convenientes. Para fazer meu caminho no mundo, devo seguir suas leis; e, onde um filho dum visconde tem dez razões para bater-se, o filho dum chefe de posta tem cem. Passarei à noite por Nemours e lhes darei adeus.

Lida a carta, houve entre Zélia e Minoret uma cena que terminou pela confissão do roubo, de todas as circunstâncias relacionadas com ele e dos estranhos fatos a que dera lugar em toda parte, mesmo no mundo dos sonhos. O milhão fascinou a Zélia, tanto quanto já havia fascinado a Minoret.

— Conserva-te tranquilo aqui — disse Zélia ao marido, sem fazer-lhe a mínima censura por suas tolices — e eu me encarrego de tudo. Ficaremos com o dinheiro e Desidério não se baterá.

A sra. Minoret pôs o xale e o chapéu, correu com a carta do filho à casa de Úrsula e a encontrou só, pois era quase meio-dia. Apesar de sua segurança, Zélia ficou impressionada com o olhar frio que a órfã lhe lançou; dominou, porém, por assim dizer, sua covardia e tomou uma atitude desembaraçada.

— Olhe, srta. Mirouët, faça-me o favor de ler esta carta e diga-me o que pensa dela — disse, entregando a Úrsula a carta do substituto.

Úrsula experimentou mil sentimentos contraditórios durante a leitura da carta, que lhe demonstrava o quanto era amada e o desvelo que tinha Saviniano pela honra daquela que seria sua esposa; era, porém, demasiado religiosa e bondosa para consentir em ser a causa da morte ou de sofrimentos de alguém, mesmo de seu mais cruel inimigo.

— Prometo-lhe impedir este duelo. Pode ficar descansada. Peça-lhe, porém, que me deixe esta carta.

— Vejamos, meu anjinho, não podemos fazer uma coisa melhor? Escute-me. Reunimos quarenta e oito mil libras de renda em torno do Rouvre, um verdadeiro castelo real; além disso, podemos dar a Desidério vinte e quatro mil libras de renda, o que faz setenta e dois mil francos por ano. Você convirá que não há muitos partidos que possam lutar com ele. Você é uma pequena ambiciosa, e tem razão — disse Zélia, percebendo o gesto de enérgica negação feito por Úrsula. — Venho pedir-lhe sua mão para Desidério; você levará o nome de seu padrinho, isso será uma forma de honrá-lo. Desidério, como você pôde ver, é um belo rapaz, muito bem-visto em Fontainebleau, e logo será procurador do rei. Você é habilidosa, fará com que ele vá para Paris. Em Paris, nós lhes daremos um belo palacete; você ali brilhará, representará um papel, pois com setenta e dois mil francos de renda e os vencimentos dum cargo, você e Desidério pertencerão à mais alta sociedade. Consulte seus amigos e verá o que eles dirão.

— Não preciso consultar mais que meu coração, senhora.

— Tá-tá-tá! Vai falar-me desse pequeno quebra corações que é Saviniano? Meu Deus! Você comprará bem caro seu nome, seu bigodinho revirado como gancho e seus cabelos negros. Apenas um belo aspirante! Você irá longe no casamento, com sete mil francos de

renda e um homem que fez cem mil francos de dívidas em dois anos em Paris. Além disso, você ainda não sabe nada dessas coisas, todos os homens são iguais, minha filha!, e, modéstia à parte, meu Desidério vale o mesmo que o filho dum rei.

— A senhora se esquece do perigo que corre o senhor seu filho neste momento e que não poderá ser evitado senão pelo desejo que tem o sr. de Portenduère de me ser agradável. Esse perigo seria irremediável se ele soubesse que a senhora me fez propostas infamantes... Fique sabendo que eu me sentirei mais feliz na medíocre posição a que alude do que na opulência com a qual me quer fascinar. Por certas razões ainda desconhecidas, mas que serão descobertas, o sr. Minoret fez ressaltar, ao perseguir-me odiosamente, a afeição que me une ao sr. de Portenduère e que pode ser confessada, pois sua mãe a abençoará, sem dúvida: devo dizer-lhe, pois, que essa afeição, permitida e legítima, é toda minha vida. Destino algum, por brilhante e elevado que seja, me fará mudar. Amo sem remissão nem mudança possível. Além disso, seria um crime, que eu teria de expiar, casar-me com um homem a quem eu levaria uma alma que pertence inteiramente a Saviniano. E agora, já que a senhora me obriga a isto, direi mais: mesmo que eu não amasse o sr. de Portenduère, não poderia resolver-me a carregar as penas e as alegrias da vida na companhia do senhor seu filho. Se o sr. Saviniano contraiu dívidas, a senhora pagou muitas vezes a do sr. Desidério. Nossos caracteres não têm essas similitudes nem essas diferenças que permitem viver juntos sem desgosto oculto. Provavelmente eu não teria com ele a tolerância que as mulheres devem ao esposo; e assim eu passaria a ser uma carga para ele. Deixe de pensar numa aliança da qual sou indigna e à qual eu posso recusar sem causar-lhe

o menor desgosto, pois não lhe será difícil, com tais vantagens, encontrar moças mais belas do que eu, numa condição superior à minha e mais ricas.

— Jura-me, minha pequena — disse Zélia —, que impedirá que os dois rapazes façam essa viagem e se batam?

— Prevejo que isso será o maior sacrifício que o sr. de Portenduère possa fazer por mim; mas minha grinalda de noiva não deve ser tomada por mãos ensanguentadas.

— Fico-lhe muito agradecida, prima, e desejo-lhe que seja feliz.

— E eu — disse Úrsula — faço votos para que a senhora possa realizar o belo futuro de seu filho.

Essa resposta atingiu o coração da mãe do substituto, a cuja memória voltaram as predições do último sonho de Úrsula; ela ficou de pé, com os olhos pequenos fitos no rosto de Úrsula, muito branca, muito pura e muito bela em seu vestido de meio-luto, pois Úrsula se levantara para despedir-se da improvisada prima.

— Acredita, então, em sonhos? — perguntou ela.

— Sofro muito com eles para não crer.

— Mas então... — disse Zélia.

— Adeus, minha senhora — disse Úrsula, que cumprimentou a sra. Minoret ao ouvir os passos do cura.

O padre Chaperon surpreendeu-se ao encontrar a sra. Minoret em casa de Úrsula. A inquietação estampada no rosto fino e desfigurado da antiga administradora da posta levou o padre, naturalmente, a observar, uma após outra, as duas mulheres.

— Acredita em esconjuros? — perguntou Zélia ao cura.

— Acredita em juros? — respondeu o padre, sorrindo.

“São uns finórios, todos eles”, pensou Zélia. “Querem *sutilizar-nos*. Esse velho padre, esse velho juiz de paz e esse travesso Saviniano estão combinados. Ela teve tantos sonhos quantos fios de cabelo eu tenho na palma da mão.”

Saiu, após duas reverências secas e breves.

— Sei por que Saviniano foi a Fontainebleau — disse Úrsula ao padre Chaperon, pondo-o a par do duelo e pedindo-lhe que empregasse sua influência para impedi-lo.

— E a sra. Minoret ofereceu-lhe a mão de seu filho? — perguntou o velho padre.

— Sim.

— Minoret provavelmente confessou o crime à mulher — acrescentou o cura.

O juiz de paz, que chegou naquele instante, foi informado do procedimento e da oferta de Zélia, cujo ódio contra Úrsula ele conhecia muito bem, e fitou o cura como que para dizer-lhe: “Vamos sair. Quero falar-lhe sobre Úrsula sem que ela nos ouça”.

— Saviniano saberá que recusaste oitenta mil francos de renda e a pérola de Nemours — disse ele.

— Então isso é um sacrifício? — replicou ela. — Há sacrifícios quando se ama verdadeiramente? Terei, afinal, algum mérito em recusar o filho dum homem que desprezamos? Que outros apresentem como virtudes suas repugnâncias; essa não deve ser a moral duma moça educada pelos Jordy, pelo padre Chaperon e por nosso querido doutor! — disse ela, contemplando o retrato.

Bongrand tomou a mão de Úrsula e beijou-a.

— Sabe que veio fazer a sra. Minoret? — perguntou o juiz de paz ao cura, quando já estavam na rua.

— Que é? — respondeu o padre, olhando para o juiz com uma expressão astuta, que parecia puramente curiosa.

— Ela queria fazer um negócio de restituição.

— Acredita...? — replicou o padre Chaperon.

— Não acredito, tenho certeza. Veja.

O juiz de paz mostrou Minoret, que vinha na direção deles, ao voltar de sua casa, pois, ao saírem da casa de Úrsula, os dois velhos amigos subiram a Grand'rue de Nemours.

— No exercício de minha profissão na Corte de Justiça, tenho, naturalmente, observado muitos remorsos. Mas nunca vi nada igual a isto! Que poderia ter dado essa flacidez, essa palidez àquelas faces cuja pele tensa como a dum tambor estava a estourar com essa forte saúde das pessoas despreocupadas? Que teria rodeado de preto esses olhos e amortecido sua vivacidade camponesa? Imaginou alguma vez que pudesse haver rugas sobre essa fronte e que o colosso viria a ter, algum dia, uma agitação no cérebro? Finalmente, ele sente o coração! Sou entendido em remorsos, como o senhor o é em arrependimentos, meu caro cura: os que observei até agora esperavam seu castigo ou iam sofrê-lo para se desobrigarem com a sociedade; estavam resignados ou respiravam vingança; este, porém, é o remorso sem expiação, o remorso puro, ávido de sua vítima e despedaçando-a.

— Ainda não sabe — perguntou o juiz de paz, detendo Minoret — que a srta. Mirouët acaba de recusar a mão de seu filho?

— Mas — disse o cura — fique tranquilo; ela impedirá o duelo dele com o sr. de Portenduère.

— Ah, minha mulher venceu! — disse Minoret. — Alegro-me com isto, pois já não vivia mais.

— O senhor está, na verdade, tão mudado que não parece mais o mesmo — disse o juiz.

Minoret olhava alternativamente para Bongrand e o cura, para saber se o padre cometera alguma indiscrição. Mas o padre Chaperon conservava tal imobilidade no rosto e uma calma tão triste, que serenou o culpado.

— E isso é tanto mais espantoso — continuou o juiz de paz — porque o senhor só tem razões para estar contente. Enfim, o senhor é o dono do Rouvre, reuniu a ele o Bordières, todas as suas herdades, os moinhos, os prados... O senhor tem cem mil francos de renda, incluindo o dinheiro a juros.

— Não tenho dinheiro a juros — disse, precipitadamente, Minoret.

— Ora! — exclamou o juiz de paz. — Olhe, essa história é como a do amor de seu filho por Úrsula, que ora a despreza, ora a pede em casamento. Após ter tentado matar Úrsula de desgosto, o senhor a quer para nora! Meu caro, o senhor tem alguma coisa escondida...

Minoret tentou responder; procurou palavras e não pôde achar mais que:

— O senhor é engraçado, senhor juiz de paz. Adeus, senhores.

Dobrou, a passos lentos, para a Rue des Bourgeois.

— Ele roubou a fortuna de nossa pobre Úrsula. Mas onde pescar as provas?

— Queira Deus...! — disse o cura.

— Deus nos fez adivinhar algo que esse homem já deixa transparecer — acrescentou o juiz de paz. — Mas chamamos a isso *presunções*, e a justiça humana exige alguma coisa mais.

O padre Chaperon guardou o silêncio do sacerdote. Como sucede em tal circunstância, ele pensava muito mais frequentemente do que desejava na espoliação quase confessada por Minoret e na felicidade de Saviniano, evidentemente retardada pela exígua fortuna de Úrsula, pois a velha fidalga reconhecia em segredo, com seu confessor, o quanto fizera mal em não consentir no casamento do filho enquanto o doutor estava vivo. No dia seguinte, ao descer do altar, após a missa, ocorreu-lhe uma ideia que adquiriu, em seu espírito, a força dum grito. Fez a Úrsula um sinal para que o esperasse e foi à casa dela sem ter almoçado.

— Minha filha — disse-lhe o cura —, quero ver os dois volumes onde seu padrinho dos sonhos diz ter posto as inscrições e o dinheiro.

Úrsula e o cura subiram à biblioteca e lá tomaram o terceiro volume das *Pandectas*. Ao abri-lo, o velho observou, não sem espanto, o sinal deixado por papéis sobre as folhas que, oferecendo menor resistência que a capa, conservavam ainda a marca das inscrições. Depois, no outro volume, percebeu a depressão produzida pela longa permanência dum maço de papéis no meio das duas páginas in-fólio.

— Suba, sr. Bongrand! — gritou a Bougival ao juiz de paz, que passava. Bongrand chegou precisamente no momento em que o cura punha os óculos para ler três números inscritos pela mão do falecido Minoret sobre o reforço do papel velino colorido, colocado interiormente pelo encadernador sobre a capa e que Úrsula acabava de descobrir.

— Que significa isto? Nosso caro doutor era demasiado bibliófilo para estragar o reforço duma encadernação — dizia o padre

Chaperon. — Eis três números inscritos entre um primeiro número precedido dum m e um outro número precedido dum u.

— Que está dizendo? — replicou Bongrand. — Deixe-me ver isso. Meu Deus! — exclamou o juiz de paz. — Isto não abriria os olhos a um ateu, demonstrando-lhe a Providência? A justiça humana, segundo creio, é o desenvolvimento dum pensamento divino que paira sobre os mundos! — Agarrou Úrsula e beijou-a na frente. — Oh, minha filha, serás rica, feliz, e por obra minha!

— Que tem o senhor? — perguntou o cura.

— Meu caro senhor — exclamou a Bougival, agarrando o juiz pela casaca azul. — Oh, deixe-me abraçá-lo pelo que acaba de dizer.

— Explique-se, para não nos causar uma falsa alegria — disse o cura.

— Se, para tornar-me rica, devo causar sofrimentos a alguém — disse Úrsula entrevendo um processo criminal —, eu...

— E pense — disse o juiz de paz, interrompendo Úrsula — na alegria que causará a nosso caro Saviniano.

— Mas o senhor está louco! — disse o cura.

— Não, meu caro cura — disse o juiz de paz —, escute. As inscrições nominais de renda têm tantas séries quantas letras há no alfabeto, e cada número leva a letra de sua série; mas as inscrições de renda ao portador não podem ter letras, pois não figuram no nome de ninguém; assim, isto que o senhor está vendo prova que, no dia em que o bom velho colocou seu capital em títulos do Estado, ele tomou nota do número de sua inscrição de quinze mil libras de renda, que leva a letra m (Minoret), dos números sem letras de três inscrições ao portador e da de Úrsula Mirouët, cujo número é 23.534 e que segue, como vê, imediatamente o da inscrição de quinze mil

francos. Esta coincidência prova que estes números são os de cinco inscrições adquiridas no mesmo dia e anotadas pelo bom velho para o caso de perdê-las. Eu o aconselhara a empregar o dinheiro de Úrsula em inscrições ao portador e ele certamente colocou seu capital, o que destinava a Úrsula e o que pertencia à pupila, no mesmo dia. Vou ao cartório de Dionis consultar o inventário; e, se o número da inscrição que deixou em seu nome for 23.533, letra m, ficaremos certos de que ele colocou, por intermédio do mesmo agente de câmbio, no mesmo dia: *primo*, seu capital numa única inscrição; *secundo*, suas economias em três inscrições ao portador, numeradas, sem letra de série; *tertio*, o capital de sua pupila. O livro das transferências oferecerá provas irrecusáveis disso. Ah, Minoret, o fingido, eu te pego...! Bico calado, meus filhos!

O juiz de paz deixou o cura, a Bougival e Úrsula entregues a uma profunda admiração pelos caminhos pelos quais Deus conduzia a inocência ao triunfo.

— O dedo de Deus está nisto — exclamou o padre Chaperon.

— Irão fazer-lhe algum mal? — perguntou Úrsula.

— Ah, senhorita — exclamou a Bougival —, eu daria uma corda para enforcá-lo.

O juiz de paz já estava no cartório de Goupil, sucessor designado de Dionis, e entrava no escritório com um ar de completa indiferença.

— Tenho um pequeno esclarecimento a tomar sobre a herança Minoret — disse a Goupil.

— Que é? — perguntou-lhe Goupil.

— O velho deixou uma ou várias inscrições de renda a três por cento?

— Deixou quinze mil libras de renda a três por cento — disse Goupil —, numa única inscrição. Eu mesmo a inventariei.

— Então consulte o inventário — disse o juiz.

Goupil tomou uma pasta, remexeu-a, tirou a minuta, procurou, achou e leu:

— *Item*, uma inscrição... Aqui está, leia... sob o número 23.533, letra m.

— Faça-me o favor de fornecer-me um extrato deste artigo do inventário daqui a uma hora. Ficarei esperando.

— De que poderá servir-lhe isto? — perguntou Goupil.

— Quer ser tabelião? — replicou o juiz de paz, fitando com severidade o sucessor designado de Dionis.

— Creio que sim! — exclamou Goupil. — Aguentei muita coisa para que um dia me chamassem de tabelião. Peço-lhe que acredite, senhor juiz de paz, que o miserável primeiro amanuense chamado Goupil nada tem de comum com João Sebastião Maria Goupil, tabelião de Nemours, esposo da srta. Massin. Esses dois seres não se conhecem nem mesmo se assemelham mais! Não está vendo?

O sr. Bongrand reparou, então, no traje de Goupil, que usava uma gravata branca, uma camisa resplandecente de alvura, adornada de botões de rubi, um colete de veludo encarnado, calças e uma boa casaca em belo tecido preto, feitas em Paris. Calçava lindas botinas. Os cabelos, puxados para trás e cuidadosamente penteados, cheiravam bem. Parecia, enfim, ter sido metamorfoseado.

— A verdade é que você é outro homem — disse Bongrand.

— No moral como no físico! A sensatez vem com o *cartório*; e, por outro lado, a fortuna é a base do asseio...

— No moral como no físico — disse o juiz de paz, ajeitando os óculos.

— Então, um homem de cem mil escudos de renda pode ser um democrata? Considere-me, portanto, um homem honesto, que sabe ser delicado, e disposto a amar a esposa — acrescentou, ao ver entrar a sra. Goupil. — Estou tão mudado — disse — que encontro muito espírito em minha prima Crémère, instruo-a; também sua filha não fala mais em pistões. Ontem, finalmente, repare!, ela disse, do cão do sr. Saviniano, que ele é um formidável *sentenciado*. Pois bem, não saí a repetir essa expressão, por mais bela que seja, e expliquei-lhe a diferença que existe entre *proferir uma sentença, ser sentencioso e ser sentenciado*. Assim, como o senhor vê, sou inteiramente outro homem, e impediria um cliente de fazer uma *sujeira*.

— Aprese-se, então — disse Bongrand. — Faça com que eu tenha isso numa hora, e o tabelião Goupil terá reparado algumas das maldades do primeiro amanuense.

Após ter pedido ao médico de Nemours que lhe emprestasse o cavalo e o cabriolé, o juiz de paz foi buscar os dois volumes acusadores e a inscrição de Úrsula e, munido do extrato do inventário, correu a Fontainebleau, à casa do procurador do rei. Bongrand demonstrou facilmente a subtração das três inscrições, feita por algum herdeiro e, subsequentemente, a culpabilidade de Minoret.

— Explica-se sua conduta — disse o procurador do rei.

Logo depois, por medida de prudência, o magistrado minutou para o Tesouro um impedimento à transferência das três inscrições, encarregou o juiz de paz de ir procurar a quota de renda das mesmas e de saber se tinham sido vendidas. Enquanto o juiz de paz

trabalhava em Paris, o procurador do rei escreveu polidamente à sra. Minoret, pedindo-lhe que passasse pela Corte de Justiça. Zélia, inquieta com o duelo do filho, preparou-se, fez atrelar os cavalos à sua carruagem e dirigiu-se *in fiocchi* [138] a Fontainebleau. O plano do procurador do rei era simples e formidável. Separando a esposa do marido, ele iria descobrir a verdade graças ao terror que inspira a Justiça. Zélia encontrou o magistrado em seu gabinete e ficou completamente fulminada por essas palavras ditas sem rodeio:

— Senhora, não a creio cúmplice duma subtração feita na herança Minoret e na pista da qual a Justiça se encontra neste momento; mas a senhora pode poupar a seu marido o comparecimento ao tribunal, pela confissão completa do que a senhora sabe. O castigo em que incorrerá seu marido não é, além disso, a única coisa a temer; é preciso evitar a destituição de seu filho e não lhe cortar a carreira. Dentro de alguns momentos, já será tarde. A polícia está com o pé no estribo e a ordem de prisão vai partir para Nemours.

Zélia sentiu-se mal. Quando recobrou os sentidos, confessou tudo. Após ter demonstrado facilmente à mulher que ela era cúmplice, o magistrado disse-lhe que, para não causar a perda do filho e do marido, ia agir com prudência.

— A senhora está tratando com o homem, e não com o magistrado — disse ele. — Não foi apresentada queixa pela vítima nem houve publicidade do roubo; mas seu marido cometeu crimes horríveis, que são da alçada dum tribunal menos indulgente do que eu. No estado em que o caso se encontra, a senhora será obrigada a ficar presa... Oh, em minha casa, e sob palavra — acrescentou ele, ao ver Zélia prestes a desmaiar. — Lembre-se de que meu dever rigoroso seria requerer uma ordem de prisão e instaurar um processo; mas, neste

momento, ajo como tutor da srta. Úrsula Mirouët, e a defesa de seus interesses exige uma transação.

— Ah! — disse Zélia.

— Escreva a seu marido estas palavras...

Ditou a seguinte carta a Zélia, a quem fez sentar-se em sua escrivaninha:

Meu caro, estô preza e contei tudo. Manda as escrições que noço tio deixou para o senhor de Portenduère, in vertude do testamento que tu quemaste, proque o senhor purcurador do rei mandou um impedimento para o Tesoro.

— Assim a senhora lhe poupará negações que o perderiam — disse o magistrado sorrindo da ortografia. — Vamos tratar de fazer convenientemente a restituição. Minha mulher procurará tornar sua permanência em minha casa o menos desagradável possível e aconselho-a a não dizer uma palavra sobre isso e a não parecer aflita.

Uma vez confessada e encarcerada a mãe de seu substituto, o magistrado mandou chamar Desidério, contou-lhe, ponto por ponto, o roubo cometido por seu pai, ocultamente em prejuízo de Úrsula e abertamente em prejuízo de seus co-herdeiros, e mostrou-lhe a carta escrita por Zélia. Desidério pediu para ir a Nemours a fim de fazer o pai realizar a restituição.

— Tudo isto é grave — disse o magistrado. — Tendo sido destruído o testamento, se a coisa vier a público, os herdeiros Massin e Crémère, seus parentes, poderão intervir. Tenho, agora, provas suficientes contra seu pai. Devolvo-lhe sua mãe, a quem esta pequena cerimônia edificou suficientemente sobre seus deveres. Fingirei, diante dela, que a libertei para atender às suas súplicas. Vá a Nemours com ela e resolva todas essas dificuldades. Não tema nada

de ninguém. O sr. Bongrand estima muito a srta. Mirouët para que possa cometer indiscrições.

Zélia e Desidério partiram imediatamente para Nemours. Três horas após a partida de seu substituto, o procurador do rei recebeu, por um próprio, a seguinte carta, cuja ortografia foi corrigida a fim de não escarnecer dum homem ferido pelo infortúnio:

ao sr. procurador do rei
junto ao tribunal de fontainebleau

Senhor,

Deus não foi tão indulgente como o senhor para conosco e fomos atingidos por uma desgraça irreparável. Quando o carro chegou à ponte de Nemours, uma correia se desprendeu. Minha mulher não levava criado atrás da carruagem; os cavalos sentiam o cheiro da estrebaria; meu filho, temendo sua impaciência, não quis que o cocheiro abandonasse seu lugar e desceu para prender a correia. No momento em que ele se voltava para para subir para junto da mãe, os cavalos dispararam. Desidério não se agarrou a tempo ao parapeito e o estribo lhe bateu nas pernas; ele caiu e a roda traseira passou sobre o seu corpo. O próprio que corre a Paris para chamar os melhores cirurgiões fará chegar às suas mãos esta carta, que meu filho, no meio de suas dores, me pediu que eu lhe escrevesse a fim de comunicar-lhe nossa completa submissão às suas decisões na questão que o trazia à casa.

Até meu último alento serei grato pela maneira pela qual o senhor procede e justificarei sua confiança.

francisco minoret

Esse cruel acontecimento abalava a cidade de Nemours. A multidão agitada, no portão da casa Minoret, mostrou a Saviniano que a sua vingança fora exercida por alguém mais poderoso do que ele. O

fidalgo foi imediatamente à casa de Úrsula, onde o cura e a moça experimentavam mais terror do que surpresa. No dia seguinte, após os primeiros cuidados, quando os médicos e os cirurgiões de Paris deram sua opinião, que foi unânime, sobre a necessidade de cortar as duas pernas, Minoret foi, abatido, pálido, desfeito, acompanhado do cura, à casa de Úrsula, onde se encontravam Bongrand e Saviniano.

— Senhorita — disse-lhe ele —, sou muito culpado para consigo; mas, se todos os meus erros não são completamente reparáveis, há um que posso expiar. Minha mulher e eu fizemos a promessa de dar-lhe nossa propriedade do Rouvre no caso de conservarmos nosso filho, bem como no de sofrermos a horrível desgraça de perdê-lo.

O homem desfez-se em lágrimas ao terminar a frase.

— Asseguro-te, minha querida Úrsula — disse o cura —, que podes e deves aceitar uma parte dessa doação.

— Perdoa-nos? — perguntou humildemente o colosso, ajoelhando-se diante da moça espantada. — Dentro de algumas horas, a operação vai ser praticada pelo principal cirurgião do hospital; mas não confio na ciência humana, creio na onipotência de Deus! Se a senhorita nos perdoar, se pedir a Deus que conserve nosso filho, ele terá forças para suportar esse suplício, e, estou certo, teremos a felicidade de conservá-lo.

— Vamos todos à igreja — disse Úrsula, levantando-se.

Uma vez de pé, ela deu um grito agudo, caiu sobre uma poltrona e desmaiou. Quando recuperou os sentidos, percebeu os amigos — menos Minoret, que se precipitara para a rua, a fim de chamar um médico —, todos, com os olhos fixos nela, inquietos, esperando uma frase. Essa frase pôs um arrepio em todos os corações.

— Vi meu padrinho à porta — disse ela — e ele me fez um sinal de que não havia nenhuma esperança.

No dia seguinte ao da operação, Desidério morreu, com efeito, vitimado pela febre e pela revulsão dos humores que sucede a essas operações. A sra. Minoret, cujo coração não encerrava outro sentimento além do da maternidade, enlouqueceu após o enterro do filho e foi conduzida pelo marido para a casa de saúde do dr. Blanche,[\[139\]](#) onde morreu em 1841.

Três meses após esses acontecimentos, em janeiro de 1837, Úrsula casou-se com Saviniano, com o consentimento da sra. de Portenduère. Minoret interveio no contrato, para dar à srta. Mirouët suas terras do Rouvre e vinte e quatro mil francos de renda em títulos, não guardando para si, de sua fortuna, mais que a casa do tio e seis mil francos de renda. Tornou-se o homem mais caridoso e mais piedoso de Nemours; é fabriqueiro da paróquia e se constituiu em providência dos necessitados.

— Os pobres substituíram meu filho — diz ele.

Se já observastes à beira dos caminhos, nas zonas onde se poda o carvalho, alguma velha árvore embranquecida e como que fulminada, ainda lançando rebentos, com os flancos abertos e implorando o machado, tereis uma ideia do velho chefe da posta, encanecido, alquebrado, magro, em que os antigos da região não encontram nada do imbecil feliz que vistes esperando o filho no início desta história; já não se serve do rapé da mesma maneira, carrega alguma coisa mais que o corpo. Sente-se, enfim, nas menores coisas, que o dedo de Deus se abateu sobre aquela figura para torná-lo um terrível exemplo. Após ter odiado tanto a pupila de seu tio, o

ancião, como o dr. Minoret, concentrou de tal forma suas afeições sobre Úrsula que se fez administrador de seus bens em Nemours.

O sr. e a sra. de Portenduère passam cinco meses por ano em Paris, onde compraram, no Faubourg Saint-Germain, um magnífico palacete. Após ter doado sua casa de Nemours às irmãs de caridade para ali instalar uma escola gratuita, a sra. de Portenduère mãe foi morar no Rouvre, onde a Bougival é chefe dos empregados. O pai de Cabirolle, o antigo condutor da Ducler, homem de sessenta anos, desposou a Bougival, que possui mil e duzentos francos de renda, além do excelente ordenado de seu posto. Cabirolle filho é cocheiro do sr. de Portenduère.

Quando virdes passar pelos Champs-Élysées uma dessas encantadoras carruagenzinhas baixas chamadas “caracóis”, forrada de seda gredelém, com ornatos azuis, e admirardes nela uma linda mulher loura, com o rosto envolto pelos anéis dos cabelos como que por uma folhagem, com olhos semelhantes a pervincas, brilhantes e cheios de amor, levemente apoiada a um belo rapaz, se fordes picado por um desejo cheio de inveja, ficai sabendo que esse belo casal amado por Deus pagou adiantadamente sua quota de infortúnios da vida. Esses dois amantes-casados são, realmente, o visconde de Portenduère e sua mulher. Não há dois pares iguais em Paris.

— É a mais encantadora felicidade que já vi — dizia deles, recentemente, a sra. condessa de l’Estorade.[\[140\]](#)

Abençoi, pois, essas felizes crianças em vez de invejá-las e procurai uma *Úrsula Mirouët*, uma moça educada por três velhos e pela melhor das mães: a adversidade.

Goupil, que presta serviços a toda a gente e é considerado, com toda a justiça, o homem mais espirituoso de Nemours, goza da

estima de sua cidadezinha; foi, porém, punido nos filhos, que são horríveis, raquíticos, hidrocéfalos. Dionis, seu predecessor, brilha na Câmara dos Deputados, da qual é um dos mais belos ornamentos, com grande satisfação do rei dos franceses, que encontra a sra. Dionis em todos os seus bailes. A sra. Dionis conta a toda a cidade de Nemours as particularidades de suas recepções nas Tuileries e as grandezas da Corte do rei dos franceses: reina em Nemours por intermédio do rei, que, na verdade, está se tornando muito popular.

Bongrand é presidente do tribunal de Melun; seu filho está em caminho de tornar-se um honesto procurador-geral.

A sra. Crémère continua a dizer as mais belas coisas do mundo. Acrescenta um *g* a tambor, porque sua pena escapa. Na véspera do casamento de sua filha, disse-lhe, concluindo suas instruções, que a mulher devia ser a *chenille ouvrière* [141] da casa e ter para tudo uns *yeux de sphinx*. [142]

Goupil está organizando uma coletânea dos disparates de sua prima, um *Cremierana*.

— Tivemos o desgosto de perder o bom padre Chaperon — disse, neste inverno, a sra. viscondessa de Portenduère, que cuidara dele durante a enfermidade. — Todo o distrito compareceu ao enterro. Nemours teve sorte, pois o sucessor desse santo homem é o venerável cura de Saint-Lange. [143]

Paris, junho-julho de 1841

**EUGÊNIA
GRANDET**

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

Para a grande maioria dos contemporâneos, *Eugênia Grandet* (em francês: *Eugénie Grandet*) era o primeiro grande romance de Balzac. Dos que saíram anteriormente, *A Bretanha em 1799* tinha os defeitos de uma obra de estreia; *Fisiologia do casamento* não era propriamente um romance e alcançara um sucesso principalmente de escândalo; *A pele de onagro* não fora devidamente apreciado por desorientar os leitores com uma insólita mistura de fantástico e de real; *O médico rural* desagradou a muitos pela fragilidade do enredo e excesso de proselitismo político. *Eugênia Grandet*, porém, conquistou de chofre a todos.

Balzac escreveu esse livro admirável num dos raros momentos felizes de sua vida, entre seu primeiro e segundo encontro com a condessa Hanska. Após uma troca de correspondência envolta em mistério, esta revelou sua identidade ao romancista em Lausanne, onde os dois juraram um ao outro fidelidade eterna; poucos meses depois, em Genebra, ela se tornaria sua amante. Foi, portanto, na atmosfera embriagadora de seu próprio romance que Balzac realizou esta sua obra, a qual, naturalmente, devia ser antes de tudo um romance de amor. “É preciso amar”, escreve à condessa, “minha Eva,

minha querida, para se escrever o amor de Eugênia Grandet, amor puro, imenso, orgulhoso.”

A paixão de uma moça da província, escondida no fundo do coração e tanto mais forte quanto mais recalcada, era assunto digno de Balzac, e naquela época ainda tinha o encanto da novidade. “Encontram-se”, esclarece o próprio autor no prefácio da primeira edição não reproduzida nas seguintes, “no fundo da província cabeças dignas de estudo sério, caracteres cheios de originalidade, existências tumultuosas; porém as asperezas mais salientes dos caracteres, as exaltações mais apaixonadas acabam por se extinguir ali, na constante monotonia dos costumes. Nenhum poeta tentou descrever os fenômenos dessa vida que se escoa apagando-se cada vez mais.”

Fora essa a primeira ideia do escritor: um retrato de Eugênia Grandet no primeiro plano de um quadro de interior, *à maneira dos pintores holandeses*. Mas, como frequentemente acontece, no decorrer da composição a obra se transformou entre as suas mãos pelo desenvolvimento violento e progressivo de outra personagem que se lhe impunha e acabou por ocupar o primeiro plano: o velho Grandet, uma das grandes figuras de avarento da literatura universal.

Eugênia e seu pai são os primeiros da galeria de grandes protagonistas criados por Balzac. As personagens que as rodeiam são desenhadas com menor número de traços, porém não menos incisivos: a sra. Grandet, a grande Nanon e os membros dos dois clãs rivais que disputam a mão da rica herdeira. O primo de Eugênia possuiu menos consistência, mas também o seu papel se reduz a duas aparições que valem apenas pelas consequências. Uma das

grandes páginas do livro, ainda não devidamente apreciada, é aquela em que se relata a “educação sentimental” de Carlos entre essas duas aparições. Encontra-se, finalmente, nesse romance uma das famosas descrições de Balzac, a da casa de Grandet, que tão admiravelmente condiz com o caráter de seu dono.

O romance alcançou êxito excepcional. Até os adversários de Balzac admitiram tratar-se de uma obra-prima que muito lembrava os grandes modelos clássicos. Aliás, eles se serviram, mais tarde, desse livro para deprimir os méritos dos outros e acusá-los de decadentes. O romancista acabou por se aborrecer quando ouvia elogios a esse livro. “Ora, deixem-me. Os que me chamam de *pai de Eugênia Grandet* querem-me diminuir; é, decerto, uma obra-prima, mas uma obra-prima pequena; eles evitam citar as grandes.”

A crítica séria contemporânea do autor fez poucas ressalvas, e quase todas elas concerniam às proporções algo irreais da fortuna de que Balzac dotava o pai Grandet, que, afinal, era apenas um pequeno comerciante de vinhos. Segundo Sainte-Beuve, para *Eugênia Grandet* se tornar realmente uma obra-prima, bastariam “alguns cortes nos lugares oportunos, a redução de algumas descrições e a diminuição, no fim, da fortuna do velho Grandet e dos milhões que ele movimenta na liquidação dos negócios do irmão”.

O romancista, sempre preocupado com a verossimilhança dos pormenores materiais de seus romances, reduziu efetivamente a fortuna do velho Grandet, como é fácil verificar-se pelo cotejo das edições sucessivas. Fê-lo menos para agradar a Sainte-Beuve, a quem considerava seu maior inimigo, do que para atender às críticas de sua amiga Zulma Carraud e de sua própria irmã, as quais, nesse ponto, coincidem com as do autor das *Segundas-feiras*. “Há muitos milhões

em Eugênia Grandet?”, escreverá à irmã. “Mas, tolinha, uma vez que a história é verdadeira, queres que eu faça melhor que a verdade? Ignoras como o dinheiro cresce nas mãos dos avaros. Enfim, se tua gritaria é justa, hei de, nas edições novas, justificar ainda mais os algarismos ou reduzi-los.”

Merece destaque especial, nesse trecho, a alegação de Balzac de que se trata de uma história verdadeira. Essa alegação é confirmada por trechos do prefácio já citado e do posfácio (só constante das duas primeiras edições), onde o romancista comenta desta maneira o fim de sua história: “Tal desfecho necessariamente engana a curiosidade. Talvez seja esse o caso de todos os desfechos verdadeiros... Essa história é a tradução imperfeita de algumas páginas esquecidas pelos copistas no grande livro do mundo. Aqui, não há invenção alguma”. Não é de admirar que vários pesquisadores se tivessem dado o trabalho de procurar na história local de Saumur os vestígios de personagens identificáveis com as do romance; seus resultados, no entanto, são inconcludentes.

Parece ter chegado a resultado mais apreciável o balzaquista P. G. Castex, o qual encontrou entre os conhecidos do próprio escritor nada menos de sete personagens que poderiam ter contribuído, cada qual com alguns traços, para o retrato de Grandet. Para fundamentar a sua tese, esse erudito recorda oportunamente um trecho do Prefácio de *O gabinete das antiguidades*, em que Balzac mostrava como apanhara elementos desse romance em diversos episódios da realidade. “Esta deve ser a maneira de proceder de um historiador de costumes”, concluía o escritor; “sua tarefa consiste em fundir os fatos análogos num único quadro; não é seu dever dar antes o espírito do que a letra dos fatos que sintetiza?”

Baseada ou não em dados verídicos, a história da família Grandet possui, sem dúvida, a verdade intrínseca que se costuma pedir às grandes obras da arte, e é o que importa. Talvez por ser um dos poucos romances de Balzac que podem ser entregues a qualquer leitor, *Eugênia Grandet* continua a ser até hoje um dos seus livros mais lidos e, portanto, dos mais comentados.

Desde Taine — que faz leves censuras ao caráter de Eugênia, sobretudo ao tom excessivamente literário da carta que esta escreve ao primo —, quase todos os comentários concordam em dar o primeiro lugar a Grandet. Poucos acham, como F. Guiraud e A. V. Pierre, que “é a pálida e fria figura dessa moça [Eugênia] que domina todas as outras personagens, inclusive a do pai Grandet, e dá ao livro sua verdadeira significação”. Frequentemente se compara Grandet aos outros avaros famosos da literatura mundial, sobretudo ao Harpagon de Molière, concluindo-se que este último, com tudo o que tenha de real, é um tipo abstrato e sintético ao lado de Grandet, individual, vivo e singularizado, apesar de alguns traços típicos.

Há porém opiniões opostas, embora poucas. Benedetto Croce julga que Grandet “se retoriciza” num tipo fixo e sua avareza se transforma em loucura deixando de ser humana. Ainda mais longe foi André Gide. Após uma releitura de *Eugênia Grandet* — que devorou quando adolescente —, acha que “o estilo é dos mais medíocres, os caracteres são descritos sumariamente, a mais não poder, os diálogos, convencionais e frequentemente inadmissíveis, ou mecanicamente motivados pelos caracteres”. Concebe-se que essas naturezas monolíticas desagradem a Gide, cuja preferência vai para os romances mais complexos e turvos, como as *Memórias de duas jovens esposas* ou *Esplendores e misérias das cortesãs*.

No entanto, essas duas vozes até hoje ficam bastante isoladas. *Eugênia Grandet* — que teve entre seus tradutores um Dostoiévski e que Georges Moore julgou igual às obras de Shakespeare (“É Eugênia Grandet inferior a Desdêmona? E seu pai, inferior a Shylock?”) — continua a suscitar novas admirações. Depois de tantas vezes lido e comentado, o romance ainda reserva surpresas, conforme mostrou Alain, assinalando no velho Grandet “uma fonte de ternura comovedora” e a sobrevivência de sua alma em certos atos e gestos de Eugênia depois da morte do pai.

Herbert J. Hunt resume assim, em *Balzac’s Comédie Humaine* (1964) as qualidades do romance: “O livro goza de popularidade universal, como uma das obras-primas mais características de Balzac. Tem estrutura impecável: oferece um exemplo excelente da arte da preparação, graças à qual descrições e ações incidentes cuidadosamente elaboradas vêm sendo coordenadas, enquanto a ação principal não é desencadeada. Ao mesmo tempo ilustra bem a arte de desenrolar uma história, porque a conclusão realiza a feliz mistura de subjetivismo e de objetivismo, de simpatia e desligamento sardônico de Balzac em seus melhores momentos. Todo Balzac está presente nesta obra: o devedor acuado, a quem experiências amargas persuadiram da importância suprema do dinheiro e da luta para consegui-lo; o discípulo de Gall e Cuvier, resolvido a descobrir, ou a inventar, uma harmonia íntima entre os mundos físico e espiritual; o psicólogo que encontrou, na teoria de vontades em ação e vontades em conflito, uma receita eficaz de ‘tipização’; o observador de olhar agudo de pessoas humildes, que soube fazer uma criatura memorável da criada Nanon, rude e escravizada, mas sensível e corajosa; o escritor sentimental que, apesar de tudo, atribui superioridade,

embora não vitória temporal, ao amor abnegado e à submissão; e mesmo o buscador iluminista, ainda que discreto, de uma ‘criatura transitória entre o homem e o anjo’, cujos elementos o romancista encontra na própria Eugênia. Essa busca pode resultar em insipidez e às vezes resulta em suas heroínas; Eugênia, porém, fica quase isenta desse defeito, devido à utilização da hereditariedade e do ambiente para estabelecer o equilíbrio”.

paulo rónai

EUGÊNIA GRANDET

a maria[\[144\]](#).

Que o nome daquela cujo retrato é o mais belo ornamento desta obra fique aqui como um ramo de buxo bento, colhido não se sabe onde, mas certamente santificado pela religião e conservado sempre fresco, sempre verde, por mãos piedosas, para proteger o lar.

de balzac

I – FISIONOMIAS BURGUESAS

Há em certas cidades do interior casas cuja aparência inspira uma melancolia igual à que nos causam os claustros mais sombrios, as charnecas mais solitárias, as ruínas mais lúgubres. Guardam elas, talvez, ao mesmo tempo, o silêncio dos claustros, a aridez das charnecas e a desolação das ruínas. Nelas a vida e o movimento são tão tranquilos que um estranho as julgaria desabitadas se não encontrasse, de súbito, o olhar amortecido e frio de uma pessoa

imóvel, cujo rosto meio monástico assoma à janela ao ruído de um passo desconhecido.

Esses princípios de melancolia existem na fisionomia de uma casa situada em Saumur, no fim da rua acidentada que leva ao castelo, na parte alta da cidade. Essa rua, atualmente pouco movimentada, quente no verão, fria no inverno, escura em alguns trechos, distingue-se pela sonoridade de sua calçada empedrada, sempre limpa e seca, pela estreiteza de seu leito sinuoso, pela paz que reina em suas casas, que pertencem à cidade velha e dominam as muralhas.

Ali, habitações três vezes seculares ainda se conservam sólidas, embora construídas de madeira, e a variedade de seus aspectos contribui à originalidade que recomenda essa parte de Saumur à atenção dos antiquários e dos artistas. É difícil passar por essas casas sem admirar as enormes vigas de extremidades talhadas em figuras bizarras que rematam com um baixo-relevo negro o pavimento térreo da maior parte delas.

Aqui, veem-se pedaços transversais de madeira coberta de ardósia, que desenham linhas azuis sobre as frágeis paredes de uma casa terminada por um teto de barrotes a prumo que os anos fizeram vergar e cujas ripas apodrecidas se entortaram sob a ação alternada da chuva e do sol. Ali, aparecem janelas com os peitoris gastos, enegrecidos, cujas delicadas esculturas são apenas visíveis, e que parecem muito fracos para o vaso de argila fosca onde vicejam os craveiros ou as roseiras de uma pobre operária. Mais além, são as portas reforçadas com pregos enormes, onde o gênio de nossos antepassados traçou hieróglifos domésticos cujo sentido jamais se decifrará. Ora um protestante a proclamar sua fé, ora um coligado a

amaldiçoar Henrique iv. [145] Algum burguês ali gravou as insígnias de sua *nobreza de campanário*, a glória de seu esquecido prestígio. A história da França está inteira ali. Ao lado da casa vacilante de abas toscas onde o carpinteiro celebrizou sua plaina, ergue-se o palacete de um fidalgo onde, sobre o amplo arco de pedra da entrada, ainda se notam alguns vestígios de suas armas, apagadas pelas diversas revoluções que desde 1789 têm agitado o país.

Nessa rua, os pavimentos térreos, ocupados pelo comércio, não são realmente lojas nem armazéns: os amantes das coisas da Idade Média ali encontrariam a *ouvrouère* [146] de nossos antepassados em toda a sua ingênua simplicidade. Essas salas baixas, que não têm montras nem vitrinas nem vidraças, são profundas, escuras, sem ornatos externos nem internos. As portas se compõem de duas peças inteiriças, grosseiramente guarnecidas de ferro. A superior abre-se para dentro e a inferior vai e vem constantemente, fazendo soar uma campainha de molas. O ar e a luz penetram nessa espécie de antro úmido pela abertura superior da porta ou por um espaço existente entre a abóbada e o pequeno muro da altura de um peitoril, no qual se encaixam sólidos tampos de madeira que são retirados pela manhã e recolocados e mantidos à noite por trancas de ferro presas a cavilhas. Esse muro serve para expor as mercadorias. Ali não há charlatanismo nenhum. Conforme a natureza do comércio, os mostruários consistem em duas ou três tinas cheias de sal e bacalhau, alguns fardos de lona, cordame, latão suspenso às vigas do teto, arcos ao longo das paredes ou peças de fazenda sobre as prateleiras.

Entraí. Uma rapariga asseada, radiante de mocidade, com um grande lenço branco ao pescoço, de braços vermelhos, interrompe

seu tricô, chama o pai ou a mãe, que aparece e nos vende o que quiserdes, fleumática, complacente, arrogante, segundo seu temperamento, desde dois *sous* [147] até vinte mil francos de mercadorias.

Vereis um comerciante de madeiras sentado à porta a girar os polegares enquanto conversa com um vizinho. Sua aparência é a de quem não possui mais que algumas tábuas de má qualidade e duas ou três pilhas de sarrafos. Mas, na realidade, seu armazém abarrotado, no cais, abastece todos os tanoeiros do Anjou. Ele sabe, sem erro de uma só aduela, quantos tonéis serão necessários se a colheita for boa. Uma estiagem o enriquece, uma chuvarada o arruína. Numa única manhã, os barris sobem a onze francos ou caem a seis.

Nessa região, como na Touraine, as variações atmosféricas governam a vida comercial. Vinhateiros, proprietários, madeireiros, toneleiros, hoteleiros, barqueiros, vivem todos à espreita de um raio de sol. Vão para a cama receando que possa cair geada durante a noite. Temem a chuva, o vento, a seca, e desejam água, calor e nuvens, segundo sua fantasia. Há um duelo constante entre o céu e os interesses terrestres. O barômetro entristece, desanuvia, alegra alternativamente as fisionomias. De uma extremidade a outra dessa rua, a antiga Grand'rue de Saumur, correm de porta em porta expressões como esta: “Eis um tempo de ouro”. Ao que os vizinhos respondem: “Está chovendo dinheiro!”. Todos sabem o que representa para eles um pouco de sol ou uma chuva oportuna.

No sábado, por volta de meio-dia, quando faz bom tempo, não conseguireis comprar um *sou* de mercadorias nas casas desses bons

industriais. Todos têm sua vinha, sua quinta, e vão passar dois dias no campo.

Ali, tudo sendo previsto, a compra, a venda e o lucro, os comerciantes dispõem de dez horas em doze para se dedicar a brincadeiras, observações, comentários, espionagens contínuas. Uma dona de casa não pode comprar uma perdiz sem que, depois, os vizinhos perguntem ao marido se estava saborosa. Uma rapariga não mete a cabeça na janela sem ser vista por todos os grupos desocupados. Assim, as consciências ali estão à vista da mesma forma que essas casas impenetráveis, escuras e silenciosas não têm mistérios. Passa-se grande parte da vida ao ar livre: os casais sentam-se à porta e ali almoçam, jantam e discutem. Ninguém passa pela rua sem ser objeto de estudo. Outrora, quando um estranho chegava a uma cidade do interior, era ridicularizado de porta em porta. Daí as boas anedotas, daí o epíteto de *copiosos* [148] dado aos habitantes de Angers, que eram inexcedíveis nesses gracejos urbanos.

Os antigos palacetes da cidade velha estão situados no alto dessa rua, outrora habitada pelos fidalgos da região. A casa impregnada de melancolia onde se passaram os fatos desta história era precisamente uma dessas habitações, vestígios veneráveis de um século em que as coisas e os homens tinham esse caráter de simplicidade que os costumes franceses vão perdendo dia a dia. Após terdes acompanhado as sinuosidades dessa rua pitoresca, onde os mínimos detalhes acordam recordações e cujo conjunto tende a mergulhar numa espécie de fantasia maquinal, vereis um desvão escuro ao centro do qual se esconde a porta *la maison à Monsieur Grandet*.

[149] É impossível compreender o valor desta expressão provinciana sem conhecer a biografia do sr. Grandet.

O sr. Grandet desfrutava, em Saumur, uma reputação cujas causas e efeitos não podem ser compreendidos por quem não tenha vivido algum tempo no interior. Grandet, que algumas pessoas antigas, cada vez mais raras, chamavam “pai Grandet”, era, em 1789, um próspero mestre-tanoeiro que sabia ler, escrever e contar. Quando a República francesa pôs à venda, em Saumur, os bens do clero, o tanoeiro, que então contava quarenta anos, acabava de desposar a filha de um rico comerciante de madeiras. Grandet dirigiu-se, então, munido de sua fortuna pessoal e do dote, num total de dois mil luíses de ouro, ao distrito, e ali, mediante uns dez mil francos oferecidos por seu sogro ao austero republicano que fiscalizava a venda dos bens nacionais, obteve, por uma ninharia, legalmente, embora não legitimamente, os mais belos vinhedos das redondezas, uma velha abadia e algumas herdades. Como os habitantes de Saumur eram pouco revolucionários, o pai Grandet passou a seus olhos por um homem ousado, republicano, patriota, por um espírito aberto às ideias novas, quando, na verdade, era aberto apenas às vinhas. Foi nomeado, então, membro da administração de Saumur e sua influência pacífica ali se fez sentir política e comercialmente. Politicamente, protegeu os partidários do antigo regime e impediu, com todo seu poder, a venda dos bens dos emigrados. Comercialmente, forneceu aos exércitos republicanos um ou dois mil barris de vinho branco, recebendo em pagamento magníficos prados pertencentes a uma comunidade de mulheres e que haviam sido reservados para vender em último lugar. Sob o Consulado, bom Grandet tornou-se prefeito, administrou sabiamente

e vindimou melhor ainda. Sob o Império, voltou a ser o sr. Grandet. Napoleão não gostava dos republicanos e substituiu o sr. Grandet, que constava ter usado o barrete vermelho, por um grande proprietário gentil-homem, um futuro barão do Império. Grandet abandonou as honrarias municipais sem o mínimo pesar. Havia construído, no interesse da cidade, excelentes estradas que iam ter às suas propriedades. Sua casa e suas terras, lotadas vantajosamente, pagavam impostos baixos. Depois da classificação das suas diversas quintas, suas vinhas, graças a constantes cuidados, se haviam tornado a *cabeça* da região, termo técnico em uso para indicar os parreirais que produziam os melhores vinhos. Grandet podia ter pedido, então, a cruz da Legião de Honra.

Isto ocorreu em 1806. Grandet tinha, nessa ocasião, cinquenta e sete anos, e sua mulher cerca de trinta e seis. Havia uma filha única, de dez anos, fruto de seus amores legítimos. Grandet, a quem a Providência quis, sem dúvida, consolar de sua desventura administrativa, herdou sucessivamente, durante aquele ano, da sra. Gaudinière, em solteira Bertellière, mãe da sra. Grandet; depois, do velho La Bertellière, pai da falecida; e ainda da sra. Gentillet, sua avó materna. Três heranças cuja importância ficou ignorada de todos. A avareza daqueles velhos era tão apaixonada que havia muito tempo vinham amontoando o dinheiro para poderem admirá-lo secretamente. O velho Bertellière considerava o emprego de capital um desperdício e via maior vantagem no prazer de contemplar o ouro do que nos juros que poderia render. A população de Saumur calculava o valor das economias segundo os rendimentos dos bens visíveis. Grandet obteve, então, um novo título de nobreza, que nossa mania de igualdade jamais extinguirá: tornou-se o *maior*

contribuinte do lugar. Cultivava cem jeiras de vinha que, nos anos férteis, lhe davam setecentos a oitocentos barris de vinho. Possuía treze herdades, uma velha abadia, da qual, por economia, havia murado as janelas e as ogivas, os vitrais, o que os conservou; e cento e vinte e sete jeiras de prados onde cresciam e engrossavam três mil olmos plantados em 1793. Enfim, a casa de moradia lhe pertencia. Tal era a sua fortuna visível. Quanto a seus capitais, duas únicas pessoas podiam vagamente presumir-lhes a extensão: um era Cruchot, tabelião, encarregado de colocar a juros o dinheiro de Grandet; o outro, Grassins, o mais rico banqueiro de Saumur, de cujos lucros o vinhateiro participava secretamente. Embora o velho Cruchot e o sr. des Grassins possuíssem essa profunda discrição que gera, na província, a confiança e a fortuna, tamanho era o respeito que testemunhavam publicamente a Grandet que os curiosos podiam avaliar o vulto dos capitais do antigo prefeito pela obsequiosa consideração de que era alvo.

Não havia, em Saumur, uma única pessoa que não estivesse persuadida de que Grandet possuía um tesouro particular, um esconderijo abarrotado de luíses, e de que se entregava, durante a noite, às inefáveis delícias que proporciona a visão de um grande montão de ouro. Os aventos ficavam convencidos disso ao observar os olhos do velho, aos quais o metal parecia ter comunicado uma cor amarelada. O olhar de um homem acostumado a auferir de seus capitais um lucro enorme contrai forçosamente, como o do voluptuoso, do jogador ou do cortesão, certos hábitos indefiníveis, movimentos furtivos, ávidos, misteriosos, que não escapam aos colegas. Essa linguagem secreta constitui, de certo modo, a franco-maçonaria das paixões.

Grandet inspirava, pois, a estima respeitosa que merecia um homem que jamais devia nada a alguém; que, antigo tanoeiro, antigo vinhateiro, adivinhava com a precisão de um astrônomo quando devia fabricar para sua safra mil pipas ou somente quinhentas; que não perdia uma única oportunidade, tinha sempre tonéis para vender quando estes valiam mais do que o vinho, podia armazenar sua produção nos celeiros e esperar o momento de vender o barril a duzentos francos enquanto os pequenos proprietários negociavam os seus a cem. Sua famosa safra de 1811, sabiamente retida, lentamente vendida, lhe havia rendido mais de duzentos e quarenta mil libras.

Financeiramente falando, Grandet tinha algo do tigre e da serpente: sabia ocultar-se, agachar-se, observar demoradamente a presa e saltar-lhe em cima. Depois, abria a goela de sua bolsa, metia por ela uma carga de escudos e se deitava tranquilamente, como a serpente que digere, impassível, fria, metódica. Ninguém o via passar sem experimentar um sentimento de admiração mesclado de respeito e terror. Haveria alguém, em Saumur, que já não houvesse sentido o contato polido de suas garras de aço? A um, o tabelião Cruchot havia fornecido o dinheiro necessário à compra de uma propriedade, porém, a onze por cento. A outro, o banqueiro Grassins havia descontado uma letra, mas cobrando-lhe juros terríveis. Poucos dias se passavam sem que o nome de Grandet não fosse pronunciado, quer na praça, quer nas palestras da tarde na cidade. Para alguns, a fortuna do velho vinhateiro era motivo de orgulho patriótico. Assim, mais de um negociante, mais de um hoteleiro dizia aos forasteiros, com um particular contentamento:

— Temos aqui dois ou três milionários. Mas, quanto ao sr. Grandet, nem ele mesmo conhece sua fortuna!

Em 1816, os mais hábeis calculistas de Saumur avaliavam os bens territoriais do velho em cerca de quatro milhões. Como, porém, ele devia ter ganho, de 1793 a 1817, cem mil francos anuais em média, com suas propriedades presumia-se que possuía em dinheiro uma soma quase igual ao valor de seus bens imóveis. Por isso, quando, em alguma partida de cartas ou em palestras sobre vinhas, se falava em Grandet, os mais autorizados diziam:

— O velho Grandet...? Deve ter cinco ou seis milhões.

— Vocês são mais espertos do que eu, que ainda não pude calcular o valor exato — diziam Cruchot ou Grassins quando ouviam tais comentários.

Se algum parisiense falava dos Rothschilds ou de Laffittes,[\[150\]](#) os moradores de Saumur perguntavam se eram tão ricos como Grandet. E se o parisiense lhes lançava, sorrindo, uma afirmação desdenhosa, eles se entreolhavam sacudindo a cabeça com ar de incredulidade.

Tamanha fortuna cobria com um manto de ouro todas as ações daquele homem. Se, no início, algumas particularidades de sua vida deram lugar ao ridículo e à zombaria, a zombaria e o ridículo já se haviam dissipado. Nos menores atos, Grandet tinha em seu favor a autoridade da coisa aceita. Sua palavra, seu vestuário, seus gestos, seu modo de piscar constituíam lei na região, onde qualquer um, após havê-lo estudado como um naturalista estuda os efeitos do instinto entre os animais, teria reconhecido a profunda e silenciosa sabedoria de seus menores movimentos.

— O inverno será rigoroso — dizia-se. — O pai Grandet pôs luvas forradas: é preciso vindimar.

— O pai Grandet comprou muitas aduelas. Haverá vinho este ano.

Grandet jamais comprava carne ou pão. Seus rendeiros lhe traziam, todas as semanas, uma provisão suficiente de capões, frangos, ovos, manteiga e trigo em grão. Possuía um moinho cujo locatário, a título de pagamento, levava de sua casa o trigo em grão e trazia de volta a farinha e o farelo. A grande Nanon, sua única empregada, embora já não fosse jovem, amassava todos os sábados o pão da casa. Grandet combinara com os hortelões, seus locatários, que eles lhe fornecessem legumes. Quanto às frutas, recebia-as em tal quantidade que mandava vender grande parte delas no mercado. A lenha era cortada de sebes e árvores apodrecidas que arrancava de seus campos, e os agregados a levavam à cidade já serrada e a arrumavam no depósito por simples amabilidade, recebendo em troca seus agradecimentos. Suas únicas despesas conhecidas eram o pão bento, o vestuário da mulher e da filha e o pagamento de suas cadeiras na igreja, a luz, o ordenado da grande Nanon, a soldagem das panelas, o pagamento dos tributos, as reparações das construções e os gastos próprios da indústria. Tinha seiscentas jeiras de mato, recentemente compradas, que eram fiscalizadas por um vizinho, a quem prometera uma indenização. Somente depois dessa compra ele começou a comer caça.

Suas maneiras eram muito simples. Falava pouco. Geralmente, exprimia suas ideias por pequenas frases sentenciosas e pronunciadas com uma voz suave. Após a Revolução, época na qual atraíra a atenção pública, o velho gaguejava de uma forma fatigante sempre que tinha de falar demoradamente ou sustentar uma discussão. Essa gagueira, a incoerência das palavras, a torrente de frases em que afogava o pensamento, a aparente falta de lógica, atribuídas à sua pouca educação, eram simuladas e serão facilmente

explicadas por algumas passagens desta história. Aliás, quatro frases, exatas como fórmulas algébricas, serviam-lhe habitualmente para abranger e resolver todas as dificuldades da vida e do comércio: “Não sei, não posso, não quero, vamos ver”. Jamais dizia *sim* ou *não* e nunca escrevia. Se lhe falavam, escutava friamente, segurava o queixo com a mão direita apoiando o cotovelo direito no dorso da mão esquerda, e formava sobre todos os negócios uma opinião de que não recuava mais. Refletia demoradamente sobre as menores transações. Quando, após uma sábia palestra, o adversário lhe havia confiado o segredo de suas pretensões, na certeza de o ter conquistado, ele respondia: “Não posso resolver nada sem consultar minha mulher”. A mulher, que ele reduzira a uma servidão completa, era, nos negócios, seu biombo mais cômodo.

Grandet não visitava ninguém, não gostava de receber nem oferecer jantares. Jamais fazia ruído e parecia economizar tudo, até mesmo os movimentos. Não perturbava nada na casa dos outros por um constante respeito da propriedade. Apesar disso, da suavidade da voz e da atitude circunspecta, a linguagem e os hábitos do tanoeiro imperavam, mesmo quando se encontrava em casa, onde se moderava menos que em qualquer outro lugar.

Fisicamente, Grandet era um homem de cinco pés de altura, atarracado, com panturrilhas de doze polegadas de circunferência, rótulas nodosas e largas espáduas. Rosto redondo, moreno, marcado de varíola. Queixo reto, lábios sem uma única sinuosidade, dentes brancos. Os olhos possuíam a expressão calma e devoradora que o povo atribui ao basilisco.[\[151\]](#) Na fronte cheia de rugas transversais, havia protuberâncias significativas. Seus cabelos, amarelados e grisalhos, se compunham de prata e ouro — diziam alguns jovens que

ignoravam a gravidade de uma brincadeira à custa do sr. Grandet. O nariz, de extremidade grossa, sustentava um lobinho riscado de veias e que o vulgo, não sem razão, dizia cheio de astúcia.

Tal rosto traduzia uma sutileza perigosa, uma proibidade sem entusiasmo, o egoísmo de um homem habituado a concentrar seus sentimentos nos prazeres da avareza e na única criatura que realmente representava alguma coisa para ele, sua filha Eugênia, sua única herdeira. Atitude, gestos, andar, tudo nele, por outro lado, atestava essa confiança em si próprio resultante do hábito de vencer sempre nos empreendimentos. Assim, embora de costumes simples e pacatos, Grandet tinha um caráter de bronze. Sempre vestido da mesma maneira, quem o visse hoje o veria tal como era desde 1791. Seus pesados sapatos eram amarrados com tiras de couro. Usava sempre meias tecidas de lã, culotes curtos de grossa fazenda marrom com fivelas de prata, um colete de veludo com listras amarelas e pardas, trespessado, uma longa sobrecasaca marrom de grandes abas, uma gravata preta e um chapéu de quacre.

Suas luvas, grossas como as dos guardas, duravam vinte meses e, para conservá-las limpas, ele as colocava sobre a borda do chapéu, no mesmo lugar, com um gesto metódico. Saumur não sabia mais nada sobre tal personagem.

Somente seis habitantes tinham o direito de ir à sua casa. O mais notável dos três primeiros era o sobrinho do sr. Cruchot. Desde sua nomeação para presidente do Tribunal de Primeira Instância de Saumur, esse jovem tinha acrescentado ao nome de Cruchot o de Bonfons e esforçava-se por fazer prevalecer Bonfons sobre Cruchot. E já se assinava C. de Bonfons. O querelante desavisado que o chamasse “sr. Cruchot” logo percebia, durante a audiência, ter

cometido uma falta. O magistrado protegia os que o chamavam “senhor presidente”, mas favorecia com seus mais amáveis sorrisos os bajuladores que o tratavam por “sr. de Bonfons”. O presidente tinha trinta e três anos de idade, possuía o domínio de Bonfons (*Boni Fontis*),^[152] que representava sete mil francos de renda. Esperava a herança do tio tabelião e a do tio, o padre Cruchot, dignitário do capítulo de Saint-Martin de Tours, ambos considerados muito ricos. Esses três Cruchot, apoiados por um grande número de primos, aliados e vinte famílias da cidade, formavam um partido, como outrora os Médicis em Florença. E, como os Médicis, os Cruchot tinham seus Pazzi.^[153] A sra. des Grassins, mãe de um rapaz de vinte e três anos, ia muito assiduamente jogar cartas com a sra. Grandet, na esperança de casar seu querido Adolfo com a srta. Eugênia. Des Grassins, o banqueiro, favorecia de maneira ponderável as manobras da esposa, por meio de serviços secretos prestados ao velho avaro, e chegava sempre a tempo ao campo de batalha. Esses três Grassins tinham igualmente seus partidários, seus primos, seus aliados fiéis.

Do lado dos Cruchot, o padre, o Talleyrand^[154] da família, bem amparado pelo irmão tabelião, disputava arduamente o terreno ao financista e procurava reservar a rica herança para o seu sobrinho presidente. Esse combate secreto entre os Cruchot e os Des Grassins, cujo preço era a mão de Eugênia Grandet, preocupava apaixonadamente as diversas sociedades de Saumur. Desposaria a rica herdeira o senhor presidente ou o sr. Adolfo des Grassins? A essa pergunta uns respondiam que Grandet não daria sua filha nem a um nem a outro. O antigo tanoeiro, roído pela ambição, procurava para genro, dizia-se, algum par de França,^[155] a quem trezentos mil

francos de renda fariam aceitar todos os tonéis passados, presentes e futuros dos Grandet. Outros replicavam que os Des Grassins eram nobres, muito ricos, e que Adolfo era um perfeito cavalheiro. Assim, a menos que houvesse um sobrinho do papa à sua disposição, uma aliança tão conveniente devia satisfazer aquela gente saída do nada, a um homem que toda Saumur tinha visto com a enxada na mão e que, além disso, havia usado o barrete vermelho. Os mais argutos observaram que o sr. Cruchot de Bonfons encontrava as portas da casa abertas a qualquer hora, enquanto seu rival não era recebido senão nos domingos. Uns afirmavam que a sra. des Grassins, mais ligada às mulheres da casa Grandet que os Cruchot, podia inculcá-lhes certas ideias que, mais cedo ou mais tarde, lhe dariam a vitória. Outros replicavam que o padre Cruchot era o homem mais insinuante do mundo e que, mulher contra padre, as forças eram iguais.

— Estão empatados — dizia um espirituoso de Saumur.

Os antigos da região, mais bem informados a respeito, pretendiam que os Grandet eram demasiado prudentes para que deixassem os bens sair da família, e que a srta. Eugênia Grandet, de Saumur, se casaria com o filho do sr. Grandet de Paris, rico atacadista de vinhos. A isso respondiam os cruchotistas e os grassinistas:

— Em primeiro lugar, os dois irmãos não se viram duas vezes nesses últimos trinta anos. E, depois, o sr. Grandet de Paris tem altas pretensões para o filho. É administrador municipal de um distrito, deputado, coronel da Guarda Nacional, juiz do Tribunal do Comércio. Renega os Grandet de Saumur e pretende aliar-se a alguma família ducal por graça de Napoleão.

Que não se diria de uma herdeira de quem se falava numa extensão de vinte léguas de raio e até nos veículos públicos desde Angers até Blois inclusive!

No começo de 1818, os cruchotistas obtiveram uma nítida vantagem sobre os grassinistas. A propriedade de Froidfond, notável por seu parque, seu admirável castelo, suas herdades, rios, açudes e florestas e avaliada em três milhões, foi posta à venda pelo jovem marquês de Froidfond, obrigado a apurar seus capitais. O tabelião Cruchot, o presidente Cruchot e o padre Cruchot, apoiados por seus partidários, conseguiram impedir a venda parcelada. O tabelião convenceu o jovem proprietário de que teria de enfrentar demandas sem conta com os diversos compradores antes que pudesse receber o valor dos lotes. Seria melhor, assim, vender ao sr. Grandet, homem abastado e capaz, além disso, de fazer o pagamento à vista. O belo marquesado de Froidfond foi, então, comboiado para o esôfago do sr. Grandet que, ante o grande espanto de Saumur, o pagou à vista, com os respectivos descontos, após as formalidades da transação. Esse negócio repercutiu em Nantes e Orléans.

Aproveitando um carro que voltava para lá, Grandet foi visitar seu castelo. E após ter lançado sobre a propriedade o olhar do dono, voltou para Saumur, certo de ter empregado bem seu dinheiro e radiante com o magnífico pensamento de arredondar o marquesado de Froidfond reunindo ali todos os seus bens. Depois, para encher de novo seu tesouro quase vazio, resolveu derrubar os bosques, as florestas e explorar os olmos dos prados.

É fácil, agora, compreender todo o valor desta expressão: *la maison à M. Grandet*, essa casa sem brilho, fria, silenciosa, situada no alto da cidade e abrigada pelas ruínas das muralhas.

Os dois pilares e a abóbada que formavam a porta de entrada haviam sido construídos, como a casa, de tufo, pedra branca existente no litoral do Loire e cuja duração média é de apenas duzentos anos.

Os buracos irregulares e numerosos que as intempéries haviam bizarramente produzido davam ao arco e às ombreiras da entrada a aparência das pedras vermiculadas da arquitetura francesa e alguma semelhança com o pórtico de uma masmorra. Acima do arco havia um baixo-relevo de pedra dura esculpida, representando as quatro estações, figuras já gastas e enegrecidas. Esse baixo-relevo era encimado por um ponto saliente, sobre o qual cresciam várias dessas vegetações espontâneas, parietárias amarelas, trepadeiras, convolvuláceas, tanchagens e uma cerejeira já bastante alta.

A porta, de carvalho maciço, parda, ressequida, rachada por toda parte, frágil na aparência, era solidamente presa por um sistema de cavilhas que representavam desenhos simétricos. Uma grade quadrada, pequena mas de barras unidas e enferrujadas, ocupava o meio do postigo e servia, por assim dizer, de motivo a uma aldrava presa por uma argola e que batia à cabeça gasta de um grande prego. Essa aldrava, de forma oval e do tipo que nossos antepassados denominavam martelo, assemelhava-se a um grande ponto de exclamação. Examinando-a com atenção, um antiquário teria descoberto alguns traços da figura essencialmente grotesca que representava outrora e que o uso prolongado apagara.

Pela pequena grade, destinada a reconhecer os amigos na época das guerras civis, os curiosos podiam perceber, no fundo de um arco escuro e esverdeado, alguns degraus gastos, pelos quais se subia a um jardim pitorescamente rodeado de muros espessos, úmidos,

cobertos de limo e tufo de arbustos raquíticos. Esses muros faziam parte da muralha sobre a qual se elevavam os jardins de algumas casas vizinhas. No pavimento térreo da casa, a peça mais importante era uma *sala* cuja porta se achava sob o arco da entrada dos carros. Poucas pessoas conhecem a importância de uma sala nas pequenas cidades do Anjou, da Touraine e do Berry. A sala é, ao mesmo tempo, antessala, salão, gabinete, toucador, sala de refeições. É o teatro da vida doméstica, o domicílio comum. Ali, o cabeleireiro ia, duas vezes por ano, cortar o cabelo do sr. Grandet. Ali entravam os agregados, o cura, o subprefeito, o rapaz do moinho. Essa peça, com duas janelas abertas para a rua, era assoalhada. Almofadas cinzentas de madeira, em molduras antigas, a forravam de alto a baixo. O forro era atravessado por vigas igualmente cinzentas, e os espaços entre elas eram cobertos de cal que havia amarelecido.

Uma velha pêndula de cobre, incrustada de arabescos de tartaruga, ornamentava a cobertura da lareira, em pedra branca, mal esculpida, sobre a qual havia um espelho esverdinhado cujas bordas, talhadas em bisel para mostrar a espessura, refletiam um raio de luz ao longo de um tremó gótico em aço embutido de prata. Os dois candelabros de cobre dourado que decoravam os lados da lareira prestavam-se a dois fins: retiradas as rosas que serviam de arandelas e cujo ramo principal se adaptava ao pedestal de mármore azulado adornado de cobre velho, esse pedestal constituía um castiçal para os dias comuns.

As cadeiras, de forma antiga, tinham os estofos pintados representando as fábulas de La Fontaine. Mas era preciso sabê-lo para reconhecer ali esses motivos, de tal modo as cores desbotadas e os desenhos crivados de cerzidos eram pouco visíveis. Nos quatro

ângulos dessa sala viam-se armários terminados por prateleiras engorduradas. Uma velha mesa de jogo de marchetaria, desenhando um tabuleiro de xadrez, estava colocada no espaço entre as duas janelas. Sobre essa mesa havia um barômetro oval, emoldurado de preto, enfeitado com cintas de madeira dourada, onde as moscas se haviam divertido com tamanha liberdade que o dourado constituía agora um verdadeiro enigma.

Sobre a parede oposta à lareira, dois retratos a pastel pretendiam representar o avô da sra. Grandet, o velho sr. Bertellière, fardado de tenente da guarda francesa, e a falecida sra. Gentillet, com traje de camponesa. As duas janelas eram guarnecidas de cortinas de seda vermelha encorpada, realçadas por cordões terminados em borla. Essa luxuosa decoração, que tão pouco se harmonizava com os hábitos de Grandet, fora incluída na compra da casa, bem como o tremó, a pêndula, o mobiliário estofado e os armários de canto, de pau-rosa.

Na janela mais próxima da porta havia uma cadeira de palha com os pés montados sobre calços, a fim de manter a sra. Grandet a uma altura que lhe permitisse ver os transeuntes. Uma mesinha de costura de cerejeira desbotada enchia o vão da janela e ao lado dela ficava a pequena cadeira de Eugênia.

Durante quinze anos, todos os dias da mãe e da filha haviam decorrido placidamente naquele lugar, em constante trabalho, desde abril até novembro. No dia 1º desse último mês elas se transferiam para junto da lareira, a fim de passar o inverno. Somente nesse dia Grandet permitia que se acendesse o fogo na sala. E o fazia apagar a 31 de março, indiferente ao frio dos primeiros dias da primavera e do outono. Um fogareiro, mantido com as brasas que a grande Nanon

tirava sorrateiramente da cozinha, ajudava a sra. e a srta. Grandet a suportar as manhãs ou as noites mais frescas de abril e de outubro.

Mãe e filha encarregavam-se de toda a roupa da casa e empregavam tão conscienciosamente seus dias nesse verdadeiro trabalho de operárias que quando Eugênia queria bordar uma gargantilha para a mãe, era obrigada a roubar algumas horas de sono, enganando o pai para conseguir luz. Havia muito tempo que o avarento distribuía a vela à filha e à grande Nanon do mesmo modo que distribuía pela manhã o pão e os gêneros necessários ao consumo diário.

A grande Nanon era, talvez, a única criatura humana capaz de suportar o despotismo do patrão. Toda a cidade cobiçava arrebatá-la do casal Grandet. A grande Nanon, assim chamada devido à sua elevada estatura de cinco pés e oito polegadas, pertencia a Grandet havia trinta e cinco anos. Embora ganhasse apenas sessenta libras de ordenado, passava por ser uma das empregadas mais ricas de Saumur. Essas sessenta libras, acumuladas durante trinta e cinco anos, lhe haviam permitido colocar recentemente quatro mil francos a juros com o tabelião Cruchot. O resultado das longas e persistentes economias da grande Nanon foi considerado gigantesco. Qualquer empregada, ao ver assegurado o pão dos dias de velhice da pobre sexagenária, a invejava, sem pensar na dura servidão pela qual ele fora adquirido.

Aos vinte e dois anos, a pobre moça não havia conseguido empregar-se em casa de ninguém. Esse sentimento, na realidade, era completamente injusto: seu rosto teria sido muito admirado sobre as espáduas de um granadeiro da guarda. Mas, como se diz, cada coisa tem seu lugar. Obrigada a abandonar uma herdade incendiada onde

cuidava das vacas, foi para Saumur à procura de serviço, animada dessa robusta coragem que a nada se recusa. Grandet pensava então em casar-se e já estava tratando de montar casa. Deparou com aquela rapariga, rejeitada de porta em porta. Conhecedor, como tanoeiro, da força corporal, percebeu a vantagem que se poderia tirar de uma criatura fêmea com um talhe de Hércules, sólida sobre os pés como um carvalho de sessenta anos sobre suas raízes, forte de ancas, dorso quadrado, mãos de carreteiro e uma probidade vigorosa como a sua intata virtude. Nem as verrugas que ornavam aquele rosto marcial, nem a tez cor de tijolo, nem os braços musculosos, nem os andrajos de Nanon espantaram o tanoeiro, que se encontrava ainda na idade em que o coração palpita. Vestiu, calçou e alimentou a pobre moça, deu-lhe um ordenado e a empregou sem maltratá-la muito.

Vendo-se assim acolhida, a grande Nanon chorou secretamente de alegria e se afeiçãoou sinceramente ao tanoeiro, que, por sua vez, a explorou feudalmente. Nanon fazia tudo: cozinhava, preparava as barreias, ia ao Loire lavar a roupa e a carregava sobre os ombros. Levantava-se cedo e deitava-se tarde. Servia a comida aos vindimadores por ocasião das colheitas e fiscalizava os fornecedores. Defendia, como um cão fiel, os bens do patrão. Enfim, cheia de uma cega confiança nele, obedecia sem queixa às suas fantasias mais extravagantes.

Por ocasião do famoso ano de 1811, cuja safra custou trabalhos inauditos, após vinte anos de serviço, Grandet resolveu dar a Nanon seu relógio velho, o único presente que ela recebeu do patrão. Embora este lhe desse seus sapatos velhos (ela podia calçá-los), é impossível considerar como um presente o recebimento trimestral

dos sapatos de Grandet, tão gastos estavam. A necessidade tornou a pobre moça tão avarenta que Grandet terminou por amá-la como se ama a um cão, e Nanon deixou que lhe colocassem no pescoço uma coleira cheia de pontas, cujas picadas não a feriam mais.

Se Grandet cortava o pão com um pouco mais de economia, ela não se queixava. Participava alegremente das vantagens higiênicas que proporcionava o severo regime da casa, onde ninguém jamais adoecia.

Assim, Nanon acabou fazendo parte da família: ria quando Grandet se alegrava, entristecia-se, enregelava-se, aquecia-se, trabalhava com ele. Quantas doces compensações havia nessa igualdade! Jamais o patrão a havia censurado pelos pêssegos e ameixas que comia nas árvores.

— Anda, regala-te, Nanon! — dizia-lhe nos anos em que os galhos vergavam tanto ao peso das frutas que os agregados se viam obrigados a dá-las aos porcos.

Para uma moça do campo que na juventude jamais havia recebido senão maus-tratos, para uma indigente recolhida por caridade, o riso equívoco do velho Grandet era um verdadeiro raio de sol. Por outra parte, tendo o coração simples, o cérebro acanhado de Nanon não podia conter mais que um sentimento e uma ideia. Decorridos trinta anos, ela se via ainda chegando diante da oficina do sr. Grandet, com os pés nus, em andrajos, e ouvia ainda o tanoeiro perguntar: “Que queres, minha pequena?”. E sua gratidão permanecia sempre nova. Algumas vezes, Grandet, pensando em que essa pobre criatura jamais ouvira a menor palavra de elogio, que ignorava todos os doces sentimentos que a mulher inspira e podia comparecer um dia diante

de Deus mais casta que a própria Virgem Maria, Grandet, arrebatado pela compaixão, dizia fitando-a:

— Essa pobre Nanon!

Sua exclamação era sempre seguida de um olhar indefinível que a velha criada lhe lançava. Essa frase, pronunciada de vez em quando, formava, havia muito tempo, uma corrente de amizade não interrompida e à qual cada nova exclamação acrescentava um elo. Essa compaixão, instalada no coração de Grandet e recebida com imenso agrado pela solteirona, tinha qualquer coisa de horrível. A atroz compaixão de avarento, que acordava mil prazeres no coração do antigo tanoeiro, era para Nanon seu quinhão de felicidade. Quem não diria, aliás: “Pobre Nanon!”. Deus reconhecerá seus anjos pelas inflexões da voz de seus misteriosos lamentos.

Havia em Saumur muitas famílias em que os criados eram mais bem tratados, sem que os patrões fossem mais bem servidos. Daí essa outra frase: “Que fazem os Grandet à sua grande Nanon para que ela lhes seja tão afeiçoada? Ela se deixaria queimar por eles!”. Sua cozinha, cujas janelas gradeadas davam para o pátio, estava sempre em ordem, limpa, fria, verdadeira cozinha de avarento, onde nada se devia perder. Após ter lavado a louça, guardado os restos do jantar, apagado o fogo, Nanon deixava a cozinha, separada da sala por um corredor, e ia fiar o cânhamo junto das patroas. Uma única vela bastava à família para a noite. A empregada dormia ao fundo do corredor, num recanto mal iluminado por um olho-de-boi. Sua robusta saúde permitia-lhe habitar impunemente aquela espécie de buraco, de onde podia ouvir o menor ruído graças ao silêncio profundo que reinava noite e dia na casa. Como um cão de guarda, devia dormir apenas com um ouvido e descansar vigiando.

A descrição dos outros compartimentos da casa se achará ligada aos acontecimentos desta história. Mas o aspecto da sala, onde luzia todo o luxo da casa, permite suspeitar de antemão da pobreza dos pavimentos superiores.

Em meados de novembro de 1819, ao cair da noite, a grande Nanon acendeu o fogo pela primeira vez. O outono tinha sido muito brando. Era um dia de festa muito conhecido dos cruchotistas e dos grassinistas. Por isso, os seis antagonistas preparavam-se para, armados de todos os recursos, se encontrar na sala e se exceder em provas de amizade. Pela manhã, toda Saumur havia visto a sra. e srta. Grandet, acompanhadas de Nanon, dirigindo-se à igreja paroquial para ouvir missa, e todos se recordaram de que era o dia do aniversário natalício da srta. Eugênia. Assim, calculando a hora em que o jantar devia terminar, o tabelião Cruchot, o padre Cruchot e o sr. C. de Bonfons apressaram-se a chegar antes dos Des Grassins para cumprimentar a srta. Grandet. Todos traziam enormes ramos de flores colhidas em seus próprios jardins. O cabo do ramo que o presidente queria apresentar estava engenhosamente amarrado com uma fita de cetim branco ornada de franjas douradas.

Pela manhã, Grandet, segundo seu costume nos dias memoráveis do aniversário da filha e da festa de Santa Eugênia, fora surpreendê-la no leito e lhe oferecera solenemente seu presente paternal, que havia treze anos consistia numa curiosa moeda de ouro. A sra. Grandet dava geralmente à filha um vestido de inverno ou de verão, conforme a circunstância. Esses dois vestidos e as moedas de ouro, que recebia do pai no dia primeiro do ano e no natalício do pai, constituíam uma pequena renda de cem escudos mais ou menos, que Grandet gostava de a ver acumular. Isso não era mais do que passar

seu dinheiro de uma caixa para outra e, por assim dizer, cultivar a avareza da herdeira, à qual pedia frequentemente contas de seu tesouro, outrora aumentado pelos Bertellière, dizendo-lhe:

— Isto será tua *dúzia* de casamento.

A *dúzia* é um antigo costume ainda em vigor e religiosamente conservado em algumas regiões do centro da França. No Berry e no Anjou, quando uma moça se casa, sua família ou a do marido deve dar-lhe uma bolsa contendo, conforme as fortunas, doze moedas, ou doze dúzias de moedas, ou doze centenas de moedas de prata ou ouro. Nem a mais pobre das camponesas se casaria sem a sua *dúzia*, mesmo que ela fosse constituída apenas de miseráveis *sous*. Fala-se ainda, em Issoudun, de não sei que *dúzia* oferecida a uma rica herdeira e que continha cento e quarenta e quatro moedas portuguesas de ouro. O papa Clemente vii, tio de Catarina de Médicis, presenteou-a, ao casá-la com Henrique ii, com uma dúzia de medalhas antigas de ouro do mais alto valor.

Durante o jantar, o pai, contentíssimo por ver sua Eugênia mais bela num vestido novo, exclamara:

— Sendo hoje o aniversário de Eugênia, acendamos o fogo! Isto dará sorte.

— A senhorita se casará este ano, tenho certeza — disse a grande Nanon, retirando os restos de um ganso, o faisão dos tanoeiros.

— Não vejo nenhum partido para ela em Saumur — replicou a sra. Grandet, dirigindo ao marido um olhar tímido que, na sua idade, traduzia a completa submissão conjugal sob a qual gemia a pobre mulher.

Grandet contemplou a filha e exclamou alegremente:

— A menina faz vinte e três anos hoje. Já é tempo de nos ocuparmos dela.

Eugênia e a mãe trocaram em silêncio um olhar de inteligência.

A sra. Grandet era uma mulher seca e magra, amarela como um marmelo, desajeitada, morosa. Uma dessas mulheres que parecem feitas para ser tiranizadas. Tinha os ossos graúdos, grande nariz, grande fronte, grandes olhos e mostrava, à primeira vista, uma vaga semelhança com essas frutas lanuginosas que não têm sabor nem suco. Os dentes eram negros e raros, a boca enrugada, o queixo tinha a forma a que chamam de rabeca. Era uma excelente mulher, uma verdadeira Bertellière. O padre Cruchot sabia encontrar algumas ocasiões para dizer-lhe que ela não tinha sido totalmente feia, e ela acreditava. Uma doçura angelical, uma resignação de inseto atormentado por crianças, uma devoção rara, uma inalterável uniformidade de alma, um bom coração faziam-na geralmente lamentada e respeitada.

O marido nunca lhe dava mais que seis francos para as pequenas despesas. Embora ridícula na aparência, essa mulher, que, com o dote e as heranças, trouxera a Grandet mais de trezentos mil francos, sentia-se tão humilhada por uma submissão e um hilotismo contra os quais a doçura de sua alma a impedia de se revoltar que jamais havia pedido um *sou* nem feito uma observação sobre os papéis que o tabelião Cruchot lhe apresentava para assinar. Essa altivez tola e secreta, essa nobreza de alma, constantemente ignorada e ofendida por Grandet, dominavam a conduta daquela mulher.

A sra. Grandet usava invariavelmente um vestido de seda esverdinhada, que se habituara a fazer durar quase um ano. Usava um grande lenço de algodão branco floreado, um chapéu de palha

costurado e ainda, quase sempre, um avental de tafetá preto. Pouco saindo de casa, raramente usava sapatos. Enfim, nada queria para si mesma.

Grandet, atormentado às vezes pelo remorso ao lembrar-se do longo tempo decorrido desde que lhe havia dado seis francos pela última vez, prometia dar-lhe mais uns níqueis para os alfinetes quando vendesse a colheita do ano. Os quatro ou cinco luíses oferecidos pelo holandês ou pelo belga que adquiriam a safra de Grandet constituíam o mais vultoso rendimento anual da sra. Grandet. Mas, logo que recebia os cinco luíses, o marido lhe dizia, como se sua bolsa fosse comum: “Tens alguns *sous* para me emprestar?”. E a pobre mulher, feliz por poder prestar algum serviço a um homem que seu confessor lhe indicava como seu senhor e amo, emprestava-lhe, no decorrer do inverno, alguns escudos^[156] do dinheiro dos alfinetes.

Quando Grandet tirava do bolso a moeda de cem *sous* destinada às pequenas despesas do mês, a linha, as agulhas e as roupas da filha, nunca deixava de perguntar à mulher, após haver abotoado o bolso:

— E tu, minha velha, queres alguma coisa?

— Meu amigo — respondia a sra. Grandet, animada por um sentimento de dignidade maternal —, vou ver.

Sublimidade perdida! Grandet acreditava-se muito generoso para com a mulher. Os filósofos que encontram as Nanons, as sras. Grandet, as Eugênicas, não terão acaso razão de achar que a ironia é a essência do caráter da província?

Após o jantar, no qual, pela primeira vez, se tratou do casamento de Eugênia, Nanon foi buscar uma garrafa de licor de cassis no quarto de Grandet. Ao descer a escada, quase caiu.

— Grande tola — disse o patrão —, será que também caís como qualquer outra?

— É este degrau da escada que está em falso.

— Ela tem razão — disse a sra. Grandet. — Há tempo que devias tê-lo consertado. Ontem, Eugênia quase torceu o pé.

— Toma — disse Grandet a Nanon, vendo-a muito pálida —, sendo hoje o aniversário de Eugênia e como escapaste de cair, toma um cálice de cassis para te reconfortar.

— Bem o mereci — disse Nanon. — Em meu lugar, muita gente teria quebrado a garrafa. Mas eu teria antes quebrado um cotovelo para mantê-la no ar.

— Essa pobre Nanon! — exclamou Grandet, enchendo-lhe o cálice.

— Não te machucaste? — indagou Eugênia, fitando-a com interesse.

— Não, porque me equilibrei firmando-me nas cadeiras.

— Muito bem. Como é o aniversário de Eugênia — disse Grandet —, vou consertar o degrau. Vocês não sabem pôr o pé no lugar em que o degrau ainda está sólido.

Grandet tomou a vela, deixou a mulher, a filha e a empregada sem outra luz além da que vinha da lareira que lançava grandes chamas, e foi buscar tábuas, pregos e ferramentas.

— Precisa de auxílio? — perguntou Nanon, ouvindo-o bater na escada.

— Não! Não! Entendo disto — respondeu o antigo tanoeiro.

No momento em que Grandet em pessoa consertava sua escada carcomida e assobiava entusiasticamente em lembrança de seus verdes anos, os três Cruchot bateram à porta.

— É o sr. Cruchot? — perguntou Nanon, espiando pela pequena grade.

— Sim — respondeu o presidente.

Nanon abriu a porta, e o clarão da lareira, refletindo-se no teto, permitiu aos três Cruchot descobrir a entrada da sala.

— Ah, vieram festejar! — disse-lhes Nanon, sentindo o perfume das flores.

— Desculpem, senhores — exclamou Grandet, reconhecendo a voz dos amigos. — Já vou lá. Não sou orgulhoso, eu mesmo arrumo a minha escada.

— À vontade, sr. Grandet! Muito pode o galo em seu poleiro — disse sentenciosamente o presidente, rindo com as folhas.

A sra. e a srta. Grandet se levantaram. O presidente, aproveitando a obscuridade, disse então a Eugênia:

— Permita-me, senhorita, desejar-lhe hoje, dia em que festeja seu nascimento, uma série de anos felizes e a continuação da saúde que tem gozado.

E ofereceu-lhe um grande ramo de flores raras em Saumur. Depois, tomando-a pelos cotovelos, beijou-lhe nos dois lados do pescoço, com um deleite que fez Eugênia sentir-se envergonhada. O presidente, que se assemelhava a um grande prego enferrujado, pensava assim fazer-lhe a corte.

— Não se constranja — disse Grandet ao entrar. — Vejam só como o senhor presidente é generoso em dias de festa!

— Mas com a senhorita — respondeu o padre Cruchot, empurrando seu ramalhete — todos os dias seriam de festa para meu sobrinho.

O padre beijou a mão de Eugênia. Quanto ao tabelião Cruchot, beijou a moça muito naturalmente nas duas faces e disse:

— Como essa gente cresce. Doze meses por ano!

Repondo a luz diante da pêndula, Grandet, que não perdia ocasião de fazer uma brincadeira e a repetia até a saciedade quando lhe parecia engraçada, disse:

— Como hoje é o aniversário de Eugênia, acendamos os candelabros!

Tirou cuidadosamente os ramos dos castiçais, colocou as arandelas no pedestal, tomou das mãos de Nanon uma vela nova enrolada em papel, meteu-a no castiçal, firmou-a, acendeu-a e foi sentar-se ao lado da mulher, olhando alternadamente para os amigos, a filha e as duas velas. O padre Cruchot, homenzinho baixo, gordo, rechonchudo, de cabeleira ruiva e chata, com um rosto de velha brincalhona, disse, avançando os pés bem calçados em fortes sapatos com presilhas de prata:

— Os Des Grassins não vieram?

— Ainda não — respondeu Grandet.

— Mas virão? — perguntou o velho tabelião, fazendo caretas com o rosto esburacado como uma escumadeira.

— Penso que sim — respondeu a sra. Grandet.

— Sua vindima já está terminada? — indagou o presidente de Bonfons a Grandet.

— Em toda a parte! — disse o velho vinhateiro, levantando-se para andar de um lado para outro da sala, enchendo o tórax com um gesto cheio de orgulho como sua expressão: “em toda a parte!”.

Pela porta do corredor que ia à cozinha, viu então a grande Nanon, sentada diante do fogão, com uma vela acesa e preparando-

se para fiar ali, a fim de não se misturar à festa.

— Nanon — disse-lhe Grandet, adiantando-se pelo corredor —, queres apagar o fogo e a vela e vir para cá? Que ideia! A sala é bastante grande para nós todos.

— Mas o senhor está com gente fina.

— Acaso não vales tanto como eles? Eles também são filhos de Adão, como tu.

Grandet aproximou-se do presidente e perguntou:

— Já vendeu sua colheita?

— Não. Vou ficar com ela em casa. Se agora o vinho está bom, daqui a dois anos estará melhor. Os proprietários, como sabe, juraram sustentar os preços combinados e, este ano, os belgas não nos farão imposições. Se eles forem embora, não tem importância, eles hão de voltar.

— Sim, mas fiquemos firmes — disse Grandet com um tom que fez o presidente estremecer.

“Estará em negociações?”, pensou Cruchot.

Nesse momento, uma batida de aldrava anunciou a família Des Grassins, e sua chegada veio interromper uma palestra começada entre a sra. Grandet e o padre.

A sra. des Grassins era uma dessas mulheres miúdas, rechonchudas, claras e rosadas que, graças ao regime claustral das províncias e aos hábitos de uma vida virtuosa, se conservam jovens ainda aos quarenta anos. Elas são como essas últimas rosas do outono, de aparência agradável, mas cujas pétalas têm certa frieza e cujo perfume já desvanece. Vestia-se muito bem, comprava suas roupas em Paris, ditava a moda em Saumur e dava recepções. Seu marido, antigo quartel-mestre da guarda imperial, gravemente ferido

em Austerlitz e reformado, conservava, apesar de sua consideração por Grandet, a rude franqueza dos militares.

— Grandet — disse ao vinhateiro estendendo-lhe a mão e afetando uma espécie de superioridade com a qual sempre rebaixava os Cruchot. — A senhorita — disse a Eugênia, após ter cumprimentado a sra. Grandet — é sempre bela e sensata. Não sei, na verdade, que poderei desejar-lhe.

Depois, indicou-lhe um caixãozinho que seu empregado trouxera e que continha uma muda de urze do Cabo, flor muito rara e recentemente importada na Europa.

A sra. des Grassins abraçou afetuosamente Eugênia, apertou-lhe a mão e disse:

— Adolfo encarregou-se de entregar-lhe minha pequena lembrança.

Um jovem alto, louro, pálido e franzino, com excelentes maneiras, tímido na aparência mas que acabava de gastar em Paris, onde fora estudar Direito, oito ou dez mil francos além da mesada, avançou para Eugênia, beijou-a nas duas faces e ofereceu-lhe um estojo de costura com todos os utensílios em prata dourada, verdadeira obra de falaria, não obstante o escudo sobre o qual um E.G. gótico muito bem gravado podia fazer crer que se tratasse de coisa fina. Abrindo-o, Eugênia foi tomada de uma dessas alegrias inesperadas e completas que fazem uma moça corar, exultar, estremecer de contentamento. Voltou os olhos para o pai, como para saber se lhe era permitido aceitar, e Grandet pronunciou um “Aceita, minha filha!” com um acento que teria tornado famoso um ator. Os três Cruchot ficaram estupefatos ao perceber o olhar alegre e vivo

lançado sobre Adolfo pela herdeira, para quem tais riquezas pareciam extraordinárias.

O sr. des Grassins ofereceu a Grandet uma pitada de rapé, serviu-se de uma, sacudiu o pó caído sobre a fita da Legião de Honra presa à lapela da sobrecasaca azul, depois olhou para os Cruchot com uma expressão que parecia dizer: “Aparem este golpe!”. A sra. des Grassins dirigiu o olhar para os vasos azuis onde estavam os ramos dos Cruchot procurando os presentes destes com a fingida boa-fé de uma mulher esperta. Nessa delicada conjuntura, o padre Cruchot deixou o grupo acomodar-se em círculo diante do fogo e foi passear no fundo da sala com Grandet. Quando os dois velhos se encontravam no vão da janela mais distante dos Des Grassins:

— Aquela gente — disse o padre ao ouvido do avarento — desperdiça o dinheiro.

— Não faz mal, pois vem cair na minha adega — replicou o velho vinhateiro.

— Se o senhor quisesse dar tesouras de ouro à sua filha, não lhe faltariam meios para isso — disse o padre.

— Dou-lhe coisas melhores que tesouras — respondeu Grandet.

“Meu sobrinho é um pateta”, pensou o padre fitando o presidente, cujos cabelos eriçados aumentavam ainda mais o mau aspecto de sua fisionomia sombria. “Não poderia ter inventado alguma coisinha de valor?”

— Estamos às suas ordens para jogar, sra. Grandet — disse a sra. des Grassins.

— Mas somos muitos. Precisaríamos de duas mesas...

— Como hoje é o aniversário de Eugênia, joguem víspora — disse o pai Grandet. — Assim, as crianças podem jogar também.

O antigo tanoeiro, que jamais entrava em qualquer jogo, apontou para a filha e Adolfo.

— Vamos, Nanon, arruma as mesas.

— Vamos ajudá-la, srta. Nanon — disse amavelmente a sra. des Grassins, satisfeita com a alegria que havia causado a Eugênia.

— Em toda a minha vida nunca fiquei tão contente — disse-lhe a herdeira. — Nunca vi coisa tão bonita em lugar algum.

— Foi Adolfo que o trouxe de Paris e que o escolheu — disse-lhe a sra. des Grassins ao ouvido.

“Anda, continua em teu ofício, maldita intrigante!”, dizia para si mesmo o presidente. “Se algum dia tu ou teu marido estiverdes metidos num processo, heis de ajustar contas comigo!”

O tabelião, sentado a um canto, fitava o padre com um olhar sereno, dizendo consigo:

“Por mais que façam os Des Grassins, a minha fortuna, a de meu irmão e a de meu sobrinho montam a um milhão e cem mil francos. Os Des Grassins têm mais ou menos a metade apenas, e ainda possuem uma filha. Podem oferecer o que quiserem! Herdeira e presentes, tudo virá para nós um dia.”

Às oito e meia da noite, duas mesas estavam prontas. A bonita sra. des Grassins tinha conseguido colocar o filho ao lado de Eugênia. Os atores dessa cena cheia de interesse, embora vulgar na aparência, munidos de cartões salpicados, numerados, e de fichas de vidro azul, pareciam escutar os gracejos do velho tabelião, que não cantava um número sem fazer uma observação. Mas todos pensavam nos milhões do sr. Grandet. O velho tanoeiro contemplava vaidosamente as plumas cor-de-rosa, o vestido fresco da sra. des Grassins, a cabeça marcial do banqueiro, a de Adolfo, o presidente, o padre, o tabelião, e

murmurava interiormente: “Todos estão aqui por causa dos meus escudos. Eles vêm aqui aborrecer-se por causa de minha filha. Mas ela não se destina a nenhum deles. Toda esta gente me serve de arpão para pescar”.

Aquela alegria familiar, naquele velho salão escuro, mal iluminado por duas velas; aqueles risos, acompanhados pelo ruído da roca da grande Nanon e que não eram sinceros senão nos lábios de Eugênia e de sua mãe; aquela mesquinhez junto a tamanhos interesses; aquela moça que, semelhante a esses pássaros que são vítimas do alto valor que a gente lhes dá e que eles ignoram, se achava oprimida, cercada por provas de amizades por que se deixava iludir: tudo contribuía para tornar aquela cena tristemente cômica. Não é essa, aliás, uma cena de todos os tempos e de todos os lugares, reduzida à sua expressão mais simples? A figura de Grandet explorando a falsa amizade das duas famílias, dela tirando enorme proveito, dominava o drama, iluminando-o. Não estava ali, acaso, o único deus moderno em que se acredita, o Dinheiro em todo seu poder, expresso por uma única fisionomia?

Os doces sentimentos da vida não ocupavam ali senão um lugar secundário. Animavam apenas três corações puros, os de Nanon, de Eugênia e de sua mãe. E, ainda assim, quanta ignorância em sua ingenuidade! Eugênia e a mãe nada sabiam da fortuna de Grandet. Não avaliavam as coisas da vida senão ao clarão de suas pálidas ideias e não prezavam nem desprezavam o dinheiro, acostumadas como estavam a passar sem ele. Seus sentimentos, ofendidos sem que o soubessem, mas vivazes, e o segredo de sua existência constituíam uma curiosa exceção naquela reunião de pessoas cuja

vida era puramente material. Atroz condição do homem! Não há uma só de suas felicidades que não provenha de alguma ignorância.

No momento em que a sra. Grandet acabava de ganhar uma parada de dezesseis *sous*, a mais considerável que já se havia verificado naquela sala, e enquanto a grande Nanon ria de contentamento ao ver a patroa embolsando a rica quantia, uma batida soou na porta da casa e fez tamanho barulho que as senhoras pularam nas cadeiras.

— Não é uma pessoa de Saumur que bate assim — disse o tabelião.

— Se isso é maneira de bater! — disse Nanon. — Querem quebrar a porta?

— Quem será? — exclamou Grandet.

Nanon pegou uma das velas e foi abrir a porta, acompanhada de Grandet.

— Grandet! Grandet! — exclamou a esposa, que, tomada de um vago sentimento de medo, avançou para a porta da sala.

Todos os jogadores se entreolharam.

— E se fôssemos também? — disse o sr. des Grassins. — Essa batida me parece mal-intencionada.

O sr. des Grassins pôde apenas perceber o rosto de um jovem acompanhado do agente das diligências, que trazia duas malas enormes e arrastava dois sacos de viagem. Grandet voltou-se bruscamente para a mulher e disse:

— Sra. Grandet, volte ao jogo. Deixe-me entender-me com o senhor.

Depois, abriu energicamente a porta da sala, onde os jogadores agitados voltaram aos seus lugares, mas sem continuar o jogo.

— É alguém de Saumur, sr. des Grassins? — perguntou-lhe a esposa.

— Não, é um viajante.

— Só pode ter vindo de Paris.

— Com efeito — disse o tabelião tirando o velho relógio de dois dedos de espessura e que parecia um navio holandês — são *noves-horas*. Puxa! A diligência do Grand-Bureau nunca se atrasa.

— É jovem? — perguntou o padre Cruchot.

— Sim — respondeu o sr. des Grassins. — E traz uma bagagem que deve pesar pelo menos trezentos quilos.

— Nanon está demorando — observou Eugênia.

— Não pode ser senão um parente — disse o presidente.

— Continuemos o jogo — convidou docemente a sra. Grandet. — Pela voz percebi que o sr. Grandet está contrariado. Talvez ele não goste de notar que estamos falando de seus assuntos.

— Senhorita — disse Adolfo à vizinha —, certamente é seu primo Grandet, um belo rapaz que vi no baile do sr. de Nucingen.[\[157\]](#)

Adolfo não continuou, pois sua mãe bateu-lhe no pé. Depois, enquanto lhe pedia em voz alta dois *sous* para sua parada:

— Queres ficar calado, grande idiota!? — disse-lhe baixinho.

Nesse momento, Grandet voltou sem a grande Nanon, cujas passadas, como as do agente, ressoavam na escada. O velho veio acompanhado do viajante que havia alguns momentos enchia de tamanha curiosidade e preocupava tão vivamente as imaginações que sua chegada à casa e aparecimento no meio dessa gente podem ser comparados ao de um caramujo numa colmeia ou à introdução de um pavão em algum obscuro galinheiro de aldeia.

— Sente-se perto do fogo — disse-lhe Grandet.

Antes de sentar-se, o jovem forasteiro cumprimentou delicadamente a assembleia. Os homens se levantaram para corresponder com uma inclinação polida e as mulheres fizeram uma reverência cerimoniosa.

— O senhor deve estar com frio — disse a sra. Grandet. — Será que vem de...?

— Eis o que são as mulheres! — disse o velho vinhateiro, interrompendo a leitura de uma carta que tinha nas mãos. — Deixem o cavalheiro descansar.

— Mas, papai, talvez ele necessite de alguma coisa — disse Eugênia.

— Ele tem língua — respondeu severamente o vinhateiro.

O desconhecido foi o único a se surpreender com essa cena. Os demais estavam habituados às maneiras despóticas do velho. E quando essas duas perguntas e essas duas respostas foram trocadas, o desconhecido se levantou, voltou as costas ao fogo, ergueu um pé para aquecer a sola das botas e disse a Eugênia:

— Muito obrigado, prima. Almocei em Tours. E — acrescentou, olhando para Grandet — não preciso de nada, nem mesmo estou cansado.

— O senhor vem da capital? — perguntou a sra. des Grassins.

Carlos, assim se chamava o filho do sr. Grandet de Paris, vendo-se interpelado, tomou um monóculo suspenso ao pescoço por uma corrente, aplicou-o sobre o olho direito para examinar o que havia sobre a mesa e as pessoas sentadas em torno dela, fitou com grande impertinência a sra. des Grassins e respondeu, após ter visto tudo:

— Sim, senhora. A senhora está jogando víspera, tia — acrescentou. — Continue o jogo, por favor. Não se abandona uma

coisa tão divertida...

“Estava certa de que era o primo”, pensou a sra. des Grassins, lançando-lhe olhadelas.

— Quarenta e sete! — exclamou o velho padre. — Marque, sra. des Grassins. Não tem esse número?

O sr. des Grassins pôs uma ficha sobre o cartão da mulher que, presa de tristes pressentimentos, observava alternadamente o primo de Paris e Eugênia, sem prestar atenção ao jogo. De vez em quando, a jovem herdeira lançava olhares furtivos ao primo, e a mulher do banqueiro pôde facilmente descobrir neles um *crescendo* de admiração e de curiosidade.

II – O PRIMO DE PARIS

O sr. Carlos Grandet, belo rapaz de vinte e dois anos, produzia, nesse momento, um singular contraste com os bons provincianos, aos quais suas maneiras aristocráticas começavam a revoltar e que o estudavam para zombar dele. Isto exige uma explicação. Aos vinte e dois anos, os jovens estão ainda muito próximos da infância para se deixarem empolgar por infantilidades. Assim, talvez em cem deles se encontrassem noventa e nove que se teriam conduzido como se conduzia Carlos Grandet. Alguns dias antes dessa tarde, seu pai lhe dissera que fosse por alguns meses à casa de seu irmão de Saumur. É possível que o sr. Grandet, de Paris, pensasse em Eugênia. Carlos, que ia à província pela primeira vez, teve a ideia de aparecer ali com a superioridade de um rapaz da moda, de desesperar a cidade com seu luxo, de marcar época e de levar para lá as invenções da vida

parisiense. Enfim, para explicar tudo com uma única frase, ele queria passar em Saumur gastando mais tempo do que em Paris a escovar as unhas, afetando ali o excessivo requinte de vestuário que às vezes um moço elegante abandona por uma negligência a que não falta graça. Carlos levou, pois, o mais belo traje de caça, a mais bela arma, a mais bela faca, a mais bela bainha de Paris. Uma coleção de coletes contendo os tipos mais originais: cinzentos, brancos, pretos, castanho-escuros com reflexos dourados, bordados de lantejoulas adamascados, de gola reta, revirada, abotoados até em cima, com botões de ouro. Todas as variedades de colarinhos e gravatas em moda na época, duas casacas de Buisson[158] e a roupa branca mais fina. E ainda um belo estojo de toailete, de ouro, dado pela mãe. Levou, também, suas frivolidades de dândi, sem esquecer um encantador jogo de escrivantina presenteado pela mais amável das mulheres, pelo menos para ele, uma distinta senhora que ele chamava Anete e que agora viajava com o marido, aborrecidamente, pela Escócia, vítima de algumas suspeitas às quais era necessário sacrificar momentaneamente sua felicidade. E além disso, naturalmente, lindo papel para escrever-lhe uma carta em cada quinzena. Era, enfim, uma verdadeira carga de futilidades parisienses tão completa quanto possível, e na qual, desde o chicote que serve para começar um duelo até as belas pistolas lavradas que o terminam, se encontravam todos os instrumentos aratórios de que se serve um rapaz ocioso para lavrar a vida. Como o pai lhe tivesse recomendado que viajasse sozinho e modestamente, viera no cupê da diligência alugado para ele só, muito contente por não estragar uma deliciosa carruagem que mandara construir para ir ao encontro de sua Anete, a distinta dama que... etc., e a quem se devia reunir em

junho próximo nas águas de Baden. Carlos esperava encontrar cem pessoas em casa do tio, caçar com cães nas florestas, viver, enfim, vida de castelo. Não supunha encontrá-lo em Saumur onde perguntara por ele apenas para se informar da estrada de Froidfond. Mas, sabendo-o na cidade, acreditou vê-lo num grande palácio. A fim de se estrear convenientemente na casa do tio, em Saumur ou em Froidfond, vestira a mais elegante roupa de viagem, a mais simplesmente requintada, a mais adorável, para empregar a palavra que naquele tempo resumia as perfeições especiais de uma coisa ou de um homem. Em Tours, um cabeleireiro tornara a frisar-lhe os lindos cabelos castanhos. Tinha trocado a roupa branca e posto uma gravata de cetim preto combinada com um colarinho redondo de modo a emoldurar agradavelmente seu rosto pálido e sorridente. Uma sobrecasaca de viagem, abotoada até o meio, adelgaçava-lhe a cintura e entremostrava-lhe o colete de casimira sob o qual havia um segundo colete branco. O relógio, negligentemente abandonado num bolso, estava preso a uma botoeira por uma curta corrente de ouro. As calças cinzentas eram abotoadas nos lados, onde as costuras ficavam ocultas sob desenhos bordados a seda preta. Manejava graciosamente uma bengala cujo castão de ouro lavrado não alterava a correção das luvas de cor cinza. Enfim, seu gorro era de notável bom gosto. Somente um parisiense, e um parisiense da mais alta esfera, seria capaz de se vestir assim sem parecer ridículo, harmonizar todas aquelas futilidades, que eram aliás contrabalançadas por uma aparência viril, a aparência de um jovem que tem belas pistolas, boa pontaria e Anete. Se, entretanto, quisesdes compreender claramente a surpresa respectiva dos saumurenses e do jovem parisiense, ver nitidamente o vivo brilho

que a elegância do viajante lançava no meio das sombras da sala e dos rostos que compunham o quadro de família, procurai imaginar-vos os Cruchot. Os três usavam rapé e havia muito tempo não cuidavam mais de evitar os pingos deixados pelos espirros nem as pequenas nódoas negras que manchavam a renda das camisas enxovalhadas, de colarinhos enrugados e pregas amareladas. Suas gravatas moles se enrolavam como cordão logo que eram amarradas ao pescoço. A enorme quantidade de roupa branca que possuíam permitia-lhes lavá-la apenas de seis em seis meses e guardá-la no fundo dos armários, deixando que o tempo lhe imprimisse manchas escuras. Havia neles uma perfeita combinação de mau gosto e senilidade. Os rostos, desbotados como as casacas surradas, enrugados como as calças, pareciam gastos, encarquilhados, cheios de pregas. A negligência geral dos outros trajes, todos incompletos, sem frescor, como são os vestuários da província, onde já não se vestem uns para os outros e regateiam o preço de um par de luvas, harmonizava-se com a displicência dos Cruchot. O horror da moda era o único ponto sobre o qual os cruchotistas e os grassinistas se entendiam perfeitamente. Se o parisiense tomava o monóculo para examinar os singulares acessórios da sala, as vigas do teto, a cor da madeira ou os pontos que as moscas ali haviam impresso e cujo número seria suficiente para pontilhar a *Encyclopédie Méthodique* e o *Moniteur*,^[159] os jogadores de víspora levantavam o nariz e o fitavam com a mesma curiosidade que teriam manifestado por uma girafa. O sr. des Grassins e seu filho, aos quais o aspecto de um homem elegante não era desconhecido, associaram-se, mesmo assim, ao espanto dos vizinhos, ou porque se influenciavam pelo sentimento geral, ou porque o aprovassem, dizendo a seus

conterrâneos por meio de olhadelas cheias de ironia: “Eis como *eles* são em Paris”. Todos podiam, por outro lado, observar à vontade Carlos, sem receio de desgostar o chefe da casa. Grandet estava absorvido na longa carta que tinha na mão, e tomara, para lê-la, a única vela da mesa, sem se importar com os hóspedes nem com sua diversão. Eugênia, a quem um indivíduo de tamanha perfeição no vestuário, na própria pessoa, era inteiramente desconhecido, acreditou ver no primo uma criatura descida de alguma região seráfica. Aspirava com delícia os perfumes exalados por aquela cabeleira tão brilhante, tão graciosamente encaracolada. Gostaria de poder tocar a pele acetinada daquelas belas luvas finas. Invejava as pequenas mãos de Carlos, sua tez, a frescura e a delicadeza de seus traços. Enfim — essa imagem pode resumir as impressões que o jovem elegante produziu sobre uma moça ignorante sempre ocupada em cerzir meias e em remendar a roupa do pai, e cuja vida havia decorrido sob esse teto sórdido sem ver na rua silenciosa mais que um transeunte por hora — a vista do primo fez surgir em seu coração as emoções de fina voluptuosidade que causam a um rapaz os vultos de mulher desenhados por Westall nas *keepsakes* [160] inglesas e gravados por Finden com um buril tão hábil que se receia, soprando sobre o papel, dissipar essas aparições celestes. Carlos tirou do bolso um lenço bordado pela distinta senhora que viajava pela Escócia. Vendo aquele belo trabalho, feito com amor durante as horas que o amor deixava livres, Eugênia observou o primo para saber se de fato iria ele servir-se do lenço. As maneiras de Carlos, seus gestos, o modo como pegava o monóculo, sua afetada impenitência, seu desprezo pelo estojo de costura que acabava de dar tamanho prazer à rica herdeira e que ele achava evidentemente sem valor ou ridículo;

enfim, tudo o que chocava os Cruchot lhe agradava de tal modo que antes de adormecer devia sonhar bastante com essa fênix dos primos.

Os números estavam sendo cantados com muita lentidão e logo o jogo de víspera foi interrompido. A grande Nanon entrou e disse em voz alta:

— A senhora precisa dar a roupa para fazer a cama do senhor.

A sra. Grandet seguiu Nanon. A sra. des Grassins disse, então, em voz baixa:

— Guardemos o dinheiro e acabemos com a víspera.

Todos retiraram os dois *sous* da velha bandejinha lascada onde os haviam posto. Depois, a assembleia se movimentou ao mesmo tempo e fez uma roda de palestra perto do fogo.

— Terminaram? — perguntou Grandet sem abandonar a carta.

— Sim, sim — respondeu a sra. des Grassins, sentando-se perto de Carlos.

Eugênia, movida por um desses pensamentos que nascem no coração das moças quando um sentimento ali se aloja pela primeira vez, deixou a sala para ir ajudar a mãe e Nanon. Se ela tivesse sido então interrogada por um confessor hábil, sem dúvida lhe teria revelado que não pensava na mãe nem em Nanon, mas que estava impelida por um secreto desejo de inspecionar o quarto do primo, para ali se ocupar deste, colocar qualquer coisa, reparar algum esquecimento, cuidar de tudo para tornar o aposento, tanto quanto possível, elegante e limpo. Eugênia já se considerava capaz de compreender os gostos e as ideias do primo. Com efeito, ela chegou muito oportunamente para provar à mãe e a Nanon, que voltavam pensando ter terminado, que tudo ainda estava por fazer. Sugeriu a

Nanon passar o aquecedor na roupa de cama; ela própria cobriu a mesa com um guardanapo e recomendou a Nanon que o trocasse todas as manhãs. Convenceu a mãe da necessidade de acender um bom fogo na lareira e mandou Nanon trazer, sem avisar o pai, um grande montão de lenha do porão. Correu a buscar, num dos cantos da sala, um prato de laca que viera com a herança do falecido sr. Bertellière e tomou, igualmente, um copo de cristal de seis faces, uma pequena colher desdourada, um frasco antigo com um desenho onde estavam gravados Cupidos e pôs tudo, triunfalmente, num canto da lareira. Haviam-lhe ocorrido, num quarto de hora, mais ideias do que no resto de sua vida.

— Mamãe — disse ela —, meu primo não suportará o cheiro dessa vela de sebo. Se nós comprássemos uma de cera...?

Rápida como um pássaro, foi tirar da bolsa a moeda de cem *sous* que havia recebido para suas despesas do mês.

— Toma, Nanon — disse —, vai depressa.

— Mas que dirá teu pai?

Essa terrível objeção foi formulada pela sra. Grandet ao ver a filha com um açucareiro de Sèvres antigo trazido do castelo de Froidfond por Grandet.

— E onde acharás açúcar? Estás louca?

— Mamãe, Nanon comprará açúcar e vela.

— Mas, teu pai?

— Ficaria bonito que seu sobrinho não pudesse tomar um copo d'água açucarada? Além disso, ele nem notará.

— Teu pai vê tudo — disse a sra. Grandet sacudindo a cabeça.

Nanon hesitava, pois conhecia o patrão.

— Mas vai de uma vez, Nanon, pois hoje é meu aniversário.

Nanon deixou escapar uma gargalhada ao ouvir o primeiro gracejo que sua jovem patroa dissera em toda a vida e obedeceu. Enquanto Eugênia e a mãe se esforçavam por embelezar o quarto destinado pelo sr. Grandet ao sobrinho, Carlos era objeto das atenções da sra. des Grassins, que o provocava.

— O senhor é muito corajoso — disse ela — em deixar os prazeres da capital durante o inverno para vir morar em Saumur. Mas, se não o assustarmos, verá que a gente aqui também se pode divertir.

Lançou-lhe uma verdadeira olhadela de província, na qual, por hábito, as mulheres põem tanta reserva e prudência nos olhos que lhes comunicam a gulosa concupiscência particular aos olhos dos eclesiásticos, para quem todo prazer parece um furto ou uma falta.

Carlos se achava tão deslocado naquela sala, tão longe do vasto castelo e da faustosa existência que atribuía ao tio que, fitando atentamente a sra. des Grassins, percebeu, enfim, uma imagem meio atenuada das figuras parisienses. Respondeu-lhe com graça à espécie de convite que lhe era dirigido, e estabeleceu-se naturalmente uma palestra, na qual a sra. des Grassins baixou gradualmente a voz para harmonizá-la com a natureza de suas confidências. Existia, nela e em Carlos, a mesma necessidade de confiança. Assim, após alguns momentos de conversa galante e de gracejos sérios, disse-lhe ela, com astúcia provinciana, sem pensar que pudesse ser ouvida pelas outras pessoas que falavam na venda do vinho, assunto de palestra, naquele momento, de todos os saumurenses:

— Se o senhor quiser nos dar a honra de uma visita, causaria tanto prazer a meu marido como a mim. Nosso salão é o único em Saumur onde o senhor encontrará reunidos o alto comércio e a nobreza. Pertencemos às duas sociedades, que não se querem

encontrar senão lá, pois que lá a gente se diverte. Meu marido, digo-o com orgulho, é igualmente considerado por uns e outros. Assim, trataremos de tornar agradável sua tediosa permanência aqui. Se o senhor ficar na casa do sr. Grandet, que fim levaria, meu Deus! Seu tio é um avarento que não pensa senão em suas vinhas. Sua tia é uma devota que não sabe alinhar duas ideias. E sua prima é uma tolinha, sem educação, banal, sem predicados, que passa a vida a remendar trapos.

“Esta mulher é bem interessante”, pensava Carlos Grandet respondendo às denguiques da sra. des Grassins.

— Parece que queres monopolizar o senhor — disse rindo, à esposa, o gordo e grande banqueiro.

A essa observação, o tabelião e o presidente proferiram palavras mais ou menos maliciosas. Mas o padre os encarou com uma expressão fina e resumiu seus pensamentos tomando uma pitada de rapé e oferecendo-o aos presentes:

— Quem melhor que a senhora — disse ele — poderia fazer as honras de Saumur ao cavalheiro?

— Em que sentido o diz, senhor padre? — perguntou o sr. des Grassins.

— No sentido mais favorável para o senhor, para a senhora, para a cidade de Saumur e para o cavalheiro — respondeu o astuto velho, voltando-se para Carlos.

Não parecendo haver prestado a mínima atenção, o padre Cruchot soubera adivinhar a palestra entre Carlos e a sra. des Grassins.

— Senhor — disse enfim Adolfo a Carlos com uma expressão que procurava tornar desembaraçada —, não sei se conserva alguma

lembrança de mim. Tive o prazer de estar à sua frente num baile dado pelo barão de Nucingen e...

— Perfeitamente, perfeitamente — respondeu Carlos, surpreso de se ver objeto das atenções gerais.

— Este senhor é seu filho? — perguntou à sra. des Grassins.

O padre olhou maliciosamente para a mãe.

— Sim, senhor — respondeu ela.

— O senhor foi para Paris bem jovem? — comentou Carlos, dirigindo-se a Adolfo.

— Que quer o senhor! — disse o padre. — Nós os enviamos à Babilônia logo que são desmamados.

A sra. des Grassins interrogou o padre com um olhar de uma surpreendente profundidade.

— É preciso vir à província — disse ele, continuando — para encontrar mulheres de trinta e poucos anos tão jovens como a senhora, com um filho às vésperas de se formar em Direito. Parece-me estar ainda no dia em que as crianças e as senhoras trepavam nas cadeiras para vê-la dançar, minha senhora — acrescentou o padre, voltando-se para sua adversária. — Para mim, seus êxitos ainda são de ontem...

“Oh! O velho celerado!”, disse para si mesma a sra. des Grassins, “terá ele adivinhado?”

“Parece que terei muito sucesso em Saumur”, dizia-se Carlos desabotoando a sobrecasaca, metendo a mão sob o colete e lançando o olhar através do espaço para imitar a atitude dada a lorde Byron por Chantrey.[\[161\]](#)

A desatenção do velho Grandet, ou melhor, a preocupação na qual o mergulhava a leitura da carta não escapou nem ao tabelião nem ao

presidente, que trataram de fazer conjeturas sobre seu conteúdo pelos quase imperceptíveis movimentos do rosto do velho, então fortemente iluminado pela vela. O vinhateiro mantinha dificilmente a calma habitual da fisionomia. E qualquer um poderá imaginar o esforço empregado por aquele homem para afetar serenidade de ânimo, lendo esta carta fatal.

Meu irmão. Faz bem vinte e três anos que não nos vemos. Meu casamento foi objeto de nossa última conversa, após a qual nós nos afastamos, ambos contentes. Por certo que eu não podia sequer prever que serias um dia o único sustento da família, com a prosperidade da qual então te preocupavas. Quando tiveres esta carta em tuas mãos, terei deixado de existir. Na posição em que estava, não quis sobreviver à vergonha de uma falência. Sustentei-me à beira do abismo até o último momento, esperando poder resistir. É preciso cair agora. As bancarrotas reunidas de meu agente de câmbio e de Roguin, [162] meu tabelião, levam meus últimos recursos e não me deixam nada. Lamento ter uma dívida de quase quatro milhões sem poder oferecer mais de vinte e cinco por cento de ativo. Meus vinhos armazenados sofrem, neste momento, a baixa ruínosa causada pela abundância e a qualidade de vossas colheitas. Em três dias, Paris dirá: “Grandet era um ladrão!”. Eu me envolverei, eu, honesto, numa mortalha de infâmia. Arrebatei a meu filho seu nome, que contamina, e a fortuna de sua mãe. Ele não sabe de nada, esse infeliz menino que idolatro. Despedimo-nos ternamente. Ele ignorava, por felicidade, que os últimos alentos de minha vida extravasavam naquele adeus. Não me maldirá ele, um dia? Meu irmão, meu irmão, a maldição de nossos filhos é terrível! Eles podem recorrer da nossa, mas a sua é irrevogável. Grandet, és meu irmão mais velho, debes-me tua proteção. Faze com que Carlos não lance nenhuma palavra amarga sobre meu túmulo! Meu irmão, se eu te escrevesse com meu sangue e minhas lágrimas, não o faria com tanta dor como a que vai nesta carta. Porque eu choraria, sangraria, estaria morto, não sofreria mais. Sofro, porém, e vejo a morte com olhos sem lágrimas. Eis-

te, pois, pai de Carlos! Ele não tem parentes do lado materno, bem sabes por quê. Por que não obedeci aos preconceitos sociais? Por que cedi ao amor? Por que desposi a filha natural de um fidalgo? Carlos não tem mais família. Oh, meu desgraçado filho! Meu filho...!

Escuta, Grandet. Não te imploro por mim. Mesmo porque teus bens não são, talvez, tão consideráveis para permitir uma hipoteca de três milhões, mas sim por meu filho! Quero que saibas, meu irmão, que minhas mãos se juntam enquanto penso em ti. Grandet, confio-te Carlos, ao morrer. Enfim, olho para minhas pistolas sem pesar, pensando que lhe servirás de pai. Ele me amava muito. Fui bom para ele, não o contrariava nunca: ele não me amaldiçoará. Por outro lado, verás: ele é dócil, saiu à mãe. Nunca te dará desgostos. Pobre menino! Acostumado às alegrias do luxo, não conhece nenhuma das privações às quais nossa primitiva miséria nos condenou a ambos... E ei-lo arruinado, sozinho! Sim, todos os amigos o abandonarão, e serei a causa de suas humilhações. Ah, quisera ter o braço bastante forte para enviá-lo com um só golpe aos céus, junto da mãe! Loucura! Volto à minha desgraça e à de Carlos. Eu to envio para que lhe comunique do melhor modo possível minha morte e sua sorte futura. Sê um pai para ele, mas um bom pai. Não o arranques bruscamente de sua vida ociosa, tu o matarias. Peço-lhe de joelhos que renuncie aos direitos que, na qualidade de herdeiro da mãe, poderia exercer contra mim. Mas este é um pedido supérfluo. Ele tem dignidade, compreenderá que não deve entrar no número dos meus credores. Faze-o renunciar à herança em tempo oportuno. Mostra-lhe as duras condições da vida que lhe impus. E se ele conservar sua ternura por mim, diz-lhe em meu nome que nem tudo está perdido para ele. Sim, o trabalho, que salvou a nós ambos, pode restituir-lhe a fortuna que eu lhe arrebatou. E se ele quiser escutar a voz de seu pai, que por ele desejaria sair um momento do túmulo, que parta, que vá para as Índias! Meu irmão, Carlos é um rapaz honesto e corajoso. Tu lhe forneceras um fardo de mercadorias para ele se iniciar no comércio. Ele morreria antes de deixar de te pagar os primeiros recursos que lhe proporcionarás. Sim, tu lhe farás esse empréstimo, Grandet! No caso

contrário, te encherias de remorsos. Ah! Se meu filho não encontrasse socorro nem amizade em ti, eu pediria eternamente vingança a Deus por tua dureza. Se eu tivesse podido salvar alguns valores, teria o direito de lhe enviar uma quantia como parte dos bens de sua mãe. Mas os pagamentos do fim do mês absorveram todos os meus recursos. Não gostaria de morrer em dúvida sobre a sorte de meu filho. Desejaria poder sentir santas promessas no calor de tua mão. Isso me teria reconfortado. Mas o tempo me é escasso. Enquanto Carlos estiver em viagem, tratarei de ajeitar minha escrita. Procuo provar, pela boa-fé que presidiu meus negócios, que não há em meus desastres falta nem improbidade. Não é isso pensar em Carlos?

Adeus, meu irmão. Que todas as bênçãos de Deus caiam sobre ti para a generosa tutela que te confio, e que aceitas, não tenho a mínima dúvida. Haverá uma voz a orar incessantemente por ti no mundo aonde todos devemos ir um dia e onde já me encontro.

vítor ângelo guilherme grandet

— De que falavam? — perguntou o pai Grandet, dobrando com exatidão a carta nas mesmas dobras e metendo-a no bolso do colete.

Olhou para o sobrinho com uma expressão humilde e receosa, sob a qual ocultava suas emoções e seus cálculos.

— Já te aqueceste?

— Otimamente, meu caro tio.

— Muito bem. Onde estão nossas mulheres? — disse o tio, esquecendo-se de que o sobrinho ia dormir em casa.

Nesse momento, Eugênia e a sra. Grandet reapareceram.

— Está tudo arranjado lá em cima? — perguntou ele, recuperando a calma.

— Sim, meu pai.

— Pois bem, rapaz, se estás cansado, Nanon vai te conduzir ao quarto. Não penses que é um apartamento de luxo! Mas desculparás uns pobres vinhateiros que nunca têm dinheiro. Os impostos nos devoram tudo.

— Não queremos ser indiscretos — disse o banqueiro. — O senhor pode ter de falar com seu sobrinho. Assim, desejamos-lhes boa-noite. Até amanhã.

A essas palavras, o grupo se levantou e cada um fez sua despedida de acordo com seu temperamento. O velho tabelião foi buscar, sob a porta, a lanterna, e veio acendê-la, oferecendo-se aos Des Grassins para os conduzir. A sra. des Grassins não tinha previsto o incidente que devia encerrar prematuramente a reunião e seu criado ainda não chegara.

— Quer dar-me a honra de aceitar meu braço, senhora? — disse o padre Cruchot à sra. des Grassins.

— Muito agradecida, senhor padre. Tenho meu filho — respondeu ela secamente.

— As senhoras não se comprometem comigo — disse o padre.

— Ora, dá o braço ao sr. Cruchot — disse-lhe o marido.

O padre conduziu a linda senhora bastante rapidamente para ficarem alguns passos adiante do grupo.

— É lindo esse jovem, minha senhora — disse, apertando-lhe o braço. — *Adeus, cestos, as vindimas terminaram!* Precisa renunciar à srta. Grandet. Eugênia será do primo. A menos que ele esteja enamorado de uma parisiense, seu filho Adolfo encontrará nele o rival mais...

— Deixe-o, senhor padre. Esse rapaz não tardará a perceber que Eugênia é uma tola, uma moça sem brilho. O senhor notou? Estava

amarela como um marmelo.

— Talvez a senhora já o tenha observado ao primo...

— É claro que não deixei de fazê-lo...

— Coloque-se sempre ao lado de Eugênia, minha senhora, e não terá muito que dizer a esse moço contra sua prima. Ele fará por si mesmo uma comparação que...

— Para começar, ele prometeu vir jantar depois de amanhã em minha casa.

— Ah, se a senhora quisesse... — disse o padre.

— E que quer o senhor que eu queira, senhor padre? Está pensando em me dar maus conselhos? Se cheguei à idade de trinta e nove anos com uma reputação sem mancha, graças a Deus, não foi para comprometê-la depois, mesmo que se tratasse do império do Grão-Mogol. Estamos ambos numa idade em que sabemos o que significam as palavras. Para um eclesiástico, o senhor tem, na verdade, ideias bem impróprias. Isto é digno de Faublas.[\[163\]](#)

— Então a senhora leu Faublas?

— Não, senhor padre. Quis dizer *As ligações perigosas*.[\[164\]](#)

— Ah! Esse livro é infinitamente mais imoral — disse o padre, rindo. — Mas a senhora me faz mais perverso do que um rapaz de hoje! Quis simplesmente...

— Diga-me, se é capaz, que não pensava em me aconselhar coisas vis. Não é bastante claro? Se esse rapaz, que é muito agradável, concordo, me fizesse a corte, não pensaria mais na prima. Em Paris, eu sei, algumas boas mães se dedicam assim à felicidade e à fortuna de seus filhos. Mas nós estamos na província, senhor padre.

— Sim, senhora.

— E — acrescentou ela — eu não desejaria, nem Adolfo tampouco, cem milhões comprados a esse preço.

— Senhora, não falei de cem milhões. A tentação talvez tenha estado acima de nossas forças. Creio somente que uma senhora honesta pode se permitir, decente e honradamente, pequenas faceirices sem consequência, que fazem parte de seus deveres em sociedade e que...

— Acredita?

— Não devemos acaso, senhora, tratar de nos tornarmos agradáveis uns aos outros...? Permita que eu me assoe. Asseguro-lhe, minha senhora — acrescentou —, que ele a fitava com uma expressão mais carinhosa do que a que tinha quando me olhava. Mas eu lhe perdoo honrar a beleza de preferência à velhice...

— É claro — dizia o presidente com sua voz grossa — que o sr. Grandet de Paris envia seu filho a Saumur com intenções extremamente matrimoniais...

— Nesse caso, o sobrinho não teria caído lá como uma bomba — respondeu o tabelião.

— Isto não quer dizer nada — observou o sr. des Grassins. — O velho é misterioso.

— Des Grassins, meu amigo, eu o convidei para jantar. É preciso que convides também o sr. e a sra. Larsonnière e os Du Hautoy, com a bela srta. du Hautoy, está visto, desde que ela se arrume bem nesse dia. Sua mãe, por ciúmes, a veste tão mal! Espero, senhores, que nos deem a honra de vir também — acrescentou ela, detendo o grupo para se voltar para os dois Cruchot.

— Ei-la em sua casa, senhora — disse o tabelião.

Após ter cumprimentado os três Des Grassins, os três Cruchot voltaram para casa, servindo-se desse gênio de análise que possuem os provincianos, para estudar sob todos os aspectos o grande acontecimento da noite, que mudava as posições respectivas dos cruchotistas e dos grassinistas. O admirável bom senso que dirigia as ações daqueles grandes calculadores lhes fez sentir a necessidade de uma aliança momentânea contra o inimigo comum. Não deviam eles, mutuamente, impedir Eugênia de amar o primo e Carlos de pensar na prima? Poderia o parisiense resistir às insinuações pérfidas, às calúnias dulçorosas, às maledicências cheias de elogios, às ingênuas referências depreciativas que iam girar constantemente em torno dele para o enganar...?

Quando os quatro parentes ficaram a sós na sala, o sr. Grandet disse ao sobrinho:

— Precisas ir te deitar. É muito tarde para falar dos assuntos que te trazem aqui. Amanhã escolheremos um momento favorável. Aqui, almoçamos às oito horas. Ao meio-dia, comemos uma fruta, um pedaço de pão às pressas e tomamos um copo de vinho branco. Jantamos às cinco horas, como os parisienses. Eis o programa. Se quiseres ir à cidade ou às redondezas, serás livre como o ar. Desculparás se meus negócios não me permitem que te acompanhe sempre. Ouvirás, talvez, todos aqui dizerem que sou rico: “Sr. Grandet para cá, sr. Grandet para lá!”. Deixo-os falar. Seus falatórios não prejudicam meu crédito. Mas não tenho um *sou*, e trabalho, na minha idade, como um jovem camponês cuja riqueza se compõe unicamente de um mau pedaço de terra e de dois bons braços. Muito em breve, talvez, verás por ti mesmo o quanto custa um escudo quando se tem de o ganhar. Vamos, Nanon, as velas!

— Espero, meu sobrinho, que encontres tudo de quanto necessitas — disse a sra. Grandet. — Mas, se faltar alguma coisa, podes chamar Nanon.

— Minha querida tia, será difícil que falte. Creio ter trazido todos os meus utensílios! Permitam-me que lhes deseje boa-noite, assim como à prima.

Carlos tomou das mãos de Nanon uma vela de espermacete acesa, uma vela do Anjou, muito amarela, envelhecida no armazém e tão semelhante à do castiçal que o sr. Grandet, incapaz de suspeitar da existência de tal artigo em casa, não percebeu aquela magnificência.

— Vou te mostrar o caminho — disse o velho.

Em vez de sair pela porta da sala que ficava sob o arco, Grandet fez a cerimônia de passar pelo corredor que separava a sala da cozinha. Uma porta, que sempre se mantinha fechada por uma mola e com um grande oval de vidro, fechava esse corredor do lado da escada, a fim de temperar o frio que aí se engolfava. Nem por isso, entretanto, o vento norte soprava ali menos rudemente no inverno e, apesar dos coxins colocados nas portas da sala, o calor ali apenas se mantinha num grau conveniente. Nanon foi passar o ferrolho na grande porta, fechou a sala e soltou, no pátio, um cão policial cuja voz era rouca como se tivesse laringite. Esse animal, de notável ferocidade, não conhecia senão Nanon. Aquelas duas criaturas campestres se entendiam. Quando Carlos viu os muros amarelados e esfumaçados do vão da escada de corrimão carcomido, que tremia sob o passo pesado do tio, seu desencanto foi *rinforzando*. Mais parecia estar num poleiro de galinhas. A tia e a prima, para as quais se voltou a fim de lhes interrogar as fisionomias, estavam tão habituadas com essa escada que, não adivinhando a causa de seu

espanto, o tomaram por uma expressão amável e lhe responderam com um sorriso que o despertou.

“Que diabo terá meu pai me mandado fazer aqui?”, pensava.

Chegado ao primeiro patamar, percebeu três portas pintadas de vermelho etrusco e sem ombreiras, portas perdidas na muralha empoeirada e guarnecidas de cintas de ferro cavilhadas, visíveis, terminadas em ornatos, como o era, em cada extremidade, a longa fechadura. Dessas portas, a que se achava no alto da escada e que dava entrada para a peça situada acima da cozinha estava evidentemente murada. Não se entrava ali senão pelo quarto de Grandet, a quem essa peça servia de gabinete. A única janela de onde recebia luz estava protegida, do lado do pátio, por enormes barras de ferro em grade. Ninguém, nem mesmo a sra. Grandet, tinha permissão de entrar ali, onde Grandet queria permanecer sozinho, como um alquimista em seu laboratório. Ali, sem dúvida, algum esconderijo teria sido habilmente construído, ali se armazenavam os títulos de propriedade, ali ficavam as balanças destinadas a pesar os luíses, ali se faziam, no refúgio da noite e em segredo, as quitações, os recibos, os cálculos. E de tal maneira que as pessoas de negócios, vendo sempre Grandet preparado para tudo, podiam imaginar que ele tivesse às suas ordens uma fada ou um demônio. Ali, sem dúvida, quando Nanon roncava até estremecer o assoalho, quando o cão policial vigiava e bocejava no pátio, quando a sra. e a srta. Grandet estavam ferradas no sono, ia o antigo tanoeiro acariciar, afagar, chocar, cozinhar, abraçar seu ouro. Os muros eram espessos, os contraventos discretos. Somente ele tinha a chave daquele laboratório onde, dizia-se, consultava os mapas nos quais suas árvores frutíferas estavam assinaladas e fixava o valor de seus

produtos sem erro de um só sarmento ou de um só graveto. A entrada do quarto de Eugênia era fronteira àquela porta murada. No fim do patamar ficava o apartamento do casal, que ocupava toda a parte dianteira da casa. A sra. Grandet tinha um quarto contíguo ao de Eugênia, no qual se entrava por uma porta de vidro. O quarto do chefe da casa era separado do da mulher por um tabique e do misterioso gabinete por um espesso muro. O pai Grandet havia alojado o sobrinho no segundo andar, na alta mansarda situada acima de seu quarto, de maneira a poder ouvir seus passos se ele se pusesse a andar. Quando Eugênia e a mãe chegaram ao meio do patamar, trocaram o beijo da noite. Depois, após ter dito a Carlos algumas palavras de adeus, frias sobre os lábios, mas ardentes no coração da moça, entraram nos respectivos quartos.

— Estás em casa, meu sobrinho — disse o pai Grandet a Carlos, abrindo-lhe a porta. — Se tiveres necessidade de sair, chama Nanon. Sem ela, adeus!, o cão te comeria sem dar um pio. Dorme bem. Boa noite. Ah! Muito bem! As senhoras acenderam o fogo — acrescentou.

Nesse momento, a grande Nanon apareceu com um aquecedor.

— Ainda mais! — exclamou Grandet. — Tomas meu sobrinho por uma mulher em trabalho de parto? Leva de volta o carvão, Nanon!

— Mas, senhor, os lençóis estão úmidos e este senhor é verdadeiramente mimoso como uma mulher.

— Bem, está bem, já que meteste isso na cabeça — disse Grandet, empurrando-a pelas espáduas. — Mas toma cuidado com esse fogo.

Depois, o avarento desceu resmungando vagas palavras.

Carlos ficou atônito no meio das malas. Após ter corrido o olhar pelas paredes de um quarto em mansarda forrado desse papel amarelo com ramos de flores que se encontra nas tabernas, pela

lareira de pedra de amolar, canelada, que causava frio ao simples olhar, pelas cadeiras de madeira amarela, guarnecidas de bambu envernizado e que pareciam ter mais de quatro ângulos, pela mesa de cabeceira aberta na qual poderia caber um pequeno sargento de caçadores, pelo gasto tapete de ourela colocado ao pé de uma cama cujas sanefas tremiam como se fosse cair, carcomidas pelas traças, olhou seriamente para a grande Nanon e lhe disse:

— Dize-me, querida menina, estou mesmo na casa do sr. Grandet, antigo administrador municipal de Saumur, irmão do sr. Grandet de Paris?

— Sim, senhor, na casa de um senhor amável, bondoso e perfeito. Quer que ajude a desfazer as malas?

— Claro que quero, meu velho soldado! Não serviste, por acaso, como marinheiro da guarda imperial?

— Oh! Oh! Oh! Oh! — disse Nanon. — Que é isso, marinheiro da guarda imperial? É salgado? Anda no mar?

— Olha, tira meu roupão que está na mala. Toma a chave.

Nanon ficou maravilhada ao ver um roupão de seda verde com flores douradas formando desenhos antigos.

— O senhor vai vestir isso para dormir? — perguntou.

— Sim.

— Virgem Santíssima! Que belo frontal daria isso para o altar da igreja. Meu mimoso senhor, dê isso à igreja. Assim salvará sua alma, do contrário só poderá perdê-la. Oh, como fica bonito com isso! Vou chamar a menina para ver.

— Vamos, Nanon, queres ficar calada? Deixa que eu me deite. Arrumarei minhas coisas amanhã. E se meu roupão te agrada tanto,

salvarás tua alma. Sou muito bom cristão para não deixá-lo para ti, quando for embora, e poderás fazer com ele o que quiseres.

Nanon ficou imóvel, contemplando Carlos, sem poder acreditar em suas palavras.

— Dar-me esse belo enfeite! — disse ela, saindo. — Qual nada! Ele já está sonhando. Boa noite.

— Boa noite, Nanon.

“Que vim fazer aqui?”, interrogava-se Carlos, acomodando-se para dormir. “Meu pai não é nenhum idiota, minha viagem deve ter um fim. Psiu! Deixemos para amanhã os negócios sérios, dizia não sei que pateta grego.”

“Virgem Santíssima! Como é belo o meu primo!”, pensou Eugênia, interrompendo as orações que, naquela noite, ficaram incompletas.

A sra. Grandet não teve nenhum pensamento ao deitar-se. Ouvia, pela porta de comunicação que havia no meio do tabique, o avarento a andar de um lado para o outro no seu quarto. Como todas as mulheres tímidas, ela havia estudado o caráter de seu senhor. Como a gaivota prevê a tempestade, ela havia previsto, por sinais imperceptíveis, o vendaval interior que agitava Grandet e, para empregar a expressão de que ela se servia, fazia-se de morta. Grandet olhava para a porta inteiramente chapeada de ferro que fizera colocar no seu gabinete e se dizia: “Que ideia bizarra teve meu irmão de me legar seu filho! Bela herança! Não tenho vinte escudos para dar. Mas que seriam vinte escudos para esse peralvilho que examinava meu barômetro como se quisesse fazer fogo?”.

Refletindo sobre as consequências desse testamento de dor, Grandet estava talvez mais agitado do que mesmo seu irmão ao

redigi-lo.

“Terei aquele roupão de ouro...?”, interrogava-se Nanon, que dormiu vestida com seu frontal, sonhando com flores, fazendas de seda, damascos, pela primeira vez na vida, como Eugênia sonhava com o amor.

III – AMORES DE PROVÍNCIA

Na pura e monótona vida das moças, chega uma hora deliciosa em que o sol lhes derrama seus raios na alma, em que a flor lhes exprime pensamentos, em que as palpitações do coração comunicam ao cérebro sua cálida fecundidade e fundem as ideias num vago desejo. Dia de inocente melancolia e de suaves alegrias! Quando as crianças começam a ver, sorriem. Quando uma rapariga entrevê o sentimento da natureza, sorri como sorria quando criança. Se a luz é o primeiro amor da vida, o amor não será a luz do coração? O momento de ver claramente as coisas terrenas chegara para Eugênia.

Matinal como todas as moças da província, levantou-se muito cedo, fez suas orações e começou a arrumar-se, ocupação que desse momento em diante começava a ter um sentido. Inicialmente, alisou os cabelos castanhos, compôs grandes anéis no alto da cabeça com o maior cuidado, evitando que os cabelos escapassem das tranças, e imprimiu ao penteado uma simetria que realçou a tímida candura de seu rosto, harmonizando a simplicidade dos acessórios com a naturalidade dos traços. Lavando várias vezes as mãos na água pura que lhe enrijecia e avermelhava a pele, olhou para os belos braços roliços e se perguntou o que faria o primo para ter as mãos tão

brancas e macias, as unhas tão bem tratadas. Calçou as meias novas e os mais belos sapatos. Apertou bem o corpete, sem saltar nenhum ilhó. Enfim, desejando, pela primeira vez na vida, vestir-se de maneira que a favorecesse, conheceu a felicidade de ter um vestido novo, bem-feito e que a tornava atraente.

Terminada a toalete, ouviu soar o relógio da igreja e se surpreendeu por não contar mais que sete horas. O desejo de dispor de tempo suficiente para se vestir bem a fizera levantar-se muito cedo. Ignorando a arte de refazer dez vezes um anel de cabelo e de lhe estudar o efeito, Eugênia cruzou tranquilamente os braços, sentou-se à janela, contemplou o pátio, o jardim estreito e os altos terraços que o dominavam. Paisagem melancólica, restrita, mas que não era desprovida das misteriosas belezas particulares aos recantos solitários ou à natureza inculta.

Perto da cozinha havia um poço com a roldana mantida por uma barra curva de ferro em que se enrodilhava uma parreira de ramos murchos, avermelhados, crestados pela estação. Dali, o tortuoso sarmento alcançava o muro, grudava-se a ele e corria ao longo da casa, indo terminar num depósito onde a lenha estava empilhada com a mesma exatidão com que o estariam os livros de um bibliófilo. O calçamento do pátio oferecia essas cores escuras produzidas, com o tempo, pelos musgos, as ervas, a falta de movimento. Os muros espessos ostentavam seu manto verde cortado por longos traços marrons. Enfim, os oito degraus existentes no fundo do pátio e que levavam à porta do jardim estavam desconjuntados e escondidos sob capim alto, como o túmulo de um cavaleiro enterrado por sua viúva no tempo das Cruzadas. Sobre uma fileira de pedras gastas elevava-se uma grade de madeira carcomida, meio caída pela idade mas à

qual se agarravam à vontade plantas trepadeiras. De cada lado da porta gradeada avançavam os ramos tortuosos de duas macieiras. Três aleias paralelas, cobertas de areia e separadas por canteiros cuja terra era mantida por meio de uma orla de arbustos, compunham o jardim, que terminava, sob o terraço, num dossel de tílias. Numa extremidade, framboesiras. Na outra, uma imensa nogueira que inclinava seus ramos sobre o gabinete do tanoeiro. Um dia puro e o belo sol dos outonos naturais às margens do Loire começaram a dissipar a camada de orvalho deixada pela noite sobre os objetos pitorescos, os muros, as plantas que enchem o jardim e o pátio.

Eugênia encontrou encantos inteiramente novos no aspecto dessas coisas, outrora tão banais para ela. Mil pensamentos confusos nasciam em sua alma e ali cresciam à medida que cresciam lá fora os raios do sol. Teve, enfim, esse movimento de vago e inexplicável prazer que envolve o ser moral como uma nuvem envolveria o ser físico. Suas reflexões combinavam com os detalhes daquela paisagem singular, e as harmonias de seu coração fizeram coro com as harmonias da natureza. Quando o sol atingiu uma face de muro de onde caíam avencas de folhas espessas e de cores cambiantes como o pescoço dos pombos, celestes raios de esperança iluminaram o futuro para Eugênia, que, daquele momento em diante, passou a olhar com encanto esse pedaço de muro, suas flores pálidas, suas campânulas azuis e suas grammas murchas, a que se misturou uma doce recordação da infância. O ruído que cada folha produzia nesse pátio sonoro ao se destacar de seu ramo dava uma resposta às secretas interrogações da moça, que teria ficado ali o dia inteiro sem perceber a fuga das horas. Depois, vieram os tumultuosos movimentos de alma. Levantou-se muitas vezes, colocou-se diante

do espelho a examinar-se, como um autor de boa-fé contempla sua obra para se criticar e dizer injúrias a si mesmo.

“Não sou bastante bela para ele!” — tal era o pensamento de Eugênia, pensamento humilde e fértil em sofrimentos. A pobre moça não estava sendo justa para consigo mesma. Mas a modéstia, ou melhor, o temor, é uma das primeiras virtudes do amor. Eugênia pertencia a esse tipo de moças de constituição robusta, comuns na pequena burguesia, e cuja beleza parece vulgar. Mas se ela se assemelhava a Vênus de Milo,[\[165\]](#) suas formas eram enobrecidas por essa suavidade do sentimento cristão que purifica a mulher e lhe confere uma distinção desconhecida dos escultores antigos. Tinha uma cabeça enorme, a fronte masculina, mas delicada, do Júpiter de Fídias,[\[166\]](#) e olhos cinzentos aos quais sua vida casta, ali transparecendo inteira, imprimia uma luz resplandecente. Os traços do seu rosto redondo, outrora fresco e tosco, estavam acentuados por sinais de varíola bastante clemente para não deixar marcas nítidas, mas que havia destruído o aveludado da pele, mesmo assim tão doce e tão fina ainda, que o puro beijo de sua mãe nele desenhava passageiramente uma marca vermelha. O nariz, um pouco forte demais, harmonizava-se, entretanto, com a boca de um vermelho de mínio, cujos lábios radiados eram cheios de amor e bondade. O pescoço tinha um contorno perfeito. O busto cheio, cuidadosamente coberto, atraía o olhar e fazia sonhar. Faltava-lhe, sem dúvida, um pouco de graça no vestuário. Mas, para os conhecedores, a falta de flexibilidade do busto devia ser um encanto. Eugênia, grande e robusta, não tinha, pois, nada do bonito que agrada às massas. Era, porém, bela, dessa beleza tão fácil de reconhecer e da qual se apaixonam unicamente os artistas. O pintor que procurasse aqui na

terra um modelo com a celeste pureza de Maria, que pede à natureza feminina esses olhos modestamente altivos que Rafael[167] adivinhara, essas linhas virgens muitas vezes devidas aos azares da concepção mas que somente uma vida cristã e pudica pode conservar ou proporcionar; esse pintor, ávido de tão raro modelo, teria encontrado logo no olhar de Eugênia a nobreza inata que se ignora. Teria visto, sob uma fronte calma, um mundo de amor, e nos seus olhos, na forma das pálpebras, algo de divino. Seus traços, os contornos da cabeça, que a expressão do prazer jamais havia alterado ou fatigado, assemelhavam-se à linha do horizonte tão docemente traçada ao longe pelos lagos tranquilos. Aquela fisionomia calma, corada, iluminada de um clarão como uma bela flor recém-desabrochada, repousava a alma, comunicava o encanto da consciência que ali se refletia e atraía o olhar. Eugênia estava ainda na margem da vida onde florescem as ilusões infantis, onde se colhem margaridas com delícias mais tarde desconhecidas. Assim, disse ela, mirando-se no espelho, sem saber ainda que isso era amor:

— Sou muito feia. Ele não prestará atenção em mim!

Depois, abriu a porta do quarto que dava para a escada e alongou o pescoço para escutar os ruídos da casa.

“Ele não se levanta”, pensou ela, ouvindo a tosse matinal de Nanon e a boa mulher que andava de um lado para outro, varrendo a sala, acendendo o fogo, acorrentando o cachorro e falando aos animais no pátio.

Em seguida Eugênia desceu e correu para Nanon, que ordenhava a vaca.

— Nanon, minha boa Nanon, faze creme para o café de meu primo.

— Mas, menina, era preciso ter tratado disso ontem — disse Nanon, com uma gargalhada. — Não posso fazer creme agora. Seu primo é um mimo, um mimo, um verdadeiro mimo. A menina não o viu com sua roupa de seda e ouro. Eu o vi, eu. Ele usa roupa de dormir tão fina como a sobrepeliz do senhor cura.

— Nanon, faça então uma torta.

— E quem me dará lenha para o forno, farinha e manteiga? — disse Nanon que, na qualidade de primeiro-ministro de Grandet, assumia, às vezes, uma importância enorme aos olhos de Eugênia e da mãe. — Será preciso saqueá-lo para agradar seu primo? Peça-lhe manteiga, farinha e lenha, ele é seu pai, há de dar. Olhe, lá vem ele descendo para ir tratar das provisões...

Eugênia fugiu para o jardim, toda assustada ao ouvir a escada tremer sob as passadas do pai. Ela experimentava já os efeitos desse profundo pudor e dessa consciência particular da felicidade que nos faz crer, talvez não sem razão, que nossos pensamentos estão gravados na nossa frente e saltam aos olhos dos outros. Percebendo, enfim, a fria pobreza da casa paterna, a pobre moça foi invadida por uma espécie de despeito por não poder harmonizá-la com a elegância do primo. Sentiu uma apaixonada necessidade de fazer alguma coisa por ele. Que faria? Não o sabia. Ingênua e sincera, ela se deixava arrastar por sua natureza angélica sem desconfiar de suas impressões e de seus sentimentos. O simples aparecimento do primo havia despertado nela os pendores naturais da mulher, que, naturalmente, se haviam desenvolvido integralmente, pois tendo completado vinte e três anos ela se encontrava na plenitude de sua inteligência e de seus desejos.

Pela primeira vez, Eugênia viu surgir no coração o terror pelo aspecto do pai, viu nele o senhor de seu destino e se sentiu culpada por lhe ocultar alguns pensamentos. Pôs-se a andar com passos precipitados, admirada de respirar um ar mais puro, de sentir os raios do sol mais vivificadores e de retirar disso um calor moral, uma vida nova. Enquanto procurava um artifício para conseguir a torta, surgiu entre a grande Nanon e Grandet uma dessas discussões tão raras entre eles como as andorinhas no inverno. Munido das chaves, o homem viera separar os víveres necessários ao consumo do dia.

— Sobrou pão de ontem? — perguntou a Nanon.

— Nem uma migalha, senhor.

Grandet tomou de um grande pão redondo, bem enfarinhado, moldado num desses cestos chatos que servem para fazer pão no Anjou e ia cortá-lo, quando Nanon lhe disse:

— Hoje somos cinco, senhor.

— É verdade — respondeu Grandet —, mas teu pão pesa seis libras e chega de sobra. Além disso, esses moços de Paris, vais ver, quase não comem pão.

— Então comem a *mistura*? — perguntou Nanon.

No Anjou, a *mistura*, palavra do vocabulário popular, exprime o acompanhamento do pão, desde a manteiga espalhada sobre a fatia, mistura vulgar, até as conservas de pêssego, a mais distinta das misturas. E todos aqueles que na infância lamberam a *mistura* e deixaram a fatia compreenderão o alcance dessa locução.

— Não — respondeu Grandet —, não comem mistura nem pão. São como as moças que estão para casar.

Enfim, após ter parcimoniosamente determinado o cardápio cotidiano, Grandet ia saindo para o pomar, cuidando, antes, de

fechar os armários da despensa, quando Nanon o deteve para dizer-lhe:

— Senhor, dê-me então farinha e manteiga. Farei uma torta para as crianças.

— Queres saquear a casa por causa do meu sobrinho?

— Não pensei em seu sobrinho mais do que no cachorro. Não pensei nele mais do que o senhor mesmo... Olhe, o senhor me deu somente seis torrões de açúcar! Preciso de oito.

— Que é isto, Nanon? Nunca te vi assim. Que é que te passa pela cabeça? És a patroa aqui? Não te darei mais que seis torrões.

— E, então, com que açúcar seu sobrinho adoçará o café?

— Com meus dois torrões. Tomarei café sem açúcar.

— Vai tomar café sem açúcar, na sua idade! Eu preferia comprá-lo com meu dinheiro.

— Mete-te com a tua vida!

Apesar da baixa do preço, o açúcar continuava sendo, aos olhos do tanoeiro, o mais precioso dos gêneros coloniais. Para ele, sempre valia seis francos a libra. A obrigação de economizar, adquirida durante o Império, havia se tornado o mais indelével de seus hábitos.

Todas as mulheres, mesmo as mais ignorantes, sabem astuciar para chegar a seus fins: Nanon deixou de lado a questão do açúcar para obter a torta.

— Menina — gritou pela janela —, quer que faça uma torta?

— Não, não — respondeu Eugênia.

— Vamos, Nanon — disse Grandet ouvindo a voz da filha —, toma.

Abriu a caixa da farinha, deu-lhe uma porção e juntou algumas onças de manteiga ao pedaço que já havia cortado.

— Preciso de lenha para aquecer o forno — disse a implacável Nanon.

— Está bem, tira o que for necessário — respondeu ele melancolicamente. — Mas farás uma torta de frutas e cozinharás no forno toda a refeição. Assim não precisarás acender dois fogos.

— É a mim que diz isto? — exclamou Nanon. — Não precisava dizer.

Grandet lançou sobre seu fiel ministro um olhar quase paternal.

— Menina — gritou a cozinheira —, teremos a torta.

O velho Grandet voltou carregado de frutas e colocou um primeiro prato sobre a mesa da cozinha.

— Repare as belas botas que tem seu sobrinho — disse-lhe Nanon. — Que couro, e como são perfumadas! Com que se limpará isto? Terei de usar sua graxa de ovos?

— Nanon, penso que o ovo estragaria esse couro. Além disso, dize-lhe que não conheces a maneira de engraxar marroquim... sim, é marroquim. Ele mesmo comprará em Saumur e te trará com que lustres as botas. Ouvi dizer que a gente as cobre de açúcar ao engraxá-las, para torná-las brilhantes.

— Então serve para comer? — disse a criada, chegando as botas ao nariz. — Qual nada! Cheiram a água-de-colônia da senhora. Ah, é engraçado!

— Engraçado! — disse o patrão. — Achas engraçado derramar nas botas mais dinheiro do que vale quem as usa?

— Senhor — disse ela na segunda viagem do patrão, que tinha fechado o pomar —, será que não vai fazer cozido uma ou duas vezes por semana por causa de seu...?

— Sim.

— Então preciso ir ao açougue.

— Nada disso. Farás cozido de aves. Os agregados as trarão em tal número que não terás uma folga. Vou dizer ao Cornoiller para matar alguns corvos. Essa ave dá o melhor cozido do mundo.

— É verdade que eles comem os mortos?

— És idiota, Nanon. Eles, como todo mundo, comem o que encontram. Acaso nós também não vivemos de mortos? Que são as heranças?

O pai Grandet, não tendo mais ordens a dar, puxou o relógio e, vendo que ainda podia dispor de meia hora antes do almoço, tomou o chapéu, foi abraçar a filha e lhe disse:

— Queres passear à margem do Loire, nos prados? Tenho que ir lá.

Eugênia foi colocar o chapéu de palha costurada, forrado de tafetá cor-de-rosa. Depois, pai e filha desceram a rua tortuosa até a praça.

— Aonde vai tão cedo? — perguntou o tabelião Cruchot ao encontrar Grandet.

— Ver uma coisa — respondeu o velho, evitando ser a vítima do passeio matinal do amigo.

Quando o pai Grandet ia “ver uma coisa”, o tabelião sabia, por experiência, que havia alguma coisa a ganhar. Por isso o acompanhou.

— Venha, Cruchot — disse Grandet ao tabelião. — Você é meu amigo. Vou lhe mostrar como é tolice plantar olmos em boas terras...

— Então você acha que não são nada os sessenta mil francos que vai ganhar com os que estão plantados nos prados do Loire? — disse o tabelião Cruchot, abrindo os olhos admirados. — Você teve sorte...!

Cortar as árvores no momento em que falta madeira em Nantes e vendê-las a trinta francos!

Eugênia escutava sem saber que se aproximava o momento mais solene de sua vida e que o tabelião ia fazer pronunciar sobre ela uma sentença paternal e soberana. Grandet chegara aos magníficos prados que possuía à margem do Loire e onde trinta operários se ocupavam em entulhar e nivelar os buracos deixados pelos olmos.

— Mestre Cruchot, veja quanto terreno ocupa um olmo — disse ele ao tabelião. — João — gritou para um operário —, me... me... de com a to... to... esa em to... to... dos os sen... sen... sentidos!

— Quatro vezes oito pés — respondeu o operário ao terminar.

— Trinta e dois pés perdidos — disse Grandet a Cruchot. — Eu tinha nesta fileira trezentos olmos, não é? Ora, trezen... zen... zen... tas ve... ve... vezes trinta e d... ois pés me o... o... cupavam qui... qui... qui... nhentos de fe... fe... feno. Acrescentem-se duas vezes isso, nos lados, mil e quinhentos. Isso re... re... representa mil fei... feixes de fe... feno.

— Perfeitamente — disse Cruchot para ajudar o amigo —, mil feixes de feno valem mais ou menos seiscentos francos.

— Di... di... gamos mil e du... du... zentos, por causa dos trezentos a quatrocentos francos de restolho. Muito bem. Ca... ca... calcule o que re... re... rendem mil e du... du... zentos francos por ano, du... du... rante qua... a... arenta anos com os ju... ju... juros co... co... compostos.

— Vai a sessenta mil francos — disse o tabelião.

— Bem o sei! São se... se... sessenta mil francos. E então? Dois mil olmos de quarenta anos — continuou sem gaguejar — não me dariam cinquenta mil francos. Há prejuízo. Descobri isso — disse Grandet

levantando-se na ponta dos pés. — João — disse ele —, entulharás os buracos, exceto do lado do Loire, onde plantarás os olmos que comprei. Plantando-os junto ao rio, eles se nutrirão à custa do governo — acrescentou, voltando-se para Cruchot e imprimindo ao lobinho do nariz um ligeiro movimento que valia pelo mais sarcástico dos sorrisos.

— É claro: os olmos não devem ser plantados senão em terras pobres — disse Cruchot, estupefato com os cálculos de Grandet.

— S-i-m, senhor — respondeu ironicamente o tanoeiro.

Eugênia, que admirava a sublime paisagem do Loire sem escutar os cálculos do pai, prestou atenção ao que Cruchot dizia a seu cliente:

— E então! Mandou buscar um genro em Paris? Em toda Saumur não se fala de outra coisa. Vou ter que lavrar um contrato, muito em breve, pai Grandet?

— Em bo... boa hora me diz isso — replicou Grandet, acompanhando essa reflexão de movimento de seu lobinho. — Pois bem, meu velho ca... a... amarada, serei franco e lhe direi o que quer sa... saber. Eu preferiria, veja, a... a... atirar mi... minha fi... fi... filha no Loire a dá... dá... dá-la a seu pri... primo. Po... po... pode anunciar isso. Mas, não, de... de... deixa o mu... mundo ta... ta... garelar.

Eugênia ficou aterrorizada com essa resposta. As longínquas esperanças que começavam a brotar em seu coração haviam crescido muito cedo, florescido e formavam já um ramo de flores. E ela as viu subitamente cortadas e lançadas por terra. Desde a véspera, ela se unia a Carlos por todos os laços de felicidade que unem as almas. Daí por diante, o sofrimento ia reforçá-los. Não é acaso o nobre destino da mulher ser mais atingida pelas pompas da miséria que pelos esplendores da fortuna? Como havia podido o sentimento paternal

extinguir-se no fundo do coração de seu pai? De que crime era, pois, Carlos culpado? Misteriosas questões! Já seu amor nascente, enigma tão profundo, cercava-se de mistérios. Voltou com as pernas trêmulas e ao chegar à velha rua sombria, tão alegre para ela, achou-a de aspecto triste. Respirou ali a melancolia que os tempos e as coisas lhe haviam imprimido. Não lhe faltava nenhum dos ensinamentos do amor. A alguns passos da casa, adiantou-se ao pai e o esperou à porta após haver batido. Mas Grandet, tendo visto na mão do tabelião um jornal ainda com a cinta do correio, perguntou-lhe:

— Como estão os fundos públicos?

— Você não me quer escutar, Grandet! — respondeu-lhe Cruchot.

— Compre logo. Há ainda vinte por cento a ganhar em dois anos, além dos juros a excelente taxa, cinco mil francos de renda por oitenta mil francos. Os fundos estão a oitenta francos e cinquenta centavos.

— Vamos ver — respondeu Grandet coçando o queixo.

— Meu Deus! — exclamou o tabelião, que havia aberto o jornal.

— Que é? — perguntou Grandet, no momento em que Cruchot lhe punha sob os olhos o jornal, dizendo-lhe: “Leia este artigo”.

O sr. Grandet, um dos negociantes mais estimados de Paris, suicidou-se, ontem, após ter feito sua costumeira aparição na bolsa. Ele havia enviado ao presidente da Câmara dos Deputados seu pedido de demissão e se havia igualmente demitido de suas funções de juiz do Tribunal do Comércio. As falências dos srs. Roguin e Souchet,[\[168\]](#) seu agente de câmbio e seu tabelião, o arruinaram. A consideração de que gozava o

sr. Grandet e seu crédito, entretanto, eram tais, que ele teria sem dúvida encontrado socorro na praça de Paris. É lamentável que esse respeitável homem tenha cedido a um primeiro momento de desespero etc.

— Já o sabia — disse o velho vinhateiro ao tabelião.

Essa revelação gelou Cruchot, que, não obstante sua impassibilidade de tabelião, sentiu um arrepio de frio pelas costas, pensando em que o Grandet de Paris tinha, talvez, implorado em vão os milhões do Grandet em Saumur.

— E seu filho, ontem tão alegre...?

— Nada sabe ainda — respondeu Grandet com a mesma calma.

— Adeus, Grandet — disse Cruchot, que compreendeu tudo e foi tranquilizar o presidente Bonfons.

Ao voltar, Grandet encontrou o almoço servido. A sra. Grandet estava já em sua cadeira alta fazendo mantas para o inverno e Eugênia se lhe lançou ao pescoço para abraçá-la com essa viva efusão de coração que nos causa um pesar secreto.

— Podem almoçar — disse Nanon, que desceu as escadas de quatro em quatro degraus. — O menino dorme como um querubim. Como ele é lindo, com os olhos fechados! Entrei e o chamei. Qual nada!

— Deixa-o dormir — disse Grandet. — De qualquer maneira, despertará muito cedo para receber más notícias.

— Que é que há? — perguntou Eugênia, deitando no café os dois pequenos pedaços de açúcar pesando não se sabe quantos gramas, que o velho se divertia a cortar em pessoa nas suas horas de folga.

A sra. Grandet, que não ousara fazer essa pergunta, olhou para o marido.

— Seu pai se suicidou.

— Meu tio? — perguntou Eugênia.

— Pobre rapaz! — exclamou a sra. Grandet.

— Sim, pobre — repetiu Grandet. — Não possui nem mais um *sou*.

— E, no entanto, dorme como se fosse o rei da terra — disse Nanon, com um acento doce.

Eugênia parou de comer. Sentiu que se lhe apertava o coração, como acontece quando, pela primeira vez, a compaixão, excitada pela desgraça daquele a quem ama, se espalha pelo corpo inteiro de uma mulher. A rapariga chorou.

— Não conhecias teu tio. Por que choras? — disse-lhe o pai, lançando-lhe um desses olhares de tigre faminto como os que, certamente, lançava a seus montes de ouro.

— Mas — disse a empregada —, quem não sentirá compaixão por esse moço, que dorme como uma pedra sem conhecer sua sorte?

— Não falei contigo, Nanon! Segura a língua.

Nesse momento, Eugênia aprendeu que quem ama deve dissimular os sentimentos. E não respondeu.

— Espero que não lhe diga nada até minha volta, sra. Grandet — disse o velho, continuando. — Tenho de mandar nivelar os buracos dos meus campos, na estrada. Voltarei ao meio-dia para o segundo almoço. Falarei, então, com meu sobrinho sobre seus negócios. Quanto a ti, srta. Eugênia, se é por esse peralta que choras, perdes teu tempo. Ele partirá logo para as Índias. Não o verás mais...

Grandet tomou as luvas da borda do chapéu, calçou-as com a calma habitual, ajustou-as nas pontas dos dedos e saiu.

— Ah! mamãe, eu sufoco! — exclamou Eugênia quando ficou só com a mãe. — Nunca sofri tanto!

A sra. Grandet, vendo a filha empalidecer, abriu a janela e a fez respirar o ar fresco.

— Estou melhor — disse Eugênia, depois de um momento.

Essa crise de nervos numa natureza até então aparentemente calma e fria repercutiu sobre a sra. Grandet, que fitou a filha com essa profunda intuição de que são dotadas as mães para com o objeto de sua ternura, e adivinhou tudo. Mas, na verdade, a vida das célebres irmãs húngaras, [169] unidas uma à outra por um erro da natureza, não havia sido mais íntima que a de Eugênia e sua mãe, sempre juntas nesse vão de janela, juntas na igreja, dormindo sob o mesmo teto.

— Pobre filha! — disse a sra. Grandet, tomando a cabeça de Eugênia para apoiá-la contra o peito.

A essas palavras, a menina levantou a cabeça, interrogou a mãe com um olhar, perscrutando-lhe os pensamentos secretos e lhe disse:

— Por que enviá-lo às Índias? Se ele é infeliz, não é isso motivo para ficar aqui? Não é o nosso parente mais próximo?

— Sim, querida, seria muito natural. Mas teu pai tem suas razões, que devemos respeitar.

Mãe e filha se sentaram em silêncio, uma na cadeira colocada sobre calços e a outra em sua pequena poltrona. E ambas retomaram o trabalho. Cheia de gratidão pela admirável compreensão testemunhada pela mãe, Eugênia beijou-lhe a mão dizendo-lhe:

— Como és boa, querida mamãe!

Essas palavras fizeram brilhar o velho rosto materno, que longas dores haviam emurchecido.

— Gostas dele? — perguntou Eugênia.

A sra. Grandet respondeu com um sorriso apenas. E, após um momento, disse em voz baixa:

— Será que já o amas? Seria uma pena.

— Pena — replicou Eugênia — por quê? Ele te agrada, agrada a Nanon, por que não me agradaria também? Olha, mamãe, arrumemos a mesa para o seu almoço.

Deixou de lado o trabalho. A mãe a imitou, dizendo-lhe:

— Estás louca!

E justificou a loucura da filha, partilhando dela.

Eugênia chamou Nanon.

— Que mais quer, menina?

— Nanon, terás o creme pronto ao meio-dia?

— Ah! Ao meio-dia, sim — respondeu a velha criada.

— Então, serve-lhe o café bem forte. Ouvi o sr. des Grassins dizer que em Paris se usa café bem forte. Põe bastante pó.

— De onde quer que o traga?

— Compra-o.

— E se o patrão me encontrar?

— Ele está no campo.

— Vou correndo. Mas o sr. Fessard já me perguntou se os Reis Magos estavam cá em casa, quando fui buscar a vela de spermacete. Toda a cidade vai ficar sabendo dos nossos excessos.

— Se teu pai perceber alguma coisa — disse a sra. Grandet —, é capaz de nos bater.

— Não faz mal. Receberemos seus golpes de joelhos.

Como resposta, a sra. Grandet ergueu os olhos para o céu. Nanon vestiu a touca e saiu. Eugênia colocou a toalha branca e foi buscar

uns cachos de uva que, por passatempo, havia dependurado em cordas no celeiro. Caminhou sem ruído ao longo do corredor para não despertar o primo e não se pôde impedir de escutar à porta a respiração que passava pelos lábios de Carlos com intervalos regulares.

“A desgraça vela enquanto ele dorme”, disse Eugênia para si mesma.

Arrancou da parreira as folhas mais verdes e arranjou as uvas tão graciosamente como o teria feito um velho mestre do ofício, e colocou-as triunfalmente sobre a mesa. Depois, apoderou-se das peras deixadas pelo pai na cozinha e as dispôs em pirâmide entre folhas. Eugênia ia, vinha, apressava o passo, saltitava. Teria, de bom grado, esvaziado a casa do pai. Mas este guardava as chaves de tudo. Nanon voltou trazendo dois ovos frescos. Vendo-os, Eugênia teve vontade de saltar-lhe ao pescoço.

— O agregado de Lande me deu esses ovos que trazia no cesto, para me ser agradável. Que amabilidade!

Após duas horas de cuidados, durante os quais Eugênia abandonou vinte vezes seu trabalho para ir ver o café, para escutar o ruído que fazia o primo levantando-se, conseguiu preparar um almoço muito simples e pouco dispendioso mas que contrariava terrivelmente os hábitos inveterados da casa. Ao meio-dia almoçavam de pé. Cada um comia um pedaço de pão, uma fruta ou manteiga e bebia um copo de vinho. Vendo a mesa colocada perto do fogo, uma das poltronas diante do prato do primo, vendo as duas bandejas de frutas, o porta-ovos, a garrafa de vinho branco, o pão, e o açúcar amontoado num pires, Eugênia estremeceu somente ao pensar nos olhares que lhe lançaria o pai se entrasse naquele

momento. Olhava frequentemente para a pêndula a fim de calcular se o primo poderia almoçar antes da volta do velho.

— Fica tranquila, Eugênia, se teu pai chegar, assumirei a responsabilidade de tudo — disse a sra. Grandet.

Eugênia não pôde conter uma lágrima.

— Oh, minha querida mãe! — exclamou ela. — Não tenho sido boa para ti como mereces...

Carlos, após ter feito mil voltas no quarto a cantarolar, desceu afinal. Felizmente, eram apenas onze horas. Bom parisiense, havia posto tanta elegância em seu vestuário como se estivesse no castelo da distinta senhora que viajava pela Escócia. Entrou na sala com esse ar afável e sorridente que senta tão bem à juventude e que causou uma alegria triste a Eugênia. Tomara o partido de rir ante o desastre de seus castelos no Anjou e dirigiu-se à tia alegremente.

— Passou bem a noite, querida tia? E você, prima?

— Muito bem. E você? — perguntou a sra. Grandet.

— Perfeitamente.

— Deve estar com fome, primo — disse Eugênia. — Venha para a mesa.

— Mas nunca almoço antes do meio-dia, hora em que me levanto. Entretanto, alimentei-me tão mal em viagem que vou aceitar. Além disso...

Tirou o mais delicioso relógio de bolso fabricado por Bréguet.

[170]

— Imaginem, são onze horas, madruguei.

— Madrugou...? — interrogou a sra. Grandet.

— Sim, mas eu queria arrumar as minhas coisas. Bem, eu comeria, com muito prazer, alguma coisa, um nada, uma ave, uma

perdiz.

— Virgem Santíssima! — exclamou Nanon ao ouvir essas palavras.

— Uma perdiz — considerava Eugênia, que seria capaz de gastar todo seu pecúlio para comprar uma perdiz naquele momento.

— Venha sentar-se — disse-lhe a tia.

O dândi deixou-se conduzir até a poltrona como uma bela mulher que se recostasse em seu divã. Eugênia e a mãe trouxeram cadeiras e se colocaram junto dele, diante do fogo.

— Vivem sempre aqui? — perguntou-lhes Carlos, achando a sala ainda mais pobre, à luz do dia, do que parecia iluminada pelas velas.

— Sempre — respondeu Eugênia fitando-o —, exceto durante as vindimas. Nessas épocas, vamos ajudar Nanon e nos instalamos na abadia de Noyers.

— Nunca passeiam?

— Algumas vezes. Nos domingos, após as vésperas, quando o tempo é bom — disse-lhe a sra. Grandet —, andamos pela ponte ou vamos ver os fenos durante a ceifa.

— Vão ao teatro?

— Ir a um espetáculo! — exclamou a sra. Grandet. — Ver artistas! Mas não sabe que isso é um pecado mortal?

— Aqui está, caro senhor — disse Nanon trazendo os ovos —, vamos dar-lhe frango na casca.

— Oh, ovos frescos! — disse Carlos, que, como as pessoas habituadas ao luxo, já não pensava mais na perdiz. — Mas é delicioso! Se tivesse manteiga, hein, minha cara menina?

— Ah, manteiga! Assim não terá torta! — disse a criada.

— Mas dá-lhe a manteiga, Nanon! — exclamou Eugênia.

A moça examinava o primo enquanto este cortava as fatias e encantava-se com isso como a mais sensível costureirinha de Paris a assistir a um melodrama em que triunfa a inocência. É verdade que Carlos, educado por uma mãe graciosa, aperfeiçoado por uma mulher da moda, tinha movimentos distintos, elegantes, delicados como os de uma senhorita. A compaixão e a ternura de uma moça possuem uma influência verdadeiramente magnética. Carlos, vendo-se objeto das atenções da prima e da tia, não pôde fugir à sugestão dos sentimentos que se dirigiam para ele, por assim dizer inundando-o. Lançou para Eugênia um olhar brilhante de bondade, de carícias, um olhar que parecia sorrir. Contemplando-a, percebeu a singular harmonia de traços daquele rosto puro, da sua inocente atitude, da claridade mágica de seus olhos, onde cintilavam juvenis pensamentos de amor e onde o desejo ignorava a voluptuosidade.

— Palavra, minha cara prima, se você estivesse num camarote, em vestido de gala, na Ópera, garanto que minha tia teria inteira razão. Você faria os homens cometerem muitos pecados de desejo e as mulheres muitos pecados de inveja.

Esse galanteio abalou o coração de Eugênia e o fez palpitar de alegria, embora ela nada houvesse compreendido.

— Ora, primo, quer zombar de uma pobre provinciana?

— Se você me conhecesse, prima, saberia que detesto os gracejos. Eles entristecem o coração, ofendem os sentimentos...

E engoliu com grande satisfação uma fatia untada de manteiga.

— Não, provavelmente não tenho suficiente espírito para zombar dos outros, e essa falta me prejudica muito. Em Paris, pode-se assassinar um homem dizendo dele: “Tem bom coração”. Essa frase quer dizer: “O pobre rapaz é estúpido como um rinoceronte”. Mas,

como sou rico e conhecido por abater um pombo com o primeiro tiro, a trinta passos, com qualquer pistola e em pleno voo, a zombaria me respeita.

— O que você diz, meu sobrinho, pressagia um bom coração.

— Tem um anel muito bonito — disse Eugênia. — Há algum mal em pedir para vê-lo?

Carlos estendeu a mão e retirou o anel. Eugênia enrubesceu ao sentir as extremidades de seus dedos roçarem as unhas rosadas do primo.

— Vê, mamãe, que belo trabalho.

— Oh, tem muito ouro! — disse Nanon trazendo o café.

— Que é isto? — perguntou Carlos, sorrindo.

E indicou uma jarra oval de barro escuro, envernizada, esmaltada por dentro, com uma orla de fuligem. No meio do líquido fervente que a enchia via-se o café caindo ao fundo.

— É café de *panela* — disse Nanon.

— Ah, querida tia! Deixarei ao menos algum traço benfazejo de minha passagem por aqui. Como estão atrasados! Ensinarei a fazer bom café numa cafeteira Chaptal.

E tentou explicar o sistema da cafeteira Chaptal.

— Se é tão complicado assim — disse Nanon —, será preciso passar a vida inteira nisso. Nunca farei café assim. Ah, não farei! Quem daria forragem à vaca enquanto eu fizesse café?

— Eu o farei — disse Eugênia.

— Criança! — disse a sra. Grandet, olhando para a filha.

A essa exclamação, que recordava o desgosto prestes a abater-se sobre o desgraçado rapaz, as três mulheres se calaram e o contemplaram com um ar de comiseração que o intrigou.

— Que tem, prima?

— Psiu! — fez a sra. Grandet a Eugênia, que ia responder. — Sabes, filha, que teu pai se encarregou de falar ao senhor...

— Diga Carlos — pediu o jovem Grandet.

— Ah, chama-se Carlos? É um belo nome — exclamou Eugênia.

As desgraças pressentidas quase sempre acontecem. Nesse momento, Nanon, a sra. Grandet e Eugênia, que não pensavam sem um arrepio de medo na volta do antigo tanoeiro, ouviram uma batida de aldrava cujo som lhes era muito conhecido.

— Papai chegou! — disse Eugênia.

E retirou o pires com açúcar, deixando alguns torrões sobre a toalha. Nanon levou o prato com os ovos. A sra. Grandet se levantou como um animal assustado. Foi um medo pânico, de que Carlos se surpreendeu sem poder explicá-lo.

— E então, que têm? — perguntou-lhes.

— Papai está aí — disse Eugênia.

— E daí...?

O sr. Grandet entrou, lançou seu olhar penetrante sobre a mesa, sobre Carlos. Viu tudo.

— Ah, ah! Está festejando a chegada do sobrinho. Está bem, muito bem, muitíssimo bem! — disse sem gaguejar. — Enquanto o gato corre pelo telhado, os ratos dançam sobre o assoalho.

— Festejando...? — perguntou-se Carlos, incapaz de suspeitar do regime e dos costumes da casa.

— Dá-me um copo, Nanon — disse o velho.

Eugênia trouxe o copo. Grandet tirou da cava do colete uma faca de cabo de chifre, com uma larga lâmina, serviu-se de um bocadinho de manteiga, estendeu-o cuidadosamente no pão e se pôs a comê-lo,

de pé. Nesse momento, Carlos adoçava o café. O pai Grandet viu os torrões de açúcar, examinou a mulher, que empalideceu e deu três passos. Inclinou-se para a pobre velha e disse-lhe ao ouvido:

— De onde tirou todo esse açúcar?

— Nanon foi buscá-lo na casa de Fessard. Não havia mais aqui.

É impossível representar o profundo interesse que essa cena muda oferecia àquelas três mulheres: Nanon saíra da cozinha e observava a sala para ver como se passariam as coisas. Carlos, tendo provado o café, achou-o muito amargo e procurou o açúcar, que Grandet já havia recolhido.

— Que queres, meu sobrinho? — perguntou-lhe o velho.

— Açúcar.

— Põe leite — respondeu o chefe da casa. — O café ficará mais doce.

Eugênia trouxe o pires com açúcar que Grandet já havia guardado e o pôs sobre a mesa, contemplando o pai com um ar calmo. A parisiense, que, para facilitar a fuga do amante, sustenta com seus fracos braços uma escada de seda, não demonstra, certamente, maior coragem do que a de Eugênia ao repor o açúcar sobre a mesa. A parisiense tem certeza de ser recompensada. Ao mostrar ao amante o belo braço ferido com as veias exangues, ele o cobrirá de lágrimas e de beijos e o curará pelo prazer. Ao passo que Carlos jamais viria a conhecer o segredo das profundas agitações que dilaceravam o coração da prima, então fulminado pelo olhar do antigo tanoeiro.

— Não comes, mulher?

A pobre hilota aproximou-se, cortou uma miserável fatia de pão e apanhou uma pera. Eugênia ofereceu audaciosamente uvas ao pai, dizendo-lhe:

— Prove minhas uvas, papai! Meu primo também as provará, não é? Fui buscar esses lindos cachos para você.

— Oh! Se a gente não cuidar, elas saquearão Saumur para ti, meu sobrinho. Quando tiveres terminado, iremos juntos até o jardim. Tenho coisas que não são muito doces para te dizer.

Eugênia e a mãe dirigiram a Carlos um olhar sobre cuja expressão o rapaz não pôde se enganar.

— Que significam essas palavras, tio? Desde a morte de minha pobre mãe... (ao pronunciar essas palavras, sua voz se enterneceu) não há mais desgraça possível para mim...

— Carlos, quem pode adivinhar as aflições com as quais Deus nos quer pôr à prova? — disse-lhe a tia.

— Tá-tá-tá-tá! — interveio Grandet. — Começam as asneiras. É com pena que olho para tuas lindas mãos brancas, meu sobrinho.

E mostrou-lhe as espécies de paletas de carneiro que a natureza havia colocado na extremidade de seus próprios braços.

— Tuas mãos foram feitas para amontoar dinheiro! Foste educado para meter os pés no couro com o qual se fabricam as carteiras onde guardamos as notas de banco. Mau! Mau!

— Que quer dizer, meu tio? Quero ser enforcado se compreendo uma única palavra do que diz.

— Vem — disse Grandet.

O avarento fez retinir a lâmina da faca, bebeu o resto do vinho branco e abriu a porta.

— Coragem, primo!

O tom de voz da moça havia enregelado Carlos, que acompanhou o terrível parente cheio de mortais inquietações. Eugênia, a mãe e Nanon foram para a cozinha, excitadas por uma invencível

curiosidade de espiar os dois atores da cena que se ia passar no pequeno jardim úmido, onde o tio a princípio caminhou em silêncio com o sobrinho. Grandet não se sentia embaraçado para comunicar a Carlos a morte do pai, mas experimentava uma espécie de compaixão por sabê-lo sem um *sou*, e procurava adoçar a expressão dessa cruel verdade. “Perdeste o pai”, isso não queria dizer nada. Os pais morrem antes dos filhos. Mas: “Estás sem dinheiro algum!” — isso, sim, traduz todas as desgraças da terra. E o velho tanoeiro teve de fazer, pela terceira vez, a volta pela aleia central, cuja areia crepitava sob os pés. Nos grandes acontecimentos da vida, nossa alma se liga fortemente aos lugares onde os prazeres e as tristezas se abatem sobre nós. Assim, Carlos examinava com uma atenção particular os buxos do pequeno jardim, as folhas amareladas que caíam, as gradações de cor dos muros, as singularidades das árvores frutíferas, detalhes pitorescos que deviam ficar gravados em sua lembrança, eternamente misturados a essa hora suprema, por uma mnemotécnica particular às paixões.

— Está bem quente, um lindo dia — disse Grandet aspirando fortemente o ar.

— Sim, tio... Mas por quê...?

— Tenho más notícias para ti, rapaz — disse o tio. — Teu pai está muito mal...

— E que estou fazendo aqui? — disse Carlos. — Nanon! — exclamou. — Cavalos de posta! Hei de achar um carro — acrescentou, voltando-se para o tio, que permanecia imóvel.

— Os cavalos e o carro são inúteis — respondeu Grandet fitando Carlos, que ficou mudo e cujos olhos se tornaram fixos. — Sim, meu

pobre rapaz, adivinhaste. Ele morreu. Mas, isso não é nada; há algo mais grave, ele se suicidou...

— Meu pai?

— Sim. Mas isso não é nada. Os jornais comentam o fato como se tivessem o direito de fazê-lo. Toma, lê.

Grandet, que havia trazido o jornal de Cruchot, pôs o artigo fatal sob os olhos de Carlos. Nesse momento, o pobre rapaz, ainda criança, ainda na idade em que os sentimentos se manifestam com naturalidade, desatou a chorar.

“Bem. Bem”, disse Grandet para si mesmo. “Seus olhos haviam me assustado. Agora está chorando, está salvo.”

— Mas ainda há coisa pior, meu pobre sobrinho — acrescentou Grandet em voz alta sem saber se Carlos o escutava —, isso não é nada, tu te consolarás. Mas...

— Nunca! Nunca! Meu pai! Meu pai!

— Ele te arruinou, estás na miséria.

— Que me importa isso? Onde está meu pai...! Meu pai!

Os gemidos e os soluços ressoaram entre as muralhas de maneira horrível e se reproduziram em ecos. As três mulheres, cheias de compaixão, choravam: as lágrimas são tão contagiosas como o riso. Carlos, sem ouvir o tio, correu para o pátio, subiu a escada, entrou no quarto e se atirou sobre o leito, meteu o rosto nas cobertas para chorar à vontade, longe dos parentes.

— É preciso deixar passar o primeiro aguaceiro — disse Grandet, voltando para a sala, onde Eugênia e a mãe haviam retomado bruscamente os lugares e trabalhavam com as mãos trêmulas após terem enxugado os olhos. — Mas esse rapaz não presta. Ocupa-se mais dos mortos que do dinheiro.

Eugênia estremeceu ao ouvir o pai exprimir-se de tal forma sobre a mais santa das dores. E, desde esse momento, começou a julgar o pai. Embora atenuados, os soluços de Carlos ressoavam na casa sonora. E seus profundos lamentos, que pareciam sair do fundo da terra, só cessaram à tarde, após se terem gradualmente enfraquecido.

— Pobre rapaz! — disse a sra. Grandet.

Fatal exclamação! O pai Grandet fitou a mulher, Eugênia, o açucareiro. Lembrou-se do almoço extraordinário preparado para o parente infeliz e plantou-se no meio da sala.

— Muito bem! Espero — disse com a calma habitual — que não vá continuar suas prodigalidades, sra. Grandet. Não lhe dou o meu dinheiro para embuchar de açúcar esse engraçadinho.

— Mamãe não tem nada com isso — disse Eugênia. — Fui eu que...

— Será porque já és maior — replicou Grandet, interrompendo a filha — que queres me contrariar? Toma cuidado, Eugênia...

— Papai, o filho de seu irmão não devia sentir em sua casa falta de...

— Tá-tá-tá-tá! — disse o antigo tanoeiro em quatro tons cromáticos. — O filho de meu irmão para cá, meu sobrinho para lá. Carlos não representa nada para nós. Não possui nem um *sou*. Seu pai faliu. E, quando esse peralta tiver chorado até se fartar, sairá daqui. Não quero que ele revolucione minha casa.

— Que é falir, papai? — perguntou Eugênia.

— Falir — explicou o pai — é cometer a ação mais degradante entre todas as que podem degradar um homem.

— Deve ser um pecado bem grande — disse a sra. Grandet —, e nosso irmão irá para o Inferno.

— Pronto, aí estás com tuas ladainhas — disse Grandet à mulher, dando de ombros. — Falir, Eugênia — acrescentou —, é um furto que a lei, infelizmente, coloca sob sua proteção. Algumas pessoas entregaram suas mercadorias a Guilherme Grandet, confiadas em sua reputação de honra e de probidade. Ele as consumiu e não lhes deixa senão os olhos para chorar. O ladrão de estrada é preferível ao bancarroteiro. Aquele nos ataca, podemos nos defender. Arrisca a pele. Mas o outro... Afinal, Carlos está desonrado.

Essa declaração trespassou o coração da moça, abateu-o com todo o seu peso. Tendo tanto de honestidade como tem de delicadeza uma flor nascida no fundo de uma floresta, não conhecia as máximas do mundo, nem seus argumentos capciosos, nem seus sofismas. Aceitou, pois, a atroz explicação que lhe dava o pai a propósito da falência e que não lhe mostrava a distinção entre falência involuntária e falência deliberada.

— E o senhor não podia ter impedido essa desgraça, papai?

— Meu irmão não me consultou. Além disso, deve quatro milhões.

— Que é um milhão, papai? — perguntou ela, com a simplicidade de uma criança que acredita conseguir prontamente o que deseja.

— Um milhão? — disse Grandet. — Ora, é um milhão de moedas de vinte *sous*, e são necessárias cinco moedas de vinte *sous* para fazer cinco francos.

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamou Eugênia. — Como podia meu tio ter quatro milhões? Haverá outra pessoa na França que possa ter tantos milhões? (O velho Grandet acariciava o queixo, sorria, e o lobinho do nariz parecia dilatar-se.) — Que vai ser do primo Carlos?

— Vai partir para as Índias, onde, conforme o desejo do pai, tentará fazer fortuna.

— Mas tem ele dinheiro para ir até lá?

— Pagarei sua viagem... até... sim, até Nantes.

Eugênia lançou-se ao pescoço do pai.

— Ah, meu pai, como o senhor é bom!

Abraçava-o de tal maneira que Grandet, espicaçado pela consciência, se sentiu quase envergonhado.

— É preciso muito tempo para juntar um milhão? — perguntou-lhe Eugênia.

— Ora — disse o tanoeiro —, sabes o que é um napoleão. Pois são necessários cinquenta mil para fazer um milhão.

— Mamãe, faremos rezar novenas por ele.

— Pensei nisso — respondeu a mãe.

— E essa! Sempre inventando despesas — exclamou o velho. — Pensam que o dinheiro anda rolando por aqui?

Nesse momento, um lamento surdo, mais lúgubre que os outros, ecoou pela casa e enregelou de terror Eugênia e a mãe.

— Nanon, vai lá em cima ver se ele não está se matando — disse Grandet. — E vocês — acrescentou, voltando-se para a mulher e a filha, a quem suas palavras haviam tornado pálidas —, nada de asneiras. Vou sair. Vou rondar os nossos holandeses, que partem hoje. Depois, irei ver Cruchot e falar com ele a respeito disto.

Saiu. Quando Grandet fechou a porta, Eugênia e a mãe respiraram com alívio. Antes daquela manhã, a moça jamais havia sentido constrangimento em presença do pai. Mas desde algumas horas mudava a todo momento de sentimentos e ideias.

— Mamãe, quantos luíses vale uma pipa de vinho...?

— Teu pai vende as dele por cem a cento e cinquenta francos, às vezes por duzentos, segundo ouvi dizer.

— Então, quando tira mil e quatrocentas pipas?

— Garanto-te que não sei, minha filha; teu pai nunca me fala de seus negócios.

— Mas então papai deve ser rico.

— Talvez. Mas o sr. Cruchot me disse que ele comprou Froidfond há dois anos. Isso o teria deixado sem dinheiro.

Eugênia, não compreendendo mais nada a respeito da fortuna do pai, parou aí os seus cálculos.

— Nem mesmo me viu, o coitado! — disse Nanon ao voltar. — Está estendido como um terneiro sobre a cama e chora como uma Madalena. Benza-o Deus! Que enorme desgosto tem o pobre moço!

— Vamos então consolá-lo, depressa, mamãe. E se ouvirmos bater à porta, desceremos.

A sra. Grandet não pôde resistir à doçura da voz da filha. Eugênia mostrava-se sublime, ela era mulher. Ambas, com o coração palpitando, subiram ao quarto de Carlos. A porta estava aberta. O rapaz não via nem ouvia nada. Mergulhado em lágrimas, deixava escapar lamentos inarticulados.

— Como ele ama o pai! — disse Eugênia, baixinho.

Era impossível não perceber, no tom dessas palavras, as esperanças de um coração apaixonado sem o saber. Por isso, a sra. Grandet dirigiu à filha um olhar cheio de sentimento maternal. Depois, disse-lhe ao ouvido:

— Toma cuidado, acabarás por amá-lo.

— Amá-lo? — replicou Eugênia. — Ah, se soubesses o que disse papai!

Carlos voltou-se, viu a tia e a prima.

— Perdi meu pai, meu pobre pai! Se ele me tivesse confiado o segredo de sua desgraça, teríamos trabalhado ambos para repará-la. Meu Deus! Meu bom pai! Tanto esperava revê-lo que creio tê-lo abraçado friamente ao despedir-me...

Os soluços embargaram-lhe as palavras.

— Rezaremos por ele — disse a sra. Grandet. — Resigne-se à vontade de Deus.

— Coragem, primo! — disse Eugênia. — Sua perda é irreparável. Trate, agora, de salvar a sua honra...

Com esse instinto, com essa perspicácia de mulher que usa o espírito em todas as coisas, mesmo quando consola, Eugênia procurava enganar a dor do primo, fazendo-o ocupar-se de si mesmo.

— A minha honra...? — exclamou o rapaz, puxando os cabelos para trás com um movimento brusco.

Sentou-se no leito e cruzou os braços.

— Ah! É verdade. Meu tio disse que papai faliu.

Deu um grito pungente e escondeu o rosto nas mãos.

— Deixe-me, prima, deixe-me! Meu Deus! Meu Deus! Perdoai a meu pai, ele deve ter sofrido muito.

Havia qualquer coisa horripelantemente sedutora na expressão daquela dor moça, verdadeira, sem disfarce, sem intenção. Era uma dor pudica, que os corações simples de Eugênia e sua mãe compreenderam quando Carlos fez um gesto para lhes pedir que o deixassem a sós. Elas desceram, retomaram em silêncio seus lugares junto à janela e trabalharam durante uma hora sem trocar palavra. Eugênia havia percebido, pelo olhar furtivo que lançou ao quarto do

rapaz, esse olhar das moças que tudo vê num relance, o requinte de suas roupas, as tesouras, as navalhas enfeitadas de ouro. O espetáculo daquele luxo, visto no meio da dor, tornou-lhe Carlos ainda mais interessante, talvez pelo contraste. Jamais um fato tão grave, jamais uma cena tão dramática havia chocado a imaginação daquelas duas criaturas, sempre imersas na calma e na solidão.

— Mamãe — disse Eugênia —, poremos luto por titio?

— Teu pai resolverá — respondeu a sra. Grandet.

Ficaram novamente em silêncio. Eugênia tecia os pontos com uma regularidade de movimentos que teria revelado a um observador a intensidade de sua meditação. O primeiro desejo daquela adorável rapariga era partilhar do luto do primo. Pelas quatro horas, uma brusca batida de aldrava ressoou no coração da sra. Grandet.

— Que terá teu pai? — disse à filha.

O vinhateiro entrou alegre. Após ter tirado as luvas, esfregou as mãos de modo a arrancar a pele se a epiderme não fosse curtida como couro da Rússia, salvo o odor de incenso. Grandet passeava pela sala, olhava pela janela. Finalmente, deixou escapar o segredo.

— Mulher — disse sem gaguejar —, apanhei-os. Vendi o vinho! Como os holandeses e os belgas partissem esta manhã, fui passear pela praça, diante do hotel, com um ar de tolo. Alguém, que conheces, veio ao meu encontro. Os proprietários de todas as boas vinhas guardam a colheita e querem esperar. Não os impedi. Nosso belga estava desesperado, vi-o muito bem. Fechamos negócio. Ele fica com a nossa safra a duzentos francos o barril, metade à vista, pagamento em ouro. A venda está feita. Aqui estão seis luíses para ti. Dentro de três meses os vinhos baixarão.

Essas últimas palavras foram pronunciadas com um tom calmo, mas tão profundamente irônico que os moradores de Saumur, agrupados nesse instante na praça e aturdidos com a notícia da venda realizada por Grandet, teriam estremeado se as tivessem ouvido. Um verdadeiro pânico fizera os vinhos caírem cinquenta por cento.

— O senhor tem mil barris este ano, papai? — perguntou Eugênia.

— Sim, *filhinha*.

Essa era a expressão superlativa da alegria do antigo tanoeiro.

— Então isso representa duzentas mil moedas de vinte *sous*?

— Sim, srta. Grandet.

— Então, papai, pode facilmente socorrer Carlos.

O espanto, a cólera, a estupefação de Baltasar ao perceber *Mane-Tecel-Fares* [171] não poderiam ser comparados ao frio furor de Grandet, que, tendo esquecido o sobrinho, vinha encontrá-lo alojado no coração e nos cálculos da filha.

— Ora essa! Desde que esse salta-pocinhas pôs os pés em *minha* casa, tudo aqui anda às avessas. Vocês se dão o luxo de comprar gulodices, fazer banquetes e festins. Não quero saber disso. Sei muito bem, na minha idade, como devo conduzir-me. Ora se sei! Além disso, não aceito lições de minha filha nem de quem quer que seja. Farei por meu sobrinho o que convier, vocês não têm que meter o nariz nisso. Quanto a ti, Eugênia — acrescentou, voltando-se para ela —, não me fales mais nisso, senão te enviarei à abadia de Noyers com Nanon, para veres se estou lá; e amanhã mesmo, se me desobedeceres. Onde está, então, esse rapaz? Já desceu?

— Não, meu caro — respondeu a sra. Grandet.

— E então, que ele está fazendo?

— Chora a morte do pai — respondeu Eugênia.

Grandet encarou a filha sem achar o que dizer. Era um pouco pai. Após dar uma ou duas voltas pela sala, subiu rapidamente ao gabinete para refletir sobre uma colocação de dinheiro em fundos públicos. As duas mil jeiras de floresta cortada lhe haviam rendido seiscentos mil francos. Juntando a essa soma o dinheiro dos olmos, os rendimentos do ano anterior e do ano corrente, além dos duzentos mil francos da venda que acabara de fazer, tinha um total de novecentos mil francos. Os vinte por cento a ganhar em pouco tempo com os fundos públicos, que estavam a setenta francos, o tentavam. Fez cálculos na margem do mesmo jornal que anunciava a morte do irmão, ouvindo, sem os escutar, os gemidos do sobrinho. Nanon veio bater à parede para convidar o patrão a descer porque o jantar estava servido. Entre o arco e o último degrau da escada, Grandet dizia para si mesmo: “É um bom negócio. Não posso perdê-lo. Em dois anos, terei um milhão e quinhentos mil francos, que retirarei de Paris, em bom ouro”.

— E então, onde está meu sobrinho?

— Ele disse que não quer jantar — respondeu Nanon. — Isso não faz bem.

— Mais economizamos — replicou o patrão.

— Credo! — disse ela.

— Ora, não há de chorar sempre. A fome expulsa o lobo da floresta.

O jantar foi estranhamente silencioso.

— Meu amigo — disse a sra. Grandet ao terminar —, precisamos pôr luto.

— Com efeito, sra. Grandet, não sabes o que inventar para gastar dinheiro. O luto está no coração, e não na roupa.

— Mas o luto por um irmão é indispensável. A Igreja nos obriga a...

— Compra então o luto com teus seis luíses. E arranja um crepe negro para mim, é suficiente.

Eugênia ergueu os olhos para o céu sem nada dizer. Pela primeira vez na vida, seus generosos sentimentos adormecidos, oprimidos, mas subitamente despertados, estavam sendo ofendidos a todo instante. Aquela tarde foi semelhante, na aparência, a mil outras tardes de sua monótona existência. Foi, porém, sem dúvida, a mais horrível. Eugênia trabalhou sem levantar a cabeça e não usou o estojo de costura que Carlos tinha menosprezado na véspera. A sra. Grandet pegou no seu trabalho de tricô. Grandet ficou a girar os polegares durante quatro horas, imerso nos cálculos cujos resultados deviam, no dia seguinte, abismar a cidade.

Ninguém foi visitá-los. Naquele momento, a cidade inteira se ocupava da façanha comercial de Grandet, da falência do irmão e da chegada do sobrinho. Em obediência à necessidade de tagarelar sobre seus interesses comuns, todos os proprietários de vinhas da alta e média sociedades de Saumur estavam na casa de Des Grassins, onde o antigo administrador municipal estava sendo fulminado com terríveis imprecações.

Nanon fiava, e o ruído de sua roca foi a única voz que se fez ouvir sob o teto cinzento da sala.

— Não estamos gastando a língua — disse ela, mostrando uns dentes brancos e grandes como amêndoas peladas.

— Não se deve gastar nada — respondeu Grandet, despertando de suas meditações.

Via em perspectiva oito milhões em três anos e flutuava sobre esse imenso lençol de ouro.

— Vamos nos deitar. Irei dar boa-noite a meu sobrinho em nome de todos e ver se ele quer tomar alguma coisa.

A sra. Grandet ficou no patamar do primeiro andar para ouvir a conversa entre Carlos e o marido. Eugênia, mais ousada que a mãe, subiu mais dois degraus.

— E então, meu sobrinho, estás chorando? Sim, chora, é natural. Um pai é um pai. Mas é preciso receber os males com paciência. Enquanto choras, ocupo-me de ti. Sou um bom parente, vais ver. Vamos, coragem! Queres um cálice de vinho? O vinho não custa nada em Saumur. Aqui se oferece vinho como uma taça de chá na Índia. Mas — disse Grandet, continuando — estás no escuro. Mau! É preciso ver claramente o que se faz.

Grandet dirigiu-se à lareira.

— Que é isso?! — exclamou para si mesmo. — Uma vela! Onde foram buscar vela de espermacete? Essas perdidas arrancariam o assoalho da casa para cozinhar ovos para esse rapaz.

Ouvindo essas palavras, a mãe e a filha entraram nos quartos e se meteram na cama com a rapidez de camundongos assustados que se escondem em suas tocas.

— Sra. Grandet, tens algum tesouro? — disse o velho, entrando no quarto da mulher.

— Estou rezando, meu amigo. Espera — respondeu a pobre mãe com a voz alterada.

— Que o diabo leve teu bom Deus! — replicou Grandet, resmungando.

Os avarentos não acreditam numa vida futura. O presente é tudo para eles. Esta reflexão lança uma luz horrível sobre a época atual em que, mais que em qualquer outro tempo, o dinheiro domina as leis, a política e os costumes. Instituições, livros, homens e doutrinas, tudo conspira para solapar a crença numa vida futura, sobre a qual o edifício social se apoia há mil e oitocentos anos. Atualmente, a sepultura é uma transição pouco temida. O futuro que nos esperava além do *Requiem* foi transportado para o presente. Chegar *per fas et nefas* [172] ao paraíso terrestre do luxo e das vaidosas alegrias, petrificar o coração e macerar o corpo em busca de bens passageiros como outrora se suportava o martírio em busca dos bens eternos, eis o pensamento geral! Pensamento que, aliás, está escrito em toda parte, até nas leis, que perguntam ao legislador: “Que pagas?”, em vez de indagar “Que pensas?”. Quando essa doutrina tiver passado da burguesia ao povo, que será do país?

— Terminaste, sra. Grandet? — interrogou o antigo tanoeiro.

— Rezo por ti, meu amigo.

— Está bem! Boa noite. Falaremos amanhã.

A pobre mulher adormeceu como o colegial que, não tendo estudado as lições, teme encontrar, ao acordar, o rosto irritado do professor. No momento em que, amedrontada, ela se enrolava nas cobertas para nada ouvir, Eugênia aproximou-se, em camisã, com os pés descalços e beijou-lhe a testa.

— Oh, querida mãe — disse ela —, amanhã eu lhe direi que fui eu.

— Não. Ele te enviaria para Noyers. Deixa isso comigo, ele não me engolirá.

— Está ouvindo, mamãe?

— Quê?

— Ele ainda está chorando.

— Vai te deitar, minha filha. Esfriarás os pés, o chão está úmido.

Assim transcorreu o dia solene que devia pesar sobre toda a existência da rica e pobre herdeira, cujo sono nunca mais foi tão completo e tão puro como havia sido até então. Muito frequentemente, certas ações da vida humana, literariamente falando, parecem inverossímeis embora verdadeiras. Será isso porque nos esquecemos, quase sempre, de derramar sobre nossas decisões espontâneas uma espécie de luz psicológica, deixando de as explicar pelas razões misteriosamente conhecidas que as determinaram? A profunda paixão de Eugênia deveria, talvez, ser examinada em suas fibras mais delicadas. Porque, como se poderia dizer por gracejo, ela se tornou uma doença e influenciou toda a sua vida. Muitos preferem desconhecer os desfechos a medir a força dos liames, dos laços, dos vínculos que ligam secretamente um fato a outro na ordem moral. Aqui, pois, o passado de Eugênia serviria, para os observadores da natureza humana, de garantia da naturalidade de sua irreflexão e da espontaneidade das efusões de sua alma. A compaixão feminina, o mais engenhoso dos sentimentos, desenvolvia-se em sua alma tão vivamente quanto havia sido tranquila até então sua existência. Assim, perturbada pelos acontecimentos do dia, várias vezes despertou ela para escutar o primo, pensando ouvir os suspiros que desde a véspera ressoavam em seu coração: ora o via expirando de pesar, ora o via morrendo de fome. Pela manhã, teve a certeza de ouvir uma terrível exclamação. Vestiu-se rapidamente e correu, ainda de madrugada,

silenciosamente, para o quarto do primo, que havia deixado a porta aberta. A vela estava queimada no castiçal. Vencido pela fadiga, Carlos dormia vestido, sentado numa poltrona, com a cabeça inclinada sobre o leito. Sonhava como sonham as pessoas que têm o estômago vazio. Eugênia pôde chorar à vontade. Pôde admirar o rosto jovem e belo, a que a dor emprestava um aspecto marmóreo, os olhos inchados pelo pranto e que, adormecidos, ainda pareciam chorar. Carlos adivinhou instintivamente a presença de Eugênia. Abriu os olhos e a viu comovida.

— Perdão, prima — disse ele, ignorando evidentemente a hora e o lugar.

— Aqui há corações que o compreendem, primo, e *nós pensamos* que talvez tivesse necessidade de alguma coisa. Devia deitar-se. Fatiga-se muito ficando assim.

— É verdade.

— Então, adeus.

Eugênia desapareceu, envergonhada e feliz por ter vindo. Somente a inocência é capaz de tais ousadias. A virtude instruída calcula tão bem como o vício. Eugênia, que junto do primo não havia tremido, mal se podia manter nas pernas quando se encontrou em seu quarto. Sua vida ignorante havia cessado subitamente. Raciocinou, fez mil censuras a si mesma. “Que ideia vai ele fazer de mim? Pensará que o amo.” E era precisamente nisso o que ela mais desejava que ele acreditasse. O amor franco é dotado de presciência e sabe que o amor excita o amor. Que grande acontecimento para uma moça solitária entrar assim furtivamente no quarto de um rapaz! Há pensamentos e ações que, no amor, equivalem para certas almas a um noivado sagrado! Uma hora depois, entrou no quarto da mãe e

ajudou-a a vestir-se, como de costume. Ambas foram em seguida postar-se em seus lugares diante da janela e esperaram Grandet com essa ansiedade que enregela ou aquece o coração, o constrange ou o dilata, conforme os caracteres, quando se receia uma cena, uma punição. Esse é um sentimento tão natural que os próprios animais domésticos, que se calam quando se ferem por inadvertência, chegam a gritar ao receberem um pequeno castigo. O velho desceu, falou à mulher com um ar distraído, beijou Eugênia e colocou-se à mesa sem parecer pensar nas ameaças da véspera.

— Que é feito do meu sobrinho? O rapaz não dá muito incômodo...

— Está dormindo — respondeu Nanon.

— Tanto melhor, não precisa de vela — disse Grandet num tom brincalhão.

Essa insólita clemência, essa amarga alegria chocaram a sra. Grandet, que fitou o marido com toda a atenção. O bom velho... (Aqui, talvez seja conveniente observar que na Touraine, no Anjou, no Pointou, na Bretanha, a expressão *bom velho*, já empregada tantas vezes para designar Grandet, é usada para se referir a pessoas que já atingiram certa idade, sejam elas bondosas ou cruéis. Assim, esse título não representa propriamente um atestado de bondade pessoal...) O bom velho tomou, então, o chapéu, calçou as luvas e disse:

— Vou passear pela praça para encontrar os Cruchot.

— Decididamente, Eugênia, teu pai tem alguma coisa!

Com efeito, Grandet, homem de pouco sono, empregava a metade de suas noites nos cálculos preliminares que davam às suas resoluções, suas observações, seus planos, uma surpreendente

segurança e lhe garantiam esse constante êxito de que se maravilhavam os saumurenses.

Todo o poder humano é uma combinação de paciência e tempo. Os poderosos querem e esperam. A vida do avarento é um constante exercício do poderio humano posto a serviço da personalidade. Não se apoia senão sobre dois sentimentos: o amor-próprio e o interesse. Mas, sendo o interesse, de algum modo, amor-próprio sólido e bem compreendido, a confirmação contínua de uma superioridade real, o amor-próprio e o interesse são duas partes de um mesmo todo, o egoísmo. Daí resulta, talvez, a prodigiosa curiosidade que excitam os avarentos. Cada indivíduo está preso por um fio a esses personagens, que se apegam a todos os sentimentos humanos e a todos resumem. Onde está o homem sem desejo, e que desejo social se resolverá sem dinheiro?

Grandet tinha, de fato, alguma coisa, segundo a expressão da mulher. Havia nele, como em todos os avarentos, uma persistente necessidade de se divertir à custa dos outros homens, de lhes arrancar legalmente os escudos. Impor-se a outrem não é realizar um ato de poder, atribuir-se perpetuamente o direito de desprezar os que, por fracos, se deixam devorar? Oh! Quem terá compreendido a significação do cordeiro deitado mansamente aos pés de Deus? Esse é o mais tocante emblema de todas as vítimas terrestres e de seu futuro, a glorificação, enfim, do sofrimento e da fraqueza. O avarento deixa o cordeiro engordar e o encurrela, mata-o, assa-o, come-o e despreza-o. O alimento dos avarentos se compõe de dinheiro e desdém. Durante a noite, as ideias do velho haviam tomado um curso diferente. Daí provinha sua atual clemência. Urdira uma trama para zombar dos parisienses, para os torcer, enrolar, amassar, para

fazê-los andar de um lado para outro, suar, esperar, empalidecer; para que ele, antigo tanoeiro, metido em sua sala escura, subindo a enferrujada escada da casa de Saumur, pudesse rir à custa deles. Preocupara-se com o sobrinho. Queria salvar a honra do irmão morto, de maneira que não custasse um *sou* ao sobrinho nem a si mesmo. Seu capital ia ser colocado a juros por três anos, não tinha mais que fazer senão gerir seus bens. Precisava, por isso, de pasto à sua atividade maliciosa e o havia encontrado no episódio da falência do irmão. Não tendo nada sob os pés para amassar, pensou em espremer os parisienses em benefício de Carlos e em se mostrar, ao mesmo tempo, bom irmão por pouco preço. A honra da família representava tão pequena parte em seu projeto que sua boa vontade deve ser comparada à necessidade que sentem os jogadores de ver jogar bem uma partida, mesmo quando não estão metidos nela. Precisava dos Cruchot. Não queria procurá-los e decidiu fazer com que eles viessem a seu encontro para começar naquela mesma tarde a comédia cujo plano acabara de conceber e que o transformaria, no dia seguinte, sem qualquer despesa, em motivo de admiração da cidade.

IV – PROMESSAS DE AVARENTO, JURAMENTOS DE AMOR

Na ausência do pai, Eugênia teve a ventura de poder ocupar-se abertamente do bem-amado primo, de derramar sem receio sobre ele os tesouros de sua compaixão, uma das sublimes superioridades da mulher, a única que gosta de exercer e a única que ela perdoa que o

homem a deixe exercer sobre ele. Três ou quatro vezes, Eugênia foi escutar o rressonar do primo, para saber se dormia ou acordara. Depois, quando ele se levantou, o creme, o café, os ovos, as frutas, os pratos, o copo, tudo quanto fazia parte do almoço foi objeto de algum cuidado seu. Subiu agilmente a velha escada para escutar o ruído que o primo fazia. Estaria se vestindo? Choraria ainda? Chegou até a porta.

— Primo!

— É a prima?

— Quer almoçar na sala ou no quarto?

— Onde você quiser.

— Como está?

— Querida prima, tenho vergonha de estar com fome.

Essa palestra através da porta era, para Eugênia, um verdadeiro episódio de romance.

— Vamos trazer o almoço ao quarto, para não contrariar papai.

Desceu à cozinha com a celeridade de um pássaro.

— Nanon, vai arrumar o quarto.

A escada tantas vezes subida e descida, onde ressoava o menor ruído, parecia a Eugênia ter perdido seu caráter de vetustez. Via-a luminosa, contando-lhe coisas, jovem como ela, jovem como o amor ao qual estava servindo. Também a mãe, a boa e indulgente mãe, se prestou às fantasias de seu amor e, arrumado o quarto de Carlos, foram ambas fazer companhia ao infeliz. A caridade cristã não lhes ordenava que o consolassem? As duas mulheres tiraram da religião um bom número de pequenos sofismas para justificar seu procedimento. Carlos Grandet viu-se, assim, cercado dos mais afetuosos e ternos cuidados. Seu coração dolorido sentiu

intensamente a doçura dessa suave amizade, dessa encantadora simpatia que aquelas duas almas, sempre constrangidas, souberam empregar logo que se sentiram um momento livres, no terreno dos sofrimentos, sua esfera natural. Autorizada pelo parentesco, Eugênia começou a arrumar a roupa branca, os objetos de uso pessoal que o primo havia trazido e pôde maravilhar-se à vontade de cada luxuosa frivolidade, das bugigangas de prata e de ouro lavrado que lhe caíam às mãos e que ela segurava por muito tempo sob o pretexto de as examinar. Foi com profundo enternecimento que Carlos viu o interesse generoso demonstrado pela tia e pela prima. Conhecia bastante a sociedade de Paris para saber que, na sua situação, lá só teria encontrado corações indiferentes e frios. Eugênia apareceu-lhe em todo o esplendor de sua singular beleza e desde então começou a admirar a inocência daqueles costumes de que zombava na véspera. Assim, quando Eugênia tomou das mãos de Nanon o bule esmaltado, cheio de café com leite para servi-lo ao primo com toda a ingenuidade de seu sentimento, lançando-lhe um olhar amigo, os olhos do parisiense se inundaram de lágrimas e ele tomou-lhe a mão e a beijou.

— E então, por que ainda chora? — indagou ela.

— Oh! São as lágrimas do reconhecimento — respondeu.

Eugênia voltou-se bruscamente para a lareira a fim de pegar as velas.

— Toma, Nanon, leva-as daqui — disse ela.

Quando tornou a olhar para o primo, ainda estava muito corada, mas, pelo menos, seu olhar pôde dissimular e ocultar a alegria excessiva que lhe inundava o coração. Mas os olhos dele exprimiram

um sentimento igual e suas almas se fundiram num mesmo pensamento: o futuro lhes pertencia.

Essa doce emoção foi ainda mais deliciosa para Carlos, no meio do seu imenso pesar, por ser inesperada. Uma pancada de aldrava chamou as mulheres a seus lugares. Por felicidade, puderam descer bastante rapidamente a escada para se encontrarem trabalhando quando Grandet entrou. Se ele as tivesse encontrado na escada, isso teria bastado para excitar suas suspeitas. Após o almoço, que o velho comeu de pé, o guarda, que ainda não havia recebido a gratificação prometida, chegou de Froidfond trazendo uma lebre, perdizes caçadas no parque, enguias e outros peixes, dados pelos moleiros.

— Ora, ora! Pobre do Cornoiller! Isso vem mesmo a calhar. Isto dá para comer?

— Como não, meu generoso senhor! Foram mortos há dois dias.

— Vamos, Nanon, avia-te! — disse o velho. — Toma isto, é para o jantar. Vou regalar dois Cruchot.

Nanon abriu os olhos espantados e olhou para todos.

— E agora — disse ela —, onde encontrarei tocinho e tempero?

— Minha velha — disse Grandet —, dá seis francos a Nanon e lembra-me para ir à adega buscar um vinho bom.

— Pois é, sr. Grandet — disse o guarda, que havia preparado uma arenga para resolver a questão do seu ordenado —, pois é...

— Tá-tá-tá-tá — disse Grandet. — Sei o que queres dizer. És um bom rapaz. Amanhã veremos isso, hoje estou com muita pressa. — Mulher, dá-lhe cem *sous* — disse, depois, à sra. Grandet.

E retirou-se. A pobre mulher considerou-se muito feliz em comprar a paz por onze francos. Sabia que após lhe haver tomado,

moeda por moeda, o dinheiro que lhe havia dado, Grandet se mantinha calado durante quinze dias.

— Toma, Cornoiller — disse ela, dando-lhe dez francos. — Um dia haveremos de reconhecer teus serviços.

Cornoiller não pôde dizer nada. Partiu.

— Senhora — disse Nanon, que tinha posto a touca preta e o avental —, só preciso de três francos, guarde o resto. No fim dará certo.

— Faze um bom jantar, Nanon. O primo virá à mesa — disse Eugênia.

— Afinal aqui se passa algo de extraordinário — disse a sra. Grandet. — É a terceira vez que teu pai oferece um jantar, desde que nos casamos.

Às quatro horas, no momento em que Eugênia e a mãe acabavam de pôr a mesa para seis pessoas e após o chefe da casa ter feito subir da adega algumas garrafas desses vinhos estranhos que os provincianos conservam com amor, Carlos veio para a sala. O rapaz estava pálido. Os gestos, a atitude, os olhares e o som da voz tinham uma delicada tristeza cheia de graça. Não dramatizava sua dor. Sofria verdadeiramente, e o véu de sofrimento que lhe cobria o rosto emprestava-lhe esse ar interessante que tanto agrada às mulheres. Eugênia o amou mais ainda. Talvez a desventura o tivesse aproximado dela. Carlos não era mais o rico e belo rapaz colocado numa esfera inacessível para ela. Era apenas um parente mergulhado numa terrível miséria. A miséria gera a igualdade. A mulher tem de comum com os anjos que os que sofrem lhes pertencem. Carlos e Eugênia se entenderam e se falaram com os olhos apenas, porque o pobre dândi decaído, o órfão, se meteu num canto e ali se conservou

mudo, sereno e altivo. Mas a cada momento o olhar doce e carinhoso da prima caía sobre ele, obrigando-o a desviar-se dos pensamentos tristes e a lançar-se em sua companhia nos campos da esperança e do futuro, onde ela se deliciava a se aventurar com ele. Naquele momento, a cidade de Saumur estava mais impressionada com o jantar oferecido por Grandet aos Cruchot do que estivera na véspera com a venda da safra, que constituía um crime de alta traição contra a indústria do vinho. Se o político vinhateiro tivesse promovido o jantar com a mesma intenção que custou a cauda ao cão de Alcibíades,[173] teria sido considerado, sem dúvida, um grande homem. Mas, superior a uma cidade da qual vivia a escarnecer, ele não fazia o menor caso de Saumur.

Os Des Grassins souberam logo da morte violenta e da provável falência do pai de Carlos. Resolveram, por isso, ir naquela mesma noite à casa de seu cliente a fim de partilhar de seu pesar e de lhe testemunhar sua amizade, aproveitando para se informarem dos motivos que o poderiam ter induzido a convidar os Cruchot a jantar em tão imprópria ocasião. Precisamente às cinco horas, o presidente C. de Bonfons e o tio tabelião chegaram, metidos nos seus trajes domingueiros, dos pés à cabeça. Os convivas colocaram-se à mesa e começaram a comer com grande apetite. Grandet estava grave, Carlos silencioso, Eugênia muda, e a sra. Grandet não falou mais do que de costume, de modo que a refeição constituiu um verdadeiro jantar de condolências. Quando se ergueram da mesa, Carlos disse aos tios:

— Permitam que me retire. Tenho que tratar de uma longa correspondência.

— À vontade, meu sobrinho.

Depois que Carlos se retirou e quando o velho presumiu que o sobrinho nada podia ouvir e devia estar entregue às suas cartas, dirigiu à mulher um olhar autoritário.

— Sra. Grandet, o que temos a nos dizer seria grego para vocês. São sete e meia, é melhor que se retirem. Boa noite, minha filha.

Beijou Eugênia, e as duas mulheres saíram. Começou, então, a cena em que o velho Grandet, mais que em qualquer outro momento de sua vida, fez uso da finura que havia adquirido tratando com os homens e que lhe valia muitas vezes, por parte daqueles a quem mordida um pouco mais fundo na pele, o apelido de *cachorro velho*. Se o administrador municipal de Saumur tivesse levado a sua ambição mais alto, se circunstâncias felizes, fazendo-o atingir as esferas superiores da sociedade, o tivessem conduzido aos congressos onde se resolvem os negócios das nações e se ele se utilizasse da perspicácia com que o havia dotado seu interesse pessoal, teria sido, sem dúvida, gloriosamente útil à França. Por outro lado, é também igualmente provável que, fora de Saumur, não tivesse representado mais que um triste papel. É possível que suceda com os espíritos o que se dá com certos animais, que não procriam quando transplantados dos ambientes onde nasceram.

— Se... se... nhor pre... pre... presidente, di... di... zia que a fa... fa... lência...

O gaguejar afetado havia tanto tempo pelo velho, e que passava por natural como a surdez de que se queixava no tempo chuvoso, tornou-se, nessa conjuntura, muito fatigante para os Cruchot. Ouvindo o vinhateiro, eles faziam caretas involuntárias, que traduziam seu esforço por concluir as palavras nas quais o velho empacava por gosto. Aqui, talvez convenha narrar a história da

gagueira e da surdez de Grandet. Ninguém, no Anjou, tinha melhor ouvido nem podia pronunciar mais nitidamente o francês angevino da região que o astuto vinhateiro. Certa vez, apesar de sua grande astúcia, fora logrado por um israelita. Durante a discussão, este, sob o pretexto de ouvir melhor, punha a mão em concha atrás da orelha e titubeava procurando as palavras. Grandet, movido por seus sentimentos de humanidade, julgou-se obrigado a sugerir ao esperto judeu as palavras que este parecia procurar, concluir os raciocínios do dito judeu, falar como o judeu devia falar, enfim, ser, durante a palestra, o judeu em vez de Grandet. Ao terminar essa singular batalha, o tanoeiro havia fechado o único negócio que teve a lamentar durante toda sua vida comercial. Se, porém, pecuniariamente falando, saiu perdendo, ganhou moralmente uma boa lição e, mais tarde, pôde colher os frutos. E terminou por abençoar o judeu que lhe havia ensinado a arte de impacientar o adversário comercial de modo a fazê-lo exprimir seu pensamento, obrigando-o, assim, constantemente, a deixar o próprio pensamento de lado. Ora, nenhum negócio exigia, como o de que tratava agora, a gagueira e os circunlóquios nos quais Grandet envolvia suas ideias. Em primeiro lugar, não queria endossar a responsabilidade de suas ideias; e, depois, queria ficar senhor de sua palavra e deixar dúvidas sobre suas verdadeiras intenções.

— Se... se... nhor de Bon... Bonfons...

Pela segunda vez, em três anos, Grandet dava a Cruchot sobrinho o título de sr. de Bonfons.

O presidente sentiu-se, assim, escolhido para genro pelo esperto velho.

— Di... di... dizia então o se... senhor que as fa... fa... lências po... po... dem em ce... certos ca... casos ser im... im... pe... pe... didas pe... pe...

— Pelos tribunais de comércio. Isso se vê todos os dias — disse o sr. C. de Bonfons penetrando no pensamento do pai Grandet ou acreditando adivinhá-lo e procurando afetuosamente explicá-lo.

— Escute!

— E... e... escuto — respondeu humildemente o velho, assumindo a maliciosa atitude de uma criança que sorri interiormente do professor enquanto finge prestar-lhe a máxima atenção.

— Quando um homem considerável e considerado, como o era, por exemplo, o falecido senhor seu irmão de Paris...

— Meu i... i... irmão, sim.

— É ameaçado de bancarrota...

— I... isso se cha... cha... chama ban... bancarrota?

— Sim. Quando sua falência se torna iminente, o Tribunal de Comércio sob cuja jurisdição se encontra (preste atenção!) tem a faculdade, por um julgamento, de nomear liquidatários de sua casa comercial. Liquidar não é falir, compreende? Falindo, a pessoa fica desonrada. Mas, liquidando, continua honesta.

— É bem di... di... diferente, se não sai ma... mais ca... ca... caro — disse Grandet.

— Mas uma liquidação ainda pode ser feita mesmo sem a intervenção do Tribunal de Comércio. Porque — disse o presidente aspirando sua pitada de rapé — como é que se declara uma falência?

— Nu... nunca pen... pen... sei ni... nisso — respondeu Grandet.

— Em primeiro lugar — disse o magistrado —, pela entrega do balanço ao cartório do Tribunal, feita pelo próprio comerciante ou

por seu procurador devidamente registrado. Em segundo lugar, a requerimento dos credores. Ora, se o negociante não faz a entrega do balanço e se nenhum credor requer ao Tribunal um julgamento que declare o referido negociante em falência, que acontece?

— Sim, ve... ve... vejamos.

— Então, a família do falecido, seus representantes ou sua sucessão, ou o próprio comerciante, se estiver vivo, ou seus amigos, se estiver escondido, liquidam. Querera o senhor liquidar os negócios de seu irmão? — perguntou o presidente.

— Ah, Grandet — exclamou o tabelião —, como seria bonito! Existe honra no fundo de nossas províncias. Se você salvasse seu nome, porque é o seu nome, seria um homem...

— Sublime! — disse o presidente, interrompendo o tio.

— Ce... certamente — replicou o velho vinhateiro. — Meu i... irmão se cha... cha... chamava Grandet co... como eu. Não ne... nego. E essa li... li... quidação po... po... deria ser, sob to... todos os as... aspectos, muito van... van... tajosa aos in... inte... resses de meu so... so... brincho, que es... es... timo. Mas é pre... preciso ver bem. Não co... conheço os *dia... diabos* de Pa... Pa... Paris. Sou de Sau... Sau... mur, vocês sa... sabem! Mi... minhas pa... pa... parreiras, meus fo... fossos, e... e... enfim, tenho meus ne... ne... negócios. Não sei co... como se faz u... uma le... le... letra pro... missória. Que é u... uma le... le... letra? Já re... re... cebi muitas, mas nu... nunca assi... si... nei ne... ne... nenhuma. Sei que i... i... isso se re... re... cebe, se des... des... desconta. Eis tudo que se... sei. O... o... ouvi di... dizer que se pode re... re... resgatar as le... le...

— Sim — disse o presidente. — As letras podem ser adquiridas na praça, mediante um tanto por cento. Compreende? — Grandet

colocou a mão em concha atrás da orelha. O presidente repetiu a frase.

— Mas — replicou o vinhateiro — é pre... pre... ciso ga... ga... gastar al... al... guma co... co... coisa? Não sei na... na... nada di... disso, na mi... mi... minha ida... da... dade. Te... tenho que fi... ficar se... se... sempre aqui... para vi... vi... vigiar as co... co... colheitas. É com o que se co... co... colhe que se pa... paga. E te... te... tenho ne... ne... negócios maiores em Froidfond. Não posso a... a... abandonar mi... mi... minha casa para tra... tra... tratar de co... co... coisas de que não en... en... tendo. Diz o se... senhor que para li... li... liquidar, pa... para im... im... pedir a fa... fa... falência, de... devo estar em Pa... Pa... Paris. A ge... ge... gente não po... pode es... es... tar em dois lu... lu... lugares ao me... mesmo te... te... tempo a não ser que se... se... seja um pa... pa... passarinho e...

— Compreendo — exclamou o tabelião. — E então, meu caro! Você tem amigos, velhos amigos capazes de dedicação.

“Vamos!”, pensou o vinhateiro. “Decide-te, então!”

— E se alguém fosse a Paris, procurasse o maior credor de seu irmão Guilherme e lhe dissesse...

— Um mi... mi... minuto! — interrompeu o velho. — Di... di... dissesse o quê? Mais ou me... menos i... i... isso: “Grandet... det de Saumur pa... pa... para cá, Grandet... det de Saumur pa... pa... para lá. Ele ama o irmão, ama seu so... so... sobrinho. Grandet é um bo... bo... bom pa... parente, tem boas in... in... intenções. Ve... ve... vendeu bem su... su... sua sa... safra. Não de... de... declarem a fa... falência. Re... re... reúnam-se, no... no... nomeiem li... li... liquidatários. En... en... tão Grandet ve... verá o que po... po... pode fa... fazer. Vo... vo... vocês terão mais van... vantagem liquidando que

de... de... deixando a ju... justiça me... me... meter o nariz ni... ni... nisso”. Hein? Que tal?

— Acertado! — disse o presidente.

— Porque, se... se... senhor de Bon... Bonfons, é pre... pre... preciso ver antes de... de... decidir. Quem não po... po... pode, não po... pode. Em to... todo ne... ne... ne... gócio one... ne... roso, paaara não não se a... a... arruinar a ge... ge... gente pre... pre... cisa co... co... conhecer os ga... ga... gastos e os recursos. Não é?

— Certamente — disse o presidente. — Penso que, num prazo de alguns meses, se poderá resgatar os créditos por uma certa importância e pagar integralmente por acordo. Ora! Leva-se bem longe um cão mostrando-lhe um pedaço de tocinho. Não havendo declaração de falência e o senhor tendo os títulos dos credores em seu poder, ficará alvo como a neve.

— Como ne... ne... neve? — repetiu Grandet, voltando a colocar a mão detrás da orelha. — Não compreendo a ne... ne... neve.

— Ora — exclamou o presidente —, ouça, então!

— O... o... ouço.

— Um título é uma mercadoria que pode ter sua alta e sua baixa. Isso é uma dedução do princípio de Jeremy Bentham^[174] sobre a usura. Esse publicista provou que o preconceito que condenava os usurários era uma tolice.

— Sim? — exclamou o velho com admiração.

— Visto que em princípio, segundo Bentham, o dinheiro é uma mercadoria e que o que representa dinheiro se torna igualmente uma mercadoria — continuou o presidente. — Visto que é notório que, submetida às variações que regem as coisas comerciais, a mercadoria-título, levando tal ou qual assinatura, como tal ou qual artigo, abunda ou falta na praça, que sobe de preço ou cai a coisa nenhuma, o Tribunal ordena... (perdão, como sou estúpido!) penso que o senhor pode resgatar as letras de seu irmão mediante vinte e cinco por cento.

— Cha... cha... chama-se Je... Je... Jeremy Be...?

— Bentham, um inglês.

— Esse Jeremy nos poupará muitas lamentações nos negócios — disse o tabelião, sorrindo.

— Às ve... vezes esses in... in... ingleses têm bom se... senso — disse Grandet. — Assim, se... se... se... gundo Be... Be... Bentham, se os tí... títulos de meu irmão va... va... valem não va... valem nada! É i... i... isso, não é? Pa... pa... parece claro. Os credores es... es... estariam... não, não es... estariam... Eu me en... en... entendo.

— Deixe-me explicar-lhe isso — disse o presidente. — Pelo direito, se o senhor possui os títulos de todos os créditos devidos pela casa Grandet, seu irmão e seus herdeiros não devem nada a ninguém.

— É claro.

— É claro — repetiu o velho.

— Por equidade, se os títulos de seu irmão se negociam (negociam, compreende bem essa expressão?) na praça com tanto por cento de perda e se um de seus amigos passa por lá e os adquire, uma vez que os credores não tenham sido coagidos a lhos dar, a

sucessão do falecido Grandet de Paris está legalmente desembaraçada.

— É ve... ve... verdade, ne... ne... negócio é ne... ne... negócio. I... i... isso poost... Mas o se... se... senhor compre... en... en... ende que isso é di... di... difícil. Não te... te... tenho di... di... dinheiro nem tempo, nem te... te... tempo..., nem...

— Ora, não precisa se incomodar por isso. Eu me ofereço para ir a Paris (o senhor pagará as despesas de viagem, uma ninharia). Lá, procuro os credores, falo com eles, peço uma moratória e tudo se arranjará com um suplemento de pagamento que o senhor acrescentará aos valores da liquidação, a fim de entrar na posse dos títulos de crédito.

— Va... va... vamos ver. Não po... po... posso, não que... que... quero me meter ni... nisso sem que... Quem não po... po... pode, não po... pode. Compre... pre... preende?

— É verdade.

— E... e... estou tonto com o que... que... o se... se... senhor me expli... i... i... cou. Esta é a pri... pri... primeira vez na vi... vida que sou obri... bri... brigado a tratar de...

— Sim, o senhor não é jurisconsulto.

— Sou um po... po... pobre vinhateiro e não sei na... na... da do que o se... senhor aca... ca... caba de di... di... dizer. Pre... preciso es... es... estudar i... i... isso.

— Assim... — continuou o presidente.

— Meu sobrinho...! — interrompeu o tabelião com um tom de censura.

— Que é, tio? — perguntou o presidente.

— Deixa o sr. Grandet explicar suas intenções. Trata-se aqui de um mandato importante. Nosso prezado amigo deve defini-lo claramente...

Uma batida de aldrava anunciou a chegada da família Des Grassins, e sua entrada e seus cumprimentos impediram Cruchot de concluir a frase. O tabelião alegrou-se com aquela interrupção. Grandet já o olhava de esguelha e seu lobinho indicava uma tempestade interior. Mas, antes de tudo, o avisado tabelião não achava que conviesse a um presidente de Tribunal de Primeira Instância ir a Paris para fazer os credores capitularem e meter as mãos numa embrulhada que contrariava as leis da estrita probidade. Além disso, não tendo ainda ouvido de Grandet a menor intenção de pagar alguma coisa, receava instintivamente ver o sobrinho envolvido em tal negócio. Aproveitou, assim, o momento em que os Des Grassins entravam para puxar o presidente pelo braço e levá-lo até o vão da janela.

— Já te exibiste bastante, meu sobrinho. Basta de abnegação. O desejo de conquistar-lhe a filha te cega. Diabo! Não se deve fazer como a gralha que derruba as nozes. Deixa-me conduzir o barco, limita-te a auxiliar as manobras. Queres comprometer tua dignidade de magistrado em tal...

Não terminou. Interrompeu-se ao ouvir Des Grassins dizer ao antigo tanoeiro enquanto lhe estendia a mão:

— Grandet, soubemos da triste desgraça que atingiu sua família, o desastre da casa Guilherme Grandet e a morte de seu irmão. Queremos exprimir o quanto compartilhamos do seu triste sentimento.

— A única desgraça — disse o tabelião, interrompendo o banqueiro — é a morte do sr. Grandet. E ele não se teria suicidado se tivesse tido a ideia de apelar para o irmão. Nosso velho amigo, que tem honra até na ponta das unhas, pensa em liquidar as dívidas da casa Grandet de Paris. Meu sobrinho, o presidente, para lhe poupar os embaraços de um negócio puramente judicial, ofereceu-se para ir a Paris a fim de negociar com os credores e satisfazê-los convenientemente.

Tais palavras, confirmadas pela atitude do vinhateiro, que acariciava o queixo, surpreenderam estranhamente os três Des Grassins, que durante o caminho haviam censurado abertamente a avareza de Grandet, acusando-o quase de um fratricídio.

— Ah! Bem o sabia! — exclamou o banqueiro, olhando para a mulher. — Que te dizia eu quando vínhamos para cá, sra. des Grassins? Grandet tem honra até na ponta dos cabelos e não suportará que seu nome sofra o menor vexame! O dinheiro, sem honra, é uma doença. Existe honra nas nossas províncias! Muito bem, muito bem, Grandet. Sou um velho militar, não sei ocultar o que penso. Digo-o rudemente. Sim senhor, com mil raios! Isso é sublime!

— En... en... então o su... su... blime é bem ca... ca... caro — respondeu o velho, enquanto o banqueiro lhe apertava calorosamente a mão.

— Mas, isto, meu bravo Grandet, sem desfazer do senhor presidente — continuou Des Grassins —, é um negócio puramente comercial e requer um negociante consumado. É preciso entender de contas de reintegração, adiantamentos, cálculos de juros. Tenho de ir a Paris atender meus negócios e poderia encarregar-me de...

— Va... va... vamos tra... a... tratar de arran... ran... ranjar i... i... isso apro... pro... aproveitando as po... po... possibilidades de ca... ca... cada um. Não que... que... quero de... de... desgostar a ninguém — disse Grandet, gaguejando. — Aqui o senhor presidente me pediu, naturalmente, para pagar as despesas de viagem.

O velho não gaguejou nessas últimas palavras.

— Ora! — disse a sra. des Grassins. — Mas é um prazer ir a Paris. Eu até pagaria, com muito gosto, para ir lá, se fosse eu.

E fez um sinal ao marido, como que para o encorajar a privar seu adversário dessa comissão, a todo custo. Depois, olhou ironicamente para os Cruchot, que fizeram uma cara de desgraçados. Grandet puxou então o banqueiro por um botão e o levou para um canto.

— Tenho mais confiança em você do que no presidente — disse ele. — Além disso, há outra coisa mais importante ainda — acrescentou, mexendo no lobinho. — Pretendo entrar no negócio de fundos públicos. Tenho alguns mil francos para comprar títulos e não quero pagar mais que oitenta francos. Eles vão baixar de preço, no fim do mês, segundo se diz. Você entende disso, não é?

— Se entendo! Quer dizer que terei de adquirir alguns milhares de títulos para você?

— É pouca coisa, para começar. *Motus!* Quero meter-me nesse jogo sem que ninguém saiba. Você fechará uma compra para o fim do mês. Mas não diga nada aos Cruchot, isso os magoaria. E já que vai a Paris, vamos ver, ao mesmo tempo, o que se pode fazer em favor do meu pobre sobrinho.

— Entendido. Seguirei amanhã na diligência — disse em voz alta — e virei buscar suas últimas instruções às... A que horas?

— Às cinco, antes do jantar — disse o vinhateiro, esfregando as mãos.

Os dois partidos adversários ficaram a defrontar-se ainda alguns instantes. Após uma pausa, disse Des Grassins, batendo no ombro de Grandet:

— É bom ter parentes assim...

— Sim. Embora não pareça — respondeu Grandet — sou um bom pa... pa... parente. A... a... amava meu irmão e sa... sa... saberei prová-lo, se não cus... cus... custar...

— Vamos deixá-lo, Grandet — disse-lhe o banqueiro interrompendo-o oportunamente, antes que acabasse a frase. — Uma vez que vou antecipar a viagem, preciso pôr alguns negócios em ordem.

— Bem. Bem. Quanto a mim, com re... re... relação ao que você sa... sa... sabe, vou me re... re... retirar para a Câ... Câ... Câmara das De... De... Deliberações, como diz o presidente Cruchot.

“Peste! Já não sou mais sr. de Bonfons”, pensou tristemente o magistrado, cujo rosto assumiu a expressão de um juiz aborrecido com uma questão.

Os chefes das duas famílias rivais retiraram-se juntos. Nenhum deles pensava mais na traição de Grandet contra a região vinícola, naquela manhã, e começaram a se sondar mutuamente, mas em vão, para descobrir o que pensavam sobre as intenções reais do velho nesse novo negócio.

— Vem até a casa da sra. d’Orsonval conosco? — perguntou Des Grassins ao tabelião.

— Iremos mais tarde — respondeu o presidente. — Prometi uma visita à sra. de Gribeaucourt e, se meu tio permitir, iremos lá agora.

— Então, até logo — disse a sra. des Grassins.

Quando os Des Grassins se encontravam a alguns passos dos Cruchot, Adolfo disse ao pai:

— Levaram na cabeça, hein?

— Cala-te, filho — replicou a mãe —, eles ainda nos podem ouvir. Além disso, o que dizes não é bonito e cheira a Escola de Direito.

— E agora, tio? — exclamou o magistrado quando viu os Des Grassins afastados. — Comecei sendo o presidente de Bonfons e terminei um simples Cruchot.

— Bem vi que isso te contrariou. Mas o vento estava do lado dos Des Grassins. És idiota, com todo teu espírito...! Deixa-os embarcar num *Vamos ver* do tio Grandet e fica tranquilo, rapaz. Eugênia não deixará de ser tua mulher por isso.

Em poucos momentos, a notícia da magnânima resolução de Grandet se espalhou por três casas ao mesmo tempo e na cidade não se falou de outra coisa que não fosse esse devotamento fraternal. Todos perdoavam a Grandet a venda que fizera desrespeitando o que fora combinado entre os proprietários e admiravam sua honradez, louvando uma generosidade de que não o julgavam capaz. É próprio do temperamento do francês entusiasmar-se, encolerizar-se, apaixonar-se pelo meteoro do momento, pelos ídolos passageiros. Será possível que as coletividades, os povos, não tenham memória?

Quando o velho Grandet fechou a porta, chamou Nanon.

— Não soltes o cão nem vás dormir. Temos de trabalhar juntos. Às onze horas, Cornoiller virá aqui com a carruagem de Froidfond. Fica à escuta para impedir que ele bata quando chegar e dize-lhe que entre sem ruído. As leis policiais proíbem o barulho à noite. Além disso, o bairro não tem necessidade de saber que vou viajar.

Dito isso, Grandet subiu ao laboratório, onde, como Nanon pôde ouvir, ficou a resmungar, a remexer coisas, a andar de um lado para outro, tudo isso com precaução. Evidentemente, não queria despertar a filha nem a mulher e, sobretudo, não queria excitar a atenção do sobrinho, que começara por maldizer ao ver a luz do seu quarto.

No meio da noite, Eugênia, preocupada com o primo, acreditou ouvir o gemido de um moribundo e, para ela, o moribundo era Carlos. Havia-o deixado tão pálido, tão desesperado! Quem sabe se se teria matado? Rapidamente, enrolou-se numa espécie de peliça com capuz e quis sair. No primeiro momento, um clarão que passava pelas fendas da porta a fez temer um incêndio. Depois, tranquilizou-se ao ouvir os passos pesados de Nanon e sua voz misturada aos relinchos de vários cavalos.

“Será que papai vai levar o primo daqui?”, disse para si mesma, entreabrindo a porta com toda a precaução para impedi-la de ranger, mas o suficiente para ver o que se passava no corredor.

Subitamente, viu o olhar do pai. E por mais vago e indiferente que este fosse, a gelou de pavor. O bom velho e Nanon conduziam juntos, apoiado nos ombros, um grosso bastão que sustentava, por uma corda, um barrilete semelhante ao que o velho Grandet se divertia a fabricar nas horas de folga.

— Virgem Santíssima! Como pesa! — disse Nanon em voz baixa.

— Que pena que sejam somente miseráveis *sous*! — respondeu o velho. — Cuida para não tropeçar no castiçal.

Essa cena era iluminada por uma única vela colocada entre duas travessas do corrimão.

— Cornoiller — disse Grandet a seu guarda *in partibus* [175] —, trouxeste as pistolas?

— Não, senhor. Para quê? Que se pode recear por seus miseráveis *sous*?

— Ora, nada! — disse o pai Grandet.

— Além disso, a viagem será rápida — acrescentou o guarda. — Os agregados escolheram os melhores cavalos que possuem.

— Muito bem. Não lhes disseste aonde vou?

— Nem eu o sabia.

— Ótimo. O carro é resistente?

— Se é, patrão! É capaz de suportar três mil. E que poderão pesar esses pobres barris?

— Pobres barris? Sei bem o que pesam! — disse Nanon. — Bem uns mil e oitocentos.

— Cala-te, Nanon! Dirás à minha mulher que fui ao campo. Voltarei para o jantar. Vamos depressa, Cornoiller. Precisamos chegar em Angers antes das nove horas.

O carro partiu. Nanon aferrolhou a porta grande, soltou o cão, deitou-se com o ombro dolorido e ninguém no bairro suspeitou da partida de Grandet nem do objetivo da viagem. A discrição do velho era completa. Ninguém via jamais um *sou* naquela casa cheia de ouro. Pelas conversas que ouvira de manhã, no porto, soubera que o ouro havia duplicado de preço em consequência do intenso movimento de armamentos em Nantes e que especuladores tinham vindo a Angers para comprá-lo. Então, o velho vinhateiro, com um simples empréstimo de cavalos obtido de seus agregados, pôde ir até lá e vender o seu ouro trazendo de volta, em títulos do Tesouro, a

quantia necessária à compra dos fundos públicos, após a ter acrescido do ágio.

— Papai vai sair — disse Eugênia, que do alto da escada ouvira tudo.

O silêncio voltara à casa. O distante rumor da carruagem, que foi aos poucos emudecendo, não ressoava mais na Saumur adormecida. Naquele momento, chegou ao coração de Eugênia, antes mesmo de ter chegado a seus ouvidos, um lamento que atravessou as paredes, vindo do quarto do primo. Uma faixa luminosa, fina como a lâmina de um sabre, passava pela fresta da porta e cortava horizontalmente os balaústres da velha escada.

— O primo sofre — disse ela, subindo dois degraus.

Um segundo gemido a fez chegar até a frente do quarto. A porta estava entreaberta. Ela a empurrou. Carlos dormia, com a cabeça pendida para fora da velha poltrona. Sua mão deixara cair a caneta e quase tocava o chão. A respiração entrecortada resultante da posição do rapaz assustou de súbito Eugênia, que imediatamente entrou.

“Deve estar bem cansado”, disse para si mesma, olhando para uma dúzia de cartas fechadas. Leu os endereços: Ilmos. Srs. Farry, Breilman & Cia., segeiros. — Ilmo. Sr. Buisson[176] alfaiate etc.

“Certamente pôs todos os seus negócios em ordem para poder partir logo da França”, pensou ela.

Seus olhos caíram sobre duas cartas abertas. As palavras com que uma delas começava, “Minha querida Anete...”, fizeram-na estremecer. Seu coração palpitou, seus pés ficaram pregados ao assoalho.

“Sua querida Anete! Ele ama, é amado! Adeus, esperanças...! Que lhe dirá ele?” Aquelas palavras atravessaram-lhe o cérebro e o

coração. Lia-as por toda parte, mesmo no chão, em caracteres luminosos. “Renunciar a ele? Não, não lerei essa carta. Devo ir embora... E se eu lesse?”

Fitou Carlos, tomou-lhe docemente a cabeça e a colocou no encosto da poltrona. Ele se deixava acomodar como uma criança que, mesmo dormindo, reconhece a mãe e recebe, sem despertar, seus cuidados e seus beijos. Com gestos de mãe, Eugênia levantou a mão caída e, tal qual uma mãe, beijou-lhe docemente os cabelos. “Querida Anete!” Um demônio bradava-lhe essas duas palavras ao ouvido.

— Sei que é malfeito, mas lerei a carta — disse ela.

Eugênia, que a sua nobre probidade censurava, desviou os olhos. Pela primeira vez na vida o bem e o mal apareciam simultaneamente em seu coração. Até então, não tivera de corar de nenhuma ação. A paixão e a curiosidade arrastaram-na. A cada frase, sentia o coração dilatar-se cada vez mais. E o excitante ardor que lhe animou a vida durante a leitura dessas palavras lhe tornou ainda mais deliciosos os encantos do primeiro amor:

Minha querida Anete. Nada nos devia separar, se não fosse a desgraça que me acabrunha e que nenhuma prudência humana poderia ter previsto. Meu pai suicidou-se, sua fortuna e a minha estão inteiramente perdidas. Vejo-me órfão numa idade em que, pela natureza de minha educação, posso ainda passar por uma criança. E devo, entretanto, levantar-me como homem do abismo em que caí. Acabo de empregar uma parte desta noite em fazer cálculos. Se eu quiser deixar a França com o nome limpo, e não há a mínima dúvida sobre isso, não disporei de cem francos meus para ir tentar a sorte nas Índias ou na América. Sim, minha pobre Ana, irei procurar a fortuna sob os climas mais inóspitos. Sob tais céus, ela é garantida e rápida, segundo me disseram. Quanto a ficar em Paris, não saberia fazê-lo. Nem minha alma nem

meu rosto foram feitos para suportar as afrontas, a frieza, o desdém que esperam o homem arruinado, o filho do falido! Grande Deus! Dever dois milhões...! Lá eu seria morto em duelo na primeira semana. Assim, não voltarei mais para lá. Nem mesmo teu amor, o mais terno e o mais devotado que jamais haja enobrecido o coração de um homem, poderia obrigar-me a isso. Como sou infeliz, minha bem-amada! Não tenho nem mesmo o dinheiro suficiente para viajar até onde estás, para dar e receber um último beijo em que eu iria buscar a força necessária à minha empresa...

— Pobre Carlos, fiz bem em ler! Tenho dinheiro, eu lho darei — disse Eugênia.

Continuou a leitura, após ter enxugado as lágrimas:

Ainda não tinha pensado nas desgraças da miséria. Mesmo se conseguir os cem luíses necessários à passagem, talvez não obtenha um *sou* para poder fazer um sortimento de mercadorias para começar a vida. Não saberei o que me restará de dinheiro senão após ter liquidado minhas dívidas em Paris. Se não sobrar nada, embarcarei como simples marujo e começarei a vida lá, como começaram os homens enérgicos, que, enquanto moços, não possuíam um *sou* e voltaram ricos das Índias. Toda esta manhã tenho considerado friamente meu futuro. É mais horrível para mim do que seria para qualquer outro, pois fui sempre mimado por uma mãe que me adorava, amado pelo melhor dos pais e, já no começo da vida, encontrei o amor de uma Ana! Não conheci senão as flores da vida: tamanha felicidade não podia durar. Tenho, entretanto, querida Anete, mais coragem do que se poderia exigir de um rapaz displicente, e, sobretudo, habituado às carícias da mais deliciosa mulher de Paris, embalado nas alegrias da família, a quem tudo sorria no lar e cujos desejos eram leis para um pai... Oh, meu pai está morto, Anete...

Refleti sobre minha posição e sobre a tua também. Envelheci muito em vinte e quatro horas. Querida Ana: se, para me conservar junto de ti, em Paris, sacrificasses todas as alegrias de teu luxo, teu vestuário, teu camarote

na Ópera, mesmo assim não atingiríamos ainda a cifra necessária às despesas de minha vida dissipada. Além disso, eu não aceitaria tamanho sacrifício. Devemo-nos deixar, portanto, hoje, para sempre.

— Ele a deixa, Santa Virgem! Que felicidade!

Eugênia saltou de alegria. Carlos moveu-se e ela sentiu um arrepio de terror. Felizmente, para ela, o primo não se acordou. Eugênia continuou:

Quando voltarei? Não o sei. O clima das Índias envelhece rapidamente um europeu, sobretudo um europeu que trabalha. Imaginemo-nos dez anos mais tarde. Em dez anos, tua filha terá dezoito anos, será tua companheira, tua espiã. Para ti, o mundo será muito cruel, tua filha o será mais ainda, talvez. Temos visto exemplos desses julgamentos mundanos e das ingratidões das filhas. Que isso nos sirva de lição. Guarda no fundo de tua alma, como eu próprio guardarei, a lembrança desses quatro anos de felicidade. E sê fiel, se puderes, a teu pobre amigo. Eu não saberia contudo exigí-lo, porque, como vês, querida Ana, devo me conformar com minha posição, ver burguesmente a vida e reduzi-la a algarismos reais. Devo, assim, pensar no casamento, que se tornou uma das necessidades de minha nova existência. E aproveito para confessar-te que encontrei aqui, em Saumur, em casa de meu tio, uma prima cujas maneiras, rosto, espírito e coração te agradariam e que, além disso, me parece ter...

“Devia estar bem cansado para cessar de escrever”, disse Eugênia para si mesma, vendo a carta interrompida no meio dessa frase.

Ela o justificava! Seria possível que aquela inocente moça não percebesse a frieza contida em tal carta? Para as moças educadas religiosamente, ignorantes e puras, tudo é amor desde o momento em que põem o pé nas regiões encantadas do amor. Marcham por

elas aureoladas da luz celeste que sua alma projeta e que se reflete em raios sobre o seu amado. Veem-no iluminado pelo clarão de seu próprio sentimento e lhe emprestam seus belos pensamentos. Os erros da mulher provêm, quase sempre, de sua crença no bem ou de sua confiança no verdadeiro. Para Eugênia, essas palavras: “Minha querida Anete, minha bem-amada” ecoavam em seu coração como a mais bela linguagem de amor e lhe afagavam a alma como, na infância, os acordes divinos do *Venite, adoremus*, [177] repetidos pelo órgão, lhe afagavam o ouvido. Além disso, as lágrimas que banhavam ainda os olhos de Carlos lhe conferiam todas as nobrezas de coração pelas quais uma moça deseja ser seduzida. Podia ela compreender que o amor de Carlos pelo pai e a terna sinceridade com que o pranteava provinham menos da bondade de seu coração que das bondades paternas? O sr. e sra. Guilherme Grandet, satisfazendo todas as fantasias do filho, proporcionando-lhe todos os prazeres da fortuna, haviam impedido que Carlos se entregasse, como a maioria dos moços de Paris, a esses horríveis cálculos que resultam no pesar de ver seus desejos e seus planos incessantemente adiados pela demora dos pais em morrer. A prodigalidade do pai ia até o ponto de semear no seu coração um amor filial verdadeiro, desinteressado. Não obstante, Carlos era um filho de Paris, habituado, pelos costumes de Paris, e também por Anete, a tudo calcular.

Já era velho, sob a máscara da juventude. Havia recebido a abominável educação dessa sociedade onde, numa reunião, se cometem, em pensamentos e em palavras, mais crimes do que os punidos nos tribunais e onde as boas piadas assassina as ideias mais nobres, onde não se é respeitado senão quando se sabe viver. E lá, saber viver é não crer em nada, nem nos sentimentos, nem nos

homens, nem mesmo nos acontecimentos: ali se forjam falsos acontecimentos. Lá, saber viver é pesar, cada manhã, a bolsa dos amigos e ficar politicamente acima de tudo o que acontece. Provisoriamente, nada admirar, nem as obras de arte, nem as ações nobres, e dar por motivação a tudo o interesse pessoal.

Após mil loucuras, a ilustre senhora, a bela Anete, havia obrigado Carlos a pensar gravemente. Falava-lhe de sua posição futura, passando-lhe pelos cabelos a mão perfumada. Refazendo-lhe uma onda do penteado, fazia-o calcular a vida. Efeminava-o e materializava-o. Dupla corrupção, mas elegante e fina, de bom gosto.

— És um tolo, Carlos — dizia-lhe. — Vai me custar muito ensinar-te a viver. Foste muito incorreto com o sr. des Lupeaulx.[\[178\]](#) Bem sei que é um homem pouco digno. Espera, porém, que ele perca o poder. Então poderás desprezá-lo à vontade. Sabes o que nos dizia a sra. Campan?[\[179\]](#) “Meus filhos, enquanto um homem estiver no ministério, adorem-no. Caído, ajudem a arrastá-lo para o lixo. Poderoso, ele é uma espécie de deus. Destruído, está abaixo de Marat na vala do esgoto,[\[180\]](#) porque está vivo e Marat está morto. A vida é uma série de combinações. É preciso estudá-las e segui-las, para nos mantermos sempre em boa posição.”

Carlos sempre estivera muito em moda, seus pais o haviam feito excessivamente feliz, fora muito mimado pelo mundo; por tudo isso não podia ter grandes sentimentos. O grão de ouro que a mãe lhe havia lançado no coração se havia alongado na fieira parisiense. Ele o havia empregado em superfície e devia gastá-lo pelo uso. Mas Carlos tinha apenas vinte e um anos.[\[181\]](#) Nessa idade, o frescor da vida parece inseparável da candura da alma. A voz, o olhar, a fisionomia parecem em harmonia com os sentimentos. Mesmo o juiz mais

severo, o advogado mais incrédulo, o agiota menos acessível hesitam sempre em acreditar no envelhecimento do coração, na corrupção dos cálculos, quando os olhos nadam ainda num fluido puro e ainda não se veem rugas na fronte. Carlos ainda não tivera ocasião de aplicar as máximas da moral parisiense e, até aquele dia, se conservara ele todo inexperiente. Mas, sem o saber, o egoísmo lhe havia sido inoculado. Os germes da economia política usada pelos parisienses, latentes em seu coração, não deviam tardar em florescer logo que, de espectador ocioso, passasse a ator no drama da vida real.

Quase todas as moças se abandonam às doces promessas dessas aparências. Mas Eugênia, embora fosse prudente e observadora como são certas moças na província, teria podido desconfiar do primo quando nele as maneiras, as palavras e as ações se harmonizavam tão bem com as aspirações do coração? Um acaso, fatal para ela, fez-lhe colher as últimas efusões de sensibilidade verdadeira que restavam naquele jovem coração e ouvir, por assim dizer, os últimos suspiros da sua consciência. Deixou, pois, essa carta, para ela cheia de amor, e ficou a contemplar o primo adormecido. As frescas ilusões da vida bailavam ainda, para ela, naquele rosto. E ela jurou sempre amá-lo. Depois, lançou o olhar sobre a outra carta sem ligar muita importância a essa indiscrição. E, se começou a lê-la, foi apenas para adquirir novas provas das nobres qualidades que, como todas as mulheres, ela emprestava a seu escolhido:

Meu caro Afonso.[\[182\]](#) No momento em que leres esta carta, não terei mais amigos. Afirmo-te, porém, que, ao duvidar das pessoas habituadas a esbanjar essa palavra, não duvidei de tua amizade. Encarrego-te, pois, de regularizares

meus negócios e confio em ti para tirar um bom partido de tudo quanto possuo. Deves, para isso, conhecer minha situação. Nada mais tenho e quero partir para as Índias. Acabo de escrever a todas as pessoas às quais creio dever algum dinheiro e cuja lista encontrarás junto a esta, tão exata quanto me foi possível organizá-la de memória. Minha biblioteca, meus móveis, meus carros, meus cavalos etc. serão suficientes, creio, para pagar minhas dívidas. Não quero reservar para mim senão as bugigangas sem valor, com as quais farei um sortimento para me lançar no comércio. Caro Afonso: enviar-te-ei daqui, para essa venda, uma procuração regular, para o caso de surgirem contestações. Tu me mandarás todas as minhas armas. Ficarás com Briton para ti. Ninguém me pagaria o preço desse admirável animal e prefiro oferecê-lo a ti, como o anel de uso que um moribundo lega a seu testamenteiro. A casa Farry, Breilman & Cia. construiu, para mim, uma carruagem muito confortável, mas ainda não a entregou. Consegue que fiquem com ela sem exigir indenização. Se se recusarem a um acordo, evita tudo quanto possa enodoar minha lealdade, nas circunstâncias em que me encontro. Devo seis luíses ao inglês, perdidos no jogo. Não deixes, pois, de lhe...

— Querido primo — disse Eugênia deixando a carta e fugindo a furto-passo para o seu quarto, com uma das velas acesas.

Ali chegando, foi com uma viva emoção de prazer que abriu a gaveta de um velho móvel de carvalho, um dos mais belos labores da época denominada Renascença e sobre o qual ainda se via, quase apagada, a famosa salamandra real. Tirou uma grande bolsa de veludo vermelho com borlas douradas e com os bordados gastos, que fazia parte da herança da avó. Depois, sopesou orgulhosamente a bolsa e se deliciou em verificar o total esquecido de seu pequeno pecúlio. Separou, em primeiro lugar, vinte moedas portuguesas ainda novas, cunhadas sob o reinado de dom João V, em 1725,

valendo, realmente, ao câmbio, cinco lisboninas ou sessenta e oito francos e sessenta e quatro cêntimos cada uma, dizia-lhe o pai, mas cujo valor convencional era de cento e oitenta francos, em vista da raridade e da beleza das moedas, que reluziam como sóis. Depois, cinco genovesas, ou moedas de cem libras de Gênova, outra moeda rara, valendo oitenta e sete francos ao câmbio, mas reputada a cem francos pelos amadores. Recebera-as do velho sr. Bertellière. E mais três dobrões de ouro espanhóis de Felipe V, cunhadas em 1729, dadas pela sra. Gentillet, que, sempre que as oferecia, pronunciava a mesma frase: “Esse belo canário, essa moedinha, vale noventa e oito francos! Guarda-a bem, minha querida, será a flor do teu tesouro”. E ainda — o que seu pai mais estimava, pois o ouro dessas moedas era de vinte e três quilates e fração — cem ducados da Holanda, cunhados no ano de 1756 e valendo cerca de treze francos. E também uma grande curiosidade...! umas espécies de medalhas preciosas para os aventos, três rúpias com o signo da Balança e cinco rúpias com o signo da Virgem, todas de ouro puro de vinte e quatro quilates, as magníficas moedas do Grão-Mogol, e das quais cada uma valia trinta e sete francos e quarenta cêntimos pelo peso, mas pelo menos cinquenta francos para os conhecedores que gostam de lidar com ouro. E finalmente o napoleão de quarenta francos recebido na antevéspera e que ela havia posto negligentemente na bolsa vermelha.

Aquele tesouro continha moedas novas e sem uso, obras de arte de que o velho Grandet se informava às vezes e que queria ver, a fim de detalhar à filha as suas virtudes intrínsecas, como a beleza da serrilha, a nitidez do desenho, a riqueza das letras cujas vivas arestas ainda não estavam riscadas: Eugênia não pensava nessas raridades,

nem na mania do pai, nem no perigo a que se expunha ao se desfazer de um tesouro tão caro ao velho. Pensava apenas no primo, e terminou por compreender, após alguns erros de cálculo, que possuía cerca de cinco mil e oitocentos francos em valores reais que, convencionalmente, se poderiam vender por quase dois mil escudos. À vista de suas riquezas, começou a bater palmas, como uma criança obrigada a extravasar sua transbordante alegria em ingênuos movimentos do corpo. Assim, pai e filha haviam contado, cada um, sua fortuna: ele, para ir vender seu ouro; Eugênia, para lançar o seu num oceano de afeição. Repôs as moedas na velha bolsa, apanhou-a e subiu sem hesitar. A secreta miséria do primo fazia-lhe esquecer a noite e as conveniências. Além disso, estava fortalecida por sua consciência, sua dedicação, sua felicidade.

No momento em que apareceu no umbral da porta, com uma vela numa das mãos e a velha bolsa na outra, Carlos despertou, viu-a e ficou boquiaberto de surpresa. Eugênia avançou, descansou o castiçal sobre a mesa e disse com a voz comovida:

— Primo, quero pedir-lhe perdão de uma falta grave que cometi com você. Deus me perdoará esse pecado se você o esquecer.

— Que é? — perguntou Carlos, esfregando os olhos.

— Li essas duas cartas.

Carlos corou.

— Como aconteceu isso? — continuou ela. — Por que subi aqui? Na verdade, agora já não sei mais. Mas sou tentada a não me arrepender de as ter lido, pois elas me fizeram conhecer seu coração, sua alma e...

— E quê? — indagou Carlos.

— E seus projetos, sua necessidade de uma quantia...

— Querida prima...

— Psiu, primo! Mais baixo, não acordemos ninguém. Eis aqui — disse, abrindo a bolsa — as economias de uma pobre moça que não precisa de nada. Carlos, aceite-as. Esta manhã, eu ignorava o que era o dinheiro. Você mo ensinou: não é senão um meio, eis tudo. Um primo é quase um irmão. Você pode muito bem receber um empréstimo de sua irmã.

Eugênia, tão mulher quanto moça, não havia previsto recusas, e seu primo permanecia calado.

— E então, recusa? — perguntou Eugênia, cujas palpitações ressoavam no meio do profundo silêncio.

A hesitação do primo humilhou-a. Mas a necessidade em que ele se encontrava se representou mais vivamente em seu espírito e ela dobrou o joelho.

— Não me levantarei daqui enquanto você não pegar esse ouro! — disse ela. — Primo, por favor, responda...! para que eu saiba se você me aprecia, se você é generoso, se...

Ouvindo a exclamação de tão nobre desespero, Carlos deixou cair lágrimas sobre as mãos da prima, que ele agarrou para impedi-la de ajoelhar-se. Sentindo aquelas lágrimas quentes, Eugênia precipitou-se para a bolsa e derramou seu conteúdo sobre a mesa.

— E então, sim, não é? — disse ela, chorando de alegria. — Nada tema, primo, você será rico. Este ouro lhe dará sorte. Um dia, você mo devolverá. Ou, então, façamos uma sociedade. Enfim, aceitarei todas as condições que me impuser. Mas não deve dar tanto valor a esta oferta.

Carlos pôde, enfim, exprimir seus sentimentos.

— Sim, Eugênia, seria preciso ter a alma bem mesquinha para não aceitar. Entretanto, troquemos uma coisa por outra, confiança por confiança.

— Que quer dizer? — perguntou ela, assustada.

— Escute, prima. Tenho ali...

Interrompeu-se para mostrar, sobre a cômoda, uma caixa quadrada coberta com uma capa de couro.

— Tenho ali, veja, uma coisa que me é tão preciosa como a vida. Aquela caixa é um presente de mamãe. Desde esta manhã tenho pensado que, se ela pudesse sair um momento do túmulo, venderia ela própria o ouro que sua ternura fez empregar nesse estojo de viagem. Realizada por mim, porém, essa ação me pareceria um sacrilégio.

Eugênia apertou convulsivamente a mão do primo ao ouvir essas últimas palavras.

— Não — acrescentou ele, após uma breve pausa, durante a qual ambos trocaram um olhar comovido —, não quero estragá-lo nem arriscá-lo na viagem. Querida Eugênia, você o guardará. Jamais um amigo teria confiado alguma coisa mais sagrada a outro amigo. Você vai ver.

Carlos tomou a caixa, tirou-a da capa, abriu-a e mostrou tristemente à prima maravilhada um estojo de viagem cujo valor dava ao ouro um preço bem superior ao de seu peso.

— O que você admira não é nada — disse comprimindo uma mola que descobriu um fundo falso. — Eis o que, para mim, vale a terra inteira.

Tirou dois retratos, duas obras-primas da sra. de Mirbel,[\[183\]](#) ricamente rodeados de pérolas.

— Oh, que bela! Não é a essa senhora que você escre...?

— Não — interrompeu ele, sorrindo. — Essa senhora é minha mãe, e este é meu pai, seus tios. Eugênia, devia suplicar-lhe de joelhos que me guardasse este tesouro. Se eu sucumbisse, perdendo sua pequena fortuna, este ouro a indenizaria. E somente com você posso deixar os dois retratos. Você é digna de conservá-los. Mas destrua-os, a fim de que não caiam em outras mãos.

Eugênia calou-se.

— E então, aceita, não é? — acrescentou ele, com graça.

Ouvindo o que o primo acabara de dizer, Eugênia lhe lançou seu primeiro olhar de mulher apaixonada, um desses olhares em que há quase tanta sedução como profundez. Ele tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Anjo de pureza! Entre nós, o dinheiro nunca será nada, não é? O sentimento, que o faz valer alguma coisa, será tudo de hoje em diante.

— Você se parece com a sua mãe. Tinha ela a voz tão suave como a sua?

— Oh! Muito mais suave...

— Sim, para você — disse ela, baixando as pálpebras. — Vamos, Carlos, deite-se, está fatigado. Até amanhã.

Eugênia retirou docemente a mão de entre as do primo, que a acompanhou iluminando o caminho. Quando chegaram à porta do quarto de Eugênia:

— Ah, por que estou arruinado? — disse ele.

— Ora! Papai é rico, penso — respondeu ela.

— Pobre criança — replicou Carlos, dando um passo para dentro do quarto e apoiando as costas à parede. — Se ele fosse rico, não teria

deixado morrer o meu pai e nem as deixaria nessa pobreza. Enfim, viveria de outro modo.

— Mas tem Froidfond.

— E que vale Froidfond?

— Não sei. Mas tem Noyers.

— Alguma herdade sem valor!

— Tem vinhas e campos...

— Misérias — disse Carlos com um ar desdenhoso. — Se seu pai tivesse apenas vinte e quatro mil francos de renda que fosse, vocês não dormiriam nesse quarto frio e vazio — acrescentou ele, dando mais um passo. — Lá ficarão meus tesouros — disse mostrando o velho baú, para esconder seu pensamento.

— Vá dormir — disse ela, impedindo-o de entrar no quarto em desordem.

Carlos retirou-se e trocaram o boa-noite com um sorriso mútuo. Ambos adormeceram no mesmo sonho, e Carlos começou, desde então, a lançar algumas rosas sobre o seu luto. Na manhã seguinte, a sra. Grandet viu a filha passeando, antes do almoço, em companhia de Carlos. O rapaz estava ainda triste, como devia estar um desgraçado que tivesse descido, por assim dizer, ao fundo de seus pesares e que, medindo a profundidade do abismo em que havia caído, sentira todo o peso de sua vida futura.

— Papai não voltará antes do jantar — disse Eugênia vendo a inquietação estampada no rosto da mãe.

Era fácil de ver nas maneiras, no rosto de Eugênia e na singular doçura que adquiria sua voz uma conformidade de pensamento entre ela e o primo. Suas almas se haviam ardentemente desposado antes, talvez, de ter sido experimentada a força dos sentimentos pelos quais

se uniam um ao outro. Carlos permaneceu na sala e, ali, sua melancolia foi respeitada. As três mulheres tinham em que se ocupar.

Grandet esquecera seus negócios. E, na sua ausência, veio um grande número de pessoas. O telhador, o chumbador, o pedreiro, terraplenadores, lavradores, rendeiros, uns para tratar de reparações, outros para pagar arrendamentos ou receber dinheiro. A sra. Grandet e Eugênia foram, assim, obrigadas a andar de um lado para outro para responder às intermináveis arengas dos trabalhadores e da gente do campo. Nanon armazenava, na cozinha, os pagamentos em gêneros. Ela esperava sempre as ordens do patrão para saber o que devia ser guardado para o consumo e o que devia ser vendido no mercado. O hábito do velho era, como o de um grande número de fidalgos do campo, beber o mau vinho e comer as frutas estragadas.

Pelas cinco horas da tarde, Grandet voltou de Angers. Conseguira um milhão e quatrocentos mil francos pelo ouro e os trazia na carteira, em bônus do Tesouro que lhe renderiam juros até o dia em que devia pagar os fundos públicos. Deixara Cornoiller em Angers para cuidar dos cavalos meio estafados e levá-los de volta lentamente, após os ter feito descansar.

— Venho de Angers, mulher — disse ele. — Estou com fome.

Nanon perguntou-lhe, gritando, da cozinha:

— Não comeu nada desde ontem?

— Nada — respondeu o velho.

Nanon trouxe a sopa. Des Grassins veio buscar as ordens do cliente no momento em que a família estava à mesa. O pai Grandet nem dera pela presença do sobrinho.

— Coma tranquilamente, Grandet — disse o banqueiro. — Depois conversaremos. Sabe quanto está valendo o ouro em Angers, onde foram comprá-lo para levá-lo para Nantes? Vou mandar o meu para lá.

— Não o envie — respondeu o velho. — Já há de sobra lá. Somos bastante amigos para que eu lhe poupe uma perda de tempo.

— Mas o ouro está valendo treze francos e cinquenta lá.

— Ou melhor, valia.

— De onde terá vindo você?

— Fui, esta noite, a Angers — respondeu Grandet em voz baixa.

O banqueiro estremeceu de surpresa. Depois, estabeleceu-se entre ambos uma palestra em surdina, durante a qual Des Grassins e Grandet olharam para Carlos repetidas vezes. No momento em que, sem dúvida, o antigo tanoeiro pediu ao banqueiro que adquirisse cem mil francos de títulos para ele, Des Grassins deixou escapar um novo gesto de surpresa.

— Sr. Grandet — disse o banqueiro a Carlos —, vou a Paris. Se tiver alguma encomenda, estou às ordens...

— Muito obrigado. Não preciso de nada — respondeu Carlos.

— Deves agradecer-lhe melhor, rapaz. Este senhor vai a Paris para pôr em ordem os negócios da casa Guilherme Grandet.

— Haverá, então, alguma esperança? — perguntou Carlos.

— Mas — exclamou o tanoeiro com afetado orgulho — não és meu sobrinho? Tua honra é a nossa. Não te chamas Grandet?

Carlos levantou-se, abraçou o pai Grandet, beijou-o, empalideceu e retirou-se. Eugênia contemplava o pai com admiração.

— Então, adeus, Des Grassins. Conte comigo. E trate de embrulhar bem aquela gente.

Os dois diplomatas trocaram um aperto de mão. O antigo tanoeiro acompanhou o banqueiro até a porta. Depois de a ter fechado, voltou e disse a Nanon, atirando-se numa poltrona:

— Traze o cassis!

Mas, demasiado emocionado para se conservar na cadeira, levantou-se, olhou para o retrato do sr. Bertellière e começou a cantarolar, fazendo o que Nanon chamava de passos de dança:

Nas guardas francesas
eu tinha um bom papai...[184]

Nanon, a sra. Grandet e Eugênia entreolharam-se em silêncio. A alegria do vinhateiro as espantava sempre que chegava ao apogeu. A reunião terminou logo. Em primeiro lugar, o pai Grandet queria deitar-se cedo. E, quando ele se deitava, todos deviam ir dormir. Do mesmo modo que, quando Augusto bebia, toda a Pôlônia se embriagava.[185] Em segundo lugar, Nanon, Carlos e Eugênia não estavam menos cansados que o chefe da casa. Quanto à sra. Grandet, ela dormia, comia, bebia e andava conforme os desejos do marido. Apesar disso, durante as duas horas destinadas à digestão, o tanoeiro, mais divertido do que nunca, pronunciou muitas de suas máximas particulares, das quais uma bastará para se avaliar o seu espírito. Quando terminou de tomar o licor, olhou para o cálice:

— Nem bem a gente põe os lábios no cálice e ele se esvazia! Eis a nossa história. Não se pode ser e ter sido ao mesmo tempo. Os escudos não podem girar e ficar no nosso bolso. Se assim fosse, a vida seria muito bela.

Grandet mostrou-se jovial e clemente. Quando Nanon veio com a roca:

— Deves estar cansada — disse-lhe. — Deixa o cânhamo.

— Ah, não! Eu ficaria aborrecida — respondeu a criada.

— Pobre Nanon! Queres um pouco de cassis?

— Ah! Tratando-se de cassis, não digo não. Sua senhora o faz muito melhor que os farmacêuticos. O que eles vendem é droga.

— Eles põem muito açúcar, fica sem gosto — disse o velho.

No outro dia, a família, reunida às oito horas para o almoço, oferecia pela primeira vez o espetáculo de uma intimidade real. A desgraça havia prontamente reunido a sra. Grandet, Eugênia e Carlos. Mesmo Nanon simpatizava com eles, sem o saber. Começaram os quatro a constituir uma verdadeira família. Quanto ao velho vinhateiro, satisfeita a sua avareza, e certo de ver partir em breve o peralta sem ter de lhe pagar outra coisa além da viagem a Nantes, via quase com indiferença sua presença na casa. Deixou as crianças, como chamava a Carlos e Eugênia, livres para se comportar como bem lhes parecesse, sob as vistas da sra. Grandet, em quem tinha absoluta confiança no que se referia à moral pública e religiosa. O nivelamento de seus campos e dos fossos junto à estrada, suas plantações de olmo no Loire e os trabalhos de inverno nas quintas e em Froidfond absorveram-no inteiramente.

Começou, então, para Eugênia a primavera do amor. Após a cena da noite, durante a qual a prima havia dado o seu tesouro ao primo, seu coração havia seguido o caminho do tesouro. Cúmplices do mesmo segredo, entreolhavam-se exprimindo uma compreensão mútua, que lhes aprofundava os sentimentos e os tornava mais comuns, mais íntimos, colocando-os a ambos, por assim dizer, fora da vida ordinária. Acaso seu parentesco não lhes autorizava uma certa doçura na voz, uma ternura especial nos olhares? Assim,

Eugênia se deliciou em acalentar os sofrimentos do primo nas alegrias infantis de um amor nascente. Não há, acaso, graciosas semelhanças entre os primeiros dias do amor e os primeiros dias da vida? Não se embala a criança com doces cantigas e olhares ternos? Não se lhe contam histórias maravilhosas que lhe douram o futuro? Para a criança, não abre sem cessar a esperança suas asas radiosas? Não derrama ela, alternadamente, lágrimas de alegria e de dor? Não se zanga por ninharias, pelos seixos com que tenta construir um palácio inseguro, pelas flores cortadas e em seguida esquecidas? Não é ela ávida de se apossar do tempo, de avançar na vida? O amor é a nossa segunda transformação.

A infância e o amor foram uma mesma coisa para Eugênia e Carlos: foi a primeira paixão, com todas as suas infantilidades, e ainda mais gratas a seus corações por serem mescladas de melancolia. Debatendo-se ao nascer sob os crepes do luto, tal amor parecia ainda mais em harmonia com a simplicidade provinciana daquela casa em ruínas. Trocando algumas palavras com a prima à borda do poço, naquele pátio silencioso, sentados num banco rústico até o pôr do sol, ocupados em se dizer grandes tolices ou recolhidos na calma que reinava entre a muralha e a casa, como quem está sob as arcadas de uma igreja, Carlos compreendeu toda a santidade do amor, de que sua ilustre dama, a sua querida Anete, não lhe havia mostrado senão as tempestuosas perturbações. Abandonava, naquele momento, a paixão parisiense artificiosa, vaidosa, brilhante, pelo amor puro e verdadeiro. Amava aquela casa, cujos hábitos já não lhe pareciam ridículos. Descia muito cedo a fim de poder conversar alguns momentos com Eugênia antes que Grandet viesse buscar as provisões. E, quando os passos do velhote ressoavam na escada,

corria para o jardim. O pequeno delito desse encontro matinal, secreto mesmo para a mãe de Eugênia e que Nanon fingia não perceber, imprimia ao amor mais inocente do mundo a vivacidade dos prazeres proibidos. E, após o almoço, quando Grandet partia para inspecionar suas propriedades e plantações, Carlos permanecia entre a mãe e a filha, desfrutando delícias desconhecidas ao ajudá-las a desenredar o fio, vê-las trabalhar, ouvi-las tagarelar. A simplicidade daquela vida quase monástica, que lhe revelou as belezas dessas almas que desconheciam o mundo, comoveu-o profundamente. Pensara que tais costumes fossem impossíveis na França e não admitia sua existência senão na Alemanha, mesmo assim apenas fabulosamente e nos romances de Auguste Lafontaine. [186] Assim, para ele, Eugênia foi logo o ideal da Margarida [187] de Goethe, com exceção do pecado. Enfim, dia a dia, seus olhares e suas palavras arrebatavam a pobre moça, que se abandonou deliciosamente à corrente do amor. Eugênia agarrava-se à sua felicidade como um nadador se agarra ao ramo de salgueiro para sair do rio e repousar sobre a margem. Já as tristezas duma próxima ausência não turvavam as horas mais alegres daqueles dias fugitivos? Cada dia, um pequeno incidente lhe recordava a próxima separação. Assim, três dias após a partida de Des Grassins, Carlos foi levado por Grandet ao Tribunal de Primeira Instância, com a solenidade que a gente da província liga a tais atos, para assinar uma renúncia à herança do pai. Terrível repúdio! Uma espécie de apostasia doméstica. Foi, depois, ao cartório de Cruchot estabelecer duas procurações: uma para Des Grassins, outra para o amigo encarregado de vender sua mobília. Teve, depois, de preencher as formalidades necessárias para obter um passaporte para o

estrangeiro. Enfim, quando chegaram as vestes simples de luto que Carlos havia encomendado de Paris, chamou um alfaiate de Saumur e lhe vendeu sua roupa inútil. Esse ato agradou singularmente ao pai Grandet.

— Muito bem! Eis-te como um homem que deve embarcar e quer fazer fortuna — disse-lhe ao vê-lo vestido com uma sobrecasaca de grossa fazenda preta. — Bem, muito bem!

— Peço-lhe que acredite — respondeu Carlos — que saberei compreender minha situação.

— Que é isso? — perguntou o velho, cujos olhos se acenderam à vista de um punhado de ouro que Carlos lhe mostrou.

— Meu tio, reuni meus botões, meus anéis, todas as coisas supérfluas que possuo e que podem ter algum valor, mas não conheço ninguém em Saumur, esta manhã queria pedir-lhe para...

— Para comprar isso? — interrogou Grandet, interrompendo-o.

— Não, tio, para me indicar uma pessoa honesta que...

— Dá-me isso, rapaz. Vou lá em cima avaliar essas joias e voltarei para dizer-te o que valem exatamente. Ouro de joias — disse, examinando uma longa corrente —, dezoito a dezenove quilates.

O bom velho estendeu a mão enorme e agarrou o punhado de ouro.

— Prima — disse Carlos —, permita-me que lhe ofereça estes dois botões, que poderão servir para você abotoar fitas nos pulsos. Isso constitui um bracelete muito em moda.

— Aceito sem hesitar, primo — disse ela, lançando-lhe um olhar de inteligência.

— Tia, eis aqui o dedal de mamãe. Tinha-o guardado em meu estojo de viagem — acrescentou, mostrando um belo dedal de ouro à

sra. Grandet, que vinha desejando um desses havia dez anos.

— Não há agradecimentos possíveis, meu sobrinho — disse a velha, cujos olhos se inundaram de lágrimas. — Pela manhã e à noite, nas minhas orações, rezarei por ti a prece dos viajantes, que é a mais eficaz para ti. Se eu morrer, Eugênia conservará esta joia.

— Vale novecentos e noventa francos e setenta e cinco cêntimos — disse Grandet, abrindo a porta. — Mas, para poupar-te o trabalho de vender isto, dar-te-ei o dinheiro... em libras.

A expressão *em libras* significa, no litoral do Loire, que os escudos de seis libras devem ser aceitos por seis francos, sem desconto.[\[188\]](#)

— Não tive coragem de lhe propor isso — respondeu Carlos. — Mas tinha repugnância de mercadejar minhas joias na cidade em que o senhor mora. Devemos lavar a roupa suja em casa, como dizia Napoleão. Agradeço sua bondade.

Grandet coçou a orelha. Houve um momento de silêncio.

— Meu caro tio — acrescentou Carlos, fitando-o com um ar inquieto, como se receasse ferir sua suscetibilidade. — A tia e a prima tiveram a gentileza de aceitar uma pequena lembrança minha. Aceite, por sua vez, minhas abotoaduras, que se tornaram inúteis para mim. Elas lhe lembrarão um pobre rapaz que, embora longe do senhor, há de pensar constantemente naqueles que de agora em diante constituem toda a sua família.

— Meu rapaz, meu rapaz, não te desfaças de tudo... Que tens aí, mulher? — disse, voltando-se avidamente para ela. — Ah, um dedal de ouro! E tu, filhinha? Repara, botões de diamante. Bem, fico com tuas abotoaduras, rapaz — acrescentou apertando a mão de Carlos. — Mas... permitirás que... te pague... a passagem para as Índias. Sim,

quero pagar tua passagem. Além disso, meu rapaz, ao avaliar tuas joias, não calculei senão o ouro bruto. Talvez ainda possa ganhar alguma coisa pelo labor. Assim, eu te darei mil e quinhentos francos, em libras, que Cruchot me emprestará, porque não tenho um miserável *sou* em casa. Salvo se Perrottet, que está atrasado no arrendamento, me pagar. Espera um pouco, vou ver.

Tomou o chapéu, calçou as luvas e saiu.

— Então, vai mesmo? — disse Eugênia a Carlos, lançando-lhe um olhar de tristeza mesclado de admiração.

— É preciso — respondeu ele, baixando a cabeça.

Nos últimos dias, a atitude, as maneiras, as palavras de Carlos se haviam tornado as de um homem profundamente aflito, mas que, sentindo pesar sobre si imensas obrigações, encontra na própria desgraça uma coragem nova. Não suspirava mais. Fizera-se homem. E Eugênia jamais pôde avaliar tão bem o caráter do primo como ao vê-lo descer vestido de grossa fazenda preta, que se casava muito bem a seu rosto pálido e à sua aparência sombria. Nesse dia, as duas mulheres puseram luto e assistiram, com Carlos, a um *Requiem* celebrado na paróquia por alma do finado Guilherme Grandet.

Durante o segundo almoço, Carlos recebeu cartas de Paris e as leu.

— E então, primo, está satisfeito com os negócios? — indagou Eugênia em voz baixa.

— Nunca perguntes tais coisas, filha — observou Grandet. — Que diabo! Não te conto meus negócios. Por que hás de meter o nariz nos de teu primo? Deixa o rapaz.

— Ora, não tenho segredos — disse Carlos.

— Tá-tá-tá-tá. Saberás logo, rapaz, que é preciso ter a língua curta, no comércio.

Quando os dois namorados ficaram sós no jardim, Carlos disse a Eugênia, atraindo-a para o velho banco, onde se sentaram sob a nogueira:

— Andei acertado em confiar no Afonso. Conduziu-se às mil maravilhas. Liquidou meus negócios com prudência e lealdade. Não devo nada em Paris. Os móveis foram bem vendidos e ele me anuncia que, seguindo os conselhos de um capitão de navio mercante, empregou três mil francos que sobraram em um sortimento de curiosidades europeias muito apreciadas nas Índias. Mandou a mercadoria para Nantes, onde está um navio de carga que parte para Java. Daqui a cinco dias, Eugênia, deveremos nos despedir, talvez para sempre ou, pelo menos, por muito tempo. Com meu sortimento e mais dez mil francos que dois amigos me enviaram, isso será um bom começo. Não posso pensar na volta antes de vários anos. Querida prima, não coloque sua vida na dependência da minha. Posso fracassar, pode surgir um rico partido para você...

— Você me ama...? — perguntou ela.

— Sim, muito — respondeu ele com uma profundidade de tom que revelava igual profundidade de sentimento.

— Esperarei, Carlos. Meu Deus! Papai está na janela — disse ela, afastando o primo, que se aproximava para beijá-la.

Eugênia correu para baixo do arco. Carlos a seguiu. Vendo-o, ela afastou-se para o pé da escada e abriu a porta. Depois, sem dar pela coisa, achou-se junto ao quartinho de Nanon, no recanto mais sombrio do corredor. Ali, Carlos, que a havia acompanhado, tomou-lhe a mão, colocou-a sobre o coração, puxou-a pela cintura e a apoiou

docemente contra si. Eugênia não resistiu. Recebeu e deu o mais puro, mais suave e também o mais significativo de todos os beijos.

— Querida Eugênia, um primo é mais que um irmão, ele pode casar contigo — disse-lhe Carlos.

— Amém! — exclamou Nanon, abrindo a porta do seu tugúrio.

Os dois namorados, assustados, correram para a sala, onde Eugênia pegou no seu trabalho, enquanto Carlos ficou a ler as ladainhas da Virgem no livro de orações da sra. Grandet.

— Ora veja! — disse Nanon. — Todos nós rezamos.

Logo que Carlos anunciou a partida, Grandet se pôs em movimento para dar a entender que lhe dedicava grande interesse. Mostrou-se liberal em tudo quanto não custasse dinheiro. Encarregou-se de procurar um encaixotador e voltou dizendo que este queria cobrar muito pelas caixas. Então, quis à viva força fazer ele mesmo os caixotes. E os fez, empregando tábuas velhas. Levantou-se cedo para cortar, ajustar, aplainar, pregar a madeira. Confeccionou, desse modo, belas caixas nas quais meteu toda a bagagem de Carlos. Encarregou-se também de mandá-las por barco, pelo Loire, segurá-las e expedi-las a tempo para Nantes.

Desde o beijo trocado no corredor, as horas corriam com espantosa rapidez para Eugênia. Às vezes, pensava em acompanhar o primo. Quem tenha conhecido a mais violenta das paixões, aquela cuja duração é abreviada cada dia que passa, seja pela idade, pelo tempo, por doença ou qualquer outra das fatalidades humanas, há de compreender os tormentos de Eugênia. Muitas vezes chorava ao passear pelo jardim, agora tão pequeno para ela, como o pátio, a casa, a cidade. E já se lançava, em imaginação, sobre a vasta extensão dos mares. Enfim, a véspera da partida chegou. Pela manhã, na

ausência de Grandet e Nanon, o precioso cofre que continha os dois retratos foi solenemente instalado na única das gavetas da cômoda que se fechava a chave e onde estava a bolsa agora vazia. À cerimônia da guarda desse tesouro não faltaram beijos e lágrimas. Quando Eugênia guardou a chave no seio, não teve coragem de impedir que Carlos a beijasse nesse ponto.

— Não sairá nunca daqui, meu amigo.

— Meu coração sempre estará aí.

— Ah, Carlos! Isto não é direito — disse ela num tom de censura.

— Mas não estamos casados? — replicou ele. — Tenho tua palavra, fica com a minha.

— Para sempre! — disseram ambos.

Nenhuma promessa feita no mundo foi mais pura do que essa. A candura de Eugênia havia momentaneamente santificado o amor de Carlos.

Na manhã seguinte, o almoço decorreu triste. Apesar do roupão dourado e de uma cruz à la Jeannette[189] que Carlos lhe deu, a própria Nanon, livre para exprimir seus sentimentos, ficou com os olhos cheios de lágrimas.

— Pobre moço, que vai andar pelo mar... Deus o guarde!

Às dez e meia, a família se pôs em caminho para acompanhar Carlos à diligência de Nantes. Nanon soltou o cachorro, fechou a porta e fez questão de levar o saco de viagem de Carlos. Todos os comerciantes da velha rua foram para a porta das lojas para ver passar o cortejo, ao qual se reuniu, na praça, o tabelião Cruchot.

— Não chores, Eugênia — disse-lhe a mãe.

— Meu sobrinho — disse Grandet na porta do hotel, beijando Carlos nas faces —, parte pobre e volta rico. Acharás salva a honra de

teu pai. Garanto-o eu, Grandet, porque, então, não dependerá senão de ti...

— Ah, meu tio! O senhor suaviza a amargura da minha partida. Não é esse o melhor presente que o senhor me poderia fazer?

Não tendo compreendido as palavras do antigo tanoeiro, que interrompera, Carlos derramou sobre o rosto curtido do tio lágrimas de gratidão, enquanto Eugênia apertava com toda a força a mão do primo e a do pai. O tabelião era o único a sorrir, admirado com a finura de Grandet, porque fora o único a compreender o bom velho. Os quatro saumurenses, cercados de várias pessoas, ficaram diante da carruagem até a partida. E quando ela desapareceu na ponte, o tropel dos cavalos foi emudecendo:

— Boa viagem! — disse o vinhateiro.

Por felicidade, Cruchot foi o único a ouvir essa exclamação. Eugênia e a mãe tinham ido para um lugar de onde podiam ver a diligência e agitavam seus lenços brancos, sinal a que Carlos respondia acenando com o seu.

— Mamãe, quisera ter por um instante o poder de Deus — disse Eugênia no momento em que o lenço de Carlos desapareceu.

Para não interromper o curso dos acontecimentos que se passaram no seio da família Grandet, é necessário lançar, por antecipação, um golpe de vista sobre as operações que o velho realizou em Paris por intermédio de Des Grassins. Um mês após a partida do banqueiro, Grandet possuía uma inscrição de cem mil libras em títulos do Estado, comprados a oitenta francos cada um. As explicações dadas, por ocasião de sua morte, pelo inventário, não forneceram o menor esclarecimento sobre os meios que sua desconfiança lhe havia sugerido para permutar o valor da inscrição

pela própria inscrição. Cruchot pensou que Nanon constituíra, sem o saber, o instrumento fiel do transporte dos títulos. Por essa época, a empregada estivera ausente cinco dias, sob o pretexto de ter ido arrumar algumas coisas em Froidfond, como se o velho fosse capaz de ter coisas em desordem. No que concerne aos negócios da casa Guilherme Grandet, realizaram-se todas as previsões do tanoeiro. Como todos sabem, o Banco da França possui as mais exatas informações sobre as grandes fortunas de Paris e dos departamentos. Os nomes de Des Grassins e Félix Grandet, de Saumur, eram ali conhecidos e gozavam da estima conferida às celebridades financeiras que se apoiam sobre imensas propriedades territoriais, livres de hipotecas. A chegada do banqueiro de Saumur, encarregado, segundo se dizia, de liquidar honradamente a casa Grandet de Paris, foi suficiente, pois, para poupar à memória do negociante a vergonha dos protestos. O levantamento do embargo se fez em presença dos credores, e o tabelião da família começou a proceder regularmente ao inventário da herança. Em seguida, Des Grassins reuniu os credores que, unanimemente, elegeram liquidatário o próprio banqueiro de Saumur juntamente com Francisco Keller,[\[190\]](#) chefe duma casa rica e um dos principais interessados, e lhes conferiram todos os poderes necessários para salvar ao mesmo tempo a honra da família e os créditos. O conceito de Grandet de Saumur, a esperança que ele derramava sobre o coração dos credores por intermédio de Des Grassins, facilitaram as transações. Não se encontrou um só recalcitrante entre os credores. Ninguém pensou em passar seu crédito para a conta de lucros e perdas, e todos se diziam:

— Grandet de Saumur pagará!

Passaram-se seis meses. Os parisienses haviam reembolsado as letras em circulação e as conservavam no fundo das carteiras. Esse foi o primeiro resultado que o tanoeiro queria obter. Nove meses após a primeira assembleia, os dois liquidatários distribuíram quarenta e sete por cento a cada credor. Essa soma foi conseguida com a venda dos valores, propriedades e outros bens pertencentes ao finado Guilherme Grandet, numa operação realizada com escrupulosa fidelidade. Presidia à liquidação a mais exata probidade. Os credores sentiam-se felizes em reconhecer a admirável e incontestável honradez dos Grandet. Quando esses louvores já haviam circulado suficientemente, os credores reclamaram o resto do dinheiro. Tiveram de escrever uma carta coletiva a Grandet.

— Cá estamos! — disse o antigo tanoeiro lançando a carta ao fogo.
— Paciência, meus amiguinhos.

Em resposta ao que a carta propunha, Grandet de Saumur requereu o depósito em cartório de todos os títulos de crédito existentes contra a sucessão do irmão, acompanhados de um recibo dos pagamentos já feitos, sob o pretexto de apurar as contas e fixar corretamente a situação da herança. Esse depósito encontrou mil dificuldades. Geralmente, o credor é uma espécie de maníaco. Hoje pronto a concordar, amanhã quer levar tudo a ferro e fogo. Mais tarde, se fará ultracomplacente. Hoje, a esposa está de bom humor, o caçula completou a dentição, tudo corre bem em casa, ele não quer perder um *sou*. Amanhã, chove, não pode sair, está melancólico, responde afirmativamente a todas as propostas capazes de ultimar um negócio. Depois de amanhã, exige garantias. No fim do mês, o carrasco quererá executar-vos! O credor se assemelha a um pardal livre, em cuja cauda as crianças tentassem colocar uma pedrinha de

sal. O credor, porém, inverte os papéis. Faz como as crianças a perseguir o arisco pardal, que outra coisa não é senão seu próprio crédito, quando não pode recebê-lo. Grandet acostumara-se a observar as variações atmosféricas dos credores. Os de seu irmão obedeceram a todas as suas previsões. Uns se zangaram e se negaram terminantemente ao depósito.

— Bom! Assim vai bem — dizia Grandet, esfregando as mãos, após ler as cartas que Des Grassins lhe escrevia a esse respeito.

Outros somente consentiram no depósito sob as condições de ficarem bem claros seus direitos, de não renunciarem a nenhum deles e de se reservarem a faculdade de requerer a falência. Houve nova correspondência, após a qual Grandet concordou com todas as ressalvas pedidas. Mediante essa concessão, os credores benevolentes chamaram à razão os credores implacáveis. Fez-se o depósito, não sem algumas queixas.

— Esse bom velho — disseram a Des Grassins — está brincando conosco.

Vinte e três meses após a morte de Guilherme Grandet, muitos comerciantes, absorvidos pelos negócios de Paris, haviam esquecido os créditos a receber da casa Grandet ou não pensavam neles senão para dizerem consigo: “Começo a acreditar que os quarenta e sete por cento são tudo quanto hei de receber”.

O tanoeiro havia calculado o poder do tempo, que, dizia, é um bom diabo. No fim do terceiro ano, Des Grassins comunicou a Grandet que havia conseguido que os credores lhe devolvessem as letras mediante dez por cento dos dois milhões e quatrocentos mil francos restantes do débito da casa Grandet. O antigo tanoeiro respondeu que o tabelião e o agente de câmbio, cujas escandalosas

falências haviam causado a morte de seu irmão, estavam vivos, certamente se achavam em boa situação e deviam ser acionados a fim de pagar alguma coisa e diminuir, desse modo, o déficit.

No fim do quarto ano, o déficit foi devidamente reduzido a um milhão e duzentos mil francos. Houve negociações que duraram seis meses, entre os liquidatários e os credores, entre Grandet e os liquidatários. No nono mês desse ano, Grandet de Saumur, insistentemente instado para que tomasse uma resolução, respondeu aos dois liquidatários, dizendo que seu sobrinho, que havia enriquecido nas Índias, lhe manifestara a intenção de pagar integralmente as dívidas do pai. Assim, ele não podia tomar a iniciativa de as saldar fraudulentamente, sem o haver consultado. Esperava, agora, sua resposta.

Os credores, em meados do quinto ano, ainda estavam amarrados pela expressão *integralmente* pronunciada de tempos em tempos pelo sublime tanoeiro, que sorria sozinho e dizia com um fino sorriso e uma praga: “Esses parisienses...!”. Aos credores, porém, foi reservada uma sorte inédita nos fastos do comércio. No momento em que os acontecimentos dessa história os obrigaram a reaparecer, encontravam-se na mesma posição em que Grandet os havia mantido. Quando os fundos públicos atingiram a cotação de cento e quinze, o pai Grandet os vendeu, retirou de Paris cerca de dois milhões e quatrocentos mil francos em ouro que se juntaram, nos seus barris, aos seiscentos mil francos de juros compostos que seus títulos lhe haviam proporcionado.

Des Grassins permanecia em Paris e eis por quê: em primeiro lugar, por ter sido eleito deputado; e em segundo lugar, por se haver enamorado, ele, chefe de família, mas aborrecido da tediosa vida

saumurenses, de Florina,^[191] uma das mais belas atrizes de Paris, operando-se no banqueiro uma recrudescência do quarteleiro de outrora. É inútil falar de sua conduta. Em Saumur, ela foi julgada profundamente imoral. A esposa sentiu-se muito feliz por ser casada com separação de bens e por possuir inteligência suficiente para dirigir a casa de Saumur, cujos negócios continuaram sob seu nome, a fim de reparar as brechas feitas em sua fortuna pelas loucuras do sr. des Grassins. Os cruchotistas agravaram tão habilmente a situação falsa da quase viúva que esta acabou casando muito mal a filha e teve de renunciar à aliança de Eugênia Grandet para seu filho. Adolfo encontrou-se com Des Grassins em Paris e ali se tornou, dizia-se, um devasso. Os Cruchot triunfaram.

— Seu marido não tem bom senso — dizia Grandet ao emprestar uma certa quantia à sra. des Grassins, mediante garantias. — Lamento muito, a senhora é uma mulher direita.

— Ah, senhor! — respondeu a pobre senhora. — Quem poderia acreditar que no dia em que saiu de sua casa para ir a Paris ele corria para sua ruína?

— O céu me serve de testemunha, senhora, de que tudo fiz, até o último momento, para impedi-lo de partir. O senhor presidente queria, a todo o custo, substituí-lo. E agora sabemos por que ele fazia tamanha questão de seguir.

Assim, Grandet se libertava de quaisquer obrigações para com os Des Grassins.

V – DESGOSTOS DE FAMÍLIA

Em qualquer situação, a mulher tem mais motivos de sofrimento que o homem. Sofre mais do que ele. O homem tem sua força e o exercício de seu poder. Age, movimenta-se, trabalha, pensa, preocupa-se com o futuro e nisso encontra consolo. Assim fazia Carlos. A mulher, porém, permanece imóvel. Fica face a face com o desgosto, de que nada a distrai. Desce até o fundo do abismo que se abriu a seus pés, mede-o e muitas vezes o enche com seus desejos e suas lágrimas. Assim fazia Eugênia. Iniciava-se no seu destino. Sentir, amar, sofrer, sacrificar-se, será sempre o programa da vida da mulher. Eugênia devia ser mulher em tudo, exceto no direito à consolação. Sua felicidade, acumulada como os pregos que se fixam na parede, segundo a sublime expressão de Bossuet, não devia um dia encher-lhe nem sequer a palma da mão.[\[192\]](#) As tristezas não se fazem esperar e, para ela, chegaram cedo. No dia seguinte ao da partida de Carlos, a casa Grandet retomou a sua fisionomia para todo mundo, exceto para Eugênia, que a achou subitamente vazia. Sem que o pai o soubesse, quis que o quarto de Carlos permanecesse como ele o havia deixado. A sra. Grandet e Nanon serviram de muito bom grado como cúmplices desse *status quo*.

— Quem sabe se ele não voltará antes do que pensamos? — disse ela.

— Ah, eu queria vê-lo aqui! — respondeu Nanon. — Acostumei-me com ele! Era um perfeito cavalheiro, muito gentil, bonito, com o cabelo frisado como o de uma moça.

Eugênia fitou Nanon.

— Virgem Santíssima, senhorita, seus olhos revelam a perdição de sua alma. Não olhe assim para a gente.

Desse dia em diante, a beleza da srta. Grandet assumiu um caráter novo. Os graves pensamentos de amor que invadiam lentamente sua alma, a dignidade de mulher amada, deram a seus traços essa espécie de brilho que os pintores representam por uma auréola. Antes da chegada do primo, Eugênia podia ser comparada à Virgem antes da concepção. Quando ele partiu, ela parecia a Virgem-mãe: havia concebido o amor. Essas duas Marias, tão diferentes e tão bem representadas por alguns pintores espanhóis, constituem uma das mais brilhantes figuras que abundam no cristianismo.

Ao voltar da missa, no dia seguinte ao da partida de Carlos e tendo feito o juramento de ir à igreja todos os dias, comprou, na livraria da cidade, um mapa geográfico que pendurou perto do espelho a fim de seguir o primo na sua rota a caminho das Índias. Com isso, podia se meter um pouco, pela manhã e à tarde, no navio que o levava, a fim de vê-lo, fazer-lhe mil perguntas, dizer-lhe:

— Estás bem? Não sofres? Pensas em mim fitando essa estrela da qual me fizeste conhecer a beleza e o significado?

Depois, durante a manhã, ficava a pensar sob a noqueira, sentada no carcomido banco de madeira coberto de musgo onde se haviam dito tantas belas coisas, ninharias, e onde haviam construído os castelos de areia de sua perfeita vida em comum. Ela pensava no futuro contemplando o céu pelo pequeno espaço que havia entre os muros. Depois, fitava o pano de velha muralha e o teto sob o qual ficava o quarto de Carlos. Foi esse, enfim, o amor solitário, o amor verdadeiro que persiste, que se insinua por todos os pensamentos e se torna a substância da vida ou, como teriam dito nossos pais, o seu estofado. Quando os que se diziam amigos do pai Grandet vinham jogar cartas à tarde, ela se mostrava alegre, dissimulava. Mas, durante toda

a manhã, falava de Carlos com a mãe e Nanon. A empregada compreendera que podia partilhar dos sofrimentos da jovem patroa sem faltar a seus deveres para com o velho patrão. Dizia a Eugênia:

— Se eu tivesse um homem que fosse meu, eu o teria... seguido até o inferno. Eu teria... que... Enfim, eu teria querido morrer por ele. Morrerei sem saber o que é a vida. A senhorita acredita que esse velho Cornoiller, que é um homem bom apesar de tudo, anda rodeando a minha saia por causa do meu dinheiro, como esses que vêm aqui farejar a fortuna do patrão fazendo-lhe a corte? Vejo isso porque sou fina, apesar de grossa como uma torre. Pois bem, senhorita, isso me agrada, embora não seja amor.

Dois meses assim decorreram. A vida doméstica, outrora tão monótona, se havia reanimado pelo imenso interesse do segredo que unia mais intimamente as três mulheres. Para elas, sob o teto enegrecido da sala, Carlos vivia, respirava, movia-se ainda. Todas as tardes e todas as manhãs Eugênia abria o estojo e contemplava o retrato da tia. Num domingo pela manhã, foi surpreendida pela mãe no momento que se ocupava em procurar os traços de Carlos nos do retrato. A sra. Grandet foi, então, iniciada no terrível segredo da troca feita com o viajante pelo tesouro de Eugênia.

— Deste-lhe tudo, então! — disse a mãe, aterrorizada. — Que dirás a teu pai, no dia primeiro do ano, quando ele quiser ver o teu ouro?

O olhar de Eugênia se tornou fixo e as duas mulheres permaneceram numa aflição mortal durante a metade da manhã. Ficaram tão perturbadas que perderam a missa cantada e não puderam ir senão à missa militar. Faltavam apenas três dias para terminar o ano de 1819. Daí a três dias devia ter início uma terrível ação, uma tragédia burguesa sem veneno, nem punhal nem

derramamento de sangue mas, relativamente aos atores, mais cruel que todos os dramas ocorridos na ilustre família dos Átridas.[\[193\]](#)

— Que vai ser de nós? — perguntou a sra. Grandet à filha, descansando o tricô nos joelhos.

A pobre mãe vinha sofrendo tanto nos últimos dois meses que os agasalhos de lã de que necessitava para o inverno ainda não estavam prontos. Esse incidente doméstico, mínimo na aparência, teve tristes resultados para ela. Mal abrigada, apanhou um golpe de frio no meio de uma crise de suor causada por uma espantosa cólera do marido.

— Estava pensando, minha pobre filha, que, se me tivesses confiado teu segredo, teríamos tempo de escrever ao sr. des Grassins, em Paris. Ele nos poderia ter enviado moedas de ouro semelhantes às tuas. E, embora Grandet as conheça muito bem, talvez...

— Mas onde encontraríamos tanto dinheiro?

— Eu teria empenhado meus bens. Além disso, o sr. des Grassins nos...

— Não há mais tempo — respondeu Eugênia, com uma voz surda e alterada, interrompendo a mãe. — Amanhã cedo teremos de ir em seu quarto desejar-lhe um feliz ano-novo.

— Mas, filha, por que não hei de ir procurar os Cruchot?

— Não, não, isso seria entregar-me a eles e nos deixar sob sua dependência. Além disso, estou disposta a tudo. Agi direito, não me arrependo de nada. Deus me protegerá. Que se faça sua santa vontade. Ah, se a senhora tivesse lido sua carta, a senhora não poderia pensar senão nele, mamãe.

Na manhã seguinte, 1º de janeiro de 1820, o iniludível terror de que mãe e filha estavam tomadas lhes sugeriu a mais natural das desculpas para não ir solenemente ao quarto de Grandet. O inverno

de 1819 a 1820 foi um dos mais rigorosos da época. A neve cobria os telhados.

A sra. Grandet disse ao marido, logo que o ouviu a resmungar no quarto:

— Grandet, manda Nanon fazer um pouco de fogo no meu quarto. O frio é tão intenso que estou gelada sob as cobertas. Cheguei a uma idade em que preciso de cuidados. Assim — acrescentou depois de uma breve pausa — Eugênia virá vestir-se aqui. A pobre moça poderia adoecer vestindo-se em seu quarto com um tempo destes. Depois iremos desejar-te um feliz ano-novo, junto do fogo, na sala.

— Tá-tá-tá-tá, que língua! Começas bem o ano, sra. Grandet! Nunca falaste tanto! Penso, entretanto, que não comeste pão molhado no vinho.[\[194\]](#)

Houve um momento de silêncio.

— Muito bem — acrescentou o velho, cedendo à sugestão da mulher —, farei o que queres, sra. Grandet. És, na verdade, uma boa mulher e não quero que te aconteça alguma desgraça na tua idade, muito embora os Bertellière sejam, em geral, construídos de cimento. Hein? Não é? — exclamou após uma pausa. — Enfim, eu lhes perdoo, herdamos deles.

E tossiu.

— Estás alegre, hoje — disse gravemente a pobre mulher.

— Sempre estou alegre...

Alegre tanoeiro,
Remenda tua pipa!

— acrescentou, entrando no quarto da mulher, completamente vestido. — Sim, palavra de honra, faz frio de verdade. Temos um bom

almoço, mulher. Des Grassins mandou um patê de fígado com trufas! Vou buscá-la na diligência. Deve ter vindo também um duplo napoleão para Eugênia — disse-lhe o tanoeiro ao ouvido. — Não tenho mais ouro, minha velha. Tinha ainda algumas moedas velhas, só o digo para ti. Mas tive de gastá-las em negócios.

E, para celebrar o novo ano, beijou-a na testa.

— Eugênia — exclamou a mãe —, não sei de que lado teu pai dormiu, mas ele está bom esta manhã. Bah! Nós nos livraremos desta.

— Que tem o patrão? — indagou Nanon, entrando no quarto da senhora para acender o fogo. — Primeiro, ele me disse: “Bom dia, feliz ano-novo, grande animal! Vai acender o fogo no quarto da minha mulher, ela está com frio”. Devo ter feito uma cara de idiota quando o vi estender a mão para me dar um escudo de seis francos que não está muito gasto! Repare, patroa. Oh, o pobre! É um bom homem, apesar de tudo. Geralmente, quando ficam velhos, se tornam mais rijos. Ele, porém, se adoça como o licor e fica cada vez melhor. É um homem bem bom...

O segredo daquela alegria residia num pleno êxito da especulação de Grandet. Des Grassins, após haver deduzido as importâncias que o tanoeiro lhe devia pela compra de cento e cinquenta mil francos de títulos holandeses e pelo suplemento que lhe havia adiantado a fim de completar o dinheiro necessário à compra dos cem mil francos de títulos públicos, enviava-lhe, pela diligência, trinta mil francos em escudos, que sobravam dos juros do semestre, e lhe anunciara a alta dos fundos públicos. Estavam agora a oitenta e nove. Os mais conhecidos capitalistas os compravam, para o fim de janeiro, a noventa e três. Grandet ganhava, havia dois meses, doze por cento

sobre seus capitais. Tinha apurado as contas e ia receber cinquenta mil francos todos os semestres sem ter de pagar impostos nem reparações. Via-se metido, finalmente, no negócio de rendimentos, aplicação de capital que a gente da província via com repugnância invencível. Via-se dono de um capital de seis milhões em cinco anos, aumentando sem quaisquer cuidados e que, com o valor territorial de suas propriedades, compunham uma fortuna colossal. Os seis francos dados a Nanon eram, talvez, o pagamento de um imenso serviço que a empregada lhe tinha prestado sem o saber.

— Oh! Oh! Aonde irá o pai Grandet, correndo desde cedo como quem vai apagar um incêndio? — diziam-se os comerciantes, enquanto abriam as lojas.

Depois, quando o viram voltar do cais seguido de um empregado da companhia de transportes trazendo sacos cheios num carrinho de mão:

— As águas correm para o mar. Os escudos correm para a bolsa do velho — dizia um.

— Chegam-lhe de Paris, de Froidfond, da Holanda — dizia outro.

— Acabará comprando Saumur — exclamava um terceiro.

— Não se importa com o frio, está sempre trabalhando — dizia uma mulher ao marido.

— Eh! Eh! Sr. Grandet, se isso o incomoda — dizia um negociante de fazendas, seu vizinho mais próximo —, deixe comigo.

— Não vale a pena! São apenas uns *sous* — respondeu o vinhateiro.

— De prata — murmurou o carregador, em voz baixa.

— Se queres que eu te pague, põe um freio na língua — disse o velho ao agente, abrindo a porta.

“Ah, a velha raposa! Pensei que fosse surdo”, pensou o empregado. “Parece que ouve quando faz frio.”

— Toma vinte *sous* de festas e boca fechada! Safa-te! — disse-lhe Grandet — Nanon te devolverá o carrinho. Nanon, os pintarroxos estão na missa?

— Sim, senhor.

— Vamos, mexe-te! Vamos trabalhar! — exclamou, pondo-lhe os sacos às costas.

Num instante, os escudos foram transportados para o quarto, onde ele se encerrou.

— Quando o almoço estiver pronto, bate na parede. Leva o carrinho para a companhia.

A família não almoçou senão às dez horas.

— Aqui teu pai não pedirá para ver teu ouro — disse a sra. Grandet à filha, ao voltarem da missa. — Além disso, fingirás que estás com frio. Depois, teremos tempo de encher tua bolsa para o dia do teu aniversário...

Grandet desceu a escada pensando em metamorfosear rapidamente seus escudos parisienses em bom ouro e em suas admiráveis especulações com os títulos do Estado. Estava resolvido a colocar, assim, seus rendimentos, até que os títulos atingissem a taxa de cem francos. Meditação funesta para Eugênia. Logo que entrou, as duas mulheres desejaram-lhe um feliz ano-novo, a filha saltando-lhe ao pescoço e acariciando-o e a sra. Grandet gravemente e com dignidade.

— Ah, minha filha — disse ele, beijando-a nas faces —, trabalho para ti, repara...! Quero tua felicidade. É preciso dinheiro para ser feliz. Sem dinheiro, necas! Olha, toma um napoleão novinho, mandei

buscá-lo em Paris. Palavra de honra, não há um grão de ouro cá em casa. Tu és a única que possui ouro. Mostra-me teu ouro, filhinha.

— Ora! Está muito frio. Vamos almoçar — respondeu Eugênia.

— E então, depois, não é? Isso nos ajudará a digestão. O estúpido do Des Grassins nos mandou isto, apesar de tudo — acrescentou. — Comam, crianças, isto não nos custa nada. Estou contente com Des Grassins, vai indo bem. Presta serviços a Carlos, gratuitamente. Está arrumando muito bem os negócios do pobre finado Grandet. Ohhh — fez ele, com a boca cheia, após uma pausa —, como está bom! Come, minha velha! Isso alimenta por dois dias, pelo menos.

— Não estou com fome. Sou adoentada, bem sabes.

— Qual nada! Podes empanturrar-te sem medo de estourar a carcaça. És uma Bertellière, uma mulher sólida. És, na verdade, um pouco amarelada, mas eu gosto do amarelo.

A espera de uma morte ignominiosa e pública é, talvez, menos horrível para um condenado do que estava sendo, para a sra. Grandet e a filha, a expectativa dos acontecimentos que deviam encerrar aquele almoço em família. Quanto mais alegremente falava e comia o velho vinhateiro, mais se confrangia o coração das duas mulheres. A filha, pelo menos, tinha um apoio nessa conjuntura: encontrava força no seu amor.

“Por ele, por ele”, pensava ela, “eu suportaria mil mortes.” Enquanto pensava assim, dirigia à mãe olhares flamejantes de coragem.

— Leva isto — disse Grandet a Nanon quando, pelas onze horas, o almoço terminou. — Mas deixa a toalha. Ficaremos aqui mais à vontade para ver teu pequeno tesouro — disse olhando para Eugênia. — Pequeno? Qual! Não. Possuis, em valor intrínseco, cinco mil

novecentos e cinquenta e nove francos. Com os quarenta desta manhã, completas seis mil francos menos um. Pois bem, eu te darei o franco que falta para completar a soma, porque, vês, filhinha... E então, que fazes aí, escutando? Dá o fora, Nanon! Vai cuidar do seu serviço — disse o velho.

Nanon desapareceu.

— Escuta, Eugênia, preciso que me dêes teu ouro. Não o recusarás a teu paizinho, hein, filhinha?

As duas mulheres conservaram-se caladas.

— Não tenho mais ouro. Já o tive, agora não tenho mais. Dar-te-ei seis mil francos em libras e tu os colocarás como te ensinarei. Não precisas mais pensar na *dúzia*. Quando eu te casar, o que será breve, encontrarei um noivo que te poderá oferecer a mais bela *dúzia* de que jamais se tenha falado na província. Escuta, filhinha. Há uma bela oportunidade: podes colocar teus seis mil francos em títulos do governo, e receberás cada semestre quase duzentos francos de juros, sem impostos, nem reparações, sem trabalhos nem preocupações, nem qualquer desses contratemplos que atrapalham os negócios. Repugna-te, talvez, te separares de teu ouro, hein, filhinha? Entregamo assim mesmo. Juntarei para ti moedas de ouro, holandesas, portuguesas, rúpias de Mogol, genovesas. E, com as que te darei por ocasião das tuas festas, terás, em três anos, restaurado a metade do teu belo pequeno tesouro. Que dizes a isso, filhinha? Levanta o nariz. Vamos, vai buscá-lo, queridinha. Devias beijar-me nos olhos por eu te contar os segredos e os mistérios da vida e morte dos escudos. Pois, na verdade, os escudos vivem e se movem como os homens: vão, vêm, suam, reproduzem-se.

Eugênia levantou-se. Mas, após haver dado alguns passos na direção da porta, voltou-se bruscamente, encarou o pai e lhe disse:

— Não tenho mais o *meu* ouro.

— Não tens mais o teu ouro! — exclamou Grandet, empinando-se como um cavalo que ouve disparar o canhão a dez passos de distância.

— Não, já não o tenho.

— Enganas-te, Eugênia.

— Não.

— Pelo podão de meu pai!

Quando o tanoeiro praguejava dessa maneira, o assoalho estremecia.

— Santo Deus, como a senhora está pálida! — exclamou Nanon.

— Grandet, tua cólera me matará — disse a pobre mulher.

— Tá-tá-tá-tá! Vocês nunca morrem, nessa família! Eugênia, que fizeste de tuas moedas? — gritou, precipitando-se sobre ela.

— Senhor — disse a filha agarrada à sra. Grandet —, mamãe sofre muito... Veja... Não a mate!

Grandet assustou-se com a palidez espalhada no rosto da mulher, havia pouco tão amarela.

— Nanon, vem ajudar-me a deitar — disse a mãe com uma voz débil. — Sinto que morro...

Em seguida, Nanon deu o braço à patroa, o mesmo fazendo Eugênia, e foi com grande dificuldade que conseguiram levá-la para o quarto, porque ela caía desfalecida de degrau em degrau. Grandet ficou só. Logo depois, porém, subiu sete ou oito degraus e gritou:

— Eugênia, quando tua mãe estiver deitada, desce.

— Sim, meu pai.

Ela não tardou a vir, após ter acomodado a mãe.

— Filha — disse Grandet —, vai dizer-me agora onde está o teu tesouro.

— Papai, se o senhor me dá presentes de que não sou inteiramente dona, tome-os — respondeu friamente Eugênia, procurando o napoleão em cima da lareira e o entregando ao pai.

Grandet tomou-lhe bruscamente o napoleão e o meteu no bolso.

— Estou certo de que não te darei mais nada! Nem mesmo isto! — disse, fazendo estalar a unha do polegar no dente. — Desprezas teu pai? Não tens confiança nele? Não sabes, então, o que é um pai? Se ele não é tudo para ti, então não é nada. Onde está o ouro?

— Papai, gosto do senhor e o respeito, apesar de sua cólera. Mas, lembro-lhe, com toda a humildade, que tenho vinte e dois anos. O senhor já me disse muitas vezes que sou maior, para que eu não possa deixar de saber. Fiz do meu dinheiro o que quis e fique certa de que está bem empregado...

— Onde?

— É um segredo inviolável — disse ela. — Não tem o senhor os seus segredos?

— Não sou eu o chefe de minha família? Não posso ter meus negócios?

— Isso também é meu negócio.

— Deve ser um mau negócio, uma vez que não podes contá-lo a teu pai, srta. Grandet.

— É excelente e não posso contá-lo a meu pai.

— Pelo menos, quando deste o teu ouro?

Eugênia sacudiu negativamente a cabeça.

— Ainda o tinhas no dia do teu aniversário, hein?

Eugênia, tornada tão astuciosa por amor como o era o pai por avareza, reiterou o mesmo sinal de cabeça.

— Mas onde já se viu tamanha teimosia e tamanho roubo! — disse Grandet com um tom de voz que foi crescendo e aos poucos retumbando pela casa. — Como! Aqui, na minha própria casa, alguém terá tirado o teu ouro, o único ouro que havia! E não poderei saber quem foi? O ouro é uma coisa cara. As moças mais honestas podem cometer faltas, dar não sei o quê. Isso se vê nas casas das pessoas ilustres e mesmo entre os burgueses. Mas dar ouro, porque certamente o deste a alguém, hein?

Eugênia permaneceu impassível.

— Onde se viu uma filha assim! Serei eu mesmo o teu pai? Se o empregaste, deves ter um recibo...

— Eu era livre ou não de fazer o que bem entendesse? Era meu?

— Mas és uma criança!

— Sou maior.

Aturdido pela lógica da filha, Grandet empalideceu, sapateou, praguejou. Depois, encontrando finalmente as palavras, exclamou:

— Maldita serpente de filha! Ah, raça danada! Sabes o quanto te amo e abusas. Assassinas o teu próprio pai! Será possível que tenhas lançado nossa fortuna aos pés desse pé-rapado que usa botas de marroquim? Pelo podão de meu pai! Não posso te deserdar, com mil raios! Mas amaldiçoo-te, a ti, a teu primo e a teus filhos! Nada te virá de bom de tudo isso, ouves? Se foi a Carlos que... Mas, não, não é possível. Como? Esse maldito peralta me teria saqueado...?

Olhou para a filha, que permanecia muda e fria.

— E não se move! Não se altera! É mais Grandet do que eu mesmo. Não deste o teu ouro por nada, pelo menos. Vamos, dize!

Eugênia fitou o pai, lançando-lhe um olhar irônico que o ofendeu.

— Eugênia, estás em minha casa, na casa de teu pai. Deves, para poder ficar aqui, obedecer as minhas ordens. Os padres ordenam-te que me obedecas.

Eugênia baixou a cabeça.

— Ofendes-me no que tenho de mais caro — continuou ele. — Não quero te ver senão submissa. Vai para o teu quarto. Ficarás lá até que eu te permita que saias. Nanon te levará pão e água. Ouviste? Anda!

Eugênia desfez-se em lágrimas e correu para junto da mãe. Após ter dado algumas voltas pelo jardim, sobre a neve, sem se aperceber do frio, Grandet imaginou que a filha devia estar no quarto da mãe. E, radiante por apanhá-la em contravenção às suas ordens, subiu a escada com a agilidade de um gato e surgiu no quarto da sra. Grandet no momento em que esta acariciava os cabelos de Eugênia, cujo rosto estava mergulhado no seio materno.

— Consola-te, pobre filhinha, teu pai se acalmará.

— Ela não tem mais pai! — disse o tanoeiro. — Fomos mesmo nós dois, sra. Grandet, que geramos uma filha desobediente como esta? Bela educação! E religiosa, sobretudo! E então, não estás em teu quarto? Vamos, para a prisão, para a prisão, senhorita.

— Queres privar-me de minha filha? — disse a sra. Grandet, mostrando o rosto avermelhado pela febre.

— Se queres guardá-la para ti, leva-a. Saiam de casa... Raios, onde está o ouro? Que foi feito do ouro?

Eugênia levantou-se, lançou um olhar de orgulho ao pai e entrou em seu quarto, que o velho fechou a chave.

— Nanon — gritou ele —, apaga o fogo da sala.

E foi sentar-se numa poltrona, a um canto da lareira da mulher, dizendo-lhe:

— Certamente ela o deu a Carlos, esse miserável sedutor que queria apenas o nosso dinheiro.

A sra. Grandet encontrou, no perigo que ameaçava a filha e no seu sentimento materno, força suficiente para permanecer fria, muda e surda.

— Eu não sabia nada disso — respondeu ela, voltando-se para a parede para não ter de suportar os olhares cintilantes do marido. — Sofro tanto com tua violência que, se meus pressentimentos não me enganam, não sairei daqui senão com os pés para a frente. Devias poupar-me isso agora, a mim que penso nunca te haver causado um desgosto. Tua filha te ama e eu a creio tão inocente como um recém-nascido. Assim, não a faças sofrer, suspende o castigo. Faz muito frio, podes causar-lhe alguma doença grave.

— Não a verei nem lhe falarei. Ela ficará no quarto a pão e água até que tenha satisfeito o seu pai. Que diabo! Um chefe de família deve saber onde vai parar o ouro de sua casa. Ela possuía, talvez, as únicas rúpias que existem na França. E ainda genovesas, ducados da Holanda...

— Eugênia é nossa única filha e mesmo que ela as tivesse lançado à água...

— À água — exclamou o velho —, à água! Estás louca, sra. Grandet! O que eu disse está dito, bem sabes. Se quiseres restabelecer a paz em casa, põe tua filha em confissão, arranca-lhe o segredo. As mulheres se entendem melhor entre elas do que conosco. Seja o que for que ela tenha feito, não a comerei. Terá medo de mim?

Mesmo que tenha dourado o primo da cabeça aos pés, ele agora está no meio do mar, não poderemos sair a correr atrás dele...

— Ora, Grandet...

Excitada pela crise nervosa em que se encontrava, ou pela desgraça da filha que ampliava a sua inteligência e a sua ternura, a perspicácia da sra. Grandet lhe fez perceber um movimento terrível no lobinho do nariz do marido, enquanto procurava responder. Então, mudou de ideia sem mudar de tom:

— Ora, Grandet, não tenho mais autoridade sobre ela do que tu. Ela não me disse nada. Parece-se contigo.

— Sim, senhora! Como estás com a língua solta esta manhã! Tá-tá-tá-tá! Estás brincando comigo. Certamente que te entendes com ela.

Olhou para a mulher fixamente.

— Garanto-te, sr. Grandet, que, se quiseres me matar, basta continuar assim. Digo-te, e mesmo que me custasse a vida eu o repetiria ainda: agiste mal com tua filha. Ela é mais razoável do que tu. O dinheiro lhe pertencia. Ela não pode ter feito senão um bom uso dele, e só Deus tem o direito de conhecer nossas boas ações. Suplico-te, perdoa Eugênia...! Atenuarás, assim, o efeito do golpe que tua cólera me causou e talvez me salves a vida. Minha filha, devolve-me minha filha!

— Vou embora daqui. Minha casa está insuportável. Mãe e filha raciocinam e falam como se... Brruuu... pf! Triste presente de ano-novo o que me dás, Eugênia! — exclamou. — Sim, sim, chora! Terás remorsos do que fazes, ouve? De que te serve engolir o bom Deus seis vezes por trimestre se dás às escondidas o ouro de teu pai a um vagabundo que devorará teu coração quando já não tiveres mais o

que lhe emprestar? Verás o que vale teu Carlos, com suas botas de marroquim e sua cara de santinho. Ele não tem coração nem alma, pois ousa levar o tesouro de uma pobre moça sem o consentimento dos pais.

Quando a porta da rua se fechou, Eugênia saiu de seu quarto e foi para junto da mãe.

— Teve muita coragem por sua filha, mamãe — disse ela.

— Repara, filhinha, aonde nos levam as coisas ilícitas...! Obrigaste-me a mentir.

— Oh! Pedirei a Deus que só castigue a mim.

— Será verdade — perguntou Nanon assombrada, entrando no quarto — que a menina vai ficar a pão e água para o resto da vida?

— Que importa, Nanon? — disse Eugênia, tranquilamente.

— Ah! Não posso comer bons quitutes enquanto a filha da casa come pão seco... Não, não.

— Boca calada, Nanon — disse Eugênia.

— Não abrirei a boca, mas a menina vai ver!

Grandet jantou sozinho pela primeira vez em vinte e quatro anos.

— Então, está viúvo, patrão? — disse Nanon. — É muito desagradável estar viúvo com duas mulheres em casa.

— Não estou falando contigo. Cala a boca ou te mando embora. Que é que tens na panela que estou ouvindo ferver no fogão?

— Estou derretendo graxa...

— Hoje teremos visitas, acende o fogo.

Os Cruchot, a sra. des Grassins e seu filho chegaram às oito horas e admiraram-se de não verem a sra. Grandet nem a filha.

Ao fim de uma hora de conversa sem importância, a sra. des Grassins, que havia subido para visitar a sra. Grandet, desceu, e

todos lhe perguntaram:

— Como está a sra. Grandet?

— Não vai nada bem — respondeu ela. — Seu estado de saúde me parece verdadeiramente inquietante. Na sua idade, é preciso ter muito cuidado, pai Grandet.

— Veremos isso — respondeu o vinhateiro com um ar distraído.

Os visitantes despediram-se. Quando os Cruchot já se encontravam na rua, a sra. des Grassins lhes disse:

— Há alguma novidade na casa dos Grandet. A mulher está muito mal e não dá por isso. A filha tem os olhos avermelhados como quem chorou muito. Será que pretendem casá-la contra sua vontade?

Quando o vinhateiro se deitou, Nanon, em chinelas, entrou silenciosamente no quarto de Eugênia e mostrou-lhe o patê feito na caçarola.

— Pegue, menina — disse a boa mulher. — Cornoiller me deu uma lebre. A menina come tão pouco que este patê durará bem uns oito dias. E com o frio que faz, não se estragará. Ao menos, não ficará a pão seco. Isso não faz bem.

— Pobre Nanon — disse Eugênia, apertando-lhe a mão.

— Acho que está bem-feito e gostoso e *ele* não ficou sabendo. Comprei o toicinho e o louro com os meus seis francos. Sou dona do meu dinheiro.

Depois, a empregada saiu, acreditando ter ouvido Grandet.

Durante alguns meses, o vinhateiro foi ver constantemente a mulher em horas diferentes do dia, sem pronunciar o nome da filha, sem a ver nem fazer a menor alusão a ela. A sra. Grandet não saiu do quarto e sua saúde piorava dia a dia. Nada pôde abrandar o antigo tanoeiro. Mantinha-se inquebrantável, rude e impassível como uma

rocha de granito. Continuava a movimentar-se como de costume. Mas não gaguejava mais, falava menos e nos negócios se mostrava ainda mais duro do que antes. Chegou até a cometer alguns erros nas contas.

— Houve qualquer coisa na casa dos Grandet — diziam os cruchotistas e os grassinistas.

— Que teria havido na casa Grandet? — perguntava-se por toda parte em Saumur.

Eugênia ia à igreja acompanhada de Nanon. Ao sair, se a sra. des Grassins lhe dirigia algumas palavras, respondia de maneira evasiva e sem satisfazer a sua curiosidade. Apesar disso, ao fim de dois meses não foi mais possível ocultar, tanto aos Cruchot como à sra. des Grassins, o segredo da reclusão de Eugênia. Houve um momento em que não encontravam mais pretextos para desculpar sua perpétua ausência. Depois, sem que se pudesse dizer quem o havia divulgado, toda a cidade ficou sabendo que desde o dia primeiro do ano a srta. Grandet estava encerrada no quarto, por ordem do pai, a pão e água e sem fogo; que Nanon lhe preparava alguma comida e lha levava durante a noite. Soube-se, ainda, que a moça não podia ver a mãe nem cuidar dela senão durante a ausência do pai. O procedimento de Grandet foi, então, julgado com muita severidade. A cidade inteira o colocou, por assim dizer, fora da lei e recordou suas traições, sua crueldade, e o excomungou. Quando passava, era apontado a dedo, entre cochichos. Quando a filha descia a rua tortuosa para ir à missa ou à bênção, acompanhada de Nanon, os habitantes chegavam à janela para examinar com curiosidade o aspecto da rica herdeira e ver-lhe o rosto, que mostrava uma melancolia e uma doçura angélicas. A reclusão e a cólera do pai não eram nada para ela. Acaso

não via o mapa, o pequeno banco, o jardim, o lanço de muro, e não saboreava nos lábios o mel deixado pelos beijos de amor? Durante algum tempo ignorou os comentários de que era alvo, assim como o pai os ignorava. Religiosa e pura diante de Deus, a sua consciência e o seu amor a ajudavam a suportar pacientemente a fúria e a vingança paternas. Mas uma dor profunda se sobrepunha a todas as outras dores. Sua mãe, doce e meiga criatura, que se aformoseava com o clarão que sua alma projetava ao aproximar-se do túmulo, sua mãe extinguia-se dia a dia. Frequentemente Eugênia se censurava por ter sido a causa involuntária da cruel e lenta enfermidade que a devorava. Esses remorsos, embora acalmados pela mãe, criavam liames ainda mais fortes entre ela e o seu amor. Todas as manhãs, logo que o pai saía, vinha para a cabeceira da cama da mãe e ali Nanon lhe servia o almoço. A pobre Eugênia, triste e aflita com os sofrimentos da mãe, chamando a atenção de Nanon, com um gesto mudo, para a fisionomia da enferma, chorava e não ousava falar no primo. A sra. Grandet via-se obrigada a dizer-lhe:

— Onde está *ele*? Por que não escreve?

Mãe e filha ignoravam completamente as distâncias.

— Pensemos nele, mamãe — respondia Eugênia — e não falemos nisso. A senhora está doente, a senhora antes de tudo.

Tudo era ele.

— Meus filhos — dizia a sra. Grandet —, não me queixo da vida. Deus me ajudou, fazendo-me encarar com alegria o fim de minhas misérias.

As palavras daquela mulher eram sempre santas e cristãs. Quando, nos primeiros meses do ano, o marido ia para o seu quarto, à hora do almoço, ela lhe dizia sempre as mesmas coisas, repetidas

com uma doçura angelical, mas com a firmeza de uma mulher a quem a proximidade da morte emprestava a coragem que lhe havia faltado durante a vida.

— Agradeço o interesse que mostras por minha saúde — respondia ela quando o marido lhe fazia qualquer pergunta banal. — Mas, se queres amenizar a amargura de meus últimos momentos e atenuar minhas dores, perdoa nossa filha. Mostra-te cristão, esposo e pai.

Ouvindo essas palavras, Grandet sentava-se perto da cama e agia como um homem que, vendo aproximar-se um aguaceiro, se mete tranquilamente no vão de uma porta. Escutava silenciosamente a mulher e nada respondia. Quando as mais comoventes, mais ternas, mais religiosas súplicas lhe haviam sido dirigidas, dizia:

— Estás um pouco pálida, hoje, minha velha.

O mais completo esquecimento da filha parecia estar gravado na sua fronte de pedra, em seus lábios cerrados. Nem mesmo se comovia com as lágrimas que suas vagas respostas, cujos termos pouco variavam, faziam correr ao longo do rosto lívido da mulher.

— Que Deus te perdoe — dizia ela — como eu mesma te perdoe. Um dia hás de precisar de indulgência.

Desde que a mulher adoecera, ele não ousara servir-se de seu terrível *tá-tá-tá-tá*. Não se abrandara, entretanto, seu despotismo contra esse anjo de doçura, cuja fealdade ia aos poucos desaparecendo, substituída pela expressão de suas qualidades morais, que vinham florescer em suas faces. Ela era só alma. O espírito da oração parecia purificar e suavizar os traços mais grosseiros de seu rosto e o fazia resplandecer. Quem ainda não observou o fenômeno dessa transfiguração sobre rostos santos, onde

os hábitos da alma acabam por triunfar sobre os traços mais rudes, imprimindo-lhes a animação particular devida à nobreza e à pureza dos pensamentos elevados? O espetáculo dessa transformação realizada pelos sofrimentos que consumiam os farrapos do ser humano naquela mulher agiam, embora debilmente, sobre o antigo tanoeiro, cujo caráter permaneceu de bronze. Ainda que a sua palavra não se houvesse tornado mais sarcástica, um imperturbável silêncio, que salvaguardava a superioridade de chefe de família, passou a dominar sua conduta. Quando a fiel Nanon ia ao mercado, ouvia queixas e comentários sobre o patrão. Mas, embora a opinião pública condenasse abertamente o pai Grandet, ela o defendia, para defender a honra da casa.

— Que querem? — dizia ela aos detratores do velho. — Acaso não nos tornamos mais rijos ao envelhecer? Por que não querem que o homem se resseque um pouco? Acabem com essas mentiras. A senhorita leva uma existência de rainha. É verdade que vive isolada. Que tem isso? É por gosto. Além disso, os patrões têm razões sérias.

Uma tarde, finalmente, no fim da primavera, a sra. Grandet, devorada mais pela tristeza do que pela doença, não tendo conseguido, apesar das orações, reconciliar Eugênia e o pai, confiou seu secreto pesar aos Cruchot.

— Deixar uma moça de vinte e três anos a pão e água...! — exclamou o presidente de Bonfons — E sem motivo! Mas isso constitui *sevícias torcionárias*; ela pode protestar contra, e tanto mais porquanto...

— Vamos, meu sobrinho — disse o tabelião —, acaba com essa arenga de tribunal. Fique tranquila, senhora, acabarei com esse cativo amanhã mesmo.

Ouvindo falar em si, Eugênia saiu de seu quarto.

— Senhores — disse ela, entrando com um movimento cheio de altivez —, peço-lhes que não se ocupem deste assunto. Papai é que manda em casa. Enquanto morar com ele, devo-lhe obediência. Sua conduta não deve ficar à mercê da aprovação ou da reprovação do mundo. Só Deus pode julgá-la. Reclamo de sua amizade o mais profundo silêncio a este respeito. Censurar papai seria atacar nossa própria dignidade. Agradeço-lhes pelo interesse que mostram por mim. Mas eu ainda ficaria mais grata se fizessem cessar os rumores ofensivos que correm pela cidade e dos quais fui informada por acaso.

— Tem razão — disse a sra. Grandet.

— Senhorita, a melhor maneira de impedir que o mundo fale é restituir-lhe a liberdade — respondeu respeitosamente o velho tabelião, encantado com a beleza que o retiro, a melancolia e o amor haviam conferido a Eugênia.

— Sim, minha filha, deixa o sr. Cruchot tratar disso. Ele garante o êxito. Conhece bem teu pai e sabe como tratar com ele. Se queres ver-me feliz no pouco tempo que me resta de vida, é preciso que tu e teu pai vos reconcilieis a todo custo.

Na manhã seguinte, segundo um hábito adquirido por Grandet desde a reclusão de Eugênia, o velho foi dar algumas voltas pelo pequeno jardim. Escolhia para esse passeio o momento em que Eugênia se penteava. Quando o velho chegava ao pé da noqueira, escondia-se no tronco da árvore, ficava alguns instantes a contemplar os longos cabelos da filha e oscilava, sem dúvida, entre os pensamentos que lhe sugeria a tenacidade de seu caráter e o desejo de abraçá-la.

Muitas vezes, sentava-se no pequeno banco de madeira carcomida onde Carlos e Eugênia se haviam jurado um amor eterno. Eugênia então contemplava o pai, furtivamente ou por meio do espelho. Quando ele se levantava e saía a passear, ela se sentava à frente da janela e ficava a examinar o lanço de muro onde vicejavam, por entre as fendas, avencas, campânulas e uma planta carnosa, amarela ou branca, um *sedum*, muito abundante nas vinhas de Saumur e de Tours. O tabelião Cruchot chegou cedo e encontrou o velho vinhateiro sentado, num belo dia de junho, sobre o pequeno banco, com o dorso apoiado ao muro, ocupado em olhar para a filha.

— Que há de novo, Cruchot? — perguntou ao ver o tabelião.

— Venho tratar de negócios.

— Ah! Terá um pouco de ouro para trocar pelos meus escudos?

— Não. Não se trata de dinheiro, mas de sua filha Eugênia. Todo mundo fala dela e de você.

— Que é que têm a ver com isso? Cada um manda na sua casa.

— Certamente. Pode até se matar, se quiser, ou, pior ainda, atirar seu dinheiro pela janela.

— Como assim?

— Não sabe? Sua mulher está muito doente, meu caro. Você devia até consultar o dr. Bergerin. Ela está em perigo de morte. E se ela vier a morrer sem ter sido tratada como deve, estou certo de que você não ficará tranquilo.

— Tá-tá-tá-tá! Você conhece minha mulher. Esses médicos, uma vez que metem o pé em nossa casa, querem voltar cinco ou seis vezes por dia.

— Enfim, Grandet, você fará o que quiser. Somos velhos amigos. Não existe, em Saumur, um homem que se interesse mais do que eu

pelo que lhe diz respeito. Por isso, julguei-me obrigado a falar-lhe assim. Mas, haja o que houver, você é maior de idade, sabe o que faz. Não é isso, aliás, que me traz aqui. Trata-se de coisa muito mais grave para você, talvez. Antes de tudo, você não deseja matar sua mulher. Ela é muito útil. Pense, entretanto, na situação em que você ficaria perante sua filha se a sra. Grandet morresse. Teria de prestar contas a Eugênia, pois você é casado com comunhão de bens. Sua filha teria o direito de reclamar a partilha de sua fortuna, de fazê-lo vender Froidfond. Enfim, ela deve herdar da mãe, e você não pode deserdá-la dessa parte.

Essas palavras feriram o velho como um raio. Grandet não era forte em legislação como parecia ser no comércio. Não havia pensado ainda numa partilha.

— Assim, aconselho-o a tratá-la com brandura — concluiu Cruchot.

— Mas você sabe o que ela fez, Cruchot?

— Que foi? — perguntou o tabelião, curioso de receber uma confidência do pai Grandet e de conhecer a causa da punição.

— Ela deu o ouro que possuía.

— E então? Não era dela? — perguntou o tabelião.

— Todos me dizem isso! — disse o vinhateiro, deixando o braço cair num gesto trágico.

— E você, por uma miséria, vai ficar na situação de não poder pedir-lhe concessões quando morrer a mãe? — disse Cruchot.

— Ah, você chama seis mil francos em ouro uma miséria?

— E então, meu caro? Sabe o que custarão o inventário e a partilha da herança de sua mulher, se Eugênia o exigir?

— Quanto?

— Duzentos, trezentos ou quatrocentos mil francos, talvez! Será preciso levar os bens em hasta pública e os vender, para conhecer seu verdadeiro valor. Ao passo que se vocês se entenderem...

— Pelo podão de meu pai! — exclamou o vinhateiro, sentando-se, muito pálido. — Veremos isso, Cruchot.

Após um momento de silêncio ou de agonia, o velho encarou o tabelião, dizendo-lhe:

— A vida é bem dura! Como se sofre! Cruchot — acrescentou solenemente —, você não está me enganando? Dá sua palavra de honra de que o que me disse é legal? Mostre-me o Código, quero ver o Código!

— Ora, meu velho — replicou Cruchot —, acaso não conheço meu ofício?

— Então, isso é verdade? Serei despojado, traído, morto, devorado por minha própria filha!

— Ela tem direito à herança da mãe.

— Veja para que servem os filhos! Ah, minha mulher! Gosto dela. Felizmente, ela está forte. É uma Bertellière.

— Resta-lhe apenas um mês de vida.

O tanoeiro bateu na testa, pôs-se a andar de um lado para outro e, lançando um olhar assombrado a Cruchot, perguntou:

— Que hei de fazer?

— Eugênia poderá renunciar, pura e simplesmente, à herança da mãe. Você não pretende deserdá-la, não é? Mas, para obter uma concessão dessa natureza, não a maltrate. O que estou lhe dizendo, meu velho, é contra meu próprio interesse. De que vivo eu...? Das liquidações, dos inventários, das vendas, das partilhas...

— Vamos ver, vamos ver. Não falemos mais nisso, Cruchot. Você me dilacera as entranhas. Recebeu algum ouro?

— Não. Mas tenho uns luíses velhos, uns dez. Eu lhos darei. Faça as pazes com Eugênia, meu caro. Veja, toda Saumur o acusa.

— Idiotas!

— Vamos, os fundos públicos estão a noventa e nove. Alegre-se ao menos uma vez na vida.

— A noventa e nove, Cruchot?

— Sim.

— Eh! Eh! Noventa e nove! — disse o velho, acompanhando o tabelião até a porta da rua.

Depois, muito agitado com o que acabara de ouvir para poder ficar em casa, subiu ao quarto da mulher e lhe disse:

— Olha, minha velha, podes passar o dia com tua filha. Vou a Froidfond. Sejam boazinhas. Hoje é dia do aniversário de nosso casamento, minha boa mulher. Toma dez escudos para teu altar do Santíssimo Sacramento. Há tempo que desejas possuir um, faze-o agora! Divirtam-se, alegrem-se! Comportem-se bem. Viva a alegria!

Atirou dez escudos e seis francos sobre a cama da mulher e tomou-lhe a cabeça entre as mãos para beijá-la na testa.

— E então, minha velha, estás melhor, não é?

— Como poderás pensar em receber em tua casa o Deus que perdoa, mantendo tua filha exilada do coração? — disse ela, comovida.

— Tá-tá-tá-tá! — disse o velho com uma voz suave. — Vamos tratar disso.

— Bondade do céu! Eugênia! — exclamou a mãe enrubescendo de alegria. — Vem abraçar teu pai, ele te perdoa!

O velho, entretanto, havia desaparecido. Fugiu a toda velocidade para a horta, tratando de compor as ideias. Grandet entrava, então, nos seus setenta e seis anos. Nos últimos dois anos, principalmente, sua avareza havia aumentado, como aumentam todas as paixões persistentes do homem. Segundo uma observação feita sobre os avarentos, os ambiciosos, todas as pessoas, enfim, que consagraram a vida a uma ideia dominante, seu sentimento se havia fixado mais particularmente num símbolo de sua paixão. A contemplação do ouro, a posse do ouro tornara-se sua monomania. Seu espírito de despotismo havia aumentado na proporção de sua avareza. Portanto, abandonar a direção da menor parte de seus bens por morte da esposa lhe parecia uma coisa *contra a natureza*. Declarar sua fortuna à filha, inventariar publicamente seus bens móveis e imóveis para os partilhar...?

— É de se cortar o pescoço! — disse em voz alta, no meio das vinhas, examinando uma parreira.

Finalmente, tomou uma decisão. Voltou a Saumur à hora do jantar, resolvido a inclinar-se diante de Eugênia, a adulá-la, a acariciá-la a fim de poder morrer majestosamente, conservando até o fim o governo de seus milhões. No momento em que o velho, que por acaso levava a chave-mestra, subia a escada pé ante pé para ir ao quarto da mulher, Eugênia havia levado para a cama da mãe o belo estojo. E ambas, na ausência de Grandet, se entregavam ao prazer de *ver* o retrato de Carlos, examinando o de sua mãe.

— A mesma testa e a mesma boca! — dizia Eugênia, no momento em que o vinhateiro abriu a porta.

Percebendo o olhar que o marido lançou ao ouro, a sra. Grandet exclamou:

— Meu Deus, tende piedade de nós!

O velho precipitou-se para o estojo como um tigre que se lança sobre uma criança adormecida.

— Que é isso? — perguntou ele, pegando o tesouro e levando-o à janela. — Ouro do bom! Ouro! — exclamou. — Muito ouro! Pesa duas libras. Ah! Ah! Carlos te deu isto em troca das tuas moedas, hein? Por que não mo disseste? Fizeste um bom negócio, filhinha! És minha filha, eu te reconheço. (Eugênia tremia.) Não é? Isto é de Carlos? — continuou o velho.

— Sim, papai. Não é meu. Esse estojo é um depósito sagrado.

— Tá-tá-tá-tá! Ele levou a tua fortuna, deves refazer teu pequeno tesouro.

— Meu pai!

O velho quis puxar a faca para arrancar uma placa de ouro e descansou o estojo sobre uma cadeira. Eugênia avançou para reavê-lo. Mas o tanoeiro, que conservava um olho na filha e o outro na caixa, empurrou-a com tanta violência que ela caiu sobre a cama da mãe.

— Senhor! Senhor! — exclamou a mãe, levantando-se na cama.

Grandet tirara a faca e procurava arrancar o ouro.

— Meu pai! — bradou Eugênia, lançando-se de joelhos e andando assim para aproximar-se do velho e erguer as mãos para ele. — Meu pai, em nome de todos os santos e da Virgem, em nome de sua salvação eterna, meu pai, em nome da minha vida, não toque nisso! Esse estojo não é meu nem seu. É de um parente infeliz que mo confiou. Devo restituí-lo intato.

— Então, por que o olhavas, se é um depósito? Contemplar é pior que tocar.

— Meu pai, se o senhor o destruir, me desonrará! Meu pai! Está ouvindo?

— Piedade! — gritou a mãe.

— Meu pai! — exclamou Eugênia, com uma voz tão aguda que Nanon, assustada, subiu.

Eugênia lançou-se sobre uma faca que estava a seu alcance e armou-se com ela.

— E então? — disse-lhe tranquilamente Grandet com um sorriso frio.

— Senhor! Senhor! Tu me matas! — disse a mãe.

— Meu pai, se sua faca arrancar um pedaço que seja desse ouro, eu me atravessarei com esta! O senhor já fez mamãe adoecer mortalmente. Matará também sua filha. Vamos, então? Elas por elas!

Grandet suspendeu a faca sobre o estojo e olhou para a filha, hesitando.

— Seria capaz disso, Eugênia? — perguntou ele.

— Sim — disse a mãe.

— Ela fará o que disse — exclamou Nanon. — Seja razoável, senhor, pelo menos uma vez na vida.

O tanoeiro fitou o ouro e a filha alternadamente, durante um instante. A sra. Grandet desmaiou.

— Veja, senhor, a patroa está morrendo! — bradou Nanon.

— Vem, minha filha, não brigemos por um cofre. Toma! — exclamou vivamente o tanoeiro, atirando o estojo sobre a cama. — Vai chamar o dr. Bergerin, Nanon. Vamos, mãezinha — disse ele beijando a mão da mulher —, isto não é nada. Olha, fizemos as pazes. Não é, filhinha? Acabou-se o pão seco. Comerás tudo o que quiseres... Ah! Está abrindo os olhos. E então, mamãe, mãezinha,

vamos! Olha, eu beijo Eugênia. Ela gosta do primo, casará com ele se quiser, guardará o seu pequeno cofre. Mas vive bastante, minha velhinha. Vamos, mexe-te! Escuta, terás o mais belo altar do Santíssimo que jamais se fez em Saumur.

— Meu Deus! Como podes tratar assim tua mulher e tua filha! — disse a sra. Grandet com uma voz débil.

— Não farei mais isso! — exclamou o tanoeiro. — Vai ver, minha boa mulher.

Grandet foi até o gabinete e voltou com um punhado de luíses, que espalhou sobre a cama.

— Toma, Eugênia. Toma, mulher. São para vocês — disse, remexendo os luíses. — Vamos, alegre-te, mulher. Trata de ficar boa. Nada te faltará, nem a Eugênia. Olha: cem luíses de ouro para ela. Não lhe darás esses, não é, Eugênia?

A sra. Grandet e a filha entreolharam-se, espantadas.

— Fique com eles, papai. Não precisamos senão de sua amizade.

— Muito bem, é isto mesmo — disse ele embolsando os luíses. — Vivamos como bons amigos. Vamos descer todos para jantar na sala, para jogar víspera todos os dias, a dois *sous*. Divirtam-se! Que tal, minha mulher?

— Eu o desejaria muito, já que isto te agrada — disse a moribunda. — Mas não poderei me levantar mais.

— Pobre mãezinha — disse o tanoeiro. — Não sabes como te amo. E a ti também, filhinha!

Abraçou-a. Beijou-a.

— Oh, como é bom beijar a filha após uma rixa! Filhinha! Estás vendo, mãezinha? Somos como um só, agora. Vai guardar isso —

disse a Eugênia, mostrando-lhe o estojo. — Vai, não temas nada. Não te falarei mais nisso, nunca mais.

O dr. Bergerin, o médico mais famoso de Saumur, chegou em seguida. Finda a consulta, declarou positivamente a Grandet que a mulher estava muito mal, mas que uma grande calma de espírito, um regime suave e cuidados rigorosos poderiam retardar a morte até o fim do outono.

— Sairá muito caro? — perguntou o velho. — Precisa de remédios?

— Poucos remédios, mas muitos cuidados — respondeu o médico, que não pôde conter um sorriso.

— Enfim, dr. Bergerin — respondeu Grandet —, o senhor é um homem às direitas, não é verdade? Confio no senhor. Venha ver minha mulher tantas vezes quantas julgar conveniente. Conserve-me minha mulher. Amo-a muito, sem que o pareça. Em mim, tudo se passa interiormente, dentro da alma. Estou triste. A tristeza entrou em minha casa com a morte de meu irmão, pelo qual estou gastando, em Paris, quantias... os olhos da cara, enfim! E isso não termina mais. Até logo, senhor. Se puder salvar minha mulher, salve-a, mesmo que para isso seja necessário gastar uns cem ou duzentos francos.

Apesar dos ardentes votos que Grandet fazia pela saúde da esposa, porque ter de inventariar sua herança representaria a morte para ele; apesar da benevolência que manifestava em todas as ocasiões para com as menores vontades da mãe e da filha assombradas; apesar dos ternos cuidados que Eugênia lhe dispensava, a sra. Grandet declinava rapidamente para a morte. Cada dia que passava, mais se enfraquecia e se consumia, como se consome a maior parte das mulheres atingidas pela doença nessa

idade. Estava frágil como as folhas das árvores no outono. Os raios do sol faziam-na resplandecer, como a essas folhas que o sol atravessa e doura.

Teve uma morte digna de sua vida, uma morte verdadeiramente cristã. O que equivale a dizer: sublime. Em outubro de 1822, evidenciaram-se particularmente suas virtudes, sua paciência de anjo e seu amor à filha. Morreu sem deixar escapar a mínima queixa. Cordeiro sem mácula, subiu ao céu lamentando apenas abandonar a doce companhia da filha, a cuja existência seus derradeiros olhares pareciam predizer mil desgraças. Tremia por deixar essa ovelhinha, inocente como ela, sozinha no meio de um mundo egoísta que queria lhe arrancar a lã, os tesouros.

— Minha filha — disse ela antes de expirar —, só no céu existe felicidade. Um dia hás de sentir isto.

No dia seguinte ao dessa morte, Eugênia achou novos motivos para se ligar a essa casa onde havia nascido, onde havia sofrido tanto, onde sua mãe acabara de morrer. Não podia olhar para a janela e a cadeira alta na sala sem derramar lágrimas. Já não reconhecia a alma do velho pai, ao se ver objeto dos mais ternos cuidados: ele vinha dar-lhe o braço para descer para o almoço, fitava-a com um olhar quase bom durante horas inteiras. Enfim, mimava-a como se ela fosse de ouro. O antigo tanoeiro estava tão diferente, tremia de tal modo diante da filha, que Nanon e os cruchotistas, testemunhas de sua fraqueza, a atribuíram à idade e recearam alguma debilidade de suas faculdades mentais. Mas no dia em que a família pôs luto, após o jantar ao qual fora convidado Cruchot, o único que conhecia o segredo de seu cliente, a conduta do velho se explicou.

— Querida filha — disse a Eugênia, logo que a mesa foi retirada e as portas ficaram cuidadosamente fechadas —, és a herdeira de tua mãe. Temos pequenos assuntos a resolver. Não é, Cruchot?

— Sim.

— É preciso tratar disso hoje mesmo, papai?

— Sim, sim, filhinha. Não posso ficar na incerteza em que estou. Não acredito que desejes causar-me aflições.

— Oh, papai...!

— Então, é preciso resolver tudo hoje.

— Que quer que eu faça?

— Mas, filhinha, isso não é comigo. Fale, Cruchot.

— Senhorita, seu pai não deseja fazer partilha, nem vender os seus bens, nem pagar impostos enormes sobre o dinheiro que pode possuir. Para isso, é preciso evitar o inventário de toda a fortuna que agora se acha em comum entre a senhorita e o senhor seu pai...

— Você está bem certo disso, Cruchot, para falar assim diante de uma criança?

— Deixe-me falar, Grandet.

— Sim, sim, meu amigo. Nem você nem minha filha pretendem arruinar-me. Não é, filhinha?

— Mas, sr. Cruchot, que devo fazer? — perguntou Eugênia com impaciência.

— Apenas isto — disse o tabelião. — Assinar este documento pelo qual a senhorita renuncia à herança da senhora sua mãe e deixa a seu pai o usufruto de todos os bens em comum e dos quais ele lhe assegura o domínio...

— Não compreendo nada disso — respondeu Eugênia. — Dê-me o documento e mostre-me onde devo assinar.

O velho Grandet olhava alternadamente para o documento e para a filha, experimentando tão violentas emoções que teve de enxugar algumas gotas de suor que lhe escorriam da testa.

— Filhinha — disse ele —, em lugar de assinar esse documento, que custará muito dinheiro para registrar, podes renunciar pura e simplesmente à herança de tua pobre falecida mãe e confiar em mim para o futuro. Eu preferiria isso. Dar-te-ei todos os meses uma boa renda de cem francos. Poderás pagar tantas missas quantas quiseres, em intenção daqueles por quem rezas... Hein? Cem francos por mês, em libras?

— Farei o que o senhor quiser, papai.

— Senhorita — disse o tabelião —, tenho o dever de observar-lhe que assim se despoja...

— Que me importa? — disse ela.

— Cale-se, Cruchot. O que ela disse está dito — exclamou Grandet, tomando a mão da filha e batendo nela com a sua. — Eugênia, não retirarás o que disseste, não é? És uma moça honesta...

— Oh, papai...!

Ele beijou-a com efusão, apertou-a nos braços violentamente.

— Olha, filhinha, dás a vida a teu pai. Assim lhe devolves o que ele te deu: estamos quites. É assim que se deve fazer negócio. A vida é um negócio. Dou-te a minha bênção! És uma filha virtuosa que ama verdadeiramente o seu pai. Faze o que quiseres, agora. Até amanhã, Cruchot — disse ele para o tabelião estupefato. — Trate de preparar o documento de renúncia, no cartório do tribunal.

No dia seguinte, ao meio-dia, foi assinada a declaração pela qual Eugênia realizava sua própria espoliação. Entretanto, apesar da palavra empenhada, no fim do primeiro ano, o antigo tanoeiro ainda

não havia dado um único *sou* dos cem francos mensais prometidos solenemente à filha. Quando Eugênia tocou no assunto, por brincadeira, ele não pôde evitar de corar. Subiu ao gabinete e ao voltar apresentou-lhe mais ou menos a terça parte das joias que havia comprado do sobrinho.

— Olha, filhinha — disse com uma voz repassada de ironia —, queres isso em troca dos teus mil e duzentos francos?

— Oh, papai, dá-me isso, de verdade?

— E te darei outro tanto no ano que vem — disse, derramando as joias no avental da filha. — Assim, em pouco tempo, terás todas as suas joias — acrescentou, esfregando as mãos, feliz por poder explorar os sentimentos da filha.

Embora ainda fosse robusto, o velho sentiu necessidade de iniciar a filha nos segredos da casa. Durante dois anos consecutivos, fez com que ela organizasse em sua presença o rol das despesas e recebesse os rendimentos. Lenta e progressivamente, ensinou-lhe os nomes, o conteúdo de suas vinhas e de suas herdades. No terceiro ano, ele a havia acostumado tão bem a suas manobras avaras e as havia transformado tão solidamente em hábitos da filha que pôde confiar-lhe, sem temer, as chaves da despensa e a nomeou dona da casa.

Cinco anos se passaram sem que surgisse uma novidade na existência monótona de Eugênia e seu pai. Sempre os mesmos atos, constantemente realizados com a regularidade cronométrica dos movimentos da velha pêndula. A profunda melancolia da srta. Grandet não era segredo para ninguém. Mas, se qualquer um podia pressentir-lhe a causa, jamais uma só palavra pronunciada por ela justificou as suspeitas que todos os círculos sociais de Saumur formavam sobre o estado do coração da rica herdeira. Sua única

companhia se compunha dos três Cruchot e de alguns amigos que eles haviam insensivelmente introduzido na casa. Haviam-lhe ensinado o uíste e vinham todas as noites jogar uma partida.

Em 1827, seu pai, sentindo o peso das enfermidades, foi obrigado a iniciá-la nos segredos de sua fortuna territorial, dizendo-lhe que, em caso de dificuldade, confiasse no tabelião Cruchot, cuja probidade bem conhecia. Depois, no fim desse ano, o velho, com oitenta e dois anos, foi acometido de uma paralisia, que progrediu rapidamente. Grandet foi desenganado pelo dr. Bergerin. Pensando, então, que em breve ia ficar sozinha no mundo, Eugênia aproximou-se ainda mais do pai e apertou mais fortemente esse último elo de afeição. No seu pensamento, como no de todas as mulheres que amam, o amor constituía o mundo inteiro. E Carlos não estava lá. Foi sublime em cuidados e atenções para com o velho pai, cujas faculdades começavam a declinar, mas cuja avareza ainda se sustentava instintivamente. A morte desse homem também não contrastou com a sua vida. Pela manhã, fazia-se conduzir entre a lareira de seu quarto e a porta do gabinete, que certamente estava cheio de ouro. E ficava ali, imóvel, mas fitando com ansiedade os que vinham vê-lo e a porta chapeada de ferro. Pedia explicação dos menores ruídos que ouvia. E, com grande espanto do tabelião, ouvia os bocejos do cão no pátio. Despertava de seu aparente estupor no dia e hora em que devia receber os arrendamentos, fazer contas com os rendeiros ou dar quitações. Manobrava então a cadeira de rodas até chegar à porta do gabinete. Mandava a filha abri-la e espreitava-lhe os gestos enquanto ela empilhava em segredo os sacos de dinheiro, até fechar a porta. Depois, voltava silenciosamente a seu

lugar logo que ela lhe devolvia a preciosa chave, sempre guardada no bolso de seu colete e que ele apalpava a todo momento.

Seu velho amigo tabelião, calculando que a rica herdeira desposaria infalivelmente seu sobrinho presidente se Carlos Grandet não voltasse mais, redobrou de cuidados e atenções. Vinha todos os dias colocar-se à disposição de Grandet. Ia, a seu mandado, a Froidfond, às terras, aos campos, às vinhas, vendia as colheitas e transformava tudo em ouro e prata, que vinham reunir-se secretamente aos sacos amontoados no gabinete.

Chegaram, finalmente, os dias da agonia, durante os quais a forte constituição do velho entrou em luta com a destruição. Ele fez questão de permanecer sentado junto à lareira, diante da porta do gabinete. Puxava e enrolava todas as cobertas que punham sobre ele e dizia a Nanon:

— Guarda, guarda isto antes que roubem.

Quando podia abrir os olhos, onde se refugiara o pouco de vida que lhe restava, voltava-os para a porta do gabinete onde jaziam seus tesouros e perguntava à filha:

— Estão lá? Estão lá? — com um tom de voz que denotava um terror pânico.

— Sim, papai.

— Cuida do ouro...! Mostra-me o ouro.

Eugênia espalhava uns luíses sobre a mesa e ele ficava horas inteiras com os olhos fitos nas moedas, como uma criança que, no momento em que começa a enxergar, fica a contemplar estupidamente o mesmo objeto. E, como uma criança, deixava escapar um sorriso penoso.

— Isso me aquece! — dizia algumas vezes deixando transparecer na fisionomia uma expressão de beatitude.

Quando o cura da paróquia veio administrar-lhe os sacramentos, seus olhos, aparentemente mortos havia algumas horas, se reanimaram à vista do crucifixo, dos candelabros, da caldeirinha de prata. Encarou-os fixamente, e o lobinho do nariz se moveu pela última vez. Quando o padre lhe aproximou dos lábios o crucifixo de prata para que ele beijasse a imagem de Cristo, tentou um gesto terrível para agarrá-lo. Esse último esforço custou-lhe a vida. Chamou Eugênia, a quem já não via, embora estivesse ajoelhada à beira da cama banhando-lhe de lágrimas a mão já enregelada.

— Papai, abençoa-me — pediu ela.

— Cuida bem de tudo! Terás de me dar conta disto, no outro mundo — disse, provando, com esta última frase, que o cristianismo deve ser a religião dos avarentos.

Eugênia Grandet viu-se, assim, sozinha no mundo naquela casa, não tendo senão Nanon a quem pudesse lançar um olhar com a certeza de ser entendida e compreendida. Nanon, o único ser que a amava por ela própria e com quem ela podia falar de suas tristezas. A grande Nanon tornou-se a providência de Eugênia. Assim, não foi ela uma empregada, mas uma humilde amiga. Após a morte do pai, Eugênia soube, pelo tabelião Cruchot, que era possuidora de trezentos mil francos de renda em bens imóveis no distrito de Saumur, seis milhões colocados a três por cento em títulos adquiridos a sessenta francos e que então valiam setenta e sete. E mais dois milhões em ouro e cem mil francos em escudos, sem contar as rendas atrasadas a receber. O total de seus bens elevava-se a dezessete milhões.

“Onde estará meu primo?”, disse ela consigo.

No dia em que o tabelião Cruchot comunicou à sua cliente a situação da herança, tornada clara e líquida, Eugênia ficou a sós com Nanon, sentadas as duas de cada lado da lareira daquela sala tão vazia, onde tudo era recordação, desde a cadeira alta sobre a qual se sentava a mãe até o copo no qual o primo havia bebido.

— Nanon, estamos sós.

— Sim, senhorita. E, se eu soubesse onde *ele* está, iria procurá-lo a pé.

— Há o mar entre nós — disse Eugênia.

Enquanto a pobre herdeira chorava assim em companhia da velha empregada, naquela casa fria e escura, que para ela constituía todo o mundo, não se falava em outra coisa, de Nantes a Orléans, senão nos dezessete milhões da srta. Grandet. Um de seus primeiros atos foi dar mil e duzentos francos de renda vitalícia a Nanon, que, com os seiscentos outros francos que já possuía, se tornou um rico partido. Em menos de um mês, passou de donzela a senhora, sob a proteção de Antônio Cornoiller, que foi nomeado guarda geral das terras e propriedades da srta. Grandet. A sra. Cornoiller levou grande vantagem sobre suas contemporâneas. Embora tivesse cinquenta e nove anos, parecia não ter mais de quarenta. Seus traços grosseiros haviam resistido à ação do tempo. Graças ao regime de sua vida monástica, zombava da velhice com uma tez corada e uma saúde de ferro. É possível que jamais tivesse estado tão bem como no dia do casamento. Aproveitou os benefícios de sua fealdade e apareceu grande, gorda, forte, mostrando no rosto indestrutível uma expressão de felicidade que fez muita gente invejar a sorte de Cornoiller.

— Está de bom aspecto — dizia o tecelão.

— Ainda é capaz de ter filhos — disse o negociante de sal. — Está conservada como na salmoura, com sua licença!

— Ela está rica. O esperto do Cornoiller deu um bom golpe — dizia outro vizinho.

Ao sair da velha casa, Nanon, que era estimada por toda a vizinhança, não recebeu senão cumprimentos enquanto descia a rua tortuosa dirigindo-se à igreja. Como presente de núpcias, Eugênia lhe deu três dúzias de talheres. Cornoiller, surpreso com tal magnificência, falava da patroa com lágrimas nos olhos. Seria capaz de se fazer cortar em pedaços por ela. Tornada a mulher de confiança de Eugênia, a sra. Cornoiller desfrutou, desse dia em diante, uma felicidade para ela igual à de possuir um marido. Passou a ter, afinal, uma despensa para abrir e fechar, provisões a distribuir pela manhã, como fazia seu finado patrão. Além disso, tornou-se chefe de duas empregadas, uma cozinheira e uma criada de dentro encarregada de manter em ordem a roupa da casa e fazer os vestidos da senhorita. Cornoiller acumulou as funções de guarda e administrador. É inútil dizer que a cozinheira e a criada de dentro escolhidas por Nanon eram verdadeiras *pérolas*. A srta. Grandet tinha, assim, quatro servidores cuja dedicação não conhecia limites. Os agregados não se aperceberam da morte do velho, tão severos eram os usos e os costumes de sua administração, que foi cuidadosamente continuada pelo casal Cornoiller.

VI – ASSIM ANDA O MUNDO

Eugênia, já na casa dos trinta, não conhecia ainda nenhuma das felicidades da vida. Sua infância triste e sem brilho transcorrera junto da mãe, cujo coração ignorado, maltratado, havia sofrido sempre. Ao deixar, com alegria, a existência, a pobre mãe lamentara que a filha tivesse de viver e lhe depositara na alma breves remorsos e eternos pesares. Seu primeiro, seu único amor, era para Eugênia um motivo de melancolia. Após ter entrevisto seu amado durante alguns dias, havia lhe dado o coração entre dois beijos furtivamente aceitos e retribuídos. Depois, ele partira, deixando um mundo inteiro entre ambos. Aquele amor, amaldiçoado pelo pai, quase lhe custara a vida da mãe e não lhe causava senão sofrimentos mesclados de tênues esperanças. Assim, até agora, ela se havia lançado inutilmente em busca do amor, gastando suas forças sem as refazer. Na vida moral, como na vida física, existe também uma aspiração e uma expiração: a alma necessita absorver os sentimentos de outra alma e assimilá-los para os restituir mais ricos. Sem esse belo fenômeno humano, o coração não pode viver. Falta-lhe o ar, sofre e perece. Eugênia começava a sofrer. Para ela, a fortuna não era um consolo nem um poder. Não podia viver senão pelo amor, pela religião, por sua confiança no futuro. O amor lhe explicava a eternidade. Seu coração e o Evangelho indicavam-lhe dois mundos a esperar. Noite e dia mergulhava nessas duas infinitas meditações, que para ela constituíam uma só. Enclausurava-se dentro de si mesma, amando e acreditando-se amada. Decorridos sete anos, sua paixão havia invadido tudo. Seus tesouros não eram os milhões cujas rendas se acumulavam, e sim o estojo de Carlos, os dois retratos suspensos junto ao leito, as joias resgatadas ao pai e orgulhosamente espalhadas sobre uma camada de algodão numa gaveta da cômoda. E

mais o dedal da tia, de que se utilizara a mãe e que, todos os dias, usava religiosamente para executar um bordado, trabalho de Penélope,[195] empreendido apenas para enfiar no dedo aquele ouro cheio de recordações.

Tinha-se como certo que a srta. Grandet não se casaria durante o luto. Sua devoção era conhecida de todos. Assim, a família Cruchot, cuja política era sabiamente dirigida pelo velho padre, contentou-se em manter a herdeira segura, cercando-a dos mais afetuosos cuidados. Todas as tardes, na casa de Eugênia, a sala se enchia de uma sociedade composta dos mais ardentes e dedicados cruchotistas da região, que se esforçavam em louvar a dona da casa em todos os tons. Eugênia tinha seu médico particular, seu grande capelão, seu camarista, sua primeira dama de honra, seu primeiro-ministro e, sobretudo, seu chanceler, um chanceler que queria dizer-lhe tudo. E se desejasse um caudatário, teria encontrado um. Era uma rainha, e a mais habilmente bajulada de todas as rainhas. A adulação nunca emana das grandes almas. Ela é o apanágio dos espíritos mesquinhos, que se esforçam por se amesquinharem ainda mais a fim de melhor penetrarem na esfera vital da pessoa em torno da qual gravitam. A bajulação subentende um interesse. Assim, as pessoas que, todas as noites, enchiam a sala da srta. Grandet, por elas denominada srta. de Froidfond, conseguiram maravilhosamente cumulá-la de elogios. Esse concerto de louvores, que era uma novidade para Eugênia, no início a fez corar. Mas, insensivelmente e por grosseiros que fossem os cumprimentos, seu ouvido se habituou de tal modo a receber elogios à sua beleza que, se algum estranho a tivesse achado feia, essa censura a teria ferido muito mais agora que oito anos atrás. Por fim, acabou por gostar daquelas lisonjas, que

aceitava com o pensamento em Carlos. Habitou-se, aos poucos, a se deixar tratar como soberana e a ver sua Corte completa todas as noites. O sr. presidente de Bonfons era o herói daquele pequeno círculo, onde seu espírito, sua pessoa, sua cultura, sua amabilidade eram incessantemente elogiados. Dizia-se que nos últimos sete anos a fortuna dele havia aumentado muito, que Bonfons valia pelo menos dez mil francos de renda e se achava encravada, como todos os bens dos Cruchot, nos vastos domínios da herdeira.

— Saiba, senhorita — dizia um frequentador da casa —, que os Cruchot têm quarenta mil francos de renda!

— E suas economias! — acrescentava uma velha cruchotista, a srta. de Gribeaucourt. — Um senhor de Paris veio, há pouco, oferecer ao sr. Cruchot duzentos mil francos por seu cartório. E ele o venderá, se for nomeado juiz de paz.

— Ele quer suceder ao sr. de Bonfons na presidência do tribunal e, por isso, age com cuidado — respondeu a sra. d’Orsonval. — Pois o senhor presidente se tornará conselheiro, depois presidente da corte. Tem meios suficientes para isso.

— Oh, é um homem muito distinto! — dizia outro. — Não acha, senhorita?

O senhor presidente tratara de se colocar em harmonia com o papel que desejava desempenhar. Apesar de seus quarenta anos, apesar de seu rosto trigueiro e sombrio, seco como quase todos os rostos judiciários, vestia-se como rapaz, fazia floreios com uma bengala, não usava rapé na casa da srta. de Froidfond e chegava sempre com gravata branca e uma camisa cujo peitilho de pregas largas lhe dava um certo ar de família com os indivíduos do gênero peru. Falava à bela herdeira num tom familiar, dizendo-lhe: “Nossa

querida Eugênia”. Enfim, com exceção do número de personagens, substituindo a víspera pelo uíste e suprimindo os vultos do sr. e da sra. Grandet, a cena de agora era a mesma do passado. A matilha continuava a perseguir Eugênia e seus milhões. Mais numerosa, entretanto, ladrava melhor e cercava a presa, em estreita colaboração. Se naquele momento Carlos voltasse das Índias, encontraria mais ou menos os mesmos personagens e os mesmos interesses. A sra. des Grassins, para quem Eugênia era perfeita de graça e de bondade, persistia em atormentar os Cruchot. Mas, como outrora, o vulto de Eugênia dominava o quadro. Como outrora, Carlos teria sido ali o soberano. Havia, entretanto, um progresso. O ramo de flores que o presidente dava outrora a Eugênia no dia de seu aniversário havia se tornado periódico. Todas as noites, trazia à rica herdeira um magnífico ramo que a sra. Cornoiller punha ostensivamente num vaso e depois o atirava secretamente a um canto do pátio logo que os visitantes saíam.

No começo da primavera, a sra. des Grassins tentou turvar a felicidade dos cruchotistas, falando a Eugênia do marquês de Froidfond, cuja fortuna arruinada poderia se reerguer no caso de a herdeira lhe devolver as terras por um contrato de casamento. A sra. des Grassins referia-se em alta voz ao pariato, ao título de marquês e, tomando o sorriso desdenhoso de Eugênia por uma aprovação, saía a dizer que o casamento do presidente Cruchot não estava tão assegurado como se julgava.

— Embora o sr. de Froidfond tenha cinquenta anos — dizia —, não aparenta mais idade do que o sr. Cruchot. É verdade que é viúvo e tem filhos. Mas é marquês, será par de França e, nos tempos atuais, não é fácil encontrar um tão bom partido. Sei, com absoluta certeza,

que o pai Grandet, ao reunir seus bens à terra de Froidfond, tinha a intenção de se ligar aos Froidfond. Muitas vezes ele mo declarou. O velho era esperto.

— Não compreendo, Nanon — disse um dia Eugênia ao deitar-se —, por que ele não me escreveu uma só vez em sete anos!

Enquanto se desenrolavam esses acontecimentos em Saumur, Carlos fazia fortuna nas Índias. Seu sortimento fora muito bem vendido logo ao chegar. Tinha reunido rapidamente uma soma de seis mil dólares. O batismo à passagem do Equador fê-lo abandonar muitos preconceitos. Percebeu que o melhor meio de alcançar fortuna era, tanto nas regiões intertropicais como na Europa, a compra e a venda de homens. Foi, por isso, à costa da África e fez o tráfico de negros, juntando a seu comércio de homens o das mercadorias de boa troca nos diversos mercados aonde o levavam seus interesses. Empregou nos negócios uma atividade que não lhe deixava um momento de folga. Dominava-o a ideia de reaparecer em Paris em todo o esplendor de uma grande fortuna e de conquistar uma posição ainda mais brilhante do que aquela que perdera. À força de rolar através dos homens e dos países e de observar seus contraditórios costumes, suas ideias se modificaram e ele se tornou cético. Deixou de ter noções fixas sobre o justo e o injusto, ao ver tachar de crime num país o que em outro era considerado virtude. Naquele constante contato com interesses materiais, seu coração se entibiou, se amesquinhou, se estiolou. O sangue dos Grandet não desmentiu seu destino. Carlos tornou-se cruel e ganancioso. Vendeu chineses, negros, ninhos de andorinhas, crianças, artistas. Fez agiotagem a valer. O hábito de fraudar os direitos alfandegários tornou-o menos escrupuloso para com os direitos dos homens. Ia a

Saint-Thomas[196] comprar por uma ninharia as mercadorias roubadas pelos piratas e as levava para os lugares onde elas escasseavam. Se a nobre e pura imagem de Eugênia o acompanhou na primeira viagem, como a imagem da Virgem que os marinheiros espanhóis colocam em seus barcos, e se ele atribuiu os primeiros êxitos à mágica influência dos votos e das orações daquela doce moça, mais tarde as negras, mulatas, brancas, javanesas, bailarinas, suas orgias de todas as cores e as aventuras que teve em diversos países apagaram completamente a lembrança da prima, de Saumur, da casa, do banco, do beijo dado no corredor. Recordava-se apenas do pequeno jardim cercado de velhos muros, porque lá se havia iniciado o seu destino aventureiro. Renegava, porém, a família. Seu tio era um velho cão que lhe havia furtado as joias. Eugênia não ocupava seu coração nem seus pensamentos. Tinha, apenas, um lugar nos seus negócios, como credora da soma de seis mil francos. Essa conduta e essas ideias explicam o silêncio de Carlos Grandet. Nas Índias, em Saint-Thomas, na costa da África, em Lisboa e nos Estados Unidos, o especulador havia adotado, para não comprometer o seu nome, o pseudônimo de Sepherd. Carl Sepherd podia, sem risco, mostrar-se em toda parte infatigável, audacioso, ambicioso, um homem que, resolvido a fazer fortuna *quibuscumque viis*, [197] se apressa em conseguí-la com infâmia, para permanecer honesto durante o resto da vida. Com tal sistema, a fortuna foi rápida e brilhante.

Em 1827, pois, chegava a Bordeaux no belo barco *Maria Carolina*, pertencente a uma casa de comércio monarquista. Possuía um milhão e novecentos mil francos em três sólidos tonéis de ouro em pó, do qual esperava ganhar ainda sete ou oito por cento

transformando-o em moedas, em Paris. No mesmo barco encontrava-se um gentil-homem honorário da Câmara de Sua Majestade o rei Carlos x, o sr. d'Aubrion, bom velho que cometera a loucura de desposar uma mulher da moda e cuja fortuna estava nas Ilhas. Para poder custear as prodigalidades da sra. d'Aubrion, fora vender as propriedades. O sr. e a sra. d'Aubrion, da casa d'Aubrion de Buch, da qual o último barão morrera antes de 1789, reduzidos a vinte mil francos de renda, tinham uma filha muito feia, que a mãe procurava casar sem dote, uma vez que sua fortuna mal dava para viverem em Paris. Era essa uma empresa cujo êxito teria parecido problemático à gente da sociedade, não obstante a habilidade que se atribui às mulheres da moda. A própria sra. d'Aubrion quase desesperava, ao olhar para a filha, de a impingir a quem quer que fosse, mesmo a um homem seduzido pela nobreza. Essa donzelinha era uma moça comprida como o inseto seu homônimo,[\[198\]](#) magra, franzina, com uma boca sarcástica sobre a qual descia um nariz muito longo, grosso na extremidade, amarelo no estado normal, mas completamente vermelho após as refeições, espécie de fenômeno vegetal mais desagradável no meio dum rosto pálido e aborrecido do que em qualquer outro. Enfim, era tal como podia desejar uma mãe de trinta e oito anos que, ainda bela, conservava pretensões. Mas, para contrabalançar tais desvantagens, a marquesa d'Aubrion havia dado à filha um aspecto distinto, submetera-a a uma higiene que mantinha provisoriamente o nariz com uma razoável carnação, ensinara-lhe a arte de se vestir com gosto, dotara-a de belas maneiras, ensinara-lhe esses olhares melancólicos que impressionam a um homem e dão-lhe a ilusão de que vai encontrar o anjo tão procurado em vão. Instruíra-a no modo de colocar o pé para a frente

e chamar a atenção para a sua pequenez, no momento em que o nariz tinha a impertinência de enrubescer. Enfim, tirara da filha um partido bastante satisfatório. Por meio de mangas largas, corpetes dissimuladores, vestidos fofos e cuidadosamente enfeitados e um colete de alta pressão, havia ela obtido atavios femininos tão curiosos que, para ensinamento das mães, deveria expô-los num museu. Carlos afeiçãoou-se muito à sra. d'Aubrion, que precisamente queria se afeiçoar a ele. Várias pessoas pretendem, mesmo, que, durante a travessia, a bela sra. d'Aubrion não negligenciou nenhum meio de capturar um genro tão rico.

Desembarcando em Bordeaux, em meados de junho de 1827, o sr., a sra., a srta. d'Aubrion e Carlos hospedaram-se no mesmo hotel e partiram juntos para Paris. O palacete dos D'Aubrion estava crivado de hipotecas. Carlos devia liberá-lo. A mãe já havia manifestado a felicidade que sentiria em ceder o pavimento térreo ao genro e à filha. Como não partilhasse dos preconceitos do sr. d'Aubrion sobre a nobreza, ele havia prometido a Carlos Grandet obter do bom Carlos x uma ordem real que autorizaria a ele, Grandet, usar o nome D'Aubrion e as respectivas armas e a suceder, mediante a constituição de um morgadio de trinta e seis mil libras de renda, a D'Aubrion no título de barão de Buch e marquês d'Aubrion. Reunindo suas fortunas, vivendo em boa harmonia e mediante sinecuras, poderiam reunir cento e poucas mil libras de renda no palácio d'Aubrion.

— E quando se tem cem mil libras de renda, um nome, uma família, se frequenta a Corte — porque eu o farei nomear gentil-homem da Câmara —, a gente possui tudo o que poderia desejar — dizia ela a Carlos. — Assim, você será, conforme escolher,

referendário do conselho de Estado, prefeito, secretário de embaixada, embaixador. Carlos x gosta muito de meu marido. Conhecem-se desde a infância.

Inebriado de ambição com as palavras daquela mulher, Carlos havia acariciado, durante a travessia, todas essas esperanças, tão habilmente apresentadas e sob a forma de confidências muito íntimas. Julgando os negócios do pai resolvidos pelo tio, via-se introduzido subitamente no Faubourg Saint-Germain, onde todo mundo queria então ingressar e onde, à sombra do nariz azul da srta. Matilde, reapareceria como conde d'Aubrion, como os Dreux reapareceram um dia como Brézé.[199] Deslumbrado pela prosperidade da Restauração, que havia deixado vacilante, seduzido pelo brilho das ideias aristocráticas, a sua embriaguez, começada a bordo, continuou em Paris, onde ele resolveu tudo fazer para chegar à alta posição que a sua egoísta sogra lhe fazia entrever. A prima não era, portanto, para ele, mais que um ponto no espaço daquela brilhante perspectiva. Encontrou-se com Anete. Como mulher mundana, Anete aconselhou vivamente ao antigo amigo que contraísse aquela aliança e prometeu apoiá-lo em todos os seus ambiciosos empreendimentos. Anete estava encantada com a ideia de ver tão feia e aborrecida moça casar-se com Carlos, a quem a permanência nas Índias havia tornado tão sedutor. Sua tez havia ficado morena, as maneiras tornaram-se decididas, ousadas, como as dos homens habituados a desbravar, a dominar, a vencer. Carlos respirou mais à vontade em Paris, ao ver que ali podia desempenhar um papel. Des Grassins, informado de seu regresso, de seu próximo casamento e de sua fortuna, foi procurá-lo para falar sobre os trezentos mil francos mediante os quais poderia resgatar as dívidas

do pai. Encontrou Carlos em conferência com o joalheiro, ao qual havia encomendado joias para a srta. d'Aubrion e que lhe mostrava os desenhos. Apesar dos magníficos diamantes que Carlos trouxera das Índias, a mão de obra, a prataria, a joalheria sólida e fútil do jovem casal ia ainda a mais de duzentos mil francos. Carlos recebeu Des Grassins, a quem não reconheceu, com a petulância de um rapaz da moda que, nas Índias, havia matado quatro homens em diferentes duelos. Des Grassins já viera três vezes. Carlos o escutou friamente. Depois respondeu sem ter compreendido bem:

— Nada tenho com os negócios de meu pai. Agradeço-lhe, senhor, pelos trabalhos que realizou e que não têm utilidade alguma para mim. Não foi para encher os bolsos dos credores de meu pai que me dei o trabalho de juntar quase dois milhões com o suor do meu rosto.

— E se o senhor seu pai fosse declarado em falência dentro de poucos dias?

— Daqui a poucos dias, senhor, eu me chamarei conde d'Aubrion. Compreende agora que isto me será de todo indiferente. Além disso, o senhor sabe melhor do que eu que quando um homem tem cem mil libras de renda, ninguém acredita que o seu pai tenha falido — acrescentou, empurrando polidamente o sr. des Grassins em direção à porta.

No começo de agosto daquele ano, Eugênia estava sentada no pequeno banco de madeira onde seu primo lhe havia jurado um amor eterno e onde ela almoçava quando fazia bom tempo. A manhã era fresca e clara. A pobre moça estava a repassar na memória os grandes e os pequenos acontecimentos de seu amor e as catástrofes que os seguiram. O sol iluminava o belo lanço de muro todo fendido, quase em ruínas, no qual era proibido tocar por ordem da romântica

herdeira, embora Cornoiller repetisse frequentemente à mulher que algum dia ele desabaria sobre eles. Naquele momento o carteiro bateu, entregou uma carta à sra. Cornoiller, que correu para o jardim gritando:

— Uma carta, senhorita!

Deu-a à patroa, dizendo-lhe:

— É aquela que esperava?

Essas palavras ressoaram tão fortemente no coração de Eugênia como ressoaram realmente entre os muros do pátio e do jardim.

— Paris...! E dele! Ele voltou.

Eugênia empalideceu e guardou a carta intata por um momento. Seu coração palpitava muito violentamente para que ela pudesse lê-la. A grande Nanon permaneceu de pé, com as mãos nos quadris, e a alegria parecia evaporar-se como fumaça por entre os vincos de seu rosto moreno.

— Leia, senhorita...

— Ah, Nanon, por que volta ele por Paris, tendo partido de Saumur?

— Leia e saberá.

Eugênia rasgou o envelope a tremer. Caiu ao chão um cheque contra a casa *Des Grassins et Corret*, de Saumur. Nanon o apanhou.

Minha cara prima...

“Não sou mais Eugênia”, pensou ela. E seu coração se contraiu.

Você...

“Ele já me tratava por tu!”

Cruzou os braços. Não ousou ler a carta. Grossas lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Morreu? — perguntou Nanon.

— Se estivesse morto, não escreveria! — disse Eugênia.

Leu, depois, a seguinte carta:

Minha cara prima. Você deve ter recebido com prazer, segundo creio, a notícia do êxito de meus empreendimentos. Você me deu sorte. Voltei rico. Segui os conselhos de meu tio, cuja morte, bem como a de minha tia, acabam de me ser comunicadas pelo sr. des Grassins. A morte de nossos pais é uma coisa natural, e nós devemos suceder a eles. Espero que você já esteja consolada. Nada resiste ao tempo. Eu mesmo sou uma prova disso. Sim, minha cara prima. Infelizmente, para mim, a época das ilusões já passou. Que quer? Viajando através de numerosos países, refleti sobre a vida. Tendo partido ainda criança, voltei homem-feito. Penso, hoje, muitas coisas que não pensava outrora. Você é livre, prima, e eu também. Aparentemente, nada impede a realização de nossos pequenos projetos. Minha lealdade, entretanto, me impede que lhe oculte a situação em que me encontro. Não me esqueci de que não me pertenco. Nas minhas longas travessias, tenho me recordado, muitas vezes, do pequeno banco de madeira...

Eugênia levantou-se como se estivesse sobre brasas e foi sentar-se num dos degraus da escada do pátio.

... do pequeno banco de madeira onde juramos que nos amaríamos para sempre; do corredor, da sala escura, do meu quarto na água-furtada e da noite em que, por sua delicada oferta, você tornou meu futuro mais fácil. Sim, essas lembranças têm sustentado minha coragem e eu me tenho perguntado se você pensa sempre em mim como penso muitas vezes em você, na hora combinada entre nós. Tem você fitado o céu às nove horas? Sim, não é?

Assim, não quero trair uma amizade sagrada para mim. Não, não devo enganá-la. Trata-se, neste momento, para mim, de uma aliança que satisfaz a todas as ideias que formei sobre o casamento. O amor, no casamento, é uma quimera. Hoje minha experiência me diz que é preciso obedecer a todas as leis sociais e reunir todas as conveniências que o mundo exige do casamento. Ora, entre nós já existe uma diferença de idade que, talvez, iria exercer maior influência sobre seu futuro, minha cara prima, do que sobre o meu. Não falarei de seus costumes, nem de sua educação, nem de seus hábitos, que absolutamente não se coadunam com a vida de Paris e que não se harmonizariam de modo algum com meus projetos ulteriores. Pretendo manter uma casa à altura da minha situação, dar muitas recepções, e me recorde de que você gosta de uma vida suave e tranquila. Não, serei ainda mais franco e quero fazê-la árbitra da minha situação. Você tem o direito de a conhecer e de a julgar. Possuo, hoje, oitenta mil libras[200] de renda. Esta fortuna me permite unir-me à família d'Aubrion, cuja herdeira, moça de dezenove anos, me traz, com o casamento, seu nome, um título, o lugar de gentil-homem honorário da Câmara de Sua Majestade e uma posição das mais brilhantes. Confesso-lhe, prima, que absolutamente não amo a srta. d'Aubrion. Mas, por sua aliança, asseguro a meus filhos uma situação social cujas vantagens mais tarde serão incalculáveis: as ideias monárquicas estão cada vez mais prestigiadas. Assim, alguns anos mais tarde, meu filho, tornado marquês d'Aubrion, com um morgadio de quarenta mil libras de renda, poderá ocupar no governo o lugar que quiser. Nós nos devemos a nossos filhos. Vê você, prima, com que boa-fé eu lhe exponho o estado do meu coração, das minhas esperanças e da minha fortuna. É possível que, de sua parte, você tenha esquecido nossas infantilidades, após sete anos de ausência. Eu, porém, não esqueci a sua indulgência nem as minhas palavras. Recordo-me de todas, mesmo das pronunciadas mais levemente e com as quais um rapaz menos consciencioso do que eu, com um coração menos jovem e menos honesto, nem mesmo se importaria mais. Dizendo-lhe que não penso senão em fazer um casamento de conveniência, e que ainda me lembro de nossos

amores de criança, coloco-me inteiramente à sua discrição, tornando-a senhora da minha sorte. E com isso também lhe manifesto que se for preciso renunciar às minhas ambições sociais, eu me contentarei de boa vontade com a simples e pura felicidade da qual você já me ofereceu tão comoventes imagens...

- Tan-ta-ta. Tan-ta-ti. Tin-ta-ta. Toum! Toum ta-ti. Tin-ta-ta... etc.
- havia cantolado Carlos Grandet sobre a ária de *Non più andrai* [201] ao assinar:

Seu dedicado primo,
carlos

“Caramba! Isto é que é fazer as coisas às direitas”, dissera-se ele.

Depois, procurando o cheque, ajuntara o seguinte:

P.S. — Junto a esta carta um cheque, contra a casa Des Grassins, de oito mil francos, em seu favor e pagáveis em ouro, que inclui o capital e os juros da quantia que você teve a bondade de me emprestar. Espero de Bordeaux uma caixa contendo alguns objetos que você fará a fineza de aceitar como testemunho de minha eterna gratidão. Pode mandar pela diligência meu estojo de viagem, para a casa d’Aubrion, Rue Hillerin-Bertin.

— Pela diligência! — exclamou Eugênia. — Uma coisa pela qual eu teria dado mil vezes a vida!

Espantoso e completo desastre. O barco soçobrava sem deixar nem uma corda, nem uma tábuia, sobre o vasto oceano das esperanças. Ao se sentirem abandonadas, certas mulheres vão arrancar o seu amado dos braços da rival, matam-na e fogem, acabam no cadafalso ou no túmulo. Isto, sem dúvida, é belo. O

motivo desse crime é uma sublime paixão que se sobrepõe à justiça humana. Outras mulheres baixam a cabeça e sofrem em silêncio. Desiludidas e resignadas, limitam-se a chorar e a perdoar, a rezar e a recordar até o último suspiro. Isto é que é próprio do amor, do amor verdadeiro, do amor dos anjos, do amor altivo que vive de sua dor e nela encontra a morte. Tal foi o sentimento de Eugênia após ter lido aquela terrível carta. Ergueu os olhos para o céu, pensando nas últimas palavras da mãe que, como alguns moribundos, havia lançado sobre o futuro um golpe de vista lúcido e penetrante. Depois, recordando-se daquela morte e daquela vida proféticas, Eugênia mediu com um olhar todo o seu destino. Nada mais tinha a fazer senão distender as asas. Voltar-se para o céu e viver em preces até o dia de sua libertação.

— Mamãe tinha razão — disse, chorando. — Sofrer e morrer.

Dirigiu-se, a passos lentos, do jardim para a sala. Contra seu hábito, não passou pelo corredor. Encontrou, porém, uma lembrança do primo no velho salão escuro, na lareira onde havia um certo pires de que se servia todas as manhãs ao almoço, assim como no açucareiro de velho Sèvres.

Aquela manhã devia ser solene e cheia de acontecimentos para ela. Nanon veio anunciar o cura da paróquia. Esse cura, parente dos Cruchot, estava ligado aos interesses do presidente de Bonfons. Havia alguns dias, o velho padre lhe havia determinado que falasse à srta. Grandet, num sentido puramente religioso, sobre a obrigação em que se encontrava de casar-se. Vendo o seu confessor, Eugênia pensou que ele viesse buscar os mil francos que ela dava mensalmente aos pobres. Disse, por isso, a Nanon que os fosse buscar. O cura sorriu:

— O que me traz aqui hoje, senhorita, é a necessidade de lhe falar a respeito de uma pobre moça por quem toda a cidade se interessa e que, por falta de caridade para consigo mesma, não vive cristãmente.

— Meu Deus, senhor cura! Encontra-me num momento em que estou tão ocupada comigo mesma que não posso pensar nos outros. Sinto-me muito infeliz. Não vejo outro refúgio senão a Igreja. Ela tem um seio bastante amplo para conter todas as nossas dores e sentimentos bastante fecundos para que nos possamos servir deles sem receio de os esgotar.

— Ora, senhorita, ocupando-nos dessa moça, é da senhorita mesmo que nos ocuparemos. Escute! Se quiser assegurar a sua salvação, não tem senão dois caminhos a seguir: deixar o mundo ou seguir as suas leis. Obedecer ao seu destino terrestre ou ao seu destino celeste.

— Ah! O senhor me fala no momento mesmo em que eu desejava ouvir uma voz. Sim, é Deus que o envia, senhor cura. Quero despedir-me do mundo e viver somente para Deus no silêncio e no recolhimento.

— Precisa pensar muito nessa grave decisão, minha filha. O casamento é uma vida, o véu é uma morte.

— Então, a morte, a morte imediatamente, senhor cura! — exclamou ela com uma expressão resoluta.

— A morte? Mas a senhorita tem grandes obrigações para com a sociedade. Não é a senhorita a mãe dos pobres, a quem dá roupa, lenha no inverno e trabalho no verão? Sua grande fortuna é um empréstimo, que é preciso restituir, tal como a senhorita santamente a aceitou. Encerrar-se num convento seria egoísmo. Quanto a ficar solteira, não deve fazê-lo. Em primeiro lugar, poderia gerir sozinha

sua imensa fortuna? Talvez viesse a perdê-la. Terá que enfrentar mil demandas e encontrará tremendas dificuldades. Creia no seu confessor. Um esposo lhe será útil. Deve conservar o que Deus lhe deu. Falo-lhe como a uma ovelha querida. A senhorita ama muito sinceramente a Deus para que não se possa salvar no meio do mundo, do qual é um dos mais belos ornamentos e ao qual dá santos exemplos.

Nesse momento, a sra. des Grassins se fez anunciar. Vinha arrastada pelo desejo de vingança e por um grande desespero.

— Senhorita... — disse ela. — Ah, o senhor cura está aqui! Calo-me. Vinha falar-lhe de negócios e vejo que está numa conferência importante.

— Senhora — disse o cura —, deixo-lhe o campo livre.

— Oh, senhor cura — disse Eugênia —, volte logo, preciso muito do seu auxílio neste momento.

— É isso mesmo, minha pobre filha — disse a sra. des Grassins.

— Que quer dizer com isso? — perguntaram a srta. Grandet e o cura.

— Ainda não sabe do regresso de seu primo e de seu casamento com a srta. d'Aubrion...? As mulheres estão sempre atrasadas...

Eugênia corou e ficou muda. Tomara, porém, a resolução de afetar para o futuro o aspecto impassível que seu pai soubera adotar.

— É verdade, senhora — respondeu com ironia —, estou atrasada, sem dúvida. Não sei de nada. Fale, pode falar diante do senhor cura; sabe que ele é o meu confessor.

— Pois bem, senhorita. Eis o que Des Grassins me escreve. Leia.

Eugênia leu a seguinte carta:

Minha querida mulher. Carlos Grandet chegou das Índias. Está em Paris há um mês...

“Um mês!”, pensou Eugênia, deixando tombar a mão. Após uma pausa, continuou a ler.

... Tive de ir duas vezes procurá-lo, para poder falar com esse futuro conde d’Aubrion. Embora Paris inteira fale de seu casamento e os editais já tenham sido publicados...

“Talvez estivesse escrevendo para mim no momento em que...”, disse Eugênia para si mesma.

Não concluiu. Não exclamou, como uma parisiense: “O patife!”. Mas, por não ter sido expresso, não foi menos completo o seu desprezo.

... esse casamento está longe de se realizar. O marquês d’Aubrion não dará a filha ao filho de um bancarroteiro. Acabo de lhe comunicar os cuidados que o seu tio e eu tivemos com os negócios de seu pai e as hábeis manobras pelas quais conseguimos manter os credores em silêncio até hoje. Esse pequeno impertinente teve a coragem de me responder, a mim que, durante cinco anos, me tenho devotado noite e dia aos seus interesses e à sua honra, “que nada tinha a ver com os negócios do pai”! Um advogado teria o direito de lhe exigir trinta a quarenta mil francos de honorários, correspondentes a um por cento sobre o total dos créditos. Mas paciência. As dívidas atingem legitimamente a um milhão e duzentos mil francos e vou fazer declarar o seu pai em falência. Meti-me nesse negócio confiado na palavra desse velho crocodilo Grandet e fiz promessas em nome da família. Se o sr. conde d’Aubrion pouco se importa com a sua honra, a minha me interessa muito. Explicarei aos credores a minha posição em tudo isso. Tenho, entretanto,

muito respeito pela srta. Eugênia, com quem, em tempos mais felizes, havíamos pensado em realizar uma aliança, e por isso não quero agir sem que lhe tenhas falado deste negócio...

Nesse ponto, Eugênia devolveu friamente a carta sem a terminar.

— Agradeço-lhe — disse à sra. des Grassins —, *veremos isso...*

— Neste momento, a senhorita fala exatamente como o seu falecido pai — disse a sra. des Grassins.

— A senhora nos deve oito mil e cem francos-ouro — disse-lhe Nanon.

— É verdade. Faça o obséquio de me acompanhar, sra. Cornoiller.

— Senhor cura — disse Eugênia com um nobre sangue-frio que lhe comunicava a ideia do que ia exprimir —, será pecado permanecer em estado de virgindade durante o casamento?

— Isto é um caso de consciência, cuja solução desconheço. Se quiser saber o que pensa o célebre Sánchez em sua suma *De matrimonio*,[\[202\]](#) amanhã lho direi.

O cura saiu. A srta. Grandet subiu ao gabinete do pai e passou a tarde sozinha, sem querer descer à hora do jantar, apesar da insistência de Nanon. Apareceu somente à noite, quando os frequentadores da casa chegaram. Nunca o salão dos Grandet havia estado tão cheio como naquela noite. A notícia do regresso e da estúpida traição de Carlos se havia espalhado pela cidade inteira. Por mais aguçada, porém, que estivesse a curiosidade dos visitantes, não foi satisfeita. Eugênia, cautelosamente, não deixou transparecer em seu rosto calmo nenhuma das cruéis emoções que a agitavam. Respondeu com uma fisionomia risonha aos que desejavam testemunhar-lhe interesse por olhares e palavras melancólicas. Soube, enfim, ocultar o desgosto sob o véu da polidez. Pelas nove

horas, terminadas as partidas de cartas, os jogadores deixaram as mesas, acertaram as contas e foram juntar-se aos que palestravam, discutindo as últimas paradas de uíste. No momento em que as visitas se levantaram para sair, ocorreu um lance teatral que repercutiu em toda a cidade de Saumur, na vizinhança e nas quatro prefeituras das redondezas.

— Fique, senhor presidente — disse Eugênia ao sr. de Bonfons, ao vê-lo apanhar a bengala.

Ninguém, na numerosa assembleia, pôde deixar de ficar surpreso com tais palavras. O presidente empalideceu e foi obrigado a se sentar.

— Ao presidente, os milhões — disse a srta. de Gribeaucourt.

— É claro, o presidente de Bonfons vai se casar com a srta. Grandet — exclamou a sra. d'Orsonval.

— Eis a melhor parada da noite — disse o padre.

— É um belo *schleem* [203] — disse o tabelião.

Cada qual fez um comentário, um trocadilho. Todos viam a herdeira colocada sobre seus milhões, como sobre um pedestal. O drama começado havia nove anos chegava ao seu desfecho. Pedir ao presidente, diante de Saumur inteira, que ficasse, não era anunciar que desejava fazer dele o seu marido? Nas pequenas cidades, as conveniências são observadas tão severamente que uma infração desse gênero constitui a mais solene das promessas.

— Senhor presidente — disse-lhe Eugênia com uma voz cheia de emoção, quando ficaram a sós —, sei o que lhe agrada em mim. Jure que me deixará livre durante toda a minha vida, que não exigirá nenhum dos direitos que o casamento lhe conferirá sobre minha pessoa, e a minha mão será sua. Oh — exclamou, ao vê-lo atirar-se de

joelhos —, ainda não disse tudo. Não devo enganá-lo. Tenho no coração um sentimento imperecível. A amizade será o único sentimento que poderei ter para com o meu marido. Não quero ofendê-lo nem violar as leis do meu coração. O senhor, porém, só possuirá minha mão e minha fortuna ao preço de um imenso serviço.

— Estou disposto a tudo — disse o presidente.

— Aqui tem um milhão e quinhentos mil francos, senhor presidente — disse ela tirando do seio um recibo de cem ações do Banco da França. — Parta para Paris. Não amanhã, nem esta noite, mas agora mesmo. Vá à casa do sr. des Grassins, peça-lhe o nome de todos os credores de meu tio, reúna-os e pague tudo quanto sua sucessão possa dever, capital e juro de cinco por cento, desde o dia da dívida até o do reembolso. Trate, enfim, de obter uma quitação completa e registrada em cartório, com todas as formalidades. O senhor é magistrado. Fio-me inteiramente no senhor neste negócio. O senhor é um homem leal e um cavalheiro. Confiarei na sua palavra para atravessar os perigos da vida ao abrigo de seu nome. Teremos, um para o outro, uma indulgência mútua. Conhecemo-nos há muito tempo. Somos quase parentes. O senhor, por certo, não quererá tornar-me infeliz.

O presidente caiu aos pés da rica herdeira, palpitando de alegria e de angústia.

— Serei seu escravo! — disse.

— Quando tiver a quitação — continuou ela, lançando-lhe um olhar frio —, o senhor a levará, com todos os títulos, a meu primo Grandet e lhe entregará esta carta. Quando o senhor voltar, cumprirei a minha palavra.

O presidente compreendeu que devia a mão da srta. Grandet a um despeito amoroso. Assim, apressou-se a executar suas ordens com a maior rapidez, a fim de que não se verificasse nenhuma reconciliação entre os dois namorados.

Quando o sr. de Bonfons partiu, Eugênia caiu sobre a poltrona e se desfez em lágrimas. Tudo estava consumado.

O presidente tomou a diligência e chegou a Paris na noite seguinte. E na manhã do outro dia foi à casa de Des Grassins. O magistrado convocou os credores para uma reunião no cartório do tabelião onde estavam depositados os títulos. Nenhum faltou à chamada. Embora fossem credores, é preciso fazer-lhes justiça: foram exatos. Ali, o presidente, em nome da srta. Grandet, lhes pagou o capital e os juros devidos. O pagamento dos juros foi, para o comércio parisiense, um dos acontecimentos mais sensacionais da época. Quando a quitação foi registrada e Des Grassins pago de seus trabalhos com a importância de cinquenta mil francos que Eugênia lhe havia abonado, o presidente dirigiu-se ao palacete d'Aubrion. Ali, encontrou Carlos no momento em que entrava em seu apartamento, atormentado pelo sogro. O velho marquês acabava de lhe declarar que sua filha não lhe pertenceria enquanto não fossem pagos todos os credores de Guilherme Grandet.

Antes de qualquer explicação, o presidente lhe entregou a carta seguinte:

Meu primo. O senhor presidente de Bonfons está encarregado de lhe fazer a entrega da quitação de todas as quantias devidas por meu tio e de um documento pelo qual declaro ter recebido de você tais importâncias. Haviam me falado em falência! Pensei que o filho de um falido talvez não pudesse desposar a srta. d'Aubrion. Sim, meu primo, você julgou acertadamente meu

espírito e minhas maneiras. Não tenho experiência do mundo, não conheço seus cálculos nem seus costumes, nem poderia proporcionar-lhe os prazeres que você quer encontrar nele. Seja feliz, segundo as convenções sociais, às quais você sacrifica nossos primeiros amores. Para tornar completa a sua felicidade, nada mais posso fazer senão oferecer-lhe a honra de seu pai. Adeus. Você terá sempre uma fiel amiga em sua prima

eugênia

O presidente sorriu da exclamação que o ambicioso não pôde reprimir ao receber o documento autêntico.

— Nós nos participaremos reciprocamente nossos casamentos — disse-lhe.

— Como assim? Vai se casar com Eugênia? Muito bem, alegro-me com isso, é uma excelente moça. Mas — acrescentou, iluminado subitamente por uma reflexão — então ela é rica?

— Há quatro dias — respondeu o presidente com um ar brincalhão — ela possuía cerca de dezenove milhões. Hoje, porém, tem apenas dezessete.

Carlos fitou o presidente com um ar de estupefação.

— Dezessete... mil...

— Dezessete milhões, sim, senhor. Reuniremos, a srta. Grandet e eu, setecentos e cinquenta mil francos de renda, ao nos casarmos.

— Meu caro primo — disse Carlos, sentindo-se um pouco mais seguro —, poderemos nos auxiliar mutuamente.

— Pois não — disse o presidente. — Trouxe ainda uma pequena caixa que devo lhe entregar em mãos — acrescentou, colocando sobre uma mesa a caixa contendo o estojo de viagem.

— Olhe, meu caro — disse a sra. marquesa d'Aubrion, entrando sem prestar atenção a Cruchot —, não leve em consideração o que lhe

disse esse pobre sr. d'Aubrion, a quem a duquesa de Chaulieu[204] acaba de virar a cabeça. Repito que nada impedirá o seu casamento...

— Nada — respondeu Carlos. — Os três milhões que meu pai devia foram pagos ontem.

— Em dinheiro? — perguntou ela.

— Integralmente, capital e juros. Vou reabilitar a memória de meu pai.

— Que asneira! — exclamou a sogra. — Quem é esse senhor? — perguntou ao ouvido de Carlos, ao perceber Cruchot.

— Meu agente — respondeu-lhe em voz baixa.

A marquesa cumprimentou desdenhosamente o sr. de Bonfons e saiu.

— Já nos auxiliamos — disse o presidente apanhando o chapéu. — Adeus, primo.

— Esse papagaio de Saumur está zombando de mim. Tenho vontade de meter-lhe três polegadas de ferro na barriga.

O presidente havia partido. Três dias depois, o sr. de Bonfons, de volta a Saumur, anunciou o seu casamento com Eugênia. Decorridos seis meses, foi nomeado conselheiro da Corte Real de Angers. Antes de deixar Saumur, Eugênia mandou fundir o ouro daquelas joias que durante tanto tempo haviam sido preciosas a seu coração e o empregou, assim como os oito mil francos do primo, num ostensório de ouro, que presenteou à igreja onde tanto havia rezado a Deus por *ele*! Ela dividia seu tempo entre Angers e Saumur. Seu marido, tendo revelado dedicação numa circunstância política, tornou-se presidente da Câmara e, finalmente, primeiro presidente ao fim de alguns anos. Esperava impacientemente a reeleição geral, a fim de

conseguir uma cadeira na Câmara. Cobiçava, já, um pariato, e então...

— Então, o rei será seu primo? — perguntava Nanon, a grande Nanon, sra. Cornoiller, burguesa de Saumur, a quem a patroa comunicava as grandezas às quais era chamada.

O presidente de Bonfons (havia afinal abolido o nome patronímico de Cruchot) não chegou, entretanto, a realizar nenhuma de suas ambiciosas ideias. Morreu oito dias após ter sido nomeado deputado de Saumur. Deus, que tudo vê e nunca fere em falso, o punia, sem dúvida, por seus cálculos interesseiros e pela habilidade jurídica com que havia redigido, por sugestão de Cruchot, seu contrato de casamento. Por esse documento, os dois futuros esposos doavam um ao outro, no caso de não terem filhos, a totalidade de seus bens, móveis e imóveis, sem nada excetuar nem reservar, em inteiro domínio, dispensando-se mesmo da formalidade do inventário, sem que a omissão do referido inventário possa prejudicar a seus herdeiros ou sucessores, entendendo-se que dita doação seja etc. Esta cláusula explica o profundo respeito que o presidente mostrou sempre pelo desejo de solidão da sra. de Bonfons. As mulheres citavam o senhor primeiro presidente como um dos homens mais delicados, lastimavam-no e muitas vezes chegavam até a acusar a dor, a paixão de Eugênia. E o faziam pela maneira como sabem acusar uma mulher, com as mais cruéis alusões.

— A senhora presidente de Bonfons deve sofrer muito, para deixar o marido sozinho. Pobre mulherzinha! Ficaré boa logo? Que tem ela, afinal? Gastrite? Câncer? Por que não consulta os médicos? Há algum tempo está se tornando amarela. Devia ir consultar as

celebridades de Paris. Como poderá ela não desejar um filho? Diz-se que ama muito o marido. Por que não lhe dá um herdeiro, na posição social em que está? Sabem como isso é horrível. E se for por um capricho, é muito condenável. Pobre presidente!

Dotada desse fino tato que o solitário exerce por suas perpétuas meditações e pela argúcia singular com que percebe as coisas que caem em sua esfera, Eugênia, habituada pela desgraça e por sua educação final a tudo adivinhar, sabia que o presidente desejava sua morte. Com isso ele entraria na posse dessa imensa fortuna, aumentada pelas heranças de seu tio tabelião e de seu tio padre, que Deus teve a fantasia de chamar a Si. A pobre reclusa compadecia-se do presidente. A Providência a vingou dos cálculos e da infame indiferença dum esposo que respeitava, como a mais forte das garantias, a paixão sem esperança de que se nutria Eugênia. O nascimento de um filho não mataria as esperanças do egoísmo, as alegrias da ambição acariciadas pelo presidente? Deus lançou, portanto, montes de ouro à sua prisioneira, para quem o ouro era indiferente e que só aspirava ao céu, que vivia piedosa e boa, em santos pensamentos, e que incessantemente socorria em segredo os necessitados.

A sra. de Bonfons enviuvou aos trinta e três anos, com oitocentas mil libras de renda, bela ainda, mas com a beleza de uma mulher de quase quarenta anos. Seu rosto é pálido, repousado, calmo. Sua voz é doce e velada, suas maneiras são simples. Possui todas as nobrezas da dor, a santidade de uma pessoa que não enxovalhou a alma em contato com o mundo, mas, também, a dureza da solteirona e os hábitos mesquinhos adquiridos na estreita vida de província. Apesar das suas oitocentas mil libras de renda, vive como vivera a pobre

Eugênia Grandet. Não acende o fogo no quarto senão nos dias em que seu pai permitia que o acendessem na sala, e apaga-o de acordo com o programa em vigor na sua mocidade. Está sempre vestida como se vestia a mãe. A casa de Saumur, casa sem sol, sem calor, sempre sombria, melancólica, é a imagem da sua vida. Acumula cuidadosamente suas rendas e talvez parecesse avarenta se não desmentisse a maledicência por um nobre emprego de sua fortuna. Piedosas e caridosas fundações, um asilo para a velhice e escolas cristãs para as crianças, uma biblioteca pública ricamente dotada depõem contra a avareza que certas pessoas lhe censuram. As igrejas de Saumur lhe devem alguns embelezamentos. A sra. de Bonfons, que, por gracejo, chamam de senhorita, inspira em geral um respeito religioso. Esse nobre coração, que não bate senão para os sentimentos mais ternos, devia ser, pois, sujeito aos cálculos do interesse humano. O dinheiro devia comunicar as suas cores frias a essa vida celeste e inspirar a desconfiança contra os sentimentos a uma mulher que era toda sentimento.

— És a única pessoa que me ama — dizia a Nanon.

A mão dessa mulher pensa as chagas secretas de todas as famílias. Eugênia encaminha-se para o céu, acompanhada de um cortejo de benefícios. A grandeza de sua alma abranda as mesquinhezas de sua educação e os costumes de sua vida antiga. Tal é a história dessa mulher, alheia ao mundo no meio do mundo; e que, feita para ser uma excelente esposa e mãe, não tem marido, nem filhos, nem família.

Há alguns dias, fala-se num novo casamento para Eugênia. O noivo seria o marquês de Froidfond, cuja família começa a cercar a rica viúva, como outrora fizeram os Cruchot. Dizem que Nanon e

Cornoiller auxiliam as pretensões do marquês. Nada é mais falso do que isso. Nem a grande Nanon nem Cornoiller têm inteligência suficiente para compreender as corrupções do mundo.

Paris, setembro de 1833

**OS CELIBATÁRIOS:
PIERRETTE**

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

Parte do ano de 1830 Balzac consagrou-a ao caso Peytel. No meio de suas dificuldades financeiras, de seus trabalhos exaustivos, de suas lutas com os editores, o escritor encontrou tempo para tomar a defesa, com todo o entusiasmo de que era capaz (e não era pouco), de um conhecido seu, um tabelião chamado Peytel, acusado de ter assassinado a própria mulher e um criado. Intervenções junto aos magistrados, viagens para coligir provas e uma grande campanha para alertar a opinião pública, nada Balzac poupou — e que o caso não lhe tenha granjeado a glória de paladino que valera a Voltaire o caso Calas ou valeria a Zola o caso Dreyfus deve-se apenas à circunstância de que Peytel foi definitivamente julgado criminoso e teve a cabeça cortada por duplo homicídio.

É às decepções desse processo que o escritor alude ao anunciar à sua amiga condessa Hanska o seu novo livro, *Pierrette*, “uma pérola suada no meio de minhas dores”. Haverá no pequeno romance algum reflexo do sombrio drama judiciário cuja solução o preocupara tanto? Talvez. Seja como for, o assunto de *Pierrette* é também um crime e, ao mesmo tempo, uma dessas injustiças horríveis que enchem de remorso a quem simplesmente as ouve. E o autor não esconde o seu ceticismo total em relação à justiça terrestre; pelo

contrário, afirma que a legalidade, com o grande número de casos omissos não previstos no Código, constitui verdadeira provocação ao crime.

Depois de publicado o romance também em livro (quase todas as obras de Balzac saíam primeiro em folhetim), voltará a falar nele em outra carta à condessa Hanska com aquela falta de modéstia que o caracterizava: “*Pierrette é um diamante*”.

E é mesmo. Que uma história tão empolgante, tão tristemente humana, tenha ficado quase desconhecida, só se explica pelo grande número de obras-primas de maior fôlego escritas pelo próprio Balzac.

Os protagonistas que ele reúne no estreito cenário provinciano são escrituras espantosas. Os Rogron, Vinet, Gouraud, eis os monstros do primeiro plano. No fundo, um círculo de intrigas, de maledicências, de alfinetadas completa o quadro da província.

Os Rogron, além de serem representantes de pequeno comércio mais estúpido, mecânico e entorpecente, são também celibatários “que roubam a civilização sem nada lhe dar em troca” (do prefácio da primeira edição). Ao ódio que o romancista sentia pela pequena burguesia junta-se aquele que lhe inspiravam os celibatários (menos compreensível, pois ele mesmo o era ao escrever o livro e o ficaria, praticamente, toda a sua vida). Balzac pinta magistralmente a existência artificial do casal de irmãos, os esforços que desenvolvem para encher o vazio de sua vida, a necessidade que têm de uma vítima para tiranizar.

Essa vítima é Pierrette. Sem nada compreender, a mocinha deixa-se mergulhar nesse abismo de ódio que não tarda a matá-la. Nada suspeita dos sentimentos e ressentimentos absurdos que provoca

nem dos interesses inconfessáveis que se chocam na sua pobre pessoa.

O mais terrível, porém, não é o holocausto de Pierrette, nem a impunidade total que cabe a seus algozes. É a maneira por que esse drama obscuro se transforma, entre as mãos dos advogados, num caso, em diligências, audiências, oposições, acusações, réplicas, mero assunto de chicana enfim.

Balzac previra as acusações de imoralidade que lhe faria a crítica contemporânea, incapaz de compreender o alcance de sua obra, e, como já fizera no caso de *O pai Goriot*, precedeu o livro de um prefácio eloquente, em que se defende com forte sarcasmo contra prováveis censuras. “Sabeis em que consiste a nossa imoralidade, a nossa profunda corrupção? Em tornar sedutoras as faltas, em desculpá-las! Muito bem, mas, se não houvesse nas faltas imensa sedução, seriam cometidas? Por outro lado, se não houvesse vícios, haveria virtudes?”

Ninguém hoje pensaria em levantar, a propósito de *Pierrette*, a questão de saber se a obra é moral ou imoral. Mas quem lhe conhece a gênese topa com outro problema.

Numa carta à condessa Hanska o autor escreveu: “Terei, daqui a alguns dias, uma deliciosa historinha para Ana”. Ana era a filha da condessa e tinha então catorze anos. A “historinha” era *Pierrette*, mas que nada tem de delicioso. É a obra mais amarga de um homem desiludido dos homens e da justiça humana. A contradição talvez se explique pelo fato de a novela ter-se transformado durante a redação, assumindo cores trágicas, mas Balzac já a tinha prometido à amante e não encontrava jeito para retirar a promessa. O leitor sente como no decorrer da ação a antipatia do autor pelos irmãos Rogron vai

num crescendo. Eles são representantes típicos da moral de merceeiro, cuja incultura e insensibilidade, em busca de uma vítima, nada pressagia de bom. Até a descrição minuciosa do seu interior, feita com ironia feroz por uma desafeta, faz prever que a sua toleima há de se transformar em crueldade depois do encontro da vítima procurada. (Vá alguém dizer que as descrições de Balzac são inúteis!)

O balzaquista Pierre Citron (na introdução da edição Garnier-Flammarion da novela) assinala como seria fácil a Balzac dar um fim feliz à história, aproveitando a restituição à avó de Pierrette da surripiada fortuna familiar; mas um desfecho menos trágico diminuiria a desumanidade dos Rogron, que Balzac, nessa altura, já considera seus inimigos pessoais. A desastrada intervenção da justiça, mesmo depois da morte de Pierrette, só faz ressaltar a impunidade dos algozes e a crueldade do destino. Por isso mesmo sentimos ao longo da narrativa o sopro glacial de um pessimismo profundo. O autor tenta atenuar essa impressão pelo único contra-argumento possível: o da existência de Deus, a que ele se apega com o visível desespero de alguém incapaz de suportar a ideia de que tudo acaba neste mundo onde tudo acaba tão mal.

Pierrette devia figurar no ciclo dos *Parentes pobres*, que inclui *O primo Pons* e *A prima Bette*, ao qual estava ligado pelo assunto. Mas, como estas duas histórias se enquadravam nas *Cenas da vida parisiense*, incluiu-a Balzac em outro ciclo, *Os celibatários*, que faz parte das *Cenas da vida provinciana*. A colocação neste segundo ciclo põe mais em relevo a figura dos carrascos; com a inclusão no primeiro, avultava mais a silhueta da vítima.

paulo rónai

OS CELIBATÁRIOS:

PRIMEIRA HISTÓRIA – PIERRETTE

à srta. ana de hanska[205]

Querida menina — alegria duma casa inteira e cuja pelerine branca ou rosa esvoaça no verão entre o arvoredado de Wierzchownia,[206] como um fogo-fátuo que os pais acompanham com o olhar enternecido —, como poderei dedicar-lhe uma história cheia de melancolia? Será necessário narrar-lhe desgraças que uma moça adorada como você nunca há de conhecer? Sim, porque suas belas mãos poderão um dia consolá-las. É tão difícil, Ana, encontrar na história de nossos costumes uma aventura digna de passar sob seus olhos, que o autor não teve o que escolher. É possível, porém, que fique sabendo o quanto é feliz ao ler esta que lhe envia

*Seu velho amigo
de balzac*

I – PIERRETTE LORRAIN

Em outubro de 1827, ao alvorecer, um rapaz de cerca de dezesseis anos, cuja aparência denunciava o que a fraseologia moderna denomina tão insolentemente um proletário,[207] deteve-se numa

pracinha que existe na parte baixa de Provins. Àquela hora, pôde examinar, sem ser observado, as diferentes casas que se erguem na praça, que forma um longo quadrilátero. Os moinhos das margens de Provins já estavam funcionando. Seu ruído, repetido pelos ecos da cidade alta, em harmonia com o ar límpido e as pomposas claridades da manhã, fazia ressaltar a profundidade do silêncio, que permitia ouvir o rodar duma diligência, a uma légua de distância, na estrada real.

As duas mais longas filas de casas, separadas por um dossel de tílias, mostram edificações singelas nas quais transparece a existência pacífica e definida dos burgueses. Nesse trecho não há o menor indício de comércio. Veem-se ali, apenas, os luxuosos portões das casas ricas! Raramente, porém, eles giram sobre os gonzos, exceto o do sr. Martener, um médico obrigado a possuir um cabriolé e a usá-lo. Algumas fachadas apareciam ornadas duma guia de videira, outras de roseiras de longo caule que sobem até o primeiro andar, onde as flores perfumam as janelas com seus tufo ralos. Uma extremidade dessa praça vai até quase a rua principal da cidade baixa. A outra extremidade é delimitada por uma rua paralela à principal e cujos jardins se desdobram por um dos dois riachos que regam o vale de Provins.

Nessa extremidade, a mais sossegada da praça, o jovem operário reconheceu a casa que lhe haviam indicado: uma fachada de pedra branca, listrada de linhas profundas para fingir carreiras, cujas janelas guarnecidas de estreitas grades de ferro, decoradas com rosáceas amarelas, são fechadas por persianas cinzentas. Por cima dessa fachada, que abrange um pavimento térreo e um primeiro andar, aparecem três claraboias de mansarda num teto coberto de

ardósias, num de cujos pinhões gira um cata-vento novo. Esse moderno cata-vento representa um caçador em posição de alvejar uma lebre. Sobe-se à porta bastarda por três degraus de pedra. Dum lado da porta, a extremidade dum cano de chumbo dá escoamento às águas servidas para uma pequena sanja e anuncia a cozinha. Do outro lado, duas janelas, cuidadosamente fechadas por postigos cinzentos nos quais dois corações partidos deixam passar um pouco de luz, pareceram-lhe ser as da sala de refeições. Sob as janelas veem-se os respiradouros do porão, fechados por portinhas de folha pintada e recortada em pretensiosos desenhos. Tudo, então, era novo. Naquela casa reformada, cujo luxo ainda fresco contrastava com a vetusta aparência das outras, um observador teria imediatamente percebido as ideias mesquinhas e a perfeita satisfação do pequeno comerciante aposentado. O rapaz examinou esses detalhes com uma expressão de prazer misturado a tristeza: seus olhos corriam da cozinha às mansardas numa atitude que denotava uma deliberação. Os rosados raios do sol mostraram numa das janelas das águas-furtadas uma cortina de algodão que faltava nas demais. A fisionomia do rapaz tornou-se, então, completamente alegre. Recuou alguns passos, encostou-se a um pé de tília e cantou, no tom arrastado peculiar à gente do Oeste, essa canção bretã publicada por Bruguère, um compositor a quem devemos encantadoras melodias. Na Bretanha, os rapazes das aldeias cantam esses versos às esposas no dia do casamento.

Um feliz casamento desejamos,
Risonho e venturoso
A si e a seu esposo.

Senhora esposa, acabam de prendê-la
Num laço de ouro, forte,
Sagrado até a morte.

Não irá mais a bailes nem a festas.
Enquanto formos lá
Em casa ficará.

Compreende bem quanto terá de ser
Fiel a seu marido
Que deve ser querido?

Aceite as flores que hoje lhe ofereço.
Ai! Seus vãos esplendores
Murcharão como as flores.

Essa música[208] nacional, tão deliciosa como a adaptada por Chateaubriand à *Minha irmã, lembra-te ainda*, [209] cantada no meio duma cidadezinha da Brie campesina, devia ser para uma bretã objeto de imperiosas recordações, tão fielmente descreve os costumes, a bonomia e os lugares daquela antiga e nobre região. Reina ali uma certa melancolia causada pelo aspecto da vida real, que comove profundamente. Esse poder de despertar um mundo de coisas graves, doces e tristes por meio dum ritmo familiar e muitas vezes alegre é a característica dessas canções populares que são as superstições da música, se se quiser aceitar a expressão “superstição” como significando tudo quanto resta após a ruína dos povos e escapa às suas revoluções.

Ao terminar a primeira estrofe, o operário, que não cessava de olhar para a cortina da mansarda, não percebeu nenhum movimento. Enquanto cantava a segunda, a fazenda agitou-se. Quando cantou as palavras: “Aceite as flores”, apareceu o rosto duma moça. Uma mão branca abriu cautelosamente a janela e a moça cumprimentou com um aceno de cabeça o viajante, no momento em que ele concluía o pensamento triste expresso por estes dois versos tão simples:

Ai! Seus vãos esplendores
Murcharão como as flores.

Imediatamente o operário tirou de sob as vestes e mostrou à jovem uma flor amarelo-dourada muito comum na Bretanha e que certamente achara na planície da Brie, onde é rara, a flor do junco-da-provença.

— É você, Brigaut? — perguntou a moça em voz baixa.

— Sim, Pierrette, sou eu. Estou em Paris, ando fazendo um giro pela França. Mas sou capaz de ficar morando neste lugar, já que estás aqui.

Nesse momento, o fecho duma janela rangiu no quarto do primeiro andar, sob a de Pierrette. A bretã manifestou o mais vivo temor e disse a Brigaut: “Fuja!”. O operário correu como uma rã assustada para a curva que, para contornar um moinho, faz aquela rua que desemboca na principal, a artéria da cidade baixa. Apesar da sua rapidez, porém, seus sapatos ferrados ressoaram sobre o calçamento de Provins, produziram um som fácil de distinguir da música do moinho e que foi ouvido pela pessoa que abrira a janela.

Essa pessoa era uma mulher. Homem algum se deixa arrancar às doçuras do sono matinal para escutar um trovador. Só a uma moça

solteira uma canção de amor pode despertar. Assim, essa criatura era uma moça solteira, e uma solteirona. Depois de abrir as persianas com um gesto de morcego, olhou em todas as direções e ouviu apenas vagamente os passos de Brigaut que fugia. Haverá alguma coisa mais horrível que a aparição matinal duma solteirona feia à janela? De todos os espetáculos grotescos que divertem os viajantes em sua travessia pelas pequenas cidades, não é esse o mais desagradável? É demasiado triste e repugnante para que se ria dele. E essa solteirona, de ouvido tão alerta, apareceu despojada dos artifícios de toda a espécie que usava para embelezar-se: não trazia os cabelos postiços nem a gola de renda. Estava com esse horrível saquinho de tafetá preto com que as solteironas envolvem o occipital e que aparecia por baixo da touca de dormir, levantada pelos movimentos do sono. Esse desarranjo dava àquela cabeça a expressão ameaçadora que os pintores emprestam às bruxas. As têmporas, as orelhas e a nuca, insuficientemente cobertas, deixavam ver a pele seca e árida. As rugas rígidas caracterizavam-se por tons avermelhados pouco agradáveis à vista e que faziam ressaltar ainda mais a cor quase branca da camisola amarrada ao pescoço por cordões enfiados em ilhoses. Os orifícios da camisola entreaberta mostravam um busto comparável ao duma velha camponesa pouco preocupada com sua fealdade. O braço descarnado dava a impressão dum pedaço de pau coberto com um pano. Vista à janela, essa senhorita parecia grande em virtude da energia e do comprimento do rosto, que recordava a incrível amplitude de certas gravuras suíças. Sua fisionomia, cujos traços pecavam por falta de harmonia, tinha como característica principal uma rigidez de linhas, uma aspereza de tons e uma insensibilidade que teria desgostado um fisionomista.

Essas expressões então visíveis modificavam-se habitualmente por uma espécie de sorriso comercial, por uma estupidez burguesa que fingia tão bem a bonomia que as pessoas com quem essa senhorita convivia podiam muito bem tomá-la por uma boa pessoa. A casa pertencia-lhe em indiviso com o irmão. Este dormia tão tranquilamente em seu quarto que nem a orquestra da Ópera o teria acordado; e como se sabe, o diapasão dessa orquestra é famoso! A velha senhorita meteu a cabeça pela janela, ergueu para a mansarda os olhinhos dum azul-pálido e amortecido com pestanas curtas, implantadas em rebordos quase sempre edemaciados; tentou ver Pierrette. Mas, após reconhecer a inutilidade de sua manobra, recuou a cabeça para dentro do quarto com um gesto semelhante ao dum tartaruga que esconde a cabeça após tê-la posto para fora da carapaça. As persianas fecharam-se e o silêncio da praça não foi mais perturbado senão pelos camponeses que chegavam ou por pessoas madrugadoras. Nas casas em que há uma solteirona, os cães de guarda são inúteis: nada acontece ali que ela não veja ou comente, deduzindo todas as consequências possíveis. Assim, essa circunstância ia dar curso a graves suposições e iniciar um desses dramas obscuros que, por permanecerem secretos, não são menos terríveis, se permitirdes aplicar o nome de drama a essa cena interior.

Pierrette não tornou a deitar-se. Para ela, a chegada de Brigaut era um acontecimento extraordinário. Durante a noite, esse Éden dos infelizes, ela se sentia livre dos aborrecimentos e dos tormentos que tinha de suportar durante o dia. À semelhança dos heróis de não sei que balada alemã ou russa, o sono parecia-lhe uma vida feliz e o dia um mau sonho. Depois de três anos, esse fora o primeiro

despertar agradável que tivera. As recordações da infância haviam entoado melodiosamente poesias em sua alma. A primeira estrofe, ouvira-a em sonho. A segunda despertou-a em sobressalto, e a terceira deixara-a na dúvida: os infelizes são da escola de são Tomé. À quarta estrofe, chegando descalça e em camisão à janela, reconheceu Brigaut, seu amigo de infância. Sim! Era o mesmo casaco quadrado de abas curtas bruscamente cortadas e cujos bolsos se movem à altura dos rins, o casaco de tecido azul clássico na Bretanha, o colete de algodão grosseiro, a camisa de algodão abotoada com um coração dourado, o grande colarinho revirado, os brincos, as calças de pano cru irregularmente desbotado, enfim, todas essas coisas humildes e resistentes que constituem o traje dum pobre bretão. Os grandes botões brancos de chifre do colete e do casaco fizeram palpitar o coração de Pierrette. Ao ver o ramo de junco, seus olhos umedeceram-se de pranto. Depois, um horrível terror esmagou em sua alma as flores da recordação momentaneamente desabrochadas. Pensou que a prima podia tê-la ouvido levantar-se e encaminhar-se para a janela. Pressentiu a solteirona e fez a Brigaut aquele gesto de pavor a que o pobre bretão se apressara a obedecer sem nada compreender. Não retrata, essa instintiva submissão, uma dessas afeições inocentes e absolutas que surgem de século em século nesta terra, onde florescem como o aloés na Isola Bella,[\[210\]](#) duas ou três vezes em cem anos? Quem visse Brigaut fugindo teria apreciado o mais sincero heroísmo do mais sincero sentimento. Jacques Brigaut era digno de Pierrette Lorrain, que completara catorze anos: duas crianças! Pierrette não pôde evitar de chorar ao vê-lo partir com o pavor que seu gesto lhe comunicara. Depois, foi sentar-se numa velha poltrona, diante da

qual havia uma mesa encimada por um espelho. Com os cotovelos fincados na mesa e a cabeça entre as mãos, permaneceu pensativa durante uma hora, rememorando o Marais, o povoado de Pen-Hoël, [211] as perigosas viagens empreendidas pelo lago num barco que o pequeno Jacques desamarrava dum velho salgueiro para ela; depois, os rostos envelhecidos da avó, do avô, a cabeça sofredora da mãe e a bela fisionomia do major Brigaut, enfim, toda uma infância sem preocupações! Isso foi ainda um sonho: luminosas alegrias sobre o fundo escuro.

Pierrette estava com os belos cabelos em desordem sob uma touquinha amarrotada durante o sono, uma touquinha de percal pregueado que ela mesma fizera. De cada lado das têmporas caíam cachos soltos dos papelotes de papel pardo. Sobre as costas caía uma grande trança achatada. A alvura excessiva do rosto denunciava uma dessas horríveis enfermidades de mocinhas, a que a medicina deu o gracioso nome de *clorose* e que priva o corpo de suas cores naturais, perturba o apetite e atesta grandes alterações no organismo. Esse tom de cera existia em todo o corpo. O pescoço e as espáduas explicavam, por sua palidez de planta estiolada, a magreza dos braços projetados para diante e cruzados. Os pés de Pierrette pareciam amolecidos, atrofiados pela doença. Sua camisola descia apenas até a metade das pernas e deixava ver tendões fatigados, veias azuladas e uma carnação debilitada. O frio dava a seus lábios uma bela coloração violácea. A um sorriso triste que lhe entreabriu a boca também delgada apareceram dentes dum fino marfim e de formato miúdo, belos dentes transparentes que se harmonizavam com as orelhas finas, o nariz um pouco pontudo, mas bonito, com o perfil que apesar de arredondado era delicado. Toda a animação desse

rosto encantador encontrava-se nos olhos cuja íris, cor de tabaco da Espanha e pontilhada de negro, brilhava com reflexos dourados em torno duma pupila viva e penetrante. Pierrette devia ser alegre, mas era triste. Sua alegria perdida conservava-se ainda na vivacidade dos contornos dos olhos, na graça ingênua da fronte e na forma do queixo curto. Os longos cílios desenhavam-se como pincéis sobre as maçãs do rosto alteradas pela doença. A palidez excessiva tornava, por outro lado, muito puros os traços e os detalhes da fisionomia. A orelha era uma pequena obra-prima de escultura; dir-se-ia de mármore. Pierrette sofria de diversas maneiras. Quereis, acaso, conhecer sua história? Ei-la.

II – OS LORRAIN

A mãe de Pierrette era uma sra. Auffray, de Provins, irmã consanguínea da sra. Rogron, mãe dos atuais proprietários daquela casa.

Casado pela primeira vez aos dezoito anos, o sr. Auffray contraíra, aos sessenta e nove anos, um segundo casamento. Do primeiro, resultara uma filha única muito feia, que desposara aos dezesseis anos um hoteleiro de Provins, chamado Rogron. Do segundo, Auffray também tivera uma filha. Esta, porém, era encantadora. Assim, por uma circunstância singular, havia uma enorme diferença de idade entre as duas filhas do sr. Auffray: a do primeiro casamento tinha cinquenta anos quando a do segundo nasceu. Quando seu velho pai lhe deu uma irmã, a sra. Rogron já tinha dois filhos maiores.

Aos dezoito anos, a filha do ancião amoroso casou-se por amor com um oficial bretão chamado Lorrain, capitão da guarda imperial. O amor muitas vezes torna ambicioso. O capitão, que quis subir rapidamente a coronel, passou para as forças combatentes. Enquanto o chefe de batalhão e a esposa, muito felizes com a pensão que lhes concedera o sr. e a sra. Auffray, brilhavam em Paris ou corriam à Alemanha ao sabor das batalhas e das pazes imperiais, o velho Auffray, antigo merceeiro de Provins, morreu aos oitenta e oito anos sem ter tido tempo de fazer qualquer disposição testamentária. A herança do bom velho foi tão habilmente manobrada pelo antigo hoteleiro e pela mulher, que estes absorveram sua maior parte, não deixando à viúva do velho Auffray mais que a casa do defunto na pracinha e algumas jeiras de terra. Esta viúva, mãe da jovem sra. Lorrain, tinha apenas trinta e oito anos quando o marido morreu. Como muitas viúvas, teve a infeliz ideia de casar-se novamente. Vendeu à enteada, a velha sra. Rogron, as terras e a casa que recebera em virtude do contrato de casamento, a fim de poder desposar um jovem médico chamado Néraud, que devorou suas posses. Morreu de pesar e na miséria dois anos depois.

A parcela que poderia ter revertido à sra. Lorrain na herança de Auffray desapareceu, assim, em grande parte e ficou reduzida a cerca de oito mil francos. O major Lorrain morreu no campo de batalha em Montereau,[\[212\]](#) deixando a viúva de vinte e um anos com o encargo duma filhinha de catorze meses, sem outros bens além da pensão a que tinha direito e da futura herança do sr. e da sra. Lorrain, comerciantes em Pen-Hoël, povoação vendeana situada na região chamada Marais. Esses Lorrain, pai e mãe do oficial morto, avô e avó paternos de Pierrette Lorrain, vendiam madeiras para construções,

ardósias, telhas, canos etc. Seu negócio, por incapacidade ou falta de sorte, ia mal e apenas lhes dava para viver. A falência da famosa casa Colinet, de Nantes, causada pelos acontecimentos de 1814 que provocaram uma súbita baixa nos gêneros coloniais, fizera-lhes perder vinte quatro mil francos que tinham lá em depósito. Assim, a nora foi bem recebida. A viúva do major trazia uma pensão de oitocentos francos, quantia enorme em Pen-Hoël. Os oito mil francos que seu cunhado e sua irmã Rogron lhe enviaram após mil formalidades exigidas pela distância, ela os confiou aos Lorrain, que lhe hipotecaram uma casinha que possuíam em Nantes, alugada por cem escudos e que valia apenas dez mil francos.

A jovem sra. Lorrain morreu três anos após o segundo e fatal casamento da mãe, em 1819, quase ao mesmo tempo que ela. A filha do velho Auffray e de sua jovem esposa era franzina, pouco desenvolvida e doentia; o ar úmido de Marais foi-lhe nocivo. A família do marido, a fim de conservá-la consigo, persuadiu-a de que em nenhum outro lugar do mundo ela encontraria uma região mais salubre nem mais agradável que o Marais, testemunha dos feitos de Charette. Os Lorrain cercaram-na de tantos cuidados e carinhos que sua morte lhes fez grande honra. Pretendem alguns que Brigaut, um antigo vendeano, um desses homens de ferro que haviam servido com Charette, Mercier, o marquês de Montauban e o barão du Guénic,[\[213\]](#) nas guerras contra a República, muito contribuía para a resignação da jovem sra. Lorrain. Se assim foi, ele o fez, sem dúvida, com imenso amor e dedicação. Toda Pen-Hoël, aliás, via Brigaut, respeitosamente chamado o *major*, posto que tinha nos exércitos católicos, passar as tardes e os serões na sala, ao lado da viúva do major imperial. Ultimamente, o cura de Pen-Hoël se

permitira dar algumas sugestões à velha sra. Lorrain. Pedira-lhe que decidisse sua nora a casar-se com Brigaut, prometendo conseguir que o major fosse nomeado juiz de paz do distrito de Pen-Hoël por intermédio do visconde de Kergarouët.[214] A morte da pobre moça tornou a proposta inútil.

Pierrette ficou com os avós, que lhe deviam quatrocentos francos de juros por ano, que eram, naturalmente, gastos na sua manutenção. Os velhos, cada vez mais desastrados no comércio, encontraram um concorrente ativo e engenhoso, contra quem proferiam injúrias sem nada tentarem como defesa. O major, seu conselheiro e amigo, morreu seis meses depois da amiga, talvez de pesar e talvez em virtude dos ferimentos recebidos, que eram em número de vinte e sete. Como bom comerciante, o mau vizinho procurou arruinar os adversários a fim de acabar com a concorrência. Fez com que emprestassem dinheiro aos Lorrain, prevendo que eles não poderiam resgatar a promissória e forçou-os a requerer falência na velhice. A hipoteca de Pierrette foi sobrepujada pela hipoteca legal da avó, que se aferrou a seus direitos para conservar um pedaço de pão para o marido. A casa de Nantes foi vendida por nove mil e quinhentos francos, e a operação consumiu mil e quinhentos francos de despesas. Os oito mil francos restantes reverteram à sra. Lorrain, que os colocou sob hipoteca a fim de poderem viver em Nantes numa casa de religiosas semelhante à de Sainte-Périne,[215] em Paris, e denominada Saint-Jacques, onde os dois anciãos encontraram casa e comida mediante uma módica pensão. Na impossibilidade de conservarem consigo a neta arruinada, os velhos Lorrain lembraram-se dos seus tios Rogron, aos quais escreveram. Os Rogron de Provins haviam morrido. A carta

dos Lorrain aos Rogron parecia, assim, destinada a perder-se. Mas, se existe neste mundo alguma coisa capaz de substituir a Providência, essa coisa é o Correio.

A imaginação do Correio, incomparavelmente superior à imaginação do público, que, aliás, não é muito grande, ultrapassa em engenho a imaginação dos mais hábeis romancistas. Quando o Correio recebe uma carta, que para ele vale apenas dois ou três *sous*, e não encontra imediatamente aquele ou aquela a quem deve remetê-la, manifesta uma solicitude financeira que só encontra analogia na dos credores mais intrépidos. O Correio movimenta-se em todas as direções, investiga nos oitenta e seis departamentos. As dificuldades superexcitam as faculdades inventivas dos empregados, que frequentemente são literatos e que então se empenham na busca do desconhecido com o ardor dos matemáticos do Escritório das Longitudes. Esquadrinham todo o reino. Ao menor clarão de esperança, os escritórios de Paris entram em ação. Acontece muitas vezes ficardes estupefatos ante as garatujas que enchem as duas faces do envelope, atestados gloriosos da persistência administrativa com que a carta foi movimentada. Se um homem empreendesse o trajeto que a carta acaba de vencer, gastaria dez mil francos em viagens, tempo e dinheiro para recuperar doze *sous*. O Correio tem, decididamente, mais espírito do que o que conduz. A carta dos Lorrain, endereçada ao sr. Rogron, de Provins, falecido havia um ano, foi enviada pelo Correio ao sr. Rogron, seu filho, comerciante de fazendas à Rue Saint-Denis, em Paris. Este fato põe em relevo o engenho do Correio. Um herdeiro sempre está mais ou menos preocupado em saber se recolheu tudo duma herança, se não esqueceu créditos ou alguns restos. O fisco descobre tudo, mesmo os

caracteres. Uma carta dirigida ao velho Rogron de Provins, falecido, devia excitar a curiosidade de Rogron filho, de Paris, ou da srta. Rogron, sua irmã, ambos seus herdeiros. Assim, o fisco ganhou seus sessenta cêntimos.[216]

Os Rogron, aos quais os velhos Lorrain, no desespero de separar-se da neta, estendiam as mãos súplicas, deviam, pois, ser os árbitros do destino de Pierrette Lorrain. Torna-se, por isso, indispensável descrever seus antecedentes e seu caráter.

III – OS ROGRON

Rogron pai, aquele hoteleiro de Provins a quem o velho Auffray dera a filha do primeiro casamento, era um homem de rosto afogueado, nariz cheio de veias, e sobre as faces de quem Baco aplicara seus sarmentos avermelhados e bulbosos. Embora gordo, baixo e barrigudo, de pernas grossas e mãos grossas, era dotado da sagacidade dos hoteleiros da Suíça, aos quais se assemelhava. Seu rosto representava vagamente um vasto parreiral açoitado pelo granizo. Realmente, não era bonito, mas a esposa parecia-se com ele. Nunca houve um casal mais parelho.

Rogron gostava de bons pratos e de ser servido por belas moças. Pertencia à seita dos egoístas de comportamento brutal, que se entregam a seus vícios e satisfazem suas vontades diante de todo o mundo. Ambicioso, interesseiro, pouco delicado, cheio de fantasias a custear, devorou os lucros até o dia em que os dentes lhe faltaram. A avareza permaneceu. Ao envelhecer, vendeu o hotel, apanhou, como se viu, quase toda a herança do sogro e retirou-se para a casinha da

praça, adquirida por um pedaço de pão à viúva do velho Auffray, avô de Pierrette.

Rogron e a mulher tinham cerca de dois mil francos de renda, provenientes da locação de vinte e sete terrenos situados nas redondezas de Provins, e os juros dos vinte mil francos que apuraram na venda do hotel. A casa do velho Auffray, embora em péssimo estado, foi ocupada, tal como se achava, pelos antigos hoteleiros, que se preservaram, como da peste, de fazer qualquer reforma: os ratos velhos gostam dos buracos das paredes e das ruínas. O antigo hoteleiro, que se afeiçoou à jardinagem, empregou as economias na ampliação do jardim. Estendeu-o até a margem do riacho, dando-lhe uma forma de quadrilátero alongado, metido entre dois muros e terminado por uma cerca de pedra que a natureza aquática abandonada a si mesma cobriu com a pujança de sua flora.

No começo de sua vida matrimonial, os Rogron haviam tido, com um intervalo de dois anos, uma filha e um filho: como tudo degenera, os filhos saíram horríveis. Amamentados no campo mediante baixa remuneração, as infelizes crianças voltaram para casa com a terrível educação aldeã: habituadas a gritar demoradamente, muitas vezes, pelo seio da ama, que saía para o campo e os deixava encerrados num desses quartos escuros, úmidos e baixos que servem de moradia ao camponês francês. Com esse sistema, as feições das crianças tornaram-se grosseiras e sua voz ficou alterada. Assim, pouco lisonjearam o amor-próprio da mãe, que tentou corrigir seus maus hábitos por meio dum rigorismo que o amor-próprio do pai convertia em ternura. Deixaram que corressem pelo pátio, estrebarias e dependências do hotel ou perambulassem pela cidade. Deram-lhes algumas surras. Enviavam-nos, às vezes, à casa do avô Auffray, que

os estimava muito pouco. Essa injustiça constituiu uma das razões que encorajaram os Rogron a apoderar-se duma grande parte da herança daquele *velho celerado*. Entrementes, Rogron pôs o filho na escola. Pagou a um de seus carroceiros para substituí-lo no recrutamento militar. Quando a filha Sílvia completou treze anos, enviou-a para Paris como aprendiz duma casa comercial. Dois anos depois, expediu o filho Jerônimo Dinis pelo mesmo caminho. Quando os amigos, os compadres carroceiros ou os fregueses lhe indagavam o que queria fazer dos filhos, Rogron explicava seu sistema com uma concisão que tinha, sobre o da maior parte dos pais, o mérito da franqueza.

— Quando estiverem em idade de compreender-me, eu lhes darei um pontapé — sabem onde? — dizendo-lhes: “Vão ganhar dinheiro!” — respondia ele, bebendo ou enxugando os lábios com as costas da mão. Depois, olhava para o interlocutor piscando com uma expressão astuta: — Ah! Ah! Eles não são mais burros do que eu — acrescentava. — Meu pai deu-me três pontapés, eu lhes darei apenas um. Pôs um luís na minha mão, porei dez na deles. Serão, portanto, mais felizes do que eu. Assim é que se deve agir! Quando eu morrer, o que sobrar sobrará. Os tabeliães saberão encontrá-los. Seria tolice preocupar-me com os filhos...! Os meus me devem a vida, criei-os e não lhes peço nada. Então, não estão quites, vizinho? Comecei como carreteiro e isso não me impediu de desposar a filha desse velho celerado tio Auffray.

Sílvia Rogron foi enviada como aprendiz à casa de comerciantes nascidos em Provins e estabelecidos à Rue Saint-Denis, em Paris, pagando cem escudos de pensão. Dois anos depois, ela estava “ao par”: não ganhava nada, mas seus pais não pagavam mais nada por

sua moradia e alimentação. Isso é o que se chama *estar ao par*, à Rue Saint-Denis. Dois anos mais tarde, durante os quais a mãe lhe mandou cem francos para as despesas, Sílvia começou a receber cem escudos de ordenado. Assim, com a idade de dezenove anos a srta. Sílvia Rogron obteve sua independência. Aos vinte anos, era a segunda moça da casa Julliard, negociante de seda em meadas, no Au Ver Chinois, à Rue Saint-Denis. A história da irmã foi igual à do irmão. Jerônimo Dinis Rogron entrou para a casa dum dos maiores comerciantes da Rue Saint-Denis, a casa Guépin, em Trois-Quenovilles. Se, aos vinte e um anos, Sílvia era a primeira empregada, com mil francos de ordenado, Jerônimo Dinis, mais favorecido pelas circunstâncias, achava-se, aos dezoito anos, como primeiro caixeiro, com mil e duzentos francos, na casa dos Guépin, também naturais de Provins. O irmão e a irmã encontravam-se todos os domingos e dias feriados. Passavam-nos em diversões baratas. Jantavam fora de Paris, iam visitar Saint-Cloud, Meudon, Belleville, Vincennes. No fim do ano de 1815, reuniram o dinheiro que haviam juntado com o suor de seus rostos, cerca de vinte mil francos, e compraram da sra. Guénée o famoso estabelecimento comercial Sœur-de-Famille, uma das mais fortes casas varejistas de armarinhos. A irmã encarregou-se da caixa, do balcão e da escrituração. O irmão foi, ao mesmo tempo, o gerente e o primeiro caixeiro, como Sílvia foi durante algum tempo sua primeira empregada. Em 1821, após cinco anos de atividade, a concorrência se tornou tão intensa e tão animada no comércio de armarinhos que os irmãos mal haviam podido saldar a compra do estabelecimento e sustentar sua antiga reputação. Embora Sílvia Rogron não tivesse, nessa época, mais que quarenta anos, sua fealdade, seus constantes

trabalhos e uma certa expressão carrancuda que lhe emprestava a disposição de suas feições, bem como as inquietações, faziam-na parecer uma mulher de cinquenta anos. Aos trinta e oito anos, Jerônimo Dinis Rogron apresentava a fisionomia mais inocente que jamais algum balcão apresentou aos fregueses. A fronte chata, deprimida pela fadiga, era atravessada por três rugas secas. Os escassos cabelos grisalhos, cortados rente, exprimiam a indefinível estupidez dos animais de sangue frio. Os olhos azulados não projetavam luz nem ideias. O rosto redondo e achatado não atraía a mínima simpatia e nem mesmo levava o riso aos lábios daqueles que se dedicam ao exame das variedades do parisiense: ele entristecia. Finalmente, embora fosse, como o pai, gordo e baixo, suas formas, desprovidas da brutal obesidade do hoteleiro, denunciavam nos mínimos detalhes um acabrunhamento ridículo. A excessiva vermelhidão do pai era substituída, nele, pela lividez baça peculiar às pessoas que vivem em quatinhos sem ar atrás das lojas, em choças gradeadas chamadas caixas, sempre enrolando e desenrolando os fios, pagando ou recebendo, repreendendo os caixeiros ou repetindo as mesmas coisas aos fregueses. A escassa inteligência do irmão e da irmã havia sido inteiramente absorvida pelo aprendizado do seu negócio, pelo Dever e Haver, pelo estudo das leis especiais e costumes da praça de Paris. A linha, as agulhas, as fitas, os alfinetes, os botões, os aviamentos de alfaiate, enfim, a imensa quantidade de artigos que compõem o varejo parisiense haviam gasto sua memória. As cartas a escrever e a responder, as faturas e os balanços haviam consumido toda sua capacidade. Fora de seu negócio, não sabiam absolutamente nada. Desconheciam mesmo Paris. Para eles, Paris era alguma coisa espalhada em derredor da Rue Saint-Denis. Seu

caráter mesquinho tivera como campo de ação a loja. Sabiam admiravelmente atormentar os empregados e as caixeiras e apanhá-los em falta. Sua felicidade consistia em ver todas as mãos agitadas como patas de ratos sobre o balcão, manuseando a mercadoria ou ocupadas em pôr em ordem os artigos. Quando ouviam sete ou oito vozes de moças e moços repetindo as frases consagradas pelas quais os caixeiros respondem às observações dos compradores, o dia era belo, fazia bom tempo! Quando o azul do éter avivava Paris, quando os parisienses saíam a passear, preocupados apenas com os adornos que levavam: “Mau tempo para os negócios”, dizia o imbecil patrão. A grande ciência que tornava Rogron objeto da admiração dos aprendizes era sua arte de atar e desatar, reatar e confeccionar um pacote. Rogron podia fazer um embrulho e observar ao mesmo tempo o que se passava na rua ou vigiar a loja até o fundo. Tinha visto tudo, quando, ao entregá-lo à freguesa, dizia: “Aqui está, minha senhora. Precisa de *mais alguma coisa*?”. Não fosse a irmã, esse cretino se teria arruinado. Sílvia tinha bom senso e talento para vender. Dirigia o irmão nas compras de fábrica e enviava-o sem compaixão aos confins da França para conseguir um *sou* a menos no preço dum artigo. Como a sagacidade que todas as mulheres, em maior ou menor grau, possuem não estava a serviço do amor, ela a dirigira para a especulação. Um estabelecimento a pagar! — esse pensamento era o pistão que fazia funcionar aquela máquina e lhe comunicava uma atividade espantosa. Rogron permanecera primeiro caixeiro, não compreendia o conjunto dos negócios: o interesse pessoal, o maior veículo do espírito, não lhe fizera dar um só passo à frente. Frequentemente ficava apalermado quando a irmã mandava vender um artigo com prejuízo ao prever que ele ia sair da moda e

mais tarde admirava sinceramente a irmã Sílvia. Não raciocinava bem nem mal: era incapaz dum raciocínio. Tinha, porém, o bom senso de submeter-se à irmã e se submetia baseado numa circunstância estranha ao comércio: “É minha irmã mais velha”, dizia. É possível que uma existência constantemente solitária, reduzida à satisfação das necessidades, desprovida de dinheiro e dos prazeres da mocidade, explique aos fisiologistas e aos pensadores a expressão embrutecida do rosto, a fraqueza da inteligência, a atitude atoleimada desse armarinheiro. Sua irmã sempre o impedira de casar-se, receando talvez perder sua influência na casa e pressentindo uma causa de despesa e de ruína numa mulher infalivelmente mais jovem e sem dúvida menos feia do que ela.

A estupidez tem duas maneiras de ser: cala-se ou fala. A estupidez muda é suportável, mas a estupidez de Rogron era tagarela. Esse varejista habituara-se a repreender asperamente os caixeiros, explicar-lhes as minúcias do comércio de armarinhos, ornando-os com esses gracejos vulgares que constituem o *bagout* das lojas. Essa expressão, que antigamente designava o espírito de réplica estereotipada, foi destronada pela expressão soldadesca de *blague*. Rogron, necessariamente escutado por um mundo doméstico, satisfeito consigo mesmo, acabara criando uma fraseologia própria. Esse conversador julgava-se orador. A necessidade de explicar aos fregueses o que eles precisam, de sondar seus desejos, de fazê-los querer o que não querem, desata a língua do varejista. O pequeno comerciante acaba por adquirir a faculdade de fazer frases cujas palavras não contêm nenhuma ideia e que alcançam êxito. Além disso, expõe aos fregueses processos pouco conhecidos. Daí lhes advém uma certa superioridade momentânea sobre a freguesia, mas,

uma vez fora das mil e uma explicações exigidas pelos seus mil e um artigos, torna-se, relativamente às ideias, como um peixe na palha e ao sol.

Rogron e Sílvia, esses dois autômatos ilicitamente batizados, não tinham, nem em estado rudimentar nem em atividade, os sentimentos que conferem ao coração uma existência própria. Além disso, esses dois temperamentos eram excessivamente fibrosos e secos, endurecidos pelo trabalho, pelas privações e pela recordação dos sofrimentos suportados durante um longo e rude aprendizado. Nem um nem outro jamais se compadecia de alguma desgraça. Eram ambos não propriamente implacáveis, mas intratáveis para com as pessoas em dificuldade. Para eles, a virtude, a honra, a lealdade, todos os sentimentos humanos consistiam em pagar pontualmente as contas. Intrigantes, desalmados e duma sovinice sórdida, o irmão e a irmã tinham uma horrível reputação no comércio da Rue Saint-Denis. Sem suas relações em Provins, aonde iam três vezes por ano, nas épocas em que podiam fechar a loja durante dois ou três dias, não conseguiriam caixeiros nem moças para o estabelecimento. Além disso, Rogron enviava aos filhos todos os desgraçados destinados ao comércio pelos pais. Fazia, para eles, o tráfico dos aprendizes e das aprendizes em Provins, onde louvava, por vanglória, a fortuna dos filhos. Seduzidos pela perspectiva de ver o filho ou a filha bem instruído e bem vigiado e pela possibilidade de vê-lo suceder um dia a *Rogron filho*, mandavam a criança que estava incomodando em casa para uma habitação mantida pelos dois celibatários. Logo, porém, que o aprendiz ou a aprendiz a cem escudos de pensão encontrava um meio de deixar aquela galera, fugia com um contentamento que aumentava ainda mais a terrível fama dos

Rogron. O infatigável hoteleiro descobria-lhes sempre novas vítimas. Desde a idade de quinze anos, Sílvia Rogron, obrigada a caracterizar-se para vender, usava duas caras: a fisionomia amável da vendedora e a fisionomia peculiar às solteironas encarquilhadas. A fisionomia adquirida era duma mímica maravilhosa; tudo nela sorria; a voz, tornada doce e bajuladora, exercia um encanto comercial sobre a freguesia. Sua verdadeira fisionomia era a que apareceu entre as duas persianas entreabertas e que teria posto em fuga o mais decidido dos cossacos de 1815 que, entretanto, gostavam de qualquer espécie de francesa.

Quando chegou a carta dos Lorrain, os Rogron, de luto pelo pai, haviam herdado a casa mais ou menos furtada à avó de Pierrette, as terras adquiridas pelo antigo hoteleiro e, finalmente, algum dinheiro proveniente de empréstimos usurários em hipotecas sobre propriedades compradas por camponeses e que o velho beerrão esperava expropriar. O balanço anual já fora encerrado. A casa Sœur-de-Famille estava paga. Os Rogron possuíam cerca de sessenta mil francos de mercadorias em estoque, uns quarenta mil francos em caixa ou em títulos e o valor do imóvel. Sentados sobre a banquetta de veludo de Utrecht verde listrado com faixas lisas, num nicho quadrado situado atrás do balcão, em frente ao qual havia um outro semelhante para a primeira caixeira, os dois irmãos trocavam ideias sobre seus futuros projetos. Todo comerciante aspira à burguesia. Liquidando seus bens comerciais, os irmãos ficariam com cerca de cento e cinquenta mil francos, sem contar a herança paterna. Colocando o capital disponível a juros, cada um deles teria três ou quatro mil francos de renda, mesmo destinando à restauração da casa paterna o valor de sua propriedade, que, sem dúvida, lhes seria

pago à vista. Podiam, pois, ir viver juntos em Provins, numa casa própria. Sua primeira caixeira era filha dum rico agricultor de Donnemarie, que tinha nove filhos aos quais precisava dar uma posição, pois, dividindo sua fortuna em nove partes, tocaria uma quantia muito pequena a cada um. Em cinco anos, o agricultor perdera sete filhos: assim, essa primeira caixeira se tornara uma criatura tão interessante que Rogron tentara, inutilmente, fazê-la sua esposa. A moça manifestou pelo patrão uma aversão que desconcertava qualquer tentativa. Por outro lado, a srta. Sílvia pouco o auxiliava nisso; opunha-se, mesmo, ao casamento do irmão e queria que aquela moça tão astuta os substituísse na loja. Adia o casamento de Rogron para depois que se instalassem em Provins.

Ninguém, entre os transeuntes, pode compreender o objetivo da existência de certos lojistas. Contemplam-nos e se perguntam: “De que e para que vivem? Que vêm a ser eles? De onde vêm?”. Quem quiser explicar essa gente acabará perdendo-se em minúcias. Para descobrir a escassa poesia que germina nessas cabeças e vivifica essas existências, é necessário escavá-las; logo, porém, se encontrará a pedra dura sobre a qual tudo repousa. O lojista parisiense nutre-se dum esperança mais ou menos realizável e sem a qual certamente pereceria: este sonha em construir ou administrar um teatro; aquele sente inclinação pelas honras da administração municipal; outro possui uma casa de campo a três léguas de Paris, um pretenso parque onde espalha estátuas de gesso colorido, ou instala repuxos que se assemelham a nascentes e onde gasta somas enormes; outro mais sonha com os postos superiores da Guarda Nacional. Provins, esse paraíso terrestre, excitava nos dois varejistas o fanatismo que todas as belas cidades da França inspiram a seus habitantes. Seja

dito, para glória da Champagne: esse amor é legítimo. Provins, uma das mais encantadoras cidades da França, rivaliza com o Frangistan e o vale de Caxemira;[\[217\]](#) não somente encerra a poesia de Saadi, [\[218\]](#) o Homero da Pérsia, mas também fornece virtudes farmacêuticas à ciência médica. Os cruzados trouxeram as rosas de Jericó[\[219\]](#) para esse delicioso vale, onde, por acaso, adquiriram qualidades novas, sem nada perder de suas cores. Provins não é apenas a Pérsia francesa; poderia ser também Bade, Aix, Bath: tem águas! Tal é a paisagem anualmente revista e que de vez em quando aparecia aos dois varejistas sobre o calçamento lodoso da Rue Saint-Denis.

Após terdes atravessado as planícies monótonas que se encontram entre a Ferté-Gaucher e Provins, verdadeiro deserto, porém produtivo, um deserto de trigo, chegareis a uma colina. Logo depois, vereis a vossos pés uma cidade banhada por dois riachos: ao pé do rochedo estende-se um vale verde, de lindos contornos e horizontes fugazes. Se vierdes de Paris, entrareis em Provins diretamente por essa eterna estrada real da França que passa ao pé da colina, cortando-a, com seu cego e seus mendigos que vos acompanham com seus lamentos enquanto admirais essa pitoresca região inesperada. Se vierdes de Troyes, entrareis pela região plana. O castelo, a cidade velha e suas antigas muralhas erguem-se sobre a colina. A cidade nova estende-se na parte baixa. Existe a alta e a baixa Provins. A primeira, uma cidade arejada, com ruas íngremes, de lindo aspecto, circundada por estradas escavadas, orladas de noqueiras e que crivam com seus vastos sulcos a aresta viva da colina; cidade silenciosa, asseada, solene, dominada pelas ruínas imponentes do castelo. A outra, uma cidade de moinhos banhada

pelo Voulzie e o Durtain, dois riachos de Brie, pequenos, vagarosos e profundos; uma cidade de hotéis, de comércio, de burgueses aposentados, percorrida por diligências, caleças e carretas. Essas duas cidades, ou essa cidade, com suas lembranças históricas, a melancolia de suas ruínas, a alacridade de seu vale, seus deliciosos córregos cheios de sebes crespas e de flores, sua ribeira serrilhada de jardins, excita de tal modo o amor de seus filhos que eles se conduzem como os auverneses, os saboianos e os franceses: os que saem de Provins em busca de fortuna sempre acabam voltando para lá. O provérbio “Morrer na toca”, criado para os coelhos e as pessoas fiéis, parece ser a divisa da gente de Provins.

Assim, os dois Rogron não pensavam senão em sua querida Provins! Enquanto vendia linhas, o irmão revia a cidade alta. Ao empilhar os cartões cheios de botões, contemplava o vale. Enrolando e desenrolando fitilho, seguia o curso brilhante dos riachos. Enquanto examinava os armários, subia as azinhagas para onde outrora acorria, fugindo da cólera dos pais, para comer nozes e saborear amoras. A pracinha de Provins, sobretudo, ocupava sua imaginação: pensava em embelezar a casa, sonhava com a fachada que queria remodelar, com os quartos, a sala de visitas, a sala de bilhar, a sala de refeições e a horta, que sua fantasia transformava num jardim inglês com canteiros de relva, grutas, repuxos, estátuas etc. Os quartos onde dormiam o irmão e a irmã, no segundo andar da casa de três janelas e seis pavimentos, alta e amarela, como tantas outras da Rue Saint-Denis, tinham apenas a mobília estritamente necessária. Mas ninguém possuía, em Paris, um mobiliário mais rico que esse varejista. Quando andava pela cidade, permanecia na atitude dos *teriakis*,[\[220\]](#) contemplando os belos móveis em

exposição e examinando as cortinas com que enchia a casa. Ao voltar, dizia à irmã: “Vi em tal loja um tal móvel de sala de visitas que nos ficaria muito bem!”. No dia seguinte, comprava outro, e assim por diante. Ruminava, no mês corrente, os móveis do mês passado. O orçamento da despesa pública não bastaria para custear suas volubilidades de arquitetura: queria tudo e sempre dava preferência às últimas invenções. Quando contemplava as sacadas das casas recentemente construídas, quando estudava os tímidos ensaios de ornamentação externa, achava as molduras, as esculturas e os desenhos deslocados. “Ah!”, dizia consigo, “essas belas coisas ficariam muito melhor em Provins do que aqui!” Enquanto ruminava o almoço, no limiar da porta, encostado à fachada, com o olhar embrutecido, o armarinheiro via uma casa fantástica, dourada pelo sol do seu sonho; passeava por seu jardim, escutava a água do repuxo a cair em pérolas brilhantes sobre uma lâmina redonda de lioz. Jogava em seu bilhar, plantava flores. Se a irmã ficava com a pena na mão, meditando e esquecendo-se de repreender os caixeiros, é porque se imaginava estar recebendo os burgueses de Provins; contemplava-se adornada de toucas maravilhosas nos espelhos de sua sala de visitas. O irmão e a irmã começavam a achar a atmosfera da Rue Saint-Denis insalubre, e o odor da lama do mercado fazia-lhes desejar o perfume das rosas de Provins. Tinham simultaneamente uma nostalgia e uma monomania contrariadas pela necessidade de vender seus últimos pedaços de linha, seus carretéis de seda e seus botões. A terra prometida do vale de Provins atraía ainda mais fortemente esses hebreus porque eles haviam realmente sofrido durante muito tempo e atravessado, ofegantes, os desertos arenosos do comércio de armarinhos.

A carta dos Lorrain chegou no meio duma meditação inspirada por essa bela perspectiva. Os armarinheiros mal conheciam sua prima Pierrette Lorrain. A questão da herança Auffray, provocada muito antes pelo velho hoteleiro, tivera lugar durante sua instalação, e Rogron falava muito pouco sobre seus bens. Mandados muito cedo para Paris, o irmão e a irmã conservavam uma vaga lembrança da tia Lorrain. Foi necessária uma hora de discussão para que se recordassem da tia, filha do segundo casamento do avô Auffray, irmã consanguínea de sua mãe. A mãe da sra. Lorrain surgiu-lhes na memória como sra. Néraud, morta de desgosto. Verificaram, assim, que o segundo casamento do avô fora uma coisa funesta para eles, pois resultara na partilha da herança. Por outro lado, tinham ouvido algumas recriminações do pai, sempre um pouco folgazão e homem de hospedaria.

Os dois armarinheiros examinaram a carta dos Lorrain através dessas recordações pouco favoráveis à causa de Pierrette. Encarregar-se duma órfã, uma menina, uma prima, que, apesar de tudo, seria sua herdeira no caso de nenhum dos dois se casar, era um assunto que devia ser discutido. A questão foi estudada sob todos os seus aspectos. Em primeiro lugar, nunca haviam visto Pierrette. Além disso, seria aborrecido ter de cuidar duma menina. Não assumiriam, assim, obrigações para com ela? Seria impossível mandá-la de volta se ela não lhes conviesse? E, por fim, não seria necessário casá-la? E se Rogron encontrasse um partido conveniente entre as herdeiras de Provins, não seria melhor reservar toda a fortuna para os filhos? Segundo Sílvia, um partido conveniente para o irmão seria uma moça estúpida, rica e feia, que se deixasse governar por ela. Os dois comerciantes resolveram recusar. Sílvia

incumbiu-se da resposta. A marcha dos negócios estava, porém, suficientemente animada para que Sílvia considerasse urgente a resposta, e a solteirona deixou de pensar nela desde que sua primeira caixeira consentiu em tratar da compra do estabelecimento da Sœur-de-Famille. Sílvia Rogron e o irmão partiram para Provins quatro anos antes do dia em que a vinda de Brigaut ia despertar tanto interesse pela vida de Pierrette. As atividades dessas duas pessoas na província exigem uma explicação tão necessária como sobre a sua existência em Paris, pois Provins não devia ser menos funesta a Pierrette que os antecedentes comerciais dos dois primos.

IV – PATOLOGIA DOS MERCEEIROS APOSENTADOS

Quando o pequeno comerciante que foi da província para Paris retorna de Paris para a província, leva de volta algumas iniciativas. Mais tarde, perde-as na monotonia da vida provinciana em que se afunda e na qual suas veleidades de renovação desmoronam. Disso resultam essas pequenas transformações, lentas, sucessivas, pelas quais Paris acaba por arranhar a superfície das cidades departamentais e que assinalam essencialmente a transição de ex-lojista a provinciano consumado. Essa transição constitui uma verdadeira enfermidade. Nenhum varejista passa impunemente da tagarelice contínua ao silêncio e da atividade parisiense à imobilidade provinciana. Quando essa gente conseguiu juntar alguma fortuna, gasta uma certa parte dela com a paixão incubada durante tanto tempo e nela consome as derradeiras oscilações dum impulso que não pode ser interrompido à vontade. Os que não

acariciaram uma ideia fixa põem-se a viajar e atiram-se às atividades políticas do município. Uns vão à caça ou à pesca, atormentam os rendeiros ou os locatários. Outros tornam-se avarentos como o velho Rogron ou acionistas como tantos desconhecidos. Sabeis muito bem qual era o tema dos dois irmãos: precisavam satisfazer sua imponente fantasia de manejar a colher de pedreiro, de construir para seu gozo uma casa encantadora. Essa ideia fixa fornecia à praça da baixa Provins a fachada que Brigaut acabava de examinar, as divisões internas da casa e o luxuoso mobiliário. O empreiteiro não meteu um prego sem consultar os Rogron, sem fazer com que assinassem as plantas e os orçamentos, sem lhes explicar demoradamente, em detalhes, a natureza do objeto em discussão, onde era fabricado e quais eram seus diferentes preços. Quanto às coisas extraordinárias, tinham sido empregadas na casa do sr. Tiphaine, ou na da jovem sra. Julliard ou na do sr. Garceland, administrador municipal. Uma semelhança qualquer com um dos ricos burgueses de Provins encerrava sempre o combate, com vantagem para o empreiteiro.

— Já que o sr. Garceland tem isso em sua casa, ponha! — dizia a srta. Rogron. — Deve estar certo, ele tem bom gosto.

— Sílvia, ele nos propõe óvalos na cornija do corredor.

— Chama isso de óvalos?

— Sim, senhorita.

— E por quê? Que nome estranho! Nunca ouvi falar nisso.

— Mas já viu alguma vez?

— Sim.

— Sabe latim?

— Não.

— Pois bem, isso quer dizer ovos. Os óvalos são ovos.

— Como vocês, os arquitetos, são engraçados! — exclamava Rogron. — Isso mostra o quanto vocês são sovinas! Oferecem os ovos aos outros em vez de comê-los, para não terem que jogar a casca fora.

— Vamos pintar o corredor? — perguntava o empreiteiro.

— Deus me livre! — exclamava Sílvia. — São mais quinhentos francos!

— Oh, a sala de visitas e a escada são tão bonitos que é uma pena não decorar o corredor — dizia o empreiteiro. — A sra. Lesourd mandou pintar o seu no ano passado.

— Entretanto, seu marido, como procurador do rei, pode não ficar em Provins.

— Ora, qualquer dia destes será presidente do tribunal! — dizia o empreiteiro.

— E então, para onde irá o sr. Tiphaine?

— O sr. Tiphaine tem uma esposa encantadora. Não tenho receios por ele: irá para Paris.

— Vamos pintar o corredor?

— Sim, pelo menos os Lesourd ficarão sabendo que valem tanto quanto eles! — dizia Rogron.

O primeiro ano após a instalação dos Rogron em Provins foi inteiramente consumido por essas deliberações, pelo prazer de ver os operários trabalhar, pelas surpresas e os ensinamentos de toda natureza que daí resultaram e pelas tentativas que irmão e irmã fizeram para estreitar relações com as principais famílias de Provins.

Os Rogron nunca haviam frequentado sociedade alguma, nunca saíam da loja. Não conheciam ninguém em Paris e eram sedentos das

delícias da sociedade. Em seu regresso, os emigrados encontraram, em primeiro lugar, o sr. e a sra. Julliard, do Au Ver Chinois, com os filhos e netos. Depois, a família dos Guépin, ou melhor, o clã dos Guépin, cujos netos ainda mantinham as Trois-Quenovilles. E, por fim, a sra. Guénée, que lhes vendera a Sœur-de-Famille e cujos três filhos eram casados em Provins. Essas três grandes famílias, os Julliard, os Guépin e os Guénée, estendiam-se pela cidade como a grama num prado. O administrador municipal, sr. Garceland, era genro do sr. Guépin. O cura, o padre Péroux, era irmão da sra. Julliard, que era uma Péroux. O presidente do tribunal, sr. Tiphaine, era irmão da sra. Guénée, que assinava: *nascida Tiphaine*.

A rainha da cidade era a bela sra. Tiphaine, filha única da sra. Roguin, rica esposa dum antigo tabelião de Paris[221] de quem nunca se falava. Delicada, bonita e inteligente, casada na província por desejo expresso da mãe, que não a queria junto de si e que a tirara do pensionato alguns dias antes do casamento. Melânia Roguin considerava-se exilada em Provins e conduzia-se ali admiravelmente bem. Ricamente dotada, tinha ainda belas esperanças. Quanto ao sr. Tiphaine, seu velho pai fizera à sua filha mais velha, a sra. Guénée, tais adiantamentos de herança que umas terras que produziam oito mil libras de renda, situadas a cinco léguas de Provins, reverteriam ao presidente. Assim, os Tiphaine, casados com vinte mil libras de renda, sem contar o cargo nem a casa do presidente, viriam a ter, um dia, mais vinte mil libras de rendimento. Não eram infelizes segundo se dizia. A grande, a única aspiração da bela sra. Tiphaine era conseguir a eleição do sr. Tiphaine como deputado. O deputado se tornaria juiz em Paris; e, do tribunal, ela se prometia fazê-lo subir rapidamente à Corte Real. Para isso,

lisonjeava o amor-próprio de todos, esforçava-se por agradar. E — coisa mais difícil! — o conseguia. Duas vezes por semana, recebia toda a burguesia de Provins em sua bela casa da cidade alta. Essa jovem senhora de vinte e dois anos ainda não cometera nenhum disparate no terreno escorregadio em que se colocara. Satisfazia o amor-próprio de todos, lisonjeava as manias de todos: austera com as pessoas austeras, rapariga com as raparigas, essencialmente mãe com as mães, alegre com as senhoras jovens e sempre pronta a servi-las, amável com todos. Era, enfim, uma pérola, um tesouro, o orgulho de Provins. Ela ainda não pronunciara uma única palavra e já todos os eleitores de Provins esperavam que o querido presidente sr. Tiphaine atingisse a idade requerida para elegê-lo. Cada um em particular, de acordo com sua especialidade, fazia dele seu amigo, seu protetor. Ah, o sr. Tiphaine subiria, seria ministro da Justiça, tomaria interesse por Provins!

Eis os meios pelos quais a ditosa sra. Tiphaine chegara a imperar sobre a pequena cidade de Provins. A sra. Guénée, irmã do sr. Tiphaine, após ter casado sua primeira filha com o sr. Lesourd, procurador do rei, a segunda com o sr. Martener, médico, e a terceira com o sr. Auffray, tabelião, desposara, em segundas núpcias, o sr. Galardon, coletor. As sras. Lesourd, Martener, Auffray e sua mãe, sra. Galardon, viram no presidente o homem mais rico e mais capaz da família. O procurador do rei, sobrinho político do sr. Tiphaine, tinha todo o interesse em empurrar o tio para Paris a fim de tornar-se presidente em Provins. Assim, as quatro senhoras (a sra. Galardon adorava o irmão) passaram a constituir a corte da sra. Tiphaine, de quem recebiam sugestões e conselhos em tudo. O primogênito dos Julliard, que se casara com a filha única dum rico agricultor, foi

tomado duma bela paixão, súbita e desinteressada, pela presidenta, esse anjo descido dos céus parisienses. A astuta Melânia, que não era mulher que se atrapalhasse com um Julliard e se sabia bastante hábil para conservá-lo no estado de Amadis[222] e explorar sua tolice, sugeriu-lhe que fundasse um jornal, ao qual ela serviria de Egéria. [223] Dois anos mais tarde, Julliard, animado por sua paixão romântica, fundou, pois, um jornal e uma linha de diligência pública para Provins. O jornal, denominado *A Colmeia, Jornal de Provins*, continha artigos literários, arqueológicos e médicos, redigidos em família. Os anúncios das redondezas cobriam as despesas. Os assinantes, em número de duzentos, constituíam o lucro. Apareciam nele estâncias melancólicas, incompreensíveis na Brie e dedicadas a ela!!! com esses três pontos. Assim, o jovem casal Julliard, que cantava os méritos da sra. Tiphaine, unira o clã dos Julliard ao dos Guénée. Desde então, a sala de visitas do presidente tornou-se, naturalmente, a primeira da cidade. O pouco de aristocracia que existe em Provins reúne-se num único salão, na cidade alta, na casa da velha condessa de Bréautey.

Durante os seis primeiros meses de sua transplantação, favorecidos por suas antigas relações com os Julliard, os Guépin, os Guénée e, após se terem apoiado em seu parentesco com o sr. Auffray, o tabelião, sobrinho-bisneto de seu avô, os Rogron foram recebidos, em primeiro lugar, pela velha Julliard e pela sra. Galardon. Mais tarde chegaram, com muita dificuldade, à sala de visitas da bela sra. Tiphaine. Todos quiseram estudar os Rogron antes de admiti-los. Era difícil recusar-se a receber comerciantes da Rue Saint-Denis, nascidos em Provins e que para lá voltavam a fim de viver dos rendimentos. O objetivo de toda a sociedade, entretanto,

será sempre congregar pessoas de fortuna, educação, costumes, cultura e caracteres semelhantes. Ora, os Guépin, os Guénée e os Julliard eram pessoas altamente colocadas, mais antigas na burguesia que os Rogron, filhos dum hoteleiro avarento que outrora merecera algumas censuras sobre sua conduta privada e relativamente à herança Auffray. O tabelião Auffray, genro da sra. Galardon, *nascida Tiphaine*, tinha elementos para sabê-lo: a questão fora resolvida no cartório de seu predecessor. Esses antigos comerciantes, que haviam voltado havia doze anos, tinham se colocado no nível de instrução, trato social e boas maneiras daquela sociedade, à qual a sra. Tiphaine imprimia um certo cunho de elegância, um certo verniz parisiense. Tudo ali era homogêneo: compreendiam-se uns aos outros, todos sabiam manter-se e falar de maneira a tornar-se mutuamente agradáveis. Conheciam seus respectivos temperamentos e se haviam habituado uns aos outros. Logo que foram recebidos na casa do sr. Garceland, administrador municipal, os Rogron convenceram-se de que dentro em breve estariam nas melhores relações com a mais fina sociedade do lugar. Sílvia aprendeu, então, a jogar bóston. Rogron, incapaz de participar de qualquer jogo, girava os polegares e engolia as frases logo que acabava de falar na sua casa. Suas frases eram como um remédio: pareciam atormentá-lo muito. Levantava-se, dava a impressão de querer falar, sentia-se intimidado, voltava a sentar-se e ficava com convulsões cômicas nos lábios. Sílvia manifestava livremente seu temperamento no jogo. Intrigante, lamentando-se quando perdia e tornando-se insolentemente alegre quando ganhava, reclamadora, teimosa, impacientou os adversários e os parceiros e tornou-se o flagelo da sociedade. Devorados por uma inveja inocente e franca,

Rogron e a irmã tiveram a pretensão de representar um papel numa cidade sobre a qual doze famílias estendiam uma rede de malhas cerradas, onde todos os interesses e todas as vaidades formavam um soalho sobre o qual os recém-chegados precisavam saber manter-se para não esbarrar de encontro a alguma coisa nem escorregar. Supondo que a restauração da casa custasse trinta mil francos, o irmão e a irmã ficariam com dez mil libras de renda. Julgaram-se muito ricos, importunaram a sociedade com a descrição de seu luxo futuro e deram a perceber sua mesquinhez, sua ignorância crassa e sua tola inveja. Na noite em que foram apresentados à bela sra. Tiphaine, que já os havia observado na casa da sra. Garceland, na de sua cunhada Galardon e na da sra. Julliard mãe, a rainha da cidade disse confidencialmente a Julliard filho que, depois de terem saído todos, ficou um momento em palestra com ela e o presidente:

— Então, vocês estão encantados com esses Rogron?

— Eu? — disse o Amadis de Provins. — Eles aborrecem minha mãe e importunam minha mulher. Quando a senhorita foi mandada como aprendiz, há trinta anos, para a casa de meu pai, ele já não podia suportá-la.

— Tenho muita vontade — disse a bela presidenta, colocando o pé pequenino na barra da estufa — de dar a entender que minha sala de visitas não é uma hospedaria.

Julliard ergueu os olhos para o teto, como para dizer: “Meu Deus, quanto espírito! Quanta sutileza!”.

— Quero que minha sociedade seja seleta. E, se eu recebesse os Rogron, ela certamente deixaria de sê-lo.

— Eles não têm coração, nem inteligência, nem boas maneiras — disse o presidente. — Quando, após ter vendido linha durante vinte

anos, como fez minha irmã, por exemplo...

— Meu amigo, sua irmã não ficaria deslocada em nenhum salão — disse, entre parênteses, a sra. Tiphaine.

— Se se comete a tolice de continuar lojista — disse o presidente, prossequindo —, se a gente não se civiliza, se se confundem os condes de Champagne com uma qualidade de vinho, como fizeram os Rogron esta noite, deve-se ficar em casa.

— São muito gabolas — disse Julliard. — Parece que não há outra casa em Provins além da deles. Querem esmagar a todos nós. E, afinal de contas, mal têm com que viver.

— Se fosse apenas o irmão — replicou a sra. Tiphaine —, a gente o suportaria. Ele não incomoda. Bastaria dar-lhe um quebra-cabeça chinês para que ele ficasse quieto num canto. Levaria um inverno inteiro para conseguir uma combinação. Mas a srta. Sílvia, que voz de hiena fanhosa! Que patas de lagosta! Não vá repetir nada disto, Julliard.

Quando Julliard saiu, a jovem senhora disse ao marido:

— Meu caro, já bastam os indígenas que sou obrigada a receber. Com mais esses dois, eu morreria. Se me permitires, deixaremos esses de lado.

— És a senhora absoluta em tua casa — disse o presidente. — Mas assim faremos inimigos. Os Rogron se lançarão na oposição, que até agora não tem força alguma em Provins. Esse Rogron já anda muito amiúde com o barão Gouraud e o advogado Vinet.

— Ora! — disse Melânia, sorrindo. — Assim, eles te prestarão um serviço. Onde não há inimigos, não há triunfos. Uma conspiração liberal, uma associação ilegal, uma luta qualquer te poria em evidência.

O presidente olhou para a jovem esposa com uma espécie de admiração receosa.

No dia seguinte, na casa da sra. Garceland, uns segredaram aos outros que os Rogron não haviam sido bem-sucedidos na casa da sra. Tiphaine, cuja expressão a respeito de hospedaria obteve um êxito imenso. A sra. Tiphaine retribuiu a visita da srta. Sílvia só um mês depois. Essa insolência é muito notada na província. Sílvia teve, no boston, na casa da sra. Tiphaine, uma cena desagradável com a sra. Julliard mãe, a propósito duma insignificância que sua antiga patroa lhe fez perder, segundo ela dizia, maldosamente e por gosto. Sílvia, que gostava de passar maus trotes nos outros, nunca admitia que lhe pudessem passar outros iguais. A sra. Tiphaine tomou a iniciativa, organizando as partidas antes da chegada dos Rogron, de modo que Sílvia foi constrangida a errar de mesa em mesa olhando o jogo dos outros, que a contemplavam de soslaio com uma expressão dissimulada. Na casa da sra. Julliard mãe, passaram a jogar uíste, que Sílvia não conhecia. A solteirona acabou compreendendo sua exclusão, sem compreender as razões da mesma. Julgou-se alvo da inveja de toda aquela gente. Logo depois, os Rogron não foram mais convidados à casa de ninguém; insistiam, porém, em passar os serões na cidade. As pessoas de espírito divertiram-se com eles, sem fel, docemente, fazendo com que eles dissessem grossas asneiras sobre os óvalos de sua casa e sobre um certo licoreiro que não tinha igual em Provins. Entrementes, a reforma da casa dos Rogron chegou ao fim. Naturalmente, eles deram alguns suntuosos jantares, tanto para retribuir as cortesias recebidas como para exhibir seu luxo. Os convidados compareceram apenas por curiosidade. O primeiro jantar foi oferecido às principais pessoas do lugar, sr. e sra. Tiphaine,

em cuja casa, entretanto, os Rogron não haviam jantado uma única vez; sr. e sra. Julliard, pai e filho, mãe e nora; sr. Lesourd, senhor cura e sr. e sra. Galardon. Foi um desses jantares de província, em que se fica na mesa das cinco às nove horas. A sra. Tiphaine introduzia em Provins os hábitos elegantes de Paris, onde as pessoas distintas deixam o salão logo após o café. Ela tinha reunião em casa e quis evadir-se. Os Rogron, porém, acompanharam o casal até a rua e, quando voltaram, pasmos por não terem conseguido reter o senhor presidente e a senhora presidenta, os outros convivas defenderam a atitude distinta da sra. Tiphaine, imitando-a com uma celeridade cruel na província.

— Não verão nosso salão iluminado — disse Sílvia —, e a iluminação é que o torna notável!

Os Rogron haviam desejado armar uma surpresa para os convidados. Ninguém ainda tivera permissão para visitar aquela casa famosa. Assim, todos os frequentadores do salão da sra. Tiphaine esperavam com impaciência suas impressões sobre as maravilhas do palácio Rogron.

— A senhora já viu o Louvre — disse-lhe a sra. Martener. — Pois bem, conte-nos tudo.

— Não é grande coisa. Está de acordo com o jantar.

— Mas como é?

— Pois bem. Aquela porta bastarda, da qual necessariamente já admiramos as travessas de ferro fundido dourado que a senhora conhece — disse a sra. Tiphaine —, dá acesso a um longo corredor que divide assimetricamente a casa, pois à direita fica só uma janela para a rua, ao passo que à esquerda ficam duas. Do lado do jardim, o corredor termina pela porta envidraçada da escadaria que dá para

um relvado, relvado ornado dum pedestal sobre o qual se ergue a estátua de gesso de Espártaco[224] pintada de bronze. Atrás da cozinha, o empreiteiro colocou no vão da escada um quartinho para provisões, que não nos mostraram. Essa escada, inteiramente pintada, imitando mármore preto com veios amarelos, tem um corrimão chanfrado, retorcido, como essas que, nos cafés, levam do pavimento térreo aos gabinetes da galeria. Esse prodígio de noqueira, duma fragilidade perigosa, com balaustrada enfeitada de cobre, foi-nos mostrado como sendo uma das sete novas maravilhas do mundo. A porta da adega fica por baixo dela. Do outro lado do corredor, sobre a rua, está a sala de refeições, que comunica por uma porta de duas folhas com um salão do mesmo tamanho, cujas janelas dão para o jardim.

— Então não há vestíbulo?

— O vestíbulo, certamente, é esse longo corredor, no qual se fica numa corrente de ar — respondeu a sra. Tiphaine. — Tivemos a ideia eminentemente nacional, liberal, constitucional e patriótica de só empregar madeiras da França — continuou. — Assim, na sala de refeições, o soalho é de noqueira com tacos oblíquos e paralelos. Os armários, a mesa e as cadeiras são igualmente de noqueira. Nas janelas, cortinas de algodão branco ladeadas por faixas vermelhas, presas com ordinárias braçadeiras vermelhas sobre pateras espalhafatosas, com rosáceas partidas, dum dourado fosco e cujo centro se destaca sobre um fundo avermelhado. Essas magníficas cortinas correm sobre varas terminadas em extravagantes ornatos em forma de palma e às quais se prendem por garras de leão de cobre estampado, dispostas no alto de cada prega. Sobre um dos armários vê-se um relógio de café suspenso por uma espécie de

guardanapo de bronze dourado, uma dessas ideias que agradam singularmente aos Rogron. Quiseram obrigar-me a admirar esse achado. Não achei nada melhor para dizer-lhes do que, se eu algum dia pensasse em pôr um guardanapo em torno dum relógio, seria numa sala de refeições. Sobre o armário há dois grandes candeeiros, semelhantes a esses que adornam o balcão dos restaurantes célebres. Sobre o outro existe um barômetro excessivamente enfeitado, que parece desempenhar um grande papel na existência dos dois Rogron; ele o contempla como se contemplasse a noiva. Entre as duas janelas, o construtor colocou uma estufa de faiança branca num nicho horrivelmente rico. Nas paredes brilha um magnífico papel vermelho e dourado, como o que se vê nesses mesmos restaurantes e que certamente Rogron escolheu propositadamente. O jantar foi servido numa coberta de mesa de porcelana branca e dourada, e a sobremesa num aparelho azul-claro com flores verdes. Abriram, entretanto, um dos aparadores para mostrar-nos um outro conjunto de louça para o uso diário. Diante de cada aparador, um grande armário guarda a roupa de mesa. Tudo isso é polido, limpo, novo, cheio de tons gritantes. Eu ainda admitiria essa sala de refeições: tem personalidade. Por desagradável que seja, retrata fielmente a dos donos da casa. Mas não há meio de se tolerar cinco daquelas gravuras escuras contra as quais o ministro do Interior deveria baixar uma lei e que representam Poniatowski[225] saltando no Elster, a defesa da barreira de Clichy,[226] Napoleão ajustando a pontaria dum canhão, e os dois Mazeppa,[227] todos em molduras douradas cujo tipo vulgar convém a tais gravuras, capazes de fazer odiar a celebridade! Oh, como prefiro os pastéis da sra. Julliard, que representam frutas, esses excelentes pastéis executados na época de

Luís xv e que estão em harmonia com aquela boa sala de jantar antiga, com os forros das paredes pardos e um pouco carunchados, mas que, na verdade, possuem o caráter da província e combinam com a abundante prataria de família, a porcelana antiga e nossos hábitos! A província é a província; torna-se ridícula quando quer imitar Paris. Talvez vocês me digam: “Sois ourives, sr. Josse”;[\[228\]](#) mas prefiro este velho salão do sr. Tiphaine pai, com suas pesadas cortinas de seda verde e branca, com sua estufa à Luís xv, com os vãos das janelas arredondados, seus espelhos antigos de colunas perladas e suas veneráveis mesas de jogo; meus vasos de Sèvres antigo, em azul antigo, montados em cobre antigo; minha pêndula de flores estranhas, meu lustre rococó e minha mobília estofada, a todos os esplendores de seu salão.

— Como é ele? — perguntou o sr. Martener, radiante com o elogio que a bela parisiense acabara de fazer tão habilmente da província.

— Quanto ao salão, é dum belo vermelho, o vermelho da srta. Sílvia quando se enfurece por perder uma ninharia.

— Vermelho-Sílvia — disse o presidente, cuja expressão permaneceu no vocabulário de Provins.

— As cortinas das janelas...? Vermelhas! Os móveis...? Vermelhos! A lareira...? De mármore vermelho com veios amarelos! Os candelabros e o relógio...? Mármore vermelho com veios amarelos, montados em bronze dum desenho vulgar grosseiro: vinhetas romanas apoiadas em ramos de folhagens gregas. Do alto da pêndula, contempla-nos com uma expressão aparvalhada, à maneira dos Rogron, esse grande leão bom menino chamado leão ornamental e que durante muito tempo envergonhará os verdadeiros leões. Esse leão faz rolar sob uma das patas uma grande bola, um detalhe dos

costumes dum leão ornamental; passa a vida inteira a segurar uma grande bola preta, absolutamente como um deputado da esquerda. É possível que ele seja um mito constitucional. O mostrador da pêndula é trabalhado dum maneira estranha. O espelho da estufa está emoldurado por esse sistema de pastas aplicadas, que dá uma aparência mesquinha, reles, apesar da novidade. Mas onde o gênero do estofador atinge o clímax é nas dobras radiantes de pano vermelho que saem dum patera colocada no centro frontal da estufa, um poema romântico composto expressamente para os Rogron, que se extasiam ao mostrá-lo. Do centro do teto pende um lustre cuidadosamente envolvido num sudário de percalina verde. É justo que assim seja: o lustre é de imenso mau gosto. O bronze, de tom agressivo, tem como ornatos filetes de ouro polido ainda mais detestáveis. Debaxo dele uma mesa de chá, redonda, com o mesmo mármore vermelho com veios amarelos, ostenta uma bandeja de metal ondeado, onde resplandecem taças de porcelana pintada — e que pinturas! — e agrupadas em torno dum açucareiro de cristal tão atrevidamente lapidado que nossas filhinhas arregalarão os olhos ao admirar os círculos de cobre das bordas e as faces talhadas como um gibão da Idade Média, e a pinça de pegar o açúcar, da qual provavelmente nunca se servirão. Esse salão tem as paredes cobertas dum papel vermelho imitando veludo, formando almofadas com vinhetas de cobre presas nos quatro cantos por enormes ornatos em forma de palma. Cada almofada é encimada por uma litocromia com molduras cheias de festões de massa que simulam nossas belas esculturas em madeira. A mobília, de casimira e raiz de olmo, compõe-se classicamente de dois sofás, duas poltronas maiores, seis menores e seis cadeiras. O consolo tem como enfeite um vaso de

alabastro dito à Médicis, em redoma de vidro, e aquele magnífico licoreiro tão famoso. Fomos suficientemente prevenidos de que *não existe outro igual em Provins!* Em cada vão de janela, guarnecido de magnífica cortina de seda vermelha forrada de filó, acha-se uma mesa de jogo. O tapete é de Aubusson.^[229] Os Rogron não deixaram de lançar mão desse fundo vermelho com rosáceas floridas, o mais vulgar dos desenhos vulgares. O salão não parece habitado: não se veem ali livros nem gravuras, nem esses objetos delicados que enfeitam as mesas — disse ela, olhando para sua mesa cheia de objetos modernos, álbuns, belas coisas que lhe davam. — Não há flores nem nenhuma dessas pequenas ninharias que se renovam. É frio e seco como a srta. Sílvia. Buffon tem razão: o estilo é o homem e, sem dúvida, os salões têm um estilo.

A bela sra. Tiphaine continuou sua descrição epigramática. De acordo com essa amostra, cada um imaginou facilmente o apartamento que o irmão e a irmã ocupavam no primeiro andar e que mostraram aos convidados; ninguém, porém, seria capaz de imaginar as rebuscadas tolices a que o espirituoso empreiteiro arrastara os Rogron, as molduras das portas, os postigos internos trabalhados, as massas de ornamentação nas cornijas, as belas pinturas, as mãos de cobre dourado, as campainhas, os interiores de estufa de sistema fumívoro, as invenções para evitar a umidade, os quadros de marchetaria figurados pela pintura da escada, as vidraças e serralherias superfínas; enfim, todos esses adornos que enriquecem uma construção e que agradam aos burgueses haviam sido prodigalizados em excesso.

Ninguém quis comparecer aos serões dos Rogron, cujas pretensões abortaram. Não faltavam razões para a recusa: todos os

dias estavam prometidos à sra. Garceland, à sra. Galardon, às sras. Julliard, à sra. Tiphaine, ao subprefeito etc. Os Rogron julgavam que para criar uma sociedade própria bastava dar jantares: tiveram, assim, a presença de moços galhofeiros e os jantares que se encontram em qualquer país do mundo; todas as pessoas sérias, porém, deixaram de visitá-los. Apavorada com a perda total de quarenta mil francos enterrados sem proveito na casa que ela chamava de *querida casa*, Sílvia quis recuperar essa soma por meio de economias. Renunciou, assim, imediatamente, aos jantares, que custavam trinta a quarenta francos, sem contar os vinhos, e que não satisfaziam sua esperança de possuir um círculo de amigos, empreendimento tão difícil na província como em Paris. Sílvia despediu a cozinheira e tomou como empregada uma moça do campo para o trabalho pesado. Ela mesma passou a cozinhar, *por prazer*.

Catorze meses depois de sua chegada, o irmão e a irmã caíram, assim, numa vida solitária e ociosa. Seu banimento da sociedade gerara no coração de Sílvia um ódio pavoroso contra os Tiphaine, os Julliard, os Auffray, os Garceland, enfim, contra a sociedade de Provins, que ela denominava a *súcia* e com a qual suas relações se tornaram excessivamente frias. Vontade não lhe faltou de formar, em oposição a ela, uma segunda sociedade. A burguesia inferior, porém, era constituída inteiramente de pequenos comerciantes, que só estavam livres nos domingos e dias feriados, ou de gente tarada como o advogado Vinet e o médico Néraud, de bonapartistas inadmissíveis como o coronel barão Gouraud, com os quais Rogron muito imprudentemente se ligou e contra os quais a alta burguesia tentara em vão preveni-lo. O irmão e a irmã viram-se, assim,

obrigados a ficar ao pé do fogo do aquecedor, na sala de jantar, a rememorar os negócios, os rostos dos fregueses e outras coisas igualmente agradáveis. O segundo inverno não chegou ao fim sem que o tédio começasse a pesar assustadoramente sobre eles. Tinham mil dificuldades em encher as horas da noite. Quando iam para a cama, diziam consigo: “Mais um dia que se passou!”. Custavam a levantar-se, ficavam no leito, vestiam-se demoradamente. Rogron barbeava-se todos os dias, examinava o rosto e entretinha a irmã com as alterações que julgava notar em si. Discutia com a empregada sobre a temperatura da água quente. Ia até o jardim, observava se as flores tinham desabrochado. Aventurava-se à beira da água, onde fizera construir um quiosque. Examinava as obras de marcenaria da casa: teria empenado? Ter-se-ia fendido algum quadro? A pintura estaria firme? Voltava a falar de seus temores sobre uma galinha doente, ou sobre um lugar onde a umidade produzia manchas, à irmã, que fingia assustar-se enquanto punha a mesa, repreendendo a criada. O barômetro era o objeto mais útil a Rogron. Consultava-o sem motivo, dava-lhe palmadinhas familiares como se fosse um amigo e dizia: “Que tempo horrível!”. A irmã respondia: “Ora, faz o tempo próprio da estação”. Quando alguém ia visitá-lo, ele elogiava a excelência do instrumento. O almoço consumia mais um pouco do tempo. Com que lentidão as duas criaturas mastigavam cada bocado! Graças a isso, sua digestão era perfeita, não precisavam ter medo de câncer do estômago. Chegavam ao meio-dia com a leitura da *Colmeia* e do *Constitucional*.[\[230\]](#) A assinatura do jornal parisiense era coletiva, tocando as outras duas terças partes ao advogado Vinet e ao coronel Gouraud. Rogron ia pessoalmente levar os jornais ao coronel, que morava na praça, na casa do sr. Martener, e cujas longas

narrativas lhe davam imenso prazer. Rogron indagava a si mesmo de que modo o coronel seria perigoso. Cometeu a asneira de falar-lhe no ostracismo que lhe haviam imposto e contar-lhes as referências que a *súcia* lhe dera sobre o coronel. Só Deus sabe o que Gouraud, tão temível na pistola como na espada e que não receava ninguém, disse a respeito de Tiphaine e seu Julliard, bem como dos ministeriais da cidade alta, pessoas vendidas ao estrangeiro, capazes de tudo para obter posição, que liam os nomes trocados nos boletins das eleições etc. Pelas duas da tarde, Rogron empreendia um pequeno passeio. Sentia-se muito contente quando um comerciante o detinha diante da porta, perguntando-lhe: “Como vai, tio Rogron?”. Palestrava e pedia informações sobre a cidade; escutava e retransmitia os falatórios, os pequenos boatos de Provins. Subia à cidade alta e passava pelas azinhagas, conforme o tempo. Às vezes, encontrava velhos a passeio como ele. Esses encontros constituíam acontecimentos felizes. Havia em Provins pessoas desiludidas da vida parisiense, sábios que viviam com seus livros. Imaginai a atitude de Rogron ao escutar um juiz substituto chamado Desfondrilles, mais arqueólogo que magistrado, dizer ao homem instruído, o velho sr. Martener pai, mostrando-lhe o vale:

— Explique-me por que os ociosos da Europa vão a Spa em vez de virem a Provins? As águas de Provins têm uma superioridade reconhecida pela medicina francesa, uma ação e uma marcialidade dignas das propriedades medicinais de nossas rosas.

— Que quer? — replicava o homem instruído. — É um desses caprichos do Capricho, inexplicável como ele mesmo. Há cem anos o vinho de Bordeaux era desconhecido: o marechal de Richelieu, [231] uma das maiores figuras do século passado, o Alcibíades francês, foi

nomeado governador da Guiana. Estava com o peito estragado — e o mundo inteiro sabe por quê! — e o vinho da região o curou, o restabeleceu. Bordeaux adquiriu, então, cem milhões de renda, e o marechal ampliou o território de Bordeaux até Angoulême, até Cahors, enfim, numa extensão de quarenta léguas de raio! Quem sabe onde terminam os parreirais de Bordeaux? E, no entanto, o marechal não tem uma estátua equestre em Bordeaux!

— Ah! Se acontecer coisa semelhante com Provins, num ou noutro século, espero que vejamos aqui — replicou então o sr. Desfondrilles —, na pracinha da cidade baixa ou no castelo da cidade alta, algum baixo-relevo de mármore branco representando a cabeça do sr. Opoix,[\[232\]](#) o restaurador das águas minerais de Provins!

— Meu caro senhor, talvez seja impossível reabilitar Provins — dizia o velho sr. Martener pai. — Esta cidade faliu.

Aqui, Rogron arregalava os olhos e exclamava:

— Como?

— Antigamente ela era uma capital que lutava vitoriosamente com Paris, no século xii, quando os condes de Champagne[\[233\]](#) tinham aqui sua Corte, como o rei René[\[234\]](#) tinha a sua na Provença — respondia o homem instruído. — Naquele tempo, a civilização, a alegria, a poesia, a elegância, as mulheres, todos os esplendores sociais, enfim, não estavam exclusivamente em Paris. As cidades se reerguem tão dificilmente de sua ruína como as casas comerciais: não nos resta de Provins mais que o perfume de nossa glória histórica, o de nossas rosas, e uma subprefeitura.

— Ah, que seria da França se ela tivesse conservado todas as suas capitais feudais? — dizia Desfondrilles. — Poderão os subprefeitos substituir a raça poética, galante e guerreira dos Thibault,[\[235\]](#) que

havam feito de Provins o que era Ferrara[236] na Itália e Weimar[237] na Alemanha e, talvez, atualmente Munique?

— Provins foi uma capital? — exclamou Rogron.

— De onde vem o senhor, então? — respondia o arqueólogo Desfondrilles.

O juiz substituto batia, então, com a bengala no solo da cidade alta e exclamava:

— Então não sabe que toda esta parte de Provins está construída sobre criptas?

— Criptas?

— Justamente. Criptas duma altura e extensão inexplicáveis. São como naves de catedral, têm colunas.

— O sr. Desfondrilles está realizando uma grande obra arqueológica, na qual pretende explicar essas singulares construções — dizia o velho Martener, que via o juiz agarrar-se à sua mania.

Rogron voltava encantado com o fato de sua casa ser construída no vale. As criptas de Provins consumiram cinco a seis dias em explorações e forneceram assunto para as palestras e várias noites dos dois celibatários. Assim, Rogron ia aprendendo todos os dias alguma coisa mais sobre a velha Provins, sobre as alianças das famílias ou antigas notícias políticas que ele retransmitia à irmã. Enquanto passeava, dizia cem vezes, e muitas vezes à mesma pessoa: “Então, que é que se diz?”, “Então, que há de novo?”. Ao voltar para casa, atirava-se a um sofá do salão como um homem moído de fadiga, mas, na verdade, apenas cansado pelo próprio peso. Esperava a hora do jantar indo vinte vezes da sala de visitas à cozinha, consultando o relógio, abrindo e fechando as portas. Enquanto o irmão e a irmã frequentavam os serões na cidade, viam chegar logo a

hora de dormir; mas, quando foram constrangidos a ficar em casa, a noite passou a ser um deserto a atravessar. Às vezes, as pessoas que na volta para casa atravessavam a pracinha após terem passado um serão na cidade ouviam gritos na casa dos Rogron, como se o irmão estivesse assassinando a irmã: viram nisso os horríveis bocejos dum varejista reduzido ao último extremo. Como os dois autômatos não tinham nada para triturar entre suas engrenagens enferrujadas, gritavam. Em desespero de causa, o irmão falou em casar-se. Sentia-se envelhecido, fatigado: a ideia duma esposa o apavorava. Sílvia, compreendendo a necessidade de ter uma terceira pessoa em casa, lembrou-se, então, de sua pobre prima, de quem ninguém lhe tinha pedido notícias porque em Provins todos julgavam a pequena Lorrain e a filha mortas. Sílvia Rogron nunca perdia nada, já era demasiadamente solteirona para extraviar o que quer que fosse! Fingiu encontrar de novo a carta dos Lorrain, a fim de falar naturalmente de Pierrette ao irmão, que se sentiu quase feliz com a possibilidade de ter uma menina em casa. Sílvia escreveu meio comercialmente e meio afetuosamente aos velhos Lorrain, desculpando-se da demora da resposta com a liquidação dos negócios, a mudança para Provins e a instalação. Mostrou-se desejosa de ficar com a prima em casa, dando a entender que Pierrette herdaria um dia doze mil libras de renda se o sr. Rogron não se casasse. Era preciso ter sido, como Nabucodonosor,[\[238\]](#) um pouco animal selvagem encerrado numa jaula do Jardin des Plantes, [\[239\]](#) sem outra presa além da carne de açougue trazida pelo guarda, ou negociante aposentado sem caixeiros para repreender, para saber com que impaciência o irmão e a irmã esperaram a prima Lorrain.

Assim, três dias depois de expedida a carta, o irmão e a irmã já se perguntavam quando chegaria a prima.

Sílvia percebeu na sua falsa bondade para com a prima um meio de fazer a sociedade de Provins mudar de opinião a seu respeito. Foi à casa da sra. Tiphaine, que os havia ofendido com sua reprovação e que queria criar em Provins uma primeira sociedade, como em Genebra, e alardeou a chegada da prima Pierrette, filha do coronel Lorrain, penalizando-se de seus infortúnios e fingindo sentir-se feliz por ter uma bela e jovem herdeira para oferecer à sociedade.

— Descobriu-a muito tarde — respondeu ironicamente a sra. Tiphaine, que se mantinha como uma rainha, num sofá, junto à estufa.

Com algumas palavras pronunciadas em voz baixa, enquanto dava as cartas, a sra. Garceland recordou a história da herança do velho Auffray. O tabelião descreveu as iniquidades do hoteleiro.

— Onde está a pobre moça? — perguntou polidamente o presidente Tiphaine.

— Na Bretanha — disse Rogron.

— Mas a Bretanha é muito grande — observou o sr. Lesourd, procurador do rei.

— Seu avô e sua avó Lorrain nos escreveram. Quando foi, querida? — perguntou Rogron.

Sílvia, ocupada em indagar da sra. Garceland onde ela comprara a fazenda de seu vestido, não previu o efeito de sua resposta e disse:

— Antes da venda da nossa casa comercial.

— E só respondeu há três dias, senhorita! — exclamou o tabelião.

Sílvia tornou-se vermelha como os carvões mais incandescentes.

— Escrevemos para a instituição Saint-Jacques — acrescentou Rogron.

— Lá existe uma espécie de asilo para velhos — disse um juiz que fora juiz substituto em Nantes. — Mas ela não pode estar lá, porque lá só recebem pessoas acima dos sessenta anos.

— Está lá com sua avó Lorrain — disse Rogron.

— Ela tinha um pequeno capital, os oito mil francos que seu pai... não, quero dizer seu avô lhe deixara — disse o tabelião, enganando-se propositadamente.

— Ah! — exclamou Rogron com uma expressão aparvalhada, sem compreender o epigrama.

— Então não conhecem as condições de fortuna nem a situação de sua prima-irmã? — perguntou o presidente.

— Se o senhor as conhecesse, não a deixaria numa casa que não passa de um asilo regular — disse severamente o juiz. — Lembro-me de ter visto vender em Nantes, por expropriação, uma casa pertencente ao sr. e à sra. Lorrain, e a srta. Lorrain perdeu o dinheiro de que era credora, pois eu era então comissário.

O tabelião falou do coronel Lorrain, que, se estivesse vivo, ficaria muito admirado de saber que sua filha se encontrava numa instituição como a de Saint-Jacques. Os Rogron, então, bateram em retirada, dizendo intimamente que o mundo é muito mau. Sílvia compreendeu o precário êxito obtido pela notícia que proclamara: sabia-se perdida no espírito de todos. Desse momento em diante, tornara-se impossível para ela conviver com a alta sociedade de Provins. A partir desse dia, os Rogron não ocultaram mais seu ódio contra as grandes famílias burguesas de Provins e seus partidários. O irmão ensinou então à irmã as canções liberais que o coronel

Gouraud e o advogado Vinet lhe haviam metido na cabeça, sobre os Tiphaine, os Guénée, os Garceland, os Guépin e os Julliard.

— Olha, Sílvia, não sei por que é que a sra. Tiphaine renega o comércio da Rue Saint-Denis. O que ela tem de melhor provém de lá. A sra. Roguin, sua mãe, é prima dos Guillaume do *Chat-qui-pelote* [240] e que cederam o estabelecimento a José Lebas, seu genro. Seu pai é aquele tabelião Roguin que faliu em 1819 e arruinou a casa Birotteau.[241] Assim, a fortuna da sra. Tiphaine provém do roubo. Sim, pois que outra coisa há de se dizer duma mulher que se livra dum negócio arriscado e deixa o marido fazer uma falência fraudulenta? Isso está no sangue! Ah, agora compreendo: ela casou a filha em Provins devido às suas relações com o banqueiro Du Tillet. [242] E é essa gente que se dá ares de importância; além disso... Enfim, assim é o mundo!

No dia em que Denis Rogron e sua irmã Sílvia se puseram a bradar contra a *súcia*, tornaram-se, sem o saber, pessoas de destaque e ficaram na iminência de conseguir um círculo de amigos: seu salão ia tornar-se o centro de interesses que procuravam um teatro. Com isso, o ex-armarinheiro assumiu proporções históricas e políticas, pois deu, sempre sem o saber, força e unidade aos elementos até então dispersos do Partido Liberal de Provins. Eis como o fato se deu.

Os primeiros passos dos Rogron foram curiosamente observados pelo coronel Gouraud e pelo advogado Vinet, que se haviam aproximado graças às ideias e ao isolamento em que viviam. Ambos professavam o mesmo patriotismo pelas mesmas razões: queriam tornar-se figuras importantes. Se, porém, estavam dispostos a se tornar chefes, faltavam-lhes soldados. Os liberais de Provins

compunham-se dum velho soldado que se fizera botequineiro; um hoteleiro; o sr. Cournant, tabelião, competidor do sr. Auffray; o médico Néraud, adversário do sr. Martener; algumas pessoas independentes, agricultores espalhados pelo distrito e adquiridores de bens nacionais. O coronel e o advogado, satisfeitos por atrair a si um imbecil cuja fortuna poderia ajudar suas manobras, que assinaria suas subscrições, que, em certos casos, sacudiria os guizos e cuja casa serviria de quartel-general do partido, aproveitaram-se da inimizade dos Rogron contra os aristocratas da cidade. O coronel, o advogado e Rogron já tinham uma ligação na sua assinatura coletiva do *Constitucional*. Assim, não seria difícil ao coronel Gouraud transformar o ex-armarinheiro num liberal, embora Rogron soubesse tão pouco de política que nem conhecia os feitos do sargento Mercier,^[243] que ele julgava que fosse dono de algum armarinho. A próxima chegada de Pierrette contribuiu para apressar o nascimento das ideias inspiradas pela ignorância e pela estupidez dos dois celibatários. Ao ver toda a possibilidade de ingresso no círculo dos Tiphaine perdida para Sílvia, o coronel teve uma ideia. Os velhos militares já viram tantos horrores em tantos países, tantos cadáveres nus retorcendo-se em tantos campos de batalha, que já não se assustam mais de nenhuma fisionomia, e Gouraud apontou a espingarda para a fortuna da solteirona. Esse coronel, homem baixo e gordo, usava enormes argolas nas orelhas que, entretanto, já estavam guarneçadas de enorme quantidade de pelos. Suas suíças bastas e grisalhas chamavam-se, em 1799, costeletas. O rosto grande e corado era um pouco trigueiro, como o de todos os que saíram do Berezina.^[244] O ventre volumoso e pontudo descrevia, na parte inferior, esse ângulo reto que caracteriza o antigo oficial de cavalaria.

Gouraud comandara o segundo regimento de hussardos. O bigode grisalho ocultava uma enorme boca *trocista*, se permitem empregar essa expressão soldadesca, a única capaz de descrever esse abismo: não comia, devorava! Um golpe de sabre lhe mutilara o nariz. Devido a isso, sua voz tornara-se surda e profundamente nasalada, como a que atribuem aos capuchinhos. As pequenas mãos, curtas e largas, eram dessas que fazem as mulheres dizer: “Você tem as mãos dum sujeito terrivelmente mau”. As pernas pareciam franzinas sob o tronco. Nesse volumoso corpo ágil, vibrava um espírito sutil, a mais completa experiência das coisas da vida, oculta sob a aparente displicência dos militares, e um desprezo total pelas convenções sociais. O coronel Gouraud tinha como toda fortuna a cruz de oficial da Legião de Honra e dois mil e quatrocentos francos como oficial reformado, num total de mil escudos.

O advogado, alto e magro, tinha como único talento suas opiniões liberais e como única renda os proventos muito parcos de sua banca. Em Provins, os solicitadores[245] defendem pessoalmente suas causas. Devido às suas opiniões, o Tribunal escutava sempre desfavoravelmente o advogado Vinet. Assim, mesmo os mais liberais agricultores, quando tinham um processo, recorriam, de preferência, a outro advogado do lugar que gozava da confiança do Tribunal. Esse homem seduzira, segundo se dizia, nas vizinhanças de Coulommiers, uma moça rica, obrigando os pais a concedê-la em casamento. Sua esposa pertencia aos Chargebœuf, antiga família nobre da Brie, cujo nome provém da proeza dum escudeiro na expedição de São Luís ao Egito.[246] Ela incorrera na inimizade dos pais, que providenciaram, com conhecimento de Vinet, para deixar toda a fortuna ao filho mais velho, que sem dúvida ficaria encarregado de transmitir uma parte

dela aos filhos da irmã. Assim, a primeira tentativa ambiciosa desse homem fracassara. Logo depois, perseguido pela miséria e envergonhado por não poder dar à esposa uma aparência conveniente, o advogado fizera vãos esforços para ingressar na carreira do ministério público. O ramo rico da família Chargebœuf, porém, negou-se a auxiliá-lo. Moralistas como eram, aqueles realistas desaprovaram um casamento forçado; além disso, seu pretense parente chamava-se Vinet, e eles não podiam proteger um plebeu. O advogado foi, assim, repellido de galho em galho, quando quis servir-se da esposa junto aos parentes. A sra. Vinet só encontrou simpatia numa Chargebœuf, pobre viúva com uma filha e que vivia com ela em Troyes. Mais tarde, Vinet recordou-se do acolhimento dado por essa Chargebœuf à esposa. Repellido por todos, cheio de ódio contra a família da mulher, contra o governo que lhe recusava um cargo e contra a sociedade de Provins que não queria recebê-lo, Vinet conformou-se com a miséria. Seu ressentimento cresceu e deu-lhe energia para resistir. Vendo que sua sorte estava ligada à vitória da oposição, tornou-se liberal e vegetou numa péssima casinha da cidade alta, de onde a mulher pouco saía.

Essa moça, destinada a melhor sorte, ficava só em casa com um filho. Há misérias nobremente aceitas e alegremente suportadas. Vinet, porém, sentindo-se em falta para com uma moça seduzida, ocultava uma cólera sombria: sua dignidade tornou-se elástica e passou a admitir todos os meios para vencer. Sua fisionomia jovem alterou-se. Às vezes, algumas pessoas assustavam-se no Tribunal ao ver seu rosto viperino, sua cabeça achatada, sua boca rasgada e seus olhos luzindo através dos óculos, ouvindo sua vozinha áspera, persistente e que irritava os nervos. Sua tez indistinta, de tons

doentios, esverdeados ou amarelados em vários pontos, denunciava sua ambição recalçada, suas contínuas decepções e suas misérias secretas. Sabia discutir, falar. Não lhe faltavam ideias nem imagens. Era instruído e astuto. Habitado a tudo conceber por seu desejo de triunfo, podia tornar-se político. Um homem que não recua diante de nada, desde que tudo seja legal, tem uma força enorme: a força de Vinet provinha disso. Esse futuro atleta dos debates parlamentares, um daqueles que deviam proclamar a realeza da Casa d'Orléans, [247] exerceu uma terrível influência sobre a sorte de Pierrette. No momento, queria conseguir uma arma fundando um jornal em Provins. Após ter estudado de longe, com o auxílio do coronel, os dois celibatários, o advogado concluiu que podia contar com Rogron. Dessa vez, fez bem seus cálculos, e sua miséria devia cessar após sete penosos anos, durante os quais mais de uma vez lhe faltara o pão em casa. Quando Gouraud, na pracinha, anunciou a Vinet que os Rogron haviam rompido com a aristocracia burguesa e ministerial da cidade alta, o advogado deu-lhe uma cotovelada significativa.

— Uma mulher ou outra, bonita ou feia, são a mesma coisa para você — disse. — Você devia casar-se com a srta. Rogron. Assim, poderíamos organizar alguma coisa aqui.

— Já estive pensando nisso. Mas eles mandaram buscar a filha do pobre coronel Lorrain, sua herdeira — disse o coronel.

— Você faria com que lhe deixassem sua fortuna por testamento. Ah, teria uma casa bem montada!

— Por outro lado, vamos ver essa menina, hein? — disse o coronel, com uma expressão brincalhona e profundamente perversa, que revelou a um homem da têmpera de Vinet o quanto uma menina representava pouca coisa aos olhos do velho soldado.

V – A ESTREIA DE PIERRETTE

Desde que os avós entraram para aquela espécie de asilo, onde encerraram tristemente sua vida, Pierrette, jovem e altiva, sofria tão horrivelmente por viver lá por caridade que ficou muito contente ao saber que tinha parentes ricos. Ao saber de sua partida, Brigaut, o filho do major, seu camarada de infância, que se tornara marceneiro em Nantes, foi oferecer-lhe a quantia necessária para fazer a viagem de carro, sessenta francos, todo o tesouro de suas gratificações como aprendiz, penosamente acumulado e aceito por Pierrette com a sublime naturalidade das amizades sinceras e que revela que, num caso semelhante, ela se teria ofendido com um agradecimento. Brigaut ia todos os domingos a Saint-Jacques para brincar com Pierrette e consolá-la. O vigoroso operário já fizera o delicioso aprendizado da proteção completa e abnegada devida à involuntária escolha das nossas afeições. Já por mais de uma vez Pierrette e ele, nos domingos, sentados a um canto do jardim, haviam traçado sobre o véu do futuro seus projetos infantis: o aprendiz de marceneiro, montado em sua plaina, percorria o mundo e fazia fortuna para Pierrette, que o esperava. No mês de outubro de 1824, época em que completou onze anos, Pierrette foi, pois, confiada pelos dois velhos e pelo jovem operário, todos eles terrivelmente tristes, ao condutor da diligência de Nantes a Paris, com a recomendação de passá-la, em Paris, para a diligência de Provins e de cuidar bem dela. Pobre Brigaut! Correu como um cão atrás da diligência, acompanhando com o olhar sua querida Pierrette tanto quanto lhe foi possível. Apesar dos gestos que fazia a pequena bretã, ele correu uma légua fora da cidade. E, quando se sentiu esgotado, lançou um derradeiro

olhar cheio de lágrimas a Pierrette, que chorou quando deixou de vê-lo. Pierrette meteu a cabeça pela portinhola e viu o amigo parado, vendo a pesada diligência afastar-se. Os Lorrain e Brigaut tinham tal ignorância da vida que a bretã não tinha mais nem um *sou* ao chegar a Paris. O condutor, a quem a menina falou nos parentes ricos, pagou sua despesa de hotel, em Paris, e cobrou-a do condutor do carro de Troyes, encarregando-o de entregar Pierrette à família e receber lá a importância que pagara, tal como se fosse um carroto. Quatro dias após sua partida de Nantes, pelas nove horas duma segunda-feira, o velho condutor das *Messageries* reais tomou Pierrette pela mão e, enquanto descarregavam, na rua principal, os objetos e os viajantes destinados à agência de Provins, levou-a, tendo como única bagagem dois vestidos, dois pares de meia e duas camisas, à casa da srta. Rogron, que lhe foi indicada pelo gerente da agência.

— Bom dia, senhorita e companhia — disse o condutor. — Trago-lhe uma prima, veja. É bem bonitinha! Tem de me dar quarenta e sete francos. E, embora sua menina não traga nenhuma carga, assine minha folha.

A srta. Sílvia e o irmão entregaram-se a manifestações de alegria e admiração.

— Desculpe — disse o condutor. — Minha diligência está esperando. Assine minha folha, dê-me quarenta e sete francos e sessenta cêntimos... e o que quiser para o condutor de Nantes e para mim, que cuidamos da pequena como se fosse nossa própria filha. Adiantamos dinheiro para pagar-lhe pousada, alimento, sua passagem para Provins e algumas coisinhas mais.

— Quarenta e sete francos e doze *sous*! — disse Sílvia.

— Acho que não vai pechinchar! — exclamou o condutor.

— Mas onde está a fatura? — disse Rogron.

— A fatura? Veja a folha.

— Em vez de estares a falar, paga! — disse Sílvia ao irmão. — Estás vendo que não há outro remédio senão pagar.

Rogron foi buscar quarenta e sete francos e doze *sous*.

— E não há nada para o meu colega e para mim? — perguntou o condutor.

Sílvia tirou quarenta *sous* do fundo do seu velho saco de veludo, cheio de chaves.

— Muito obrigado! Fique com isso para a senhora — disse o condutor. — Preferimos ter cuidado da pequena por ela mesma.

Apanhou a folha e saiu, dizendo à criada:

— Que choça! E dizer-se que há crocodilos como esse fora do Egito!

— Que gente grosseira! — disse Sílvia, que ouviu as palavras do condutor.

— Ora! Eles cuidaram da pequena — respondeu Adélia, fincando as mãos nas cadeiras.

— Não temos a obrigação de viver com ele — disse Rogron.

— Onde é que ela vai dormir? — perguntou a criada.

Tais foram a chegada e a recepção de Pierrette Lorrain na casa do primo e da prima, que a contemplavam com uma expressão aparvalhada e no meio dos quais ela foi atirada como um pacote, sem transição alguma entre o deplorável quarto onde morava em Saint-Jacques junto dos avós e a sala de refeições dos primos, que lhe deu a impressão dum salão de palácio. Sentia-se constrangida e envergonhada. Para qualquer outra pessoa a não ser esses ex-armarinheiros, a pequena bretã teria parecido adorável em sua saia

de grosseira lã azul, seu avental de algodão cor-de-rosa, seus grandes sapatos, suas meias azuis, sua gola branca, as mãos vermelhas enfiadas em mitenes de lã vermelha, debruadas de branco, que o condutor comprara para ela. Realmente, sua touquinha bretã que haviam engomado em Paris (amarrotara-se no trajeto de Nantes) parecia uma auréola sobre sua fisionomia alegre. Essa touca nacional, de fina cambraia de linho, guarnecida de renda engomada e pregueada em forma de tubos achatados, é tão elegante e singela que mereceria uma descrição. A luz, filtrando-se através da fazenda e da renda, produz uma penumbra, uma semiobscuridade no rosto, dando-lhe essa graça virginal que os pintores procuram em suas palhetas e que Léopold Robert[248] soube encontrar para a fisionomia rafaélica da mulher que segura um menino no quadro dos ceifadores. Sob essa grinalda de luz, brilhava um rosto claro e rosado, inocente, animado pela mais vigorosa pureza. O calor da sala fez afluir o sangue, que emprestou um vivo colorido às orelhas pequeninas, aos lábios e à ponta do nariz muito fino, o que, por contraste, fez com que a tez parecesse ainda mais clara.

— Então, não nos dizes nada? — disse Sílvia. — Sou tua prima Rogron. Esse é teu primo.

— Queres comer? — perguntou-lhe Rogron.

— Quando saíste de Nantes? — perguntou Sílvia.

— É muda — disse Rogron.

— Pobrezinha, quase não tem roupa — exclamou a gorda Adélia, abrindo a trouxa feita com um lenço do velho Lorrain.

— Beija teu primo — disse Sílvia.

Pierrette beijou Rogron.

— Beija tua prima — disse Rogron.

Pierrette beijou Sílvia.

— A pequena está atordoada com a viagem. Talvez precise dormir — disse Adélia.

Pierrette experimentou instantaneamente, pelos parentes, uma invencível aversão, sentimento que ninguém ainda lhe inspirara. Sílvia e a criada foram deitar a pequena bretã no quarto do segundo andar onde Brigaut vira a cortina de algodão branco. Havia ali uma cama de solteiro com a flecha pintada de azul de onde pendia um cortinado de algodão, uma cômoda de noqueira sem tampo de mármore, uma mesinha de noqueira, um espelho, uma vulgar mesinha de cabeceira e três cadeiras velhas. As paredes, inclinadas no lado da fachada, estavam revestidas de um horrível papel azul semeado de flores pretas. O soalho, pintado e encerado, gelava os pés. Só havia um delgado tapete de ourela junto à cama. A lareira, de mármore comum, era guarnecida dum espelho, dois castiçais de cobre dourado, um vulgar vaso de alabastro onde bebiam dois pombos formando as alças e que Sílvia tinha em seu quarto em Paris.

— Ficarás bem aqui, minha pequena? — perguntou-lhe a prima.

— Oh, é muito bonito! — respondeu a menina com sua voz argêntea.

— Não é exigente — resmungou a gorda criada. — Não será preciso aquecer a cama? — perguntou.

— Sim — disse Sílvia. — Os lençóis podem estar úmidos.

Adélia trouxe o aquecedor de cama, e Pierrette, que até então só se deitara em lençóis de grossa fazenda bretã, ficou surpresa com a delicadeza e a maciez dos lençóis de algodão. Quando a menina se deitou, Adélia, ao descer, não pôde deixar de gritar-lhe:

— A bagagem dela não vale três francos, senhorita.

Depois que adotara o regime de economia, Sílvia fazia a criada ficar na sala de refeições, a fim de que não houvesse na casa mais de uma luz e um fogo acesos. Quando, porém, o coronel Gouraud e Vinet iam visitá-los, Adélia retirava-se para a cozinha. A chegada de Pierrette animou o resto do serão.

— Será preciso fazer-lhe um enxoval amanhã mesmo — disse Sílvia. — Ela não tem nada.

— Só os grossos sapatos que tem nos pés e que pesam uma libra — disse Adélia.

— Naquela região é assim que usam — disse Rogron.

— Como ela admirava o quarto, que, entretanto, não é bonito demais para ser o de uma prima sua, senhorita.

— Está bem, cala-te — disse Sílvia. — Bem viste como ela ficou encantada.

— Meu Deus, que camisas! Devem arranhar a pele. Não tem nada que preste — disse Adélia, esvaziando a trouxa de Pierrette.

O patrão, a patroa e a criada ficaram entretidos até as dez horas em decidir sobre o percal e o preço das camisas, quantos pares de meias, de que fazenda, quantas saias de baixo, e em calcular o preço do enxoval de Pierrette.

— Não te arranjarás com menos de trezentos francos — disse à irmã Denis Rogron, que ia retendo o preço de cada coisa e fazendo mentalmente a soma, por um antigo hábito.

— Trezentos francos? — exclamou Sílvia.

— Sim, trezentos! Faze a conta.

O irmão e a irmã recomeçaram os cálculos e atingiram os trezentos francos, sem contar o feitio.

— Trezentos francos numa só redada! — disse Sílvia, que adormeceu sobre o pensamento tão engenhosamente traduzido por essa expressão proverbial.

Pierrette era uma dessas filhas do amor que o amor dotou de sua ternura, sua vivacidade, sua alegria, sua nobreza, sua abnegação; nada, até então, havia alterado nem maculado seu coração, duma delicadeza quase selvagem, e o acolhimento dos dois parentes a confrangeu penosamente. Se a Bretanha, para ela, fora cheia de miséria, fora, também, cheia de afeições. Se os velhos Lorrain foram os comerciantes mais inábeis, foram, também, as criaturas mais amorosas, mais francas, mais carinhosas do mundo, como todas as criaturas desinteressadas. Em Pen-Hoël, sua neta não tivera outra educação além da oferecida pela natureza. Pierrette saía à vontade a passear de barco pelos lagos; corria pela povoação e pelos campos em companhia de Jacques Brigaut, seu camarada, exatamente como Paulo e Virgínia.^[249] Festejados, afagados, ambos, por todos, livres como o ar, corriam em busca das infinitas alegrias da infância: no verão, iam assistir à pesca, apanhavam insetos, colhiam flores e cuidavam do jardim; no inverno, deslizavam no gelo, construía lindos palácios, bonecos ou bolas de neve com que travavam combate. Sempre bem-vindos, recebiam sorrisos de toda parte. Quando chegou a época de aprender, começaram os desastres. Tendo ficado sem recursos após a morte do pai, Jacques foi empregado, pelos parentes, como aprendiz na casa dum marceneiro, onde era mantido por caridade, tal como Pierrette o foi mais tarde em Saint-Jacques. Mesmo nessa instituição particular, porém, a gentil Pierrette fora ainda mimada, querida e protegida por todos. Essa menina, habituada a tanta afeição, não encontrava, nos parentes tão

desejados e tão ricos, esse ambiente, essa palavra, esses olhares e essas atenções com que todos, mesmo os estranhos e os condutores de diligência, a haviam cercado. Assim, seu espanto, já grande, foi agravado pela mudança de atmosfera moral em que entrava. O coração, como o corpo, sente subitamente frio ou calor. Sem saber por que, a pobre menina sentiu vontade de chorar: estava fatigada e adormeceu. Habituada a levantar-se muito cedo, como todas as crianças que vivem no campo, Pierrette acordou no dia seguinte duas horas antes da cozinheira. Vestiu-se, caminhou pelo quarto, que ficava por cima do da prima, admirou a pracinha, tentou descer e ficou pasma com a beleza da escada; examinou-a em seus detalhes, as pateras, os ornatos de cobre, a pintura etc. Depois, desceu e, não tendo podido abrir a porta do jardim, tornou a subir e desceu novamente quando Adélia se levantou, e correu para o jardim. Apoderou-se dele, correu até a ribeira, ficou admirada diante do quiosque e nele entrou; teve muito que ver e se surpreender até o momento em que Sílvia se levantou. Durante o almoço, disse-lhe a prima:

— Então eras tu, minha pequena, que andavas a correr desde a madrugada pela escada, fazendo barulho? Acordaste-me e não pude mais dormir. Precisas ser muito cautelosa, muito prudente, e brincar sem fazer ruído. Teu primo não gosta de barulho.

— E também precisas ter mais cuidado com os pés — disse Rogron. — Entraste no quiosque com os sapatos embarrados e sujaste o soalho. Tua prima gosta muito do asseio. Uma mocinha como tu deve ser asseada. Não eras asseada na Bretanha? Mas, agora me lembro, sempre que eu ia lá comprar linha, dava-me pena ver

aqueles selvagens! Em todo caso, ela tem bom apetite — disse Rogron, olhando para a irmã. — Dir-se-ia que não come há três dias.

Assim, desde o primeiro momento, Pierrette foi ferida pelas observações da prima e do primo, ferida sem saber por quê. Seu temperamento reto e franco, até então abandonado a si mesmo, ignorava a reflexão. Incapaz de descobrir em que pecavam a prima e o primo, devia ser lentamente instruída pelo sofrimento. Após o almoço, a prima e o primo, satisfeitos com a admiração de Pierrette e desejosos de desfrutá-la, mostraram-lhe a sala de visitas para ensinar-lhe a respeitar sua suntuosidade. Como consequência de seu isolamento e impelidos por essa necessidade moral de tomar interesse por alguma coisa, os celibatários são levados a substituir as afeições naturais por afeições artificiais, a amar cães, gatos, canários, a criada ou o confessor. Assim, Rogron e Sílvia haviam chegado a um amor exagerado pelo mobiliário e pela casa, que lhes tinham custado tão caro. Sílvia acabara por habituar-se a ajudar Adélia todas as manhãs, achando que ela não sabia tirar o pó dos móveis, limpá-los e conservá-los em estado de novo. Essa limpeza passou a constituir, imediatamente, uma ocupação para ela. Com isso, longe de perderem valor, os móveis se valorizavam! Usá-los sem gastá-los, sem manchá-los, sem arranhar a madeira, sem tirar o polimento, tal era o problema. Essa ocupação transformou-se, logo, numa mania de solteirona. Sílvia pôs num armário retalhos de lã, cera, verniz e escovas; aprendeu a manejá-los tão bem como um entalhador; tinha seus espanadores, suas toalhas para enxugar; enfim, encerava o assoalho sem correr o menor risco de ferir-se: era tão forte! Seu olhar azul, frio e rígido como o aço, deslizava até por baixo dos móveis a

todo momento. Assim, seria mais fácil encontrar uma corda sensível em seu coração do que um pé debaixo duma poltrona.

Depois do que se dissera na casa da sra. Tiphaine, foi impossível a Sílvia recuar diante dos trezentos francos. Durante a primeira semana, Sílvia esteve, pois, inteiramente ocupada, e Pierrette constantemente distraída por vestidos a encomendar, a experimentar, camisas e saias de baixo a cortar e a mandar coser por costureiras pagas por dia. Pierrette não sabia costurar.

— Que bela educação! — disse Rogron. — Então, não sabes fazer nada, minha menina?

Pierrette, que só sabia amar, fez, como única resposta, um encantador gesto de menina.

— Como passavas o tempo na Bretanha? — perguntou-lhe Rogron.

— Brincando — respondeu ela ingenuamente. — Todos brincavam comigo. Vovó e vovô contavam-me histórias. Ah, gostavam muito de mim!

— Ah! — respondeu Rogron. — Então, pegavas no menos pesado.

Pierrette não compreendeu esse gracejo da Rue Saint-Denis e arregalou os olhos.

— É muito bobinha — disse Sílvia à srta. Borain, a mais hábil costureira de Provins.

— É tão criança! — disse a costureira, olhando para Pierrette, cujo rosto fino se voltara para ela com uma expressão perspicaz.

Pierrette preferia as costureiras aos dois parentes. Era amável com elas, contemplava-as no trabalho, dizia-lhes essas belas palavras, as flores da infância, que Rogron e Sílvia reprimiam pelo medo, pois eles gostavam de imprimir aos subordinados um terror

salutar. As costureiras estavam encantadas com Pierrette. O enxoval, porém, não se aprontava sem terríveis interjeições.

— Essa menina vai custar-nos os olhos da cara! — dizia Sílvia ao irmão.

— Fica quieta, minha pequena! Que diabo! Isso é para ti, e não para mim — dizia ela a Pierrette, quando lhe tomavam as medidas.

— Deixa a srta. Borain trabalhar, não és tu que pagarás seu dia! — dizia, ao vê-la perguntar alguma coisa à primeira costureira.

— É preciso coser isto com ponto atrás, senhorita? — perguntava a srta. Borain.

— Sim. Costure solidamente. Não tenho vontade de recomeçar um enxoval desses todos os dias.

Passou-se com a prima o que se passara com a casa. Pierrette devia vestir-se tão bem como a menina da sra. Garceland. Ganhou sapatos modernos, de pelica bronzeada, como os da menina Tiphaine. Recebeu meias de algodão muito finas, um colete da melhor fabricação, um vestido de repes azul, uma bela romeira forrada de tafetá branco, tudo isso para rivalizar com a menina da jovem sra. Julliard. A roupa interna ficou em harmonia com a externa, pois Sílvia temia o exame e o olhar das mães de família. Pierrette ganhou belas camisas de madapolão. A srta. Borain disse que as filhas da senhora do subprefeito usavam calçolas de percal bordadas e guarnecidas de rendas, a última moda, enfim. Pierrette ganhou calçolas com rendas. Encomendaram para ela uma encantadora capa de veludo azul forrado de cetim branco, semelhante à da menina Martener. Pierrette tornou-se, assim, a menina mais encantadora de toda a Provins. No domingo seguinte, na igreja, ao sair da missa, todas as senhoras a abraçaram. As sras.

Tiphaine, Garceland, Galardon, Auffray, Lesourd, Martener, Guépin e Julliard gostaram muito da linda bretã. Esse alvoroço lisonjeou o amor-próprio da velha Sílvia, que no seu gesto de bondade via menos Pierrette que uma vitória da vaidade. Sílvia, porém, devia acabar ofendendo-se com os sucessos da prima, e eis como: convidaram Pierrette e, sempre para triunfar daquelas senhoras, ela mandou Pierrette. Vinham buscar Pierrette, que brincava e fazia pequenos jantares com as meninas daquelas senhoras. Pierrette alcançou muito maior êxito que os Rogron. A srta. Sílvia chocou-se ao ver Pierrette convidada a visitar as outras sem que viessem visitá-la. A inocente criança não dissimulou a satisfação que sentia na casa das sras. Tiphaine, Martener, Galardon, Julliard, Lesourd, Auffray e Garceland, cujas demonstrações de estima contrastavam singularmente com as alterações da prima e do primo. Uma mãe teria ficado contentíssima com a felicidade de sua filha. Os Rogron, porém, haviam tomado Pierrette por eles mesmos e não por ela: seus sentimentos, longe de ser paternais, eram enodados de egoísmo e duma espécie de exploração comercial.

O belo enxoval, os belos vestidos domingueiros e os de todos os dias deram início ao infortúnio de Pierrette. Como todas as crianças entregues aos folguedos e habituadas a seguir as inspirações de sua fantasia, ela gastava terrivelmente depressa os sapatos, os borzeguins, os vestidos e, principalmente, as calçolas de renda. Quando uma mãe repreende um filho, pensa apenas nele; sua palavra é doce, só eleva a voz quando é obrigada a fazê-lo e quando o filho comete faltas. Na grande questão das roupas, entretanto, os escudos dos dois primos eram o assunto principal: tratava-se deles e não de Pierrette. As crianças são dotadas do faro da raça canina para

as faltas dos que as governam: sentem admiravelmente se são amadas ou toleradas. Os corações puros são mais fortemente impressionados pelas gradações que pelos contrastes: antes mesmo de compreender o mal, a criança já percebe quando ofendem o sentimento do belo de que a natureza a dotou. Os conselhos que Pierrette atraía sobre si, a propósito da conduta que devem ter as moças bem-educadas, sobre modéstia e economia, eram o corolário desse tema principal: *Pierrette nos arruína!* Essas repreensões, que tiveram um funesto resultado sobre Pierrette, reconduziram os dois celibatários à antiga rotina comercial de que a mudança para Provins os afastara e na qual seu temperamento ia desabrochar e florir. Habitados a dominar, a fazer observações, a mandar, a repreender violentamente os caixeiros, Rogron e a irmã consumiam-se por falta de vítimas.

Os espíritos estreitos necessitam de despotismo para que seus nervos funcionem, do mesmo modo que as almas grandes têm sede de igualdade para que seu coração continue a pulsar. Ora, os seres mesquinhos se manifestam com a mesma força na perseguição como no benefício: podem manifestar seu poder por um império cruel ou caridoso sobre outrem; são sempre levados, porém, para o lado ao qual os impele o temperamento. Acrescentai a isso o veículo do interesse e tereis a chave do enigma da maioria das coisas sociais.

Desde então, Pierrette tornou-se extremamente necessária à existência dos primos. Desde sua chegada, os Rogron haviam estado muito ocupados com o enxoval e, depois, com a novidade da comensalidade. Toda novidade, uma afeição ou mesmo uma tirania, segue um caminho certo. Sílvia começou por tratar Pierrette de *minha pequena*; trocou o *minha pequena* por *Pierrette* apenas. As

repreensões, inicialmente agradoces, tornaram-se enérgicas e duras. Depois que tomaram esse caminho, o irmão e a irmã fizeram rápidos progressos; não se entediavam mais! Não foi a conspiração de seres maus e cruéis, e sim o instinto duma tirania imbecil. O irmão e a irmã julgaram-se úteis a Pierrette, como antigamente se julgavam úteis aos aprendizes. Pierrette, cuja sensibilidade sincera, nobre, excessiva, era a antípoda da secura dos Rogron, tinha horror às repreensões: sentia-as tão intensamente que imediatamente as lágrimas umedeciam seus belos olhos puros. Teve de travar duros combates antes de reprimir sua adorável vivacidade, que tanto agradava fora de casa; expandia-a na casa das mães de suas amiguinhas; em casa, porém, no fim do primeiro mês, começou a mostrar-se apática, e Rogron perguntou-lhe se estava doente. Ao ouvir essa estranha interrogação, correu para a extremidade do jardim a fim de chorar à margem do riacho, onde suas lágrimas caíram como um dia ela própria devia cair na torrente social. Certa vez, apesar dos cuidados, a menina deu um rasgão no belo vestido de repes azul, na casa da sra. Tiphaine, onde fora brincar num lindo dia. Imediatamente desfez-se em lágrimas, prevendo a cruel repreensão que a esperava em casa. Interrogada, escaparam-lhe algumas palavras sobre a terrível prima, no meio do pranto. A bela sra. Tiphaine tinha um repes igual e ela mesma substituiu a parte rasgada. A srta. Rogron soube da peça que, segundo sua expressão, lhe pregara a endiabrada menina. Desse momento em diante, não consentiu mais em confiar Pierrette àquelas senhoras.

A nova existência que Pierrette ia levar em Provins devia dividir-se em três fases bem distintas. A primeira, durante a qual desfrutou uma espécie de felicidade composta pela associação das carícias frias

dos dois celibatários e pelas repreensões, violentas para ela, durou três meses. A proibição de visitar as amiguinhas, apoiada na necessidade de começar a aprender tudo o que devia saber uma moça bem-educada, encerrou a primeira fase da vida de Pierrette em Provins, a única época em que a existência lhe pareceu suportável.

VI – HISTÓRIA DAS PRIMAS POBRES EM CASA DOS PARENTES RICOS

Os movimentos interiores produzidos nos Rogron pela permanência de Pierrette foram estudados por Vinet e pelo coronel com a precaução de raposas que se propõem entrar num galinheiro e se inquietam ao encontrar lá um novo ser. Ambos aproximavam-se aos poucos, para não assustar a srta. Sílvia: conversavam com Rogron sob diversos pretextos e iam se apoderando da casa com uma reserva e uma cautela que o grande Tartufo[250] teria admirado. O coronel e o advogado passaram o serão com os Rogron, no mesmo dia em que Sílvia recusara, em termos muito amargos, mandar Pierrette à casa da bela sra. Tiphaine. Ao saberem da recusa, o coronel e o advogado entreolharam-se como conhecedores de Provins.

— Positivamente, ela quis afrontá-la — disse-lhe o advogado. — Há muito que vínhamos prevenindo Rogron do que lhe aconteceu. Não se tem nada a ganhar com aquela gente.

— Que se pode esperar do partido antinacional? — exclamou o coronel, retorcendo o bigode e interrompendo o advogado. — Se tivéssemos procurado afastá-los deles, teriam pensado que o fazíamos por ódio. Mas, se a senhorita gosta de jogar cartas, por que

não organiza uma partida de bóston em sua casa? Será impossível substituir cretinos como os Julliard? Vinet e eu conhecemos o bóston e acabaremos conseguindo um quarto parceiro. Vinet pode apresentar-lhe a esposa. É uma senhora gentil e, além disso, é uma Chargebœuf. Acho que não farão como essas macacas da cidade alta, não exigirão vestidos de duquesa a uma boa dona de casa, que se vê obrigada, pela infâmia da família, a fazer todos os trabalhos domésticos e que alia a coragem dum leão à doçura dum cordeiro.

Sílvia Rogron exibiu os longos dentes amarelos ao sorrir para o coronel, que resistiu bravamente a esse horrível fenômeno e chegou até a assumir uma expressão lisonjeira.

— Se formos apenas quatro, não poderemos jogar bóston todas as noites — respondeu ela.

— Que quer que faça um veterano rabugento como eu, que não tem outra coisa a fazer além de gastar as pensões? O advogado está sempre livre à noite. Por outro lado, a senhorita formará um círculo de relações, prometo-lhe — acrescentou, com uma expressão misteriosa.

— Bastará — disse Vinet — colocar-se francamente contra os ministeriais de Provins e enfrentá-los. Verão, então, como os estimarão em Provins e formarão uma sociedade própria. Enfurecerão os Tiphaine, opondo seu salão ao deles. Que tal? Se os outros riem de nós, riremos deles. A *súcia*, aliás, não poupa muito os senhores.

— Como? — perguntou Sílvia.

Na província, há mais de uma válvula pela qual os falatórios escapam duma sociedade para outra. Vinet tivera conhecimento de todas as referências feitas sobre os Rogron nos salões dos quais os

ex-armarinheiros haviam sido definitivamente banidos. O juiz substituto, o arqueólogo Desfondrilles, não pertencia a nenhum partido. Esse juiz, como algumas outras pessoas independentes, contava, por hábito de província, tudo o que ouvia dizer, e Vinet tirara proveito dessas tagarelices. O malicioso advogado envenenou os gracejos da sra. Tiphaine ao repeti-los. Revelando as mistificações a que Rogron e Sílvia se haviam prestado, inflamou a cólera e despertou o espírito de vingança naqueles dois temperamentos áridos, que desejavam um alimento para suas paixões mesquinhas.

Alguns dias mais tarde, Vinet levou a esposa, pessoa bem-educada, tímida, nem feia nem bonita, muito meiga e que deixava transparecer vivamente sua desventura. A sra. Vinet era loura, um pouco fatigada pelos trabalhos do seu lar pobre e muito singelamente vestida. Mulher alguma poderia agradar mais a Sílvia. A sra. Vinet suportou as atitudes de Sílvia e curvou-se diante dela, como mulher habituada a curvar-se. Havia em sua testa arqueada, em suas faces de rosa de Bengala, em seu olhar tranquilo e meigo, os traços dessas meditações profundas, desse pensamento perspicaz que as mulheres habituadas a sofrer sepultam num absoluto silêncio. A influência do coronel, que cercava Sílvia de galanteios aparentemente arrancados à sua brusquidão militar, e a do esperto Vinet logo atingiram Pierrette. Encerrada em casa, de onde só saía em companhia da velha prima, Pierrette, esse belo esquilo, passou a ser, a todo momento, atacada por “Não toque nisso, Pierrette!” e por sermões contínuos sobre a maneira de comportar-se. Pierrette curvava o peito e inclinava as costas; a prima queria-a empertigada como ela, que parecia um soldado apresentando armas ao coronel; dava-lhe, às vezes,

palmadinhas nas costas para endireitá-la. A livre e alegre filha do Marais aprendeu a reprimir os impulsos, a imitar um autômato.

Uma noite que assinalou o início da segunda fase, Pierrette, que os três frequentadores não haviam visto no salão durante o serão, foi beijar os parentes e cumprimentar as visitas antes de ir deitar-se. Sílvia apresentou friamente a face à encantadora menina, como para desembaraçar-se do beijo. O gesto foi tão cruelmente significativo que as lágrimas de Pierrette jorraram.

— Feriste-te, minha pequena Pierrette? — perguntou-lhe o atroz Vinet.

— Que tens? — perguntou-lhe severamente Sílvia.

— Nada — disse a pobre menina, indo beijar o primo.

— Nada? — replicou Sílvia. — Não se chora sem razão.

— Que tens, minha belezinha? — perguntou-lhe a sra. Vinet.

— Minha prima rica não me trata tão bem como minha pobre avó!

— Tua avó te tirou toda a tua fortuna — disse Sílvia — e tua prima te deixará a sua.

O coronel e o advogado entreolharam-se furtivamente.

— Prefiro ser roubada e estimada — disse Pierrette.

— Está bem! Vamos mandar-te de volta.

— Mas que é que fez a queridinha? — disse a sra. Vinet.

Vinet lançou à mulher esse olhar terrível, fixo e frio, das pessoas que exercem um domínio absoluto. A pobre hilota, constantemente punida por não ter tido a única coisa que queriam dela, a fortuna, retomou as cartas.

— Que é que ela fez? — exclamou Sílvia, erguendo a cabeça com um gesto tão brusco que os enfeites amarelos de sua touca se agitaram. — Ela não sabe mais o que inventar para contrariar-nos:

abriu meu relógio para ver o mecanismo, deu corda e quebrou a mola grande. Essa menina não escuta nada. Estou a recomendar-lhe o dia inteiro que tenha cuidado com as coisas e é como se eu falasse a esta lamparina.

Pierrette, envergonhada por ter sido repreendida na presença de estranhos, saiu de mansinho.

— Vivo a perguntar-me como se há de dominar a turbulência dessa menina — disse Rogron.

— Mas ela tem bastante idade para ir para um internato — disse a sra. Vinet.

Um novo olhar de Vinet impôs silêncio à esposa, a quem evitara de confiar seus planos e os do coronel sobre os dois celibatários.

— Eis no que dá a gente tomar conta dos filhos dos outros! — exclamou o coronel. — A senhorita ainda pode ter filhos seus, bem como seu irmão. Por que não se casam, um ou outro?

Sílvia olhou muito amavelmente para o coronel: pela primeira vez na vida encontrava um homem a quem a ideia de que ela podia casar-se não parecia absurda.

— A sra. Vinet tem razão — exclamou Rogron —, isso faria Pierrette ficar quieta. Um professor não custará grande coisa!

A frase do coronel preocupava Sílvia de tal modo que ela não respondeu a Rogron.

— Se ao menos o senhor quisesse financiar o jornal oposicionista de que falamos, teria um professor para nossa priminha no editor responsável; tornaríamos esse pobre mestre-escola vítima da invasão do clero. Minha mulher tem razão: Pierrette é um diamante bruto que é preciso polir — disse Vinet a Rogron.

— Pensei que o senhor fosse barão — disse Sílvia ao coronel enquanto davam as cartas e após uma longa pausa durante a qual todos os jogadores se conservaram pensativos.

— Sim. Mas, tendo sido nomeado em 1814, após a batalha de Nangis,^[251] na qual meu regimento fez milagres, não tive o dinheiro nem as proteções necessárias para regularizar minha situação na chancelaria. Dá-se com o baronato o mesmo que com o posto de general, que recebi em 1815: só uma revolução nos poderá restituir.

— Se o senhor pudesse garantir o financiamento com uma hipoteca — respondeu finalmente Rogron —, eu poderia fazê-lo.

— Mas isso pode-se arranjar com Cournant — replicou Vinet. — O jornal trará a vitória do coronel e tornará seu salão mais poderoso que o dos Tiphaine e sua súa.

— Como é isso? — perguntou Sílvia.

No momento em que, enquanto sua esposa dava as cartas, o advogado explicava a importância que Rogron, o coronel e ele, Vinet, adquiririam com a publicação dum jornal independente para o distrito de Provins, Pierrette desfazia-se em lágrimas; seu coração e sua inteligência estavam de acordo: achava a prima mais em falta do que ela. A menina do Marais compreendia instintivamente o quanto a caridade e a bondade devem ser absolutas. Odiava os belos vestidos e tudo o que se fazia por ela. Vendiam-lhe muito caro os benefícios. Chorava de despeito por ter deixado que tomassem conta dela e tomava a resolução de comportar-se de maneira a reduzir os parentes ao silêncio. Pobre criança! Pensava, então, no quanto Brigaut fora grande ao dar-lhe suas economias. Julgava que sua desventura chegara ao auge e ignorava que naquele momento se estava decidindo, na sala de visitas, um novo infortúnio para ela.

Com efeito, alguns dias mais tarde, Pierrette passou a ter um professor. Devia aprender a ler, escrever e contar. A educação de Pierrette causou enormes transtornos na casa dos Rogron. Era a tinta derramada nas mesas, nos móveis, nas roupas; depois, cadernos de escrita e penas espalhados por toda a parte, pó sobre os estofamentos, livros rasgados, despedaçados, enquanto ela aprendia as lições. Já lhe falavam — e em que termos! — da necessidade de ganhar seu pão, de não ser pesada a ninguém. Ao ouvir esses terríveis conselhos, Pierrette sentia uma dor na garganta: produzia-se ali uma contração violenta, seu coração batia precipitadamente. Era obrigada a conter o pranto, pois pediam-lhe explicações de suas lágrimas como duma ofensa à bondade de seus magnânimos parentes. Rogron encontrara a vida que lhe era peculiar: repreendia Pierrette como outrora repreendia os caixeiros; ia arrancá-la dos brinquedos para obrigá-la a estudar, fazia que ela lhe repetisse as lições, era o feroz mestre-escola da pobre menina. Sílvia, por sua vez, considerava um dever ensinar a Pierrette o pouco que sabia de trabalhos femininos. Nem Rogron nem a irmã tinham doçura de caráter. Esses espíritos mesquinhos, que, além disso, sentiam um prazer real em atormentar a pobrezinha, passaram insensivelmente da brandura à mais excessiva severidade. Sua severidade foi estimulada pela pretensa má vontade da criança, que, começando a aprender muito tarde, tinha o entendimento difícil. Seus professores ignoravam a maneira de dar às lições uma forma apropriada à inteligência da aluna, o que assinala a diferença entre a educação particular e a educação pública. Assim, a culpa era menos de Pierrette que dos parentes. Ela levou um tempo enorme para aprender as primeiras noções. Por um nada qualquer, era chamada

de burra e estúpida, boba e inepta. Pierrette, constantemente maltratada com palavras, não encontrou nos parentes senão olhares frios. Assumiu a atitude embrutecida das ovelhas: não ousou fazer mais nada, ao ver suas ações mal julgadas, mal recebidas e mal interpretadas. Em todas as coisas esperava o consentimento, as ordens da prima. Assim, passou a guardar seus pensamentos para si mesma e encerrou-se numa obediência passiva. Suas cores brilhantes começaram a extinguir-se. Queixou-se, algumas vezes, de dores. Quando a prima lhe perguntou: “Onde?”, a pobrezinha, que sentia dores generalizadas, respondeu: “Por toda a parte”.

— Onde já se viu sofrer por toda a parte? Se tivesse dores por toda a parte, já estarias morta! — replicou Sílvia.

— A gente sente dores no peito — dizia Rogron, o epiloador —, tem dores de dente, de cabeça, nos pés, no ventre. Nunca, porém, se viu ter dor por toda a parte. Que quer dizer isso, por toda a parte? Ter dores por toda a parte é não ter dor em parte alguma. Sabes que é que estás fazendo? Falas só por falar.

Pierrette acabou calando-se, ao ver suas ingênuas observações de moça, as flores de seu espírito nascente, acolhidas por lugares-comuns que seu bom senso lhe mostrava serem ridículos.

— Tu te queixas e tens um apetite de monge! — dizia-lhe Rogron.

A única pessoa que não ofendia essa querida flor tão delicada era a gorda criada, Adélia. Adélia aquecia o leito da menina, às escondidas, desde a noite em que, surpreendida a proporcionar esse conforto à herdeira dos patrões, foi censurada por Sílvia.

— É preciso educar as crianças com rigor, é assim que se formam temperamentos fortes. Acaso ficamos menos fortes de saúde com esse regime, meu irmão e eu? — disse Sílvia. — Farias de Pierrette

uma *achacada!* — expressão do vocabulário Rogron para descrever as pessoas doentias e choramingas.

As expressões carinhosas desse anjo eram recebidas como fingimentos. As rosas da afeição que brotavam tão frescas, tão graciosas naquela alma jovem, e queriam desabrochar eram impiedosamente esmagadas. Pierrette recebia os golpes mais rudes nos pontos ternos do coração. Se tentava abrandar aqueles dois temperamentos ferozes por meio de agradados, era acusada de mostrar-se meiga por interesse.

— Dize-me logo que é que queres! — exclamava brutalmente Rogron. — Não há de ser por nada que estás me adulando.

Nem a irmã nem o irmão admitiam a afeição, e Pierrette era toda afeição. O coronel Gouraud, ansioso por agradar à srta. Rogron, dava-lhe razão em tudo o que se referia a Pierrette. Vinet apoiava igualmente os dois parentes em tudo quanto diziam contra Pierrette; atribuía todos os pretensos defeitos desse anjo à teimosia do caráter bretão e achava que nenhuma força, nenhuma vontade conseguiria dominá-la. Rogron e a irmã eram lisonjeados com uma astúcia exagerada por esses dois cortesãos, que haviam acabado por obter de Rogron o financiamento do jornal *Correio de Provins*, além de cinco mil francos de ações de Sílvia. O coronel e o advogado puseram-se em campo. Colocaram cem ações de quinhentos francos entre os eleitores proprietários de bens nacionais, aos quais os jornais liberais inspiravam temores, entre os granjeiros e entre as pessoas chamadas independentes. Acabaram, mesmo, estendendo suas ramificações pelo departamento e mesmo além, em algumas comunas limítrofes. Cada acionista foi, naturalmente, incluído como assinante. Além disso, os anúncios judiciais e outros dividiram-se entre a *Colmeia* e

o *Correio*. O primeiro número do jornal fez um pomposo elogio de Rogron. Rogron era apresentado como o Laffitte[252] de Provins. Quando o espírito público ficou orientado, pôde verificar facilmente que as próximas eleições seriam vivamente disputadas. A bela sra. Tiphaine ficou desesperada.

— Infelizmente — dizia ela, lendo um artigo dirigido contra ela e contra Julliard — esqueci-me de que sempre há um patife perto dum tolo e que a tolice atrai sempre um homem inteligente da espécie das raposas.

Depois que o jornal começou a brilhar num raio de vinte léguas, Vinet adquiriu uma casaca nova, sapatos, um colete e calças decentes. Arvorou o famoso chapéu cinza dos liberais e deixou ver a roupa branca. A mulher tomou uma criada e apareceu vestida como deve fazê-lo a esposa dum homem influente. Comprou bonitas toucas. Por interesse, Vinet mostrou-se grato. O advogado e seu amigo Cournant, o tabelião dos liberais e o adversário de Auffray tornaram-se conselheiros dos Rogron, aos quais prestaram dois grandes serviços. Os arrendamentos feitos pelo velho Rogron em 1815, em circunstâncias desastrosas, iam expirar. A horticultura e as demais plantações haviam adquirido enorme desenvolvimento nos arredores de Provins. O advogado e o tabelião procuraram proporcionar aos Rogron um aumento de mil e quatrocentos francos em seus rendimentos por meio de novas locações. Vinet ganhou dois processos relativos a plantações de árvores, contra duas comunas, representando um total de quinhentos álamos. O dinheiro dos álamos e o das economias de Rogron, que havia três anos produziam seis mil francos a alto juro, foram muito habilmente empregados na compra de várias terras encravadas. Finalmente, Vinet empreendeu e

levou a termo a expropriação de alguns camponeses a quem o velho Rogron emprestara dinheiro e que se haviam matado a cultivar e melhorar as terras, sem resultado. Os danos causados pela construção da casa ao capital dos Rogron foram, assim, largamente sanados. Suas propriedades, situadas nas redondezas de Provins, escolhidas pelo pai como só os hoteleiros sabem escolher, divididas em pequenas lavouras, a maior das quais não ocupava nem cinco jeiras, arrendadas a pessoas perfeitamente solváveis, quase todas possuidoras de frações de terra e com hipotecas garantidas pelas herdades, trouxeram no dia de São Martinho, em novembro de 1826, cinco mil francos. Os impostos estavam a cargo dos rendeiros, e não havia nenhuma construção a reparar ou a segurar contra incêndio. Cada um dos irmãos possuía quatro mil e seiscentos francos a cinco por cento e, como esses valores estavam acima do par, o advogado lhes sugeriu que empregassem o capital em terras, prometendo-lhes, com o auxílio do tabelião, não deixar que perdessem um *liard*^[253] e juros com a transferência.

No fim desse segundo período, a vida ficou tão dura para Pierrette, a indiferença dos frequentadores da casa, a estupidez repreensora e a falta de afeição dos parentes tornaram-se tão corrosivas e ela sentiu tão nitidamente soprar sobre ela o frio úmido da sepultura, que concebeu o ousado projeto de ir embora, a pé, para a Bretanha para juntar-se a sua avó e a seu avô Lorrain. Dois acontecimentos vieram impedir que ela efetivasse esse intento. O bom velho Lorrain morreu; Rogron foi nomeado tutor da prima por um conselho de família reunido em Provins. Se a avó tivesse falecido em primeiro lugar, é de crer que Rogron, aconselhado por Vinet,

teria reclamado os oito mil francos de Pierrette e reduzido o avô à indigência.

— Mas o senhor pode herdar de Pierrette — disse-lhe Vinet, com um sorriso terrível. — Nunca se sabe quem ficará vivo e quem morrerá.

Esclarecido por essa frase, Rogron não deu trégua à viúva Lorrain, devedora de sua neta, senão após ter-lhe feito assegurar a Pierrette a sua propriedade dos oito mil francos por uma doação intervivos, cujas despesas foram pagas por ele.

Pierrette foi singularmente abalada por essa morte. No momento em que recebeu o golpe terrível, tratavam de sua primeira comunhão: outro fato cujas obrigações retiveram Pierrette em Provins. Essa cerimônia necessária e tão singela ia causar grandes alterações entre os Rogron. Sílvia soube que o padre Péroux estava instruindo as pequenas Julliard, Lesourd, Garceland e outras. Sentiu-se ferida em sua dignidade e quis que Pierrette fosse preparada pelo próprio vigário do padre Péroux, o padre Habert, homem que passava por pertencer à congregação, muito zeloso pelos interesses da Igreja, muito temido em Provins e que ocultava uma grande ambição sob uma severidade de princípios absolutos. A irmã desse padre, uma moça de cerca de trinta anos, mantinha uma pensão de moças na cidade. O irmão e a irmã pareciam-se: ambos magros, amarelados, de cabelos pretos, atrabiliários. Como bretã embalada nas práticas e na poesia do catolicismo, Pierrette abriu o coração e o ouvido à palavra daquele imponente vigário. Os sofrimentos predispõem à devoção, e quase todas as moças, impelidas por uma ternura instintiva, são propensas ao misticismo, o lado profundo da religião. Assim, o padre semeou o grão do

Evangelho e os dogmas da Igreja num terreno excelente. Alterou completamente as disposições de Pierrette. Pierrette amou Jesus Cristo apresentado na comunhão às moças como um noivo celestial; seus sofrimentos físicos e morais passaram a ter um sentido; foi instruída para ver em tudo o dedo de Deus. Sua alma, tão cruelmente ferida naquela casa sem que ela pudesse acusar os parentes, refugiou-se naquela esfera a que se elevam todos os desgraçados, levados nas asas das três virtudes teológicas. Abandonou, assim, suas ideias de fuga. Sílvia, surpresa com a metamorfose operada em Pierrette pelo padre Habert, encheu-se de curiosidade. Desse momento em diante, enquanto preparava Pierrette para a primeira comunhão, o padre Habert conquistou para Deus a alma, até então transviada, da srta. Sílvia. Sílvia caiu na devoção. Denis Rogron, a quem o pretense jesuíta não pôde morder, porque então o espírito de Sua Majestade liberal falecido Constitucional I[254] era mais forte sobre certos tolos que o espírito da Igreja, Denis conservou-se fiel ao coronel Gouraud, a Vinet e ao liberalismo.

A srta. Rogron, naturalmente, travou relações com a srta. Habert, com quem simpatizou perfeitamente. As duas solteironas amaram-se como duas irmãs que se amam. A srta. Habert ofereceu-se para ficar com Pierrette em sua casa e poupar a Sílvia os aborrecimentos e os embaraços duma educação, mas o irmão e a irmã responderam que a ausência de Pierrette determinaria um grande vácuo em sua casa. A afeição dos Rogron à priminha pareceu exagerada. Ao verem a srta. Habert entrar em campo, o coronel Gouraud e o advogado Vinet atribuíram ao ambicioso vigário, no interesse de sua irmã, o plano matrimonial concebido pelo coronel.

— Sua irmã quer casá-lo — disse o advogado ao ex-armarinheiro.

— Com quem? — perguntou Rogron.

— Com essa velha sibila de preceptora — exclamou o coronel, confiando o bigode.

— Ela não me disse nada — respondeu ingenuamente Rogron.

Uma moça independente como Sílvia devia fazer progressos no caminho da salvação. A influência do padre ia crescer naquela casa, apoiada por Sílvia, que dispunha do irmão. Os dois liberais, que se assustaram com razão, compreenderam que se o padre resolvesse casar a irmã com Rogron, união infinitamente mais viável que a de Sílvia e o coronel, ele arrastaria Sílvia às práticas mais violentas da religião e faria entrar Pierrette num convento. Estavam, assim, em risco de perder dezoito meses de esforços, de infâmias e de bajulações. Foram acometidos dum ódio surdo e terrível contra o padre e a irmã; sentiram, entretanto, a necessidade de viver em harmonia com eles a fim de segui-los passo a passo. O padre Habert e sua irmã, que conheciam o uíste e o bóston, passaram a frequentar a casa dos Rogron todas as noites. A assiduidade de uns estimulou a assiduidade dos outros. O advogado e o coronel sentiram-se em face de adversários tão fortes quanto eles, pressentimento de que partilhavam o padre Habert e a irmã. Suas respectivas situações já constituíam um combate. Assim como o coronel fazia Sílvia saborear as doçuras inesperadas dum pedido de casamento, pois ela acabara por ver em Gouraud um homem digno dela, a srta. Habert envolveu o ex-armarinheiro no acolchoado de suas atenções, de suas palavras e de seus olhares. Nenhum dos dois partidos podia pronunciar essa grande palavra de alta política: “Partilhemos!”. Cada qual queria sua presa. Por outro lado, as duas astutas raposas da oposição provinense, oposição que crescia, cometeram o erro de se julgarem

mais fortes que o sacerdote: foram os primeiros a abrir fogo. Vinet, cuja gratidão foi despertada pelos dedos aduncos do interesse pessoal, foi procurar a srta. de Chargebœuf e sua mãe. Essas duas mulheres possuíam cerca de dois mil francos de renda e viviam parcamente em Troyes. A srta. Bathilde de Chargebœuf era uma dessas magníficas criaturas que acreditam nos casamentos por amor e que aos vinte e cinco anos mudam de opinião ao verificar que continuam solteiras. Vinet soube persuadir a sra. de Chargebœuf a juntar seus dois mil francos com os mil escudos que ele ganhava desde a fundação do jornal e ir viver com ele em Provins, onde, segundo disse, Bathilde desposaria um imbecil chamado Rogron e poderia, inteligente como era, rivalizar com a bela sra. Tiphaine. A adesão da sra. e da srta. de Chargebœuf ao lar e às ideias de Vinet deu a máxima consistência ao Partido Liberal. Essa coligação consternou a aristocracia de Provins e o partido dos Tiphaine. A sra. de Bréautey, desesperada por ver duas mulheres nobres assim transviadas, convidou-as a irem à sua casa. Queixou-se das faltas cometidas pelos monarquistas e tornou-se furiosa contra os de Troyes ao saber da situação da mãe e da filha.

— Como é isso? Então não apareceu nenhum velho fidalgo camponês para desposar essa querida menina, nascida para tornar-se castelã? — dizia ela. — Deixaram que ela ficasse velha e agora ela vai atirar-se a um Rogron.

Reolveu todo o departamento sem poder encontrar um único fidalgo capaz de desposar uma moça cuja mãe não tinha mais de dois mil francos de renda. O partido dos Tiphaine e o subprefeito também se puseram à procura desse desconhecido, mas muito tarde. A sra. de Bréautey fez terríveis acusações contra o egoísmo que devorava a

França, fruto do materialismo e do poder conferido pelas leis ao dinheiro: a nobreza não era mais nada! A beleza, mais nada! Os Rogron e os Vinet entravam em luta contra o rei da França!

Bathilde de Chargebœuf não tinha sobre a rival apenas a incontestável vantagem da beleza, mas, também, a do vestuário. Era duma alvura resplandecente. Aos vinte e cinco anos, com as espáduas completamente desenvolvidas, suas belas formas tinham uma plenitude estranha. A harmonia do pescoço, a pureza dos atrativos, a abundância da cabeleira dum louro encantador, a graça do sorriso, a distinção da cabeça, a expressão e a forma do rosto, os belos olhos bem situados sob uma fronte bem talhada, os gestos nobres e fidalgos e a silhueta ainda esbelta, tudo nela se harmonizava. Tinha uma bela mão e um pé pequeno. Sua saúde conferia-lhe, talvez, o aspecto duma bela empregada de hospedaria; “esse detalhe, porém, não seria um defeito aos olhos dum Rogron” — disse a bela sra. Tiphaine. A srta. de Chargebœuf apresentou-se pela primeira vez muito singelamente. O vestido de merinó escuro com bordado verde era decotado; um lenço de filó, bem preso por cordões interiores, cobria as espáduas, as costas e os seios, entreabrindo-se, porém, na frente, embora o lenço estivesse preso por uma *sevigné*. Sob essa rede delicada, os encantos de Bathilde tornavam-se ainda mais atraentes, mais sedutores. Tirou o chapéu de veludo e o xale ao chegar, deixando ver as belas orelhas ornadas de brincos de ouro. Usava uma pequena cruz presa a uma fita de veludo que se destacava em seu pescoço como um anel negro que a natureza extravagante põe na cauda dum angorá branco. Conhecia todas as astúcias das moças casadouras: agitar as mãos para ajeitar cachos que não estão desarranjados, mostrar os pulsos ao pedir a Rogron que lhe

abotoasse um punho, pedido a que o desgraçado, deslumbrado, se recusava brutalmente, ocultando, assim, suas emoções sob uma falsa indiferença. A timidez do único amor que o armarinheiro devia experimentar na vida revestiu-se de todos os indícios do ódio. Tanto Sílvia como Celeste Habert iludiram-se com isso, mas não o advogado, o homem superior daquela sociedade estúpida e que só tinha por adversário o padre, pois o coronel foi durante muito tempo seu aliado.

O coronel, por seu lado, conduziu-se desde então com relação a Sílvia como Bathilde com Rogron. Passou a mudar a roupa branca todas as noites, comprou gravatas de veludo sobre as quais se destacava nitidamente sua fisionomia marcial posta em relevo pelas duas extremidades do colarinho branco da camisa; adotou o colete de piquê branco e mandou fazer uma sobrecasaca nova de fazenda azul, na qual brilhava a roseta vermelha, tudo sob o pretexto de honrar a presença da bela Bathilde. Passou a não fumar mais depois das duas horas. Os cabelos grisalhos foram assentados em ondas sobre o crânio de tonalidade ocre. Adquiriu, enfim, a aparência e a atitude dum chefe de partido, dum homem que se dispunha a levar os inimigos da França, os Bourbons, numa palavra, a toque de caixa.

O satânico advogado e o astucioso coronel pregaram ao padre Habert e a sua irmã uma peça ainda mais cruel do que a apresentação da bela srta. de Chargebœuf, considerada pelo Partido Liberal e pelos Bréautey dez vezes mais bela que a bela sra. Tiphaine. Esses dois grandes políticos de cidade pequena espalharam, cautelosamente, que o padre Habert estava aderindo às suas ideias. Logo Provins começou a falar dele como sendo um padre liberal. Chamado imediatamente ao bispado, o padre Habert foi obrigado a

renunciar aos serões na casa dos Rogron; a irmã, porém, continuou a frequentá-los. O salão Rogron ficou então constituído e tornou-se uma potência.

Em meados desse ano, as intrigas políticas, por sua vez, não foram menos intensas no salão dos Rogron do que as intrigas matrimoniais. Se os interesses surdos, sepultos nos corações, travaram combates encarniçados, a luta política adquiriu uma fatal celebridade. Todos sabem que o ministério Villèle foi derrubado pelas eleições de 1826. No colégio eleitoral de Provins, Vinet, candidato liberal, a quem o sr. Cournant proporcionara a elegibilidade pela aquisição duma propriedade cujo pagamento ficara devendo, quase venceu o sr. Tiphaine. O presidente teve apenas uma maioria de dois votos. Às sras. Vinet e De Chargebœuf, a Vinet e ao coronel, juntaram-se, às vezes, o sr. Cournant e a esposa, depois, o médico Néraud, um homem cuja mocidade fora muito tormentosa, mas que encarava seriamente a vida. Entregara-se, segundo se dizia, ao estudo e tinha, no entender dos liberais, faculdades superiores às do sr. Martener. Os Rogron não compreendiam seu triunfo, como não haviam compreendido seu ostracismo.

A bela Bathilde de Chargebœuf, a quem Vinet mostrou Pierrette como sua inimiga, desprezava-a terrivelmente. O interesse geral exigia a humilhação da pobre vítima. A sra. Vinet não podia fazer nada pela menina, esmagada entre os interesses implacáveis que acabara compreendendo. Se não fosse a vontade imperiosa do marido, não teria ido mais à casa dos Rogron; sofria muito lá, ao ver maltratar aquela encantadora criaturinha que se achegava a ela percebendo uma proteção secreta e lhe pedia que ensinasse tal ou tal ponto, ou um bordado. Pierrette, dessa forma, mostrava que, tratada

brandamente, compreendia e se saía maravilhosamente bem. A sra. Vinet já não era útil e não apareceu mais. Sílvia, que ainda afagava a ideia do casamento, viu finalmente em Pierrette um obstáculo: Pierrette tinha quase catorze anos; sua alvura doentia, cujos sintomas eram negligenciados pela ignorante solteirona, a tornava encantadora. Sílvia concebeu, então, a bela ideia de cobrar as despesas que Pierrette lhe causava fazendo dela uma criada. Vinet, em seu nome e no das De Chargeboeuf, a srta. Habert, Gouraud, todos os frequentadores influentes convenceram Sílvia a despedir a gorda Adélia. Pierrette não podia cozinhar e arrumar a casa? Quando houvesse trabalho em excesso, podia chamar a governanta do coronel, pessoa muito entendida e uma das melhores cozinheiras de Provins. Pierrette devia saber cozinhar, encerar o assoalho — disse o sinistro advogado —, varrer, manter uma casa limpa, ir ao mercado e aprender o preço das coisas. A pobrezinha, cuja dedicação rivalizava com a generosidade, ofereceu-se espontaneamente, feliz por pagar assim o pão duro que comia naquela casa. Adélia foi despedida. Pierrette perdeu, assim, a única pessoa que poderia protegê-la. Apesar de sua resistência, ficou, desse momento em diante, abatida física e moralmente. Os dois celibatários tiveram com ela menos cuidados que com uma criada: ela lhes pertencia! Assim, censuravam-na por nada, por um pouco de poeira esquecida sobre o mármore da lareira ou sobre um globo de vidro. Os objetos de luxo, que ela tanto admirara, tornaram-se-lhe odiosos. Apesar de seu desejo de bem fazer as coisas, a inexorável prima sempre encontrava o que repreender no que ela fazia. Em dois anos, Pierrette não recebeu um elogio, não ouviu uma palavra afetuosa. A felicidade, para ela, resumia-se em não ser censurada. Suportava com uma

paciência angélica os humores tétricos dos dois celibatários, aos quais os sentimentos doces eram inteiramente desconhecidos e que todos os dias lhe faziam sentir sua dependência. Essa existência, que fazia a moça sentir-se apertada entre os dois armarinheiros como entre os dois ramos dum torno, agravou sua doença. Experimentou perturbações internas tão intensas, pesares secretos tão súbitos em suas explosões, que seu desenvolvimento ficou irremediavelmente prejudicado. Pierrette chegou, assim, lentamente, através de dores terríveis, mas ocultas, ao estado em que a viu o amigo de infância ao saudá-la, na pracinha, com sua canção bretã.

Antes de entrar no drama doméstico que a chegada de Brigaut determinou na casa Rogron, é necessário, para não interrompê-lo, explicar a instalação do bretão em Provins, pois ele constituiu, de certo modo, um personagem mudo dessa cena.

Ao fugir, Brigaut ficou não somente assustado com o gesto de Pierrette, mas, também, com a transformação de sua jovem amiga; apenas pôde reconhecer a voz, os olhos e os gestos que lhe recordaram a pequena camarada tão viva, tão alegre e, não obstante, tão terna. Quando se viu longe da casa, sentiu um tremor nas pernas e um calor nas costas! Vira a sombra de Pierrette, e não Pierrette. Subiu à cidade alta, pensativo, inquieto, até um ponto de onde pôde avistar a praça e a casa de Pierrette; contemplou-a dolorosamente, perdido em pensamentos indefinidos como uma desgraça na qual se entra sem saber onde ela se detém. Pierrette sofria, não era feliz, tinha saudades da Bretanha! Que teria ela? Todas essas questões passaram e repassaram pelo coração de Brigaut, despedaçando-o, e revelaram-lhe a extensão de seu afeto por sua irmãzinha adotiva. É extremamente raro que as paixões entre crianças de sexos diferentes

subsistam. O encantador romance de Paulo e Virgínia, assim como o de Pierrette e Brigaut, não resolve a questão que suscita esse fato moral tão estranho. A história moderna não oferece mais que a ilustre exceção da sublime marquesa de Pescara[255] e seu marido: destinados um ao outro, pelos pais, desde a idade de catorze anos, adoraram-se e casaram-se; sua união, no século xvi, ofereceu o espetáculo dum amor conjugal infinito, sem nuvens. Enviuvando aos trinta e quatro anos, a marquesa, bela, inteligente, universalmente adorada, recusou reis e enterrou-se num convento, onde não viu e não ouviu mais senão a religiosas. Esse amor tão completo desabrochou subitamente no coração do pobre operário bretão. Pierrette e ele se haviam tantas vezes protegido mutuamente, ele ficara tão contente ao levar-lhe o dinheiro para a viagem, ele quase morrera por ter acompanhado a diligência, e Pierrette não soubera de nada! Essa recordação confortara muitas vezes as horas frias de sua existência penosa durante aqueles três anos. Aperfeiçoara-se por Pierrette, aprendera uma profissão por Pierrette e por Pierrette fora a Paris, decidido a enriquecer para ela. Após ter passado lá quinze dias, não resistiu à ideia de vê-la e caminhou desde a tarde de sábado até aquela manhã de segunda-feira. Pensava voltar a Paris. A patética aparição de sua amiguinha, porém, prendia-o a Provins. Um admirável magnetismo, ainda contestado, apesar de tantas provas, agia sobre ele sem que ele o percebesse: lágrimas rolavam de seus olhos enquanto outras lágrimas obscureciam os de Pierrette. Se, para ela, ele representava a Bretanha e a mais feliz infância, para ele Pierrette era a vida! Aos dezesseis anos, Brigaut não sabia ainda desenhar nem projetar uma cornija, ignorava muitas coisas; mas, com seu trabalho, ganhava quatro a cinco francos por dia. Podia,

pois, viver em Provins, lá ficaria perto de Pierrette, completaria o aprendizado de sua profissão escolhendo como mestre o melhor marceneiro da cidade e cuidaria de Pierrette.

Repentinamente, Brigaut tomou uma decisão. O operário correu a Paris, fez suas contas, apanhou sua caderneta, a bagagem e os instrumentos. Três dias mais tarde, estava como operário na casa do sr. Frappier, o primeiro marceneiro de Provins. Os trabalhadores ativos, ordeiros, inimigos de brigas e de farras são bastante raros para que os mestres de ofício se afeiçoem a um rapaz como Brigaut. Para encerrar a história do bretão neste ponto, no fim de uma quinzena ele se tornou oficial marceneiro e passou a morar e fazer as refeições na casa de Frappier, que lhe ensinou cálculo e desenho linear. Esse marceneiro morava na Grand'rue, a uns cem passos da pracinha longa, na extremidade da qual ficava a casa dos Rogron. Brigaut enterrou o amor no coração e não cometeu a menor indiscrição. Fez com que a sra. Frappier lhe contasse a história dos Rogron; ela lhe narrou a maneira pela qual o velho hoteleiro se apoderara da herança do bom velho Auffray. Brigaut obteve informações sobre o caráter do lojista Rogron e de sua irmã. Surpreendeu Pierrette no mercado, pela manhã, e estremeceu ao vê-la com um cesto cheio de provisões no braço. Reviu Pierrette no domingo, na igreja, onde a bretã apareceu com todos os seus adornos. Lá, pela primeira vez, Brigaut viu que Pierrette era a srta. Lorrain. Pierrette viu o amigo, mas ele lhe fez um sinal misterioso para aconselhá-la a ficar escondida. Havia um mundo de coisas nesse gesto, como naquele pelo qual, quinze dias atrás, ela o havia aconselhado a fugir. Que fortuna não devia ele conseguir em dez anos para poder casar-se com sua amiguinha de infância, a quem os

Rogron deviam deixar uma casa, com jeiras de terra e doze mil libras de renda, sem contar suas economias! O perseverante bretão não quis tentar fortuna sem ter adquirido os conhecimentos que lhe faltavam. Instruir-se em Paris ou instruir-se em Provins tratava-se apenas de teoria, e ele preferiu ficar perto de Pierrette, a quem, além disso, queria expor seus projetos e a espécie de proteção com que ela poderia contar. Finalmente, não queria deixá-la sem ter penetrado no mistério daquela palidez que já havia atingido a vida nos órgãos de onde ela desaparece em último lugar, os olhos, sem saber de onde provinham os sofrimentos que lhe davam a expressão de uma moça curvada sob a foice da morte e prestes a sucumbir. Esses dois sinais comovedores, que não desmentiam sua amizade, mas que recomendavam a máxima reserva, lançaram o terror na alma do bretão. Evidentemente, Pierrette pedia-lhe que a esperasse e não procurasse encontrá-la. De outra forma, ela correria perigo. Ao sair da igreja, ela pôde dirigir-lhe um olhar, e Brigaut viu os olhos de Pierrette cheios de lágrimas. Seria mais fácil para o bretão encontrar a quadratura do círculo do que descobrir o que se passara na casa dos Rogron depois de sua chegada.

VII – A TIRANIA DOMÉSTICA

Não foi sem vivas apreensões que Pierrette desceu do quarto na manhã em que Brigaut surgira no meio de seu sonho matinal como um outro sonho. Para levantar-se e abrir a janela, a srta. Rogron devia ter ouvido a canção e aquelas palavras tão comprometedoras ao ouvido duma solteirona; Pierrette, porém, ignorava os fatos que

tornavam sua prima tão alerta. Sílvia tinha poderosas razões para levantar-se e chegar à janela. Nos últimos oito dias, estranhos acontecimentos secretos, sentimentos cruéis agitavam os principais personagens do salão Rogron. Esses acontecimentos ocultos, cuidadosamente escondidos por uma e outra parte, iam desabar como uma avalanche fria sobre Pierrette. Essa infinidade de coisas misteriosas, que talvez se devessem chamar as imundícies do coração humano, residem na base das maiores revoluções políticas, sociais e domésticas; mas, ao descrevê-las, talvez seja extremamente útil explicar que sua tradução algébrica, embora exata, é infiel no que se refere à forma. Esses cálculos profundos não falam tão brutalmente como a história os exprime. Pretender descrever as circunvoluções, as precauções oratórias, as longas conversações em que o espírito obscurece propositadamente a luz que possui, em que a palavra melíflua dissolve o veneno de certas intenções, seria tentar um livro tão longo como o magnífico poema intitulado *Clarissa Harlowe*. [256] A srta. Habert e a srta. Sílvia estavam igualmente ansiosas para casar-se, mas uma tinha dez anos menos que a outra e as probabilidades permitiam a Celeste Habert esperar que seus filhos viessem a receber toda a fortuna dos Rogron. Sílvia chegava aos quarenta e dois anos, idade em que o casamento pode oferecer perigos. Trocando ideias à procura duma aprovação mútua, Celeste Habert, manobrada pelo vingativo padre, esclarecera Sílvia sobre os prováveis perigos de sua situação. O coronel, homem violento, duma saúde militar, forte rapaz de quarenta e cinco anos, devia praticar a moral de todos os contos de fadas: *Foram felizes e tiveram muitos filhos*. Essa felicidade fez Sílvia estremecer. Ela teve receio de morrer, ideia que arrasa completamente os celibatários.

Entrementes, o ministério Martignac, essa segunda vitória da Câmara que derrubou o ministério Villèle, foi nomeado. O partido Vinet marchava de cabeça erguida em Provins. Vinet, agora o primeiro advogado da Brie, *conseguia tudo o que queria*, segundo uma expressão popular. Vinet era uma pessoa ilustre. Os liberais profetizavam seu triunfo: seria, certamente, deputado, procurador-geral. Quanto ao coronel, seria o administrador municipal de Provins. Ah, reinar como reinava a sra. Garceland, ser esposa do administrador municipal constituía uma esperança a que Sílvia não pôde resistir. Quis consultar um médico, embora uma consulta pudesse cobri-la de ridículo. As duas solteironas, uma vitoriosa e a outra certa de tê-la segura, inventaram um desses ardis que as mulheres aconselhadas por um padre sabem preparar tão bem. Consultar o sr. Néraud, o médico dos liberais, o adversário do sr. Martener, seria uma falta. Celeste Habert propôs a Sílvia ocultá-la em seu quarto de vestir e consultar para si mesma, sobre o assunto, o sr. Martener, médico de seu pensionato. Cúmplice ou não de Celeste, Martener respondeu à cliente que tal perigo já existia, embora fraco, numa moça de trinta anos. — Sua constituição, porém — disse-lhe, ao terminar —, permite-lhe que não tema nada.

— E para uma mulher que já passou dos quarenta anos? — perguntou a srta. Celeste Habert.

— Uma mulher de quarenta anos, casada e que teve filhos, não tem nada a temer.

— Mas uma moça casta, castíssima, como a srta. Rogron, por exemplo?

— Casta! Não há dúvida — disse o sr. Martener. — Um parto feliz é, então, um desses milagres que só muito raramente Deus concede.

— E por quê? — perguntou Celeste Habert.

O médico respondeu com uma descrição patológica assustadora; explicou como a elasticidade dada pela natureza, na mocidade, aos músculos e aos ossos, já não existia mais numa certa idade, principalmente nas mulheres a que a profissão tornara sedentárias durante muito tempo, como a srta. Rogron.

— Então, depois dos quarenta anos, uma moça virtuosa não deve casar-se?

— Ou, então, esperar mais uns anos — respondeu o médico. — Mas, nesse caso, não é mais casamento; é uma associação de interesses; e de outra forma, que seria?

Resultou, enfim, dessa entrevista, clara, séria, científica e racionalmente, que, depois dos quarenta anos, uma moça virtuosa não devia mais se casar. Quando o sr. Martener se retirou, a srta. Celeste Habert encontrou a srta. Rogron verde e amarela, com as pupilas dilatadas, num estado horrível, enfim.

— Então, você ama muito o coronel? — perguntou-lhe.

— Eu esperava ainda — respondeu a solteirona.

— Pois bem. Espere! — exclamou jesuiticamente a srta. Habert, que sabia muito bem que o tempo faria justiça ao coronel.

A moralidade desse casamento, entretanto, era duvidosa. Sílvia foi sondar sua consciência no confessorário. O severo confessor citou as opiniões da Igreja, que não vê no casamento mais que a propagação da humanidade, que reprova as segundas núpcias e condena as uniões sem finalidade social. As perplexidades de Sílvia Rogron foram extremas. Essas lutas íntimas deram uma força estranha à sua paixão e emprestaram-lhe o inexplicável atrativo que, desde Eva, as coisas proibidas exercem sobre as mulheres. A

perturbação da srta. Rogron não pôde escapar ao olho clarividente do advogado.

Uma noite, após o jogo, Vinet aproximou-se de sua cara amiga Sílvia, tomou-a pela mão e foi sentar-se com ela num sofá.

— Tem alguma coisa? — perguntou-lhe ao ouvido.

Ela inclinou tristemente a cabeça. O advogado deixou Rogron sair, ficou a sós com a solteirona e tirou-lhe as preocupações do coração.

“Bem jogado, padre! Mas jogaste em meu favor!”, exclamou intimamente, após ter ouvido todas as consultas secretas feitas por Sílvia, a última das quais era a mais terrível.

A astuta raposa judiciária foi ainda mais assustadora que o médico em suas explicações; aconselhou o casamento, mas somente uns dez anos mais tarde, para maior segurança. O advogado jurou que toda a fortuna dos Rogron pertenceria a Bathilde. Esfregou as mãos, seu rosto afilou-se, enquanto corria ao encontro da sra. e da srta. de Chargebœuf, que deixara na rua acompanhadas dum criado com uma lanterna. A influência que exercia o padre Habert, médico da alma, era perfeitamente contrabalançada por Vinet, o médico da bolsa. Como Rogron era muito pouco devoto, o homem da Igreja e o homem da lei, as duas vestes negras, estavam em posição idêntica. Ao saber da vitória alcançada pela srta. Habert, que estava certa de casar-se com Rogron, sobre Sílvia, hesitante entre o medo de morrer e a ventura de ser baronesa, o advogado entreviu uma possibilidade de fazer o coronel desaparecer do campo de batalha. Conhecia suficientemente Rogron para descobrir um meio de casá-lo com a bela Bathilde. Rogron não pudera resistir aos ataques da srta. de Chargebœuf. Vinet sabia que na primeira vez que Rogron ficasse a

sós com Bathilde e com ele, o casamento seria resolvido. Rogron chegara a ponto de fixar os olhos na srta. Habert, tanto temia fitar Bathilde. Vinet acabara de ver a que ponto Sílvia amava o coronel. Compreendeu a extensão de semelhante paixão numa solteirona, tão roída pela devoção. E imediatamente concebeu o meio de perder ao mesmo tempo Pierrette e o coronel, esperando desembaraçar-se dum por meio do outro.

Na manhã seguinte, após a audiência, encontrou, como de hábito, o coronel a passeio com Rogron.

Quando os três homens andavam juntos, sua reunião sempre dava o que falar à cidade. Esse triunvirato, que odiava o subprefeito, a magistratura e o partido dos Tiphaine, constituía um tribunal de que os liberais de Provins se orgulhavam. Vinet redigia o *Correio sozinho*, era a cabeça do partido; o coronel, gerente responsável do jornal, era o braço; Rogron, com seu dinheiro, era o nervo; era considerado o traço de união entre o comitê diretor de Provins e o comitê diretor de Paris. No dizer dos Tiphaine, os três homens estavam sempre maquinando alguma coisa contra o governo, enquanto os liberais os admiravam como defensores do povo. Quando o advogado viu Rogron na praça, voltando para casa na hora do jantar, impediu o coronel, tomando-lhe o braço, de acompanhar o ex-lojista.

— Olhe, coronel — disse-lhe —, vou tirar-lhe um peso das costas. O senhor se casará com uma coisa melhor do que Sílvia. Se tiver jeito, poderá casar-se dentro de dois anos com a pequena Pierrette Lorrain.

E contou-lhe os efeitos secretos da manobra do jesuíta.

— Que golpe secreto e como foi bem estudado! — disse o coronel.

— Coronel — continuou, gravemente, Vinet —, Pierrette é uma criatura encantadora. O senhor pode ser feliz o resto da vida e tem uma saúde tão boa que esse casamento não terá para o senhor os inconvenientes habituais das uniões desproporcionadas. Não creia que seja fácil, porém, essa troca dum sorte horrível por uma sorte agradável. Transformar sua apaixonada em confidente é uma operação tão perigosa como, na sua profissão, transpor um rio sob o fogo inimigo. Perspicaz como um oficial de cavalaria que é, o senhor estudará a posição e manobrará com a superioridade que temos tido até agora e que nos valeu nossa atual situação. Se eu for um dia procurador-geral, o senhor governará o departamento. Ah, se o senhor fosse eleitor, estaríamos mais adiantados; tivesse eu comprado os votos desses dois empregados, desinteressando-os da perda dos empregos, teríamos alcançado a maioria. Eu me sentaria ao lado dos Dupin, dos Casimir Périer,[\[257\]](#) e...

O coronel pensava havia muito tempo em Pierrette, mas ocultava esse pensamento com uma profunda dissimulação: sua brutalidade com relação a Pierrette era apenas aparente. A criança não compreendia por que o pretenso amigo de seu pai a tratava tão mal, se, ao encontrá-la só, lhe passava a mão pelo queixo fazendo uma carícia paternal. Depois da confidência de Vinet relativamente ao terror que o casamento inspirava a Sílvia, Gouraud procurara ocasiões de encontrar Pierrette sozinha e então o rude coronel se mostrava meigo como um gato; dizia-lhe o quanto Lorrain fora bravo e o quanto era lamentável, para ela, que ele tivesse morrido!

Alguns dias antes da chegada de Brigaut, Sílvia surpreendera Gouraud e Pierrette. O ciúme entrara, então, naquele coração com uma violência monástica. O ciúme, paixão eminentemente crédula e

desconfiada, é aquela em que a fantasia exerce maior ação; além disso, não dá inteligência, mas tira-a; e, para Sílvia, essa paixão devia trazer ideias estranhas. Sílvia imaginou que o homem que acabara de pronunciar os termos *senhora esposa* a Pierrette fora o coronel. Atribuindo o encontro ao coronel, Sílvia pensava ter razão, pois havia uma semana as maneiras de Gouraud lhe pareciam mudadas. Esse homem fora o único que, na solidão em que ela vivera, se ocupara com ela; assim, ela o observava com todos os seus olhos e todo o seu entendimento; e, à força de entregar-se a esperanças ora florescentes e ora murchas, ela as transformara numa coisa tão grande que experimentou com isso os efeitos duma miragem moral. Segundo uma bela expressão vulgar, à força de olhar, ela, frequentemente, não via mais nada. Repelia e combatia vitoriosa e alternadamente a suposição dessa rivalidade quimérica. Estabelecia um paralelo entre si e Pierrette: ela tinha quarenta anos e os cabelos grisalhos; Pierrette era uma moça de deliciosa alvura, com uns olhos capazes de reanimar um coração morto. Ela ouvira dizer que os homens de cinquenta anos gostam das moças do gênero de Pierrette. Antes que o coronel se arranjasse na vida e começasse a frequentar a casa de Rogron, Sílvia ouvira, no salão dos Tiphaine, estranhas coisas sobre Gouraud e seus costumes. As solteironas têm, sobre o amor, as ideias platônicas exageradas alimentadas pelas moças de vinte anos; conservam doutrinas absolutas, como todos aqueles que não experimentaram a vida e não sentiram o quanto as irresistíveis forças sociais modificam, mutilam e aniquilam essas belas e nobres ideias. Para Sílvia, ser enganada pelo coronel era um pensamento que lhe martelava o cérebro. Durante o tempo que todo celibatário costuma ficar na cama, entre o despertar e o levantar, a solteirona se ocupava

dela, de Pierrette e da canção que a despertara com a palavra “casamento”. Na sua estupidez, em vez de espiar o apaixonado através das persianas, abri-la a janela, sem pensar que Pierrette a ouviria. Se ela tivesse tido a vulgar inteligência do espião, teria visto Brigaut, e o drama fatal então iniciado não se teria desenrolado.

Pierrette, apesar de sua fraqueza, tirou as trancas de madeira que prendiam os postigos da cozinha, abriu-os e calçou-os; depois, foi abrir a porta do corredor que dava para o jardim. Apanhou as diferentes vassouras para varrer o tapete, a sala de refeições, o corredor, as escadas, enfim, para limpar tudo com um cuidado e um rigor que nenhuma criada, mesmo holandesa, poria em seu trabalho: odiava tanto as repreensões! Para ela, a felicidade consistia em ver os olhinhos azuis, amortecidos e frios da prima, não satisfeitos, pois eles jamais o pareciam, mas, pelo menos calmos, após ter corrido por tudo seu olhar de proprietária, esse olhar inexplicável que vê o que escapa aos olhos dos mais observadores. Pierrette já estava com a pele coberta de suor quando voltou à cozinha para pôr tudo em ordem e acender os fogões a fim de poder levar logo, aos quartos do primo e da prima, água quente para lavar o rosto, ela que nunca a tinha para si! Pôs mesa para o almoço e acendeu o aquecedor da sala de refeições. Nessas diferentes tarefas, ela ia algumas vezes ao porão buscar um feixe de lenha e assim passava de um lugar fresco para um lugar quente e de um lugar quente para um frio e úmido. Essas transições súbitas, feitas com o afã da mocidade para evitar, muitas vezes, uma palavra áspera, para obedecer a uma ordem, agravavam irremediavelmente seu estado de saúde. Pierrette ignorava que estivesse doente. Começava, entretanto, a sofrer; tinha desejos estranhos e os ocultava; sentia apetite por saladas cruas e as

devorava em segredo. A inocente criança ignorava completamente que sua situação constituía uma doença grave e exigia as maiores precauções. Antes da chegada de Brigaut, se Néraud, que se podia censurar pela morte da avó, tivesse revelado esse perigo mortal à menina, Pierrette teria sorrido: achava a vida tão amarga que a ideia da morte lhe faria sorrir. Desde alguns momentos, porém, ela, que aliava a seus sofrimentos corporais os sofrimentos da nostalgia bretã, doença moral tão conhecida que os coronéis a tomam em consideração nos bretões que se acham em seus regimentos, ela amava Provins! À vista daquela flor dourada, a canção, a presença de seu amigo de infância a haviam reanimado, como uma planta privada de água durante muito tempo reverdece após uma longa chuva. Queria viver, parecia-lhe que nunca sofrera! Encaminhou-se timidamente para o quarto da prima, acendeu o aquecedor, deixou a chaleira de água quente, trocou algumas palavras; em seguida, foi acordar o tutor e desceu para buscar o leite, o pão e todas as provisões que os fornecedores traziam. Ficou só durante algum tempo no limiar da porta, esperando que Brigaut tivesse a ideia de voltar; Brigaut, porém, já se achava a caminho de Paris. Já havia arrumado a sala e estava tratando da cozinha quando ouviu a prima descer a escada. A srta. Sílvia Rogron apareceu com o roupão de tafetá de cor carmelita, uma touca de filó enfeitada, a camada de cabelos postiços muito mal colocada, o camisão por cima do vestido e arrastando os pés metidos em chinelas. Passou revista em tudo e foi ao encontro da prima, que a esperava para saber de que se comporia o almoço.

— Ah, estás aí, senhorita apaixonada? — disse Sílvia a Pierrette, num tom meio alegre e meio zombeteiro.

— Está contente, prima?

— Entraste em meu quarto como uma sonsa e saíste de lá da mesma maneira. Devias, entretanto, saber que preciso falar contigo.

— Comigo?

— Tiveste, esta manhã, uma serenata, nem mais nem menos do que uma princesa.

— Uma serenata? — exclamou Pierrette.

— Uma serenata? — repetiu Sílvia, imitando-a. — E tens um namorado.

— Prima, que é um namorado?

Sílvia evitou de responder e disse-lhe:

— Tens a coragem de dizer, senhorita, que não veio um homem à tua janela falar-te em casamento?

A perseguição ensinara a Pierrette as astúcias necessárias aos escravos. Respondeu corajosamente:

— Não sei o que quer dizer...

— Meu cão? — disse asperamente a solteirona.

— Minha prima — replicou humildemente Pierrette.

— Então não te levantaste e não foste com os pés descalços à janela, o que te fará adoecer? Pois sim! Será bem feito para ti. E acaso não falaste com teu apaixonado?

— Não, prima.

— Eu já conheci muitos defeitos em ti, menos o de mentir. Pensa bem nisso, senhorita! Precisas contar e explicar a teu primo e a mim a cena desta manhã, sem o que teu tutor adotará medidas rigorosas.

A solteirona, devorada pela inveja e pela curiosidade, procedia pela intimidação. Pierrette fez como as pessoas que sofrem além de suas forças: ficou em silêncio.

Esse silêncio é, para todas as criaturas atacadas, o único meio de triunfar: cansa as cargas cossacas dos invejosos, as selvagens escaramuças dos inimigos; dá uma vitória esmagadora e completa. Na verdade, que há de mais completo que o silêncio? Ele é absoluto; não é ele uma das maneiras de ser do infinito?

Sílvia examinou Pierrette furtivamente. A menina estava ruborizada; seu rubor, porém, em vez de ser geral, dividia-se em placas desiguais nas maçãs do rosto, em manchas ardentes e dum tom significativo. Ao perceber esses sintomas de doença, qualquer mãe teria logo mudado de tom; teria tomado a filha sobre os joelhos, tê-la-ia interrogado, já teria havia muito tempo percebido as inúmeras provas da completa, da sublime inocência de Pierrette, teria descoberto sua doença e compreendido que os humores e o sangue desviados de seu trajeto se lançavam nos pulmões após haverem perturbado as funções digestivas. Essas manchas eloquentes lhe teriam indicado a iminência dum perigo mortal. Mas uma solteirona, em quem os sentimentos que nutrem a família nunca haviam sido despertados, a quem as necessidades da infância e as precauções exigidas pela adolescência eram desconhecidas, não podia ter nenhuma das indulgências e das paixões inspiradas pelos múltiplos acontecimentos da vida conjugal. Os sofrimentos da miséria, em vez de lhe abrandarem o coração, tinham-no endurecido.

“Corou, está em falta!”, pensou Sílvia.

O silêncio de Pierrette foi, pois, interpretado no pior sentido.

— Pierrette — disse ela —, antes que teu primo desça, vamos conversar. Vem — acrescentou, com um tom mais suave. — Fecha a porta da rua. Se chegar alguém, baterá e nós ouviremos.

Apesar do nevoeiro úmido que se erguia acima do riacho, Sílvia conduziu Pierrette pela alameda coberta de areia que serpeava por entre a relva até a borda do terraço de rochas pedregosas, cais pitoresco povoado de íris e plantas aquáticas. A velha prima mudou de sistema: quis tentar apanhar Pierrette pela brandura. A hiena ia fazer-se gata.

— Pierrette — disse-lhe —, você não é mais uma criança. Daqui a pouco entrará nos quinze anos e não seria de admirar que tivesse um namorado.

— Mas, prima — disse Pierrette, erguendo os olhos com uma doçura angélica para o rosto áspero e frio da prima, que assumira sua antiga expressão de vendedora —, que é um namorado?

Foi impossível a Sílvia definir com exatidão e decência um namorado à pupila do irmão. Em vez de ver nessa pergunta a demonstração duma adorável inocência, ela viu nela falsidade.

— Um namorado, Pierrette, é um homem que nos ama e quer casar-se conosco.

— Ah! — disse Pierrette. — Quando a gente se entende, na Bretanha, chamamos então esse moço de noivo.

— Muito bem. Não há o menor mal em você confessar seus sentimentos por um homem, minha pequena. O mal está no segredo. Você agradou, acaso, a algum dos homens que vêm cá?

— Acho que não.

— Não gosta de nenhum?

— Nenhum.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Olhe para mim, Pierrette.

Pierrette olhou para a prima.

— Um homem, porém, chamou você da praça, esta manhã?

Pierrette baixou os olhos.

— Foste à janela, abriste-a e falaste com ele?

— Não, prima. Quis ver como estava o tempo e vi um camponês na praça.

— Pierrette, depois de sua primeira comunhão, você melhorou muito, tem sido obediente e piedosa, ama a seus parentes e a Deus. Estou contente com você, não o dizia para que você não ficasse inchada de orgulho.

A terrível solteirona tomava o abatimento, a submissão, o silêncio da miséria por virtudes! Uma das coisas mais doces que possam consolar os sofredores, os mártires e os artistas, no acesso da paixão divina que lhes impõem a inveja e o ódio, é encontrar o louvor onde sempre encontraram a censura e a má-fé. Pierrette ergueu, pois, para a prima, dois olhos enternecidos e sentiu-se disposta a perdoar-lhe todas as dores que ela lhe havia causado.

— Mas, se isso tudo for uma hipocrisia, terei de considerar-te uma serpente que eu tivesse reanimado no peito, serias uma infame, uma criatura horrível!

— Acho que não tenho motivo para me censurar — disse Pierrette, sentindo um terrível aperto no coração, pela súbita mudança daquele elogio inesperado ao terrível acento de hiena.

— Você sabe que a mentira é um pecado mortal?

— Sim, prima.

— Pois bem, você está diante de Deus! — disse a solteirona, mostrando-lhe com um gesto solene os jardins e o céu. — Jure que não conhecia esse camponês.

— Não jurarei — disse Pierrette.

— Ah, não era um camponês, viborazinha!

Pierrette fugiu pelo jardim como uma corça assustada, apavorada com aquela questão moral. A prima chamou-a com uma voz terrível.

— Estão batendo — respondeu ela.

“Ah! Que pequena fingida!”, pensou Sílvia. “É finória, e agora estou certa de que essa serpentezinha está seduzindo o coronel. Ouviu-nos dizer que ele é barão. Ser baronesa! Bobinha! Oh, eu me desembaraçarei dela, metendo-a no aprendizado, e já.”

Sílvia ficou tão absorta em seus pensamentos que não viu o irmão que descia pela alameda, examinando os estragos causados pela geada às suas dalias.

— Então, Sílvia em que estás pensando? Pensei que estivesses olhando os peixes! Às vezes há alguns que saltam fora da água.

— Não — disse ela.

— Que tal, como passaste a noite? — E começou a contar-lhe os sonhos que tivera. — Não achas que estou com a cara *enfarruscada*? (Outra palavra do vocabulário Rogron.)

Depois que Rogron passou a amar — não profanemos esse termo —, desejar a srta. de Chargebœuf, preocupava-se muito com sua fisionomia e consigo mesmo. Nesse momento, Pierrette desceu a escadaria e anunciou de longe que o almoço estava servido. Ao ver a prima, o rosto de Sílvia ficou manchado de verde e depois tornou-se amarelado: toda sua bÍlis se agitava. Observou o corredor e achou que Pierrette devia tê-lo encerado.

— Se a senhora quiser, posso encerá-lo — respondeu o anjo, ignorando o perigo a que tal trabalho expõe uma moça.

A sala de refeições estava irrepreensivelmente arrumada. Sílvia sentou-se e fingiu, durante todo o almoço, precisar de coisas em que não teria pensado num estado calmo e que pedia apenas para fazer Pierrette levantar-se justamente no momento em que a pobrezinha ia começar a comer. Não lhe bastava, porém, importuná-la; procurou motivos para censurá-la e encolerizou-se intimamente por não encontrá-los. Se houvesse ovos frescos, ela certamente se teria queixado da maneira como haviam sido cozidos os seus. Mal respondia às tolas perguntas do irmão e, entretanto, não olhava senão para ele. Seus olhos evitavam Pierrette. Pierrette era excessivamente sensível a essa manobra. Pierrette trouxe o café da prima e o do primo numa grande tigela de prata onde aquecia o leite misturado com creme em banho-maria. O irmão e a irmã misturavam, eles mesmos, o café preto feito por Sílvia, na dose conveniente. Depois de preparar minuciosamente sua delícia, percebeu um pouco de pó de café; apanhou-o com afetação no meio do turbilhão amarelo, contemplou-o, inclinou-se para ver melhor. A tempestade desabou.

— Que tens? — perguntou Rogron.

— O que tenho é que essa senhorita pôs cinza no meu café. Como é agradável tomar café com cinza...! Não é de admirar: não se pode fazer bem duas coisas ao mesmo tempo. Ela pensava muito no café! Um melro poderia ter voado pela cozinha, e ela não notaria, esta manhã! Como, então, poderia ter visto a cinza? E, depois, é o café da prima! Tanto faz, para ela!

Falou nesse tom enquanto punha na borda do pires o pó de café que passara através do coador e alguns torrões de açúcar que não se dissolviam.

— Mas, prima, é café — disse Pierrette.

— Ah, então estou mentindo? — exclamou Sílvia, fitando Pierrette e fulminando-a com o terrível clarão que seu olhar adquiria nos momentos de cólera.

Esses organismos que a paixão não devastou dispõem de grande quantidade de fluido vital. O fenômeno da excessiva luminosidade do olhar nos acessos de fúria estabelecera-se ainda mais poderosamente na srta. Rogron, que antigamente, na loja, costumava empregar a força de seu olhar abrindo desmesuradamente os olhos, sempre para inspirar um terror salutar aos subordinados.

— Eu só quero ver tu me desmentires — replicou. — Merecias sair da mesa e ir comer sozinha na cozinha.

— Que tendes vós duas? — exclamou Rogron. — Estais com os cabelos em pé, esta manhã.

— Essa senhorita sabe o que é que eu tenho contra ela. Dou-lhe tempo para tomar uma decisão antes de falar-te nisso, pois terei com ela mais bondade do que merece.

Pierrette olhava para a praça, através da vidraça, a fim de evitar os olhos da prima, que a assustavam.

— Ela não me presta mais atenção do que se eu falasse a este açucareiro! E, no entanto, tem o ouvido apurado, fala do alto duma casa e responde a quem se encontra embaixo... É de uma perversidade, esta tua pupila! De uma perversidade sem nome, e não deves esperar nada de bom da parte dela, estás ouvindo, Rogron?

— Que fez ela de tão grave? — perguntou o irmão à irmã.

— Na idade dela! É começar cedo — exclamou a solteirona enfurecida.

Pierrette levantou-se para tirar a mesa, a fim de fazer alguma coisa. Não sabia como ficar. Embora essa linguagem não fosse nova para ela, nunca se pudera habituar a ela. A cólera da prima fazia-lhe pensar em algum crime. Indagou-se qual seria seu furor se soubesse da escapada de Brigaut. Talvez lhe tirasse Brigaut.

Teve num mesmo momento os mil pensamentos duma escrava, tão rápidos e profundos, e resolveu manter um silêncio absoluto sobre um fato no qual sua consciência não lhe apontava nada de mal. Teve de ouvir palavras tão cruéis, tão ásperas, suspeitas tão ofensivas que, ao entrar na cozinha, foi acometida duma contração no estômago e dum vômito terrível. Não teve coragem de queixar-se, não estava certa de obter cuidados. Voltou muito branca, lívida, disse que não se sentia bem e subiu para deitar-se, agarrando-se ao corrimão da escada e julgando que a hora da morte chegara.

“Pobre Brigaut!”, pensava.

— Ela está doente — disse Rogron.

— Ela, doente! Ora, isso é manha — respondeu Sílvia em voz alta, de modo a ser ouvida. — Ela não estava doente esta manhã!

Esse último golpe abateu Pierrette, que se deitou em pranto, pedindo a Deus que a levasse deste mundo.

Há cerca de um mês, Rogron não precisava mais levar o *Constitucional* à casa de Gouraud; o coronel vinha obsequiosamente buscar o jornal, palestrar um pouco e depois saía com Rogron quando fazia bom tempo. Certa de ver o coronel e de poder interrogá-lo, Sílvia vestiu-se de modo atraente. Pelo menos, julgou-se atraente num vestido verde e um pequeno xale de casimira amarela com debrum vermelho, um chapéu branco enfeitado com umas pobres penas cinzentas. Na hora em que o coronel devia chegar,

Sílvia ficou esperando na sala de visitas com o irmão, a quem obrigara a ficar de chinelas e roupão.

— Belo dia, coronel! — disse Rogron, ao ouvir os passos lerdos de Gouraud. — Mas não me vesti, parece que minha irmã queria sair e me deixou cuidando da casa. Espere-me.

Rogron deixou Sílvia a sós com o coronel.

— Onde quer ir? Está vestida como uma divindade — disse Gouraud, que notou uma certa expressão solene no amplo rosto bexigoso da solteirona.

— Queria sair. Mas, como a pequena não está bem, vou ficar.

— Que tem ela?

— Não sei, pediu para deitar-se.

A prudência, para não dizer a desconfiança de Gouraud, permanecia sempre alerta pelos resultados de sua aliança com Vinet. Evidentemente, a mais bela parte tocava ao advogado. Este redigia o jornal, mandava nele como senhor e aplicava suas rendas na redação; ao passo que o coronel, editor responsável, ganhava pouca coisa. Vinet e Cournant haviam prestado enormes serviços aos Rogron; o coronel reformado nada podia junto deles. Quem seria deputado? Vinet. Quem era o grande eleitor? Vinet. Quem era consultado? Vinet. Enfim, conhecia, pelo menos tão bem quanto Vinet, a profundidade da paixão despertada em Rogron pela bela Bathilde de Chargebœuf. Essa paixão tornara-se insensata, como sempre acontece com as últimas paixões dos homens. A voz de Bathilde fazia estremecer o celibatário. Absorvido por seus desejos, Rogron os ocultava: não ousava esperar tal aliança. Para sondar o armarinheiro, o coronel tivera a ideia de dizer-lhe que ia pedir a mão de Bathilde; Rogron empalidecera ao ter conhecimento dum rival tão

temível e tornara-se indiferente e quase rancoroso com Gouraud. Assim, Vinet imperava livremente na casa, ao passo que ele, coronel, estava ligado a ela apenas pelos laços hipotéticos duma afeição mentirosa de sua parte e que em Sílvia ainda não se declarara. Revelando-lhe a manobra do padre, ao aconselhar-lhe a romper com Sílvia e voltar-se para Pierrette, Vinet lisonjeara a inclinação de Gouraud; analisando, porém, o sentido profundo dessa confiança, examinando bem o terreno em derredor de si, o coronel acreditou descobrir no aliado a possibilidade de intrigá-lo com Sílvia e de aproveitar-se do medo da solteirona para fazer cair toda a fortuna de Rogron nas mãos da srta. de Chargeboeuf. Assim, quando Rogron o deixara a sós com Sílvia, a perspicácia do coronel surpreendeu os leves indícios que denunciavam uma preocupação em Sílvia. Percebeu nela o plano formado de ficar em armas e durante um momento a sós com ele. O coronel, que já suspeitava veementemente que Vinet quisesse pregar-lhe alguma peça, atribuiu essa confiança a alguma secreta insinuação daquele macaco judiciário; ficou alerta, como quando fazia um reconhecimento em território inimigo, com os olhos fixos no campo, atento ao menor ruído, o espírito vigilante, a arma na mão. O coronel tinha o defeito de nunca acreditar numa só palavra do que diziam as mulheres. E, quando a solteirona falou em Pierrette e disse que ela estava deitada ao meio-dia, o coronel pensou que Sílvia simplesmente a pusera de castigo no quarto, por ciúme.

— Está ficando muito bonitinha, a pequena — disse ele, num tom despreocupado.

— Ela será bonita — respondeu a srta. Rogron.

— Devia mandá-la, agora, para uma loja em Paris — acrescentou o coronel. — Lá ela faria fortuna. Hoje em dia exigem-se moças muito

bonitas nas casas de moda.

— Essa é mesmo sua opinião? — perguntou Sílvia, com a voz perturbada.

“Por aqui vou bem”, pensou o coronel. “Vinet deve ter aconselhado que eu me casasse com Pierrette para perder-me no espírito dessa velha bruxa...” — Ora — disse em voz alta —, que mais pretende fazer? Não está vendo essa moça duma beleza incomparável, Bathilde de Chargebœuf, uma moça nobre, bem aparentada, obrigada a ficar para tia? Ninguém a quer. Pierrette não tem nada, nunca se casará. Acredita que a mocidade e a beleza possam representar alguma coisa para mim, por exemplo; eu que, capitão de cavalaria na guarda imperial, desde que o imperador constituiu sua guarda, pus os pés em todas as capitais e conheci as mais belas mulheres dessas mesmas capitais? A mocidade e a beleza são danadamente vulgares e tolas...! Não me fale mais nisso; aos quarenta e oito anos — disse ele, envelhecendo-se —, quando se sofreu a derrota de Moscou, quando se fez a terrível campanha da França, já se está com o lombo meio arrebentado. Sou um velho pacato. Uma mulher como a senhorita cuidaria de mim, me cercaria de conforto; e sua fortuna, unida aos meus pobres mil escudos de pensão, me garantiria um confortável bem-estar para a velhice, e eu a prefiro mil vezes a uma delambida que me causaria muitos dissabores, que apenas contaria trinta anos e algumas paixões quando eu tivesse sessenta anos e reumatismos. Na minha idade, a gente calcula. Escute, aqui para nós, se eu me casasse não quereria ter filhos.

A fisionomia de Sílvia fora clara para o coronel durante essa declaração, e sua exclamação acabou de convencer o coronel da

perfidia de Vinet.

— Então — perguntou ela — não ama Pierrette?

— Ora essa! Está louca, minha querida Sílvia! — exclamou o coronel. — Será quando já não se tem dentes que se vai tentar quebrar nozes? Graças a Deus, estou no meu juízo perfeito e me conheço.

Sílvia não quis arriscar-se mais. Julgou-se muito astuta fazendo o irmão falar.

— Meu irmão — disse ela — teve a ideia de casá-lo.

— Mas seu irmão não poderia ter tido uma ideia mais inconveniente. Há poucos dias, para descobrir seu segredo, eu lhe disse que amava Bathilde. Ele ficou branco como a gola do seu vestido.

— Ele ama Bathilde? — perguntou Sílvia.

— Loucamente! E, com certeza, Bathilde quer apenas seu dinheiro... — “Toma, Vinet!”, pensou o coronel. — Como teria ele então falado de Pierrette? Não, Sílvia — disse ele, tomando-lhe a mão e apertando-a de certo modo —, uma vez que tocou no assunto... (Aproximou-se de Sílvia) Pois bem... (beijou-lhe a mão; era coronel de cavalaria, já dera outras provas de coragem) fique sabendo que não quero outra esposa senão você. Embora este casamento dê a impressão dum casamento de conveniência, de minha parte, sinto afeição por você.

— Mas era eu que *queria* casá-lo com Pierrette. E se eu lhe desse minha fortuna... hein, coronel?

— Não quero ser desgraçado em casa e daqui a dez anos ver um jovem peralvilho, como Julliard, rondando minha mulher e dedicando-lhe versos no jornal. Sou um pouco homem demais nesse

ponto! Nunca faria um casamento desproporcionado sob o ponto de vista da idade.

— Pois bem, coronel, falaremos nisso tudo seriamente — disse Sílvia, dirigindo-lhe um olhar que ela julgou cheio de amor e que parecia o olhar duma ogra. Seus lábios frios e duma cor violeta e dura esticaram-se sobre os dentes amarelos e ela pensou estar sorrindo.

— Vamos — disse Rogron, levando o coronel, que cumprimentou cortesmente a solteirona.

Gouraud resolveu apressar seu casamento com Sílvia e tornar-se assim chefe da casa, prometendo-se desembaraçar-se, pela influência que adquiriria sobre Sílvia, durante a lua de mel, de Bathilde e Celeste Habert. Assim, durante o passeio, disse a Rogron que se divertira com ele, no outro dia, pois não tinha nenhuma pretensão sobre o coração de Bathilde e não era suficientemente rico para casar-se com uma mulher sem dote; depois, confiou-lhe seu projeto: escolhera sua irmã havia muito tempo, pelas suas belas qualidades. Aspirava, enfim, à honra de tornar-se seu cunhado.

— Ah, coronel! Ah, barão! Se falta apenas meu consentimento, toda a demora será apenas a exigida pelas leis! — exclamou Rogron, feliz por se ver livre daquele terrível rival.

Sílvia passou toda a manhã no apartamento a examinar se havia ali lugar para a instalação dum casal. Resolveu construir um segundo andar e reformar convenientemente o primeiro para ela e o marido. Ao mesmo tempo, porém, por uma fantasia comum a todas as solteironas, resolveu submeter o coronel a algumas provas, para julgar de seu coração e de seus hábitos, antes de decidir-se. Ainda

tinha dúvidas e queria certificar-se de que Pierrette não tinha alguma familiaridade com o coronel.

Pierrette desceu à hora do jantar para pôr a mesa. Sílvia fora obrigada a cozinhar e manchara o vestido, exclamando: “Maldita Pierrette!”. Era evidente que, se Pierrette tivesse feito o jantar, Sílvia não teria recebido aquela mancha de gordura no vestido de seda.

— Está aí, bela melindrosa? É como o cachorro do marechal, que desperta com o ruído das panelas e dorme com o barulho da forja! Quer dar a pensar que está doente, mentirosazinha?

Essa ideia: “Você não me confessou a verdade sobre o que se passou esta manhã, portanto, mente em tudo que diz” foi como um martelo com que Sílvia ia bater incessantemente no coração e na cabeça de Pierrette.

Com grande espanto de Pierrette, Sílvia mandou que ela fosse se vestir para o serão, depois do jantar. Mesmo a imaginação mais alerta fica abaixo da atividade que a suspeita empresta ao espírito duma solteirona. Em tal circunstância, a solteirona sobrepuja os políticos, os advogados e os tabeliães, os agiotas e os avarentos. Sílvia resolveu consultar Vinet, após ter examinado tudo em redor de si. Quis conservar Pierrette a seu lado a fim de saber, pela atitude da pequena, se o coronel dissera a verdade. As sras. de Chargebœuf foram as primeiras a chegar. Seguindo o conselho do primo Vinet, Bathilde redobrou de elegância. Estava com um delicioso vestido azul de veludo de algodão, trazia o mesmo lenço claro, cachos de uva em grená e ouro nas orelhas, os cabelos em anéis, a cruzinha ardilosa, sapatinhos de cetim preto, meias de seda cinza e luvas da Suécia; e, além disso, atitudes de rainha e seduções de moça capaz de prender todos os Rogron da ribeira. A mãe, calma e digna,

conservava, como a filha, uma certa insolência aristocrática com que as duas mulheres salvavam tudo e na qual transparecia o espírito de sua casta. Bathilde era dotada duma inteligência superior, que somente Vinet soubera descobrir após dois meses de convívio com as sras. de Chargebœuf em sua casa. Depois de medir a grandeza daquela moça magoada pela inutilidade de sua mocidade e de sua beleza, esclarecida pelo desprezo que lhe inspiravam os homens duma época em que o dinheiro era seu único ídolo, Vinet, surpreso, exclamou:

— Se fosse com você que eu me tivesse casado, Bathilde, estaria hoje em vésperas de ser ministro da justiça. Teria passado a chamar-me Vinet de Chargebœuf e me sentaria à direita.

Bathilde não encerrava em seu desejo de casamento nenhuma ideia vulgar: não se casaria para ser mãe, não se casaria para ter um marido; queria casar-se para ser livre, para ter um editor responsável, para chamar-se senhora e poder agir como agem os homens. Rogron era um nome para ela; esperava fazer alguma coisa daquele imbecil, um deputado votante de quem seria a alma; queria vingar-se da família, que não se interessara por uma moça pobre. Vinet tinha alargado e fortalecido muito suas ideias, admirando-as e aprovando-as.

— Querida prima — dizia-lhe, expondo-lhe a influência que as mulheres exercem e mostrando-lhe a esfera de ação que lhe era própria —, acredita que Tiphaine, homem de extrema mediocridade, chegue por si mesmo a um tribunal de primeira instância em Paris? Ora, foi a sra. Tiphaine que fez com que o elegessem deputado e que o está encaminhando para Paris. Sua mãe, a sra. Roguin, é uma esperta mexeriqueira, que faz o que bem entende do famoso

banqueiro Du Tillet, um dos colegas de Nucingen,[258] ambos ligados com os Keller,[259] e essas três casas prestam serviços ao governo ou a seus homens mais dedicados; as repartições públicas têm as melhores relações com os lances do banco; e essa gente conhece toda Paris. Não há razão para que Tiphaine não chegue a presidente de alguma Corte Real. Case-se com Rogron; faremos dele um deputado de Provins, quando eu tiver conquistado para mim um outro colégio de Seine-et-Marne. Terão, então, uma recebedoria-geral, um desses cargos em que Rogron apenas terá que assinar. Seremos da oposição se ela triunfar; mas, se os Bourbons ficarem, ah!, como nos inclinaremos suavemente para o centro! Além disso, Rogron não viverá eternamente, e mais tarde você se casará com um homem possuidor de algum título. Finalmente, conquiste uma bela posição e os De Chargebœuf se colocarão às nossas ordens. Sua pobreza, como a minha, certamente já lhe deu uma ideia do que valem os homens; precisamos servir-nos deles como nos servimos dos cavalos de posta. Um homem ou uma mulher nos leva duma etapa a outra.

Vinet fizera de Bathilde uma pequena Catarina de Médicis.[260] Deixava a mulher contente em casa com os dois filhos e acompanhava sempre as sras. de Chargebœuf à casa dos Rogron. Chegou em todo seu esplendor de tribuno campesino. Levava belos óculos com aros de ouro, um colete de seda, gravata branca, calças pretas, sapatos finos e uma casaca preta feita em Paris, um relógio de ouro e uma corrente. Em lugar do antigo Vinet pálido e magro, rabugento e sombrio, via-se no Vinet atual o garbo do político; andava, confiante em sua sorte, com a segurança peculiar ao palaciano, que conhece as cavernas da justiça. Sua pequena cabeça

astuta estava tão bem penteada, o queixo bem barbeado lhe dava uma expressão tão delicada, embora fria, que parecia amável no gênero de Robespierre.[261] Realmente, podia ser um delicioso procurador-geral de eloquência elástica, perigosa e assassina, ou um orador duma finura igual à de Benjamin Constant.[262] A aspereza e o ódio que o haviam animado até então estavam substituídos por uma brandura pérfida. O veneno transformara-se em remédio.

— Bom dia, querida, como vai? — disse a sra. de Chargebœuf a Sílvia.

Bathilde encaminhou-se para o aquecedor, tirou o chapéu, mirou-se no espelho e pôs o belo pezinho na barra da lareira para que Rogron o admirasse.

— Que tem o senhor? — perguntou-lhe, fitando-o. — Não me cumprimenta? Pois sim, vale a pena pôr vestidos de veludo para o senhor.

Passou diante de Pierrette para levar para uma poltrona o chapéu, que a menina lhe tomou das mãos e que ela entregou como se a bretã fosse uma criada. Os homens são considerados muito ferozes e os tigres também; mas nem os tigres, nem as víboras, nem os diplomatas, nem os oficiais de justiça, nem os carrascos, nem os reis podem, em suas grandes atrocidades, aproximar-se das crueldades doces, das doçuras envenenadas, dos desprezos selvagens das moças entre si, quando umas se julgam superiores às outras pelo nascimento, pela fortuna, pela graça, e quando têm em vista casamentos, precedências, enfim, as mil rivalidades femininas. O “obrigada, senhorita” que Bathilde disse a Pierrette foi um poema em doze cantos.

Ela se chamava Bathilde e a outra Pierrette. Ela era uma Chargebœuf e a outra uma Lorrain! Pierrette era pequena e doente, ela era grande e cheia de vida! Pierrette era mantida por caridade, Bathilde e a mãe eram independentes! Pierrette usava um modesto vestido de fazenda ordinária, Bathilde fazia ondular o veludo azul do seu; Bathilde possuía as mais ricas espáduas do departamento e braços de rainha, Pierrette tinha as omoplatas e os braços descarnados! Pierrette era cinderela, Bathilde era a fada! Bathilde ia casar-se, Pierrette morreria solteira! Bathilde era adorada, Pierrette não era estimada por ninguém! Bathilde tinha uma cabeleira encantadora, tinha elegância; Pierrette ocultava os cabelos numa touquinha e não conhecia a moda! Epílogo: Bathilde era tudo, Pierrette nada era. A altiva bretã compreendeu perfeitamente esse terrível poema.

— Bom dia, minha pequena — disse-lhe a sra. de Chargebœuf do alto de sua grandeza e com o acento que lhe dava o nariz apertado na extremidade.

Vinet levou ao auge essas injúrias, olhando para Pierrette e dizendo-lhe:

— Oh! Oh! Oh! — em três tons. — Como estamos bonita esta noite, Pierrette!

— Bonita! — disse a pobre menina. — Não é a mim, e sim à sua prima, que deve dirigir essa palavra.

— Oh, minha prima sempre o é — respondeu o advogado. — Não é, tio Rogron? — disse, voltando-se para o dono da casa e batendo-lhe na mão.

— Sim — respondeu Rogron.

— Por que fazê-lo dizer o contrário do que pensa? Ele nunca me achou de seu agrado — replicou Bathilde, colocando-se diante de Rogron. — Não é verdade? Olhe para mim.

Rogron contemplou-a dos pés à cabeça e cerrou docemente os olhos como um gato a que se coça a cabeça.

— Você é muito bonita — disse —, muito perigosa de ver.

— Por quê?

Rogron olhou para os tições da lareira e silenciou. Nesse momento, entrou a srta. Habert, seguida do coronel. Celeste Habert, tornada inimiga comum, contava apenas com Sílvia a seu favor, mas todos lhe testemunhavam considerações, cortesias e atenções amáveis tanto maiores porque todos a combatiam ocultamente, de sorte que ela vivia entre essas demonstrações de simpatia e a desconfiança que o irmão despertava em seu espírito. O vigário, embora afastado do teatro da guerra, descobria tudo quanto ali se passava. Assim, quando chegou à conclusão de que as esperanças da irmã estavam mortas, tornou-se um dos maiores antagonistas de Rogron. Todos se representaram imediatamente à srta. Habert, quando souberam que mesmo que ela não tivesse sido diretora e arquidiretora de internato, daria sempre a impressão de ser uma preceptora.

As preceptoras têm uma maneira própria de pôr a touca. Assim como as velhas inglesas adquiriram o monopólio dos turbantes, as preceptoras têm o monopólio dessas toucas: nelas, a carcaça domina as flores, as flores são mais do que artificiais; guardada durante muito tempo em armários, a touca está sempre nova e sempre velha, mesmo no primeiro dia. Essas moças resumem sua dignidade em imitar os bonecos dos pintores; sentam-se sobre suas próprias

cadeiras, e não sobre as cadeiras. Quando se fala com elas, voltam o busto inteiro, em bloco, em vez de voltarem apenas a cabeça; e quando seus vestidos farfalham, a gente é levada a crer que as molas desses autômatos estão estragadas.

A srta. Habert, o protótipo desse gênero, tinha o olhar severo, a boca retorcida e sob o queixo cheio de rugas as fitas da touca, moles e amarrotadas, iam e vinham ao sabor de seus movimentos. Tinha um certo fraco por dois sinais um pouco fortes, um pouco escuros, enfeitados de pelos que deixava crescer como clematites desgrenhadas. Por fim, usava rapé e usava-o sem graça. Organizou-se o boston. Sílvia ficou defronte da srta. Habert e o coronel foi colocado ao lado, diante da srta. de Chargebœuf. Bathilde ficou junto da mãe e de Rogron. Sílvia pôs Pierrette entre si e o coronel. Rogron preparou outra mesa, para o caso de chegarem os srs. Néraud, Cournant e a esposa. Vinet e Bathilde sabiam jogar o uíste, que o sr. e a sra. Cournant jogavam. Depois que essas damas de Chargebœuf, como dizia a gente de Provins, passaram a frequentar a casa dos Rogron, as duas lamparinas brilhavam sobre a lareira, entre os candelabros e a pêndula, e as mesas eram iluminadas por velas de dois francos a libra, que, aliás, eram pagas com o barato do jogo.

— Pierrette, pega no teu trabalho, minha filha — disse Sílvia à prima, com uma pérfida doçura, ao ver que ela estava olhando para as cartas do coronel.

Ela sempre fingia em público que tratava bem de Pierrette. Essa infame dissimulação irritava a leal bretã e inspirava-lhe desprezo pela prima. Pierrette tomou o bordado; mas enquanto fazia os pontos, continuava a olhar para as cartas de Gouraud. Gouraud parecia ignorar que tinha uma menina a seu lado. Sílvia observava-o

e começava a achar aquela indiferença excessivamente suspeita. Num dado momento, a solteirona iniciou uma jogada de copas em que a vitória consistia em não fazer nenhuma vaza; o pires estava cheio de fichas e continha, além disso, vinte e sete *sous*. Os Cournant e Néraud haviam chegado. O velho juiz substituto, Desfondrilles, em quem o Ministério da Justiça encontrava qualidades de juiz, encarregando-o das funções de juiz de instrução, mas que nunca tinha suficiente talento quando se tratava de ser juiz efetivo e que, havia dois meses, abandonara o partido dos Tiphaine e se voltava para o partido Vinet, estava diante da lareira, com as costas para o fogo e as abas da casaca erguidas. Contemplava o magnífico salão onde brilhava a srta. de Chargebœuf, pois parecia que aquela decoração vermelha fora feita expressamente para realçar os encantos daquela esplêndida pessoa. Reinava o silêncio. Pierrette assistia à jogada, e a atenção de Sílvia fora desviada pelo interesse do jogo.

— Jogue aqui — disse Pierrette ao coronel, apontando para as copas.

O coronel fez uma sequência de copas; as copas estavam repartidas entre Sílvia e ele; o coronel recebeu o ás, embora tivesse sido retido por Sílvia por cinco cartas pequenas.

— A jogada não é legal! Pierrette viu meu jogo e o coronel foi aconselhado por ela.

— Mas senhorita — disse Celeste —, o jogo do coronel era este de continuar em copas, pois ele sabia que você as tinha!

Essa frase fez sorrir o sr. Desfondrilles, homem perspicaz que se divertia com todos os interesses em jogo em Provins, onde

representava o papel de Rigaudin da *Casa em loteria* [263] de Picard.

— Esse era o jogo do coronel — disse Cournant, sem saber de que se tratava.

Sílvia dirigiu à srta. Habert um desses olhares de solteira para solteira, atroz e dulçoroso.

— Pierrette, viste meu jogo — disse Sílvia, cravando os olhos na prima.

— Não, prima.

— Eu estava olhando para todos — disse o juiz arqueólogo — e posso garantir que a pequena só viu as cartas do coronel.

— Ora! As mocinhas — disse Gouraud, admirado — sabem correr os olhos sem que se perceba.

— Ah! — exclamou Sílvia.

— Sim — replicou Gouraud. — Ela pode ter olhado para suas cartas para dar-lhe um trote. Não é, belezinha?

— Não — disse a leal bretã. — Sou incapaz disso e, se tivesse de ter interesse por algum jogo, seria pelo da prima.

— Bem sabes que és uma mentirosa e, além disso, uma tolinha — disse Sílvia. — Como é que se vai acreditar em tuas palavras depois do que se passou esta manhã? És uma...

Pierrette não deixou a prima terminar em sua presença o que ia dizer. Prevendo uma torrente de injúrias, levantou-se, saiu no escuro e subiu para o quarto. Sílvia ficou pálida de raiva e disse entredentes: — Ela me pagará.

— Pague a senhorita a parada — disse a sra. de Chargebœuf.

Nesse momento, a pobre Pierrette bateu com a testa na porta do corredor, que o juiz deixara aberta.

— Foi bem feito! — exclamou Sílvia.

— Que foi que lhe aconteceu? — perguntou Desfondrilles.

— Apenas o que ela merece — respondeu Sílvia.

— Acho que ela se machucou — disse a srta. Habert.

Sílvia tentou não pagar a parada, levantando-se para ir ver o que acontecera a Pierrette. A sra. de Chargebœuf, porém, a deteve.

— Pague-nos primeiro — disse-lhe sorrindo —, pois a senhorita não se lembraria de mais nada na volta.

Essa proposta, baseada na desonestidade da ex-lojista em suas dívidas de jogo, teve a aprovação geral. Sílvia tornou a sentar-se, não pensou mais em Pierrette, e essa indiferença não surpreendeu a ninguém. Durante todo o serão Sílvia manteve uma preocupação constante. Quando o bóston terminou, pelas nove horas e meia, ela mergulhou numa poltrona junto à lareira e só se levantou para as despedidas. O coronel torturava-a, ela não sabia mais o que pensar dele.

— Os homens são tão falsos! — disse ela ao adormecer.

VIII – OS AMORES DE PIERRETTE E DE BRIGAUT

Pierrette sofrera um golpe terrível ao bater com a cabeça na porta, na altura da orelha, no lugar em que as moças separam do resto dos cabelos aquela porção que põem em papélotes. No dia seguinte, havia ali fortes equimoses.

— Deus te castigou — disse-lhe a prima durante o almoço, no dia seguinte. — Tu me desobedeceste, faltaste com o respeito que me

deves não me escutando e afastando-te no meio da minha frase. Tens justamente o que mereces.

— Mesmo assim — disse Rogron — é preciso pôr uma compressa de salmoura.

— Ora, não há de ser nada, primo — disse Pierrette.

A pobre menina chegara a ver uma prova de simpatia na observação do tutor.

A semana chegou ao fim como começara, em contínuos tormentos. Sílvia tornou-se engenhosa e levou os refinamentos de sua tirania aos mais selvagens requintes. Os illinois, os cherokees e os moicanos[264] poderiam instruir-se com ela. Pierrette não teve coragem de queixar-se dos sofrimentos vagos, das dores que sentia na cabeça. A origem do descontentamento da prima residia na não revelação a respeito de Brigaut e, por uma teimosia bretã, Pierrette obstinava-se em manter um silêncio muito explicável. Todos compreenderão agora qual foi o olhar que a menina dirigiu a Brigaut, que julgou perdido para si no caso de ser descoberto e que queria ter junto de si, feliz por sabê-lo em Provins. Que alegria para ela ver Brigaut! Ver seu camarada de infância era comparável ao olhar que o exilado dirige de longe à pátria, ao olhar do mártir para o céu onde seus olhos, armados do dom da vidência, têm o poder de penetrar durante as angústias do suplício. O último olhar de Pierrette fora tão perfeitamente compreendido pelo filho do major, que, enquanto ele aplainava as tábuas, abria o compasso, tomava medidas e ajustava os pedaços de madeira, seu cérebro trabalhava em busca dum meio de se poder corresponder com Pierrette. Brigaut chegou, por fim, a este plano de extrema simplicidade. A uma certa hora da noite, Pierrette estenderia um cordão na extremidade do qual ele amarraria uma

carta. Em meio dos horríveis sofrimentos que causava a Pierrette sua dupla enfermidade, um abscesso que se formara na cabeça e o depauperamento do organismo, ela era sustentada pela ideia de corresponder-se com Brigaut. Um mesmo desejo agitava os dois corações; separados, entendiam-se! A cada golpe recebido no coração, a cada pontada na cabeça, Pierrette pensava: “Brigaut está aqui!”. E, então, sofria sem queixa.

No primeiro dia de feira que se seguiu ao primeiro encontro na igreja, Brigaut ficou à espreita da amiguinha. Embora a visse trêmula e pálida como uma folha de outono prestes a cair do galho, Brigaut, sem se perturbar, pôs-se a discutir o preço das frutas na mesma tenda onde a terrível Sílvia estava a pechinchar na compra de provisões. Brigaut conseguiu passar um bilhete a Pierrette e o passou com toda a naturalidade, enquanto gracejava com a vendedora. E o fez com o garbo dum espertalhão, como se nunca se tivesse dedicado a outra coisa, tal o sangue-frio com que executou sua ação apesar do sangue quente que latejava em suas orelhas e que saía em borbotões de seu coração como se quisesse romper-lhe as veias e as artérias. Teve, externamente, a decisão dum velho condenado e, internamente, os tremores da inocência, exatamente como certas mães em suas crises mortais, em que ficam presas entre dois perigos, entre dois precipícios. Pierrette sentiu as mesmas vertigens de Brigaut; guardou o bilhete no bolso do avental. As placas rosadas das faces passaram ao vermelho-cereja dos fogos violentos. As duas crianças experimentaram, de parte a parte, sem querer, sensações capazes de nutrir dez amores vulgares. Esse momento deixou em suas almas uma fonte viva de emoções. Sílvia, que não conhecia o

tipo bretão, não podia ver um apaixonado em Brigaut, e Pierrette voltou para casa com seu tesouro.

As cartas das duas crianças deviam servir de documentos num horrível debate judiciário; sem essas fatais circunstâncias, elas nunca teriam sido conhecidas. Eis, pois, o que Pierrette leu, à noite, no quarto:

Minha querida Pierrette. Na hora em que todos estiverem dormindo, mas em que estarei velando por ti, chegarei todas as noites à janela da cozinha. Podes fazer descer de tua janela um cordão bastante comprido para que chegue até mim, o que não fará barulho, e nele amarrarás o que me tiveres escrito. Eu te responderei pelo mesmo meio. Sei que eles te ensinaram a ler e a escrever, esses miseráveis parentes que te deviam fazer tanto bem e te fazem tanto mal! Tu, Pierrette, filha dum coronel morto pela França, reduzida por esses monstros a cozinhar para eles... Eis aí no que se consumiram tuas belas cores e tua bela saúde! Que foi feito de minha Pierrette? Que fizeram eles de ti? Vejo perfeitamente que não estás satisfeita. Oh, Pierrette, voltemos para a Bretanha! Posso ganhar o suficiente para dar-te tudo que te falta: poderás dispor de três francos por dia, pois ganho de quatro a cinco, e trinta *sous* me bastam. Ah, Pierrette, como implorei ao bom Deus por ti depois que te revi! Pedi-lhe que transferisse para mim todos os teus sofrimentos e te concedesse todas as alegrias. Que fazes com eles, para que te conservem em seu poder? Tua avó é mais do que eles. Esses Rogron são venenosos, tiraram-te a alegria. Já não andas, em Provins, como andavas na Bretanha. Voltemos para a Bretanha! Estou aqui para servir-te, para cumprir tuas ordens, e me dirás o que queres. Se precisares de dinheiro, tenho para nós sessenta escudos e será com pesar que tos enviarei pelo cordão em vez de beijar com respeito tuas queridas mãos ao depositá-los nelas. Ah! Há quanto tempo, minha querida Pierrette, o céu está anuviado para mim. Não tive duas horas de prazer desde o dia em que te pus naquela diligência da desgraça; e quando te revi como uma sombra, aquela bruxa de parenta veio perturbar nossa felicidade. Enfim,

teremos, todos os domingos, o consolo de rezar juntos a Deus: é possível que assim Ele nos ouça melhor. Não te digo adeus, querida Pierrette, mas até logo à noite.

Essa carta comoveu de tal modo Pierrette que ela ficou mais de uma hora a relê-la e a contemplá-la. Verificou, porém, com pesar, que não tinha nada com que escrever. Empreendeu, por isso, a difícil viagem de sua mansarda à sala de refeições, onde encontraria tinta, pena e papel, e pôde realizá-la sem despertar a terrível prima. Pouco antes da meia-noite, já tinha escrito a seguinte carta, que foi, igualmente, citada no processo:

Meu amigo, oh, sim, meu amigo; pois tu, Jacques, e minha avó são os únicos que me estimam. Que Deus me perdoe, mas sois também as únicas pessoas que amo, tanto uma como a outra, nem mais nem menos. Eu era muito pequena para poder conhecer minha mãezinha; mas tu, Jacques, minha avó e meu avô também, que Deus tenha no céu, pois ele sofreu muito com sua ruína, que foi também a minha; enfim, vós dois que ficastes, amo-vos tanto quanto sou infeliz! Assim, para saberes quanto te amo, precisarias saber o quanto sofro; e não o desejo, pois isso te magoaria muito. Falam comigo como não falamos aos cães! Tratam-me como a última das últimas! E é em vão que me examino como se estivesse diante de Deus, não encontro faltas para com eles. Antes do dia em que me cantaste a canção das recém-casadas, eu reconhecia a bondade de Deus nas minhas dores, pois, como eu lhe implorava que me levasse deste mundo e me sentia muito doente, pensava: “Deus me ouve!”. Mas, Brigaut, já que estás aqui, quero partir contigo para a Bretanha, para rever minha avó que me ama, embora eles me tenham dito que ela me roubou oito mil francos. Brigaut, se eles me pertencem, podes sabê-lo? Mas é mentira; se tivéssemos oito mil francos, minha avó não estaria em Saint-Jacques. Não quis perturbar os últimos dias dessa boa santa

senhora com a narração dos meus tormentos: ela seria capaz de morrer. Ah, se ela soubesse que fazem sua neta lavar a louça, ela que me dizia: “Deixa isso, queridinha” quando, na sua pobreza, eu queria ajudá-la; “deixa, deixa, minha querida, vais estragar tuas belas mãozinhas”. Ainda bem que conservo as unhas limpas! Geralmente não posso carregar o cesto de provisões, que me corta o braço quando volto do mercado. Entretanto, não creio que meu primo e minha prima sejam maus; o pior é seu costume de repreender, e parece que não posso deixá-los. Meu primo é meu tutor. Um dia, quando lhes disse que queria ir embora por sofrer demais, minha prima Sílvia respondeu que a polícia iria atrás de mim, que a lei apoia meu tutor, e então compreendi que os primos não substituem nosso pai ou nossa mãe, como os santos não substituem o bom Deus. Que queres, meu pobre Jacques, que eu faça com teu dinheiro? Guarda-o para nossa viagem. Oh, como eu pensava em ti no Pen-Hoël e no grande lago! Foi lá que comemos nosso pão branco juntos. Sinto que vou mal. Estou muito doente, Jacques! Tenho dores de cabeça de gritar, bem como nos ossos e nas costas; e mais não sei o quê nos rins, que me mata; só sinto apetite para coisas esquisitas, como raízes e folhas. E, além disso tudo, gosto de sentir o cheiro de papel impresso. Há momentos em que choraria se estivesse só, pois não me deixam fazer nada do que quero e não tenho licença nem para chorar. Preciso esconder-me para oferecer minhas lágrimas àquele de quem todos nós recebemos essas graças que chamamos de aflições. Não foi ele que te deu a feliz ideia de vir cantar sob minha janela a canção das recém-casadas? Ah, Jacques, minha prima, que te ouviu, disse-me que eu tinha um namorado. Se queres ser meu namorado, ama-me muito; prometo amar-te sempre, como no passado, e ser tua fiel serva.

pierrette lorrain

Vais amar-me sempre, não é?

A bretã apanhou na cozinha uma côdea de pão, na qual fez um buraco para meter a carta e, assim, dar peso ao cordão. À meia-noite, após ter aberto a janela com excessiva precaução, fez descer a carta e

o pão, que não podiam fazer barulho algum ao roçar pela parede ou pelas persianas. Sentiu o fio puxado por Brigaut, que o rompeu e depois se afastou lentamente, pé ante pé. Quando ele chegou ao centro da praça, ela pôde vê-lo indistintamente à luz das estrelas; ele, porém, a contemplava na zona luminosa do clarão projetado pela lamparina. As duas crianças ficaram assim durante uma hora, Pierrette fazendo-lhe sinais para que fosse embora, ele afastando-se e ela ficando à janela, ele voltando a seu posto e Pierrette recomendando-lhe novamente que deixasse a praça. Essa manobra repetiu-se várias vezes, até que a pequena fechou a janela, deitou-se e apagou a luz. Uma vez na cama, adormeceu feliz, embora doente: tinha a carta de Brigaut sob o travesseiro. Dormiu como dormem os perseguidos, num sono embelezado pelos anjos, esse sono de atmosferas douradas e azuis, cheios de arabescos divinos, entrevistos e transmitidos pelo pincel de Rafael.

A natureza moral exercia tal domínio sobre aquela delicada natureza física que, no dia seguinte, Pierrette despertou contente e lépida como uma cotovia, radiosa e sorridente. Tal mudança não podia escapar aos olhos da prima, que, dessa vez, em lugar de censurá-la, ficou a observá-la com a atenção duma gralha. “De onde lhe vem tanta felicidade?”, foi um pensamento de ciúme, e não de tirania. Se o coronel não estivesse ocupando a atenção de Sílvia, ela certamente teria dito a Pierrette como de outras vezes: “Pierrette, és muito turbulenta ou muito descuidada com o que te dizem!”. A solteirona resolveu espionar Pierrette como o sabem fazer as solteironas. O dia decorreu sombrio e silencioso como o momento que precede um temporal.

— Então, não estás mais doente, senhorita? — disse-lhe Sílvia ao jantar. — Quando eu te dizia que ela faz tudo isso só para nos atormentar! — acrescentou, dirigindo-se ao irmão, sem esperar a resposta de Pierrette.

— Pelo contrário, prima. Acho que estou com febre...

— Febre de quê? Estás alegre como um tentilhão. Terás revisto algum conhecido?

Pierrette estremeceu e baixou os olhos para o prato.

— Hipócrita! — exclamou Sílvia. — Aos catorze anos! Já! Que disposições! Mas és então uma mulher perdida?

— Não sei o que quer dizer — replicou Pierrette, fixando os belos olhos castanhos brilhantes na prima.

— Hoje — disse ela — ficarás na sala de refeições com uma lamparina, trabalhando. És demais no salão e não quero que olhes para minhas cartas para aconselhar os prediletos.

Pierrette nem pestanejou.

— Fingida! — exclamou Sílvia, saindo.

Rogron, que não compreendia nada das palavras da irmã, disse a Pierrette:

— Que há entre vocês duas? Trata de agradar tua prima, Pierrette; ela é muito indulgente, muito bondosa, e se a enfureces certamente é porque estás fazendo alguma coisa errada. Por que estão brigando? Gosto de viver em sossego. Olha para a srta. Bathilde, toma-a como modelo.

Pierrette podia suportar tudo: Brigaut viria, sem dúvida, à meia-noite, trazer-lhe uma resposta, e essa esperança era o viático de seu dia. Estava, porém, consumindo suas últimas forças! Não dormiu, ficou de pé, escutando o bater das horas na pêndula e temendo fazer

ruído. Finalmente, soou a meia-noite, ela abriu docemente a janela e dessa vez usou um cordão que conseguira amarrando uns aos outros diversos pedaços de linha. Ouviu os passos de Brigaut; e, quando puxou o cordão, leu a seguinte carta, que a encheu de alegria:

Minha querida Pierrette, se sofres tanto, não te debes cansar à minha espera. Tu me ouvirás gritar como os Chouans.[\[265\]](#) Felizmente, meu pai ensinou-me a imitar seu grito. Assim, gritarei três vezes e saberás então que estou aí e que debes soltar o cordão. Não voltarei, porém, antes de alguns dias. Espero dar-te uma boa notícia. Oh, Pierrette, morrer! Mas, Pierrette, pensas nisso? Meu coração estremeceu; julguei-me morto, eu mesmo, a essa ideia. Não, minha Pierrette, não morrerás, viverás feliz e logo serás libertada de teus perseguidores. Se eu não tiver êxito no que vou empreender para salvar-te, irei reclamar à justiça e direi diante de todo mundo como te tratam os indignos parentes. Estou certo de que não terás mais que poucos dias de sofrimento: tem paciência. Pierrette! Brigaut vela por ti como na época em que íamos deslizar sobre o lago, quando te retirei do grande buraco onde quase perecemos juntos. Adeus, minha querida Pierrette. Dentro de alguns dias seremos felizes, se Deus quiser. Ai de mim! Não ousou dizer-te a única coisa que se poderia opor à nossa união. Mas Deus nos ama! Daqui a alguns dias poderei, pois, ver minha querida Pierrette em liberdade, sem preocupações, sem que alguém me impeça de contemplar-te, pois tenho muita sede de te ver, oh, Pierrette! Pierrette que se digna amar-me e dizê-lo. Sim, Pierrette, serei teu namorado, mas somente quando tiver conseguido a fortuna que mereces e até lá não quero ser para ti mais que um dedicado servidor de cuja vida podes dispor. Adeus.

jacques brigaut

Eis o que o filho do major não disse a Pierrette. Brigaut escreveu a seguinte carta à sra. Lorrain, em Nantes:

Senhora Lorrain, sua neta morrerá, sob o peso de maus-tratos, se a senhora não a reclamar. Mal pude reconhecê-la, e para que a senhora bem possa julgar os fatos, anexo a esta a carta que recebi de Pierrette. Dizem aqui que a senhora conserva em seu poder o dinheiro de sua neta e deve defender-se dessa acusação. Se puder, venha logo; ainda podemos ser felizes e mais tarde a senhora encontraria Pierrette morta.

Sou, respeitosamente, seu devotado servidor.

jacques brigaut

Na casa do sr. Frappier, marceneiro,
Grand'rue, Provins.

Brigaut tinha receio de que a avó de Pierrette houvesse morrido.

Embora a carta daquele que, em sua inocência, ela chamava seu namorado fosse quase um enigma para a bretã, ela acreditou nas suas palavras com sua fé virgem. Seu coração experimentou a sensação que os viajantes do deserto experimentam ao avistar, de longe, as palmeiras em torno de poços. Dentro de poucos dias seu infortúnio cessaria, Brigaut lho dizia; adormeceu sobre a promessa de seu amigo de infância. Mas, enquanto guardava a carta junto com a outra, teve uma ideia horrível, horrivelmente expressa:

“Pobre Brigaut”, pensou, “não sabe em que abismo caí!”

Sílvia ouvira Pierrette, do mesmo modo que ouvira Brigaut sob sua janela; levantou-se, precipitou-se para examinar a praça através das persianas e viu, ao luar, um homem afastando-se em direção à casa onde morava o coronel e diante da qual Brigaut parou. A solteirona abriu cuidadosamente a porta, subiu, ficou admirada de

ver luz no quarto de Pierrette, espiou pelo buraco da fechadura e não pôde ver nada.

— Pierrette — chamou. — Estás doente?

— Não, prima — respondeu Pierrette, surpresa.

— Então por que estás com a luz acesa à meia-noite? Abre. Preciso saber que é que estás fazendo.

Pierrette foi abrir a porta, descalça, e a prima viu o cordão enrolado que Pierrette não tivera a precaução de guardar, por não imaginar que seria apanhada. Sílvia atirou-se sobre o cordão.

— Para que queres isto?

— Para nada, prima.

— Para nada? Muito bem! Sempre mentindo. Assim não irás para o céu. Vai te deitar, estás com frio.

Não perguntou mais nada e retirou-se, deixando Pierrette pasma de terror com essa clemência. Em vez de explodir, Sílvia resolvera subitamente surpreender o coronel e Pierrette, apanhar as cartas e confundir os dois namorados que a enganavam. Pierrette, inspirada pelo perigo, meteu as duas cartas no espartilho e cobriu-as com um pedaço de chita.

Aí terminaram os amores de Pierrette e Brigaut.

Pierrette sentiu-se muito feliz com a resolução do amigo, pois as suspeitas da prima iam ser desfeitas por falta de motivo. Sílvia, com efeito, passou três noites de pé e três serões a espiar o inocente coronel, sem ver nem em Pierrette, nem na casa, nem fora nada que denunciasse um entendimento entre ambos. Mandou Pierrette à confissão e aproveitou o momento para revolver tudo no quarto da menina, com o hábito e a perspicácia dos espões e dos cobradores da Alfândega de Paris. Não encontrou nada. Seu furor atingiu o auge

dos sentimentos humanos. Se Pierrette estivesse lá, certamente teria sido espancada sem piedade. Para uma solteirona daquela têmpera, o ciúme era menos um sentimento que uma ocupação: vivia, sentia bater o coração, experimentava emoções até então completamente desconhecidas para ela; o menor movimento a alertava, ouvia os mais leves ruídos, observava Pierrette com uma sombria preocupação.

— Essa pequena miserável me matará! — dizia.

As severidades de Sílvia para com a prima chegaram à mais refinada crueldade e agravaram a situação deplorável em que Pierrette se encontrava. A pobrezinha tinha febre constantemente e suas dores de cabeça se tornaram intoleráveis. No espaço de oito dias, os frequentadores da casa Rogron puderam vê-la com uma fisionomia de sofrimento que, sem dúvida, teria enternecido seres menos cruéis; o médico Néraud, porém, talvez aconselhado por Vinet, ficou mais de uma semana sem aparecer. O coronel, suspeito aos olhos de Sílvia, teve receio de fazer fracassar seu casamento manifestando a mais leve solicitude por Pierrette. Bathilde explicava a transformação da menina por uma crise esperada, natural e sem perigo. Enfim, num domingo à noite, quando Pierrette estava no salão cheio de gente, não pôde resistir a tantos sofrimentos e desmaiou; e o coronel, que foi o primeiro a notar o desmaio, tomou-a nos braços e deitou-a num sofá.

— Fez de propósito — disse Sílvia, olhando para a srta. Habert e os que jogavam com ela.

— Garanto-lhe que sua prima está muito mal — disse o coronel.

— Ela estava muito bem em seus braços — disse Sílvia ao coronel, com um sorriso terrível.

— O coronel tem razão — disse a sra. de Chargebœuf. — A senhorita devia chamar um médico. Esta manhã, na igreja, à saída da missa, todos falavam no estado de saúde da srta. Lorrain, que está saltando aos olhos.

— Estou morrendo — disse Pierrette.

Desfondrilles chamou Sílvia e disse-lhe que desapertasse as roupas da prima. Sílvia correu, dizendo:

— É teatro!

Desabotoou as roupas e ia tocar no espartilho; Pierrette, então, adquiriu forças sobre-humanas; ergueu-se e exclamou:

— Não! Não! Vou me deitar.

Sílvia apalpara o espartilho e sua mão sentira ali o maço de papéis. Deixou Pierrette retirar-se, dizendo a todos:

— E, então, que dizem de sua doença? É tudo fingimento! Não podem imaginar a perversidade dessa menina.

Após o serão, ela deteve Vinet; estava furiosa e queria vingar-se; foi grosseira com o coronel ao despedir-se. O coronel dirigiu a Vinet um certo olhar que o ameaçava no ventre e parecia assinalar ali o lugar duma bala. Sílvia pediu a Vinet que ficasse. Quando ficaram a sós, a solteirona disse-lhe:

— Nunca, na minha vida nem em meus dias, hei de me casar com o coronel!

— Bem, agora que a senhorita tomou essa resolução, posso falar. O coronel é meu amigo, mas sou mais amigo seu que dele: Rogron prestou-me serviços que nunca esquecerei. Sou tão bom amigo quanto implacável inimigo. Quando eu estiver na Câmara, pois hão de ver até onde hei de chegar, Rogron será, com toda a certeza, recebedor-geral nomeado por mim... Pois bem, jure-me que nunca

repetirá nada de nossa conversa. (Sílvia fez um gesto afirmativo.) Em primeiro lugar, esse bravo coronel é um jogador incorrigível.

— Ah! — fez Sílvia...

— Se não fossem os embaraços em que sua paixão pelo jogo o meteu, ele seria talvez marechal da França — continuou o advogado. — Assim, ele seria capaz de devorar sua fortuna. Além disso, é um homem impenetrável. Não creia que os esposos possam resolver se terão ou não terão filhos e, no primeiro caso, a senhorita sabe o que aconteceria. Não, se quiser casar-se, espere que eu esteja na Câmara e então poderá desposar esse velho Desfondrilles, que será presidente do Tribunal. Para vingar-se, case seu irmão com a srta. de Chargebœuf. Encarrego-me de obter seu consentimento: ela terá dois mil francos de renda e a senhorita ficará aliada aos Chargebœuf como eu. Fique certa, os Chargebœuf nos receberão um dia como primos.

— Gouraud ama Pierrette — foi a resposta de Sílvia.

— Ele é bem capaz disso — comentou Vinet. — É capaz de casar-se com ela depois de sua morte.

— É um belo projeto! — disse ela.

— Já lhe disse, ele é finório como o diabo! Case seu irmão anunciando que quer ficar solteira para deixar seus bens a seus sobrinhos ou sobrinhas; atingirá, com um só golpe, Pierrette e Gouraud e verá com que cara ele há de ficar.

— Ah, é isso mesmo! — exclamou a solteirona. — Apanhei-os! Ela irá para uma loja, não terá nada. Ela não tem dinheiro algum. Que faça como nós, que trabalhe!

Vinet saiu após ter metido seu plano na cabeça de Sílvia, cuja obstinação bem conhecia. A solteirona acabaria acreditando que o

projeto partira dela mesma. Vinet encontrou na praça o coronel, fumando um cigarro, à sua espera.

— Alto lá! — disse Gouraud. — Você me demoliu, mas na demolição há pedras suficientes para sepultá-lo.

— Coronel!

— Não há coronel nem coisa nenhuma... Vou tratá-lo com todo o rigor; e, para começar, você nunca será deputado...

— Coronel!

— Disponho de dez votos e a eleição depende de...

— Coronel, escute-me. Não haverá mais ninguém aqui além da velha Sílvia? Acabo de tentar defendê-lo; você é acusado de escrever a Pierrette: ela o viu sair de sua casa, à meia-noite, para ir à janela da menina...

— Bem imaginado!

— Ela vai casar o irmão com Bathilde e reservar a fortuna aos filhos deles.

— Rogron será capaz de ter filhos?

— Sim — disse Vinet. — Mas prometo arranjar-lhe uma criatura jovem e agradável, com cento e cinquenta mil francos. Está louco? Acaso podemos brigar? As coisas, mau grado meu, estão voltadas contra você; e você ainda não me conhece.

— Pois bem, é bom que nos conheçamos — replicou o coronel. — Faça-me desposar uma mulher com cinquenta mil escudos antes das eleições; senão, arranje-se. Não gosto de maus companheiros de cama, e você puxa toda a coberta para si. Boa noite.

— Vai ver — disse Vinet, apertando afetuosamente a mão do coronel.

IX – O CONSELHO DE FAMÍLIA

À uma da madrugada, os três gritos claros e agudos do mocho, admiravelmente bem imitados, ressoaram na praça; Pierrette ouviu-os no seu sono febril; levantou-se banhada em suor, abriu a janela, viu Brigaut e atirou-lhe uma bolinha de seda à qual ele amarrou uma carta. Sílvia, agitada pelos acontecimentos da noite e por suas irresoluções, não dormia; pensou que fosse mesmo um mocho.

— Ah, que ave de mau agouro! Mas, não! Pierrette se levantou! Que terá ela?

Ao perceber que se abria a janela da mansarda, Sílvia correu à sua janela e ouviu o roçar da carta de Brigaut ao longo das persianas. Amarrou os cordões do camisão e subiu lentamente ao quarto de Pierrette, que foi encontrar desamarrando a seda para tirar a carta.

— Ah! Peguei-te! — exclamou a solteirona, indo à janela e vendo Brigaut, que fugia a todo o pano. — Vais dar-me essa carta.

— Não, prima — disse Pierrette, que, por uma dessas imensas inspirações da mocidade e sustentada por sua alma, se elevou à grandiosidade da resistência que admiramos na história de alguns povos levados ao desespero.

— Ah! Não queres...? — exclamou Sílvia, avançando para a prima e mostrando-lhe uma horrível fisionomia cheia de ódio e enrugada de furor.

Pierrette recuou para ter tempo de segurar a carta, mantendo a mão fechada por uma força invencível. Ao ver essa manobra, Sílvia prendeu em suas patas de lagosta a delicada, a branca mão de Pierrette e tentou abri-la. Foi um combate terrível, um combate infame, como tudo o que atenta contra o pensamento, o único

tesouro que Deus põe a salvo de toda a força e preserva como um laço sagrado entre si e os infelizes. As duas mulheres, uma moribunda e a outra cheia de vigor, olharam-se fixamente. Os olhos de Pierrette dirigiam a seu carrasco o olhar do templário ao ser golpeado no peito com um balanceiro diante de Filipe, o Belo,[\[266\]](#) que não pôde suportar esse raio terrível e deixou a praça fulminado. Sílvia, mulher e ciumenta, respondeu a esse olhar magnético com raios sinistros. Reinava um silêncio medonho. Os dedos apertados da bretã opunham às tentativas da prima uma resistência igual à de um bloco de aço. Sílvia torturava o braço de Pierrette, procurava abrir-lhe os dedos; e, nada conseguindo, cravava-lhe inutilmente as unhas na carne. Por fim, enraivecendo-se, meteu-lhe os dentes no pulso para tentar morder-lhe os dedos e subjugar Pierrette pela dor. Pierrette continuava a desafiá-la com o terrível olhar da inocência. O furor da solteirona cresceu a tal ponto que chegou à alucinação; segurou o braço de Pierrette e pôs-se a bater com o punho no peitoril da janela e no mármore da lareira, como quando se quer quebrar uma noz para retirar-lhe o fruto.

— Socorro! Socorro! — exclamou Pierrette. — Estão me matando!

— Ah! Estás gritando, e eu te apanho com um namorado no meio da noite...

E batia sem piedade.

— Socorro! — gritou Pierrette, com o punho todo ensanguentado.

Nesse momento, bateram violentamente à porta. Igualmente fatigadas, as duas primas se detiveram.

Rogron, acordado, inquieto, não sabendo do que se tratava, levantou-se, correu ao quarto da irmã e não a encontrou; ficou com medo, desceu, abriu a porta e quase foi derrubado por Brigaut, que

entrou acompanhado duma espécie de fantasma. Justamente nesse instante os olhos de Sílvia perceberam o espartilho de Pierrette e se lembrou de ter notado papéis dentro dele; precipitou-se sobre ele como um tigre sobre a presa, enrolou o espartilho no punho e exibiu-o diante dela, sorrindo como um iroquês sorri para o inimigo antes de arrancar-lhe o couro cabeludo.

— Ai! Estou morrendo... — disse Pierrette, caindo ajoelhada. — Quem me salvará?

— Eu! — exclamou uma mulher de cabelos brancos que mostrou a Pierrette um rosto velho de pergaminho onde brilhavam dois olhos cor de cinza.

— Ah, vovó, chegaste muito tarde! — exclamou a pobre criança, desfazendo-se em lágrimas.

Pierrette ia cair na cama, abandonada pelas forças e aniquilada pelo abatimento que, numa enferma, sucede a uma luta tão violenta. O grande fantasma seco tomou-a nos braços como as amas tomam as crianças e saiu acompanhado de Brigaut, sem dizer uma única palavra a Sílvia, a quem acusou majestosamente por meio dum olhar trágico. A aparição da augusta velha em seu traje bretão, encapuzada em sua touca, que é uma espécie de peliça de pano preto, acompanhada do terrível Brigaut, assustou Sílvia: ela pensou ter visto a morte. A solteirona desceu, ouviu a porta fechar-se e deu de cara com o irmão, que lhe perguntou:

— Então, não te mataram?

— Vai te deitar — disse-lhe Sílvia. — Amanhã de manhã veremos o que vamos fazer.

Ela voltou para a cama, abriu o espartilho e leu as duas cartas de Brigaut, que a confundiram. Adormeceu na mais estranha

perplexidade, sem a mínima suspeita da terrível questão que sua conduta ia provocar.

As cartas enviadas por Brigaut à viúva Lorrain haviam-na encontrado numa inefável alegria, que sua leitura perturbou. A pobre septuagenária estava morrendo de desgosto de viver sem Pierrette a seu lado; consolava-se de havê-la perdido, considerando-se sacrificada pelos interesses da neta. Possuía um desses corações sempre jovens, que a ideia do sacrifício sustenta e anima. Seu velho marido, cuja única alegria era aquela neta, ficara com saudades de Pierrette; diariamente a procurara em torno de si. Foi uma saudade de ancião, da qual os anciãos vivem e acabam morrendo. Todos podem agora avaliar o contentamento que deve ter experimentado a pobre velha encerrada num asilo ao ter a notícia duma dessas ações raras, mas que, entretanto, ainda se verificam na França. Após seus desastres, Francisco José Collinet, chefe da casa Collinet, partira para a América com os filhos. Tinha demasiado brio para permanecer arruinado, sem crédito, em Nantes, no meio das desgraças que sua falência ali causara. De 1814 a 1824, o bravo negociante, auxiliado pelos filhos e o caixa da casa, que se conservou fiel e lhe forneceu os primeiros recursos, recomeçara corajosamente nova fortuna. Após inauditos trabalhos coroados de êxito, voltou a Nantes, depois de uma ausência de dez anos, para se reabilitar, deixando o filho mais velho à frente de sua casa transatlântica. Encontrou a sra. Lorrain de Pen-Hoël em Saint-Jacques e foi testemunha da resignação com que a mais infortunada de suas vítimas suportava a miséria.

— Deus o perdoe! — disse-lhe a velha —, pois, à beira do meu túmulo, o senhor me dá os meios de assegurar a felicidade de minha

neta; eu, porém, nunca mais poderei reabilitar meu pobre marido!

O sr. Collinet trazia à sua credora, entre capital e juros, cerca de quarenta e dois mil francos. Seus outros credores, comerciantes ativos, ricos, inteligentes, haviam resistido ao prejuízo, ao passo que a desgraça dos Lorrain pareceu irremediável ao velho Collinet, que prometeu à viúva reabilitar a memória do marido, uma vez que se tratava apenas duma quarentena de mil francos a mais. Quando a Bolsa de Nantes foi informada desse rasgo de generosidade reparadora, quis receber Collinet antes da sentença da Corte Real de Rennes; o negociante, porém, recusou essa honra e submeteu-se ao rigor do código de comércio. A sra. Lorrain recebeu, pois, quarenta e dois mil francos na véspera do dia em que o Correio lhe levou as cartas de Brigaut. Ao dar sua quitação, sua primeira frase foi: “Poderei agora viver com minha Pierrette e casá-la com o pobre Brigaut, que ficará rico com meu dinheiro!”. Não conseguia sossego, agitava-se, queria partir para Provins. Assim, quando acabou de ler as duas fatais cartas, saiu a correr pela cidade como louca, perguntando como poderia ir a Provins com a rapidez do raio. Partiu pela mala-posta, quando lhe falaram na celeridade governamental desse veículo. Em Paris, tomou o carro de Troyes e, pelas onze e meia, chegava à casa de Frappier, onde Brigaut, ao ver o sombrio desespero da velha bretã, imediatamente prometeu trazer-lhe a neta, descrevendo-lhe, em poucas palavras, o estado de Pierrette. Essas poucas palavras apavoraram de tal modo a avó que ela não pôde dominar sua impaciência: correu para a praça. Quando Pierrette gritou, a bretã sentiu o coração atingido por esse grito, tão intensamente como Brigaut. E ambos teriam, sem dúvida, acordado todos os habitantes, se Rogron, por temor, não lhes tivesse aberto a

porta. Esse grito duma moça em extremo desespero deu, subitamente, à avó tanta força como terror; levou sua querida Pierrette para a casa de Frappier, cuja esposa arrumara apressadamente o quarto de Brigaut para a avó de Pierrette. Foi, assim, nessa pobre habitação, num leito recém-preparado, que a doente foi deitada; e ali desmaiou, conservando o punho cerrado, ferido, sangrando, com as unhas cravadas na carne. Brigaut, Frappier, sua esposa e a velha contemplavam Pierrette em silêncio, dominados por um indizível espanto.

— Por que será que sua mão está sangrando? — foi a primeira frase da avó.

Pierrette, vencida pelo sono que sucede aos grandes dispêndios de energia e sabendo-se a salvo de qualquer violência, abriu os dedos. A carta de Brigaut caiu como uma resposta.

— Quiseram tomar-lhe minha carta — disse Brigaut, caindo de joelhos e apanhando o bilhete que escrevera para dizer à amiguinha que deixasse tranquilamente a casa dos Rogron. Depois, beijou piedosamente a mão da mártir.

Houve, então, alguma coisa que fez estremecer os marceneiros: o espetáculo da velha Lorrain, esse espectro sublime, de pé à cabeceira da neta. O terror e a vingança comunicavam suas flamejantes expressões aos milhares de rugas que pregueavam sua pele de marfim amarelado. Sua fronte coberta de cabelos grisalhos em desalinho exprimia a cólera divina. Lia, com esse poder de intuição conferido aos anciãos na proximidade da sepultura, toda a vida de Pierrette, em quem pensara durante toda a viagem. Percebeu a doença de moça que ameaçava de morte sua querida menina! Duas grossas lágrimas, penosamente brotadas de seus olhos brancos e gris,

aos quais os desgostos haviam arrancado as pestanas e as sobrancelhas, duas pérolas de dor se formaram, comunicaram-lhe um admirável frescor, engrossaram e rolaram por suas faces encarquilhadas sem umedecê-las.

— Mataram minha neta! — disse, por fim, juntando as mãos.

Caiu de joelhos, produzindo duas batidas secas no assoalho; foi, sem dúvida, para fazer uma promessa à Santa Ana d’Auray, a mais poderosa das madonas da Bretanha.

— Um médico de Paris — disse ela a Brigaut. — Vá correndo, Brigaut!

Tomou o artesão pelo ombro e fê-lo partir com um gesto despótico.

— Eu estava para vir, Brigaut, estou rica, olhe! — exclamou, chamando-o. Desamarrou o cordão que prendia as duas partes da jaqueta sobre o peito; tirou dali um maço de papéis contendo quarenta e duas cédulas e disse-lhe:

— Tire o quanto precisar. Traga o maior médico de Paris.

— Guarde isso — disse Frappier. — Ele não poderá trocar uma dessas cédulas a esta hora. Tenho dinheiro, a diligência vai passar agora e certamente ele encontrará um lugar. Mas, antes disso, não seria melhor consultar o sr. Martener, que nos indicaria um médico de Paris? A diligência só chegará daqui a uma hora, temos tempo para isso.

Brigaut foi despertar o sr. Martener. Levou o médico, que se surpreendeu ao ver a srta. Lorrain na casa de Frappier. Brigaut descreveu-lhe a cena que acabara de ocorrer na casa dos Rogron. A indiscrição dum apaixonado em desespero desvendou esse drama doméstico ao médico, sem que suspeitasse de seu horror nem de sua

extensão. Martener deu o endereço do famoso Horácio Bianchon[267] a Brigaut, que saiu com o patrão ao ouvir o barulho da diligência. O sr. Martener sentou-se, examinou em primeiro lugar as equimoses e os ferimentos da mão, que pendia para fora do leito.

— Não foi ela mesma que se fez esses ferimentos? — disse.

— Não! A terrível moça a quem tive a desventura de confiá-la estava massacrando-a — disse a avó. — Minha pobre Pierrette gritava: “Socorro! Estou morrendo!” num tom capaz de enternecer o coração dum carrasco.

— E por quê? — perguntou o médico, tomando o pulso de Pierrette. — Está muito doente — acrescentou, aproximando-se do leito. — Ah, dificilmente poderemos salvá-la! — acrescentou, após ter-lhe examinado o rosto. — Deve ter sofrido muito e não compreendo como não tenham tratado dela.

— Minha intenção — disse a avó — é queixar-me à justiça. Essa gente, que me mandou pedir a neta por meio duma carta, dizendo-se possuidora de doze mil francos de renda, tinha o direito de fazer dela sua cozinheira, de obrigá-la a fazer serviços acima de suas forças?

— Então eles não quiseram ver a mais visível das doenças a que as moças estão frequentemente sujeitas e que exige os maiores cuidados? — exclamou o sr. Martener.

Pierrette foi despertada pela luz que a sra. Frappier segurava para melhor iluminar-lhe o rosto e pelas horríveis dores de cabeça que a reação moral da luta lhe causava.

— Oh! Sr. Martener, estou muito mal — disse, com sua bela voz.

— Onde sente dor, minha amiguinha? — indagou o médico.

— Aqui — respondeu ela, mostrando o alto da cabeça, acima da orelha esquerda.

— Há um abscesso aqui! — exclamou o médico, após ter-lhe demoradamente apalpado a cabeça e interrogado Pierrette sobre seus padecimentos. — Precisa contar-nos tudo, minha filha, para que possamos curar-te. Por que é que tua mão está assim? Não foste tu mesma que te causaste tais ferimentos, não é?

Pierrette descreveu singelamente sua luta com a prima Sílvia.

— Faça-a falar — disse o médico à avó — e preste atenção a tudo. Esperarei a chegada do médico de Paris e nos reuniremos ao cirurgião-chefe do hospital para uma conferência: tudo isto me parece muito grave. Vou mandar-lhe uma poção calmante que a senhora dará à menina para que ela durma; ela precisa dormir.

Ficando a sós com a neta, a velha bretã fez com que ela lhe revelasse tudo fazendo uso de sua ascendência sobre ela, informando-a de que estava suficientemente rica para os três e prometendo-lhe que Brigaut ficaria com elas. A pobre menina confessou seu martírio, sem prever o caso que ia criar com isso. A monstruosidade daqueles dois seres sem afeição e destituídos da menor noção de família desvendaram à velha senhora mundos de dor tão estranhos a seu pensamento como os costumes das raças selvagens o eram aos primeiros viajantes que penetraram nas savanas da América. A chegada da avó, a certeza de ficar daí por diante com ela e de ser rica, adormeceram os pensamentos de Pierrette como a poção lhe adormecera o corpo. A velha bretã ficou cuidando da neta, beijando-lhe a fronte, os cabelos e as mãos como as santas mulheres devem ter beijado Jesus ao colocá-lo na sepultura.

Às nove da manhã, o sr. Martener foi à casa do presidente, a quem narrou a cena da noite entre Sílvia e Pierrette, citando as

torturas morais e físicas, as sevícias de toda espécie que os Rogron haviam infligido à pupila e as duas enfermidades mortais que se haviam declarado em consequência desses maus-tratos. O presidente mandou chamar o tabelião Auffray, parente de Pierrette pelo lado materno.

Entrementes, a guerra entre o partido Vinet e o partido Tiphaine chegava ao auge. Os comentários que os Rogron e seus partidários faziam circular em Provins sobre a conhecida ligação da sra. Roguin com o banqueiro Du Tillet, sobre as circunstâncias da bancarrota do pai da sra. Tiphaine, um falsário, segundo se dizia, atingiram o partido dos Tiphaine tanto mais intensamente porque constituíam uma maledicência, e não uma calúnia. Essas ofensas feriam em cheio, atacavam diretamente seus interesses. Tais comentários, transmitidos aos partidários dos Tiphaine pelas mesmas bocas que comunicavam aos Rogron os gracejos da bela sra. Tiphaine e de suas amigas, alimentavam os ódios, até então refreados, do elemento político. As indignações que então causavam na França o espírito de partido, cujas violências foram excessivas, ligavam-se em toda parte, como em Provins, a interesses ameaçados, a individualidades ofendidas e militantes. Cada uma das facções apegava-se com ardor ao que podia prejudicar a facção rival. A animosidade dos partidos misturava-se, tanto como o amor-próprio, às mesmas questões, que muitas vezes iam muito longe. Uma cidade apaixonava-se por certas lutas e dava-lhes a extensão dum debate político. Assim, o presidente viu na questão entre Pierrette e os Rogron um meio de abater, de desconsiderar, de desonrar os chefes daquele salão onde se elaboravam planos contra a monarquia e onde nascera o jornal da oposição. O procurador do rei foi chamado. O sr. Lesourd, o sr.

Auffray, tabelião, subtutor de Pierrette, e o presidente examinaram, então, no mais rigoroso sigilo, com o sr. Martener, as providências a tomar. O sr. Martener incumbiu-se de dizer à avó de Pierrette que fosse apresentar queixa ao subtutor. O subtutor convocaria o conselho de família e, de posse do parecer de três médicos, requereria, em primeiro lugar, a destituição do tutor. A questão assim instruída chegaria ao Tribunal e o sr. Lesourd procuraria dar-lhe um caráter criminal, exigindo uma diligência. Ao meio-dia, Provins inteira estava agitada pela estranha notícia do que se passara durante a noite na casa Rogron. Os gritos de Pierrette haviam sido vagamente ouvidos na praça, mas haviam durado pouco; ninguém se levantara, apenas uns perguntaram aos outros: “Ouvii barulho e gritos à uma hora? Que era?”. As narrativas e os comentários haviam ampliado tão singularmente esse drama horrível que a multidão se aglomerou diante da oficina de Frappier, a quem todos pediram informações, e o bravo marceneiro descreveu a chegada da pequena à sua casa, com o punho ensanguentado e os dedos quebrados. À uma da tarde, a sege de posta do dr. Bianchon, ao lado de quem se achava Brigaut, parou diante da casa de Frappier, cuja mulher foi avisar no hospital o sr. Martener e o cirurgião-chefe. Assim, os falatórios da cidade receberam uma confirmação. Os Rogron foram acusados de maltratar deliberadamente a prima e de deixá-la em perigo de morte. A notícia chegou ao conhecimento de Vinet quando este se encontrava no Tribunal; ele deixou tudo e foi à casa dos Rogron. Rogron e a irmã haviam acabado de almoçar. Sílvia hesitava em contar ao irmão o que acontecera durante a noite e deixava-se acossar por perguntas, às quais respondia apenas por: “Não tens

nada com isso”. Ia e vinha da cozinha à sala de jantar para evitar a discussão. Estava só quando Vinet chegou.

— Então, não sabe o que se passa? — perguntou o advogado.

— Não — disse Sílvia.

— Pelo modo como vão as coisas a respeito de Pierrette, a senhorita vai ter de responder a um processo criminal.

— Um processo criminal! — disse Rogron, chegando nesse momento. — Por quê? Como?

— Antes de mais nada — disse o advogado, olhando para Sílvia —, descreva-me sem rodeios o que aconteceu esta noite e faça como se estivesse na presença de Deus, pois falam em amputar a mão de Pierrette.

Sílvia ficou lívida e estremeceu.

— Houve mesmo alguma coisa? — disse Vinet.

A srta. Sílvia descreveu a cena, procurando desculpar-se; mas, instada por perguntas, confessou as graves circunstâncias daquela horrível luta.

— Se a senhorita apenas lhe tivesse quebrado os dedos, iria somente para a polícia correcional; mas, se for preciso amputar a mão, pode ir a um tribunal criminal. Os Tiphaine farão tudo para levá-la até lá.

Sílvia, mais morta que viva, confessou seu ciúme e, o que foi mais cruel de dizer, o quanto suas suspeitas eram errôneas.

— Que processo! — disse Vinet. — A senhorita e seu irmão poderão sucumbir a isto. Serão abandonados por muita gente, mesmo ganhando o processo. Se não triunfarem, terão de deixar Provins.

— Ah, meu caro sr. Vinet, o senhor que é tão grande advogado — disse Rogron, assustado —, aconselhe-nos, salve-nos!

O esperto Vinet levou o terror dos dois imbecis ao auge e declarou positivamente que a sra. e a srta. de Chargebœuf hesitariam em voltar à sua casa. Perder a relação dessas duas fidalgas constituiria uma terrível condenação. Enfim, após uma hora de hábeis manobras, chegou-se à conclusão de que, para determinar Vinet a salvar os Rogron, ele devia ter aos olhos de toda a Provins um interesse de maior monta para defendê-los. Assim, durante o serão, o noivado de Rogron com a srta. de Chargebœuf seria anunciado. Os editais seriam publicados no domingo. O contrato seria lavrado imediatamente no cartório de Cournant, e a srta. Rogron a ele compareceria para, em homenagem ao noivado, entregar, por uma doação entre vivos, a nua propriedade de seus bens ao irmão. Vinet mostrara a Rogron e à irmã a necessidade de arranjar um contrato de casamento minutado dois ou três dias antes do fato, a fim de comprometer a sra. e a srta. de Chargebœuf aos olhos do público e dar-lhes um motivo para continuar a frequentar a casa Rogron.

— Assine o contrato e eu me encarregarei de livrá-lo desse processo — disse o advogado. — Será, sem dúvida, uma luta terrível, mas eu me empenharei a fundo nela e *você ainda me ficará devendo uma vela!*

— Como não! — disse Rogron.

Às onze e meia, o advogado recebeu plenos poderes para lavrar o contrato e acompanhar o processo. Ao meio-dia, o presidente foi surpreendido com um recurso intentado por Vinet contra Brigaut e a viúva Lorrain por terem retirado a menor Lorrain do domicílio do tutor. Assim, o ousado Vinet apresentava-se como agressor e

colocava Rogron na posição de homem irrepreensível. Falou, nesse mesmo sentido, no Tribunal. O presidente fixou as quatro horas para ouvir as partes. É desnecessário dizer a que ponto a cidadezinha de Provins estava agitada por esses acontecimentos. O presidente sabia que às três horas a conferência dos médicos estaria terminada; ele queria que o subtutor, falando em nome da avó, se apresentasse munido do laudo médico. A notícia do casamento de Rogron com a bela Bathilde de Chargebœuf e das vantagens que Sílvia concedia no contrato afastou subitamente duas pessoas dos Rogron: a srta. Habert e o coronel, pois ambos viram suas esperanças desfeitas. Celeste Habert e o coronel conservaram-se aparentemente ligados aos Rogron para prejudicá-los com maior segurança. Assim, quando o sr. Martener comunicou que havia um abscesso na cabeça da pobre vítima dos dois lojistas, Celeste e o coronel falaram no golpe que Pierrette recebera durante o serão em que Sílvia a obrigara a deixar o salão e recordaram as cruéis e bárbaras exclamações da srta. Rogron. Narraram as provas de insensibilidade dadas pela solteirona em relação à sua pupila enferma. Assim, os amigos da casa admitiam faltas graves dando a impressão de defender Sílvia. Vinet previra essa tempestade; a fortuna dos Rogron, porém, ia ser entregue à srta. de Chargebœuf e ele se prometia vê-la habitar, dentro de poucas semanas, a bela casa da praça e imperar com ela em Provins, pois já estava planejando uma fusão com os Bréautey no interesse de suas ambições. Do meio-dia às quatro horas, todas as mulheres do partido Tiphaine, as Garceland, as Guépin, as Julliard, Galardon, Guénée, a subprefeita, mandaram pedir notícias da srta. Lorrain. Pierrette ignorava completamente o rumor que se criara na cidade a seu respeito. No meio de suas intensas dores, experimentava uma

inefável ventura por achar-se entre a avó e Brigaut, os alvos de sua afeição. Brigaut tinha constantemente os olhos cheios de lágrimas e a avó acariciava a neta querida. Só Deus sabe se a avó omitiu aos três homens de ciência alguns dos detalhes que obtivera de Pierrette a respeito de sua vida na casa Rogron. Horácio Bianchon exprimiu sua indignação em termos veementes. Espantado com semelhante selvageria, exigiu que fossem chamados os demais médicos da cidade, de modo que o sr. Néraud teve de comparecer e foi convidado, como amigo de Rogron, a contradizer, se houvesse motivo, as terríveis conclusões da conferência que, infelizmente para os Rogron, foram adotadas por unanimidade. Néraud, que já era acusado de ter feito morrer de desgosto a avó de Pierrette, estava numa má situação, de que se aproveitou o esperto Martener, encantado por abater os Rogron e comprometer no caso o sr. Néraud, seu antagonista. É desnecessário transcrever o texto das conclusões da conferência, que também constituiu uma das peças do processo. Se os termos da medicina de Molière eram bárbaros, os da medicina moderna têm a vantagem de ser tão claros que a descrição da doença de Pierrette, embora natural e desgraçadamente comum, assustaria os ouvidos. A conferência era, por outro lado, peremptória, por ser apoiada por um nome tão famoso como o de Horácio Bianchon. Após a audiência, o presidente permaneceu em seu posto, vendo a avó de Pierrette acompanhada do sr. Auffray, de Brigaut e duma verdadeira multidão. Vinet estava só. Esse contraste impressionou o auditório, que foi engrossado por grande número de curiosos. Vinet, que conservava a beca, ergueu para o presidente o rosto frio, fixou os óculos sobre os olhos verdes e depois, com sua voz fina e persistente, declarou que estranhos se haviam introduzido à

noite na casa do sr. e da srta. Rogron e haviam raptado de lá a menor Lorrain. A razão devia estar com o tutor, que reclamava a pupila. O sr. Auffray levantou-se, na qualidade de subtutor, e pediu a palavra.

— Se o senhor presidente — disse — quiser tomar conhecimento do parecer emanado dum dos mais eminentes médicos de Paris e de todos os médicos e cirurgiões de Provins, compreenderá o quanto a reclamação do sr. Rogron é insensata e que graves motivos compeliram a avó da menor a arrancá-la imediatamente de seus algozes. Eis o fato. Uma conferência médica, que reuniu a unanimidade de opinião dum ilustre médico de Paris, chamado com urgência, e de todos os médicos da cidade, atribui o estado quase mortal em que se encontra a menor aos maus-tratos que recebeu do sr. e da srta. Rogron. Pelo direito, o conselho de família será convocado dentro do mais curto prazo e consultado sobre a questão de saber se o tutor deve ser destituído da tutela. Requeremos que a menor não volte ao domicílio do tutor e seja confiada ao membro da família que o senhor presidente designar.

Vinet quis replicar dizendo que a ata da conferência lhe devia ser mostrada, a fim de contradizê-la.

— Não à parte do sr. Vinet — disse severamente o presidente —, mas, talvez, ao senhor procurador do rei. Está encerrada a discussão.

O presidente lavrou ao pé do requerimento a sentença seguinte:

Considerando que, duma conferência médica unanimemente aprovada pelos médicos desta cidade e pelo dr. Bianchon, doutor da Faculdade de Medicina de Paris, resulta que a menor Lorrain, reclamada pelo sr. Rogron, seu tutor, se encontra num estado de saúde extremamente grave, causado por maus-tratos e sevícias a ela infligidos no domicílio do tutor pela irmã deste, nós, presidente do Tribunal de primeira instância de Provins, decidindo sobre o

requerimento, ordenamos que, até a deliberação do conselho de família, o qual, atendendo ao requerimento do subtutor, será convocado, a menor não voltará ao domicílio tutelar e será transferida para a casa do subtutor. Subsidiariamente, tendo em vista o estado em que se encontra a menor e os sinais de violência que, conforme a conferência dos médicos, existem em sua pessoa, designamos o médico-chefe e o cirurgião-chefe do hospital de Provins para tratá-la; e, no caso de serem confirmadas as suspeitas de sevícias, reservamo-nos a ação que ao ministério público cabe no caso, sem prejuízo da ação civil promovida pelo sr. Auffray, subtutor.

Essa terrível sentença foi pronunciada pelo presidente Tiphaine em voz alta e clara.

— E por que não as galés duma vez? — disse Vinet. — Todo esse barulho por causa duma menina que mantinha um namoro com um aprendiz de marceneiro! Se a questão marchar deste modo — exclamou insolentemente —, requereremos outros juízes devido à suspeição legítima.

Vinet deixou o Tribunal e foi à casa dos principais elementos de seu partido expor a situação de Rogron, que nunca dera nem um piparote sequer na prima e em quem o Tribunal via — disse — menos o tutor de Pierrette que o grande eleitor de Provins.

Segundo ele, os Tiphaine estavam fazendo muito barulho por nada. A montanha daria à luz um ratinho. Sílvia, moça eminentemente sensata e religiosa, descobrira um namoro entre a pupila de seu irmão e um operariozinho marceneiro, um bretão chamado Brigaut. Esse patife sabia muito bem que a menina ia receber uma fortuna da avó e queria suborná-la... Vinet ousava falar em suborno...! A srta. Rogron, que possuía cartas nas quais se manifestava a perversidade da menina, não era tão censurável como

os Tiphaine pretendiam. E, no caso de ela se ter permitido uma violência para obter uma carta, o que se explicava, aliás, pela indignação que a teimosia bretã causara a Sílvia, que culpa tinha Rogron?

O advogado fez, pois, do processo uma questão partidária e soube dar-lhe uma cor política. Assim, daquela tarde em diante, houve divergências na opinião pública.

— Antes de julgar devem ouvir-se as duas partes — diziam os que queriam parecer sensatos. — Já ouviram o que diz Vinet? Vinet explica muito bem as coisas.

A casa de Frappier fora julgada inabitável para Pierrette, devido às dores de cabeça que lhe causaria o barulho. Transferi-la para a casa do subtutor era tão necessário sob o ponto de vista médico como sob o ponto de vista judiciário. O transporte se fez com precauções inauditas e calculadas de modo a produzir grande efeito. Pierrette foi colocada numa maca forrada de almofadas, carregada por dois homens, acompanhada dum irmã de caridade que levava um frasco de éter e seguida da avó, Brigaut, a sra. Auffray e sua criada. Muita gente chegou às janelas e portas para ver passar o cortejo. Realmente, o estado em que se achava Pierrette, sua palidez de moribunda, tudo isso dava imensas vantagens aos antagonistas dos Rogron. Os Auffray empenharam-se em provar a toda a cidade o acerto da sentença do presidente. Pierrette e a avó foram instaladas no segundo andar da casa do sr. Auffray. O tabelião e a esposa prodigalizaram-lhe os cuidados da mais ampla hospitalidade; puseram, mesmo, ostentação nisso. Pierrette teve a avó como enfermeira e naquela mesma noite o sr. Martener foi visitá-la em companhia do cirurgião.

Começaram, então, os exageros de ambas as partes. Naquela noite, o salão dos Rogron ficou repleto. Vinet trabalhou o Partido Liberal para isso. As duas sras. de Chargebœuf jantaram na casa dos Rogron, pois o contrato devia ser assinado naquela noite. Pela manhã, Vinet mandara afixar os editais na administração municipal. Referiu-se ao processo relativo a Pierrette como uma coisa sem importância. Se o Tribunal de Provins o julgasse apaixonadamente, a Corte Real saberia apreciar os fatos — dizia — e os Auffray refletiriam bastante antes de se lançar a uma questão dessas. A aliança de Rogron com os De Chargebœuf constituiu uma enorme prova de consideração aos olhos de certa gente. Para tais pessoas, os Rogron eram alvos como a neve e Pierrette era uma menina terrivelmente perversa, uma serpente reanimada no seu seio. No salão da sra. Tiphaine, vingavam-se das horríveis maledicências que o partido Vinet vinha espalhando havia dois anos: os Rogron eram monstros e o tutor seria chamado ao Tribunal. Para os que moravam na praça, Pierrette ia maravilhosamente bem de saúde; para os da cidade alta, morreria infalivelmente; na casa Rogron, ela tinha arranhões no pulso; na da sra. Tiphaine, tinha os dedos quebrados e iam amputar um. No dia seguinte, o *Correio de Provins* continha um artigo extremamente manhoso, bem escrito, uma obra-prima de insinuações misturadas a considerações jurídicas e que punha Rogron inteiramente fora da questão. A *Colmeia*, que só aparecia dois dias mais tarde, não podia responder sem cair na difamação; a isso replicou-se que, em semelhante processo, o melhor seria confiar sua marcha à justiça.

O conselho de família foi constituído pelo juiz de paz do distrito de Provins, presidente legal, e teve como membros principais Rogron

e os dois Auffray, que eram os parentes mais próximos; além desses, figuravam o sr. Ciprey, sobrinho da avó materna de Pierrette, o sr. Habert, confessor de Pierrette, e o coronel Gouraud, que sempre se declarara camarada do coronel Lorrain. Foi muito aplaudida a imparcialidade do juiz de paz, que incluiu no conselho de família o sr. Habert e o coronel Gouraud, que Provins inteira julgava muito amigos de Rogron. Na grave circunstância em que se encontrava, Rogron requereu a assistência de Vinet ao conselho de família. Por essa manobra, evidentemente sugerida por Vinet, Rogron conseguiu que o conselho de família não se reunisse antes do fim de dezembro. Nessa época, o presidente e a esposa transferiram-se para Paris, instalando-se na casa da sra. Roguin, devido à convocação das Câmaras. Assim, o partido ministerial ficou privado de seu chefe. Vinet já subornara secretamente Desfondrilles, juiz de instrução, para o caso de o processo assumir o caráter correcional ou criminal que o presidente lhe tentara dar. Vinet discutiu a questão durante três horas diante do conselho de família: afirmou que havia um namoro entre Brigaut e Pierrette, a fim de justificar as severidades da srta. Rogron; demonstrou o acerto com que agira o tutor, confiando a pupila aos cuidados duma mulher; sustentou a não participação de seu constituinte na maneira pela qual a educação de Pierrette era entendida por Sílvia. Apesar dos esforços de Vinet, o conselho opinou unanimemente pela retirada da tutela de Rogron. Foi designado tutor o sr. Auffray, e o sr. Ciprey, subtutor. O conselho de família ouviu Adélia, a criada, que acusou os antigos patrões; a srta. Habert, que citou as palavras cruéis pronunciadas pela srta. Rogron na noite em que Pierrette sofrera aquele golpe terrível que todos ouviram; e a observação feita sobre a saúde de Pierrette pela sra. de

Chargebœuf. Brigaut exibiu a carta que recebera de Pierrette e que provava sua mútua inocência. Ficou demonstrado que o estado deplorável em que se encontrava a menor provinha da falta de cuidados por parte do tutor, responsável por tudo quanto dizia respeito à sua pupila. A enfermidade de Pierrette impressionara a todos, mesmo às pessoas da cidade estranhas à família. A acusação de sevícias foi, pois, mantida contra Rogron. O caso ia tornar-se público.

Aconselhado por Vinet, Rogron contestou a homologação da deliberação do conselho de família pelo Tribunal. O ministério público interveio, tendo em vista a crescente gravidade do estado patológico em que se encontrava Pierrette Lorrain. O curioso processo, embora incluído imediatamente na lista dos julgamentos, só teve andamento no mês de março de 1828.

Nessa época, o casamento de Rogron com a srta. de Chargebœuf já fora celebrado. Sílvia morava no segundo andar de sua casa, onde haviam sido feitas reformas para sua instalação e a da sra. de Chargebœuf, pois o primeiro andar ficou inteiramente ocupado pela sra. Rogron. A bela sra. Rogron sucedeu, daí por diante, à bela sra. Tiphaine. A influência desse casamento foi enorme. As visitas não iam mais ao salão da srta. Sílvia, e sim à casa da bela sra. Rogron.

Auxiliado pela sogra e apoiado pelos banqueiros monarquistas Du Tillet e Nucingen, o presidente Tiphaine teve ocasião de prestar serviços ao ministério; foi um dos oradores mais estimados do centro, tornou-se juiz do Tribunal de Primeira Instância do Sena e fez nomearem o sobrinho, Lesourd, presidente do Tribunal de Provins. Essa nomeação magoou muito o juiz Desfondrilles, arqueólogo como sempre e substituto mais do que nunca. O ministro

da Justiça mandou um de seus protegidos para o lugar de Lesourd. A promoção do sr. Tiphaine, portanto, não determinou promoção alguma no Tribunal de Provins. Vinet explorou muito habilmente essas circunstâncias. Ele sempre dissera à gente de Provins que ela estava servindo de trampolim para as vaidades da astuta sra. Tiphaine. O presidente estava enganando os amigos. A sra. Tiphaine desprezava *in petto* a cidade de Provins e não voltaria mais para lá. O sr. Tiphaine pai morreu; seu filho herdou a propriedade do Fay e vendeu sua bela casa da cidade alta ao sr. Julliard. Vinet ficou com a razão, Vinet profetizara. Esses fatos tiveram grande influência sobre o processo relativo à tutela de Rogron.

Assim, o pavoroso martírio infligido a Pierrette por dois imbecis tiranos e que, em suas consequências médicas, levara o sr. Martener, com a aprovação do dr. Bianchon, a indicar a terrível operação de trepanação; esse drama pavoroso, reduzido às proporções judiciárias, caía no lodaçal imundo que no Tribunal se chama *a forma*. O processo demorava-se em prorrogações, no emaranhado inextricável dos autos, retardado pelos circunlóquios dum advogado rancoroso, enquanto Pierrette, caluniada, definhava e sofria as mais espantosas dores conhecidas em medicina. Não será necessário descrever essas estranhas reviravoltas da opinião pública e a marcha lenta da justiça, antes de voltar ao quarto onde ela vivia, ou melhor, morria?

X – O JULGAMENTO

O sr. Martener, do mesmo modo que a família Auffray, ficou em poucos dias encantado com o adorável caráter de Pierrette e pela velha bretã, cujos sentimentos, ideias e atitudes tinham o cunho duma antiga distinção romana. A matrona do Marais assemelhava-se a uma mulher de Plutarco.[\[268\]](#) O médico quis disputar aquela presa à morte, pois, desde o primeiro dia, o médico de Paris e o médico de província desenganaram Pierrette. Travou-se entre a doença e o médico, auxiliado pela mocidade de Pierrette, um desses combates que só os médicos conhecem, cuja recompensa, em caso de êxito, nunca está no preço venal dos cuidados nem no doente: ela consiste na doce satisfação da consciência e numa certa palma ideal e invisível recolhida pelos verdadeiros artistas após o contentamento que lhes causa a certeza de haver realizado uma bela obra. O médico vive para o bem como o artista vive para o belo, impelido por um admirável sentimento que denominamos virtude. Esse combate de todos os dias extinguiu no homem de província as mesquinhas irritações da luta travada entre o partido Vinet e o partido dos Tiphaine, tal como sucede aos homens que se encontram face a face com uma grande miséria a vencer.

O sr. Martener começara querendo exercer sua profissão em Paris; mas a tremenda atividade dessa cidade, a insensibilidade que o número espantoso de doentes e a multiplicidade dos casos graves acabam conferindo ao médico haviam amedrontado sua alma delicada e feita para a vida de província. Achava-se, além disso, preso à sua bela terra natal. Assim, voltou para Provins a fim de casar-se, instalar-se ali e cuidar quase afetuosamente duma população que podia considerar como uma grande família. Durante todo o tempo em que Pierrette esteve doente, ele procurou não falar em sua

paciente. Sua repugnância de responder quando alguém lhe pedia notícias da pobrezinha era tão visível que cessaram de interrogá-lo a esse respeito. Pierrette foi para ele justamente o que devia ser um desses poemas misteriosos e profundos, ricos em dores, que se encontram numa atribulada existência dos médicos. Sentia pela delicada menina uma admiração que não quis revelar a ninguém.

Essa afeição do médico pela enferma comunicara-se, como todos os sentimentos sinceros, ao sr. e à sra. Auffray, cuja casa se tornou calma e silenciosa enquanto Pierrette nela permaneceu. As crianças, que outrora se haviam divertido com Pierrette em tão agradáveis brinquedos, empenharam-se, com a graça da infância, em não ser barulhentas nem importunas. Fizeram questão de comportar-se bem porque Pierrette estava doente.

A casa do sr. Auffray fica na cidade alta, abaixo das ruínas do castelo, construída numa das bordas de terreno produzidas pela demolição das antigas muralhas. De lá, os moradores avistam o vale ao passear por um pequeno pomar cercado de grossos muros, dos quais se vê a cidade lá embaixo. Os telhados das outras casas chegam ao cordão externo do muro que sustenta o pomar. Ao longo do terraço há uma alameda que leva à porta-balcão do gabinete do sr. Auffray. Na sua extremidade erguem-se um caramanchão de videira e uma figueira, sob os quais há uma mesa redonda, um banco e cadeiras pintadas de verde. Deram a Pierrette um quarto em cima do gabinete do novo tutor. A sra. Lorrain ficou num catre ao lado da neta. De sua janela, Pierrette podia, pois, contemplar o magnífico vale de Provins, que ela mal conhecia: saíra tão raramente da casa dos Rogron! Nos dias bonitos, ela gostava de arrastar-se pelo braço da avó até o caramanchão. Brigaut, que não fazia mais nada, ia

visitar a amiguinha três vezes por dia; consumia-se numa dor que o tornava surdo à vida; espreitava com a sagacidade dum cão de caça o sr. Martener, acompanhava-o sempre e saía com ele. É difícil imaginar as loucuras que cada um fazia pela querida doentinha. Ébria de dor, a avó ocultava seu desespero; mostrava à neta a fisionomia risonha que tinha em Pen-Hoël. Em seu desejo de iludir-se, vestia-a e punha-lhe a touca nacional com que Pierrette chegara a Provins. A jovem doente parecia-lhe, assim, assemelhar-se mais a si mesma: era delicioso vê-la com o rosto emoldurado dessa auréola de cambraia de linho, guarnecida de renda engomada. O rosto, alvo da brancura da porcelana, a fronte, a que o sofrimento imprimia uma aparência de profunda reflexão, a pureza das feições emagrecidas pela doença, a calma do olhar e a fixidez momentânea dos olhos, tudo fazia de Pierrette uma admirável obra-prima de melancolia. Serviam-na com uma espécie de fanatismo. Achavam-na tão meiga, tão terna e tão carinhosa! A sra. Martener mandara seu piano para a casa da irmã, a sra. Auffray, com a intenção de divertir Pierrette, a quem a música causou arrebatamentos. Era um verdadeiro poema vê-la escutando um trecho de Weber, de Beethoven ou de Hérold, com os olhos voltados para cima, silenciosa e lastimando, sem dúvida, a vida que sentia fugir-lhe. O padre Péroux e o sr. Habert, seus dois consoladores religiosos, admiraram sua piedosa resignação. Não constitui um fato notável e igualmente digno da atenção dos filósofos e dos indiferentes a perfeição seráfica das moças e dos moços assinalados pela morte no meio da multidão, como árvores jovens numa floresta? Quem já viu um desses mortos sublimes não pode permanecer ou tornar-se descrente. Esses seres exalam um perfume celeste, seus olhares falam de Deus, sua voz é

eloquente nas frases mais singelas e soa, muitas vezes, como um instrumento divino, exprimindo os segredos do futuro! Quando o sr. Martener felicitava Pierrette por ter cumprido alguma prescrição difícil, aquele anjo dizia, em presença de todos, e com que olhares:

— Desejo viver, meu caro sr. Martener, menos por mim que por minha avó, por meu Brigaut e por vós todos, a quem minha morte afligiria.

Na primeira vez que saiu a passear, no mês de novembro, aproveitando o belo sol do dia de São Martinho, acompanhada de todos os de casa, a sra. Auffray lhe perguntou se estava cansada, e ela respondeu:

— Agora que não tenho mais que suportar outros sofrimentos além dos enviados por Deus, posso resistir. Na ventura de ser amada encontro forças para sofrer.

Essa foi a única vez que, de modo indireto, ela se referiu a seu horrível martírio na casa dos Rogron, de quem não falou mais, e sua recordação devia ser-lhe tão penosa que ninguém falava neles.

— Querida sra. Auffray — disse uma vez, ao meio-dia, no terraço, enquanto contemplava o vale iluminado por um lindo sol e adornado pelos encantadores tons dourados do outono —, minha agonia em sua casa ter-me-á proporcionado mais felicidade que estes três últimos anos.

A sra. Auffray olhou para a irmã, e a sra. Martener disse-lhe ao ouvido:

— De quanto amor ela é capaz!

Com efeito, a inflexão de voz e o olhar de Pierrette davam à sua frase um incalculável valor.

O sr. Martener correspondia-se com o dr. Bianchon e não tentava nada de importância sem sua aprovação. Esperava, em primeiro lugar, controlar a evolução natural da doença e depois drenar o abscesso da cabeça pelo ouvido. Quanto mais intensas eram as dores de Pierrette, mais esperanças ele concebia. Conseguiu leves êxitos na primeira parte e isso constituiu um grande triunfo. Durante alguns dias o apetite de Pierrette voltou e se satisfez com alimentos substanciais para os quais a doença lhe dera até então uma repugnância característica; a cor do rosto transformou-se; as condições da cabeça, porém, eram horríveis. Diante disso, o doutor chamou o grande médico que era seu conselheiro. Bianchon foi a Provins, permaneceu lá dois dias e indicou uma operação. Secundou todas as solitudes do pobre Martener e foi pessoalmente buscar o famoso Desplein.[\[269\]](#) Desse modo, a operação foi praticada pelo maior cirurgião dos tempos antigos e modernos; o terrível arúspice, porém, disse a Martener, quando saía com Bianchon, seu discípulo predileto:

— Só por um milagre poderão salvá-la. Como Bianchon já lhe disse, a cárie já tomou conta dos ossos. Nessa idade, os ossos são muito delicados!

A operação foi praticada no começo de março de 1828. Durante todo o mês, o sr. Martener, atemorizado com as dores pavorosas que Pierrette sofria, fez várias viagens a Paris. Lá, ele conferenciava com Desplein e Bianchon, aos quais chegou a propor uma operação semelhante a uma litotripsia e que consistia em introduzir na cabeça um instrumento oco por meio do qual procurariam aplicar um remédio heroico para deter os progressos da cárie. O audacioso Desplein não ousou tentar esse atrevido recurso cirúrgico que o

desespero inspirara a Martener. Por isso, ao voltar de sua última viagem a Paris, o médico pareceu aos amigos triste e desanimado. Viu-se obrigado a anunciar, numa noite fatal, à família Auffray, à sra. Lorrain, ao confessor e a Brigaut reunidos, que a ciência não podia fazer mais nada por Pierrette, cuja salvação estava somente nas mãos de Deus. A consternação foi horrível. A avó fez uma promessa e pediu ao padre que celebrasse todos os dias, pela madrugada, antes de Pierrette levantar-se, uma missa, a que ela e Brigaut assistiram.

O processo estava em andamento. Enquanto a vítima dos Rogron estava morrendo, Vinet a caluniava no Tribunal. O Tribunal homologou a deliberação do conselho de família e o advogado interpôs imediatamente a apelação. O novo procurador do rei fez uma exposição de motivos que determinou uma diligência. Rogron e a irmã viram-se obrigados a dar uma caução para não serem presos. A diligência exigia o interrogatório de Pierrette. Quando o sr. Desfondrilles foi à casa dos Auffray, Pierrette estava agonizando; tinha o confessor à cabeceira do leito e ia receber os sacramentos. Justamente nesse momento, ela suplicava à família reunida que perdoasse ao primo e à prima, como ela própria os perdoava, dizendo, com admirável bom senso, que o julgamento dessas coisas competia somente a Deus.

— Vovó — disse —, deixa todos os teus bens a Brigaut (Brigaut chorava). E — disse Pierrette, continuando — dá mil francos a essa boa Adélia, que aquecia minha cama às escondidas. Se ela tivesse ficado na casa de meus primos, eu não morreria...

Foi às três horas, na terça-feira da Páscoa, num dia esplêndido, que o anjinho deixou de sofrer. Sua heroica avó quis velar-lhe o corpo durante a noite, com os padres, e cosê-la com suas velhas mãos

ásperas na mortalha. À noite, Brigaut saiu da casa dos Auffray e desceu à dos Frappier.

— Não preciso pedir-te notícias, meu pobre rapaz — disse-lhe o marceneiro.

— Sim, tio Frappier, tudo está acabado para ela, mas não para mim.

O operário examinou com um olhar, ao mesmo tempo sombrio e perspicaz, todas as madeiras da oficina.

— Compreendo-te, Brigaut — disse o bom Frappier. — Aqui tens o que precisas.

E mostrou-lhe umas tábuas de carvalho de duas polegadas.

— Não me ajude, sr. Frappier — disse o bretão. — Quero fazer tudo sozinho.

Brigaut passou a noite inteira a plainar e a ajustar as tábuas do caixão de Pierrette e mais de uma vez arrancou com um só golpe de plaina uma fita de madeira umedecida com suas lágrimas. O bom Frappier fumava enquanto observava seu trabalho. Disse-lhe apenas duas palavras, quando seu primeiro oficial reuniu as quatro partes do caixão:

— Faze a tampa corrediça; assim, seus pobres parentes não ouvirão pregá-lo.

Pela madrugada, Brigaut foi buscar o chumbo necessário para forrar o caixão. Por um acaso extraordinário, as folhas de chumbo custaram exatamente a quantia que ele dera a Pierrette para sua viagem de Nantes a Provins. O corajoso bretão, que resistira à dor de fazer com suas próprias mãos o caixão de sua querida companheira de infância, ao ver acrescentado às folhas fúnebres o peso de suas recordações, não pôde suportar essa sobrecarga: desfaleceu e não

pôde carregar o chumbo. O chumbador ajudou-o, oferecendo-se para acompanhá-lo a fim de soldar a quarta folha, um vez que o corpo seria envolvido em mortalha. O bretão queimou a plaina e toda a ferramenta de que se servira; fez as contas com Frappier e despediu-se. O heroísmo com que o pobre rapaz se ocupava, como a avó, em prestar os últimos serviços a Pierrette fez com que ele interviesse na cena suprema que coroou a tirania dos Rogron.

Brigaut e o chumbador chegaram bem a tempo à casa do sr. Auffray para resolver pela força bruta uma infame e horrível questão judiciária. A câmara mortuária, cheia de gente, ofereceu aos dois operários um espetáculo singular. Os Rogron haviam-se erguido, hediondos, junto ao cadáver da vítima, para torturá-la mesmo depois da morte. O corpo sublime de beleza da pobre menina jazia na cama de vento da avó. Pierrette tinha os olhos fechados, os cabelos em bandós, o corpo envolto numa grossa fazenda de algodão.

Ajoelhada diante do leito, com os cabelos em desalinho, as mãos estendidas, o rosto afogueado, a velha Lorrain gritava:

— Não, não, não farão isso!

Ao pé do leito estavam o tutor, sr. Auffray, o padre Péroux e o sr. Habert. Os círios ainda ardiam.

Diante da avó estavam o cirurgião do hospital e o sr. Néraud, acompanhados do pavoroso e melífluo Vinet. Havia também um meirinho. O cirurgião do hospital estava metido em seu avental de dissecação. Um dos auxiliares abriu sua maleta e entregava-lhe, naquele momento, um bisturi.

Essa cena foi perturbada pelo ruído do caixão, que Brigaut e o chumbador deixaram cair. Brigaut, que chegou na frente, ficou apavorado com o aspecto da velha Lorrain, que chorava.

— Que há por aqui? — perguntou Brigaut, colocando-se ao lado da avó e empunhando convulsivamente um formão que trazia na mão.

— Há — disse a velha —, há, Brigaut, que eles querem abrir o corpo da minha criança, partir-lhe a cabeça, cortar-lhe o coração depois da morte como fizeram enquanto viva.

— Quem? — perguntou Brigaut, com uma voz capaz de romper os tímpanos dos meirinhos.

— Os Rogron.

— Pelo santo nome de Deus...!

— Um momento, Brigaut — disse o sr. Auffray, ao ver o bretão brandindo o formão.

— Sr. Auffray — disse Brigaut, tão pálido como a jovem morta —, atendo-o porque é o sr. Auffray; mas, neste momento, eu não atenderia nem...

— A Justiça! — disse Auffray.

— Será que existe uma justiça? — exclamou o bretão.

— A justiça está aqui! — disse, ameaçando o advogado, o cirurgião e o oficial de justiça com o formão que brilhava ao sol.

— Meu amigo — disse o padre —, a Justiça foi invocada pelo advogado do sr. Rogron, que se acha sob o peso duma grave acusação. Não se pode recusar a um inculpado os meios de defesa. Segundo o advogado do sr. Rogron, se a pobre menina sucumbiu devido ao abscesso da cabeça, seu antigo tutor não será incomodado, pois está provado que Pierrette ocultou durante muito tempo o golpe que sofrera...

— Basta! — disse Brigaut.

— Meu cliente... — começou Vinet.

— Teu cliente — replicou o bretão — irá para o inferno e eu para o cadafalso, pois se alguém de vós se atrever a tocar naquela que teu cliente matou e se aquele cirurgião não guardar os ferros, eu o matarei.

— Está havendo rebelião — disse Vinet. — Vamos informar disso o juiz.

Os cinco estranhos retiraram-se.

— Oh, meu filho! — disse a velha, erguendo-se e atirando-se ao pescoço de Brigaut.

— Vamos enterrá-la em seguida. Eles voltarão...!

— Uma vez chumbado o caixão — disse o chumbador —, eles talvez não se atrevam mais.

O sr. Auffray correu à casa do cunhado, sr. Lesourd, para tratar de resolver o caso. Vinet não queria outra coisa. Com a morte de Pierrette, o processo relativo à tutela, que ainda não fora julgado, estava extinto sem que ninguém pudesse arguir a favor ou contra Rogron: a questão ficava indecisa. O esperto Vinet previra muito bem o efeito que seu requerimento ia causar.

Ao meio-dia, o sr. Desfondrilles fez sua comunicação ao Tribunal sobre a diligência relativa a Rogron, e o Tribunal baixou uma sentença de improcedência perfeitamente fundamentada.

Rogron não se animou a acompanhar o enterro de Pierrette, a que toda a cidade assistiu. Vinet quisera obrigá-lo a comparecer, mas o antigo comerciante ficou com receio de provocar uma indignação geral.

Brigaut deixou Provins após ter visto fechar a cova em que Pierrette foi enterrada e dirigiu-se a pé para Paris. Redigiu uma petição à Delfina, [\[270\]](#) para, em consideração pelo nome de seu pai,

ingressar na guarda real, onde foi imediatamente admitido. Quando se realizou a expedição a Argel, escreveu novamente a Delfina pedindo para participar da mesma. Era, então, sargento; o marechal Bourmont[271] nomeou-o subtenente das forças combatentes. O filho do major conduziu-se como quem quisesse morrer. A morte, porém, tem respeitado até agora Jacques Brigaut, que se tem distinguido em todas as expedições recentes sem receber um só ferimento. Atualmente, é comandante de batalhão da ativa. Não há nenhum oficial melhor e mais taciturno do que ele. Fora do serviço, conserva-se silencioso, passeia sozinho e vive mecanicamente. Todos adivinham e respeitam uma dor secreta. Possui quarenta e seis mil francos que lhe foram legados pela velha sra. Lorrain, morta em Paris em 1829.

Nas eleições de 1830, Vinet foi eleito deputado. Os serviços que prestou ao novo governo valeram-lhe o lugar de procurador-geral. Atualmente sua influência é tamanha que continuará a ser eleito deputado. Rogron é recebedor-geral na mesma cidade em que Vinet exerce suas funções e, por um acaso surpreendente, o sr. Tiphaine é o primeiro presidente da Corte Real, pois o justiceiro aderiu sem hesitação à dinastia de Julho. A ex-bela sra. Tiphaine vive em boa harmonia com a bela sra. Rogron. Vinet mantém as melhores relações com o presidente Tiphaine. Quanto ao imbecil Rogron, diz frases como esta:

— Luís Filipe não será verdadeiramente rei enquanto não puder fazer nobres.

Essa frase, evidentemente, não é sua. Sua precária saúde dá à sra. Rogron esperanças de poder casar-se dentro em breve com o general marquês de Montriveau,[272] par da França, que governa o

departamento e lhe dedica muitas atenções. Vinet limita-se a exigir cabeças; nunca acredita na inocência dum acusado. Esse procurador-geral de puro-sangue é considerado um dos homens mais amáveis do organismo judiciário e obtém tanto êxito em Paris como na Câmara; na Corte, é um delicioso cortesão.

Conforme a promessa de Vinet, o general barão Gouraud, esse nobre sobrevivente dos nossos gloriosos exércitos, desposou uma srta. Matifat, de vinte e cinco anos de idade, filha dum droguista da Rue des Lombards, cujo dote era de cinquenta mil escudos. Governa, como Vinet profetizara, um departamento vizinho de Paris. Foi nomeado par de França graças à sua conduta nas revoltas surgidas durante o ministério Casimir Périer. O barão Gouraud foi um dos generais que tomaram a igreja de Saint-Merri,^[273] satisfeitíssimo por *esbordoar os paisanos* que o haviam humilhado durante quinze anos, e seu ardor foi recompensado com a grande fita da Legião de Honra.

Nenhum dos personagens ligados à morte de Pierrette conserva o mínimo remorso. O sr. Desfondrilles continua arqueólogo, mas, no interesse de sua eleição, o procurador Vinet teve o cuidado de nomeá-lo presidente do Tribunal. Sílvia tem um pequeno círculo de amigos e administra os bens do irmão. Empresta dinheiro a juros altos e não gasta nem mil e duzentos francos por ano.

De vez em quando, na pracinha, quando um filho de Provins volta de Paris para instalar-se lá, e sai da casa da srta. Rogron, um antigo partidário dos Tiphaine diz:

— Os Rogron tiveram, há tempo, uma triste questão por causa duma pupila...

— Foi uma questão política — responde o presidente Desfondrilles. — Quiseram atribuir-lhes monstruosidades. Por pura bondade, eles recolheram em casa uma tal Pierrette, menina muito fraca e pobre. Em plena adolescência, ela teve um namoro com um aprendiz de marceneiro; ela ia, descalça, à janela, para falar com o rapaz, que ficava ali — está vendo? Os dois namorados trocavam cartas de amor por meio dum cordão. O senhor compreende que no período que estava atravessando, nos meses de outubro e novembro, era só o que faltava para fazer adoecer uma menina débil. Os Rogron conduziram-se admiravelmente bem; não reclamaram sua parte na herança da menina, deixaram tudo para a avó dela. A moral deste fato, meus amigos, é que o diabo sempre nos pune pelos benefícios que praticamos.

— Ah! Mas isto é muito diferente. O tio Frappier contou-me a história de modo completamente diverso.

— O tio Frappier consulta mais sua adega que sua memória — disse então um frequentador do salão da srta. Rogron.

— Mas o velho sr. Habert...

— Ora! Ele! Conhece a história dele?

— Não.

— Pois bem. Ele queria fazer sua irmã casar-se com o sr. Rogron, o recebedor-geral.

Dois homens pensam diariamente em Pierrette: o médico Martener e o major Brigaut, os únicos que conhecem a espantosa verdade.

Para dar a isto imensas proporções, basta lembrar que, transportando a cena à Idade Média, em Roma, neste vasto teatro, uma sublime donzela, Beatriz Cenci,[\[274\]](#) foi conduzida ao suplício

por motivos e por intrigas quase análogas às que levaram Pierrette ao túmulo. Beatriz Cenci teve como único defensor um artista, um pintor. Hoje, a história e os vivos, baseados no retrato de Guido Reni, condenam o papa e fazem de Beatriz uma das mais patéticas vítimas das paixões infames e das facções.

Convenhamos, aqui entre nós, que a legalidade seria uma bela coisa para as patifarias sociais, se Deus não existisse.

Novembro de 1839

**OS CELIBATÁRIOS:
O CURA DE TOURS**

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

Publicado primitivamente sob o título de *Os celibatários* — título que mais tarde se estendeu a um conjunto de três obras —, o atual *O cura de Tours* (em francês: *Le Curé de Tours*) já teve também os títulos de *O abade Troubert* e *A solteirona* (dado mais tarde a outro romance do autor). Essas oscilações mostram como ao espírito de Balzac se impunha sucessivamente com relevo maior ora um, ora outro dos protagonistas.

Nessa obra admirável o escritor parece querer vencer uma aposta: a de armar um conflito com um nada, de arquitetar toda uma história sobre um choque de ninharias; e vence-a brilhantemente, mostrando como a veemência das paixões é independente da importância dos acontecimentos que as suscitam. As personagens principais são esculpidas com extraordinário relevo: o pobre abade Birotteau, essa grande criança a quem tiram um por um todos os brinquedos, sem que compreenda por que, e cuja sorte é tanto mais comovedora quanto Balzac não procura idealizá-lo, mas representa-o com toda a sua tolice, seu egoísmo ingênuo, sua covardia e suas fraquezas; a srta. Gamard, de quem o escritor faz o protótipo de todas as solteironas (o que não deixou de valer-lhe alguns protestos exaltados de leitoras feridas, um dos quais é reproduzido na edição

Garnier do *Curé de Tours* — e *Pierrette* — com notas e introdução de Maurice Allem), dura e autoritária, “a quem se podia adivinhar pelo modo por que se assoava” e que exerce a sua medonha tirania sobre os seres e as coisas mais insignificantes do mundo; o abade Troubert, enfim, profundo político, que em outros séculos teria sido um Gregório VII e a quem a mesquinhez da época condena a levar anos urdindo uma rede intrigazinha numa pequena casa de Tours. A psicologia dessas três personagens é realmente inexcelável. Há cenas no livro que se gravam para sempre na mente do leitor, como o duelo entre a sra. de Listomère e o abade Troubert, em que o escritor recorre ao expediente tipográfico dos parênteses e do grifo para figurar ao lado da palavra falada dos interlocutores a sua palavra pensada. Há frases que resumem um caráter, o sentido de uma vida inteira: o “cheirando a íris” de Birotteau, ou o único gesto inadvertido de Troubert ao incensar o túmulo da srta. Gamard com o turíbulo agitado num arrojo de alegria.

Na tragédia clássica e mesmo no drama romântico, a mola da ação era sempre uma desmedida ambição ou uma paixão grande pelo seu objeto. Balzac amplia de modo nunca visto as possibilidades do romance, dando uma demonstração prática de que é infinito o número dos dramas da paixão, pois estes se podem exercer sobre qualquer objetivo: o seu grau de intensidade, único elemento que importa, independe do alvo.

É justo incluir aqui uma crítica (“Elogio y vejamen de Balzac”, em *La Nación*, Buenos Aires, nº 30, de julho de 1939) de Pio Baroja a respeito do que o romancista espanhol qualifica de “erro de perspectiva” nesta novela, que ele acha, aliás, “admirável pelo ambiente”. Nas obras de Balzac, frequentemente “os leões se

convertem em gatos de portaria e os gatos em tigres”. Assim, em *O cura de Tours*, “o abade Troubert, que no começo é uma figura apagada, vai tomando proporções tais que a gente pensa em Bórgia, Loyola, Torquemada. Fazem-no bispo e cardeal, e ele sonha em ser papa, ao passo que ao pobre Birotteau afundam-no e humilham-no, e o autor parece experimentar grande satisfação com isso, não se sabe bem por quê”.

No prefácio à *Comédia humana*, Balzac proclamara escrever à luz de duas verdades eternas, a monarquia e a religião, explicitando que para ele essa última era essencialmente o catolicismo, um sistema completo “de repressão das tendências pervertidas do homem”. E, no entanto, na pessoa do padre Troubert, apresenta um intrigante ambicioso, uma alma verdadeiramente diabólica. Pois nisto, precisamente, consiste a sua tão decantada imparcialidade, exaltada até por seus adversários de credo, entre eles Marx e Engels. O romancista não deixava que suas opiniões políticas influenciassem sua visão da realidade. Convencido de que o celibato (tanto das solteironas como dos sacerdotes) tornava-os seres socialmente inúteis e inquinados de egoísmo, mostra no caso de Troubert como esse sentimento, reforçando más tendências inatas, o transforma em monstro.

Não deixemos de assinalar que há em *O cura de Tours*, ao mesmo tempo, um notável quadro de psicologia coletiva: a inconstância da opinião pública e a multiplicidade de fatores que sobre ela influem, e a fazem dar reviravoltas completas, são expostas tão magistralmente como a estratificação social dentro de uma pequena cidade e a intercomunicação de suas camadas por “vasos capilares”.

O nome do abade Birotteau ficou para sempre associado ao da cidade de Tours, bem melhor que o de qualquer habitante real. Não será dos menores triunfos de Balzac ter povoado a França toda de seres imaginários, cuja lembrança faz parte, para sempre, da atmosfera das cidades onde moraram. Sempre haverá fora da França muitos milhares de leitores para os quais Saumur não significa outra coisa senão o cenário onde Eugênia Grandet, enclausurada na casa soturna do pai, amou e sofreu; Guérande, a praia onde Calisto du Guénic tentou matar Beatriz de Casteran, num excesso de ciúme; Provins, o lugar em que Pierrette definhou entre as mãos de seus algozes. Ainda hoje, a imagem que se faz da província francesa no estrangeiro é, em grande parte, a traçada por Balzac.

paulo rónai

OS CELIBATÁRIOS

SEGUNDA HISTÓRIA – O CURA DE TOURS

a david, estatuário[\[275\]](#).

A duração da obra sobre a qual escrevo vosso nome, duas vezes ilustre neste século, é muito problemática; ao passo que gravaste o meu sobre o bronze que sobrevive às nações, mesmo quando cunhado pelo vulgar martelo do moedeiro. Não ficarão embaraçados os numismatas com tantas cabeças coroadas em vossa sala de trabalho, ao encontrarem entre as cinzas de Paris essas existências por vós perpetuadas para além da vida dos povos e nas quais quererão ver dinastias? A vós, esse divino privilégio, e a mim a gratidão.

de balzac

Numa noite do começo do outono de 1826, o padre Birotteau,[\[276\]](#) principal personagem desta história, foi surpreendido por um aguaceiro ao voltar duma reunião familiar. E assim atravessava com a rapidez que lhe permitia a gordura a pequena praça deserta denominada *Place du Cloître*, que fica atrás da igreja de Saint-Gatien, em Tours.

O padre Birotteau, homenzinho baixo, de constituição apoplética, com cerca de sessenta anos de idade, já sofrera vários ataques de

gota. Ora, entre todas as pequenas misérias da vida humana, as que inspiravam maior aversão ao bom padre eram o súbito umedecimento dos sapatos de grandes fivelas de prata e a imersão das solas numa poça d'água. Com efeito, apesar das palmilhas de flanela com que protegia os pés, em qualquer estação do ano, com os cuidados que os eclesiásticos têm consigo mesmos, sempre penetrava um pouco de umidade; e, no dia seguinte, a gota lhe dava, infalivelmente, algumas provas de sua constância. Não obstante isso, como o calçamento da Place du Cloître estava sempre seco e ele tivesse ganho três francos e dez *sous* no uíste, na casa da sra. de Listomère,[277] o padre Birotteau suportou a chuva com resignação desde o meio da praça do Arcebispado, onde começara a cair em abundância. Por outro lado, vinha ele acariciando sua quimera, um desejo que alimentava havia doze anos, um desejo de padre! Um desejo que, reavivado todas as noites, parecia agora prestes a realizar-se. Em resumo, a murça dum canonicato o abrigava tão bem que ele não sentia os rigores do clima: durante o serão, as pessoas que habitualmente se reuniam na casa da sra. de Listomère lhe haviam quase assegurado a nomeação para o lugar de cônego, então vago no cabido metropolitano de Saint-Gatien, provando-lhe que ninguém o merecia mais do que ele, cujos direitos, menosprezados durante muito tempo, eram incontestáveis. Se tivesse perdido no jogo, se tivesse sido informado de que o padre Poirel, seu concorrente, fora promovido a cônego, o bom homem teria certamente achado a chuva muito fria. Talvez, mesmo, tivesse amaldiçoado a existência. Encontrava-se, porém, numa dessas raras circunstâncias da vida em que as sensações felizes fazem esquecer tudo. Estugando o passo, obedecia a um impulso maquinal, e a

verdade, tão essencial numa história de costumes, obriga a dizer que ele não pensava nem no aguaceiro nem na gota.

Antigamente, havia no convento, do lado da Grand'rue, várias casas ligadas por um cercado, pertencentes à catedral e onde moravam alguns dignitários do cabido. Depois da alienação dos bens do clero, a cidade fez da passagem que separa aquelas casas uma rua, chamada Rue de La Psalette, pela qual se vai do convento à Grand'rue. Essa denominação indica suficientemente que lá residiam outrora o grande chantre, com suas escolas, e os que viviam sob sua dependência. O lado esquerdo da rua é ocupado por uma única casa, cujas paredes são atravessadas pelos arcobotantes de Saint-Gatien, implantados no seu estreito jardim de modo a deixar em dúvida se a catedral foi construída antes ou depois daquela casa antiga. Examinando, porém, os arabescos e o formato das janelas, o cimbriamento da porta e o exterior daquela casa escurecida pelo tempo, um arqueólogo verá que ela sempre fez parte do magnífico monumento ao qual está unida. Um antiquário, se o houvesse em Tours, que é uma das cidades menos literárias da França, poderia mesmo reconhecer, na entrada da passagem para o convento, alguns vestígios da arcada que outrora constituía o pórtico dessas habitações eclesiásticas e que se devia harmonizar com o caráter geral do edifício. Situada ao norte de Saint-Gatien, a casa está continuamente imersa nas sombras projetadas pela grande catedral, sobre a qual o tempo lançou seu manto escuro, imprimiu suas rugas, espalhou seu frio úmido, seus musgos e suas ervas altas. Assim, a casa está sempre envolta num profundo silêncio, interrompido apenas pelo bimbalar dos sinos, pelo canto dos ofícios que atravessa as paredes da igreja ou pelos gritos das gralhas que fizeram morada

no cimo dos campanários. Esse lugar é um deserto de pedras, uma solidão cheia de fisionomia e que só pode ser habitada por seres que atingiram uma completa anulação ou dotados duma prodigiosa força de alma. A casa de que falamos fora sempre ocupada por abades e pertencia a uma solteirona chamada srta. Gamard. Essa propriedade fora adquirida da nação, durante o Terror, pelo pai da srta. Gamard. Como, porém, havia vinte anos a solteirona vinha hospedando padres naquela casa, ninguém teve a ideia de reprovar, durante a Restauração, que uma devota conservasse um bem nacional. Provavelmente os religiosos supunham que ela tivesse a intenção de legá-lo ao cabido, e os leigos não viam nisso uma mudança de destino.

O padre Birotteau dirigia-se, pois, para aquela casa, onde morava havia dois anos. Seu apartamento havia sido, como o era agora o canonicato, objeto de sua cobiça e seu *hoc erat in votis* [278] durante uma dúzia de anos. Ser pensionista da srta. Gamard e tomar-se cônego foram as duas grandes preocupações de sua vida. E talvez elas resumam exatamente a ambição dum padre que, considerando-se em viagem para a eternidade, não pode desejar neste mundo mais que uma boa morada, uma boa mesa, roupas limpas, sapatos com fivelas de prata, coisas suficientes para as necessidades do animal, e um canonicato para satisfazer o amor-próprio, esse indizível sentimento que, segundo dizem, nos acompanhará até junto de Deus, visto existir uma hierarquia entre os santos. A cobiça do apartamento então ocupado pelo padre Birotteau, esse sentimento insignificante aos olhos dos leigos, fora, porém, para ele, toda sua paixão, paixão cheia de obstáculos e, como as mais criminosas paixões, cheia de esperanças, delícias e remorsos.

A distribuição interna e a capacidade da casa não permitiam à srta. Gamard hospedar mais de dois pensionistas. Ora, cerca de doze anos antes do dia em que Birotteau se tornou pensionista da moça, esta se encarregara de manter alegres e sadios o sr. padre Troubert e o sr. padre Chapeloud. O padre Troubert ainda vivia. O padre Chapeloud morreria, e Birotteau imediatamente o substituiria.

O falecido padre Chapeloud, em vida cônego de Saint-Gatien, fora amigo íntimo do padre Birotteau. Todas as vezes que o vigário entrava na casa do cônego, ficava a admirar demoradamente o apartamento, os móveis e a biblioteca. Dessa admiração nasceu, um dia, a ambição de possuir aquelas lindas coisas. Fora impossível ao padre Birotteau sufocar esse desejo, que muitas vezes fez com que ele sofresse horrivelmente ao pensar que somente a morte do melhor amigo poderia satisfazer-lhe a oculta cobiça, que cada vez mais aumentava. O padre Chapeloud e seu amigo Birotteau não eram ricos. Ambos filhos de camponeses, não dispunham de outros recursos além dos poucos emolumentos concedidos aos padres. E suas escassas economias foram empregadas em enfrentar os dias difíceis da Revolução. Quando Napoleão restabeleceu o culto católico, o padre Chapeloud foi nomeado cônego de Saint-Gatien e Birotteau tornou-se vigário da catedral. Chapeloud instalou-se então, como pensionista, na casa da srta. Gamard. Quando Birotteau foi visitar o cônego na nova moradia, achou o apartamento muito bem dividido, mas nada mais percebeu ali de extraordinário. O início daquela concupiscência mobiliária foi semelhante ao de uma verdadeira paixão, que, num rapaz, começa às vezes por uma fria admiração pela mulher que mais tarde amará para sempre.

O apartamento, cujo acesso se fazia por uma escada de pedra, ficava na parte principal da casa, que dava para o sul. O padre Troubert ocupava o pavimento térreo e a srta. Gamard o primeiro andar da construção principal, com frente para a rua. Quando Chapeloud se mudou para os novos aposentos, as peças estavam nuas e os tetos enegrecidos pela fumaça. As ombreiras das estufas de pedra mal esculpida nunca haviam sido pintadas. Como único mobiliário, o pobre cônego levou para lá, no começo, um leito, uma mesa, algumas cadeiras e os poucos livros que possuía. O apartamento assemelhava-se a uma bela mulher em andrajos. Mas, dois ou três anos depois, tendo uma velha fidalga deixado dois mil francos ao padre Chapeloud, ele empregou essa quantia na aquisição duma biblioteca em carvalho, proveniente dum castelo demolido e retalhado pela Banda Negra[279] e notável por esculturas dignas da admiração dos artistas. O abade realizou essa compra seduzido menos pelo baixo preço do que pela perfeita concordância que havia entre as dimensões do móvel e as da galeria. Suas economias permitiram-lhe, então, restaurar inteiramente a galeria, até então pobre e abandonada. O assoalho foi cuidadosamente encerado e o teto caiado. E o revestimento de madeira das paredes foi pintado de maneira a imitar a cor do carvalho. Uma lareira de mármore substituiu a antiga. O cônego teve bastante bom gosto para procurar e encontrar antigas poltronas de noqueira lavrada. Uma longa mesa de ébano e dois móveis de Boulle[280] acabaram de dar à galeria um aspecto distinto. No espaço de dois anos, as liberalidades de várias pessoas devotas e legados de suas penitentes piedosas, embora raros, encheram de livros as prateleiras ainda vazias da biblioteca. Finalmente, um tio de Chapeloud, antigo oratoriano,[281] deixou-lhe

sua coleção in-fólio dos Pais da Igreja e várias outras grandes obras preciosas para um sacerdote. Birotteau, cada vez mais surpreso pelas sucessivas transformações daquela galeria outrora vazia, foi arrastado, gradativamente, a uma involuntária cobiça. Desejou possuir aquele gabinete, tão condizente com a gravidade dos costumes eclesiásticos. Essa paixão foi crescendo dia a dia. Ocupado, durante dias inteiros, a trabalhar naquele retiro, o vigário pôde apreciar-lhe o silêncio e a paz, após ter-lhe primitivamente admirado a boa disposição das peças. Durante os anos seguintes, o padre Chapeloud fez da cela um oratório, que suas devotas amigas tiveram o prazer de embelezar. Mais tarde ainda, uma senhora ofereceu ao cônego, para seu quarto, um móvel de tapeçaria, feito por ela mesma durante muito tempo sob os olhos daquele homem amável, sem que ele suspeitasse do seu destino. Aconteceu, então, com o quarto de dormir, o que já acontecera com a galeria: deslumbrou o vigário. E por fim, três anos antes de morrer, o padre Chapeloud completara o conforto do apartamento decorando a sala de visitas. Embora simplesmente adornado de veludo de Utrecht vermelho, o móvel seduzira Birotteau. Desde o dia em que o camarada do cônego viu as cortinas de seda encarnada, os móveis de mogno e o tapete de Aubusson que guarneciam aquela vasta peça pintada de fresco, o apartamento de Chapeloud transformou-se, para ele, no objeto duma monomania secreta. Morar lá, deitar-se no leito de amplo cortinado de seda onde se deitava o cônego e sentir-se cercado de todas as comodidades, como Chapeloud, representava, para Birotteau, a felicidade completa: não via nada superior a isso. Tudo quanto as coisas mundanas fazem nascer de inveja e de ambição no coração dos homens se concentrou, no padre Birotteau, no sentimento secreto e

profundo com que desejava um ambiente doméstico semelhante ao que o padre Chapeloud organizara. Quando o amigo caía doente, é certo que ia visitá-lo por uma sincera feição; mas, ao ter notícia de que o cônego adoecera ou enquanto lhe fazia companhia, sentia brotarem-lhe no fundo da alma, contra sua vontade, mil pensamentos cuja fórmula mais simples era esta: “Se Chapeloud morresse, eu poderia ficar com sua moradia”. Como, porém, Birotteau tinha um coração excelente, ideias estreitas e uma inteligência limitada, não ia até o extremo de conceber os meios de fazer com que o amigo lhe deixasse a biblioteca e os móveis.

O padre Chapeloud, egoísta amável e indulgente, percebeu a paixão do amigo, o que não era difícil, e a perdoou, o que pode parecer menos fácil num padre. Mas o vigário, cuja amizade permaneceu inalterada, não deixou de sair a passeio todos os dias na mesma alameda do Passeio Público de Tours, sem lhe furtar um só momento do tempo consagrado, havia vinte anos, àquele passeio. Birotteau, que considerava seus desejos involuntários como faltas, manifestara, por contrição, a máxima dedicação ao padre Chapeloud. Este pagou sua dívida para com uma fraternidade tão naturalmente sincera, dizendo, alguns dias antes de morrer, ao vigário que lhe lia o *Diário*:[\[282\]](#) “Desta vez, terás meu apartamento. Sinto que tudo acabou para mim”. Com efeito, pelo testamento, o padre Chapeloud legou a biblioteca e o mobiliário a Birotteau. A posse daquelas coisas, tão ardentemente desejadas, e a perspectiva de ser admitido como pensionista pela srta. Gamard amenizaram muito a dor que Birotteau sentiu pela perda de seu amigo cônego: é certo que não o faria ressuscitar, se pudesse, mas chorou. Durante alguns dias, ficou como Gargântua,[\[283\]](#) que, tendo perdido a mulher quando esta deu

à luz Pantagrue, não sabia se devia alegrar-se com o nascimento do filho ou entristecer-se com a morte de sua boa Badbec e que se enganava alegrando-se com a morte da mulher e deplorando o nascimento de Pantagrue. O padre Birotteau passou os seus primeiros dias de luto a examinar as obras de *sua* biblioteca, a servir-se de *seus* móveis, e a admirá-los, dizendo, com uma expressão que, infelizmente, não pode ser reproduzida: “Pobre Chapeloud!”. A alegria e a dor ocuparam de tal modo sua atenção que ele não sentiu pesar algum ao ver darem a outrem o lugar de cônego, no qual o falecido Chapeloud esperava ter Birotteau como sucessor. Tendo a srta. Gamard aceito, com prazer, o vigário como pensionista, este passou a participar, desde logo, de todas as felicidades da vida material que o finado cônego lhe elogiava. Que vantagens incalculáveis! Segundo dizia o falecido padre Chapeloud, nenhum padre de quantos moravam na cidade de Tours, sem excetuar nem mesmo o arcebispo, podia ser alvo de cuidados tão delicados e tão minuciosos como os que a srta. Gamard prodigalizava aos dois pensionistas. As primeiras palavras que o cônego dizia ao amigo, ao saírem a passear pelo Passeio Público, referiam-se quase sempre ao saboroso jantar que acabara de fazer, e era muito raro que, durante os sete passeios da semana, não lhe sucedesse dizer pelo menos catorze vezes: “Esta excelente moça tem, realmente, vocação para o serviço eclesiástico”.

— Imagine só — dizia o padre Chapeloud a Birotteau — que, durante doze anos consecutivos, nunca me faltou nada. Roupa interior, sobrepelizes, alvas, voltas, encontro tudo nos respectivos lugares, em quantidade suficiente e recendendo a íris. Os móveis são lustrados e se conservam tão limpos que há muito tempo não sei o

que é pó. Já viu, acaso, um grão de poeira em minha casa? Além disso, a lenha para aquecimento é bem escolhida, as mínimas coisas são excelentes. E, para completar, parece que a srta. Gamard está sempre com a atenção fixa no meu quarto. Não me lembro de a ter chamado duas vezes, em dez anos, para pedir alguma coisa. Isto é que é vida! Não ter de procurar nada, nem mesmo as chinelas. Encontrar sempre bom fogo e bons pratos. Para completar, meu fole me irritava, pois estava com a garganta entupida, e não precisei queixar-me duas vezes. No dia seguinte, a senhorita me deu um fole muito bonito e aquele par de tenazes com que você me vê atizar o fogo.

Como única resposta, Birotteau dizia: “Recendendo a íris!” Aquele *recendendo a íris* sempre o comovia. As palavras do cônego traduziam uma felicidade fantástica para o pobre vigário, a quem suas voltas e alvas transtornavam a cabeça e que não tinha método algum, esquecendo-se muito frequentemente de pedir o jantar. Assim, ao fazer o peditório ou ao rezar a missa, sempre que via a srta. Gamard em Saint-Gatien, não deixava de dirigir-lhe olhares doces e afáveis, como os que Santa Tereza dirigia ao céu.

Embora o bem-estar que toda a criatura deseja, e com que tanto sonhara lhe tivesse sido concedido, é tão difícil a qualquer um, mesmo a um padre, viver sem uma mania, que havia dezoito meses o padre Birotteau substituíra suas duas paixões pela aspiração dum canonicato. O título de cônego passara a representar para ele o que deve representar o pariato para um ministro de origem plebeia. Assim, a probabilidade da nomeação e as esperanças que lhe haviam dado na casa da sra. de Listomère de tal modo o perturbaram que só ao chegar à casa percebeu que se esquecera do guarda-chuva. É

mesmo possível que, sem a chuva que então caía em torrentes, ele não tivesse dado pela coisa, tão absorto estava pelo deleite com que remoía em si mesmo o que lhe haviam dito a propósito da promoção as pessoas do círculo de relações da sra. de Listomère, velha fidalga cujas reuniões das quartas-feiras frequentava. O vigário fez soar energicamente a campainha, como para dizer à criada que não o fizesse esperar. Depois, comprimiu-se contra o vão da porta, a fim de molhar-se o mínimo possível; mas a água que escorria do telhado caiu justamente na ponta de seus sapatos e o vento lhe lançou algumas rajadas de chuva semelhantes a duchas. Depois de ter calculado o tempo necessário para a criada sair da cozinha e vir puxar o cordão colocado sob a porta, tocou novamente de maneira a produzir um carrilhão muito significativo. “Não podem ter saído”, pensou, não tendo percebido movimento algum no interior da casa. E, pela terceira vez, tocou novamente a campainha, cujo som retiniu tão asperamente na casa e foi tão fortemente repetido pelos ecos da catedral que era impossível não despertar com aquele tumultuoso barulho. Assim, alguns instantes depois, foi com um certo prazer mesclado de bom humor que ouviu o estalar dos tamancos da criada sobre o chão empedrado. Entretanto, essa aflição da podagra durou mais do que ele esperava. Mariana teve que abrir a fechadura da porta que estava chaveada e tirar os ferrolhos.

— Como é que me obriga a chamar três vezes com um tempo destes? — disse.

— Mas o senhor viu que a porta estava fechada. Todos se deitaram há muito tempo, já deu nove e três quartos. Com certeza a senhorita pensou que o senhor não tivesse saído.

— Mas a senhora me viu sair! Além disso, a senhorita sabe muito bem que vou à casa da sra. de Listomère todas as quartas-feiras.

— Desculpe, senhor. Fiz o que a senhorita mandou — respondeu Mariana, fechando a porta.

Essas palavras causaram ao padre Birotteau um choque a que ele foi tanto mais sensível porque seu devaneio o tornara completamente feliz. Calou-se e acompanhou Mariana à cozinha para apanhar o castiçal, que supunha ter sido posto lá. Em vez de entrar na cozinha, porém, Mariana conduziu o abade ao quarto, onde o vigário viu o castiçal sobre uma mesa que se achava à porta do salão vermelho, numa espécie de antecâmara formada pelo patamar da escada ao qual o finado cônego adaptara uma divisão envidraçada. Mudo de espanto, entrou apressadamente no quarto e, encontrando a lareira apagada, chamou Mariana, que ainda não tivera tido tempo de descer.

— Então, não acendeu o fogo? — perguntou.

— Desculpe, senhor — respondeu ela. — Deve ter se apagado.

Birotteau olhou de novo para a lareira e certificou-se de que o fogo estava extinto desde a manhã.

— Preciso secar os pés — replicou. — Acenda o fogo.

Mariana obedeceu com a rapidez de quem está louco de sono. Enquanto procurava as chinelas, que não encontrou no meio do tapete do leito onde sempre eram colocadas, o abade fez, a propósito da maneira como Mariana estava vestida, certas observações pelas quais chegou à conclusão de que ela não saíra da cama, como dissera. Recordou-se, então, de que, havia cerca de quinze dias, vinha sendo privado de todos aqueles pequenos cuidados que, durante dezoito meses, lhe haviam tornado a vida tão doce. Ora, como a natureza dos

espíritos estreitos os impele a descobrir minúcias, entregou-se, imediatamente, a imensas reflexões sobre aqueles quatro acontecimentos, imperceptíveis para qualquer outro, mas que, para ele, constituíam quatro catástrofes. Evidentemente, o esquecimento das chinelas, a mentira de Mariana relativamente ao fogo, o transporte insólito do castiçal para a mesa da antecâmara e a demora que lhe haviam imposto, sob a chuva, no vão da porta, traduziam a perda total de sua felicidade.

Quando a chama começou a brilhar na lareira e, tendo acendido a lamparina, Mariana o deixou sem lhe perguntar, como outrora fazia: “O senhor ainda precisa de alguma coisa?”, o padre Birotteau mergulhou suavemente na bela e ampla poltrona do falecido amigo. O gesto com que o fez, porém, teve qualquer coisa de triste. O bom velho estava acabrunhado pelo pressentimento duma horrível desgraça. Os olhos voltaram-se sucessivamente para a bela pêndula, a cômoda, as cadeiras, as cortinas, os tapetes, o leito, a pia de água benta, o crucifixo, uma Virgem de Valentin, um Cristo de Le Brun, [284] enfim, sobre todos os acessórios do quarto. E a expressão de sua fisionomia revelou a angústia do mais terno adeus que um apaixonado diz à sua primeira amante ou um ancião às últimas árvores que plantou. O vigário acabava de perceber, um pouco tarde, na verdade, os indícios duma perseguição surda exercida contra ele pela srta. Gamard, cujas más intenções teriam sido, sem dúvida, notadas mais cedo por um homem inteligente. Não têm todas as solteironas um talento particular para acentuar as ações e as palavras que o ódio lhes sugere? Arranham como gatos. E, além disso, não somente ferem, mas sentem prazer em ferir e em mostrar à vítima que a feriram. Onde um homem de sociedade não se teria deixado

atingir duas vezes, o bom Birotteau necessitava de várias patadas no rosto para acreditar numa intenção maldosa.

Logo depois, com a sagacidade que contraem os padres habituados a dirigir consciências e a investigar ninharias na intimidade do confessor, o padre Birotteau pôs-se a estabelecer, como se se tratasse duma controvérsia religiosa, a seguinte proposição: “Admitindo que a srta. Gamard não tivesse pensado na minha costumeira visita à sra. de Listomère, que Mariana se tivesse esquecido do fogo e que houvessem julgado que eu já voltara para casa, visto que eu mesmo levei para baixo, esta manhã, *meu castiçal!!!*, é impossível que a srta. Gamard, vendo-o na sua sala, pensasse que eu já estivesse deitado. *Ergo*, [285] a srta. Gamard quis deixar-me à porta, com toda a chuva, e, ao mandar trazer para cima o castiçal, teve em mira mostrar-me...”. — Quê? — disse em voz alta, arrebatado pela gravidade das circunstâncias, levantando-se para trocar a roupa molhada pela de dormir e enfiar o gorro de noite. Começou, depois, a andar do leito para a lareira, gesticulando e proferindo em tons desiguais as frases seguintes, todas terminadas numa voz de falsete como se quisesse substituir por ela os pontos de exclamação:

— Que foi que lhe fiz? Por que será que ela me detesta? Não, Mariana não podia ter se esquecido do fogo! Foi a senhorita que mandou que ela não o acendesse! Só mesmo uma criança não perceberia isso, pelo tom e pelas maneiras que ela vem assumindo comigo, só porque tive a infelicidade de cair-lhe no desagrado. Nunca sucedeu uma coisa igual a Chapeloud! Não posso continuar vivendo no meio dos tormentos que... Na minha idade...

Deitou-se com a esperança de esclarecer, no dia seguinte, a causa do ódio que destruía para sempre a felicidade que desfrutara durante dois anos depois de a haver desejado tanto tempo. Oh, os secretos motivos do sentimento que a srta. Gamard vinha manifestando para com ele lhe seriam eternamente desconhecidos, não que fossem difíceis de descobrir, mas sim porque faltava ao pobre homem essa boa-fé com que as almas nobres e os patifes sabem reagir sobre si mesmos, julgando-se. Somente um homem de gênio ou um intrigante são capazes de dizer para si mesmos: “Não tenho razão”. O interesse e o talento são os únicos conselheiros conscienciosos e lúcidos. Ora, o padre Birotteau, cuja bondade chegava quase à estupidez, cuja instrução, de certo modo, só fora conseguida à custa de muito esforço, que não tinha nenhuma experiência do mundo e de seus costumes e que vivia entre a missa e o confessionário, grandemente ocupado em decidir os mais banais casos de consciência em sua qualidade de confessor dos internatos da cidade e de algumas belas almas que o apreciavam, o padre Birotteau podia ser considerado uma criança grande, a quem a maioria das práticas sociais era completamente estranha. O egoísmo, natural a todas as criaturas humanas, reforçado pelo egoísmo peculiar ao padre e pelo que resulta da vida mesquinha que se leva na província, fora a única coisa a desenvolver-se nele, insensivelmente, sem que ele o soubesse. Se alguém se tivesse interessado em perscrutar a alma do vigário para demonstrar-lhe que, nos infinitamente pequenos detalhes de sua existência e nos deveres mínimos de sua vida privada, lhe faltava essencialmente aquela dedicação que ele julgava professar, ele se teria punido e se mortificaria de boa vontade. Mas aqueles a quem ofendemos, mesmo sem o sabermos, levam em pouca conta nossa

inocência. Querem e sabem vingar-se. Assim, Birotteau, por fraco que fosse, não se podia furtar aos defeitos dessa grande justiça distributiva, que está sempre encarregando o mundo de executar suas sentenças, denominadas, por certos tolos, *as desgraças da vida*.

Entre o falecido padre Chapeloud e o vigário havia esta diferença: um era um egoísta esperto e inteligente e o outro um leal e inábil egoísta. Quando o padre Chapeloud entrou como pensionista na casa da srta. Gamard, soube julgar claramente o caráter de sua hospedeira. O confessor ensinara-lhe a conhecer quanta amargura o pesar de se achar afastada da sociedade derrama no coração de uma solteirona. E assim calculou prudentemente a conduta que devia ter na casa da srta. Gamard. Como a hospedeira tinha apenas trinta e oito anos, conservava ainda algumas pretensões, que, nessas discretas pessoas, mais tarde se transformam numa elevada estima por si mesmas. O cônego compreendeu que, para viver em boa harmonia com a srta. Gamard, devia dispensar-lhe sempre as mesmas atenções e os mesmos cuidados, ser mais infalível do que o papa. Para obter esse resultado, não permitiu que se estabelecessem entre eles outros pontos de contato além dos estritamente exigidos pela cortesia e os que existem necessariamente entre pessoas que vivem sob o mesmo teto. Assim, embora o padre Troubert e ele fizessem, regularmente, três refeições por dia, ele se absteria de participar do pequeno almoço comum, habituando a srta. Gamard a mandar-lhe ao quarto uma xícara de café com creme. Do mesmo modo, evitara os aborrecimentos da ceia tomando chá, todas as noites, nas casas que frequentava. Era raro, assim, que encontrasse a hospedeira fora da hora do jantar; mas chegava sempre um pouco antes da hora marcada. Durante aquela espécie de

visita cortês, dirigiu-lhe, durante os doze anos que viveu sob seu teto, as mesmas perguntas, obtendo sempre as mesmas respostas. A maneira como a srta. Gamard passara a noite, o almoço, os pequenos acontecimentos domésticos, a expressão do rosto, a higiene pessoal, as condições do tempo, a duração dos ofícios, os incidentes da missa e, por fim, a saúde de um ou outro padre constituíam o assunto constante daquela palestra periódica. Durante o jantar, procedia sempre por lisonjas indiretas, passando, sem interrupção, da qualidade dum peixe, do bom gosto dos temperos ou das qualidades dum molho às qualidades da srta. Gamard e às suas virtudes de dona de casa. Estava certo de afagar todas as vaidades da solteirona, elogiando a arte com que eram preparados seus doces, seus pepinos, suas conservas, seus pastéis e outras invenções gastronômicas. Finalmente, nunca o astuto cura saíra da sala amarela da hospedeira, sem dizer que em nenhuma casa de Tours se tomava café tão bom como o que acabara de saborear.

Graças a essa perfeita compreensão do caráter da srta. Gamard e àquela ciência da vida professada durante doze anos pelo cônego, nunca houvera entre eles a mais simples discussão sobre o mais insignificante ponto de disciplina interna. O padre Chapeloud percebera de início os ângulos, as asperezas, a rispidez da solteirona e regulara a ação das tangentes inevitáveis entre suas pessoas, de modo a obter dela todas as concessões necessárias ao bem-estar e à tranquilidade de sua vida. A srta. Gamard, por seu lado, dizia que o padre Chapeloud era um homem muito amável, extremamente tratável e muito inteligente. Quanto ao padre Troubert, a devota não dizia absolutamente nada. Completamente incluído no movimento de sua vida, como um satélite na órbita de seu planeta, Troubert era,

para ela, uma criatura intermediária entre os indivíduos da espécie humana e os da espécie canina; achava-se classificado, em seu coração, imediatamente antes do lugar destinado aos amigos e o que era ocupado por um gordo dogue asmático, que ela amava ternamente. Governava-o completamente, e a promiscuidade de seus interesses se tornou tamanha que muitas pessoas, entre as que compunham o círculo de relações da srta. Gamard, chegaram a pensar que o padre Troubert vivia de olho na fortuna da solteirona. Ligava-se insensivelmente a ela por uma contínua paciência e a dirigia com uma facilidade tanto maior por parecer obedecer-lhe, sem deixar perceber o menor desejo de governá-la.

Quando o padre Chapeloud morreu, a solteirona, que desejava um pensionista de costumes moderados, pensou naturalmente no vigário. O testamento do cônego ainda era desconhecido e já a srta. Gamard pensava em dar os aposentos do defunto ao bom padre Troubert, que lhe parecia muito mal instalado no pavimento térreo. Mas quando o padre Birotteau foi estipular com a solteirona as condições quirografárias de sua pensão, ela o viu tão interessado pelo apartamento pelo qual nutrira durante tanto tempo desejos cuja violência podia então ser confessada, que não teve coragem de falar numa troca e fez a afeição ceder às exigências do interesse. Para consolar o queridíssimo cônego, a senhorita substituiu os grandes ladrilhos brancos de Château-Renard que formavam o pavimento do apartamento por um parquet de ripas oblíquas e paralelas e reformou uma lareira que fumegava.

O padre Birotteau mantivera relações durante doze anos com o padre Chapeloud sem nunca se lembrar de investigar de onde provinha a extrema circunspeção de suas relações com a srta.

Gamard. Ao instalar-se na casa daquela santa moça, achava-se na situação dum apaixonado com todas as possibilidades de ser feliz. Mesmo que não fosse, como era, cego de inteligência, seus olhos estavam tão deslumbrados pela felicidade que não lhe foi possível julgar a srta. Gamard e refletir sobre a moderação a empregar em suas relações cotidianas com ela. A srta. Gamard, vista de longe e através do prisma das venturas materiais que o vigário sonhava desfrutar junto dela, parecia-lhe uma criatura perfeita, uma cristã completa, uma pessoa essencialmente caridosa, a mulher do Evangelho, a virgem prudente, ornada das virtudes humildes e modestas que derramam sobre a vida um celeste perfume. Foi, pois, com o entusiasmo de quem atinge um objetivo há muito cobiçado, com a candura duma criança e a ingênua irreflexão dum ancião sem experiência mundana, que ele entrou na vida da srta. Gamard, como uma mosca se prende à teia duma aranha. E, assim, no primeiro dia em que foi jantar e dormir na casa dela, demorou-se na sala, tanto pelo desejo de estabelecer intimidade como por esse inexplicável embaraço que muitas vezes perturba os tímidos e faz com que tenham parecer descorteses, interrompendo uma palestra para retirar-se. Ficou ali, pois, até a hora de dormir.

Outra solteirona, amiga de Birotteau, chamada srta. Salomon de Villenoix,[\[286\]](#) apareceu naquela noite. A srta. Gamard teve, então, a satisfação de organizar uma partida de bóston em casa. Ao deitar-se, o padre considerou que passara uma noite muito agradável. Como conhecesse apenas ligeiramente a srta. Gamard e o padre Troubert, não percebeu mais que a superfície de seus caracteres. Poucas pessoas deixam perceber, logo de início, seus verdadeiros defeitos. Geralmente, todos procuram ostentar uma aparência atraente. O

padre Birotteau formou, assim, o encantador projeto de consagrar suas noites à srta. Gamard, em vez de ir passá-las fora.

A hospedeira concebera, havia alguns anos, um desejo que vinha se tornando cada dia mais forte. Esse desejo, que nasce nos velhos e mesmo nas mulheres belas, tornara-se nela uma paixão semelhante à de Birotteau pelo apartamento de seu amigo Chapeloud e se arraigara no coração da solteirona pelos sentimentos de orgulho e egoísmo, inveja e vaidade que preexistem entre as pessoas da sociedade. Sempre foi assim: basta ampliar um pouco o círculo estreito no meio do qual vão agir esses personagens para encontrar a razão dos fatos que ocorrem nas esferas mais elevadas da sociedade. A srta. Gamard passava, alternadamente, os serões familiares em seis ou oito casas diferentes. Ou porque se sentisse diminuída em ter de procurar companhia e achasse que, na sua idade, tinha direito a exigir alguma retribuição; ou porque seu amor-próprio se sentisse ferido por não ter uma sociedade sua; ou, enfim, porque sua vaidade cobiçasse os cumprimentos e as vantagens que desfrutavam as amigas, sua única ambição era transformar sua sala de visitas num ponto de reunião à qual, todas as noites, um certo número de pessoas acesse *com prazer*. Depois que Birotteau e sua amiga, srta. Salomon, passaram alguns saraus em sua casa, em companhia do fiel e paciente padre Troubert, a srta. Gamard, ao sair uma noite de Saint-Gatien, disse às boas amigas, de quem até então se considerara escrava, que as pessoas que quisessem visitá-la podiam ir uma vez por semana à sua casa, onde se congregava um número de amigos suficiente para uma partida de bóston; não podia deixar só o padre Birotteau, seu novo pensionista; a srta. Salomon ainda não faltara a

uma única reunião naquela semana; ela pertencia aos amigos e que... e que... etc. etc.

Suas palavras tinham um tom modestamente orgulhoso e abundantemente dulçoroso, porque a srta. Salomon de Villenoix pertencia à sociedade mais aristocrática de Tours. Embora a srta. Salomon comparecesse apenas por amizade ao vigário, a srta. Gamard triunfou por tê-la em sua casa e, graças ao padre Birotteau, viu-se na iminência de realizar o seu grande desejo, que era o de um círculo de relações que se tornasse tão numeroso e tão agradável como os da sra. de Listomère, da srta. Merlin de La Blotière e outras devotas que recebiam a sociedade piedosa de Tours. Mas, ah!, o padre Birotteau frustrou a esperança da srta. Gamard.

Ora, se aqueles que na vida chegaram a desfrutar uma felicidade desejada durante muito tempo compreenderam a alegria que deve ter invadido o vigário ao deitar-se no leito de Chapeloud, devem também ter uma leve ideia do pesar que sentiu a srta. Gamard ao ver o malogro do seu plano favorito. Após ter-se conformado durante seis meses àquela forma de felicidade, Birotteau abandonou os saraus de casa, arrastando consigo a srta. Salomon. Apesar de inauditos esforços, a ambiciosa Gamard recrutara apenas cinco ou seis pessoas, cuja assiduidade era muito problemática, e precisava de pelo menos quatro visitantes fiéis para formar um bóston. Desse modo, viu-se obrigada a dar-se por vencida e a voltar à casa das antigas amigas, pois as solteironas se sentem em tão má companhia consigo mesmas que se veem obrigadas a procurar os divertimentos equívocos da sociedade.

A causa dessa deserção é fácil de conceber. Embora o vigário fosse um daqueles a quem o paraíso deve pertencer um dia em virtude da

sentença *Bem-aventurados os pobres de espírito!*, ele, a exemplo de muitos tolos, não podia suportar o enfado que lhe causavam outros tolos. As pessoas desprovidas de espírito assemelham-se às ervas daninhas que medram nas boas terras e, como se aborrecem no convívio de seus iguais, gostam de encontrar quem as divirta. Da saturação de tédio de que são vítimas, associada à necessidade que sentem de estar em constante contradição consigo mesmas, resulta essa paixão pelo movimento, essa necessidade de estar sempre onde não estão os que as distinguem, tal como se dá com os seres desprovidos de sensibilidade em relação àqueles cujo destino falhou ou que sofrem por culpa sua. Sem sondar demasiado o vácuo, a nulidade da srta. Gamard, e sem se explicar a estreiteza de suas ideias, o pobre padre Birotteau percebeu, infelizmente um pouco tarde, os defeitos que ela tinha em comum com as outras solteironas e os que lhe eram particulares. O mal, nos outros, se distingue tão nitidamente do bem que quase sempre salta a nossos olhos mesmo antes de ferir-nos. Esse fenômeno moral justificaria suficientemente a inclinação que, em maior ou menor grau, nos conduz à maledicência. Socialmente falando, é tão natural escarnecer das imperfeições alheias que devíamos perdoar o falatório zombeteiro que nossos ridículos autorizam e só nos admirarmos da calúnia. Os olhos do bom vigário, porém, nunca estavam nesse grau de óptica que permite às pessoas de sociedade ver e evitar prontamente as asperezas do próximo; assim, para reconhecer os defeitos de sua hospedeira, teve de sofrer a advertência que a natureza dá a todas as suas criações, a dor! Como as solteironas nunca precisaram curvar sua vida e seu caráter ante outra vida e outros caracteres, tal como exige o destino da mulher, têm, na maioria, a mania de querer que

tudo se curve em torno delas. Na srta. Gamard, esse sentimento degenerara em despotismo, mas esse despotismo só se podia prender a pequenas coisas. Assim, para dar um exemplo entre tantos, o cestinho de fichas e de tentos colocado na mesa de boston para o padre Birotteau devia ficar no lugar onde ela o punha; e o padre a contrariava vivamente mudando-o de lugar, o que acontecia quase todas as noites. De onde provinha essa suscetibilidade a propósito de ninharias e qual era seu objetivo? Ninguém podia dizê-lo. A própria srta. Gamard não o sabia. Sendo por temperamento dócil como um carneiro, o novo pensionista receava, como as ovelhas, sentir muito frequentemente o cajado, sobretudo quando ferrado na ponta. Sem compreender a extrema paciência do padre Troubert, Birotteau quis subtrair-se à felicidade que a senhorita lhe queria temperar a seu sabor, pois ela julgava ser tão fácil fazer felicidade como fazer doces; o coitado, porém, o fez de maneira extremamente desastrada em virtude da simplicidade do seu caráter. A separação não se efetuou sem atritos e provocações, a que o abade se esforçou por parecer insensível.

Ao expirar o primeiro ano de sua permanência na casa da srta. Gamard, o vigário voltara a seus antigos hábitos, indo duas vezes por semana às reuniões da sra. de Listomère, três às da srta. Salomon e as outras duas às da srta. Merlin de La Blottière. Essas pessoas pertenciam à aristocracia da sociedade da Touraine, onde a srta. Gamard não era admitida. Assim, a dona da pensão ficou gravemente ultrajada pelo abandono do padre Birotteau, que desse modo lhe fazia sentir seu pouco valor: toda a escolha implica um desprezo pelo objeto recusado.

— O sr. Birotteau não nos achou bastante agradáveis — disse o padre Troubert aos amigos da srta. Gamard, quando esta se viu obrigada a interromper as suas reuniões familiares. — É um homem inteligente, um gozador! Sente necessidade de vida social, luxo, palestras espirituosas com as maledicências da cidade.

Essas palavras levavam sempre a srta. Gamard a justificar a excelência de seu caráter, à custa de Birotteau.

— Ele já não possui muito espírito — dizia. — Se não fosse o padre Chapeloud, nunca teria sido recebido na casa da sra. de Listomère. Oh! Foi uma grande perda para mim a morte do padre Chapeloud! Que homem simpático e afável! Em doze anos, nunca tive um desentendimento, nem sequer o menor desgosto com ele.

A srta. Gamard passou a fazer uma descrição tão pouco lisonjeira do padre Birotteau que o inocente pensionista foi considerado, naquela sociedade burguesa secretamente inimiga da sociedade aristocrática, como um homem excessivamente exigente e intratável. Além disso, a solteirona teve, durante algumas semanas, o prazer de ouvir as amigas lamentarem sua sorte. Sem pensar numa palavra do que diziam, não cessavam de repetir-lhe: — Como foi que você, tão boa e tão amável, inspirou antipatia... — Ou: — Console-se, querida srta. Gamard. Você é tão conhecida que... etc.

Encantadas, no entanto, por se verem livres duma noite por semana no convento, o lugar mais deserto, mais sombrio e mais afastado do centro de Tours, todas abençoavam o vigário.

Entre pessoas cuja convivência é contínua, o ódio e o amor aumentam constantemente: a todo momento surgem razões para que se amem ou se odeiem ainda mais. Assim, o padre Birotteau tornou-se insuportável à srta. Gamard. Dezoito meses após ter sido aceito

como pensionista, no momento em que o bom velho interpretava com a paz do contentamento o silêncio do ódio e se felicitava por ter sabido *arranjar-se tão bem* com a solteirona, para usarmos sua expressão, passou a ser, para ela, alvo duma vingança friamente calculada. As quatro circunstâncias capitais da porta fechada, das chinelas esquecidas, da falta de fogo e do castiçal levado para cima eram precisas para revelar-lhe a inimizade terrível cujas derradeiras consequências só o atingiriam quando já fossem irreparáveis. Enquanto não vinha o sono, o bom vigário escavava inutilmente o cérebro, e, sem dúvida, bem depressa lhe sentiu o fundo, para encontrar uma explicação para a conduta singularmente descortês da srta. Gamard. Com efeito, tendo sempre agido muito logicamente de conformidade com as leis naturais de seu egoísmo, era-lhe impossível descobrir suas faltas para com a hospedeira. Se as coisas grandes são simples de compreender e fáceis de exprimir, as pequenezas da vida exigem muitas minúcias. Os acontecimentos que constituem, de certo modo, o prólogo deste drama burguês no qual, entretanto, as paixões se mostram tão violentas como se fossem excitadas por grandes interesses, reclamavam esta longa introdução, e teria sido difícil a um historiador rigoroso resumir seu detalhado desenvolvimento.

Na manhã seguinte, ao despertar, Birotteau pensou tão intensamente no canonicato que se esqueceu das quatro circunstâncias nas quais entrevira, na véspera, os sinistros prognósticos dum futuro cheio de infortúnios. O vigário não era homem que deixasse o leito sem que a lareira estivesse acesa e, assim, chamou Mariana, para avisá-la de que já acordara e fazê-la vir ao quarto. Depois, permaneceu, como de hábito, mergulhado nos

sonolentos cismares durante os quais a criada, acendendo o fogo, costumava arrancá-lo suavemente daquele último sono por meio do ruído de suas interpelações e de seus passos, espécie de música que o deleitava. Decorreu meia hora sem que Mariana aparecesse. O vigário, quase cônego, ia chamar novamente, mas soltou o cordão da campainha ao ouvir o ruído de passos dum homem na escada. Com efeito, o padre Troubert, após ter discretamente batido à porta, entrou, a convite de Birotteau. Aquela visita, que os dois padres se faziam regularmente todos os meses, não surpreendeu o vigário. O cônego estranhou, desde logo, que Mariana ainda não tivesse acendido o fogo no quarto do seu quase colega. Abrindo uma janela, chamou Mariana com uma voz rude e disse-lhe que viesse ao quarto de Birotteau; depois, voltando-se para o irmão:

— Se a senhorita soubesse que você está com a lareira apagada, repreenderia Mariana.

Depois dessa frase, indagou da saúde de Birotteau e perguntou-lhe, com uma voz suave, se tinha algumas notícias recentes que lhe dessem esperança de ser nomeado cônego. O vigário descreveu-lhe suas negociações e disse-lhe, ingenuamente, quais eram as pessoas junto às quais a sra. de Listomère estava agindo, ignorando que Troubert nunca pudera perdoar àquela senhora o fato de não o haver admitido em sua casa, a ele, padre Troubert, já duas vezes designado para vigário-geral da diocese.

Seria impossível encontrar dois rostos que oferecessem tantos contrastes como os dos dois padres. Troubert, alto e magro, tinha uma tez amarela e biliosa, ao passo que o vigário era o que familiarmente se chama um gorducho. Redondo e corado, o rosto de Birotteau retratava uma bonomia sem ideias, enquanto o de

Troubert, comprido e sulcado de rugas profundas, assumia, em certos momentos, uma atitude cheia de ironia ou desdém; era, contudo, necessário examiná-lo atentamente para surpreender esses dois sentimentos. O cônego permanecia habitualmente numa calma perfeita, mantendo as pálpebras quase sempre abaixadas sobre dois olhos alaranjados, cuja expressão se tornava, quando o queria, clara e penetrante. Cabelos ruivos completavam aquela fisionomia sombria, incessantemente obscurecida pelo véu que as graves meditações estendem sobre as feições. No início, várias pessoas julgaram-no absorto numa alta e profunda ambição. Mas os que pretendiam conhecê-lo melhor acabaram por abandonar essa opinião, apresentando-o como embrutecido pelo despotismo da srta. Gamard ou debilitado por longos jejuns. Quando lhe acontecia ficar agradavelmente impressionado, escapava-lhe um sorriso débil que se perdia nas rugas do rosto. Birotteau era, ao contrário, muito expansivo, muito franco, gostava de bons pratos e divertia-se com qualquer futilidade com a simplicidade dum homem sem fel e sem malícia. O padre Troubert causava, à primeira vista, um sentimento de terror involuntário, ao passo que o vigário arrancava aos que o viam um sorriso afável. Quando o alto cônego marchava através dos arcos e das naves de Saint-Gatien, com um passo solene e a fronte inclinada, inspirava respeito: sua aparência arqueada harmonizava-se com as linhas curvas da abóbada amarelada da catedral e as dobras da sua batina tinham algo de monumental, digno da estatuária. O bom vigário, porém, circulava por lá sem gravidade, dando pulinhos, batendo com os pés, como se andasse girando. Os dois homens tinham, entretanto, uma semelhança. Assim como a expressão ambiciosa de Troubert, fazendo-o terrível, contribuía

talvez para condená-lo ao papel insignificante de simples cônego, o temperamento e o garbo de Birotteau pareciam destiná-lo definitivamente ao vicariato da catedral. Ao atingir os cinquenta anos, entretanto, o padre Troubert havia dissipado completamente, pela moderação de sua conduta, pela aparência duma ausência total de ambição e por uma vida inteiramente santa, os temores que sua suspeitada capacidade e seu horrível aspecto haviam inspirado aos superiores. Como sua saúde se tivesse alterado gravemente havia um ano, sua próxima elevação ao vicariato geral do arcebispado parecia provável. Seus próprios competidores desejavam a nomeação de Troubert, a fim de melhor poderem preparar a sua nos poucos dias que uma enfermidade tornada crônica lhe reservava. Longe de oferecer as mesmas esperanças, a espessa papada de Birotteau exibia aos concorrentes que lhe disputavam o canonicato os sintomas duma saúde florescente, e sua gota parecia, conforme o provérbio, uma garantia de longevidade. O padre Chapeloud, homem de muito bom senso e cuja amabilidade lhe mereceu a consideração das pessoas da sociedade e dos diferentes chefes da metrópole, sempre se opusera secretamente e com muito tato à promoção do padre Troubert; impedira, mesmo, com grande habilidade, seu acesso às casas onde se reunia a melhor sociedade de Tours, muito embora, enquanto viveu, Troubert o houvesse tratado sempre com grande respeito, testemunhando-lhe, em todas as ocasiões, a mais alta deferência. Essa constante submissão não conseguira alterar a opinião do falecido cônego, que, por ocasião de seu último passeio, ainda disse a Birotteau:

— Desconfie desse grande seco Troubert! É Sisto Quinto[287] reduzido às proporções do bispado.

Tal era o amigo, o comensal da srta. Gamard, que, logo no dia imediato àquele em que ela, por assim dizer, declarara guerra ao pobre Birotteau, fora visitá-lo e levar-lhe demonstrações de amizade.

— Deve desculpar Mariana — disse o cônego, ao vê-la entrar. — Acho que ela foi em primeiro lugar ao meu quarto. Meu apartamento é muito úmido e tossi muito durante a noite. Você está muito bem, aqui. Que quarto saudável! — acrescentou.

— Oh, estou aqui como um cônego! — respondeu Birotteau, sorrindo.

— E eu como um vigário — replicou o humilde padre.

— Sim, mas logo irá morar no arcebisado — disse o bom vigário, que desejava que todos fossem felizes.

— Ou no cemitério. Enfim, faça-se a vontade de Deus! — E Troubert levantou os olhos para o céu num gesto de resignação. — Vim pedir-lhe emprestado o catálogo dos bispos. Você é a única pessoa em Tours que possui essa obra.

— Pode apanhá-lo na biblioteca — respondeu Birotteau, a quem a última frase do cônego fez recordar-se de todas as alegrias que desfrutava na vida.

O grande cônego entrou na biblioteca e lá ficou durante todo o tempo que o vigário gastou em vestir-se. Logo depois, soou a campainha para o almoço, e o gotoso, meditando em que, sem a visita de Troubert, não teria tido fogo para levantar-se, pensou: “É um bom homem!”.

Os dois padres desceram juntos, levando cada um deles um enorme in-fólio, que deixaram sobre um dos consoles da sala de refeições.

— Que é isto? — perguntou num tom áspero a srta. Gamard, dirigindo-se a Birotteau. — Espero que não vá atravancar a sala com seus livros.

— São obras de que preciso — respondeu o padre Troubert — e que o senhor vigário teve a bondade de emprestar-me.

— Eu devia tê-lo adivinhado — disse ela, deixando escapar um sorriso de desdém. — O sr. Birotteau não costuma ler esses livros grossos.

— Como está, senhorita? — perguntou o pensionista, com uma voz doce.

— Não muito bem — respondeu ela secamente. — O senhor interrompeu meu primeiro sono, quando chegou, e isso me estragou toda a noite. — Sentando-se, a srta. Gamard acrescentou: — Meus senhores, o leite vai esfriar.

Estupefato por ter sido tão asperamente acolhido pela hospedeira quando esperava que ela lhe pedisse desculpas, mas assustado, como todos os tímidos, com a perspectiva duma discussão, sobretudo quando gira em torno deles próprios, o pobre vigário sentou-se em silêncio. Depois, percebendo no rosto da srta. Gamard os sintomas dum evidente mau humor, entregou-se a uma prolongada luta com a razão, que lhe ordenava não tolerar a desatenção da hospedeira, enquanto seu temperamento levava-o a evitar uma disputa. Dominado por essa angústia íntima, Birotteau começou por examinar gravemente as largas linhas verdes traçadas sobre o espesso tafetá encerado que, por um hábito imemorial, a srta. Gamard deixava na mesa durante o almoço sem se preocupar com as bordas gastas nem com as cicatrizes daquela coberta. Os dois pensionistas achavam-se sentados em poltronas de vime, frente a

frente, um em cada lado daquela mesa pomposamente quadrada, cujo centro era ocupado pela dona da pensão, que a dominava do alto de sua cadeira instalada sobre um estrado, forrada de almofadas e com as costas voltadas para a estufa da sala de jantar. Aquela peça e a sala de visitas comum estavam situadas no pavimento térreo, debaixo do quarto e da sala do padre Birotteau. Quando o vigário recebeu da srta. Gamard sua xícara de café adoçado, ficou gelado com o profundo silêncio com que ela realizou aquele ato habitualmente tão alegre do almoço. Não teve coragem de enfrentar o rosto árido de Troubert nem a fisionomia agressiva da solteirona e voltou-se, como derradeiro recurso, para um grande dogue obeso que, deitado sobre uma almofada perto da estufa, dali nunca se movia, encontrando sempre à esquerda um pratinho cheio de comida e à direita uma tigela com água limpa.

— Então, cachorrinho — disse-lhe —, esperas o café, não?

Esse personagem, um dos mais importantes da habitação, mas pouco incômodo, pois não latia mais e deixava sempre a palavra com a dona da casa, ergueu para Birotteau os olhinhos perdidos nas dobras formadas no focinho pela gordura. Depois, fechou-os sorratamente. Para que se compreenda o sofrimento do pobre vigário, é preciso dizer que, dotado duma loquacidade vazia e sonora como a ressonância dum balão, pretendia, sem no entanto poder dar aos médicos uma única razão de sua opinião, que as palavras favoreciam a digestão. A senhorita, que partilhava dessa doutrina higiênica, ainda não deixara, apesar da desinteligência surgida, de falar durante as refeições; mas, havia várias manhãs, o vigário vinha empregando inutilmente sua inteligência em fazer-lhe perguntas insidiosas para obrigá-la a desatar a língua. Se os estreitos limites em

que se encerra esta história permitissem reproduzir uma só dessas palestras, que quase sempre excitavam o sorriso amargo e sardônico do padre Troubert, ela ofereceria uma imagem perfeita da vida estúpida dos provincianos. Talvez algumas pessoas inteligentes tivessem prazer em conhecer as curiosas dissertações com o que o padre Birotteau e a srta. Gamard manifestavam suas opiniões pessoais sobre a política, a religião e a literatura. Haveria, mesmo, alguma coisa de divertido a mostrar, como, por exemplo, as razões que tinham ambos para duvidar seriamente, em 1820, da morte de Napoleão, ou as conjeturas que os levavam a crer na existência de Luís xvii,[288] que se teria salvo no oco dum grande tronco. Quem não teria achado graça em ouvi-los afirmar, baseados em razões evidentemente pessoais, que o rei da França dispunha sozinho de todos os impostos, que as Câmaras estavam reunidas para acabar com o clero, que haviam morrido mais de um milhão e trezentas mil pessoas no cadafalso durante a Revolução? Além disso, falavam da imprensa sem saber quantos jornais havia e sem a mínima ideia do que fosse esse moderno instrumento.

Enfim, o sr. Birotteau escutava com atenção a srta. Gamard dizer que um homem que se alimentasse com um ovo todas as manhãs morreria no fim do ano, fato que já teria sido comprovado; que um pãozinho doce comido todas as manhãs sem bebida curava a ciática; que todos os operários que haviam trabalhado na demolição da abadia de Saint-Martin haviam falecido no espaço de seis meses; que certo prefeito, no governo de Napoleão, fizera todo o possível para demolir as torres de Saint-Gatien, e uma infinidade de outras histórias absurdas.

Naquele momento, porém, Birotteau sentiu a língua morta. Resignou-se, pois, a comer sem puxar conversa. Logo depois, achou que aquele silêncio era perigoso para seu estômago e disse corajosamente:

— Que café excelente!

Esse ato de bravura foi completamente inútil. Após ter contemplado o céu pelo pequeno espaço que separava, acima do jardim, os dois arcobotantes pretos de Saint-Gatien, o vigário teve, ainda, a ousadia de dizer:

— Hoje teremos um dia melhor que o de ontem...

Como resposta, a srta. Gamard contentou-se em dirigir o mais gracioso de seus olhares ao padre Troubert e voltou os olhos cheios duma terrível severidade para Birotteau, que, felizmente, havia baixado os seus.

Nenhuma criatura do sexo feminino estava mais apta que a srta. Sofia Gamard para simbolizar a natureza elegíaca da solteirona; mas, para bem descrever um indivíduo que empresta um imenso interesse aos pequenos acontecimentos deste drama e ao passado dos personagens que são seus atores, talvez seja necessário resumir aqui as ideias que constituem a essência da solteirona: a vida habitual faz a alma e a alma faz a fisionomia.

Se tudo, na sociedade como no mundo, deve ter uma finalidade, há, sem dúvida, neste mundo, algumas existências cujo objetivo e cuja utilidade são inexplicáveis. A moral e a economia política repudiam igualmente o indivíduo que consome sem produzir, que ocupa um lugar na terra sem espalhar em derredor de si nem o bem e nem o mal, pois o mal é, certamente, um bem cujos resultados não se manifestam imediatamente. É raro que as próprias solteironas não se

classifiquem na categoria dos seres improdutivos. Ora, se a consciência do trabalho dá ao ser que age um sentimento de satisfação que o auxilia a suportar a vida, a convicção de ser pesada aos demais ou simplesmente inútil deve produzir um efeito contrário e inspirar ao ser inerte um autodesprezo igual ao que causa aos outros. Essa rude reprovação social é uma das causas que contribuem para lançar na alma das solteironas, sem que elas o percebam, o desgosto que suas fisionomias exprimem.

Um preconceito, a que não falta razão, talvez inspire constantemente, em todo o mundo, e na França mais que em qualquer outro lugar, um grande descrédito pela mulher com quem ninguém quis partilhar os bens nem suportar os males da vida. Ora, há, para as moças, uma idade em que a sociedade, com ou sem razão, as condena pelo desdém de que são vítimas. Feias, deviam fazer esquecer, pela bondade do caráter, as imperfeições da natureza; belas, seu infortúnio deve ser motivado por causas graves. Não se sabe quais delas são mais dignas de repulsa. Se seu celibato é voluntário e representa um desejo de independência, nem os homens nem as mães lhes perdoam terem mentido à dedicação da mulher ao se recusarem às paixões que tornam tão atraente seu sexo; renunciar às suas dores é abdicar de sua poesia e tornar-se indigna das doces consolações a que as mães sempre têm incontestáveis direitos. Além disso, os sentimentos generosos, as qualidades delicadas da mulher só se desenvolvem por um constante exercício; conservando-se solteira, uma criatura do sexo feminino não é mais que um absurdo: egoísta e fria, causa horror.

Essa implacável sentença é, infelizmente, demasiado justa para que as solteironas ignorem seus motivos. Essas ideias germinam tão

naturalmente em seu coração como os efeitos de sua triste vida se reproduzem em suas feições. Estiolam-se porque nunca tiveram a constante expansão ou a ventura que faz desabrochar o rosto das mulheres e empresta tamanha suavidade a seus gestos. Além disso, tornam-se rudes e melancólicas, porque um ser que traiu sua vocação é infeliz: sofre, e o sofrimento gera a maldade. Com efeito, antes de culpar a si mesma pelo isolamento em que vive, a solteirona culpa, durante muito tempo, a sociedade. Da acusação até um desejo de vingança há apenas um passo. Finalmente, a deselegância que se espalha sobre sua pessoa é também uma consequência fatal da vida que leva. Não tendo sentido nunca a necessidade de agradar, a graça e o bom gosto lhes são estranhos. Veem em si apenas sua pessoa. Esse sentimento as leva insensivelmente a preferir as coisas que lhes são cômodas, em prejuízo das que podem ser agradáveis a outrem. Sem compreenderem a diferença que há entre elas e as outras mulheres, acabam por percebê-la e por afligir-se com ela. O ciúme é um sentimento indelével nos corações femininos. Os ciúmes das solteironas não têm o objeto definido e, assim, elas só ficam conhecendo as desventuras da única paixão que os homens perdoam ao belo sexo porque os lisonjeia.

Torturadas, desse modo, em todos os seus anseios, obrigadas a se recusarem às expansões de seu temperamento, as solteironas vivem entregues a uma constante insatisfação íntima a que jamais se habituam. Não é duro, em qualquer idade, principalmente para uma mulher, ler nos rostos um sentimento de repulsa quando é próprio de seu destino despertar nos corações que a cercam somente sentimentos carinhosos? Além disso, o olhar da solteirona é sempre oblíquo, menos por modéstia que por medo e vergonha. Essas

criaturas nunca perdoam à sociedade sua posição falsa, porque nem a si mesmas a perdoam. Ora, é impossível uma pessoa, constantemente em luta consigo mesma ou em contradição com a vida, deixar os outros em paz e não invejar sua felicidade.

Esse conjunto de ideias estava contido inteiramente nos olhos cor de cinza e apagados da srta. Gamard; e os grandes círculos escuros que os rodeavam denunciavam os longos combates de sua vida solitária. Todas as rugas de seu rosto eram retas. A estrutura da fronte, da cabeça e das faces caracterizava-se pela rigidez e pela secura. Deixava crescer, sem a menor preocupação, os pelos, outrora castanhos, de alguns sinais espalhados pelo queixo. Os lábios delgados mal cobriam os dentes muito longos que não eram privados de alvura. Morena, seus cabelos antigamente pretos haviam encanecido por efeito de terríveis enxaquecas. Esse acidente obrigava-a a usar cabelos postiços; mas, como não soubesse adaptá-los de modo a dissimular o arranjo, havia sempre alguns espaços vazios entre a borda do gorro e o cordão preto que segurava aquela semiperuca de cachos muito malfeitos. O vestido, de tafetá no verão e de lã no inverno, mas sempre de cor marrom, apertava um pouco excessivamente a cintura desgraciosa e os braços magros. A gola, sempre fora do lugar, deixava ver o pescoço cuja pele avermelhada era tão artisticamente listrada como uma folha de carvalho vista contra a luz.

Sua origem explicava suficientemente os infortúnios de sua conformação. Era filha dum comerciante de madeiras, uma espécie de camponês enriquecido. Aos dezoito anos, podia ter sido gorda e viçosa, mas não lhe restava agora um só vestígio da tez alva e das belas cores que dizia ter possuído. Sua pele adquirira esse aspecto

baço tão comum nas devotas. De todos os traços de sua fisionomia, o nariz aquilino era o que mais contribuía para exprimir o despotismo de suas ideias, do mesmo modo que a forma achatada da fronte denunciava a estreiteza da inteligência. Seus gestos tinham uma brusquidão singular, que excluía toda a graça, e bastava vê-la tirar o lenço da bolsa para assoar-se ruidosamente para perceber seu caráter e seus hábitos. De estatura muito alta, mantinha-se sempre empertigada, justificando, assim, a observação dum naturalista que interpretou fisicamente a marcha das solteironas, pretendendo que suas articulações se soldam. Andava sem que o movimento se distribuísse igualmente pelas diversas partes do corpo de modo a produzir essas graciosas ondulações tão atraentes nas mulheres. Locomovia-se como se fosse inteiriça, parecendo surgir, a cada momento, como a estátua do Comendador.[\[289\]](#) Em seus momentos de bom humor, dava a entender, como fazem todas as solteironas, que bem poderia ter se casado, mas que, felizmente, percebera a tempo a má-fé do namorado, responsabilizando, assim, o coração, por seu cálculo interesseiro.

Essa figura típica do gênero *solteirona* estava otimamente emoldurada pelos grotescos desenhos dum papel pintado representando paisagens turcas, que ornavam as paredes da sala de jantar. A srta. Gamard ficava habitualmente naquela peça guarnecida de dois consoles e um barômetro. No lugar onde os padres costumavam sentar-se, havia almofadinhas bordadas com as cores desbotadas. A sala onde recebia as visitas era digna de sua pessoa. Para que se possa ter uma ideia do que era, basta observar que se denominava *sala amarela*: as cortinas eram amarelas e amarelos também os móveis e tapeçarias. Sobre a lareira encimada por um

espelho de moldura dourada, candelabros e uma pêndula de cristal projetavam um brilho duro de olhar. Quanto aos aposentos particulares da srta. Gamard, jamais ela permitira que alguém os devassasse. Podia-se apenas imaginá-los cheios desses enfeites, desses móveis velhos, dessas bugigangas todas de que as solteironas se cercam e a que tanto se afeiçoam.

Tal era a pessoa destinada a exercer a maior influência sobre os derradeiros dias do padre Birotteau.

Privada de exercer, como manda a natureza, a atividade conferida à mulher e sentindo necessidade de empregá-la, a solteirona a transferira para as intrigas mesquinhas, os falatórios de província e as combinações egoístas com que todas as solteironas acabam por ocupar-se exclusivamente. Birotteau, por desgraça, despertara em Sofia Gamard os únicos sentimentos que aquela pobre criatura podia experimentar, os do ódio, que, latentes até então, graças à calma e à monotonia duma vida provinciana cujo horizonte ainda mais se estreitava para ela, deviam assumir uma intensidade ainda maior porque se iam exercer sobre pequeninas coisas e no meio duma esfera muito limitada. Birotteau era uma dessas criaturas predestinadas a todos os sofrimentos, porque, não sabendo ver nada, nada podem evitar: tudo lhes acontece.

— Sim, teremos um belo dia — respondeu após um momento o cônego, que pareceu sair de sua meditação e querer praticar as leis da cortesia.

Birotteau, espantado com o tempo decorrido entre a pergunta e a resposta, pois era a primeira vez na vida que tomava o café sem falar, deixou a sala de jantar com o coração apertado como se estivesse num torno. Sentindo a xícara de café pesando no estômago, foi

passar tristemente pelas pequenas alamedas estreitas e orladas de buxos que desenhavam uma estrela no jardim. Ao voltar-se, porém, após ter dado alguns passos, viu no limiar da porta da sala a srta. Gamard e o padre Troubert, parados em silêncio: ele, com os braços cruzados e imóvel como a estátua dum mausoléu; ela, apoiada à porta. Parecia que ambos o contemplassem contando o número de seus passos. Por si só, nada é mais incômodo para uma criatura naturalmente tímida do que ser objeto dum exame curioso; e quando esse exame é feito com os olhos do ódio, o sofrimento que causa se transforma num martírio intolerável. Assim, o padre Birotteau logo imaginou que estivesse atrapalhando o passeio da srta. Gamard e do cônego. Essa ideia, inspirada simultaneamente pelo medo e pela bondade, tomou tal vulto que o obrigou a ceder o lugar. Afastou-se tão absorto pela desesperante tirania da solteirona que já não pensava mais no canonicato. Por um acaso muito feliz para ele, encontrou bastante trabalho em Saint-Gatien, onde houve várias encomendações, um casamento e dois batizados. Pôde, assim, esquecer seus dissabores. Quando o estômago lhe anunciou a hora do jantar, foi com verdadeiro pavor que, ao consultar o relógio, verificou que passavam alguns minutos das quatro horas. Conhecia a pontualidade da srta. Gamard e apressou-se a voltar para casa.

Viu na cozinha o primeiro prato já de volta da mesa. Depois, ao chegar à sala de jantar, a solteirona disse-lhe num tom de voz no qual se retratavam igualmente a aspereza duma censura e a satisfação de apanhar o pensionista em falta:

— São quatro e meia, sr. Birotteau. O senhor sabe que não temos obrigação de esperá-lo.

O vigário olhou para a pêndula da sala de jantar, e a maneira como estava colocado o saco de gaze destinado a protegê-la da poeira provou-lhe que a dona da pensão retirara pela manhã e tivera o prazer de adiantar o relógio sobre o de Saint-Gatien. Não havia resposta possível. A expressão verbal da suspeita concebida pelo vigário causaria a mais terrível e a mais justificada das explosões que a srta. Gamard, como todas as mulheres de sua classe, fosse capaz de produzir em tal caso. As mil e uma contrariedades que uma criada pode impor ao patrão, ou uma mulher ao marido, nos hábitos privados da vida, foram imaginadas pela srta. Gamard, que lançou todo seu peso sobre o pensionista. A maneira como ela se deleitava em urdir suas conspirações contra a felicidade doméstica do pobre padre caracterizava-se por uma extraordinária malícia. Agia de modo a nunca parecer injusta.

Oito dias após o momento em que esta narrativa começa, os hábitos da casa e as relações que o padre Birotteau mantinha com a srta. Gamard revelaram-lhe uma trama urdida havia seis meses. Enquanto a solteirona exercera sua vingança e o vigário pudera conservar-se voluntariamente no erro, recusando-se a acreditar em más intenções, o mal moral fizera poucos progressos nele. Mas, depois do episódio do castiçal levado para cima e da pêndula adiantada, Birotteau não pôde mais ter dúvidas de que estava vivendo sob o império dum ódio cuja vigilância estava sempre alerta sobre ele. Caiu então rapidamente em desespero, ao perceber, a todo o momento, os dedos aduncos e afilados da srta. Gamard prontos a se cravarem em seu coração. Feliz por entregar-se a um sentimento tão fértil em emoções como o da vingança, a solteirona deleitava-se em adejar e exercer pressão sobre o vigário, como uma ave de rapina

adeja e exerce pressão sobre um roedor antes de devorá-lo. Concebera, havia muito tempo, um plano que o padre, aturdido, não podia perceber e que não tardou a aplicar, demonstrando o gênio que sabem empregar, nas pequenas coisas, as pessoas solitárias cuja alma, incapaz de sentir as grandezas da verdadeira piedade, se lançam às minúcias da devoção. Foi uma nova e aflitiva agravação de sofrimentos! A natureza de suas tristezas vedava a Birotteau, homem expansivo que gostava de ser lamentado e consolado, a pequena doçura de contá-las aos amigos. O escasso tato que devia à sua timidez dava-lhe receios de parecer ridículo em preocupar-se com tais ninharias. Essas ninharias, entretanto, envolviam toda a sua existência, sua querida existência cheia de ocupações no vazio e de vazio nas ocupações; vida terna e obscura, na qual os sentimentos demasiado fortes constituíam infortúnios e na qual a ausência completa de emoção representava uma felicidade. O paraíso do pobre padre transformou-se subitamente num inferno. Finalmente, seus sofrimentos tornaram-se intoleráveis. O terror que lhe causava uma explicação com a srta. Gamard avultava dia a dia; e a secreta desgraça que fanava as horas de sua velhice alterou-lhe a saúde. Uma manhã, ao enfiar as meias azuis matizadas, percebeu uma redução de oito carreiras na circunferência da panturrilha. Assombrado com esse diagnóstico tão cruelmente irremediável, resolveu fazer uma tentativa junto ao padre Troubert para pedir-lhe que interviesse officiosamente entre a srta. Gamard e ele.

Ao ver-se na presença do imponente cônego que, para recebê-lo num quarto miserável, abandonou repentinamente um gabinete cheio de papéis onde trabalhava incessantemente, o vigário quase teve vergonha de falar nas impertinências da srta. Gamard a um

homem que lhe parecia tão seriamente ocupado. Mas, após ter sofrido todas as angústias dessas deliberações interiores que os humildes, indecisos ou fracos experimentam mesmo diante de coisas sem importância, decidiu-se, não sem sentir o coração avolumado por pulsações extraordinárias, a descrever sua situação ao padre Troubert. O cônego escutou com uma expressão solene e fria, tentando em vão reprimir certos sorrisos que a olhos inteligentes talvez tivessem revelado a emoção dum contentamento íntimo. Uma chama pareceu acender-se em seus olhos quando Birotteau lhe narrou, com a eloquência conferida pelos sentimentos sinceros, a amargura que o oprimia constantemente; Troubert, porém, pôs a mão sobre os olhos, com um gesto muito comum aos pensadores e manteve a atitude de dignidade que lhe era habitual. Quando o vigário cessou de falar, teria ficado muito embaraçado se quisesse procurar, no rosto de Troubert, então marmorizado por efeito de manchas mais amarelas ainda do que sua tez biliosa costumeira, alguns vestígios dos sentimentos que podia esperar ter provocado naquele misterioso padre. Após permanecer durante um momento em silêncio, o cônego deu uma dessas respostas cujas palavras deviam ser demoradamente estudadas para que seu alcance fosse completamente avaliado, mas que mais tarde demonstrariam às pessoas ponderadas a espantosa profundidade de sua alma e a força de seu espírito. Terminou por acabrunhar Birotteau dizendo-lhe que “essas coisas o surpreendiam, tanto mais que não as teria percebido sem a confissão do irmão; atribuía sua falta de percepção a suas graves ocupações, a seus trabalhos e à tirania de certas ideias elevadas que não lhe permitiam olhar para os detalhes da vida”. Observou, sem porém parecer que quisesse censurar a conduta dum

homem cuja idade e cujos conhecimentos mereciam seu respeito, que “antigamente os solitários raramente pensavam na alimentação e no abrigo, no fundo das tebaidas onde se entregavam a santas contemplações” e que “nos nossos dias, o padre podia, pelo pensamento, criar para si, em qualquer parte, uma tebaida”. Depois referindo-se a Birotteau, acrescentou que “aquelas discussões eram inteiramente novas para ele. Durante doze anos, nada de semelhante ocorrera entre a srta. Gamard e o venerável padre Chapeloud”. Quanto a ele, podia, sem dúvida, servir de árbitro entre o vigário e sua hospedeira, porque sua amizade por ela não ultrapassava os limites impostos pelas leis da Igreja a seus fiéis servidores; a justiça, entretanto, exigia que ele ouvisse também a srta. Gamard. Disse ainda que, por outro lado, não notara nela nenhuma alteração; que sempre a vira assim; que voluntariamente se submetera a alguns de seus caprichos, sabendo que aquela respeitável senhorita era a bondade, a doçura em pessoa; que se devia atribuir as leves modificações de seu temperamento aos padecimentos causados por uma pneumonia de que não falava e à qual, como verdadeira cristã, se resignava... Concluiu dizendo ao vigário que “bastava que permanecesse alguns anos junto da senhorita, para melhor apreciá-la e reconhecer os tesouros de seu caráter”.

O padre Birotteau saiu confuso. Na necessidade fatal em que se encontrava de somente se aconselhar consigo mesmo, julgou a srta. Gamard segundo ele. O bom velho imaginou que, afastando-se durante alguns dias, extinguiria, por falta de alimento, o ódio que lhe votava a moça. Assim, resolveu ir, como antigamente, passar alguns dias numa casa de campo para onde a sra. de Listomère se dirigia no fim do outono, época em que o céu é geralmente límpido e suave na

Touraine. Pobre homem! Ia realizar, precisamente, os secretos anseios da terrível inimiga, cujos projetos só poderiam ser frustrados por uma paciência de monge. Nada prevendo, nada sabendo, mesmo, sobre seus próprios assuntos, ia sucumbir como um cordeiro sob o primeiro golpe do magarefe.

Situada numa colina entre a cidade de Tours e as elevações de Saint-Georges, voltada para o sul, cercada de rochedos, a propriedade da sra. de Listomère oferecia os encantos do campo e todos os prazeres da cidade. Com efeito, bastavam dez minutos no máximo para ir da ponte de Tours à porta daquela casa, denominada *Cotovia*; vantagem preciosa numa região onde ninguém se quer incomodar por coisa alguma, nem mesmo para procurar uma alegria. O padre Birotteau estava na Cotovia havia cerca de dez dias quando, uma manhã, na hora do almoço, o porteiro foi dizer-lhe que o sr. Caron desejava falar-lhe. O sr. Caron era o advogado encarregado dos negócios da srta. Gamard. Birotteau, não se recordando disso nem sabendo de nenhum ponto litigioso a resolver com quem quer que fosse, deixou a mesa dominado por uma certa ansiedade e foi ao encontro do advogado: achou-o modestamente sentado sobre a balaustrada dum terraço.

— Como sua intenção de não morar mais na casa da srta. Gamard se tornou evidente... — disse o procurador.

— Como! — exclamou o padre Birotteau, interrompendo-o. — Nunca pensei em sair daquela casa.

— Entretanto — replicou o advogado —, é necessário que o senhor se entenda claramente com a senhorita a esse respeito, pois ela me mandou aqui para saber se o senhor vai ficar muito tempo ainda no campo. Como o caso duma longa ausência não está previsto no

contrato, pode dar margem a contestação. Ora, achando a srta. Gamard que sua pensão...

— Mas, senhor — disse Birotteau, surpreso e interrompendo novamente o advogado —, não pensei que fosse necessário empregar meios quase judiciais para...

— A srta. Gamard, querendo prevenir qualquer dificuldade — disse o sr. Caron —, mandou-me aqui para que me entenda com o senhor.

— Muito bem. Se o senhor quiser ter a bondade de voltar amanhã — replicou novamente Birotteau —, também consultarei um advogado.

— Está bem — disse Caron, despedindo-se.

E o rábula retirou-se. O pobre vigário, apavorado pela persistência com que a srta. Gamard o perseguia, voltou para a sala de jantar da sra. de Listomère com a fisionomia alterada. Ao vê-lo assim todos perguntaram: — Então, que é que está lhe acontecendo, sr. Birotteau...?

O padre, consternado, sentou-se sem responder, tão chocado estava pelas vagas manifestações de sua desgraça. Mas, depois do almoço, na companhia de vários amigos reunidos na sala de visitas, diante dum bom fogo, Birotteau passou a contar-lhes, com toda a simplicidade, os detalhes de sua aventura. Os ouvintes, que começavam a aborrecer-se com a permanência no campo, interessaram-se vivamente por aquela intriga, tão em harmonia com a vida de província. Todos tomaram o partido do abade contra a solteirona.

— Ora essa! — disse-lhe a sra. de Listomère. — Não está vendo claramente que o padre Troubert deseja sua habitação?

Aqui, o historiador teria o direito de delinear o retrato dessa senhora. Pensou, porém, que mesmo aqueles que ignoram o sistema de *cognomologia*[290] de Sterne não poderiam pronunciar estas três palavras: senhora de listomère sem retratá-la nobre, digna, temperando os rigores da devoção pela antiga elegância dos costumes monárquicos e clássicos, por maneiras corteses; boa, mas um pouco áspera; levemente fanhosa; permitindo-se a leitura da *Nova Heloísa*, o teatro e preocupando-se ainda com o penteado.

— O padre Birotteau não deve ceder a essa velha intrigante! — exclamou o sr. de Listomère, tenente da Marinha que viera de licença à casa da tia. — Se o vigário for generoso e quiser seguir meus conselhos, muito em breve terá conquistado a tranquilidade.

Todos, enfim, puseram-se a analisar as ações da srta. Gamard com a perspicácia peculiar às pessoas da província, às quais não se pode negar talento para desvendar os motivos mais secretos das ações humanas.

— Os senhores não compreendem o que se passa — disse um velho proprietário que conhecia a região. — Há, por baixo disso, alguma coisa grave que ainda não percebi. O padre Troubert é demasiado misterioso para que se o descubra tão facilmente. O nosso caro Birotteau está apenas no começo de seus padecimentos. Em primeiro lugar, estará ele feliz e tranquilo mesmo cedendo o apartamento a Troubert? Duvido. Se Caron veio dizer-lhe — acrescentou, voltando-se para o padre admirado — que o senhor tem a intenção de deixar a casa da srta. Gamard, certamente é porque a srta. Gamard tem a intenção de enxotá-lo de casa... Pois bem, o senhor sairá de lá, quer queira quer não. Essa classe de gente nunca se arrisca, só joga na certa.

Esse velho fidalgo, chamado sr. de Bourbonne,[291] resumia todas as ideias da província tão completamente como Voltaire resumiu o espírito de sua época. Esse ancião seco e magro professava, em matéria de indumentária, a completa indiferença dum proprietário cujos bens territoriais são cotados no departamento. Sua fisionomia, tostada pelo sol da Touraine, era menos espiritual que sagaz. Habitado a pesar as palavras, a combinar as ações, ocultava sua profunda circunspecção com uma simplicidade enganadora. A mais superficial observação bastava para deixar perceber que, como um camponês da Normandia, ele sempre saía ganhando em todos os negócios. Era muito entendido em enologia, a ciência favorita dos tourainianos. Conseguira ampliar os prados duma de suas propriedades à custa dos terrenos de marinhas do Loire, evitando qualquer questão com o Estado. Esse bom golpe dera-lhe fama de homem inteligente. Se, encantado pela palestra do sr. de Bourbonne, pedísseis sua biografia a algum tourainiano: — *Oh! É um velho sabido!* — teria sido a resposta proverbial de todos os invejosos, que não lhe faltavam. Na Touraine, a inveja constitui, como na maioria das províncias, *a base da linguagem*.

A observação do sr. de Bourbonne causou um silêncio momentâneo durante o qual as pessoas que compunham a pequena assembleia pareceram meditar. Entrementes, a srta. Salomon de Villenoix foi anunciada. Levada pelo desejo de ser útil a Birotteau, chegava de Tours, e as notícias que de lá trazia mudaram completamente o aspecto da questão. Quando ela chegou, todos, exceto o proprietário, estavam aconselhando Birotteau a lutar contra Troubert e Gamard, sob os auspícios da sociedade aristocrática que o protegeria.

— O vigário-geral, encarregado do pessoal — disse a srta. Salomon —, caiu doente e o arcebispo confiou o lugar ao padre Troubert. Assim, a nomeação para o canonicato depende, agora, inteiramente dele. Ora, ontem, na casa da srta. de La Blottière, o padre Poirel referiu-se aos aborrecimentos que o padre Birotteau estava causando à srta. Gamard de maneira a justificar o infortúnio que atingirá nosso bom abade: “O padre Birotteau precisava muito do padre Chapeloud”, dizia. E, depois da morte desse virtuoso cônego, ficou provado que...” As suposições e as calúnias se sucederam. Compreendem?

— Troubert será vigário-geral — disse solenemente o sr. de Bourbonne.

— Vejamos! — exclamou a sra. de Listomère, olhando para Birotteau. — Que prefere: ser cônego ou ficar na casa da srta. Gamard?

— Ser cônego! — gritaram todos.

— Então — continuou a sra. de Listomère — é preciso dar ganho de causa ao padre Troubert e à srta. Gamard. Já não lhe fizeram ver, indiretamente, que se o senhor consentir em deixá-los será nomeado cônego? É dá cá e toma lá!

Todos prorromperam em exclamações sobre a astúcia e a sagacidade da sra. de Listomère, exceto o barão de Listomère, seu sobrinho, que disse com uma expressão cômica ao sr. de Bourbonne:

— Eu preferiria o combate entre a Gamard e o Birotteau.

Mas, infelizmente para o vigário, não havia igualdade de forças entre as pessoas da sociedade e a solteirona apoiada pelo padre Troubert. Logo chegou o momento em que a luta se devia desenhar mais nitidamente, ampliar-se e assumir proporções enormes. A

conselho da sra. de Listomère e da maioria de seus partidários, que começavam a apaixonar-se por aquela intriga lançada no vácuo de sua vida provinciana, foi enviado um criado ao sr. Caron. O procurador voltou com uma celeridade notável, que não causou surpresa ao sr. de Bourbonne.

— Vamos adiar qualquer decisão à espera de maiores esclarecimentos — foi a opinião desse Fábio[292] de roupão, cujas profundas reflexões permitiam perceber as altas combinações do tabuleiro de xadrez da Touraine.

Quis mostrar a Birotteau os perigos de sua posição. A sabedoria do *velho sabido*, porém, não apoiava as paixões do momento e, assim, não obteve mais que uma insignificante atenção. A conferência entre o advogado e Birotteau durou pouco. O vigário voltou muito assustado, dizendo: — Ele me pediu uma declaração escrita que ratifique minha *retirada*.

— Que significa essa palavra horrível? — perguntou o tenente da Marinha.

— Que quer dizer isso? — perguntou a sra. de Listomère.

— Isso significa simplesmente que o abade deve declarar que deseja deixar a casa da srta. Gamard — respondeu o sr. de Bourbonne, tomando uma pitada de rapé.

— Só isso? Então assine! — disse a sra. de Listomère, dirigindo-se a Birotteau. — Se o senhor está seriamente resolvido a sair da casa dela, não há inconveniente algum em documentar essa vontade...

A vontade de Birotteau!

— É justo — disse o sr. de Bourbonne, fechando a tabaqueira com um gesto seco cuja significação é impossível traduzir, pois constituía por si só uma verdadeira linguagem. — Mas sempre é perigoso

escrever — acrescentou, colocando a tabaqueira sobre o aquecedor com uma expressão que assustou o vigário.

Birotteau achava-se tão embrutecido pelo transtorno de todas as suas ideias, pela rapidez dos acontecimentos que o colhiam sem defesa, pela facilidade com que os amigos tratavam as questões mais íntimas de sua vida, que permaneceu imóvel, como que perdido na lua, não pensando em nada, mas escutando e procurando compreender o sentido das rápidas palavras que todos prodigalizavam. Apanhou a declaração redigida pelo sr. Caron e leu-a, como se a fórmula do advogado merecesse sua atenção; mas foi um gesto puramente maquinal. Assinou o documento, pelo qual dizia renunciar voluntariamente a morar na casa da srta. Gamard, bem como a fazer as refeições lá de acordo com o contrato firmado entre ambos. Quando o vigário terminou de assinar, o sr. Caron retomou o documento e perguntou-lhe para onde sua cliente devia remeter as coisas que lhe pertenciam. Birotteau indicou a casa da sra. de Listomère. Por um gesto, a senhora consentiu em hospedar o abade por alguns dias, pois não tinha dúvidas de que logo ele seria nomeado cônego. O velho proprietário quis tomar conhecimento daquela espécie de ato de renúncia e o sr. Caron lho mostrou.

— Então — perguntou ao vigário, após ter lido — existe entre o senhor e a srta. Gamard contrato escrito? Onde está? Que dizem suas cláusulas?

— O documento está em minha casa — respondeu Birotteau.

— Conhece seu conteúdo? — perguntou o proprietário ao advogado.

— Não, senhor — respondeu Caron, estendendo a mão para retomar o documento fatal.

“Ah!”, disse para si mesmo o velho proprietário, “tu, senhor advogado, sabes certamente o que contém o documento. Mas não foste pago para no-lo dizer.”

E o sr. de Bourbonne devolveu a declaração de renúncia ao advogado.

— Onde vou meter todos os meus móveis? — exclamou Birotteau. — E meus livros, minha bela biblioteca, meus belos quadros, minha sala vermelha, enfim, todo meu mobiliário?

E o desespero do pobre homem, que se sentia, por assim dizer, transplantado, tinha qualquer coisa de ingênuo; retratava tão bem a pureza de seus costumes, sua ignorância das coisas do mundo, que a sra. de Listomère e a srta. Salomon, para consolá-lo, disseram, empregando o tom de voz usado pelas mães quando prometem um brinquedo aos filhos: — Não se preocupe com essas ninharias! Encontraremos para o senhor uma casa menos fria e menos escura que a da srta. Gamard. Se não acharmos uma habitação que lhe agrade, então uma de nós o receberá em casa como pensionista. Vamos jogar uma partida de gamão. Amanhã o senhor irá visitar o padre Troubert para pedir-lhe seu apoio e verá como será bem recebido por ele!

As criaturas fracas se tranquilizam com a mesma facilidade com que se assustam. Assim, o pobre Birotteau, deslumbrado pela perspectiva de morar na casa da sra. de Listomère, esqueceu a ruína, irrevogavelmente consumada, da felicidade que desejara durante tanto tempo e que tão deliciosamente desfrutara. À noite, porém, antes de adormecer, e com a tristeza dum homem para quem a agitação duma mudança e de novos hábitos constituíam o fim do mundo, torturou o espírito conjecturando onde poderia encontrar um

lugar tão adequado para a biblioteca como o era sua galeria. Vendo seus livros dispersos, os móveis fora do lugar e a habitação em desordem, indagava-se repetidas vezes por que o primeiro ano passado na casa da srta. Gamard fora tão doce e o segundo tão cruel. E sua aventura lhe aparecia sempre como um poço sem fundo onde sua razão tivesse caído. O canonicato já não lhe parecia uma compensação suficiente a tantas desgraças e comparava sua vida a uma meia na qual uma única malha rompida desfazia todo o tecido. Restava-lhe ainda a srta. Salomon. Mas, ao perder suas velhas ilusões, o pobre padre não ousava mais confiar numa amizade jovem. Na *città dolente* [293] das solteironas, muitas existem, sobretudo na França, cuja vida é um sacrifício generosamente oferecido cotidianamente a nobres sentimentos. Umas conservam-se altivamente fiéis a um coração que a morte cedo lhes arrebatou: mártires do amor, encontram o segredo de se fazerem esposas pela alma. Outras obedecem a um orgulho de família que, para vergonha nossa, cada vez mais decresce, e dedicam-se à fortuna dum irmão ou a sobrinhos órfãos: essas tornam-se mães, conservando-se virgens. Tais solteironas atingem o mais elevado heroísmo de seu sexo quando consagram todos os sentimentos femininos ao culto da desgraça. Idealizam a figura da mulher, renunciando às recompensas de seus destinos e aceitando somente suas penas. Vivem, então, envoltas no esplendor de sua dedicação e os homens inclinam respeitosa e a cabeça diante de suas feições murchas. A srta. de Sombreuil [294] não foi nem mulher nem donzela: foi e será sempre um poema vivo. A srta. Salomon pertencia a essas criaturas heroicas. Sua abnegação era religiosamente sublime, pois devia ser sempre inglória, após ter constituído um sofrimento de todos os dias. Bela e

jovem, foi amada e amou; seu noivo perdeu a razão. Durante cinco anos, consagrou-se, com a coragem do amor, à felicidade mecânica daquele desgraçado, a cuja loucura se devotou tão intensamente que já não o considerava louco. Era, aliás, uma pessoa de maneiras simples, de linguagem franca e cujo rosto pálido não era destituído de expressão, apesar da regularidade das feições. Nunca falava nos acontecimentos de sua vida. Apenas, às vezes, os súbitos estremecimentos que lhe escapavam, ao ouvir a narração duma aventura horrível ou triste, revelavam nela as belas qualidades que as grandes dores fazem florescer. Fora morar em Tours depois de haver perdido o companheiro de sua vida. Não podia, ali, ser apreciada em seu justo valor e passava por uma *boa pessoa*. Praticava o bem em abundância e afeiçoava-se, por inclinação, aos seres fracos. E, como tal, o pobre vigário inspirara-lhe, naturalmente, um profundo interesse.

A srta. de Villenoix, dirigindo-se à cidade pela manhã, levou consigo Birotteau, deixou-o no cais da cathedral e viu-o encaminhar-se para o convento, onde ele desejava ardentemente chegar para salvar do naufrágio pelo menos o canonicato e para fiscalizar o transporte da mobília. Não foi sem sentir violentas palpitações de coração que fez soar a campainha da porta daquela casa, que se habituara a frequentar havia catorze anos, onde morara e de onde devia exilar-se para sempre após ter sonhado morrer ali em paz a exemplo de seu amigo Chapeloud. Mariana ficou surpresa ao ver o vigário. Disse ele que queria falar com o padre Troubert e dirigiu-se para o apartamento do pavimento térreo onde morava o cônego. Mariana, porém, gritou-lhe:

— O padre Troubert não está mais aí, senhor vigário, está no seu antigo apartamento.

Essas palavras causaram um horrível sobressalto ao vigário, que compreendeu finalmente o caráter de Troubert e a profundidade duma vingança tão lentamente calculada, ao encontrá-lo instalado na biblioteca de Chapeloud, sentado na bela poltrona gótica de Chapeloud, deitando-se, certamente, no leito de Chapeloud, desfrutando os móveis de Chapeloud, anulando o testamento de Chapeloud e deserdando, em resumo, o amigo daquele Chapeloud que, durante tanto tempo, o conservara amarrado à casa da srta. Gamard, interditando-lhe qualquer promoção e fechando-lhe os salões de Tours. Por que passe de mágica se produzira aquela metamorfose? Então tudo aquilo não pertencia a Birotteau? Ao perceber a expressão sardônica com que Troubert contemplava aquela biblioteca, o pobre Birotteau concluiu, realmente, que o futuro vigário-geral estava seguro de ficar definitivamente na posse do espólio daqueles que odiara tão cruelmente, Chapeloud como inimigo e Birotteau, porque nele continuava a ver Chapeloud. Diante desse quadro, mil pensamentos brotaram do coração do bom velho, mergulhando-o numa espécie de sonho. Permaneceu imóvel e como que fascinado pelo olhar de Troubert, que o fitava.

— Não acredito — disse, por fim, Birotteau — que o senhor me queira privar das coisas que me pertencem. Se a srta. Gamard ficou impaciente por acomodá-lo melhor, ela deve, entretanto, mostrar-se suficientemente justa para dar-me tempo de separar meus livros e retirar meus móveis.

— Meu senhor — disse friamente o padre Troubert, não deixando transparecer na fisionomia o mínimo indício de emoção —, a srta.

Gamard informou-me ontem de sua mudança, cuja causa ainda desconheço. Se ela me instalou aqui, foi por necessidade. O sr. padre Poirel alugou meu apartamento. Ignoro se as coisas que estão nesta habitação pertencem ou não à senhorita; se, porém, elas são suas, pode ficar tranquilo, pois o senhor bem conhece sua honestidade: a santidade de sua vida é uma garantia de sua probidade. Quanto a mim, o senhor não ignora a simplicidade de meus costumes. Dormi, durante quinze anos, num quarto miserável, sem me importar com a umidade, que me matou aos poucos. Entretanto, se quiser morar novamente neste apartamento, eu lho cederei com muito prazer.

Ao ouvir essas frases terríveis, Birotteau esqueceu-se do assunto do canonicato e desceu com a rapidez dum moço para procurar a srta. Gamard. Encontrou-a ao pé da escada, no grande patamar de laje que unia as duas partes do edifício.

— Senhorita — disse-lhe, cumprimentando-a sem prestar atenção ao sorriso asperamente zombeteiro que ela tinha nos lábios nem ao fulgor extraordinário que dava a seus olhos o brilho dos olhos do tigre —, não compreendo que não tenha esperado que eu tirasse meus móveis para...

— Como? — disse ela, interrompendo-o. — Então não entregaram toda a sua bagagem na casa da sra. de Listomère?

— Mas minha mobília?

— O senhor não leu o contrato? — disse a solteirona, com um tom que seria necessário reproduzir em música para mostrar quantos matizes o ódio é capaz de emprestar à acentuação de cada palavra.

E a srta. Gamard pareceu aumentar de tamanho, seus olhos brilharam ainda mais, seu rosto alegrou-se e toda sua pessoa estremeceu de prazer. O padre Troubert abriu uma janela para ler

mais distintamente num volume in-fólio. Birotteau ficou como que fulminado. A srta. Gamard martelava-lhe aos ouvidos, com uma voz clara como o som duma trombeta, as frases seguintes: — Não ficou combinado que, no caso em que o senhor saísse de minha casa, sua mobília me pertenceria, para indenizar a diferença que havia entre a quota de sua pensão e a do respeitável padre Chapeloud? Ora, como o senhor padre Poirel foi nomeado cônego...

Ao ouvir essas últimas palavras, Birotteau inclinou-se levemente, como para despedir-se da solteirona; depois, saiu precipitadamente. Receava que, permanecendo mais um pouco ali, desse sinais de fraqueza e, assim, proporcionasse um excessivo triunfo a tão implacáveis inimigos. Andando como um ébrio, alcançou a casa da sra. de Listomère, onde encontrou, numa sala, sua roupa branca, suas vestes e seus papéis encerrados numa mala. Ao ver os destroços de sua mobília, o desgraçado padre sentou-se e ocultou o rosto nas mãos para furtar aos criados o espetáculo de seu pranto. O padre Poirel era cônego! Ele, Birotteau, via-se sem abrigo, sem fortuna e sem mobília! Felizmente, nesse momento, a srta. Salomon passou de carruagem. O porteiro da casa, compreendendo o desespero do pobre homem, fez um sinal ao cocheiro. Depois de algumas palavras trocadas entre a solteirona e o porteiro, o vigário deixou-se conduzir, meio morto, para junto de sua fiel amiga, a quem não pôde dizer mais que palavras desordenadas. A srta. Salomon, assustada com a súbita confusão duma cabeça já tão fraca, levou-o imediatamente para a Cotovia, atribuindo esse início de alienação mental ao efeito produzido sobre ele pela nomeação do padre Poirel. Ignorava as convenções do abade com a srta. Gamard, pela mesma excelente razão pela qual ele mesmo ignorava sua amplitude. E como é natural

que às vezes o cômico se encontre misturado às coisas mais patéticas, as estranhas respostas de Birotteau quase fizeram a srta. Salomon sorrir.

- Chapeloud tinha razão — dizia ele. — É um monstro!
- Quem? — perguntou ela.
- Chapeloud. Tirou-me tudo.
- Quer dizer Poirel?
- Não. Troubert.

Chegaram, finalmente, à Cotovia, onde os amigos do padre lhe prodigalizaram tão desvelados cuidados que, à tarde, conseguiram acalmá-lo e puderam obter dele uma narrativa do que se passara durante a manhã.

O fleumático proprietário pediu muito naturalmente para ver o contrato, que lhe parecera, desde a véspera, conter a chave do enigma. Birotteau tirou do bolso o fatal papel timbrado e entregou-o ao sr. de Bourbonne, que o leu rapidamente e logo chegou a uma cláusula assim concebida:

Como há uma diferença de oitocentos francos por ano entre a pensão que pagava o falecido sr. Chapeloud e aquela pela qual a mencionada Sofia Gamard concorda em receber em sua casa, nas condições acima estipuladas, o mencionado Francisco Birotteau, considerando que o abaixo-assinado Francisco Birotteau reconhece sobejamente não estar em condições de pagar, durante vários anos, o preço pago pelos pensionistas da srta. Gamard, e principalmente pelo padre Troubert; enfim, tendo em conta os diversos adiantamentos feitos pela referida Sofia Gamard abaixo-assinada, o mencionado Birotteau compromete-se a deixar-lhe, a título de indenização, a mobília de que for possuidor por ocasião de sua morte ou quando, por qualquer causa, venha a deixar voluntariamente, e em qualquer época, os

locais que presentemente lhe são alugados, e a não mais desfrutar as vantagens estipuladas nos compromissos assumidos pela srta. Gamard para com ele, mais acima...

— Meu Deus! Que sabida! — exclamou o proprietário. — Que garras tem a mencionada Sofia Gamard!

O pobre Birotteau, não imaginando em seu cérebro de criança que alguma causa pudesse, algum dia, separá-lo da srta. Gamard, esperava morrer na casa dela. Não tinha a menor lembrança dessa cláusula, cujos termos nem mesmo foram discutidos outrora, tanto lhe parecera justo naquele momento em que, em seu desejo de pertencer à solteirona, teria assinado todos os papéis que lhe tivessem apresentado. Essa inocência era tão respeitável e a conduta da srta. Gamard tão atroz, a sorte do pobre sexagenário tinha qualquer coisa de tão deplorável e sua fraqueza o tornava tão comovedor que, num impulso de indignação, a srta. de Listomère exclamou: — Sou responsável pela assinatura da declaração que o arruinou; assim, devo restituir-lhe a felicidade de que o privei.

— Mas a declaração constitui um dolo — disse o velho fidalgo — e contém elementos para um processo...

— Muito bem! Birotteau moverá um processo. Se perder em Tours, ganhará em Orléans. Se perder em Orléans, ganhará em Paris! — exclamou o barão de Listomère.

— Se ele quiser questionar em juízo — replicou friamente o sr. de Bourbonne —, aconselho que, em primeiro lugar, se demita do vicariato.

— Consultaremos advogados — disse a sra. de Listomère — e, se for preciso, iremos a juízo. A questão é tão vergonhosa para a srta.

Gamard e pode vir a ser tão nociva ao padre Troubert que certamente conseguiremos uma conciliação.

Após madura deliberação, todos prometeram apoiar o padre Birotteau na luta que se ia travar entre ele e todos os partidários de seus antagonistas. Um sólido pressentimento, um indefinível instinto provincial forçava-os a unir os dois nomes de Gamard e Troubert. Mas nenhum dos que então se achavam na casa da sra. de Listomère, exceto o velho sabido, tinha uma ideia exata da importância de semelhante combate. O sr. de Bourbonne levou o pobre abade para um canto da sala.

— Das catorze pessoas que estão aqui — disse-lhe em voz baixa —, não haverá uma só a seu lado dentro de quinze dias. Se o senhor tiver necessidade de recorrer a alguém, talvez não encontrará outra pessoa, além de mim, suficientemente corajosa para tomar sua defesa, porque conheço a província, os homens, as coisas e, mais ainda, os interesses! Todos os seus amigos, embora cheios de boas intenções, estão metendo o senhor num mau caminho do qual não poderá sair. Escute meu conselho. Se quer viver em paz, deixe o vicariato de Saint-Gatien, deixe Tours. Não diga para onde vai. Procure alguma paróquia distante, onde Troubert não possa encontrá-lo.

— Abandonar Tours? — exclamou o vigário, com um pavor indescritível.

Isso representava para ele uma forma de morte. Não era arrancar todas as raízes pelas quais se fixara ao mundo? Os celibatários substituem os sentimentos por hábitos. Quando a esse sistema moral que faz com que eles menos vivam do que atravessem a vida se junta um caráter débil, as coisas externas adquirem sobre eles um domínio

espantoso. Birotteau tornara-se semelhante a qualquer vegetal: transplantá-lo seria pôr em risco a inocente frutificação. Do mesmo modo que, para viver, uma árvore precisa encontrar sempre os mesmos sucos e conservar os filamentos das raízes no mesmo terreno, Birotteau tinha necessidade perpétua de trotar em Saint-Gatien, andar saltitando no trecho do Passeio Público onde passeava habitualmente, percorrer incessantemente as ruas pelas quais passeava e continuar a frequentar os três salões onde jogava, durante cada serão, uíste ou gamão.

— Ah! Não tinha pensado nisso — respondeu o sr. de Bourbonne, olhando para o padre com certa compaixão.

Todos ficaram sabendo imediatamente, na cidade de Tours, que a sra. baronesa de Listomère, viúva dum tenente-general, estava hospedando o padre Birotteau, vigário de Saint-Gatien. Esse fato, que muitos punham em dúvida, esclareceu todas as questões e definiu os partidos, principalmente depois que a srta. Salomon ousou falar, antes que qualquer outro, em dolo e em processo. Com a sutil vaidade que distingue as solteironas e a fantástica personalidade que as caracteriza, a srta. Gamard sentiu-se profundamente ferida com o partido tomado pela sra. de Listomère. A baronesa era uma mulher de alta linhagem, de hábitos elegantes, em quem a fidalguia, as maneiras corteses e a devoção não podiam ser contestadas. Hospedando Birotteau, ela dava o mais formal desmentido a todas as asserções da srta. Gamard, censurava indiretamente sua conduta e parecia sancionar as queixas do vigário contra sua antiga hospedeira.

É necessário, para a boa compreensão desta história, explicar aqui a força que o discernimento e o espírito de análise com que as solteironas apreciam as ações alheias emprestavam à srta. Gamard e

enumerar os recursos de seu partido. Acompanhada do silencioso padre Troubert, ela frequentava as reuniões familiares de quatro ou cinco casas, onde se congregava uma dúzia de pessoas, todas ligadas entre si pelos mesmos gostos e pela analogia de sua situação. Eram um ou dois anciãos que haviam adotado as paixões e a maneira de falar dos criados; cinco ou seis solteironas que passavam o dia inteiro a peneirar as palavras, a investigar os atos dos vizinhos e das pessoas colocadas abaixo delas na sociedade; e, por fim, várias mulheres idosas, ocupadas exclusivamente em destilar as maledicências, manter um registro fiel de todas as fortunas ou controlar as ações alheias: prognosticavam os casamentos e censuravam a conduta das amigas tão asperamente como a das inimigas. Essas pessoas, instaladas na cidade de maneira a figurar os vasos capilares duma planta, aspiravam, com a avidez duma folha pelo orvalho, as novidades e os segredos de cada lar, absorviam-nos e transmitiam-nos maquinalmente ao padre Troubert, como as folhas comunicam ao caule o rocío que sorvem. Assim, durante cada noite da semana, excitadas por essa necessidade de emoção que existe em todos os indivíduos, aquelas boas devotas traçavam um relatório rigoroso da situação da cidade, com uma sagacidade digna do Conselho dos Dez, [295] e exerciam o policiamento por meio dessa espionagem implacável criada pelas paixões. Depois de descobrirem a secreta razão dum acontecimento, cada uma, movida pelo amor-próprio, apoderava-se da sabedoria de seu sinédrio e saía a ditar as normas do falatório nas zonas respectivas. Essa congregação ociosa e operante, invisível e que tudo via, muda e falando sem cessar, possuía, assim, uma influência que sua nulidade tornava aparentemente pouco nociva mas que, no entanto, se tornava terrível

quando animada por um interesse de maior vulto. Ora, havia muito tempo não surgia na esfera de suas existências um fato tão grave e tão importante para todas elas em geral como a luta de Birotteau, apoiado pela sra. de Listomère, contra o padre Troubert e a srta. Gamard. Efetivamente, como os três salões das sras. de Listomère, Merlin de La Blotière e De Villenoix eram considerados inimigos por aqueles que a srta. Gamard frequentava, havia, no fundo dessa discórdia, o espírito de corporação com todas as suas vaidades. Era o combate do povo e do Senado romano travado num cupinzeiro, ou uma tempestade num copo d'água, como disse Montesquieu[296] ao referir-se à república de San Marino, onde era tão fácil assumir a tirania que os cargos públicos não se conservavam por mais de um dia. Essa tempestade, contudo, desenvolvia nas almas tantas paixões quantas seriam necessárias para dirigir os mais elevados interesses sociais. Não será um erro acreditar que somente para os corações entregues aos vastos projetos, que perturbam a vida e a agitam, o tempo passa com rapidez? As horas do padre Troubert corriam tão animadas, fugiam carregadas de pensamentos tão cheios de apreensões, eram sacudidas por desesperos e esperanças tão profundos como podiam ser as horas cruéis do ambicioso, do jogador e do apaixonado. Só Deus conhece o segredo da energia que nos custam os triunfos secretamente obtidos sobre os homens, sobre as coisas e sobre nós mesmos. Se nem sempre sabemos aonde vamos, conhecemos perfeitamente as fadigas da viagem. Se for permitido ao historiador abandonar o drama que está narrando para assumir por um momento o papel dos críticos, se ele vos convidar a lançar um olhar sobre as existências dessas solteironas e dos dois abades, a fim de procurar nelas a causa do infortúnio que os corrompia em sua

essência, talvez fique demonstrado que o homem tem necessidade de experimentar certas paixões para que se desenvolvam nele qualidades que lhe enobreçam a vida, ampliando-lhe o âmbito de influência e atenuando o egoísmo inato em todas as criaturas.

A sra. de Listomère voltou para a cidade sem saber que, havia cinco ou seis dias, vários amigos estavam sendo obrigados a refutar uma opinião que surgira a respeito de sua pessoa — e de que teria sorrido se a houvesse conhecido — que atribuía a seu afeto pelo sobrinho causas quase criminosas. Ela levou o padre Birotteau a seu advogado, a quem o processo não pareceu fácil. Os amigos do vigário, animados pelo sentimento conferido pela justiça duma boa causa, ou displicentes pelo resultado dum processo que não lhes era pessoal, haviam adiado o início da instância para o dia em que voltassem de Tours. Os amigos da srta. Gamard puderam, assim, tomar a dianteira e tiveram a habilidade de expor o caso de maneira pouco favorável para o padre Birotteau. O jurista, cuja clientela era composta quase exclusivamente pelas pessoas devotas da cidade, causou, assim, grande espanto à sra. de Listomère ao aconselhar-lhe que não se envolvesse em semelhante processo. Encerrou a conferência dizendo que, além do mais, não se encarregaria dele, pois, nos termos do contrato, a srta. Gamard tinha razão perante a lei; que, por equidade, isto é, fora da Justiça, o padre Birotteau pareceria, aos olhos do Tribunal e aos das pessoas de bem, privado do espírito de paz e de conciliação e da mansuetude de que até então todos o supunham dotado; que a srta. Gamard, conhecida como uma criatura dócil e cordata, se tornara credora de Birotteau emprestando-lhe o dinheiro necessário para pagar os direitos de sucessão exigidos pelo testamento de Chapeloud, sem lhe pedir

recibo; que Birotteau não estava em idade nem em condições mentais de assinar um documento sem saber o que continha e sem conhecer sua importância; e que como ele deixou a casa da srta. Gamard após morar ali dois anos, ao passo que seu amigo Chapeloud lá ficara durante doze anos e Troubert durante quinze, isso só podia ser motivado por um projeto que ele bem conhecia; que o processo seria considerado um ato de ingratidão etc. Após ter deixado Birotteau seguir na frente, em direção à escada, o advogado chamou a sra. de Listomère à parte, acompanhando-a, e induziu-a, em nome de seu repouso, a não se intrometer no caso.

À noite, porém, o pobre vigário, que se atormentava tanto quanto um condenado à morte, na masmorra de Bicêtre,^[297] quando espera o resultado de seu recurso ao tribunal, não pôde evitar de informar aos amigos o resultado da visita, no momento em que, antes de se iniciarem os jogos, conversavam diante da lareira da sra. de Listomère.

— Com exceção do advogado dos liberais, não conheço, em Tours, nenhum outro que se queira encarregar desse processo sem a intenção de fazer com que o senhor o perca — disse o sr. de Bourbonne —, e não o aconselho a levá-lo adiante.

— Isso é uma infâmia! — disse o tenente da Marinha. — Eu mesmo levarei o abade à casa desse advogado.

— Então vá à noite — disse o sr. de Bourbonne, interrompendo-o.

— Por quê?

— Acabo de saber que o padre Troubert foi nomeado vigário-geral, em substituição ao que morreu anteontem.

— Não me importo com o padre Troubert.

Infelizmente, o barão de Listomère, homem de trinta e seis anos, não percebeu o sinal que lhe fez o sr. de Bourbonne para recomendar-lhe que pesasse suas palavras, mostrando-lhe um conselheiro da Prefeitura, amigo de Troubert. O tenente da Marinha acrescentou:

— Se o senhor padre Troubert é um patife...

— Oh — disse o sr. de Bourbonne, interrompendo-o —, por que meter o padre Troubert numa questão a que é completamente estranho?

— Ora — replicou o barão —, não está ele desfrutando os móveis do padre Birotteau? Lembro-me de ter ido à casa de Chapeloud e de ter visto lá dois quadros de valor. Representam bem uns dez mil francos... Acha que o sr. Birotteau teve intenção de dar, por dois anos de moradia na casa dessa Gamard, dez mil francos, quando só a biblioteca e os móveis já valem quase essa importância?

O padre Birotteau arregalou os olhos ao ter conhecimento de que possuía tamanho capital. E o barão, continuando calorosamente, acrescentou:

— Ainda bem! O sr. Salmon, antigo avaliador do Museu de Paris, veio visitar a sogra. Vou à casa dele esta noite mesmo, com o padre Birotteau, para pedir-lhe que avalie os quadros. De lá, eu o levarei à casa do advogado.

Dois dias depois dessa palestra, o processo adquirira consistência. O advogado dos liberais, tornado advogado de Birotteau, atraía grande descrédito para a causa do vigário. Os adversários do governo e os que sabidamente não gostavam dos padres nem da religião, duas coisas que muita gente confunde, tomaram conta da questão, e toda a cidade falou nela. O antigo perito do Museu avaliara em onze mil

francos a Virgem de Valentin e o Cristo de Lebrun, obras de grande beleza. Quanto à biblioteca e aos móveis góticos, o gosto dominante que crescia dia a dia em Paris por esse gênero de coisas lhe conferiam, no momento atual, um valor de doze mil francos. Concluída a verificação, o perito avaliou o mobiliário completo em dez mil escudos. Ora, era evidente que, como Birotteau não pretendia, sem dúvida, dar à srta. Gamard essa quantia enorme em pagamento da pequena importância que lhe podia dever em virtude da diferença de preço que fora estipulada, havia, juridicamente falando, margem para reformar o contrato; se não o fizesse, a solteirona seria incriminada de dolo voluntário. Assim, o advogado dos liberais iniciou a questão dirigindo à srta. Gamard uma citação introdutiva de instância. Embora muito acerba, essa peça, fortalecida por citações de sentenças soberanas e corroborada por alguns artigos do Código, era, ao mesmo tempo, uma obra-prima de lógica judiciária e condenava tão evidentemente a solteirona, que trinta ou quarenta cópias foram maldosamente distribuídas na cidade pela oposição.

Alguns dias após o início das hostilidades entre a solteirona e Birotteau, o barão de Listomère, que esperava ser incluído como capitão de corveta na primeira promoção, anunciada havia algum tempo no Ministério da Marinha, recebeu uma carta pela qual um amigo informava que, na repartição, falavam em afastá-lo da ativa. Estranhamente surpreso com a notícia, partiu imediatamente para Paris e foi na mesma noite à casa do ministro, que se mostrou muito admirado e riu dos temores que lhe confiou o barão de Listomère. No dia seguinte, apesar da palavra do ministro, o barão foi informar-se no ministério. Por uma indiscrição que certos chefes cometem

frequentemente para os amigos, um secretário mostrou-lhe um relatório, já concluído, mas que a enfermidade dum diretor impedira até então que fosse submetido ao ministro e que confirmava a fatal notícia. Imediatamente, o barão de Listomère foi à casa dum tio que, na qualidade de deputado, podia falar imediatamente com o ministro na Câmara, e pediu-lhe que sondasse as disposições de S. Exa, pois aquilo representava para ele a perda de sua carreira. Assim, esperou com a mais intensa ansiedade, na carruagem do tio, o fim da sessão. O deputado saiu muito antes do encerramento e disse ao sobrinho, durante o trajeto que fez ao voltar para o hotel:

— Que é que te deu para te meteres a fazer guerra aos padres? O ministro me informou de que te puseste à frente dos liberais de Tours! Tens opiniões detestáveis, não segues o caminho do governo etc.

Suas frases eram tão confusas como se ainda estivesse falando à Câmara.

Então, disse-lhe: “Ah! é isso! Estamos entendidos?”. S. Exa concluiu declarando-me que estavas em más relações com a grande esmolaria. Logo depois, pedindo algumas informações a meus colegas, fiquei sabendo que andaste falando muito levemente dum certo padre Troubert, simples vigário-geral, mas a personagem mais importante da província, onde representa a Congregação.[\[298\]](#) Responsabilizei-me por ti perante o ministro. Senhor meu sobrinho, se queres seguir tua carreira, não procures nenhuma inimizade sacerdotal. Vai depressa para Tours e faze as pazes com esse diabo de vigário-geral. Fica sabendo que os vigários-gerais são homens com quem precisamos sempre viver em paz. Ora essa! Num momento em que trabalhamos todos para restabelecer a religião, é estúpido a um

tenente da Marinha, que quer ser promovido a capitão, desconsiderar os padres. Se não te acomodares com o padre Troubert, não contes mais comigo: eu te renegarei. O ministro dos Negócios Eclesiásticos falou-me agora mesmo desse homem como dum futuro bispo. Se Troubert viesse a odiar nossa família, poderia cassar a minha inclusão na próxima fornada de pares. Compreendes?

Essas palavras vieram explicar ao tenente da Marinha as secretas ocupações de Troubert, de quem Birotteau dizia ingenuamente: “Não sei para que lhe serve passar as noites em claro”.

A posição do cônego no seio do senado feminino que fazia sutilmente o policiamento da província e sua capacidade pessoal fizeram com que fosse escolhido pela Congregação, entre todos os eclesiásticos da cidade, para ser o procônsul incógnito da Touraine. Arcebispo, general, prefeito, grandes e pequenos estavam sob sua secreta dominação. O barão de Listomère imediatamente tomou seu partido.

— Não quero — disse ao tio — receber nova *bordada* eclesiástica em minhas *obras vivas*.

Três dias após essa conferência diplomática entre o tio e o sobrinho, o marinheiro, que voltou subitamente a Tours pela mala-posta, revelou à tia, na mesma noite, os perigos que corriam as mais caras esperanças da família Listomère se se obstinassem a apoiar *esse imbecil do Birotteau*. O barão deteve o sr. de Bourbonne no momento em que o velho fidalgo tomava a bengala e o chapéu para retirar-se após a partida de uíste. As luzes do velho sabido eram indispensáveis para iluminar os escolhos em que se haviam metido os Listomère, e o velho esperto procurara prematuramente a bengala

e o chapéu precisamente para que lhe dissessem ao ouvido: — Fique, precisamos conversar.

O rápido regresso do barão, sua expressão de satisfação em desacordo com a gravidade que em certos momentos se estampava em sua fisionomia haviam denunciado vagamente ao sr. de Bourbonne alguns reveses recebidos pelo tenente em sua expedição contra Gamard e Troubert. Não denotou a mínima surpresa ao ouvir o barão proclamar o secreto poder do vigário-geral congregacionista.

— Eu o sabia — disse.

— Então — exclamou a baronesa —, por que não nos avisou?

— Minha senhora — respondeu ele —, esqueça que eu descobri a invisível influência desse padre e eu esquecerei que a senhora também a conhecia. Se não tivéssemos guardado o segredo, passaríamos por seus cúmplices: seríamos temidos e odiados. Imiteme: finja estar sendo enganada; mas saiba onde mete os pés. Eu já lhe havia dito isto várias vezes. A senhora não compreendeu e eu não queria comprometer-me.

— Como deveremos agir agora? — perguntou o barão.

Indiscutivelmente, deviam abandonar Birotteau, e essa foi a primeira condição subentendida pelos três conselheiros.

— Bater em retirada com as honras da guerra tem sido sempre a obra-prima dos mais hábeis generais — respondeu o sr. de Bourbonne. — Curvem-se diante de Troubert. Se seu ódio for menos forte que sua vaidade, farão dele um aliado; mas, se se curvarem demais, ele marchará sobre seus corpos, pois

Antes estraga tudo, este é o espírito da Igreja,[299]

disse Boileau. Faça com que ele creia que vai deixar a Marinha, senhor barão, e assim ficará livre dele. Mande o vigário embora de sua casa, minha senhora, e assim dará ganho de causa a Gamard. Pergunte ao padre Troubert, na casa do arcebispo, se ele sabe jogar uíste e ele lhe dirá que sim. Convide-o a vir jogar uma partida aqui em sua casa, onde ele deseja ser recebido! Virá com toda a certeza. A senhora é mulher, saiba fazer com que esse padre se interesse por seus assuntos. Quando o barão for capitão da Marinha, o tio dele par de França e Troubert bispo, a senhora poderá facilmente fazer Birotteau cônego. Até esse momento, curve-se; mas curve-se com graça e numa atitude de ameaça. Sua família pode prestar a Troubert tanto apoio como o que ele lhe poderá dar. Entender-se-ão maravilhosamente. E o senhor na próxima vez trate de andar com a sonda na mão, marinheiro!

— Pobre Birotteau! — disse a baronesa.

— Oh! Comecem logo — replicou o proprietário, retirando-se. — Se algum liberal astuto se apoderasse dessa cabeça vazia, causaria desgosto aos senhores. Os tribunais decidiriam em seu favor e Troubert deve ter receio do julgamento. Ele pode ainda perdoar-lhes terem começado a luta, mas, depois duma derrota, seria implacável. É o que eu digo.

Fez estalar a tabaqueira, calçou as galochas e saiu.

Na manhã seguinte, após o almoço, a baronesa ficou a sós com o vigário e disse-lhe, não sem um visível embaraço:

— Meu caro sr. Birotteau, o senhor há de achar meus pedidos muito injustos e muito inconsequentes; mas é necessário, pelo senhor e por mim, em primeiro lugar, encerrar seu processo contra a

srta. Gamard, desistindo de suas pretensões, e, em segundo lugar, deixar minha casa.

Ao ouvir essas palavras, o pobre padre empalideceu.

— Sou — replicou ela — a causa inocente de seus infortúnios e sei que, não fosse meu sobrinho, o senhor não teria movido o processo que está fazendo seu desgosto e o nosso. Mas escute!

Narrou-lhe sucintamente a imensa extensão do caso e explicou-lhe a gravidade das consequências. Suas meditações lhe haviam feito descobrir, durante a noite, os antecedentes prováveis da vida de Troubert: pôde ela, assim, sem se enganar, demonstrar a Birotteau a trama na qual o havia envolvido aquela vingança tão habilmente planejada, revelar-lhe a alta capacidade e o poder de seu inimigo denunciando-lhe seu ódio, informando-o das causas disso e mostrando-o estendido durante doze anos diante de Chapeloud, devorando Chapeloud e continuando a perseguir Chapeloud no amigo. O inocente Birotteau juntou as mãos como para rezar e chorou de pesar diante do espetáculo de horrores humanos de que sua alma pura jamais suspeitava. Apavorado como se estivesse à beira dum abismo, escutava, com os olhos imóveis e úmidos, mas sem exprimir pensamento algum, o discurso de sua benfeitora, que lhe disse, ao terminar:

— Bem sei o quanto há de mal em abandoná-lo. Mas, meu caro abade, os deveres de família se sobrepõem aos da amizade. Ceda, como estou fazendo, diante desta desventura e eu lhe provarei minha gratidão. Não se preocupe com suas necessidades. Encarrego-me delas. O senhor ficará livre de qualquer inquietação por toda a vida. Por intermédio de De Bourbonne, que saberá salvar as aparências, farei com que nada lhe falte. Meu amigo, dê-me o direito de traí-lo.

Continuarei sua amiga sem deixar de me conformar às máximas do mundo. Decida.

O pobre abade estupefato exclamou:

— Chapeloud tinha razão ao dizer que, se Troubert pudesse ir puxá-lo pelos pés, na sepultura, ele o faria...! E agora dorme no leito de Chapeloud!

— Não é ocasião para lamentações — disse a sra. de Listomère. — Dispomos de pouco tempo. Resolva!

Birotteau era demasiado bondoso para que deixasse de obedecer, nas grandes crises, à dedicação irrefletida do primeiro momento. Por outro lado, sua vida já não era mais que uma agonia. Disse, dirigindo à protetora um olhar desesperado, que a compungiu:

— Confio-me à senhora. Não sou mais que um *palhiço* da rua!

Essa expressão tourainiana não tem outro equivalente possível a não ser *pedacinho de palha*. Há, entretanto, belos pedacinhos de palha, dourados, luzentes, cintilantes, que fazem a alegria das crianças; ao passo que o palhiço é um pedacinho de palha traçada e moída, sem cor, lodoso, arrastado pela enxurrada e pisoteado pelos transeuntes.

— Mas, minha senhora, eu não queria deixar ao padre Troubert o retrato de Chapeloud. Foi feito para mim, pertence-me. Consiga que ele me seja devolvido e abandonarei o resto.

— Está bem — disse a sra. de Listomère. — Irei à casa da srta. Gamard. — Estas palavras foram pronunciadas num tom que revelou o esforço extraordinário que fazia a baronesa de Listomère para rebaixar-se a lisonjear o orgulho da solteirona. — E tratarei de arranjar tudo — acrescentou. — Pelo menos, espero que assim seja. Vá procurar o sr. de Bourbonne, peça-lhe que redija sua desistência e

traga-me o documento com todos os requisitos legais. Depois, com o auxílio do senhor arcebispo, talvez possamos acabar com isso.

Birotteau saiu assustado. Troubert assumira, a seus olhos, as dimensões duma pirâmide do Egito. As mãos desse homem estavam em Paris e os cotovelos no convento de Saint-Gatien.

“Ele”, pensou Birotteau, “impedir o marquês de Listomère de tornar-se par de França...? *E talvez, com o auxílio do senhor arcebispo, possamos acabar com isto!*”

Ao lado de tão vultosos interesses, Birotteau sentia-se como um inseto: fazia justiça a si mesmo.

A notícia da mudança de Birotteau foi ainda mais surpreendente porque sua causa era impenetrável. A sra. de Listomère dizia que, em vista do seu sobrinho pretender casar-se e deixar a Marinha, ela precisava dos aposentos do vigário para ampliar seu apartamento. Ninguém conhecia ainda a desistência de Birotteau. As instruções do sr. de Bourbonne estavam sendo prudentemente executadas. Essas duas notícias, ao chegarem ao ouvido do grande vigário, deviam lisonjear seu amor-próprio, demonstrando-lhe que, embora não capitulasse, a família de Listomère se mantinha neutra e reconhecia tacitamente o poder oculto da Congregação; e reconhecê-lo não era o mesmo que se submeter a ele? O processo, porém, conservava-se completamente *sub judice*.[\[300\]](#) Não constituía isso ceder e ameaçar ao mesmo tempo?

Os Listomère haviam assumido, assim, nessa luta, uma atitude exatamente semelhante à do grande vigário: mantinham-se de fora e podiam dirigir tudo. Um grave acontecimento, porém, sobreveio e tornou ainda mais difícil a vitória dos desígnios meditados pelo sr. de Bourbonne e pelos Listomère para apaziguar o partido Gamard e

Troubert. Na véspera, a srta. Gamard apanhara um golpe de ar ao sair da catedral, ficara acamada e, segundo diziam, estava gravemente doente. Pela cidade inteira ressoavam os lamentos provocados por uma falsa comiseração: “A sensibilidade da srta. Gamard não pudera resistir ao escândalo do processo. Apesar de estar com a razão, ia morrer de desgosto. Birotteau estava matando sua benfeitora...”. Tal era a substância das frases projetadas pelos tubos capilares do grande conciliábulo feminino e complacentemente repetidas pela cidade de Tours.

A sra. de Listomère passou pelo vexame de ir à casa da solteirona sem colher o fruto de sua visita. Pediu com toda a cortesia para falar com o senhor vigário-geral. Lisonjeado, talvez, por receber na biblioteca de Chapeloud, diante da lareira adornada com os dois famosos quadros contestados, uma mulher por quem fora desprezado, Troubert fez a baronesa esperar um momento; depois, consentiu em dar-lhe audiência. Jamais cortesãos ou diplomatas puseram na discussão de seus interesses particulares ou na conduta duma negociação nacional mais habilidade, dissimulação e sutileza do que as que empregaram a baronesa e o abade quando se encontraram em cena.

À semelhança do patrono que, na Idade Média, armava o combatente e lhe fortalecia a coragem por úteis conselhos no momento de entrar na liça, o velho sabido dissera à baronesa:

— Não se esqueça de seu papel. A senhora é conciliadora, e não parte interessada. Troubert é, igualmente, um mediador. Pese suas palavras! Observe as inflexões da voz do vigário-geral. Se ele alisar o queixo com a mão, pode estar certa de que o seduziu.

Alguns desenhistas se têm divertido em representar em caricatura o contraste frequente que existe entre *o que se diz e o que se pensa*. Aqui, para bem fixar o interesse do duelo de palavras que se travou entre o padre e a grande fidalga, é necessário desvendar os pensamentos que mutuamente ocultaram sob frases aparentemente insignificantes. A sra. de Listomère começou por manifestar o pesar que lhe causava o processo de Birotteau. Depois, falou no desejo que tinha de ver encerrar-se a questão de maneira satisfatória para ambas as partes.

— O mal está feito, minha senhora — disse o abade com uma voz grave. — A virtuosa srta. Gamard está morrendo... (*Interesso-me tanto por essa tola solteirona como pelo Preste João,*[\[301\]](#) pensava ele. *Mas, bem quisera atirar sua morte sobre teus ombros e inquietar-te a consciência com isso, se acaso fosses tão ingênua para te preocupares com uma coisa dessas.*)

— Ao saber de sua enfermidade — respondeu-lhe a baronesa —, exigi do senhor vigário uma desistência, que vim trazer para essa santa moça... (*Agora te apanho, velho maroto,* pensava ela. *Ficamos ao abrigo de todas as tuas calúnias. Quanto a ti, se aceitares a desistência, ficarás preso pela palavra, pois confessarás assim tua cumplicidade.*)

Houve um momento de silêncio.

— Os assuntos temporais da srta. Gamard não me concernem — disse, finalmente, o padre, abaixando as largas pálpebras sobre os olhos de águia, para ocultar suas emoções. (*Oh! Oh! Não me comprometes! Mas, Deus seja louvado, os danados dos advogados vão deixar de discutir um caso que podia desonrar-me! Que será que querem os Listomère para me ajudar desse modo?*)

— Meu senhor — respondeu a baronesa —, os negócios do sr. Birotteau me são tão estranhos como o são para o senhor os da srta. Gamard. Infelizmente, porém, a religião pode sofrer com esses debates e não vejo no senhor mais que um mediador, num assunto em que eu própria ajo como conciliadora... (*Não conseguiremos enganar um ao outro, sr. Troubert, pensava ela. Percebeu a intenção epigramática dessa resposta?*)

— A religião sofrer, minha senhora?! — disse o grande vigário. — A religião está colocada muito alto para que os homens possam atingi-la. (*A religião sou eu, pensava.*) Deus nos julgará sem erro, minha senhora — acrescentou. — Só reconheço seu tribunal.

— Tratemos, então — respondeu a baronesa —, de conciliar os julgamentos dos homens com os julgamentos de Deus. (*Sim, a religião és tu.*)

O padre Troubert mudou de tom:

— O senhor seu sobrinho não foi a Paris? (*Deves ter tido notícias minhas, de lá, pensou. Posso esmagar-te, a ti que me desprezaste. Vieste capitular.*)

— Sim, meu senhor. Agradeço o interesse que mostra por ele. Esta noite ele voltará a Paris, chamado pelo ministro, que é muito amável conosco e que não quer que ele saia da Marinha. (*Jesuíta, não nos esmagarás, pensou. Compreendi o gracejo.*) Não acho sua conduta conveniente nesta questão — continuou depois de um momento de silêncio —, mas devemos desculpar um marinheiro que não entende de Direito. (*Façamos uma aliança, pensou. Nada ganharemos em nos guerreamos.*)

Um leve sorriso perdeu-se nas rugas do rosto do abade:

— De qualquer modo, prestou-nos o serviço de demonstrar o valor desses dois quadros — disse ele, olhando para as telas. — Serão um belo ornamento para a capela da Virgem. (*Lançaste-me um epigrama, pensou. Pois aqui tens dois. Estamos quites, senhora.*)

— Se o senhor os desse a Saint-Gatien, eu lhe pediria que me deixasse oferecer à igreja molduras dignas do lugar e da obra. (*Quisera fazer-te confessar que cobiçavas os móveis de Birotteau, pensou.*)

— Não me pertencem — disse o padre, conservando-se em atitude de defesa.

— Mas aqui está — disse a sra. de Listomère, pondo a desistência sobre a mesa — uma declaração que extingue toda a discussão e os entrega à srta. Gamard. (*Repara, pensou, como tenho confiança em ti.*) — É digno do senhor — acrescentou —, digno de seu belo caráter, reconciliar dois cristãos, embora atualmente eu tenha pouco interesse pelo sr. Birotteau.

— Mas ele é seu pensionista — disse ele, interrompendo-a.

— Não, meu senhor. Não está mais em minha casa. (*O pariato de meu cunhado e o posto de meu sobrinho obrigam-me a cometer muitas infâmias, pensou.*)

O abade conservou-se impassível, mas sua atitude calma era um indício das mais violentas emoções. O sr. de Bourbonne fora o único a adivinhar o segredo dessa paz aparente. O padre triunfava!

— Por que foi, então, que a senhora se encarregou da desistência? — perguntou, excitado por um sentimento análogo ao que impele uma mulher a fazer com que lhe repitam os elogios.

— Não pude esquivar-me a um impulso de compaixão. Birotteau, cujo caráter débil o senhor conhece, suplicou-me que viesse visitar a

srta. Gamard, a fim de obter, pelo preço de sua renúncia a...

O abade franziu as sobrancelhas.

— ... a *direitos* reconhecidos por advogados ilustres, o retrato...

O padre fitou a sra. de Listomère.

— ... o retrato de Chapeloud — disse ela, continuando. — Deixo-o como juiz de sua pretensão... (*Serias condenado, se quisesses discutir*, pensou.)

A inflexão de voz tomada pela baronesa para pronunciar as palavras *advogados distintos* demonstrou ao padre que ela conhecia o forte e o fraco do inimigo. A sra. de Listomère revelou tamanho talento àquele emérito conhecedor, no curso da palestra que se manteve durante muito tempo nesse mesmo tom, que o abade desceu ao quarto da srta. Gamard para ir buscar a resposta à transação proposta.

Troubert voltou em seguida.

— Minha senhora, aqui estão as palavras da pobre moribunda: “O sr. padre Chapeloud *testemunhou-me demasiada amizade*”, disse ela, *para que eu me separe de seu retrato*. — Quanto a mim — continuou —, se ele me pertencesse, não o cederia a ninguém. Sempre nutri uma afeição tão constante pelo pobre falecido que me julgo no direito de disputar seu retrato com todo mundo.

— Meu senhor, não vamos brigar por causa dum mau quadro. (*Importo-me tão pouco com ele como tu mesmo*, pensou.) Fiquemos com ele. Mandaremos fazer uma cópia. Felicito-me por ter acabado com esse triste e deplorável processo, que, pessoalmente, me trouxe a vantagem de conhecê-lo. Ouvi falar em seu talento no uíste. Perdoe a curiosidade duma mulher — disse, sorrindo. — Se quiser vir jogar

algumas vezes em minha casa, pode ter certeza de que será bem recebido.

Troubert alisou o queixo. (*Apanhei-o! De Bourbonne tinha razão, pensou. Ele tem sua dose de vaidade.*)

Com efeito, o vigário experimentava naquele momento a deliciosa sensação contra a qual Mirabeau[302] não sabia defender-se quando, nos dias de seu poderio, via abrir-se diante de sua carruagem o portão dum palacete outrora fechado para ele.

— Minha senhora — respondeu —, tenho tanto trabalho que não posso frequentar a sociedade. Mas, para a senhora, que coisa a gente não faria? (*A solteirona vai estourar. Vou juntar-me aos Listomère e os servirei se me servirem, pensou. É preferível tê-los como amigos a tê-los como inimigos.*)

A sra. de Listomère voltou para casa certa de que o arcebispo consumaria uma obra de pacificação tão auspiciosamente começada. Birotteau, porém, não devia mesmo aproveitar sua desistência. A sra. de Listomère soube, no dia seguinte, da morte da srta. Gamard. Ao ser aberto o testamento da solteirona, ninguém se surpreendeu ao verificar que ela fizera o padre Troubert seu legatário universal. Sua fortuna foi avaliada em cem mil escudos. O vigário-geral enviou à casa da sra. de Listomère dois convites para a encomendação e o sepultamento, um para ela e outro para o sobrinho.

— Precisamos ir — disse ela.

— Sim. Isto não significa outra coisa — exclamou o sr. de Bourbonne. — É uma prova por meio da qual o sr. Troubert quer julgá-los. Barão, vá até o cemitério — acrescentou, voltando-se para o tenente da Marinha, que, por infelicidade, não havia saído de Tours.

A encomendação revestiu-se duma grande magnificência eclesiástica. Só uma pessoa chorou: Birotteau, que, sozinho numa capela separada, e sem ser visto, se julgou culpado da morte e orou sinceramente pela alma da defunta, lastimando amargamente não ter obtido dela o perdão para suas faltas.

O padre Toubert acompanhou o corpo da amiga até a cova onde ela devia ser enterrada. Ao chegar à beira da sepultura, pronunciou um discurso no qual, graças a seu talento, o quadro da vida mesquinha levada pela testadora assumiu proporções monumentais. Os presentes notaram as seguintes palavras, na peroração:

“Essa vida cheia de dias ganhos para Deus e para a sua religião, essa vida que vem de belos feitos silenciosos, de tantas virtudes modestas e ignoradas, foi despedaçada por um sofrimento que diríamos imerecido se, no limiar da eternidade, pudéssemos esquecer que todas as nossas aflições nos são enviadas por Deus. Os numerosos amigos desta santa moça sabiam que ela podia tudo suportar, exceto uma suspeita que maculasse sua vida inteira. Assim, é possível que a Providência a tenha levado para o seio de Deus para subtraí-la às nossas misérias. Felizes daqueles que podem repousar na terra em paz consigo mesmos, como Sofia repousa agora no meio dos bem-aventurados em seu manto de inocência!”

— Quando terminou o pomposo discurso — continuou o sr. de Bourbonne, que descreveu o enterro à sra. de Listomère quando, encerradas as partidas e fechadas as portas, ficaram a sós com o barão —, imagine, se for possível, esse Luís xi[303] de batina, fazendo a derradeira aspersion deste modo. — O sr. de Bourbonne fez o gesto de segurar o aspersório e tão bem imitou o gesto do padre Troubert que o barão e sua tia não puderam evitar de sorrir. — Só

então — continuou o velho proprietário — ele se desmentiu. Até então, sua atitude fora perfeita; foi-lhe porém impossível, sem dúvida, ao calafetar para sempre aquela solteirona a quem desprezava soberanamente e odiava talvez tanto quanto odiou a Chapeloud, não deixar transparecer sua alegria num gesto.

Na manhã seguinte, a srta. Salomon foi almoçar com a sra. de Listomère e, ao chegar, disse-lhe, muito comovida:

— Nosso pobre padre Birotteau recebeu agora mesmo um golpe horrível, que revela os mais preconcebidos intuitos do ódio. Foi nomeado cura de Saint-Symphorien.

Saint-Symphorien é um arrabalde de Tours, situado além da ponte. Essa ponte, um dos mais belos monumentos da arquitetura francesa, tem mil e novecentos pés de comprimento, e as duas praças que a arrematam em cada extremidade são absolutamente iguais.

— Compreende o que significa isso? — perguntou ela depois duma pausa, admirada da indiferença denotada pela sra. de Listomère ao receber a notícia. — O padre Birotteau ficará como se estivesse a cem léguas de Tours, de seus amigos, de tudo. Não será um exílio pavoroso, principalmente porque ele será arrancado duma cidade que seus olhos verão todos os dias e à qual quase não poderá vir? Ele que, depois do que tem sofrido, mal pode andar, será obrigado a caminhar uma légua para nos visitar. Agora mesmo, o coitado está na cama, com febre. O presbitério de Saint-Symphorien é frio, úmido, e a paróquia não tem meios suficientes para repará-lo. O pobre ancião, desse modo, ficará encerrado num venerável sepulcro. Que conspiração atroz!

Basta-nos agora, talvez, para completar esta história, narrar singelamente alguns episódios e esboçar um último quadro.

Cinco meses depois, o vigário-geral foi nomeado bispo. A sra. de Listomère morrera e no seu testamento deixara mil e quinhentos francos de renda para o padre Birotteau. No dia em que o testamento da baronesa foi aberto, monsenhor Jacinto, bispo de Troyes, estava pronto para deixar a cidade de Tours a fim de ir morar em sua diocese, mas adiou a partida. Furioso por ter sido enganado por uma mulher a quem dera a mão enquanto ela estendia secretamente a sua a um homem que ele considerava um inimigo, Troubert ameaçou novamente o futuro do barão e o pariato do marquês de Listomère. Pronunciou, em plena assembleia, no salão do arcebispo, uma dessas frases eclesiásticas ricas de vingança e cheias de melíflua mansuetude. O ambicioso marinheiro foi visitar esse padre implacável que, sem dúvida, lhe ditou duras condições, pois a conduta do barão revelou o mais completo devotamento às vontades do terrível congregacionista. O novo bispo doou, por um documento autêntico, a casa da srta. Gamard ao cabido da catedral, a biblioteca de Chapeloud ao pequeno seminário, e os dois quadros contestados à capela da Virgem. Conservou, porém, para ele, o retrato de Chapeloud. Ninguém compreendeu essa desistência quase total da herança da srta. Gamard. O sr. de Bourbonne supôs que o bispo conservava secretamente a parte líquida, a fim de assegurar condições de manter com dignidade sua posição em Paris se fosse conduzido ao banco dos bispos na Câmara Alta. Finalmente, na véspera da partida do monsenhor Troubert, o velho sabido acabou por descobrir o último cálculo que aquela ação ocultava, golpe de misericórdia dado pela mais persistente das vinganças à mais fraca das vítimas. O legado da sra. de Listomère a Birotteau foi embargado pelo barão de Listomère, sob pretexto de captação! Alguns dias após

a citação introdutiva de instância, o barão foi nomeado capitão da Marinha. Por medida disciplinar, o cura de Saint-Symphorien estava suspenso. Os superiores eclesiásticos julgaram antecipadamente o processo. O assassino de Sofia Gamard foi, assim, considerado um patife! Se monsenhor Troubert tivesse ficado com a herança da solteirona, teria sido difícil para ele censurar Birotteau.

Quando monsenhor Jacinto, bispo de Troyes, passava, em sege de posta ao longo do cais de Saint-Symphorien para dirigir-se a Paris, o pobre Birotteau havia sido colocado numa poltrona, ao sol, em cima dum terraço. O pobre padre, excomungado pelo arcebispo, estava pálido e magro. O pesar, impresso em todos os seus traços, alterava completamente aquela fisionomia outrora tão docemente alegre. A doença lançava sobre seus olhos, antes singelamente animados pelos prazeres dos bons pratos e destituídos de ideias graves, um véu que simulava um pensamento. Restava apenas o esqueleto do Birotteau que, um ano antes, andava sem cessar, vazio mas satisfeito, através do convento. O bispo lançou sobre sua vítima um olhar de desprezo e de compaixão. Depois, consentiu em esquecê-lo e passou.

Não há dúvida de que Troubert teria sido, em outros tempos, Hildebrando ou Alexandre vi.[\[304\]](#) Hoje em dia a Igreja não é mais uma potência política nem absorve mais as forças das criaturas solitárias. O celibato determina esse vício capital que, fazendo as qualidades do homem convergirem sobre uma única paixão, o egoísmo, torna os celibatários nocivos ou inúteis. Vivemos numa época em que o erro dos governos é ter feito menos a sociedade para o homem do que o homem para a sociedade. Existe um combate perpétuo entre o indivíduo e o sistema que quer explorá-lo e que ele trata de explorar em seu benefício; ao passo que antigamente o

homem, realmente mais livre, mostrava-se mais generoso para com a coisa pública. O círculo em cujo meio os homens se agitam alargou-se insensivelmente: a alma que puder abrangê-lo em conjunto nunca será mais que uma magnífica exceção; pois, habitualmente, em moral como em física, o movimento perde em intensidade o que ganha em amplitude. A sociedade não se deve basear sobre exceções. No início, o homem foi pura e simplesmente pai, e seu coração pulsou ardentemente, concentrado no círculo da família. Mais tarde, passou a viver por um clã ou por uma pequena república; daí as grandes abnegações históricas da Grécia ou de Roma. Depois, fez-se membro duma casta ou duma religião, por cujas grandezas se mostrou muitas vezes sublime. Aqui, porém, o âmbito de seus interesses foi acrescido de todas as regiões intelectuais. Atualmente, sua vida está ligada à de uma imensa pátria; dentro em breve, segundo dizem, sua família será constituída pelo mundo inteiro. Esse cosmopolitismo moral, esperança da Roma cristã, não será um sublime erro? É muito natural acreditar na realização duma nobre quimera, na fraternidade dos homens. Mas, ai, a máquina humana não tem proporções tão divinas assim! As almas suficientemente grandes para desposar uma sentimentalidade reservada aos grandes homens nunca serão as dos simples cidadãos nem as dos pais de família. Certos fisiologistas pensam que, quando o cérebro se dilata desse modo, o coração necessariamente se contrai. Erro! O egoísmo aparente dos homens que carregam no íntimo uma ciência, uma nação ou leis, não é a mais nobre das paixões e, de certo modo, a maternidade de massas? Para gerar povos novos ou produzir ideias novas, não devem eles unir em suas poderosas cabeças as mamas da mulher à força de Deus? A história dos Inocêncios iii dos Pedros-os-

Grandes[305] e de todos os condutores de século ou de nação comprovariam, se fosse necessário, numa ordem mais elevada, esse imenso pensamento que Troubert representava no seio do convento de Saint-Gatien.

Saint-Firmin, abril de 1832

[1] *Srta. Sophie Surville*: filha de Laure Surville, em solteira Laure Balzac, e sobrinha do romancista.

[2] *Ruban de queue*: longo trecho de estrada, que se estende a perder de vista.

[3] *Paulus Potter* (1625-1654): pintor holandês de paisagens e quadros de animais. *Hobbema*: Meindert Hobbema (1688-1709), famoso paisagista holandês.

[4] *Caliban*: personagem fantástica de *A tempestade*, de Shakespeare. Caliban é um monstro, personificação da força bruta, obrigada a obedecer a um poder superior, mas em constante revolta contra ele.

[5] *Gall*: Franz Joseph Gall (1758-1828), médico alemão, inventor da teoria das localizações cerebrais (frenologia), combatida pelos cientistas da época e definitivamente rejeitada depois, mas que Balzac aceitava e aplicava às personagens de seus romances. Ver também a nota 68.

[6] Os *calmucos* são um povo do Sul da Rússia. Provavelmente houve representantes desse povo no exército de ocupação que os Aliados mandaram à França em 1815.

[7] *Atlas*: personagem da mitologia, transformada na montanha desse nome por ter recusado hospitalidade a Perseu. O fato de ser muito elevada essa montanha levou os autores antigos a representarem Atlas sob forma humana, sustentando nos ombros o céu.

[8] *Reconhecer, como Sterne, o oculto poder dos nomes*. Segundo uma opinião atribuída ao pai de Tristram Shandy, exposta no capítulo xix do Primeiro Livro de *Vida e opiniões de Tristram Shandy*, famoso romance de Sterne, “a escolha dos nomes de batismo tem consequências bem maiores do que os espíritos superficiais imaginam... Quantos Césares, quantos Pompeus, pela mera inspiração desses nomes famosos, se tornaram dignos de usá-los! E quantas vezes se tem visto pessoas que se teriam distinguido no mundo, se seu caráter, se seu gênio não houvessem sido abatidos e aviltados sob um nome tão estúpido, por exemplo, como o de Nicodemo!”. Essa teoria, algo faceta em Sterne, é levada por Balzac inteiramente a sério, segundo mostra este trecho de *Z. Marcas*: “Não me atreveria a afirmar que os nomes não exercem nenhuma influência sobre o destino. Entre os fatos da vida e o nome das pessoas existem secretas e inexplicáveis concordâncias

que surpreendem: frequentemente se revelam neles correlações longínquas, mas eficazes”. Veja-se também o último parágrafo da p. 58 deste volume.

[9]*Gâtinais*: antiga região da França que compreende a maior parte dos atuais departamentos de Seine-et-Marne e Loiret.

[10]*Polignac*: príncipe Jules Armand de Polignac (1780-1847), ministro das Relações Exteriores e presidente do Conselho no fim do reino de Carlos x. Foi ele que assinou as famosas “Ordenanças de Julho” que em 1830 causaram a queda deste último.

[11]*Os Guise*: família da alta aristocracia que desempenhou grande papel na história francesa dos séculos xvi e xvii.

[12]*Mefistófeles*: uma das formas do diabo, aparece no *Fausto* de Goethe como o espírito da negação.

[13]*Ariadne*: personagem mitológica, filha do rei Minos. Foi ela quem deu a Teseu o fio de que ele se serviu para sair do Labirinto. O herói, porém, mostrou-se ingrato com a sua salvadora, a quem abandonou pouco tempo depois.

[14]A família *D’Aiglemont* protagoniza *A mulher de trinta anos*. O marquês do Rouvre, amante da atriz Florina, já apareceu em *A falsa amante*.

[15] *Aîné*: “primogênito” ou “mais velho”.

[16] *O padre Anselme*: padre Anselme de Saint-Marie, no século Pierre de Guibourg (1625-1694), capuchinho, autor de uma *História genealógica e cronológica da Casa de França*.

[17] *Dupont de Nemours*: Pierre Samuel Dupont de Nemours (1638-1709), economista, discípulo e colaborador de Turgot; autor, entre outras obras, de uma *Filosofia do universo*.

[18] *Padre Morellet*: André Morellet (1727-1819), economista francês; embora sacerdote católico, era amigo de Voltaire e colaborou na *Enciclopédia* (ver nota 19). *Mords-les* significa “morde-os”. (O trocadilho é intraduzível.)

[19] *Os enciclopedistas*: costuma-se designar por este nome Diderot e D’Alembert, diretores da *Enciclopédia* ou *Dicionário arrazoado das ciências, das artes e das profissões*, e seus colaboradores, entre os quais Voltaire, Montesquieu e Rousseau. Esse empreendimento monumental, em dezessete volumes, cuja publicação terminou em 1765 após inúmeras dificuldades, foi uma importante obra científica e, ao mesmo tempo, uma arma nas mãos desses reformadores da sociedade e dos costumes.

[20] *Bordeu*: Théophile de Bordeu (1722-1776), famoso médico francês, autor de várias obras especializadas (*Pesquisas sobre as glândulas*, *Pesquisas sobre o pulso*), objeto de violentas polêmicas. Por suas teorias sofreu perseguições da Faculdade de Medicina de Paris.

[21] *Diderot*: Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor que se tornou famoso sobretudo pela direção da *Enciclopédia*, cuja ideia partiu dele. Ateu, não admite a necessidade de um ser supremo nem para sancionar uma moral. Proclama que o homem deve obedecer somente à natureza, e reconduz a moral à fisiologia.

[22] *D’Alembert*: Jean Le Rond d’Alembert (1717-1788), cientista francês, autor, entre outras obras, de um *Tratado de dinâmica* que produziu verdadeira revolução na ciência do movimento. Um dos fundadores da *Enciclopédia*, de que escreveu o “Discurso preliminar” e muitos artigos, onde se revela sua fé no progresso do espírito humano ao mesmo tempo que uma filosofia cética.

[23] *Helvétius*: Claude Adrien Helvétius (1715-1771), autor do livro *Do espírito* (1758), que levantou os protestos do Parlamento da Universidade e da Igreja, e foi condenado. Nele o filósofo ensina o materialismo em metafísica e o egoísmo em moral, e não admite outra diferença entre o homem e o animal senão a da conformação dos órgãos. Os indivíduos nascem todos iguais: só a educação os distingue e os separa.

[24] *Barão de Holbach*: Paul-Henri-Dietrich, barão de Holbach (1723-1789), filósofo, um dos inimigos mais ferrenhos da religião. Em seu *Sistema da natureza*, dá uma síntese materialista e mecânica do mundo. O espírito e a matéria são uma única e mesma coisa; só existe a matéria e o movimento que lhe é inerente. O mundo é regido por um determinismo absoluto. Todas as religiões são nocivas; o sacerdote deve ser substituído pelo médico.

[25]*Grimm*: barão Friedrich Melchior von Grimm (1723-1807), escritor e crítico alemão, cuja obra é toda escrita em francês; colaborador e amigo de Diderot, Voltaire, Rousseau, autor de famosa correspondência literária em que se revela seu espírito cáustico, cético e brilhante.

[26]*Rouelle*: nome de dois irmãos, Guillaume-François (1703-1770), e Hilaire-Martin (1718-1779), ambos conhecidos professores de química, autores, respectivamente, de um *Quadro de análise química* e de um *Curso completo de química*.

[27]*A nova Heloísa*: famoso romance de Jean-Jacques Rousseau (1761), considerado na época uma exaltação ousada da paixão amorosa, e que exerceu grande influência.

[28] Realmente houve esse concurso organizado pela Sociedade Real das Artes e Ciências em 1784; o prêmio foi dividido entre *Robespierre* e um outro concorrente, Lacretelle. Mais um exemplo de como Balzac faz intervir suas personagens imaginárias em acontecimentos reais.

[29]*A sra. Roland*, em solteira Manon Phlipon (1754-1793), esposa do ministro do Interior no governo de 1792, mantinha um famoso salão frequentado sobretudo pelos girondinos e que exercia grande influência política até que o ódio dos jacobinos acabou com a Gironda, levando-a ao cadafalso entre muitas outras vítimas.

[30]*O mesmerismo*, doutrina do médico alemão Friedrich-Anton Mesmer (1733-1815), à qual Balzac fará mais adiante numerosas referências, é uma tentativa de sistematização dos fenômenos hipnóticos, baseada na hipótese da existência de um agente universal ou fluido magnético que se pode acumular e transmitir, e graças ao qual, no homem, podem ser curadas de imediato as doenças nervosas e indiretamente as outras doenças. Para tal fim, Mesmer recorria às apalpações e aos passes nos hipocôndrios e nas regiões ovarianas. Quando sua fama chegou ao máximo, não pôde mais magnetizar individualmente seus doentes: foi então que inventou a célebre selha em volta da qual dez a quinze pacientes aguardavam a cura de seus males. A doutrina de Mesmer teve uma enorme voga até que foi condenada por uma comissão de cientistas e definitivamente desacreditada por uma multidão de “discípulos”. O inventor do magnetismo animal abandonou a França, dono de considerável riqueza. Embora seus métodos lembrassem bastante os de um charlatão, suas teorias se anteciparam em mais de um ponto a ulteriores descobertas da ciência no que diz respeito à histeria, ao sonambulismo e ao hipnotismo.

[31]*La Harpe*: Jean-François de La Harpe (1739-1803), crítico e autor teatral, autor de um conhecido *Curso de literatura*. De início mostrou-se favorável às ideias dos enciclopedistas. Detido durante a Revolução, saiu da prisão convertido ao catolicismo.

[32]*Lebrun-Píndaro*: Ponce Denis Écouchard Lebrun (1729-1807), poeta francês superestimado pelos contemporâneos, que lhe deram o sobrenome de Píndaro,

conservado ironicamente pela posteridade. Autor de poesias frias e convencionais, foi partidário ardoroso da Revolução.

[33] *Marie-Joseph Chénier* (1764-1811), político e dramaturgo francês, irmão de André Chénier. Antirreligioso, compôs hinos para as festas ateístas em homenagem à Razão. Falsamente acusado por seus inimigos de cumplicidade na morte do irmão, que foi executado pelo Terror.

[34] *Morellet*: ver a nota 18.

[35] A sra. *Helvétius*, em solteira Anne Catherine de Ligniville d'Autricourt (1719-1800), era uma mulher famosa por sua beleza e seu espírito; depois da morte do marido, retirou-se para sua casa de Auteuil, onde recebia os escritores e cientistas mais famosos da época.

[36] *Geoffroy*: Julien Louis Geoffroy (1743-1814), crítico literário e teatral da *Année Littéraire* e, mais tarde, do *Journal des Débats*; inimigo figadal de Voltaire, contra quem escreveu milhares de artigos.

[37] *Fréron*: Élie Fréron (1719-1776), fundador e crítico literário da *Année Littéraire*. Foi adversário de Voltaire, que o fez alvo de vários de seus epigramas mais cruéis.

[38] *Larrey*: o barão Jean-Dominique Larrey (1766-1842), cirurgião-chefe do grande exército de Napoleão; célebre por sua abnegação e caridade.

[39] *Fontanes*: Louis de Fontanes (1757-1821), político e literato. “Grão-mestre” da Universidade sob Napoleão.

[40] *Fénelon*, o autor das *Aventuras de Telêmaco*, ficou também famoso pela solicitude com que tratou dos casos de sua diocese de Cambrai.

[41] *Gobseck*: personagem balzaquiana, usurário famoso que já encontramos na novela que lhe ostenta o nome (no volume 3 desta edição).

[42] *Pronunciar seu In manus*: encomendar a alma a Deus antes de morrer. Alusão à exclamação de Jesus moribundo, reproduzida assim na Vulgata: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum* (Entrego minha alma, ó Senhor, em tuas mãos).

[43] *Carlos xii*: rei da Suécia (1682-1712), o grande inimigo dos russos; sua vida movimentada foi contada por Voltaire na *História de Carlos xii*.

[44] Achamos interessante citar, a respeito do segredo do sr. de Jordy, um trecho da biografia de Balzac por sua irmã, a sra. Laure Surville. “Um dos amigos do dr. Minoret, em *Úrsula Mirouët*, excitava a nossa curiosidade. Meu irmão não disse nada a respeito de sua vida, mas tudo leva a crer que ele passou por grandes infortúnios. Pedimos-lhe esclarecimentos. ‘Não conheci o sr. de Jordy’, respondeu ele, ‘antes de sua chegada a Nemours.’”

[45] *Solicitador* (em francês *avoué*): na França, profissional de formação inferior à do advogado e que só advoga em juízo em casos determinados.

[46] *O famoso solicitador Derville*: personagem balzaquiana que se estabeleceu com a ajuda de Gobseck e foi procurador, entre outros, do coronel Chabert.

[47] *Cura Meslier* ou, mais exatamente, *O bom senso do cura Meslier encontrado na natureza ou Ideias naturais opostas às ideias sobrenaturais* (1792): obra do

barão de Holbach. O padre Jean Meslier (1677-1733) tornou-se famoso pelo seu testamento, em que se proclamava incrédulo.

[48]*General Foy*: Maximilien Sébastien Foy (1775-1825), general de Napoleão, deputado à Câmara durante a Restauração. Em seus discursos, defendia com ardor as ideias liberais.

[49]*Barbé-Marbois*: marquês François de Barbé-Marbois (1745-1837), diplomata e político francês, ministro da Justiça e presidente do Tribunal de Contas no período da Restauração.

[50]*Boissy d'Anglas*: conde François-Antoine de Boissy d'Anglas (1756-1826), político francês protestante, membro da Convenção, defensor da igualdade de todas as religiões.

[51]*À la Berthe*: espécie de penteado com dois bandós chatos e os cabelos divididos sobre a testa. (Alusão à rainha Berta, mãe de Carlos Magno.)

[52]*Sra. Lebrun*: em solteira Elisabeth-Louise Vigée (1755-1842), conhecida sob o nome de sra. Vigée-Lebrun, famosa pintora francesa, discípula de Greuze e Vernet, retratista da alta sociedade de seu tempo.

[53]*Florina*: personagem de *A comédia humana*, famosa atriz que já encontramos em *Uma filha de Eva* (volume 2 desta edição).

[54]*Kenilworth*: nesse romance de Walter Scott, o traidor Varney, para livrar-se da virtuosa Amy Robsart, fá-la morrer de morte terrível, preparando-lhe à porta do quarto uma armadilha, em que ela se precipita.

[55]*O berlinense Hoffmann*: na realidade o königsberguense Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1766-1822), um dos mestres do romantismo alemão, cujos contos fantásticos e lúgubres exerceram manifesta influência sobre os *Estudos filosóficos* de Balzac.

[56]*Nova Heloísa*: romance de Jean-Jacques Rousseau. Ver a nota 27.

[57] O gamão joga-se com pedras e dados num tabuleiro.

[58]*Um velho alemão chamado Schmucke*: personagem balzaquiana, já encontrada em *Uma filha de Eva* (volume 2) e que ainda desempenhará papel importante em *O primo Pons*.

[59]*Cada nota é a primeira sílaba dos sete primeiros versos do hino a São João*: na realidade, são as seis primeiras notas que correspondem, desde o século xii, à primeira sílaba dos seis primeiros hemistíquios do hino de Paulo Diácono a São João:

UT [dó] *queant laxis/ REsonare fibris/*

MIra gestorum/ FAmuli tuorum/

SOLve polluti/ LAbii reatum,/

Sancte Iohannes [si].

[60]*Gluck*: Cristoph Willibald Gluck (1714-1787), compositor alemão que executou uma reforma no gênero ópera, transformando-o num drama cheio de paixão e emoção. Suas óperas representadas em Paris — *Ifigênia em Aulide*, *Orfeu* e *Alceste* — provocaram a hostilidade dos partidários de Niccolò Piccinni (1728-1800), autor

de óperas conformes à tradição italiana, e deram ensejo a veemente discussão em que se empenharam os críticos musicais mais famosos da época.

[61]*Hahnemann*: Samuel Christian Friedrich Hahnemann, médico alemão (1755-1843), fundador da homeopatia, método terapêutico que consiste em administrar remédios capazes de produzir no organismo os efeitos parecidos aos da doença que se quer curar.

[62]*Galileu*, em 1633 (portanto no século xvii, e não no xvi), na idade de setenta anos, teve de abjurar de joelhos, perante o tribunal da Inquisição, as “heresias” de seu livro *Quatro diálogos sobre os dois máximos sistemas do mundo, o de Ptolomeu e o de Copérnico*, em que, no ano anterior, sustentara a verdade do sistema cósmico de Copérnico (duplo movimento dos astros sobre si mesmos e em redor do Sol).

[63]*Os discípulos de Jean-Jacques e de Voltaire, de Locke e de Condillac*: Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) proclamava uma espécie de cristianismo evangélico, liberto de dogmas; a base de seu sistema filosófico e social era a sua fé absoluta na excelência da natureza. — *Voltaire* (1694-1778) deriva toda a sua filosofia da moral social; para ele, o verdadeiro culto consiste na prática da virtude. — *John Locke* (1632-1704), filósofo inglês, é autor de *Ensaio sobre o entendimento humano*, em que o espírito do homem é apresentado, de início, como tábula rasa, sem conhecimentos inatos; todas as ideias provêm da fonte dupla da sensação e da reflexão. — O discípulo francês de Locke, *Étienne Bonnet de Condillac* (1715-1780), autor de *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos e tratado das sensações*, acaba por admitir apenas uma única fonte do conhecimento: a sensação.

[64]*O conselheiro Carré de Montgeron* (1686-1754), autor da obra *Verdade dos milagres do diácono Pâris*. Nessa obra, o conselheiro, que se convertera depois de uma mocidade dissoluta, procurava estabelecer a autenticidade dos “milagres” verificados no cemitério de São Medardo, em Paris, sobre o túmulo do diácono Pâris, espécie de asceta jansenista, os quais provocaram o movimento “convulsionário”, exibição de uma seita de fanáticos que vinham entregar-se a convulsões e torturas.

[65]*Eneida*: epopeia de Virgílio, obra-prima da literatura romana.

[66]*A ideia de unidade*: trata-se da teoria da unidade de plano e de composição orgânica, com que Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) procurou mostrar que na criação dos animais a natureza trabalhou constantemente segundo um “plano” essencialmente idêntico, embora variadíssimo nos seus pormenores e graças ao qual pôde seguir e reconhecer um mesmo órgão através de suas mil transformações.

[67]*De Puységur*: Armand-Marc-Jacques de Chastenet. Marquês de Puységur (1751-1825), discípulo de Mesmer, autor do livro *Do magnetismo animal considerado em suas relações com os diversos ramos da física geral*. Foi ele quem descobriu a existência do sonambulismo provocado e, verificando a obediência dos indivíduos adormecidos às ordens do magnetizador, levantou a ideia da sugestão

mental. — *Deleuze*: Joseph-Philippe-François Deleuze (1753-1835), naturalista bibliotecário do Museu Nacional de História Natural francês, autor de uma *História crítica do magnetismo animal*.

[68] A *frenologia* é a doutrina, desenvolvida por Gall, de acordo com a qual as faculdades e os instintos teriam sua sede em pontos determinados do encéfalo, de forma que se lhes poderia determinar a existência e o desenvolvimento no indivíduo vivo segundo as saliências correspondentes do crânio. — A *fisiognomonía* é a arte, cultivada desde a Antiguidade e renovada por Lavater, de conhecer o homem pela interpretação de sua fisionomia, estudando-se um por um os “sinais” do rosto. Balzac aplicava amplamente nos retratos de suas personagens os ensinamentos dessas duas “ciências”.

[69] *As aparições do agricultor Martin*: alusão a um caso célebre do começo do século xix. Por volta de 1816, um camponês de Gallardon, de nome Martin, pretendeu ter recebido mensagens misteriosas para o rei Luís xviii. Após haver sido aprisionado num hospício, conseguiu obter uma audiência do rei, depois da qual foi posto em liberdade.

[70] *Swedenborg*: Emmanuel Swedenborg (1688-1772), cientista sueco, autor de importantes obras de filosofia e ciência, entre as quais a *Economia do reino animal* (1741). Em 1743, durante uma estada em Londres, teve suas primeiras visões. Desde então enveredou totalmente pela teosofia, declarando-se em comunicação com os espíritos e explicando seu sistema filosófico em vários livros volumosos, como os *Arcanos celestiais* (1749-1757), *Do céu e do inferno* (1758). Leitura preferida da mãe de Balzac, essas obras místicas exerceram influência considerável sobre o romancista, como se verá em *Seráfita* (volume 17 desta edição).

[71] *Comus*: pseudônimo do famoso prestidigitador Nicolas-Philippe Ledru (1731-1807). Entre suas exibições mais admiráveis, cita-se a do “copo de vinho”, cujo conteúdo, derramado sobre os espectadores, se transformava em pétalas de rosa.

[72] *Comte*: Louis Comte (1783-1859), conhecido prestidigitador e ventríloquo; seus truques mais sensacionais fornecem o assunto de um livro publicado em 1816: *Viagens e cenas anedóticas do sr. Comte*.

[73] *Bosco*: Bartolomeo Bosco (1793-1863), famoso prestidigitador; seu truque mais célebre foi a reprodução, em Nápoles, do milagre de San Gennaro (ebulição do sangue em presença dos fiéis).

[74] *Assomption*: nome de uma igreja e de um bairro de Paris.

[75] *Altivo sicambro*: alusão às palavras com que São Remi batizou Clóvis, rei dos francos (465-511), a quem, segundo a tradição, teria dito: “Curva a cabeça, altivo sicambro, adora o que queimaste, queima o que adoraste”. (Os sicambros eram uma das tribos francas da Germânia.)

[76] Cama grande com baldaquim e cortinas, suportados por quatro colunas.

[77] *História das variações* (1688) é uma das principais obras de Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704). Nesse livro de polêmica o autor demonstra que o vício

fundamental das religiões protestantes é o individualismo, fonte de variações múltiplas. — *Bonald*: visconde Louis-Gabriel-Ambroise de Bonald (1754-1840), filósofo católico e político absolutista, inimigo da liberdade de imprensa, do divórcio etc.; autor, entre outras obras, de *Demonstração filosófica do princípio constitutivo das sociedades*. Balzac era um grande admirador de Bonald, cujas teorias muitas vezes cita e adota.

[78]*Saint-Martin*: Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803), chamado o Filósofo Desconhecido, teósofo iluminista, autor de *Quadro natural das relações entre Deus, o homem e o universo* (1782), do *Homem de desejo* (1790) e do poema alegórico *O crocodilo* (1794). É considerado o anunciador e precursor da volta do século XIX ao espiritualismo.

[79]*Cardano*: Girolamo Cardano (1501-1576), cientista italiano que ligou seu nome a valiosos trabalhos no terreno da matemática; tornou-se famoso, por outro lado, como astrólogo (foi ele que fez um horóscopo de Jesus Cristo) e como autor de uma autobiografia de uma sinceridade cruel. Cardano afirmava receber constantes comunicações de seu demônio familiar como também de seu anjo da guarda. Suicidou-se, reza a tradição, no dia em que devia morrer, segundo o horóscopo que fizera para si mesmo.

[80]*Plotino*: filósofo neoplatônico (século III), autor das *Eneadas*, tentativa de fusão dos sistemas filosóficos do mundo antigo com elementos que, evidentemente, tomara emprestados à doutrina cristã. Em Roma, aonde veio abrir uma escola de filosofia, seu misticismo semiorientado exerceu influência enorme. Segundo seu biógrafo Porfírio, Plotino teve diversas vezes durante a sua existência a visão do deus supremo.

[81]*O bem-aventurado Maria-Afonso de Liguori*: missionário, bispo e fundador de uma ordem (1696-1787). Beatificado em 1816, canonizado em 1839.

[82]*Néère*, de André Chénier: nessa elegia, incluída entre as *Bucólicas* de Chénier, a moribunda Néère se despede do amante em palavras algo parecidas com as do dr. Minoret.

[83]*Veni, Creator*: “Vem, Criador”, primeiras palavras de um hino medieval, incluído no Breviário e que se costuma cantar por ocasião de atos solenes, como ordenações ou coroações.

[84]*O sr. Josse* é uma personagem da comédia-bailado de Molière, *O amor médico*. Consultado por seu compadre Sganarelle sobre a maneira de acabar com a tristeza da filha, aconselha-lhe prontamente que a presenteasse com joias. Sganarelle acha o conselho admirável, mas um pouco interessado: “O senhor é joalheiro, sr. Josse, e no seu parecer sente-se o homem desejoso de desfazer-se de sua mercadoria”.

[85]*O sr. do Rouvre*: pai da condessa Clementina Laginska; levou uma vida dissipada, gastando parte de sua fortuna com a linda atriz Florina (ver *A falsa amante*, no volume 2 desta edição).

[86]*Sainte-Pélagie*: antiga prisão de Paris — na Rue de la Clef, nº 14 —, a qual, na época de Balzac, tinha uma seção para devedores insolventes.

[87]*Uma Kergarouët*: parenta, portanto, do vice-almirante deste nome, já conhecido de *O baile de Sceaux*. Ver mais adiante a nota 90.

[88]*Latour*: Maurice Quentin de Latour (1704-1788), famoso pastelista francês.

[89]*O almirante Portenduère etc.*: segundo seu costume, Balzac mistura aqui personagens inventadas por ele (Portenduère, Kergarouët e Simeuse) e personagens reais, como o bailio de Suffren (1726-1788) e Luc Urbain de Guichen (1712-1790), que se distinguiram combatendo os ingleses respectivamente nas Índias e na América.

[90]*O vice-almirante de Kergarouët* desposara a sobrinha; a história desse casamento constitui o assunto de *O baile de Sceaux* (ver volume 1 desta edição).

[91]*O conde de Portenduère* não aparece em nenhum outro romance de *A comédia humana*.

[92]*A lei Villèle*: trata-se da lei promulgada em 27 de abril de 1825, cujo objetivo era a indenização dos nobres que emigraram durante a Revolução Francesa e perderam seus bens imobiliários. A indenização foi paga por meio de obrigações de renda de três por cento.

[93]*Uma srta. d'Aiglemont*: uma das três filhas do marquês Vitor d'Aiglemont, personagem de *A comédia humana*.

[94]*Helena d'Aiglemont*: sua história foi contada em *A mulher de trinta anos* (volume 3 desta edição).

[95]*Sra. de Sérisy*: personagem balzaquiana, já encontrada em vários romances. Seu casamento infeliz com o conde de Sérisy foi objeto de comentários maliciosos, numa viagem de diligência de Paris a Presles, aos quais o conde teve de assistir involuntariamente (*Uma estreia na vida*). Seu irmão, o marquês de Ronquerolles, desempenhará papel importante na *História dos Treze*.

[96]*Rastignac*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, a cuja estreia assistimos em *O pai Goriot*.

[97]*Luciano de Rubempré*: personagem central de *Ilusões perdidas* e de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

[98]*Máximo de Trailles*: personagem balzaquiana. Sua ligação com a condessa de Restaud foi contada em *Gobseck* e em *O pai Goriot*.

[99]*Emílio Blondet*: uma das figuras relevantes da boêmia balzaquiana. Foi ele quem deu, em *Outro estudo de mulher*, a definição da “femme comme il faut”.

[100]*De Marsay*: uma das personagens principais de *A comédia humana*. Foi ele quem, em *O contrato de casamento*, aconselhou tão bem a Paulo de Manerville — e tão inutilmente, pois este só muito tarde se lembrou de consultá-lo.

[101]*Finot*: personagem balzaquiana. Assistiu ao banquete oferecido por Jorge Marest e à subsequente orgia em casa de Florina (*Uma estreia na vida*).

[102]*Le monde vend très cher ce qu'on pense qu'il donne*: “O mundo vende caro o que se pensa que ele dá”. O verso de La Fontaine (em *Filemon e Baucis*) é este: *Que la Fortune vend ce qu'on croit qu'elle donne* (“Que a fortuna vende o que se pensa que ela dá”).

[103] *Nous avons vu tomber de plus illustres têtes*: “Vimos cair cabeças mais ilustres”.

[104] *Ele viveu o que vivem os foguetes*: a história de sua ligação com a duquesa de Maufrigneuse e de sua ruína será contada em *O gabinete das antiguidades*.

[105] *País da Ternura*: isto é, as regiões do amor. A expressão *Pays du Tendre* provém do romance heróico-precioso *Clélia*, de Madeleine de Scudéry, que se deu o trabalho de ilustrar a edição desse seu livro com um mapa daquele país, figurando as fases do amor por acidentes geográficos (Lago da Indiferença, Mar da Amizade etc.).

[106] *Des Lupeaulx*: político hábil e inescrupuloso, inventado por Balzac, desempenhará papéis em *Os funcionários*, *A musa do departamento* etc.

[107] *Gobseck*, *Gigonnet* e *Palma*: três usurários do mundo balzaquiano. Gobseck comprou as joias da condessa de Restaud (*Gobseck*); Gigonnet comprou a Luigi Porta todo o soldo atrasado deste (*A vendeta*); Palma será encontrado em *César Birotteau*.

[108] *A palavra do padre* em *As castanhas do fogo*: o padre Aníbal, personagem de *As castanhas do fogo*, pequena peça de Alfred de Musset, enquanto janta com seu rival Rafael, o qual, embriagado, lhe conta a história de seu amor feliz, limita-se a responder-lhe com esta única palavra: “Triste”.

[109] *Lady Dudley*: uma das grandes namoradas da alta sociedade balzaquiana. Foi ela que fez morrer de desgosto sua rival, lady Brandon (*O Romeiral*).

[110] *Baden*: antigo estado alemão, à margem direita do Reno.

[111] Os versos de *Catulo* são os seguintes: “*Ut flos in saeptis secretus nascitur hortis/ Ignotus pecori, nullo convolsus aratro. / Quem mulcent aurae, firmat sol, educat imber...*”. Em português: “Como a flor secreta que nasce num jardim fechado, desconhecida do gado e respeitada pela charrua, acariciada pela brisa, fortalecida pelo sol, nutrida pela chuva...”. Poesia nº lxii (*Canto nupcial*).

[112] *Sr. de Malesherbes*: personagem real. Chrétien Guillaume de Lamoignon de Malesherbes (1721-1794) foi ministro de Luís xvi, defendeu o rei perante a Convenção e morreu na forca.

[113] *Conde de Buffon*: o famoso naturalista Georges-Louis Leclerc de Buffon (1707-1788), autor da monumental *História natural*.

[114] *Belle-Poule*: fragata francesa que, comandada por Château de la Clocherie, foi atacada inesperadamente pela fragata inglesa *Arethuse* perto de Brest, em 1778. Depois de combate rude, o navio francês repeliu o ataque.

[115] *A questão surgida entre a imprensa e a Corte* vai efetivamente provocar, em 1830, a Revolução de Julho e, em seguida, a deposição de Carlos x e de seu gabinete, autores de restrições à liberdade de imprensa.

[116] *Luís xiv quase desposou a sobrinha de Mazarin*: essa sobrinha foi Maria Mancini (1640-1715); o casamento gorou em virtude da oposição do próprio Mazarin. Em seguida, ela casou com o príncipe Colonna, vice-rei de Aragão, com quem levou uma vida conjugal das mais tempestuosas.

[117] *A viúva de Scarron*: Françoise D'Aubigné, mais tarde sra. de Maintenon, que se fez desposar por Luís XIV.

[118] *Após ter confiado a direção dos negócios públicos ao príncipe de Polignac*: Carlos X nomeou o príncipe de Polignac seu primeiro-ministro em 17 de novembro de 1829.

[119] *Hérolde*: Louis-Joseph-Ferdinand Hérold (1791-1832), compositor de óperas-bufas, a mais famosa das quais era *Zampa*.

[120] *A Câmara de 1830* votou uma resolução hostil ao gabinete conservador de Polignac, o que motivou sua prorrogação e, depois, sua dissolução. As novas eleições não conseguiram modificar as disposições da Câmara, que Carlos X, confiando na repercussão da vitória do Corpo Expedicionário Francês em Argel, resolveu suprimir definitivamente. Foi o que fez por meio das famosas Ordenanças de Julho; estas, porém, desencadearam uma revolução.

[121] *Carlos X partia de Rambouillet para Cherbourg* depois da luta de três dias (27 a 29 de julho de 1830), em que suas tropas foram derrotadas pelos revolucionários. Em Cherburgo o rei embarcou para a Inglaterra e nunca mais voltou à França.

[122] A hilaridade geral provém do fato de a sra. Crémère ter cometido um trocadilho involuntário: ela diz "*Abondance de chiens (cães) ne nuit pas*", em vez do conhecido provérbio "*Abondance de biens (bens) ne nuit pas*".

[123] *Já fazia três anos que a velha fidalga lhe devia*: aqui Balzac parece ter se enganado. A dívida fora contraída pela sra. de Portenduère havia um ano apenas.

[124] *Basílio*: personagem do *Barbeiro de Sevilha* de Beaumarchais, tipo do hipócrita complacente e cúvido. Segundo afirma, "nos casos difíceis de ser julgados, uma bolsa de ouro me parece um argumento sem réplica".

[125] Segundo Madeleine Ambrière-Fargeaud, douta comentadora deste romance na edição da Pléiade de 1976, Balzac teria atribuído aqui erradamente ao *cardeal Ximenez* (1436-1517) um episódio acontecido ao cardeal Mazarin (1602-1661). Este, à morte por causa de um abscesso na garganta, teve de assistir ao saque de sua casa pelos criados. O macaco do prelado, querendo arremedá-los, fez tais contorções e trejeitos que fizeram rir o dono, o que rompeu o abscesso e restituiu a saúde ao cardeal.

[126] *Ester*: trata-se de Ester Gobseck, personagem de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

[127] Alusão a estes dois versos da fábula *Leão enamorado*: *Amour, amour, quand tu nous tiens,/ On peut bien dire: "Adieu, prudence!"* (Amor, amor, quando nos seguras,/ Bem que se pode dizer: "Adeus prudência!").

[128] *Acaba de perder seu filho único na campanha de Argel*: o caso é contado em *Uma estreia na vida*.

[129] *Jean-Paul*: Jean-Paul Richter (1763-1825), escritor alemão. O trecho em apreço é intitulado "O sonho". O autor sonha estar num cemitério e vê os mortos saírem de seus túmulos e perguntarem ao Cristo: "Não há Deus?". E ele responde:

“Não há”. Depois do que as sombras se põem a tremer e desaparecem. Aparecem, em seguida, as crianças mortas, que vêm perguntar ao Cristo: “Jesus, não temos pai?”. E ele responde, desfeito em lágrimas: “Todos somos órfãos”. Balzac deve ter lido a tradução desse trecho no livro de Mme. de Staël *Da Alemanha*, parte ii, cap. xxviii.

[130] *Garrafa de Leyde*: aparelho condensador de eletricidade, formado de um frasco de vidro revestido exteriormente por uma folha de estanho e cheia de folhas metálicas, com rolha atravessada por uma haste metálica terminada em botão. A primeira garrafa de Leyde foi construída em 1746 por três sábios holandeses.

[131] *José Bridau*: pintor, personagem de *A comédia humana*, já encontrado em *Uma estreia na vida*. É interessante observar que, numa das edições anteriores, em vez de seu nome se lê nesse trecho o nome de Delacroix — o qual, realmente, tem um quadro intitulado *O aparecimento de Mefistófeles a Fausto*. Em vários outros casos, como neste, o estudo e a comparação das variantes das edições sucessivas dos romances de Balzac esclarecem-nos sobre os modelos reais do romancista.

[132] *Um rico polonês*: o conde Adão de Laginski, já nosso conhecido de *Uma filha de Eva*.

[133] *Clarissa Harlowe*: protagonista do romance de mesmo nome, do inglês Richardson; violada pelo devasso Lovelace, morreu de desgosto.

[134] *Importo-me tanto com Úrsula como com o ano 1840*: isto é, não me importo com ela absolutamente. A locução popular francesa alude à crença segundo a qual o ano de 1840 devia marcar o fim do mundo.

[135] *Contempla-se, sem oferecer-lhe auxílio, um grande homem que luta contra a sorte*: é impossível não reconhecer nessa reflexão uma reminiscência amarga dos começos do próprio escritor, que, depois de sua falência como homem de negócios, se viu abandonado de todos. (Ver “A vida de Balzac”, no volume 1 desta edição.)

[136] *O famoso duque de Montmorency*: Henrique ii, duque de Montmorency (1595-1632), executado por haver tomado parte na conspiração do duque de Orléans contra Richelieu.

[137] *Cardano*: ver a nota 79.

[138] *In fiocchi* (expressão italiana): em trajes de gala.

[139] *O dr. Blanche*: personagem real. O dr. Esprit Blanche (1796-1852), médico alienista, abriu em Paris, em 1821, uma casa de saúde para doentes mentais, que em pouco tempo se tornou famosa.

[140] *Condessa de l’Estorade*: uma das protagonistas de *Memórias de duas jovens esposas*.

[141] *Chenille ouvrière*: trocadilho francês, intraduzível em nossa língua. Na expressão figurada *cheville ouvrière* (“a pessoa mais importante de um negócio”), a ignorância da sra. Crémère substitui a palavra *cheville* (“cavilha”) por *chenille* (“lagarta”).

[142] *Yeux de sphinx*: outro involuntário trocadilho da sra. Crémère; ela substituiu *yeux de lynx* (“olhos de lince”) por *yeux de sphinx* (“olhos de esfinge”).

[143] *O cura de Saint-Lange*, a quem Balzac não deu nome, aparece na segunda parte de *A mulher de trinta anos*.

[144] Provavelmente Maria de Fresnay, moça de 24 anos, casada com um homem vinte anos mais velho do que ela; amante secreta de Balzac, em fins de 1833, esperava um filho deste. O romancista teria moldado Eugênia Grandet nessa mulher que lhe dissera: “Ama-me um ano, eu te amarei toda a vida”.

[145] *Coligado*: membro da Liga fundada em 1576 pelo duque de Guise aparentemente para defender a religião católica, mas na realidade para destronar Henrique iii. Depois da morte deste, seu sucessor Henrique iv, abjurando o protestantismo, conseguiu pôr fim à popularidade da Liga.

[146] *Ouvrouère*: antiga ortografia da palavra *ouvroir*. “Sala de trabalho em comum”.

[147] *Sou*: moeda de cinco centavos, vigésima parte de um franco.

[148] *Copiosos*: por copiarem ou arremedarem os gestos e as maneiras dos outros.

[149] *La maison à Monsieur Grandet*: expressão de sabor camponês, mais enérgica do que seria *La maison de M. Grandet*.

[150] *Rothschilds e Laffittes*: duas famílias de banqueiros riquíssimos.

[151] *Basilisco*: serpente fabulosa que, segundo a crença popular, matava com o olhar.

[152] *Boni Fontis* (latim): da Boa Fonte.

[153] *Pazzi*: poderosa família florentina, do partido gibelino, inimiga tradicional da dinastia dos Médicis, que reinava em Florença.

[154] *Talleyrand*: Charles-Maurice de Talleyrand Périgord (1754-1838), político versátil e hábil diplomata, ministro das Relações Exteriores sob o Império e sob a Restauração.

[155] *Par de França*: membro da Câmara Alta.

[156] Um escudo francês (*écu*) valia três francos.

[157] *Nucingen*: personagem balzaquiana, famoso banqueiro a quem encontramos noutras obras das que compõem *A comédia humana* (*A casa Nucingen*, *O pai Goriot*, *Esplendores e misérias das cortesãs*).

[158] *Buisson*: personagem real, alfaiate estabelecido na Rue de Richelieu à esquina do bulevar; era alfaiate de Balzac, o qual, se não pagava sempre à vista, satisfazia de vez em quando seus fornecedores e credores com uma nesga de imortalidade, incluindo-lhes os nomes em seus romances.

[159] *Encyclopédie Méthodique par Ordre des Matières*: série de dicionários sobre as diversas ciências, publicada de 1781 a 1832, e que se compunha de uns duzentos volumes. — *Le Moniteur*: jornal diário fundado em 1789.

[160] *Keepsake*: livro-álbum, ilustrado de gravuras, que na Inglaterra se costumava oferecer de presente de Natal, Ano-Novo etc. Richard Westall (1765-1836) e William Finden (1787-1852) eram dos mais conhecidos entre os ilustradores desse gênero de publicações.

[161] *Chantrey*: Francis Chantrey (1781-1841), famoso escultor inglês.

[162] *Roguin*: tabelião desonesto, personagem de *A comédia humana*, a quem encontraremos noutras obras do ciclo.

[163] *Faublas: Os amores do cavaleiro de Faublas*, famoso romance de Louvet de Couvray (1760-1797), obra-prima do gênero licencioso, em que o autor apresenta um quadro da galanteria do seu século.

[164] *As ligações perigosas*: romance epistolar de Choderlos de Laclos, cujas principais personagens, a marquesa de Merteuil e o conde de Valmont, tramam uma série de intrigas das mais imorais. Análise penetrante e impassível da depravação.

[165] *Vênus de Milo*: estátua grega descoberta em 1820 e desde então exposta no Louvre, considerada a representação do ideal de beleza feminina da Antiguidade.

[166] *Fídias* (490?-431?): escultor grego, autor do *Zeus de Olímpia*; encarregado por Péricles de decorar o Panteão.

[167] *Rafael*: Raffaello Sanzio (1483-1520), pintor e arquiteto italiano dos mais ilustres, célebre sobretudo por suas madonas.

[168] Acerca de *Roguin*, ver nota 19; *Souchet* não aparece em outro trecho de *A comédia humana*.

[169] *As célebres irmãs húngaras* eram duas xifópagas nascidas em 1701, que primeiro foram exibidas em toda a Europa, e, com a idade de nove anos, colocadas num convento, onde morreram aos 21 anos.

[170] *Bréguet* (1747-1823): relojoeiro suíço bastante conhecido na época.

[171] *Mane-Tecel-Fares*: palavras que Baltasar, rei de Babilônia, depois de ter profanado num festim os vasos sagrados do templo de Jerusalém, viu aparecer em letras de fogo na parede; essas palavras, que significam “contado, pesado, dividido”, foram explicadas pelo profeta Daniel como anunciando o próximo fim de Baltasar.

[172] “*Per fas et nefas*” (em latim): “através do que é permitido e do que é proibido”.

[173] *Alcibíades* (450-404 a.C.): político e capitão ateniense. Um dia mandou cortar a cauda de um belo cachorro que tinha, com o intuito de atrair a atenção do público.

[174] *Bentham*: Jeremy Bentham (1768-1832), filósofo e jurisconsulto inglês, autor, entre outras obras, de uma *Defesa da usura*.

[175] *In partibus* (em latim), ou, mais completamente, *in partibus infidelium*, “nos países ocupados pelos infieis”: expressão que se juntava ao título dos bispos cujas funções eram apenas honoríficas; equivale, pois, a “honorário”, ou “não retribuído”.

[176] *Farry, Breilman & Cia.*: casa comercial inventada por Balzac, ao passo que a alfaiataria Buisson existiu realmente (ver a nota 15).

[177] *Venite, adoremus* (em latim): “Vinde, adoremos”, primeiras palavras do hino da Natividade.

[178] *Sr. des Lupeaulx*: personagem balzaquiana, homem político de grande habilidade e poucos escrúpulos, que encontraremos em vários romances de *A comédia humana*.

[179] *Sra. Campan*: em solteira Jeanne-Louise-Henriette Genet (1752-1822), leitora das filhas de Luís xv, depois de Maria-Antonieta, sobre quem escreveu *Memórias*, e, mais tarde, diretora do educandário da Legião de Honra; autora também de alguns livros sobre a educação das mulheres.

[180] O corpo de Marat, assassinado por Charlotte Corday em 1793, foi retirado do Panthéon em 1794 por seus inimigos e transferido para um cemitério; não foi porém o corpo dele, mas sim um busto seu, que estes jogaram à vala.

[181] Balzac parece ter esquecido que no começo do cap. ii dera 22 anos a Carlos Grandet.

[182] *Afonso*: a respeito desse amigo de Carlos Grandet, Balzac não nos dá outras informações, nem sequer o sobrenome.

[183] *Sra. de Mirbel* (1796-1849): retratista famosa na época.

[184] Paródia de uma canção do século xviii, que rezava: *Nas guardas francesas/ eu tinha um namorado...*

[185] *Quando Augusto bebia, toda a Polônia se embriagava*: trata-se de Frederico-Augusto iii (1696-1763), rei da Polônia. A frase é de uma brincadeira de Frederico ii, rei da Prússia, citada por Voltaire.

[186] *Auguste Lafontaine* (1758-1831): romancista alemão de origem francesa, autor de mais de duzentos romances de cordel, de um sentimentalismo exagerado.

[187] *Margarida*: protagonista feminina de *Fausto*, de Goethe; seduzida pelo dr. Fausto, mata o filho que tem dele e morre na prisão.

[188] O escudo de seis libras valia, exatamente, cinco francos e oitenta centavos.

[189] *Cruz à la Jeannette*: cruz suspensa no pescoço por uma fita de veludo.

[190] *Francisco Keller*: personagem balzaquiana, banqueiro e homem político; aparece em diversas obras de *A comédia humana*, especialmente em *César Birotteau*.

[191] *Florina*: personagem de *A comédia humana*, que aparece em diversos romances.

[192] O trecho de Bossuet, incluído em sua meditação “Da brevidade da vida”, a que Balzac alude aqui, é o seguinte: “A minha carreira é, no máximo, de oitenta anos, e desses oitenta anos quantos haverá que contam... O tempo em que tive alguma satisfação, em que adquiri alguma honra? Mas como, na minha vida, esse tempo é escasso! Dir-se-iam pregos espalhados numa longa parede a determinados intervalos. Parecem ocupar muito espaço: juntai-os, porém, não darão para encher a mão”.

[193] *Os dramas ocorridos na ilustre família dos Átridas*: dramas lembrados pela mitologia e que forneceram muitos assuntos à literatura: o banquete em que Atreu, por vingança, serviu ao irmão Tieste a carne dos filhos deste; o sacrifício de

Ifigênia por seu pai Agamêmnon e pela mãe Clitemnestra; o rapto de Helena, esposa de Menelau, por Páris, rapto que desencadeou a guerra de Troia etc....

[194] *Comer pão molhado no vinho*: parece que se recorria a esse método para se ensinar certas aves a falar.

[195] *Penélope*: personagem da *Odisseia*, esposa de Ulisses. Durante a ausência do marido, que durou vinte anos, recusava todos os pretendentes que lhe vinham pedir a mão. Para não os tornar seus inimigos, prometeu-lhes escolher um deles no dia em que terminasse a tela na qual ela trabalhava; mas, durante a noite, desfazia sempre o trabalho realizado durante o dia.

[196] *Saint-Thomas*: ilha das Pequenas Antilhas.

[197] *Quibuscumque viis* (em latim): “por quaisquer meios”.

[198] *O inseto seu homônimo*: a donzelinha (em francês *demoiselle*), um dos nomes da libélula.

[199] *Como os Dreux reapareceram um dia como Brézé*: Pierre, conde de Dreux, acrescentou ao nome o de Brézé depois de ter comprado a terra e o marquesado de Brézé, em 1686.

[200] *Libra*: sinônimo de “franco”, quando se trata de rendas.

[201] *Non più andrai* (em italiano): “Não mais irei”. Canção cantada por Fígaro em *As bodas de Fígaro*, de Mozart.

[202] *O célebre Sanchez*: o padre Tomás Sánchez, da Companhia de Jesus (1550-1610), cujo livro *Do casamento*, destinado unicamente aos confessores, é bastante escabroso para os leigos.

[203] *Schleem*: lance que consiste em levar todas as vazas no uíste e no bóston.

[204] *A duquesa de Chaulieu*, personagem de *A comédia humana*, aparece noutros romances, entre eles *Modesta Mignon*.

[205] *Ana de Hanska*: filha da condessa Hanska. Amante da condessa a quem acabaria por desposar nove anos após a morte do conde (ver “A vida de Balzac”, no volume 1 desta edição), Balzac mimava muito a filha única de sua Estrangeira. Na data da dedicatória, Ana tinha catorze anos; seu pai ainda era vivo.

[206] *Wierzchownia*: aldeia da Polônia, onde ficava o castelo dos Hanska, em que Balzac passaria parte dos últimos anos de sua vida.

[207] *Proletário*: essa palavra, de origem antiga — designava em Roma os cidadãos mais pobres que não podiam ser úteis ao Estado senão pela “proles” (família) —, caiu em desuso durante muitos séculos; retomada no século xviii (Littré dá um exemplo de seu uso por J.-J. Rousseau), voltou à vida.

[208] *Essa música*: o original dessa canção (que começa por *Nous v’ nons vous souhaiter bonheur en mariage*) é conhecido não somente na Bretanha, como em várias outras regiões da França.

[209] *Minha irmã, lembra-te ainda...*: letra que Chateaubriand escreveu para uma melodia popular que ele ouvira em Auvergne.

[210] *Isola Bella*: a mais famosa das quatro ilhas Borromeu, no lago Maggiore (Alta Itália).

[211] *Marais*: região da Bretanha. — *Pen-Hoël*: esse povoado deu nome à família Pen-Hoël, de antiga nobreza, à qual pertence a srta. Pen-Hoël, personagem de *Beatriz*.

[212] *Batalha de Montereau*: travou-se em 14 de fevereiro de 1814.

[213] *Charette*: segundo seu costume, Balzac mistura aqui, para alcançar maior verossimilhança, seres reais (os dois primeiros) e personagens imaginários (os dois últimos). François-Athanase Charette de la Contrie, um dos chefes da revolta realista organizada na Vendeia em 1793, foi fuzilado em Nantes pelos republicanos; *Pierre Mercier*, outro chefe dos revoltosos monarquistas, os Chouans, aprisionado em 1794, conseguiu evadir-se e enfrentou a República ora com as armas na mão ora como agente dos Chouans, junto aos membros exilados da dinastia. O *marquês de Montauban*, figura imaginada por Balzac, desempenhará um dos papéis principais em *A Bretanha em 1799* (no volume 12 desta edição); o *barão du Guénic*, também personagem balzaquiana, já foi encontrado em *Beatriz*.

[214] *Visconde de Kergarouët*: marido da viscondessa de Kergarouët, que procurou em vão casar a filha Carlota com Calisto du Guénic (em *Beatriz*).

[215] *Sainte-Périne*: espécie de asilo para inválidos civis, foi fundado em 1801, na Rue de Chaillot.

[216] *O fisco ganhou seus sessenta centimos*: na época da história, o porte das cartas geralmente era pago pelo destinatário.

[217] *Vale de Caxemira*: é uma das regiões mais férteis e amenas da Índia. Quanto ao *Frangistan*, haverá um cochilo de Balzac: com efeito, segundo a carta de um leitor do *Mercure de France* (de 1º de junho de 1947, 392), ele parece tomá-lo aqui por uma parte da Índia ou da Pérsia, quando a palavra significa, em árabe, “terra dos francos”, quer dizer, Europa.

[218] *Saadi* (1184-1293): autor do famoso *Gulistan ou Jardim das rosas*. O mesmo leitor implicante observa que suas poesias breves e leves dificilmente poderiam ser comparadas às grandes epopeias de Homero; mas talvez Balzac quisesse apenas comparar a importância dos dois poetas nas respectivas literaturas.

[219] *Rosas de Jericó*: flores de um belo vermelho, chamadas também “rosas da França” e “rosas de Provins”.

[220] *Teriakis*: fumadores e comedores de ópio, no Oriente.

[221] *Tabelião Roguin*: com suas manipulações desonestas, arruinou Guilherme Grandet, o tio de Eugênia. Encontramo-lo, ainda, em *A vendeta*, onde representa os interesses de Ginevra de Piombo contra os pais desta.

[222] *Amadis*: herói de um famoso romance português de cavalaria, autor de fabulosas proezas para merecer a mão da bela Oriana, princesa da Dinamarca; citado como o tipo do amante constante e respeitoso.

[223] *Egéria*: ninfa de quem Numa Pompílio, rei lendário de Roma, segundo a lenda, ia receber conselhos no bosque de Arícia.

[224] *Espártaco*: chefe de uma revolução de escravos; executado em 71 a.C., após ter combatido durante dois anos as legiões de Roma.

[225]*Poniatowski*: o príncipe Joseph Poniatowski (1763-1813), general polonês que combateu contra os russos ao lado dos franceses, nomeado marechal da França por Napoleão; devendo impedir o inimigo de transpor o Elster e não tendo tropas suficientes para fazê-lo, preferiu saltar no rio a render-se. Existe sobre o episódio um quadro, famoso na época, de Horace Vernet.

[226]*A defesa de Clichy*: feito heroico de Moncey. Esse oficial francês defendeu em 1814 com muita bravura a barreira de Clichy, em Paris, contra os Aliados, até ser-lhe notificada a capitulação da cidade. Existe um famoso quadro de Horace Vernet sobre o episódio.

[227]*Mazeppa*: jovem herói cossaco da Ucrânia, personagem de um famoso poema de Byron. Surpreendido pelo marido de sua amante, Mazeppa é por ele atado às costas de um cavalo indomável que se solta mundo afora. Por um milagre, salva-se, apesar dos mil perigos que atravessa, entre os quais estes: o animal é perseguido durante uma noite inteira pelos lobos; depois, chegando à estepe, é rodeado por inúmeros cavalos selvagens. Esses dois episódios foram reproduzidos em célebres quadros do mesmo Horace Vernet.

[228]*Sois ourives, sr. Josse*: resposta que dá Sganarelle, na comédia *O amor médico*, de Molière, à personagem chamada Josse, que lhe recomenda curar a melancolia da filha comprando-lhe joias. Costuma-se citá-la para indicar o caráter interessado de um conselho.

[229]*Aubusson*: cidade francesa do departamento de Creuse; possui famosa manufatura de tapetes.

[230]*Le Constitutionnel*: jornal liberal fundado em 1815; suas campanhas contra Carlos x prepararam a Revolução de 1830.

[231]*O marechal de Richelieu*: Louis-François-Armand Duplessis de Richelieu (1696-1788), sobrinho-neto do famoso cardeal; diplomata e militar, nomeado governador da Guiana em 1755; deve a celebridade principalmente às suas aventuras amorosas.

[232]*Sr. Opoix*: Christophe Opoix (1745-1840), farmacêutico, depois deputado de Provins, autor de monografias sobre as águas minerais dessa cidade.

[233]*Os condes de Champagne*: de 958 a 1285, a Champagne, independente, foi governada por uma dinastia de condes; só depois foi anexada ao reino da França.

[234]*O rei René* (1409-1480): René d'Anjou, conde de Provença, onde ficou popular pelo caráter patriarcal e pacífico de seu governo; era também grande protetor das letras e das artes.

[235]*Thibault*: nome de vários condes de Champagne, o mais famoso dos quais era Thibault iv (1201-1235), rei de Navarra, ilustre guerreiro e poeta.

[236]*Ferrara*: cidade do vale do Pó, cuja época de esplendor coincidiu com o reino dos príncipes da casa d'Este, nos séculos xv e xvi.

[237]*Weimar*: sob o reino do príncipe Carlos-Augusto (1775-1828), Weimar, capital da Turíngia, foi brilhante centro intelectual e artístico, com a grande figura de Goethe no primeiro plano.

[238] *Nabucodonosor ii*: rei da Caldeia de 605 a 562 a.C., vencedor do reino de Judá e destruidor de Jerusalém. Segundo a tradição judaica, Deus o castigou, enlouquecendo-o e fazendo-o viver sete anos entre animais selvagens.

[239] *Jardim das Plantas*: o jardim botânico de Paris, que possui também uma seção zoológica.

[240] Ver no volume 1 desta edição.

[241] Como veremos na *História da grandeza e decadência de César Birotteau*, no volume 8 desta edição.

[242] *O banqueiro Du Tillet*: personagem de relevo de *A comédia humana*. Já foi encontrado em *Uma filha de Eva* (no volume 2), em que dirigia uma cruel intriga contra o escritor Nathan.

[243] *O sargento Mercier*: sargento da Guarda Nacional que se recusou, em 4 de março de 1823, a cumprir a ordem de expulsar da Câmara o deputado liberal Manuel.

[244] *Berezina*: rio da Rússia, a cujas margens o exército de Napoleão, durante sua retirada de 1812, sofreu terrível derrota, perdendo metade de seus efetivos.

[245] *Solicitador*: ver a nota 45 de *Úrsula Mirouët*.

[246] *A expedição de São Luís ao Egito*, isto é, a sétima cruzada (1248-1254), acabou pela derrota desse rei em Mansurá, onde foi preso. A “proeza do escudeiro” parece uma invenção de Balzac.

[247] *Realeza da Casa d’Orléans*: o último representante da Casa d’Orléans no trono francês, Luís Felipe (1773-1850), que reinou de 1830 a 1848, foi hostilizado por Balzac, legitimista, isto é, partidário dos Bourbons, destronados pela Revolução de 1830.

[248] *Léopold Robert* (1794-1835): pintor francês, autor de um quadro célebre, *Parada de ceifeiros nos pântanos pontinos*, exposto no Salão de 1831.

[249] *Paulo e Virgínia*: título de um romance famoso de Bernardin de Saint-Pierre (1787), em que o autor conta o inocente idílio de duas crianças no meio da linda paisagem da Île-de-France.

[250] *Tartufo*: protagonista da comédia de igual título de Molière; o tipo mais perfeito do hipócrita.

[251] *A batalha de Nangis* (localidade no departamento de Seine-et-Marne): feriu-se em 17 de fevereiro de 1814 entre franceses e austríacos, e acabou com a derrota destes últimos.

[252] *Laffitte*: Jacques Laffitte (1767-1844), famoso homem de Estado, governador do Banco da França de 1814 a 1819.

[253] *Liard*: antiga moeda francesa de cobre, a quarta parte de um *sou* (cinco cêntimos). Em sentido figurado: quantia mínima.

[254] *Sua Majestade liberal falecido Constitucional i*: alusão irônica a Luís Felipe.

[255] *Marquesa de Pescara*: em solteira princesa Vittoria Colonna (1492-1547), ilustre poetisa italiana, a qual, depois da morte do marido, ocorrida em 1525 numa batalha, permaneceu fiel à sua memória, recusando a mão de vários príncipes.

[256] *Clarissa Harlowe*: a primeira edição (1748) deste famoso romance de Richardson consta de sete volumes.

[257] *Dupin*: André-Marie-Jean-Jacques Dupin (1783-1865), advogado e homem político, partidário de Luís Filipe; de 1832 a 1839, presidente da Câmara. — *Casimir Périer* (1777-1832): banqueiro e homem político, presidente da Câmara em 1830, presidente do Conselho de 1831 a 1832, quando morreu de cólera.

[258] *Nucingen*: personagem balzaquiana, banqueiro poderoso e inescrupuloso, marido de Delfina Goriot; já encontrado em *O pai Goriot*.

[259] *Os Keller*: três irmãos banqueiros, Francisco, Carlos e Adolfo, personagens de *A comédia humana*.

[260] *Catarina de Médicis*: esposa de Henrique ii, mãe de Francisco ii, de Carlos ix e de Henrique iii; regente durante a menoridade de Carlos ix, procurou reinar pela divisão, excitando os católicos contra os protestantes, vencidos em 1562 na batalha de Dreux pelo duque de Guise.

[261] *Maximilien de Robespierre* (1758-1794): “O Incorruptível”, um dos chefes da Revolução Francesa; apoderou-se do Comitê de Salvação Pública; instigador do Terror, desfez-se de seus rivais Hébert e Danton. Estabeleceu o culto do Ser Supremo. Derrubado em 27 de julho de 1794, pereceu no cadafalso.

[262] *Benjamin Constant* (1767-1830): autor do romance *Adolphe*, era também político. Defensor das ideias liberais, foi um dos oradores mais espirituosos e brilhantes da Câmara, de 1819 a 1830.

[263] *Rigaudin*: personagem da comédia *La Maison en loterie*, de Picard e Radet, representada pela primeira vez no teatro do Odéon em 1817; desempenha o papel de um intrigante que, sentado a sua janela, sem ser visto, se diverte a criar complicações e brigas entre os vizinhos, os transeuntes etc.

[264] *Illinois, cherokees e moicanos*: tribos índias autóctones dos Estados Unidos, já extintas, e que granjearam celebridade na Europa graças aos romances de Fenimore Cooper.

[265] *Chouans*: nome dos revoltosos monarquistas da Bretanha, cujo grito se parecia com o do mocho (*chouette*). Balzac escreveu um romance sobre eles, *A Bretanha em 1799* (ver no volume 12 desta edição).

[266] *A Ordem dos Templários*: fundada em 1118, teve como objetivo combater os infiéis e assinalou-se por uma série de façanhas na Terra Santa. Expulsos de lá pelos sarracenos, espalharam-se os templários nos países ocidentais e adquiriram grande poder e muitos bens, que provocaram a inveja de Filipe, o Belo, rei da França. Instigado por este, o papa Clemente v deu ordem à Inquisição, no começo do século xiv, para instaurar o processo dos templários. Eles foram, em sua maioria, perseguidos, aprisionados e executados; ficou célebre a cena da execução de 56 templários na presença de Filipe, o Belo, que em vão os concitou a reconhecer os seus pecados para se salvarem: todos preferiram morrer queimados, após as torturas mais atrozes.

[267] *Horácio Bianchon*: uma das personagens preferidas de Balzac; ainda estudante, desempenhou belo papel junto ao velho Goriot moribundo (*O pai Goriot*). Encontramo-lo também em *A missa do ateu*. Desde então, como vemos, já se tomou um médico ilustre.

[268] *Plutarco* (c. 46-120): historiador e moralista grego, autor de *Vida dos homens ilustres da Grécia e de Roma*, em que exalta exemplos de grandeza moral.

[269] *Desplein*: personagem inventada por Balzac; mestre de Bianchon. Conhecemo-lo em *A missa do ateu* (volume 4 desta edição).

[270] *Delfina*: Maria Teresa, esposa do duque de Angoulême, filho de Carlos x.

[271] *Marechal Bourmont* (1773-1846): general de Napoleão; ministro da Guerra em 1829; comandante da expedição de Argel.

[272] Este casamento não se realizará. O marquês de Montriveau é protagonista de *A duquesa de Langeais* (no volume 8 desta edição), cuja ação, porém, é anterior à de *Pierrette*.

[273] Em 5 de junho de 1832, por ocasião do enterro do general Lamarque, irrompeu uma tentativa de revolução republicana, sufocada em dois dias. Os revoltosos defenderam com grande heroísmo seu último reduto, a igreja de Saint-Merri.

[274] *Beatriz Cenci* (1583-1599): moça de ilustre família romana; foi torturada e executada por ter, com auxílio da madrasta e do irmão, assassinado o próprio pai, que abusara dela. Segundo certas versões, ela não teve nenhuma parte no assassinio. Sua sorte mereceu a compaixão do povo de Roma e inspirou vários artistas, entre eles Guido Reni.

[275] *David*: Pierre-Jean David, dito David d'Angers (1783-1856), famoso escultor e gravador francês que, entre as efígies de vários grandes escritores, fez também de Balzac um busto e um medalhão.

[276] *O padre Birotteau*: aparece, em momentos anteriores de sua vida, em outras obras de Balzac, colocadas, porém, dentro de *A comédia humana* após *O cura de Tours*. Em *O lírio do vale* foi confessor da sra. de Mortsauf, a quem assistiu até o último momento; em *Grandeza e decadência de César Birotteau*, mandou ao irmão arruinado todas as suas economias.

[277] *A sra. de Listomère*: aparece também, num momento anterior de sua vida, em *A musa do departamento*.

[278] *Hoc erat in votis*: “isso estava nos meus desejos”. Palavras de uma sátira de Horácio, que se citam quando o desejo mais fervoroso de alguém vem a realizar-se.

[279] *Banda Negra*: denominação dada, primitivamente, a certas tropas de infantaria alemã, da Idade Média, que adotaram a bandeira negra após a morte de um chefe querido. Na França do começo do século xix, foi conferida ironicamente pelos arqueólogos e pelos amigos das antiguidades às companhias de especuladores que, depois da Revolução, compraram os castelos antigos, os conventos, os parques, os bens dos imigrados, para demoli-los e vender-lhes os materiais.

[280]*Bouille*: André-Charles Bouille (1642-1732), ebanista de renome, cujos móveis eram, na época de Balzac, dos mais apreciados. Eles se caracterizam pela combinação hábil de madeiras de diversas espécies e por incrustações de metal.

[281]*Oratoriano*: membro da Congregação do Oratório, devotada especialmente à educação pública.

[282]*La Quotidienne*: jornal católico e monarquista, que depois da Revolução de 1830 passou à oposição.

[283]*Gargântua*: protagonista da obra-prima de Rabelais, a *Vida inestimável de Gargântua* (1534). Seu filho, Pantagrue, é o herói dos *Feitos e ditos do Grande Pantagrue*, continuação da obra precedente.

[284]*Valentin*: Valentin de Boulogne (1591-1634), conhecido pintor francês. — *Le Brun*: Charles Le Brun (1619-1690), famoso pintor, protegido por Colbert; decorador do Louvre.

[285]*Ergo*: advérbio latino que significa “portanto”.

[286]*Srta. Salomon de Villenoix*: o passado trágico desta personagem será contado em *Luís Lambert*, onde a veremos assistir devotadamente seu noivo, Luís Lambert, na loucura que o mata (no volume 17 desta edição).

[287]*Sisto Quinto*: papa de 1585 a 1590, eleito sucessor de Gregório xiii, porque os cardeais o acreditavam moribundo; mal se viu eleito, porém, jogou fora as muletas e pôs-se a desenvolver atividade febril, reformando as ordens religiosas, intervindo nas dissensões religiosas da França.

[288]*Luís xvii*: segundo filho de Luís xvi e de Maria Antonieta, preso pelos revolucionários; proclamado rei da França pelos príncipes emigrados depois da execução do pai, morreu na prisão em 1795 com a idade de dez anos. Durante muitos anos correu o boato de que conseguira evadir-se da prisão; após a queda de Napoleão, vários aventureiros procuraram fazer-se passar por Luís xvii.

[289]*Estátua do Comendador*: alusão a um episódio da lenda de Don Juan (Don Giovanni) em que o cinismo do famoso sedutor chega a convidar para jantar a estátua do comendador, pai de uma de suas vítimas e assassinado por ele. A estátua atende ao convite e carrega consigo Don Juan para o Inferno.

[290]*O sistema de cognomologia de Sterne*: ver a nota 8 de *Úrsula Mirouët*.

[291]*O sr. de Bourbonne*: já apareceu na novela *A senhora Firmiani*, onde o encontramos preocupado com o casamento de seu sobrinho Otávio de Camps.

[292]*Fábio*: ilustre militar romano (275-203 a.C.), que combateu Aníbal com êxito e cuja tática de prudente temporização lhe valeu o sobrenome de “Cunctator”.

[293]*Città dolente* (em italiano no original): “cidade dolorosa”, palavras da *Divina comédia* de Dante, que fazem parte da inscrição da porta do Inferno (canto iii).

[294]*Srta. de Sombreuil*: Marie de Sombreuil (1774-1823), filha do governador dos Invalides, a qual salvou a vida do pai no momento das chacinas de setembro de 1792, jogando-se entre ele e os assassinos, a quem comoveu com as suas súplicas.

[295]*O Conselho dos Dez*: governou outrora a Sereníssima República de Veneza.

[296] Em sua obra *Do espírito das leis* (ii, 3), Montesquieu atribui essa falha à constituição da República de Ragusa.

[297]*Bicêtre*: lugarejo perto de Paris, outrora prisão de onde partiam os forçados para as galés; no século XIX, asilo de indigentes e manicômio, e hoje em dia hospital universitário.

[298]*Congregação*: fundada em 1801 pelo ex-jesuíta Delpuits, com o objeto declarado de defender a fé e os bons costumes; fechada por Napoleão, reorganizada em 1814, cada vez mais forte pela adesão de personalidades influentes, a Congregação teve fim com a queda de Carlos X.

[299] Em francês: *Abîme tout plutôt, c'est l'esprit de l'Eglise*, verso do *Facistol* (em francês *Le Lutrin*) de Boileau.

[300]*Sub judice*: expressão latina que significa “diante do juiz”. Um processo *sub judice* é um processo ainda não julgado.

[301]*Preste João*: personagem fabulosa da Idade Média, talvez identificável com o cã da Tartária ou o négus de Abissínia.

[302]*Mirabeau*: antes de se tornar o grande orador da Revolução Francesa, Honoré Gabriel Mirabeau (1749-1791) teve uma mocidade tempestuosa e, a pedido do próprio pai, várias vezes foi detido por dívidas.

[303]*Luís XI*: rei inescrupuloso e autoritário, mestre na arte da intriga, Luís XI dominou os senhores feudais e assegurou a unidade da França.

[304]*Hildebrando* (1015-1085): papa sob o nome de Gregório VII, canonizado mais tarde, um dos maiores pontífices. Tornou-se famoso por sua luta contra o imperador Henrique IV, a quem impôs a humilhação de Canossa, e por suas reformas (condenação da simonia, instituição do celibato dos eclesiásticos etc.). — *Alexandre VI* (1431-1503) da família dos Bórgias, papa de 1492 a 1503, fez guerra sem piedade aos senhores italianos. Sua vida desregrada, sua duplicidade, seu nepotismo são característicos dos príncipes da Renascença.

[305]*Inocência III*: papa de 1198 a 1216, político ativo e enérgico, tomou a iniciativa da Quarta Cruzada e dirigiu a expedição contra os albigenses, a qual terminou em terrível carnificina. — *Pedro, o Grande* (1672-1725): tsar da Rússia de 1682 a 1725, homem de energia extraordinária e de uma vontade de ferro; cruel e despótico, mas cheio de ideias novas e progressistas. Pôs termo ao poder das tropas de elite, introduzindo na Rússia muitas das conquistas da civilização ocidental e reorganizando toda a administração do país.